

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Quinto Ano – 1862

Titulo original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

2ª edição - 300 exemplares - 2001

© 1993 Instituto de Difusão Espírita

Índice geral das matérias

Janeiro

Maio

Setembro

Fevereiro

Junho

Outubro

Março

Julho

Novembro

Abril

Agosto

Dezembro

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Janeiro

- [Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos Anjos decaídos](#)
- [Publicidade das comunicações espíritas](#)
- [Controle do ensinamento espírita](#)
- [Questões e problemas propostos aos diferentes grupos espíritas](#)
- [Do sobrenatural, pelo Sr. Guizot \(2º artigo\)](#)
- [Poesias de além-túmulo - Gostaríamos de ter versos de Béranger](#)
- [Ensaio ainda uma de minhas canções](#)
- [Bibliografia.](#)
 - [O Espiritismo em sua mais simples expressão, pelo Sr. Allan Kardec](#)
 - [Revelações de além-túmulo, pelo Sr. H. Dozon](#)
- [Testamento em favor do Espiritismo](#)
- [Carta ao Sr. o Dr. Morhéry concernente à senhorita Godu](#)

Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos Anjos decaídos

Revista Espírita, janeiro de 1862

A questão das origens tem sempre o privilégio de excitar a curiosidade, e, nesse ponto de vista, o que o homem vê o estimula tanto mais quanto é impossível, a qualquer pessoa sensata, aceitar ao pé da letra o relato bíblico, e nisso não ver uma dessas alegorias das quais o estilo oriental é tão pródigo. A ciência, aliás, veio fornecer-lhe a prova demonstrando, por sinais os menos contestáveis, a impossibilidade material da formação do globo em seis dias de vinte e quatro horas. Diante da evidência dos fatos escritos em caracteres irrecusáveis, nas camadas geológicas, a Igreja deveu se alinhar à opinião dos sábios, e convir, com eles, que os seis dias da criação são seis períodos de uma extensão indeterminada, como fez outrora quanto ao movimento da Terra. Se, pois, o texto bíblico é suscetível de interpretação sobre esse ponto capital, pode sê-lo, do mesmo modo, sobre outros pontos, notadamente sobre a época da aparecimento do homem sobre a Terra, sobre a sua origem, e sobre o sentido que se deve dar à qualificação de *anjos decaídos*.

Como o princípio das coisas está nos segredos de Deus, que não no-lo revela senão gradativamente, e à medida que julga a propósito, fica-se reduzido às conjecturas. Muitos sistemas foram imaginados para resolver esta questão, e cada um, até o presente, não satisfaz completamente à razão. Vamos tentar, nós também, levantar um canto do véu; seremos mais felizes do que os nossos predecessores? Nós o ignoramos; só o futuro isso decidirá. A teoria que apresentamos é, pois, uma opinião pessoal; ela nos parece concordar com a razão e com a lógica; é o que lhe dá, aos nossos olhos, um certo grau de probabilidade.

Constatamos, de início, que, se é possível descobrir alguma parte da verdade, isso não pode ser senão com a ajuda da teoria espírita; ela já resolveu uma multidão de problemas insolúveis até então, e será com a ajuda das balizas que nos fornece que vamos tratar de remontar à cadeia dos tempos. O sentido literal de certas passagens dos livros sagrados, contraditados pela ciência, repelidos pela razão, fez mais incrédulos do que se pensa, pela obstinação que se pôs em delas fazer artigos de fé; se uma interrupção racional fá-las aceitar, evidentemente, é reaproximar da Igreja aqueles que dela se afastaram.

Antes de prosseguir, é preciso entender-se sobre as palavras. Quantas disputas deveram a sua eternização senão à ambigüidade de certas expressões, que cada um tomava no sentido de suas idéias pessoais! Demonstramo-lo em *O Livro dos Espíritos*, a propósito da palavra *alma*. Dizendo, decididamente, em qual acepção a tomamos, pusemos fim a toda controvérsia. A palavra *anjo* está no mesmo caso; é empregada indiferentemente no bom ou mau costume, uma vez que se costuma dizer: os bons e os maus anjos, o anjo das luzes e o anjo das trevas; de onde se segue que, em sua acepção geral, significa simplesmente Espírito. Evidentemente, é neste último sentido que é preciso entendê-lo falando dos *anjos decaídos* e dos *anjos rebeldes*. Segundo a Doutrina Espírita, de acordo nisto com vários teólogos, os anjos não são seres privilegiados de criação, isentos, por um favor especial, do trabalho imposto aos outros, mas Espíritos chegados à perfeição por seus esforços e seus méritos. Se os anjos fossem seres criados perfeitos, a rebelião contra Deus sendo um sinal de inferioridade, os que se revoltaram não podiam ser anjos. A Doutrina nos diz também

que os Espíritos progridem, mas que não retrogradam nunca, porque não podem jamais perder as qualidades que adquiriram; ora, a rebelião, da parte de seres perfeitos, seria uma retrogradação, ao passo que ela se concebe da parte de seres ainda atrasados.

Para evitar todo equívoco, conviria reservar a qualificação de *anjos* para os puros Espíritos, e chamar os outros simplesmente *Espíritos bons* ou *Espíritos maus*; mas tendo prevalecido o uso do emprego dessa palavra para os anjos decaídos, dizemos que a tomamos na acepção geral, e ver-se-á que, neste sentido, a idéia de queda e de revolta é perfeitamente admissível.

Não conhecemos, e provavelmente não conheceremos jamais, o ponto de partida da alma humana; tudo o que sabemos é que os Espíritos são criados simples e ignorantes; que progridem intelectual e moralmente; que, em virtude de seu livre arbítrio, uns tomaram o bom caminho e os outros o mau; que, uma vez colocado o pé no lamaçal, nele afundaram mais e mais; que, depois de uma sucessão ilimitada de existências corporais cumpridas sobre a Terra ou em outros mundos, se depuram e chegam à perfeição, que os aproxima de Deus.

Um ponto que também é difícil de compreender é a formação dos primeiros seres vivos sobre a Terra, cada um em sua espécie, desde a planta até o homem; a teoria contida sobre este assunto, em *O Livro dos Espíritos*, nos parece a mais racional, embora não resolva, senão incompletamente e de maneira hipotética, o problema, que cremos insolúvel para nós quanto para a maioria dos Espíritos, a quem não é dado penetrar o mistério das origens. Se interrogados sobre esse ponto, os mais sábios dizem que não o sabem; mas outros, menos modestos, tomam a iniciativa por si mesmos e se colocam como reveladores, ditando sistemas, produtos de suas idéias pessoais, que dão como verdade absoluta. É contra a mania dos sistemas de certos Espíritos, com respeito ao princípio das coisas, que é preciso se pôr em guarda, e o que, aos nossos olhos, prova a sabedoria daqueles que ditaram *O Livro dos Espíritos*, é a reserva que observaram sobre as questões dessa natureza. Na nossa opinião, não é uma prova de sabedoria decidir essas questões de maneira absoluta, assim como alguns o fazem, sem inquietar-se com as impossibilidades materiais resultantes dos dados fornecidos pela ciência e pela observação. O que dizemos do aparecimento dos primeiros homens sobre a Terra se entende quanto à formação dos corpos; porque, uma vez formado o corpo, é mais fácil conceber que o Espírito vem tomar-lhe posse. Estando dado o corpo, o que nos propomos examinar aqui é o estado dos Espíritos que os animaram, a fim de chegar, se possível, a definir, de maneira mais racional do que não se fez até este dia, a doutrina da queda dos anjos e do paraíso perdido.

Se não se admite a pluralidade das existências corpóreas, é preciso admitir que a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo se forma; porque, de duas coisas uma, ou a alma que anima o corpo em seu nascimento já viveu, ou ela ainda não viveu; entre essas duas hipóteses, não há meio termo; ora, da segunda hipótese, aquela em que a alma não viveu surge uma multidão de problemas insolúveis, tais como a diversidade de aptidões e de instintos, incompatíveis com a justiça de Deus, a sorte das crianças que morrem em tenra idade, a dos cretinos e dos idiotas, etc.; ao passo que tudo se explica naturalmente admitindo-se que a alma já viveu e que traz, encarnando em um novo corpo, o que adquirira anteriormente. Assim é que as sociedades progridem gradualmente; sem isso, como explicar a diferença que existe entre o estado social atual e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que o corpo, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas quanto aquelas que viviam há mil anos; acrescentemos que não há, entre elas, nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; elas são completamente independentes umas das outras; por que, pois, as almas hoje seriam melhor dotadas por Deus do que suas predecessoras? Porque compreendem melhor? Porque têm instintos mais

depurados, costumes mais brandos? Porque têm a intuição de certas coisas sem tê-las aprendido? Desafiamos a sair daí, a menos que se admita que Deus criou almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, proposição inconciliável com a idéia de uma soberana justiça. Dizei, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em tempos recuados; que elas puderam ser bárbaras como seu século, mas que progrediram; que, a cada nova existência, elas *lrr 'em a* aquisição das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados são as almas não criadas mais perfeitas, mas que se aperfeiçoaram, elas mesmas, com o tempo, e tereis a única explicação plausível do progresso social.

Estas considerações, tiradas da teoria da reencarnação, são essenciais para a inteligência do fato do que falaremos dentro em pouco.

Se bem que os Espíritos possam se reencarnar em diferentes mundos, parece que, em geral, eles cumprem um certo número de migrações corpóreas sobre o mesmo globo e no mesmo meio, a fim de poderem melhor aproveitar da experiência adquirida; não saem desse meio senão para entrar num pior por punição, ou num melhor por recompensa. Disso resulta que, durante um certo período, a população do globo é quase composta dos mesmos Espíritos, que nele reaparecem em diversas épocas, até que tenham alcançado tim grau de depuração suficiente para irem habitar mundos mais avançados.

Segundo o ensinamento dado pelos Espíritos superiores, essas emigrações e essas imigrações dos Espíritos encarnados sobre a Terra ocorrem de tempos em tempos individualmente; mas, em certas épocas, elas se operam em massa, em consequência das grandes revoluções que dela fazem desaparecer quantidades inumeráveis, e são substituídos por outros Espíritos que constituem, de alguma sorte, sobre a Terra ou *sobre uma parte da Terra*, uma nova geração.

O Cristo disse uma palavra notável que não foi compreendida, como muitas outras que se tomaram ao pé da letra, sem pensar que, quase sempre, ele falou por figuras e parábolas. Anunciando grandes mudanças no mundo físico e no mundo moral, disse ele: *Eu vos digo, em verdade, que esta geração não passará antes que estas coisas tenham se cumprido*; ora, a geração do tempo do Cristo passou há dezoito séculos sem que estas coisas tenham chegado; é preciso disso concluir, ou que o Cristo se enganou, o que não é admissível, ou que suas palavras tinham um sentido oculto, que se interpretou mal.

Se nos reportarmos agora ao que dizem os Espíritos, não somente a nós, mas pelos médiuns de todos os países, atingimos o cumprimento dos tempos preditos, uma época de renovação social, quer dizer, a uma época de uma dessas grandes *emigrações* dos Espíritos que habitam a Terra. Deus, que para ela os enviara para se melhorarem, *nela deixou-os o tempo necessário para progredirem*', fê-los conhecer as suas leis, primeiro por Moisés, em seguida pelo Cristo; fê-los advertir pelos profetas; em suas reencarnações sucessivas, puderam tirar proveito desses ensinamentos; agora é chegado o tempo em que aqueles que não aproveitaram da luz, aqueles que violaram as leis de Deus e desconhecaram seu poder, vão deixar a Terra onde estariam, doravante, deslocados no meio do progresso moral que se cumpriu, e ao qual não poderiam senão trazer entraves, seja como homens, seja como Espíritos. A geração da qual o Cristo falou, não podendo se reportar aos homens vivendo em seu tempo, corporalmente falando, deve se entender da geração dos Espíritos que percorreram, sobre a Terra, os diversos períodos de suas encarnações e que vão deixá-la. Vão ser substituídos por uma nova geração de Espíritos que, mais avançados moralmente, farão reinar, entre eles, a lei de amor e de caridade ensinada pelo Cristo, e cuja felicidade não será perturbada pelo contato dos maus, dos orgulhosos, dos egoístas, dos ambiciosos e

dos ímpios. Parece mesmo, no dizer dos Espíritos, que já entre as crianças que nascem agora, muitas são a encarnação de Espíritos dessa nova geração. Quanto àqueles da antiga geração que tiverem bem merecido, mas que, no entanto, não atingiram ainda um grau de depuração suficiente para chegar aos mundos mais avançados, eles poderão continuar a habitar a Terra e nela cumprir ainda algumas encarnações, mas, então, no lugar de ser uma punição, isto será uma recompensa, uma vez que nela serão mais felizes por progredirem. O tempo em que uma geração de Espíritos desaparece, para dar lugar a uma outra, pode ser considerado como o fim do mundo, quer dizer, do mundo moral.

Em que vão se tornar os Espíritos expulsos da Terra? Os próprios Espíritos nos dizem que irão habitar mundos novos, onde se encontram seres ainda mais atrasados do que neste mundo, e estarão encarregados de fazê-los progredir, levando-lhes o produto de seus conhecimentos adquiridos. O contato do meio bárbaro, onde se encontrarão, será, para eles, uma cruel expiação, e uma fonte incessante de sofrimentos físicos e morais, dos quais terão tanto mais consciência quanto sua inteligência estiver mais desenvolvida; mas essa expiação será, ao mesmo tempo, uma missão que lhes oferecerá um meio de resgatar seu passado, segundo o modo como a cumprirem. Ali, sofrerão ainda uma série de encarnações, durante um período de tempo mais ou menos longo, no fim do qual, aqueles que tiverem merecido, serão dele retirados para irem para mundos melhores, talvez sobre a Terra que, então, será uma morada de felicidade e de paz, ao passo que os da Terra, a seu turno, subirão, e, assim, alternativamente, até o estado de anjos ou de puros Espíritos.

É muito demorado, dir-se-á, não seria mais agradável ir de uma vez da Terra ao céu? Sem dúvida, mas, com esse sistema, tendes a alternativa de ir também direto da Terra para o inferno, pela eternidade das eternidades; ora, convir-se-á que a soma das virtudes necessárias para ir direto ao céu é bastante rara neste mundo, e há muito poucos homens que possam se dizer certos de possuí-las; de onde resulta que há mais chance de ir para o inferno do que de ir para o paraíso. Não vale mais fazer uma caminhada mais longa e estar seguro de atingir o objetivo? No estado atual da Terra, ninguém se preocupa de a ela voltar, mas nada o obriga, porque depende de cada um avançar de tal modo, enquanto nela está, que possa merecer subir. Nenhum prisioneiro que sai da prisão se impacienta para nela reentrar; o meio, para ele, é muito simples, é não recair em falta. O soldado, ele também, acharia muito cômodo tornar-se general de repente; mas embora tenha o bastão na sua cartucheira, não lhe é preciso menos ganhar suas esporas.

Remontemos agora à escala dos tempos; e, do presente, como ponto conhecido, tratemos de deduzir o desconhecido, pelo menos por analogia, se não o for com a certeza de uma demonstração matemática.

A questão de Adão, como fonte única da espécie humana sobre a Terra, é muito controvertida, como se sabe, porque as leis antropológicas demonstram-lhe a impossibilidade, sem falar dos documentos autênticos da história chinesa que provam que a população do globo remonta a uma época bem anterior à que a cronologia bíblica assinala a Adão. A história de Adão foi inventada? Isso não é provável; é uma figura que, como todas as alegorias, deve encerrar uma grande verdade da qual só o Espiritismo pode nos dar a chave. A questão principal, na nossa opinião, não é saber se o personagem Adão realmente existiu, nem em qual época ele viveu, mas se a raça humana, que se designa como sua posteridade, é uma raça decaída. A solução desta questão não está mesmo sem moralidade, porque, esclarecendo-nos sobre o nosso passado, pode nos guiar na nossa conduta para o futuro.

Notemos, de início, que a idéia de queda aplicada ao homem é um contra-senso, sem a

reencarnação, do mesmo modo que a da responsabilidade que levaríamos pela falta de nosso primeiro pai. Se a alma de cada homem é criada em seu nascimento, portanto, ela não existia antes; não deve ter nenhuma relação, nem direta nem indireta, com a que cometeu a primeira falta, e, desde então, pergunta-se como dela pode ser responsável. A dúvida, sobre esse ponto, conduz naturalmente à dúvida, ou mesmo à incredulidade, sobre muitos outros, porque, se o ponto de partida é falso, as conseqüências devem também ser falsas. Tal é o raciocínio de muitas pessoas. Pois bem! esse raciocínio cai tomando-se o espírito, e não a letra, do relato bíblico, e se se reporta aos próprios princípios da Doutrina Espírita, destinada, como foi dito, a reanimar a fé que se extingue.

Notemos, ainda, que a idéia dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos, do paraíso perdido, se encontra em quase todas as religiões, e, no estado de tradição, em quase todos os povos; ela deve, pois, repousar sobre uma verdade. Para compreender o verdadeiro sentido que se deve dar à qualificação de *anjos rebeldes*, não é necessário supor uma luta real entre Deus e os anjos, ou Espíritos, uma vez que a palavra *anjo* está aqui tomada em uma acepção geral. Admitindo-se que os homens são Espíritos encarnados, que são os materialistas e os ateus senão anjos ou Espíritos em revolta contra a Divindade, uma vez que negam a sua existência e não reconhecem nem seu poder, nem suas leis? Não é por orgulho que pretendem que, de tudo o que são capazes, vem deles mesmos e não de Deus? Não é o cúmulo da rebelião o de pregar o nada depois da morte? Não são muito culpáveis aqueles que se servem da inteligência de que se glorificam, para arrastarem seus semelhantes aos precipícios da incredulidade? Não fazem igualmente ato de revolta, até um certo ponto, aqueles que, sem negarem a Divindade, desconhecem os verdadeiros atributos de sua essência? Aqueles que se cobrem com uma máscara de piedade para cometerem más ações? Aqueles que a fé no futuro não desliga dos bens deste mundo? Aqueles que, em nome de um Deus de paz, violam a primeira de suas leis: a lei de caridade? Aqueles que semeiam a perturbação e o ódio pela calúnia e pela maledicência? Aqueles, enfim, cuja vida, voluntariamente inútil se escoia na ociosidade, sem proveito para eles mesmos e para os seus semelhantes? A todos será pedida a conta não só do mal que fizeram, mas do bem que não terão feito. Pois bem! todos esses Espíritos que empregaram tão mal suas encarnações, uma vez expulsos da Terra enviados para mundos inferiores, entre os povos ainda na infância e na barbárie, que serão senão anjos decaídos enviados em expiação? A Terra que deixam, não é para eles um paraíso perdido em comparação com o meio ingrato onde vão se achar relegados durante milhares de séculos, até que tenham um dia merecido a sua libertação?

Se, agora, remontarmos à origem da raça atual, simbolizada na pessoa de Adão, encontramos todos os caracteres de uma geração de Espíritos expulsos de um outro mundo, e exilados, por causas semelhantes, sobre a Terra já povoada, mas de homens primitivos, mergulhados na ignorância e na barbárie, e que eles tinham a missão de fazê-los progredir, trazendo entre eles as luzes de uma inteligência já desenvolvida. Não é, com efeito, o papel que cumpre até este dia a raça adâmica? Relegando-a sobre esta Terra, de trabalho e de sofrimento, Deus não teve razão em dizer-lhe: "dela tirarás o teu sustento com o suor de teu rosto"? Se ela mereceu esse castigo por causas semelhantes às que temos hoje, não é justo dizer que ela está perdida pelo orgulho? Em sua mansuetude, não poderia lhe prometer que lhe enviaria um Salvador, quer dizer, aquele que deveria esclarecê-la sobre o caminho a seguir para chegar à felicidade dos eleitos? Este salvador enviou-lhe na pessoa do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade, como a verdadeira âncora de salvação.

Aqui se apresenta uma importante consideração. A missão do Cristo é facilmente compreendida admitindo-se que foram os mesmos Espíritos que viveram antes e depois de sua vinda, e que, assim, deveram aproveitar seja de seu ensinamento, seja do mérito de

seu sacrifício; mas compreende-se mais dificilmente, sem a reencarnação, a utilidade desse mesmo sacrifício para Espíritos *criados posteriormente à sua vinda*, e que Deus, assim, teria criado manchados com faltas daqueles com os quais não tiveram nenhuma relação.

Essa raça de Espíritos parece, pois, ter feito seu tempo sobre a Terra; entre eles, uns aproveitaram esse tempo o seu adiantamento e mereceram ser recompensados; outros, pela sua obstinação em fechar os olhos à luz, esgotaram a mansuetude do Criador e mereceram um castigo. Assim cumprir-se-á esta palavra do Cristo: "Os bons ficarão à minha direita e os maus à minha esquerda."

Um fato parece vir em apoio da teoria que atribui uma preexistência aos primeiros habitantes dessa raça sobre a Terra, é que Adão, que é indicado como a sua origem, é representado com um desenvolvimento intelectual imediato, muito superior ao das raças selvagens atuais; que esses primeiros descendentes, em pouco tempo, puderam mostrar aptidão para trabalhos de arte muito avançados. Ora, o que sabemos do estado dos Espíritos em sua origem nos indica o que teria sido Adão, do ponto de vista intelectual, se sua alma houvesse sido criada ao mesmo tempo que o seu corpo. Admitindo-se que, por exceção, Deus lhe haja dado uma mais perfeita, restaria a explicar porque os selvagens da Nova-Holanda, por exemplo, se saem da mesma fonte, são infinitamente mais atrasados do que o pai comum. Tudo prova, ao contrário, tão bem pelo físico como pelo moral, que pertencem a uma outra raça de Espíritos mais próximos de sua origem, e que lhes é preciso ainda um grande número de migrações corpóreas antes de alcançarem mesmo o grau menos avançado da raça adâmica. A nova raça que vai surgir, fazendo reinar por toda a parte a lei do Cristo, que é a lei de justiça, de amor e de caridade, apressará o seu adiantamento. Aqueles que escreveram a história da antropologia terrestre, sobretudo, se apegaram aos caracteres físicos; o elemento espiritual, quase sempre, foi negligenciado, e o foi, necessariamente, pelos escritores que não admitem nada fora da matéria. Quando ele for levado em conta no estudo das ciências, lançará uma luz toda nova sobre uma multidão de questões ainda obscuras, porque o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, que desempenha um papel preponderante nos fenômenos físicos, tão bem quanto nos fenômenos morais.

Eis, em pequeno, um exemplo surpreendente da analogia com o que se passa em grande no mundo dos Espíritos, e que nos ajudará a compreendê-lo.

No dia 24 de maio de 1861, a fragata *Iphigénie* trouxe à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens: o comandante da colônia dirigiu-lhes, à sua chegada, uma ordem do dia, assim concebida:

"Pondo o pé sobre esta terra longínqua, já cumpris o papel que vos está reservado.

"A exemplo de nossos bravos soldados da marinha, servindo sob os vossos olhos, nos ajudareis a levar com brilho, no meio das tribos selvagens da Nova Caledônia, a bandeira da civilização. Não é uma bela e nobre missão? Eu vos peço, vós a cumprireis dignamente.

"Escutai a voz e os conselhos de vossos chefes. Eu estou no seu comando; que as minhas palavras sejam bem entendidas.

"A escolha de vosso comandante, de vossos oficiais, de vossos suboficiais e cabos é uma garantia segura de todos os esforços que serão tentados para fazer, de vós, excelentes soldados, digo mais, para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em

colonos honrados, se o desejais.

"Vossa disciplina é severa; deve sê-lo. Colocada em nossas mãos, será firme e inflexível, sabeis-o bem; como também, justa e paternal, ela saberá distinguir o erro do vício e da degradação..."

Eis, pois, homens expulsos, por sua má conduta, de um país civilizado, e enviados, para punição, entre um povo bárbaro.

Que lhes disse o chefe? "Infringistes as leis de vosso país; fostes ali uma causa de perturbação e de escândalo, e dele fostes expulsos; enviaram-vos para aqui, mas podeis com isso resgatar o vosso passado; podeis, pelo trabalho, aqui vos criar uma posição honrosa, e vos tornar cidadãos honestos. Tendes aqui uma bela missão a cumprir, a de levar a civilização entre essas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir aqueles que se conduzirem bem."

Para esses homens, relegados ao seio da selvageria, a mãe-pátria não é um Paraíso perdido pela sua falta e pela sua rebeldia à lei? Sobre essa terra longínqua, não sois anjos decaídos? A linguagem do chefe não é a que Deus devera fazer ouvir os Espíritos exilados sobre a Terra? "Desobedecestes às minhas leis, e é por isso que vos expulsei do país em que poderíeis viver feliz e em paz; aqui sereis condenados ao trabalho, mas podereis, pela vossa boa conduta, merecer vosso perdão e reconquistar a pátria que perdestes pela vossa falta, quer dizer, o céu."

À primeira vista, a idéia da queda parece em contradição com o princípio de que os Espíritos não podem retrogradar; mas é preciso considerar que não se trata de um retorno para o estado primitivo; o Espírito, embora numa posição inferior, não perde nada do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde esteja colocado. Ele está na posição de um homem do mundo, condenado à prisão por seus erros; certamente, ele caiu do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

Crê-se, agora, que esses homens, enviados à Nova Caledônia, vão se transformar subitamente em modelos de virtudes? Que vão abjurar, de repente, seus erros passados? Seria preciso não conhecer a Humanidade para o supor. Pela mesma razão, os Espíritos que vão ser expulsos da Terra, uma vez transplantados nos mundos de exílio, não vão se despojar instantaneamente de seu orgulho e de seus maus instintos; por muito tempo ainda, conservarão as tendências de sua origem, um resto do velho fermento. Deve ter ocorrido, o mesmo com a raça adâmica exilada sobre a Terra; ora, não está aí o pecado original? A tarefa que eles trazem, ao nascer, é a da raça de Espíritos culpados e punidos à que eles pertencem; tarefa que podem encobrir pelo arrependimento, pela expiação, e pela renovação de seu ser moral. O pecado original, considerado como a responsabilidade de uma falta cometida por outrem, é um contra-senso e a negação da justiça de Deus; considerado, ao contrário, como consequência e saldo de uma imperfeição primeira do indivíduo, não só a razão a admite, mas se considera de toda justiça a responsabilidade que dela decorre.

Esta interpretação dá uma razão de ser toda natural ao dogma da Imaculada Conceição, do qual o ceticismo tanto tem zombado. Esse dogma estabelece que a mãe do Cristo não estava manchada pelo pecado original; como pode ser isto? É muito simples: Deus enviou um Espírito puro, não pertencente à raça culpada e exilada, para se encarnar sobre a Terra e nela cumprir essa augusta missão; do mesmo modo que, de tempos em tempos, envia

Espíritos superiores para nela se encarnarem, para darem um impulso ao progresso e apressar o seu adiantamento. Esses Espíritos são, sobre a Terra, como o venerável pastor que vai moralizar os condenados em sua prisão, e mostrar-lhes o caminho da salvação.

Certas pessoas, sem dúvida, acharão esta interpretação pouco ortodoxa; alguns mesmo poderão denunciá-la como heresia. Mas não está averiguado que muitos não vêem, nos relatos da Gênese, na história da maçã e da costela de Adão senão uma figura; que, por falta de poder dar um sentido preciso à doutrina dos anjos decaídos, dos anjos rebeldes e do paraíso perdido, olham todas essas coisas como fábulas? Se uma explicação lógica leva-os a nisso ver uma verdade disfarçada sob a alegoria, isso não vale mais do que uma negação absoluta? Admitamos que essa solução não esteja, em todos os pontos, conforme a ortodoxia rigorosa, no sentido vulgar da palavra, perguntamos se é preferível não crer em tudo, ou de crer em alguma coisa. Se a crença no texto literal afasta de Deus, e se a crença pela interpretação dele aproxima, uma não vale mais do que a outra? Não viemos, pois, destruir o princípio, solapá-lo em seus fundamentos, assim como o fizeram alguns filósofos; procuramos descobrir-lhe o sentido oculto, e viemos, ao contrário, consolidá-lo, dando-lhe uma base racional. Seja como for, a essa interpretação não se lhe recusará, em todos os casos, um caráter de grandeza que o texto, tomado ao pé da letra, não tem. Essa teoria abarca, ao mesmo tempo, a universalidade dos mundos, o infinito no passado e no futuro; ela dá, a tudo, sua razão de ser pelo encadeamento que liga todas as coisas, pela solidariedade que estabelece entre todas as partes do Universo. Não está mais conforme com a idéia que fazemos da majestade e da bondade de Deus, do que aquela que circunscreve a Humanidade num ponto do espaço, e a um instante na eternidade?

Publicidade das comunicações espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1862

A questão da publicidade a dar às comunicações espíritas é o complemento da organização geral de que tratamos em nosso número precedente. À medida que o círculo dos Espíritas se alarga, os médiuns se multiplicam, e com eles o número das comunicações. Há algum tempo essas comunicações tomaram um desenvolvimento notável sob o aspecto do estilo, dos pensamentos e da amplitude dos assuntos tratados; elas cresceram com a própria

ciência, os Espíritos proporcionando a elevação de seu ensinamento ao desenvolvimento das idéias, e isso na província e no estrangeiro, tanto quanto em Paris, assim como atestam as numerosas amostras que nos enviam, e das quais algumas foram publicadas na *Revista*.

Dando essas comunicações, os Espíritos têm em vista a instrução geral, a propagação dos princípios da Doutrina, e este objetivo não seria atingido se, como dissemos, permanecessem escondidos nas pastas de papelão daqueles que as obtêm. E, pois, útil difundi-las pela via da publicidade; disso resultará uma outra vantagem muito importante, a de provar a concordância do ensinamento espontâneo dado pelos Espíritos, sobre todos os pontos fundamentais, e de neutralizar a influência dos sistemas errôneos provando o seu isolamento.

Trata-se, pois, de examinar o modo de publicidade que melhor pode atingir o objetivo e, para isso, dois pontos devem ser considerados: o meio que oferece mais chances de extensão da publicidade, e as condições mais próprias para fazer, sobre o leitor, uma impressão favorável, seja pela escolha judiciosa dos assuntos, seja pela disposição material. Por falta de levar em conta certas considerações, algumas vezes de pura forma, as melhores obras, freqüentemente, são crianças natimortas. Isto é um resultado da experiência: certos editores, sob esse aspecto, têm um tato que lhes dá o hábito dos gostos do público, e que lhes permite julgar quase com certeza as chances de sucesso de uma publicação, questão de mérito intrínseco à parte.

O desenvolvimento que as comunicações espíritas tomam nos colocam na impossibilidade material de inseri-las todas em nossa *Revista*. Seria preciso, para abraçar o quadro inteiro, dar-lhe uma extensão que obrigaria colocá-la a um preço fora do alcance de muita gente. Torna-se, pois, necessário achar um meio de completá-la nas melhores condições para todos. Examinemos, de início, o pró e o contra dos diferentes sistemas que poderiam ser empregados.

1- **Publicações periódicas locais.** - Apresentam dois inconvenientes: o primeiro, que têm uma publicidade quase sempre restrita à localidade; o segundo, que uma publicação periódica, devendo ser alimentada e servida em época fixa, necessita de um material burocrático e despesas regulares, aos quais é preciso pelo menos prover, sob pena de parar. Se os jornais de localidades, que se dirigem à massa do público, freqüentemente, têm dificuldade para viver, com mais forte razão isso assim seria com uma publicação que não se dirige senão a uma pequena porção restrita do público, porque seria iludir-se com

uma vã esperança de contar com muitos assinantes de fora, sobretudo se essas publicações vão se multiplicando.

2- Publicações locais não periódicas. - Uma sociedade, um grupo, os grupos de uma mesma cidade, poderiam, como se faz em Metz, reunir suas comunicações em brochuras independentes umas das outras, e aparecendo em épocas indeterminadas. Este modo é incomparavelmente preferível ao precedente, sob o ponto de vista financeiro, uma vez que não contrata nenhum compromisso, e que se é sempre senhor para parar quando quiser. Mas há sempre o inconveniente da restrição da publicidade. Para divulgar essas brochuras fora do círculo local, seriam necessárias despesas de anúncio diante das quais, freqüentemente, se recua, ou uma livraria central tendo numerosos correspondentes, e que disso se encarregaria; mas aqui se apresenta uma outra dificuldade. As livrarias, em geral, se ocupam com pouca boa vontade com obras que não editam; de um outro lado, não gostam de obstruir seus correspondentes com publicações sem importância para elas, e de um consumo incerto, amiúde feitas em más condições de venda pela forma ou pelo preço, e que, além do inconveniente de desagradar os correspondentes, teriam o de lhes ocasionar as despesas de retorno. São considerações que a maioria dos autores, estranhos ao mister da livraria, não compreendem, sem falar daqueles que, achando suas obras excelentes, se admiram de que todo editor não se apresse em delas se encarregar; aqueles mesmos que fazem imprimir às suas custas, devem bem pensar que, algumas vantagens que façam ao livreiro, a obra atingirá os interessados se não os houver, em termo de negócio, em *condições comerciais*.

Pedimos perdão aos nossos leitores por entrar em detalhes tão terrestres a propósito de coisas celestes, mas é precisamente na propagação das boas coisas que queremos premunir contra as ilusões da inexperiência.

3- Publicações individuais dos médiuns. - Todas as reflexões acima se aplicam naturalmente às publicações isoladas, que certos médiuns poderiam fazer, das comunicações que recebem; mas, além de que a maioria não o pode, estas têm um outro inconveniente, é que, em geral, têm uma marca de uniformidade que as torna monótonas, e prejudicaria tanto mais o seu consumo quanto fossem mais multiplicadas. Elas não podem ser atraentes senão se, tratando de um assunto determinado, formassem um todo, e apresentassem um conjunto, seja a obra de um único Espírito ou de vários.

Estas reflexões não poderiam ser absolutas e, sem dúvida, pode nisso haver exceções, mas não se pode desconvir que repousam sobre um fundo de verdade. De resto, o que aqui dizemos não é para impor nossas idéias, das quais cada um está livre para levar em conta se julgar a propósito; como não se publica senão com a esperança de um resultado, somente acreditamos devermos expor as causas de decepções.

Os inconvenientes que acabamos de assinalar nos parecem completamente levantados para a publicação central e coletiva que os Srs. Didier e Cia. vão empreender sob o título de BIBLIOTECA DO MUNDO INVISÍVEL; compreenderá uma série de volumes, formato 1n-18, de sete folhas de impressão, ou cerca de 250 páginas, e ao preço uniforme de 2 fr. Cada volume terá o seu número de ordem, mas se venderá separadamente, de sorte que os amadores estarão livres para tomarem aqueles que lhes convenha, sem estarem obrigados a comprar a totalidade, que não tem limite fixo. Esta coleção oferecerá os meios de publicar, nas melhores condições possíveis, os trabalhos mediúnicos obtidos nos diferentes centros, com a vantagem de uma publicidade muito ampla por meio dos correspondentes; o que essa casa não faria para brochuras isoladas, o fará para uma coleção que pode adquirir uma grande importância.

O nome de *Biblioteca do Mundo Invisível* é o título geral da coleção; mas cada volume levará um título especial para designar-lhe a procedência e o objeto, e beneficiará o autor, sem que este último tenha que se imiscuir no produto das obras que lhe são estranhas. É uma publicação coletiva, mas sem solidariedade entre os produtores, onde cada um nela está por sua conta e corre a chance do mérito de sua obra, aproveitando em tudo a publicidade comum.

Os editores não se comprometem, de modo algum, em publicar nessa coleção tudo o que se lhe apresentar; ao contrário, se reservam expressamente para fazer uma escolha rigorosa. Os volumes, que seriam impressos às custas dos autores, poderão entrar na coleção, se forem aceitos, uma vez que estejam nas condições requeridas de formato e de preço.

Pessoalmente, somos completamente estranhos ao conjunto dessa publicação e à sua administração; ela nada tem de comum nem com a *Revista Espírita*, nem com as nossas obras especiais sobre a matéria; damos-lhe nossa aprovação e o nosso apoio moral, porque a julgamos útil, e como sendo o melhor caminho aberto aos médiuns, grupos e sociedades para as suas publicações. Nela colaboraremos como os outros por nossa conta pessoal, não tomando a responsabilidade senão daquilo que levar nosso nome.

Além das obras especiais que poderemos fornecer a essa coleção, nós lhe daremos, sob o título particular de *Arquivo Espírita*, alguns volumes compostos de comunicações *escolhidas*, seja entre aquelas que são obtidas em nossas reuniões de Paris, seja entre aquelas que nos são dirigidas pelos médiuns e pelos grupos franceses e estrangeiros, que se correspondem conosco, e não gostaríamos de fazer publicações pessoais. Essas comunicações, emanando de fontes diferentes, terão o atrativo da variedade; nós lhes acrescentaremos, segundo as circunstâncias, as notas necessárias à sua inteligência e ao seu desenvolvimento. A ordem, a classificação e todas as disposições materiais serão o objeto de uma atenção particular.

Não querendo fazer um benefício pessoal dessas publicações, nossa intenção é passar os direitos que adquiriremos pelos cuidados que lhes daremos, à distribuição gratuita de nossas obras sobre o Espiritismo em favor das pessoas que não poderiam adquiri-las, ou a tal outro emprego que julgasse útil à propagação da Doutrina, segundo condições que sei ao ulteriormente fixadas.

Este plano nos parece dever responder a todas as necessidades, e não duvidamos de que seja acolhido com fervor por todos os amigos sinceros da Doutrina.

Controle do ensinamento espírita

Revista Espírita, janeiro de 1862

A organização que propusemos para a formação dos grupos espíritas tem por objetivo preparar os caminhos que devem facilitar, entre eles, relações mútuas. Ao número de vantagens que devem resultar dessas relações, é preciso colocar, em primeira linha, a unidade da Doutrina, que lhe será a consequência natural. Essa unidade já está feita em grande parte, e as bases fundamentais do Espiritismo hoje estão admitidas pela imensa maioria dos adeptos; mas ainda há questões duvidosas, seja que não hajam sido resolvidas, seja que hajam sido em sentido diferente pelos homens, e mesmo pelos Espíritos.

Se os sistemas, algumas vezes, são o produto de cérebros humanos, sabe-se que certos Espíritos não estão atrás nesse assunto; com efeito, vê-se que excitam com um maravilhoso jeito, encadeiam com muita arte, idéias freqüentemente absurdas, e delas fazem um conjunto mais engenhoso do que sólido, mas que poderia falsear a opinião de pessoas que não se dão ao trabalho de aprofundar, ou que são incapazes de fazê-lo pela insuficiência dos seus conhecimentos. Sem dúvida, as idéias falsas acabam por cair diante da experiência e da inflexível lógica; mas, à espera disso, podem lançar a incerteza. Sabe-se também que, segundo sua elevação, os Espíritos podem ter, sobre certos pontos, uma maneira de ver mais ou menos justa; que as assinaturas que as comunicações levam nem sempre são uma garantia de autenticidade, e que os Espíritos orgulhosos procuram, às vezes, fazer passar utopias ao abrigo dos nomes respeitáveis com os quais se enfeitam. Sem contradita, é uma das principais dificuldades da ciência prática, e contra a qual muitos se chocaram.

O melhor critério, em caso de divergência, é a conformidade do ensino pelos diferentes Espíritos, e transmitidos por médiuns completamente estranhos uns aos outros. Quando o mesmo princípio for proclamado ou condenado pela maioria, será necessário render-se à evidência. Se é um meio de se chegar à verdade, seguramente, é pela concordância tanto quanto pela racionalidade das comunicações, ajudadas pelos meios que temos para constatar a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos; cessando a opinião de ser individual, por tornar-se coletiva, adquire um grau de mais autenticidade, uma vez que não pode ser considerada como o resultado de uma influência pessoal ou local. Aqueles que ainda estão incertos, terão uma base para fixar suas idéias, porque seria irracional pensar que, aquele que está só, ou quase, em sua opinião, tem razão contra todos.

O que contribui sobretudo para o crédito da doutrina de *O Livro dos Espíritos*, é precisamente porque, sendo o produto de um trabalho semelhante, acha ecos por toda a parte; como dissemos, não é o produto de um único Espírito, que pudera ter sido sistemático, nem de um único médium que pudera ter abusado, mas, ao contrário, o de um ensinamento coletivo por uma grande diversidade de Espíritos e de médiuns, e que os princípios que ele encerra são confirmados em quase toda parte.

Dissemos mais ou menos, tendo em vista que, pela razão que explicamos acima, encontram-se Espíritos que procuram fazer prevalecer suas idéias pessoais. É, pois, útil submeter as idéias divergentes ao controle que propusemos; se a doutrina, ou algumas das doutrinas, que professamos, forem reconhecidas errôneas por uma voz unânime, submerter-

nos-emos sem murmurar, felicitando-nos haja sido encontrada por outros; mas se, ao contrário, elas são confirmadas, permitir-nos-á crer que estamos com a verdade.

A Sociedade Espírita de Paris, compreendendo toda a importância de semelhante trabalho, e tendo primeiro que esclarecer a si mesma, e em seguida provar que não entende, de nenhum modo, se pôr como árbitro absoluto das doutrinas que ela professa, submeterá, aos diferentes grupos que se correspondem com ela, as perguntas que acreditar mais úteis à propagação da verdade. Essas perguntas serão transmitidas, segundo as circunstâncias, seja por correspondência particular, seja por intermédio da *Revista Espírita*. Concebe-se que, para ela, e em razão da maneira séria com a qual encara o Espiritismo, a autoridade das comunicações depende das condições nas quais se acham colocadas as reuniões, segundo o caráter dos membros e dos objetivos a que ela se propõe; emanando as comunicações de grupos formados sobre as bases indicadas pelo nosso artigo sobre a organização do Espiritismo, terão tanto mais peso, aos seus olhos, quanto esses grupos estiverem em melhores condições. Submetemos aos nossos correspondentes as questões seguintes, à espera daquelas que lhes remeteremos ulteriormente.

Questões e problemas propostos aos diferentes grupos espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1862

1 - Formação da Terra.

Existem dois sistemas sobre a origem e a formação da Terra. Segundo a mais comum opinião, a que parece geralmente adotada pela ciência, ela seria o produto da condensação gradual da matéria cósmica sobre um ponto determinado do espaço; ocorreria o mesmo com todos os planetas.

Segundo um outro sistema, preconizado nestes últimos tempos, de acordo com a revelação de um Espírito, a Terra seria formada pela incrustação de quatro satélites de um antigo planeta desaparecido; essa junção teria sido o fato da vontade própria da alma desses planetas; um quinto satélite, nossa lua, ter-se-ia recusado, em virtude de seu livre arbítrio, a essa associação. Os vazios deixados entre eles pela ausência da lua, teriam formado as cavidades enchidas pelos mares. Cada um desses planetas teria trazido consigo os seres *cataleptizados*, homens, animais e plantas, que lhes eram próprios; esses seres, saídos de sua letargia, depois de operada a junção e o equilíbrio restabelecido, teriam povoado o globo composto atual. Tal

seria a origem das raças-mães do homem sobre a Terra; raça negra na África, raça amarela na Ásia, raça vermelha na América, e raça branca na Europa.

Qual desses dois sistemas pode ser olhado como sendo a expressão da verdade?

Desejar-se-ia solicitar a esse respeito, como sobre as outras questões, uma solução explícita e racional.

Nota. - Esta questão, e algumas outras que a ela se prendem, se afastam, é verdade, do ponto de vista moral, que é o objetivo essencial do Espiritismo; é por isso que errar-se-ia fazendo disso o objeto de suas preocupações constantes; sabemos, aliás, que no que concerne ao princípio das coisas, os Espíritos não sabem tudo, não podem dizer senão do que pensam saber, ou que creiam saber; mas como há pessoas que poderiam tirar, da divergência desses sistemas, uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados por Espíritos, é útil poder comparar as razões, pró ou contra, no próprio interesse da Doutrina, e apoiar sobre o assentimento da maioria o julgamento que se pode dar sobre o valor de certas comunicações.

2- Alma da Terra.

Encontra-se a proposição seguinte numa brochura intitulada: *Resumo da religião harmônica*:

"Deus criou o homem, a mulher e todos os seres mais belos e melhores; mas ele deu à alma dos astros o poder de criar seres de uma ordem inferior, a fim de completar seu mobiliário, seja pela combinação de seu próprio fluido prolífico, conhecido em nosso globo sob o nome de *aurora boreal*, seja pela combinação desse fluido com o de outros astros. Ora, a alma do globo terrestre, gozando como a alma humana de seu livre arbítrio, quer dizer, da faculdade de escolher o caminho do bem ou o do mal, deixou se arrastar neste último caminho. Daí as criações imperfeitas e más, tais como os animais ferozes e venenosos, e os vegetais que produzem os venenos. Mas a Humanidade fará desaparecer esses seres nocivos quando, estando de acordo com a alma da Terra para caminhar na senda do bem, ela se ocupar, de maneira mais inteligente, com a gestão do globo terrestre, sobre o qual será 'criado um mobiliário mais perfeito."

O que há de verdadeiro nesta proposição, e o que se deve entender por alma da Terra?

3- Sede da alma humana.

Lê-se na mesma obra a passagem seguinte, citada como extraída de *A chave da vida*, página 751:

"A alma é de natureza luminosa divina: ela tem a forma do ser humano que a anima. Reside num espaço situado na substância cerebral mediana, que reúne os dois lóbulos do cérebro pela sua base. No homem harmonioso e na unidade, a alma, diamante brilhante, tem a cabeça coberta com uma coroa branca luminosa, é a coroa da harmonia."

O que há de verdadeiro nesta proposição?

4- Morada das Almas.

Na mesma obra:

"Enquanto os Espíritos habitam as regiões planetárias, são obrigados a se reencarnar para progredirem. Desde que cheguem nas regiões solares, não têm mais necessidade de se reencarnar, pro-gridem indo habitar outros sóis de uma ordem superior, e desses sóis de uma ordem superior eles passam à regiões celestes.

A Via Láctea, cuja luz é tão doce, é a morada dos anjos ou Espíritos superiores."

Isto é verdadeiro?

5- Manifestações dos Espíritos.

Segundo a doutrina ensinada por um Espírito, nenhum Espírito humano pode se manifestar, nem se comunicar, com os homens, nem servir de intermediário entre Deus e a Humanidade, tendo em vista que, Deus, sendo todo-poderoso e estando por toda a parte, não tem necessidade de auxiliares para a execução de suas vontades, e faz tudo por si mesmo. Em todas as comunicações ditas espíritas, é só Deus que se manifesta tomando a forma, nas aparições, e a linguagem, nas comunicações escritas, dos Espíritos que se evocam e aos quais se crê falar. Em consequência, desde que um homem está morto, não

pode mais haver relações entre ele e aqueles que deixou sobre a Terra, antes que, por uma série de reencarnações sucessivas, durante as quais eles progridem, não hajam atingido o mesmo grau de adiantamento no mundo dos Espíritos. Só Deus podendo se manifestar, disso resulta que as comunicações grosseiras, triviais, blas-fematórias e mentirosas são igualmente dadas por ele, mas como prova, do mesmo modo que dá as boas para instruir. O Espírito que ditou esta teoria disse, necessariamente, ser o próprio Deus; sob esse nome formulou, muito extensamente, uma doutrina filosófica, social e religiosa.

Que é preciso pensar desse sistema, de suas conseqüências e da natureza do Espírito que o ensina?

6- Dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos e do paraíso perdido.

Que pensar da teoria emitida a este respeito no artigo publicado acima por Allan Kardec?

Do sobrenatural

Revista Espírita, janeiro de 1862

Pelo Sr. Guizot.

(2º artigo. - Ver o número de [dezembro de 1861.](#))

Publicamos, no nosso último número, eloqüente e notável capítulo do Sr. Guizot sobre o Sobrenatural, e a respeito do qual nos propusemos fazer algumas notas críticas, que não tiram nada de nossa admiração pelo ilustre e sábio escritor.

O Sr. Guizot crê no sobrenatural; sobre esse ponto, como sobre muitos outros, importa se entender bem sobre as palavras. Na sua acepção própria, *sobrenatural* significa o que está acima da Natureza, fora das leis da Natureza. O sobrenatural, propriamente dito, não está, pois, submetido a leis; é uma exceção, uma derrogação às leis que regem a criação; em uma palavra, é sinônimo de *milagre*. Do sentido próprio, essas duas palavras passaram na linguagem figurada, onde delas se servem para designar tudo o que é extraordinário, surpreendente, insólito; diz-se de uma coisa que espanta que ela é miraculosa, como se diz de uma grande extensão que ela é incomensurável, de um grande número que ele é incalculável, de uma longa duração que ela é eterna, embora, a rigor, possa-se medir uma, calcular outra, e prever um fim à ultima. Pela mesma razão, qualifica-se de sobrenatural o que, à primeira vista, parece sair dos limites do possível. O vulgo ignorante é sobretudo muito levado a tomar esta palavra ao pé da letra, para o que não compreende. Entendendo-se por aí o que se afasta das causas conhecidas, nós o queremos muito, mas então essa palavra não tem mais sentido preciso, porque o que era sobrenatural ontem não o é mais hoje. Quantas coisas, consideradas outrora como tais, a ciência não fez entrar no domínio das leis naturais! Por alguns progressos que fizemos, podemos nos gabar de conhecer todos os segredos de Deus? A Natureza nos disse sua última palavra sobre todas as coisas? Cada dia não vem dar um desmentido a essa orgulhosa pretensão? Se, pois, o que era sobrenatural ontem não o é mais hoje, pode-se logicamente inferir que o que é sobrenatural hoje pode não sê-lo amanhã. Para nós, tomamos a palavra sobrenatural no seu mais absoluto sentido próprio, isto é, para designar todo fenômeno contrário às leis da Natureza. O caráter do fato sobrenatural, ou miraculoso, é de ser excepcional; desde que se reproduz, é que está submetido a uma lei conhecida ou desconhecida, e reentra na ordem geral.

Se se restringe a *Natureza* ao mundo material, visível, é evidente que as coisas do mundo invisível serão sobrenaturais; mas o mundo invisível estando, ele mesmo, submetido a leis, cremos mais lógico definir a Natureza: *O conjunto das obras da criação, regidas por leis imutáveis da Divindade*. Se, como o Espiritismo demonstra, o mundo invisível é uma das forças, uma das potências reagindo sobre a matéria, desempenha um papel importante na Natureza, é porque os fenômenos espíritas não são, para nós, nem sobrenaturais, nem miraculosos; de onde se vê que o Espiritismo, longe de ser o círculo do maravilhoso, tende a restringi-lo e mesmo a fazê-lo desaparecer.

O Sr. Guizot, dissemos, crê no sobrenatural, mas no sentido miraculoso, o que não implica, de nenhum modo, a crença nos Espíritos e em suas manifestações; ora, do fato que, para nós, os fenômenos espíritas nada têm de anormal, não se segue que Deus não haja podido,

em certos casos, derogar as suas leis, uma vez que é todo-poderoso. Tê-lo-ia feito? Não é aqui o lugar de examiná-lo; seria preciso, para isso, discutir não o princípio mas cada fato isoladamente; ora, colocando-nos no ponto de vista do Sr. Guizot, quer dizer, da realidade dos fatos miraculosos, vamos tentar combater a consequência que disso tira, a saber que: *a religião não é possível sem o sobrenatural*, e provar ao contrário que de seu sistema decorre o aniquilamento da religião.

O Sr. Guizot parte deste princípio de que todas as religiões são fundadas sobre o sobrenatural. Isso é verdadeiro se se entende por aí o que não é compreendido; mas se se remonta o estado dos conhecimentos humanos, à época da fundação de todas as religiões conhecidas, sabe-se o quanto era, então, limitado o saber dos homens em astronomia, em física, em química, em geologia, em fisiologia, etc.; se nos tempos modernos, bom número de fenômenos hoje perfeitamente conhecidos e explicados, passaram por maravilhosos, com mais forte razão deveria ser assim nos tempos recuados. Acrescentemos que a linguagem figurada, simbólica e alegórica, em uso entre todos os povos do Oriente, se prestava naturalmente às ficções, cuja ignorância não permitia descobrir o verdadeiro sentido; acrescentemos ainda que, os fundadores das religiões, homens superiores ao vulgo, e sabendo mais do que ele, deveram, para impressionar as massas, cercar-se de um prestígio sobre-humano, e que certos ambiciosos puderam explorar a credulidade: vede Numa; vede Maomé e tantos outros. São impostores, direis. Seja; tomemos as religiões resultantes da lei mosaica; todas adotam a criação segundo o Gênesis; ora, há, com efeito, alguma coisa de mais sobrenatural do que essa formação da Terra, tirada do nada, desembaraçada do caos, povoada de todos os seres vivos, homens, animais e plantas, todos formados e adultos, e isso em seis dias de vinte e quatro horas, como um golpe de varinha mágica? Não é a derrogação, a mais formal, às leis que regem a matéria e a progressão dos seres? Certamente, Deus poderia fazer; mas o fez? Há poucos anos ainda, afirmava-se-o como um artigo de fé, e eis que a ciência recoloca o fato imenso da origem do mundo na ordem dos fatos naturais, provando que tudo se cumpriu segundo leis eternas. A religião sofreu por não ter mais por base um fato maravilhoso por excelência? Incontestavelmente, teria sofrido muito em seu crédito se ela obstinasse em negar a evidência, ao passo que ganhou reentrando no direito comum.

Um fato muito menos importante, apesar das perseguições das quais foi a fonte, é o de Josué detendo o Sol para prolongar o dia de duas horas. Que seja o Sol ou a Terra que tenha parado, o fato não é por isso menos tudo o que há de mais sobrenatural; é uma derrogação a uma das leis mais capitais, a da força que arrasta os mundos. Acreditou-se escapar à dificuldade reconhecendo que é a Terra que gira, mas contara-se sem a maçã de Newton, a mecânica celeste de Laplace e a lei da gravitação. Que o movimento da Terra seja suspenso, não por duas horas, mas por alguns minutos, a força centrífuga cessa, e a Terra vai se precipitar sobre o Sol; o equilíbrio das águas em sua superfície é mantido pela continuidade do movimento; cessando o movimento, tudo é transtornado; ora, a história do mundo não faz menção do menor cataclismo nessa época. Não contestamos que Deus haja podido favorecer Josué prolongando a claridade do dia; que meio empregaria? Nós o ignoramos; isso poderia ser uma aurora boreal, um meteoro ou qualquer outro fenômeno que não mudaria nada na ordem das coisas; mas, seguramente, esse não foi aquele do qual se fez, durante séculos, um artigo de fé; que outrora se haja acreditado, é bastante natural, mas hoje isso não é possível, a menos que se renegue a ciência.

Mas, dir-se-á, a religião se apoia sobre muitos outros fatos que não são nem explicados nem explicáveis. Inexplicados sim; inexplicáveis, é uma outro, questão; sabe-se sobre as descobertas e os conhecimentos que o futuro nos reserva? Já não se vê, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, se reproduzirem os, êxtases, as visões, as aparições, a visão à distância, as curas instantâneas, os levantamentos, as comunicações

orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos de tempos imemoriais, considerados outrora como maravilhosos, e demonstrados hoje pertencerem à ordem das coisas naturais segundo a lei constitutiva dos seres? Os livros sacros estão cheios de fatos qualificados de sobrenaturais; mas como são encontrados análogos, e mais maravilhosos ainda, em todas religiões pagas da antigüidade, se a verdade de uma religião dependesse do número e da natureza desses fatos, não sabemos muito a que dominava.

O Sr. Guizot, como prova do sobrenatural, cita a formação do primeiro homem que deveu ser criado adulto, porque, diz ele, só, no estado de infância, não poderia se nutrir. Mas se Deus fez uma exceção criando-o adulto, não poderia fazer uma outra dando à criança os meios de viver, e isso mesmo sem se afastar da ordem estabelecida? Os animais sendo inferiores ao homem, não podia realizar, a respeito da primeira criança, a fábula de Rômulo e Remo?

Dizemos da primeira criança, deveríamos dizer das primeiras crianças; porque a questão de uma fonte única da espécie humana é muito controversa. Com efeito, as leis antropológicas demonstram a impossibilidade material de que a posteridade de um único homem haja podido, em alguns séculos, povoar toda a Terra, e se transformar em raças negras, amarelas e vermelhas; porque está bem demonstrado que essas diferenças prendem-se à constituição orgânica e não ao clima.

O Sr. Guizot sustenta uma tese perigosa afirmando que, de nenhum modo, a religião é possível sem o sobrenatural; se faz repousar as verdades do Cristianismo sobre a base única do maravilhoso, dá-lhe um apoio frágil cujas pedras se destacam cada dia. Nós lhe damos uma mais sólida: as leis imutáveis de Deus. Esta base desafia o tempo e a ciência; porque o tempo e a ciência virão sancioná-la. A tese do Sr. Guizot conduz, pois, a esta conclusão de que, num tempo dado, não haveria mais religião possível, mesmo religião cristã, se o que é considerado como sobrenatural for demonstrado natural. Está aí o que se quis provar? Não; mas é a consequência do seu argumento, e para ela se caminha a grande passo; porque seria agir inutilmente e amontoar raciocínios sobre raciocínios, não se chegará a manter a crença de que um fato é sobrenatural quando estiver provado que não o é.

Sob esse aspecto somos muito menos cépticos que o Sr. Guizot, e dizemos que Deus não é menos digno de nosso reconhecimento e de nosso respeito por não haver derogado às suas leis, grandes sobretudo pela sua imutabilidade, e que não há necessidade de sobrenatural para lhe prestar o culto que lhe é devido, e, por consequência, para ter uma religião que encontrará tanto menos incrédulos quanto seja, em todos os pontos, sancionada pela razão; não pode senão ganhar com isso: se alguma coisa pôde prejudicá-la na opinião de muitas pessoas, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural. Fazer ver aos homens a grandeza e o poder de Deus em todas as suas obras; mostrai-lhes sua sabedoria e sua admirável providência, desde a germinação de um talo de erva até o mecanismo do Universo: as maravilhas não faltam; substituí em seu espírito a idéia de um Deus ciumento, colérico, vingativo e implacável, pela de um Deus soberanamente justo, bom e misericordioso, que não condena aos suplícios eternos e sem esperança por faltas temporárias; que, desde a infância, sejam nutridos dessas idéias que crescerão com a sua razão, e fareis mais de firmes e sinceros crentes do que os embalando com alegorias que vós os forçais a tomar ao pé da letra, e que, mais tarde, repelirão por si mesmos, levando-os a duvidar de tudo, e mesmo a tudo negar. Se quereis manter a religião pelo único prestígio do maravilhoso, não há senão um único meio, é manter os homens na ignorância; vede se é possível. A força de não mostrar a ação de Deus senão nos prodígios, nas exceções, cessa-se de fazê-la ver nas maravilhas que esmigalhamos sob os pés.

Objetar-se-á, sem dúvida, o nascimento miraculoso do Cristo, que não se saberia explicar pelas leis naturais, e que é uma das provas mais brilhantes de seu caráter divino. Não é aqui o lugar de examinar esta questão; mas, ainda uma vez, não contestamos a Deus o poder de derrogar as leis que fez; o que contestamos é a necessidade absoluta dessa derrogação para o estabelecimento de uma religião qualquer.

O Magnetismo e o Espiritismo, dir-se-á, reproduzindo os fenômenos reputados miraculosos, são contrários à religião atual, porque tendem a tirar desses fatos seu caráter sobrenatural. Que fazer aí, se esses fatos são reais? Não serão impedidos, uma vez que não são o privilégio de um homem, mas que se produzem no mundo inteiro. Poder-se-ia dizer isso tanto da física, da química, da astronomia, da geologia, da meteorologia, de todas as ciências em uma palavra. Sob esse aspecto, diremos que o ceticismo de muitas pessoas não tem outra fonte senão a impossibilidade, segundo elas, desses fatos excepcionais; negando a base sobre a qual se apoia, negam todo o resto; provai-lhes a possibilidade e a realidade desses fatos, reproduzindo-os sob seus olhos, e serão forçados a crerem neles. - Mas é tirar ao Cristo seu caráter divino! - Desejai, pois, melhor que não creia em nada de tudo do que crer em alguma coisa? Não há, pois, senão esse meio para provar a divindade da missão do Cristo? Seu caráter não ressalta cem vezes melhor da sublimidade de sua doutrina e do exemplo que deu de todas as virtudes? Se não se vê esse caráter senão nas ações materiais que realizou, outros não fizeram fatos semelhantes, para não falar senão de Apolônio de Tiana seu contemporâneo? Por que, pois, o Cristo dominou sobre este último? Foi porque fez um milagre muito grande como o de mudar a água em vinho, de alimentar quatro mil homens com cinco pães, de curar os epiléticos, de dar vista aos cegos e fazer andar os paralíticos; foi a revolução que fez a simples palavra de um homem saído de um estábulo, durante três anos de pregação, sem nada ter escrito, ajudado unicamente por alguns obscuros pescadores ignorantes, eis o verdadeiro prodígio, aquele em que é preciso ser cego para não ver a mão de Deus. Compenetrai os homens desta verdade - é o melhor meio de fazer sólidos crentes.

Poesias de além-túmulo

Revista Espírita, janeiro de 1862

Gostaríamos de ter versos de Béranger

(Sociedade Espírita do México, 20 de abril de 1859.)

Desde que deixei nossa bela pátria,
Vi muitos países; ouvi me chamar,
Cada um me disse: Vinde, eu vos peço.
Gostaríamos de ter versos de Béranger.

Deixai, pois, repousar essa musa ridente;
Ela habita hoje os vastos campos dos ares,
É para louvar seu Deus, sua voz sempre alegre
Se mistura cada dia aos celestes concertos.

Ela cantou muito tempo sobre os árias bem frívolas;
Mas seu coração era bom; Deus a chamava para ele,
Não pôde achar más suas levianas palavras.
Ele amava, ele orava sem detestar outrem.

Se pude flagelar a raça capuchinha,
Os Franceses disso riram freqüentemente de muito bom coração.
Que ao retornar em baixo o bom Deus me destine,
Terei ainda, para eles, algum refrão zombador.

Nota. Aqui o Espírito de Béranger tendo nos deixado, retornou a nosso pedido, e nos deu os versos seguintes:

Que! me assassinais, raça humana e leviana!
Versos! Sempre versos! O pobre Béranger
Deles fez muito passando sobre a Terra,
E contra eles seu trespasse deveria protegê-lo.

Mas não, não é nada disso; que sua sorte se cumprisse!
Eu esperava, morrendo, que Deus tê-lo-ia impedido.
Do pobre Béranger, vedes o suplício,
E quereis puni-lo, ai! ai de mim! por seu pecado.

BÉRANGER.

Ensaio ainda uma de minhas canções

Revista Espírita, janeiro de 1862

(Sociedade Espírita do México.)



Criança querida de uma terra adorada,
De vós aqui me lembro sempre.
Sob outros céus, alma regenerada,
Encontrei beleza, juventude, amor.
Enfim, estou no cume da vida,
Mundo eterno onde todos renascemos;
E, pobre Espírito dessa outra pátria,
Ensaio ainda uma de minhas canções.



Vi chegar essa pálida deusa,
Cujo nome somente nos põe todos em comoção;
Mas em seus olhos não vendo senão ternura,
Pude apertar as duas mãos sem pavor.
Dormi, e minha nova amiga
Para minha partida me embalava em doces sons;
E, pobre Espírito dessa outra pátria,
Ensaio ainda uma de minhas canções.

III

Ide em paz; deitai-vos na tumba,
Ó! mortos felizes, sem cuidado do despertar;
Vossos olhos fechados, são a tela que cai
Para se reabrir sob um mais belo sol.
Sorri, pois, porque a morte vos convida
A seus banquetes de brilhantes colheitas;
E, pobre Espírito, dessa outra pátria,
Ensaio ainda uma de minhas canções.

IV

Eles caíram, esses gigantes da glória;
Escravos, reis, todos serão confundidos,
Porque para nós todos a mais bela vitória
É daquele que sabe amar mais.
Ali, vemos o que o nosso amor pede,
O que com pesar neste mundo nós deixamos.
E, pobre Espírito dessa outra pátria,
Ensaio ainda uma de minhas canções.

V

Amigos, adeus; entro no espaço
Que a vossa voz eu possa sempre superar;
Imensidade que jamais nos deixa

E que logo vireis percorrer.

Sim, de uma voz feliz e rejuvenescida

Unidos então direis minhas lições;

E, pobre Espírito dessa outra pátria,

Ensaio ainda uma de minhas canções.

BÉRANGER.

Nota. - O Presidente da Sociedade Espírita do México, em sua passagem por Paris, consentiu em nos confiar a coletânea das comunicações dessa Sociedade, e nos autorizar a dela extrair o que crêssemos útil; pensamos que nossos leitores não se lamentarão da primeira escolha que fizemos; verão por esse espécime que as belas comunicações são de todos os países. Devemos acrescentar que o médium que obteve os dois trechos acima é uma senhora inteiramente estranha à poesia.

Bibliografia

Revista Espírita, janeiro de 1862

O Espiritismo em sua mais simples expressão, ou a Doutrina Espírita popularizada.

A brochura que anunciamos sob este título, em nosso último número, aparecerá em 15 de janeiro, mas, em lugar de 25 centavos, preço indicado, ela será dada a 15 centavos por exemplar separado, e a 10 centavos por 20 exemplares, ou seja 2 fr. mais despesa de correio.

O objetivo dessa publicação é dar, num quadro muito restrito, um histórico do Espiritismo, e uma idéia suficiente da Doutrina dos Espíritos, para orientar a compreensão de seu objetivo moral e filosófico. Pela clareza e simplicidade do estilo, pro-currmos colocá-la à altura de todas as inteligências. Contamos com o zelo de todos os verdadeiros Espíritas para ajudar na sua propagação.

Revelações de Além-Túmulo.

Pela senhora H. Dozon, médium; evocador, Sr. H. Dozon, ex-tenente da guarda, cavaleiro da Legião de honra. — Um volume grande in-18º, preço: 2fr. 25 c.; casa Ledoyen, livraria, 31, galeria de Orléans, Palais-Royal.

Esta obra é uma coletânea de comunicações obtidas pela Sra. Dozon, médium, membro da Sociedade Espírita de Paris, durante e em seguida a uma grave e dolorosa moléstia que, como ela mesma disse, abateu sua coragem sem sua fé no Espiritismo e sem a assistência evidente de seus amigos e guias espirituais que a sustentaram nos momentos mais penosos; também a maioria dessas comunicações traz a marca da circunstância na qual foram dadas; seu objetivo evidente era de revelar o moral enfraquecido, e esse objetivo foi completamente alcançado. Seu caráter é essencialmente religioso; elas não respiram senão a moral mais pura, mais doce e mais conso-ladora; algumas são de uma notável elevação de pensamentos. Há somente a se lamentar que a rapidez com que esse volume foi impresso, não haja permitido trazer-lhe toda a correção material desejável.

Se a *Bibliothèque du Monde invisible*, que anunciamos, estivesse em vias de publicação, esta obra teria podido ter nela um lugar honroso.

Testamento em favor do Espiritismo

Revista Espírita, janeiro de 1862

Ao Senhor Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris.

Meu caro senhor e muito honrado chefe espírita.

Eu vos envio, aqui incluso, meu .testamento manuscrito, em envelope lacrado com lacre verde, com menção, sobre esse envelope lacrado, do que deverá ser feito depois de minha morte. Desde o momento em que conheci e compreendi o Espiritismo, seu objeto, seu objetivo final, tive o pensamento e tomei a resolução de fazer o meu testamento. Tinha adiado, em meu retorno ao campo, neste inverno, esta obra de minhas últimas vontades. No lazer e na solidão dos campos, pude me recolher, e à luz desse divino brilho do Espiritismo, coloquei em proveito todos os ensinamentos que recebi, em todos os pontos de vista dos Espíritos do Senhor, para me guiar no cumprimento desta obra da maneira mais útil aos meus irmãos da Terra, seja sentado em minha lareira doméstica, seja ao redor de mim e longe de mim, conhecidos e desconhecidos, amigos ou inimigos, e da maneira mais agradável a Deus. Lembrei-me do que o respeitável Sr. Jobard, de Bruxelas, de quem anunciastes a morte súbita, vos escrevia em sua linguagem ao mesmo tempo profunda, engraçada e espirituosa, relativamente a uma sucessão de vinte milhões, da qual dizia ter o espólio: que essa soma colossal teria sido uma alavanca poderosa para ativar de um século a era nova que começa. O dinheiro, como se disse freqüentemente, do ponto de vista terrestre, ser o nervo das batalhas, com efeito, é um instrumento mais temível, poderoso para o bem e para o mal neste mundo, e me disse: "Eu posso e devo consagrar para a ajuda dessa nova era uma porção importante do modesto patrimônio que adquiri, para o cumprimento das minhas provas, com o suor de minha fronte, às expensas de minha saúde, através da pobreza, da fadiga, do estudo e do trabalho, e por trinta anos de vida militante na advocacia, um dos mais ocupados na audiência e no escritório.

Reli a carta que escreveu, em 1^o de novembro de 1832, depois de sua viagem a Roma, Lamennais, à condessa de Senfft, e na qual, com a expressão de suas decepções depois de tantos esforços e lutas consagradas à procura da verdade, se encontravam essas palavras, senão proféticas pelos menos inspiradas, anunciando essa nova era.

(Seguem-se diversas citações que a falta de espaço não nos permite reproduzir.)

O envelope contém a subscrição seguinte:

"Neste envelope, lacrado com lacre verde, está meu testamento manuscrito. Este envelope

será aberto, e o lacre quebrado, somente depois de minha morte, em sessão geral da Sociedade Espírita de Paris, e nessa sessão, será, pelo presidente dessa Sociedade que estiver em exercício à época de minha morte, dada a leitura inteira de meu testamento; o dito envelope será aberto e o dito lacre quebrado por esse presidente. O presente envelope lacrado, contendo meu testamento e que vai ser enviado e entregue ao Sr. Allan Kardec, presidente atual de dita Sociedade, será depositado por ele nos arquivos dessa Sociedade. Um original desse mesmo testamento será achado, na época de minha morte, depositado no escritório de M^e***; um outro original, será, na mesma época, achado em minha casa. O depósito ao Sr. Allan Kardec está mencionado sobre os outros originais." Tendo esta carta sido comunicada à Sociedade Espírita de Paris na sessão de 20 de dezembro de 1861, aquela encarregou seu presidente, Sr. Allan Kardec, de agradecer em seu nome ao testador por suas generosas intenções em favor do Espiritismo, e felicitá-lo da maneira pela qual ele lhe compreende o objetivo e a importância.

Embora o autor da carta não haja recomendado calar seu nome no caso em que fosse julgado o propósito publicá-la, concebe-se que, em semelhante circunstância, e por um ato dessa natureza, a reserva mais absoluta é uma obrigação rigorosa.

Carta ao Sr. o Dr. Morhéry concernente à senhorita Godu

Revista Espírita, janeiro de 1862

Entreteve-se, nestes últimos tempos, com certos fenômenos estranhos operados pela Srta. Godu, e que consistiam notadamente na produção de diamantes e de grãos preciosos por meios não menos estranhos. Tendo o Sr. Morhéry nos escrito a esse respeito, uma longa carta descritiva, algumas pessoas se admiraram de que não falamos mais nisso. A razão disso é que não tomamos nenhum fato com entusiasmo, e examinamos friamente as coisas antes de aceitá-las, tendo a experiência nos ensinado o quanto se deve desconfiar de certas ilusões. Se tivéssemos publicado, sem exame, todas as maravilhas que foram relatadas, com mais ou menos boa fé, nossa Revista, talvez, tivesse sido mais divertida, mas nos prendemos a lhe conservar o caráter sério que ela sempre teve. Quanto à nova e prodigiosa faculdade que teria se revelado na Srta. Godu, francamente não cremos que a de médium curador era mais preciosa e mais útil à Humanidade, e mesmo para a propagação do Espiritismo. Todavia, não negamos nada, e aqueles que pensam que, sobre essa opinião, iríamos tomar imediatamente a estrada de ferro para disso nos assegurar, respondemos que, se a coisa é real, ela não pode deixar de ser oficialmente constatada; que então será sempre tempo para falar disso, e que não colocamos nenhum amor-próprio para proclamá-la a primeira. Eis, de resto, um extrato da resposta que fizemos ao Sr. Morhéry:

"... É verdade que não publiquei todos os relatórios que me enviastes sobre as curas operadas pela Srta. Godu, mas disso disse bastante para chamar a atenção sobre ela; falando constantemente, seria tomar o ar de me colocar a serviço de um interesse particular. A prudência mandava, aliás, que o futuro viesse confirmar o passado. Quanto aos fenômenos que relatastes em vossa última carta, são tão estranhos, que não arriscaria publicá-los senão quando deles tivesse a confirmação de maneira irrecusável. Quanto mais um fato é anormal, mais exige circunspeção. Não encontrareis, pois, surpreendente que disso use muito nesta circunstância; de resto, é também a opinião do Comitê da Sociedade, à qual submeti a vossa carta, e decidiu, pela unanimidade, que antes mesmo dela falar, convinha esperar a continuação. Até o presente, esse fato é de tal modo contrário às leis naturais, e mesmo a todas as leis conhecidas do Espiritismo, que provoca, mesmo entre os Espíritas, a incredulidade; falar disso por antecipação, e antes de poder apoiá-lo sobre provas autênticas, seria excitar sem proveito a verve dos maus gracejado rés."

Nota. - Remetemos ao nosso próximo número a publicação de várias evocações e dissertações espíritas de grande interesse.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Fevereiro

- [Os desejos de ano novo](#)
- [Resposta ao requerimento dos Espíritas de Lyon por ocasião do ano novo](#)
- [O Espiritismo é provado por milagres ?](#)
- [O Vento, fábula espírita, pelo Sr. Dombre](#)
- [A Reencarnação na América](#)
- [Novos médiuns americanos em Paris](#)
- [Subscrição em favor dos operários Lioneses](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [A Fé](#)
 - [A Esperança](#)
 - [A Caridade](#)
 - [Esquecimento das injúrias](#)
 - [Sobre os instintos](#)
- Meditações filosóficas e religiosas, pelo Espírito de Lamennais
 - [A Cruz](#)
 - [Bem-aventurados os pobres de espírito](#)
 - [A Escravidão](#)

Os desejos de ano novo

Revista Espírita, fevereiro de 1862

Várias centenas de cartas nos foram dirigidas por ocasião do ano novo, e nos foi materialmente impossível responder a cada uma em particular; rogamos, pois, aos nossos honoráveis correspondentes aceitarem aqui a expressão de nossa sincera gratidão, pelos testemunhos de simpatia que consentiram em nos dar. Entre elas, no entanto, há uma que, por sua natureza, pedia uma resposta especial: é a dos Espíritas de Lyon, revestida em torno de duzentas assinaturas. Aproveitamo-la para juntar, a seu pedido, alguns conselhos gerais. A Sociedade Espírita de Paris, à qual disso demos conhecimento, tendo julgado que poderia ser útil a todo mundo, não somente nos convidou a publicá-la na *Revista*, mas a fazer-lhe a impressão separada para ser distribuída a todos os seus membros. Todos aqueles que tiveram o obséquio de nos escrever, consintam em tomar sua parte nos sentimentos de reciprocidade que aqui exprimimos, e que se dirigem, sem exceção, a todos os Espíritas, franceses e estrangeiros, que nos honram com o título de seu chefe e de seu guia no novo caminho que lhes está aberto. Não é, pois, somente àqueles que nos escreveram, por ocasião do ano novo, que nos dirigimos, mas àqueles que nos dão, a cada instante, provas tão tocantes de seu reconhecimento pela felicidade e pelas consolações que haurem na Doutrina, e que nos levam em conta nossas dificuldades e nossos esforços para ajudar a sua propagação; a todos aqueles, enfim, que pensam que os nossos trabalhos valem alguma coisa na marcha progressiva do Espiritismo.

Resposta ao requerimento dos Espíritas de Lyon por ocasião do ano novo

Revista Espírita, fevereiro de 1862

Meus caros irmãos e amigos de Lyon,

O requerimento coletivo que consentis em me enviar, por ocasião do ano novo, causou-me bem viva satisfação, provando-me que conservais uma boa lembrança de mim; mas o que me deu mais prazer nesse ato espontâneo de vossa parte, foi encontrar, entre as numerosas assinaturas que ali figuram, representantes de quase todos os grupos, porque é um sinal da harmonia que reina entre eles. Estou feliz em ver que compreendestes perfeitamente o objetivo desta organização da qual já podeis apreciar os resultados, porque deve estar evidente agora, para vós, que uma Sociedade única teria sido quase impossível.

Eu vos agradeço, meus bons amigos, pelos votos que formulais por mim; eles me são tanto mais agradáveis quanto sei que partem do coração, e são aqueles que Deus escuta. Ficai, pois, satisfeitos, porque eles os atende cada dia, dando-me a alegria inaudita no estabelecimento de uma nova doutrina, de ver aquela a que me devotei crescer e prosperar, enquanto vivo, com uma maravilhosa rapidez. Considero como um grande favor do céu ser testemunha do bem que ela já fez. Esta certeza, da qual recebo diariamente os mais tocantes testemunhos, me paga com usura todas as minhas dificuldades e todas as minhas fadigas; não peço a Deus senão uma graça, que é a de me dar a força física necessária para ir até o fim de minha tarefa, que está longe de ser terminada; mas, o que quer que ocorra, terei sempre o consolo de estar seguro de que a semente das idéias novas, agora difundida por toda a parte, é imperecível; mais feliz do que muitos outros, que não trabalharam senão para o futuro, foi-me dado ver-lhe os primeiros frutos. Se uma coisa lamento, é que a exigüidade de meus recursos pessoais não me permita pôr em execução os planos que concebi para o seu adiantamento ainda mais rápido; mas se Deus, em sua sabedoria, acreditou dever isso decidir de outro modo, legarei esses planos aos meus sucessores que, sem dúvida, serão mais felizes. Apesar da penúria dos recursos materiais, o movimento que se opera na opinião superou toda esperança; crede bem, meus irmãos, que nisso vosso exemplo não terá sido sem influência. Recebi, pois, nossas felicitações pela maneira pela qual sabeis compreender e praticar a Doutrina. Sei o quanto são grandes as provas que muitos, dentre vós, tereis que suportar; só Deus lhes conhece o fim neste mundo; mas também que força a fé no futuro dá contra a adversidade! Oh! lamentai aqueles que crêem no nada depois da morte, porque para eles o mal presente não tem compensação. O incrédulo infeliz é como o doente que não espera nenhuma cura; o Espírita, ao contrário, é como aquele que está doente hoje e que sabe que amanhã estará bem.

Pedis a mim para vos continuar com meus conselhos; eu os dou de boa vontade àqueles que crêem deles ter necessidade e que os reclamam; mas não os dou senão àqueles; aos que pensam deles saber bastante e poder abster-se das lições da experiência, nada tenho a dizer, senão que desejo que não tenham a se lamentar um dia por terem muito presumido de suas próprias forças. Essa pretensão, aliás, acusa um sentimento de orgulho, contrário

ao verdadeiro espírito do Espiritismo; ora, pecando pela base, provam só por isso que se afastam da verdade. Não sois desse número, meus amigos, e é por isso que aproveito a circunstância para vos dirigir algumas palavras que vos provarão que, de longe como de perto, estou inteiramente ao vosso dispor.

No ponto em que hoje as coisas estão, e ao ver a marcha do Espiritismo através dos obstáculos semeados sobre o seu caminho, pode-se dizer que as principais dificuldades estão vencidas; ele tomou seu lugar e está assentado sobre bases que desafiam, doravante, os esforços de seus adversários. Pergunta-se como uma doutrina que nos torna felizes e melhores, pode ter inimigos; isso é muito natural: o estabelecimento das melhores coisas, no começo, fere sempre interesses; não foi assim com todas as invenções e descobertas que fizeram revolução na indústria? As que hoje são olhadas como benefícios, sem quais não se poderia mais se passar, não tiveram inimigos obstinados? Toda lei que reprime os abusos, não tem contra si aqueles que vivem dos abusos? Como quereríeis que uma doutrina, que conduz ao reino da caridade efetiva, não seja combatida por todos aqueles que vivem do egoísmo; e sabeis o quanto são estes numerosos sobre a Terra! No princípio, esperaram matá-la pela zombaria; hoje vêem que essa arma é impotente, e que sob o fogo constante dos sarcasmos continuou seu caminho sem tropeçar; não credes que eles irão se confessar vencidos; não, o interesse material é mais tenaz; reconhecendo que é uma força com a qual, doravante, é preciso contar, vão lhe travar assaltos mais sérios, mas que não servirão senão para melhor provar sua fraqueza. Uns atacarão abertamente, em palavras e em ações, e a perseguirão até na pessoa de seus adeptos, que tentarão desencorajar à força de tormentos, ao passo que outros, ocultamente e por caminhos deturpados, procurarão miná-la surdamente. Tende, pois, por advertidos de que a luta não terminou. Estou prevenido de que vão tentar um supremo esforço; mas não tenhais medo; a garantia do sucesso está nesta divisa, que é a de todos os verdadeiros Espíritas: *Fora da caridade não há salvação*. Arvorai-a claramente, porque ela é a cabeça de Medusa para os egoístas.

A tática já usada pelos inimigos dos Espíritas, mas que vão empregar com um novo ardor, é a de tentar dividi-los, criando sistemas divergentes e suscitando, entre eles, a desconfiança e a inveja. Não vos deixeis prender na armadilha, e tende por certo que quem procura, por um meio qualquer que seja, romper a boa harmonia, não pode ter uma boa intenção. É por isso que vos convido a colocardes a maior circunspecção na formação de vossos grupos, não somente para vossa tranquilidade, mas no próprio interesse de vossos trabalhos.

A natureza dos trabalhos espíritas exige a calma e o recolhimento; ora, não há recolhimento possível se se distrai por discussões e a expressão de sentimentos malévolos. Não haverá sentimentos malévolos, se houver fraternidade; mas não pode aí haver fraternidade com egoístas, ambiciosos e orgulhosos. Com orgulhosos que se melindram e se ofendem com tudo, ambiciosos que estarão frustrados se não tiverem a supremacia, egoístas que não pensam senão neles, a discórdia não pode tardar a se introduzir e, daí, a dissolução. É o que querem nossos inimigos, e é o que procurarão fazer. Se um grupo quer estar em condições de ordem, de tranquilidade e de estabilidade, é preciso que nele reine um sentimento fraternal. Todo grupo ou sociedade que se forma sem ter a caridade *efetiva* por base, não tem vitalidade; ao passo que aqueles que serão fundados segundo o verdadeiro espírito da Doutrina, se olharão como os membros de uma mesma família, que, não podendo todos habitar sob o mesmo teto, moram em lugares diferentes. A rivalidade entre eles seria um contra-senso; ela não poderia existir ali onde reina a verdadeira caridade, porque a caridade não pode se entender de duas maneiras. Reconhecereis, pois, o verdadeiro Espírita pela prática da caridade em pensamentos, em palavras e em ações, e dissei-vos que, quem nutre em sua alma sentimentos de animosidade, de rancor, de ódio, de inveja ou de ciúme mente a si mesmo se pretende compreender e praticar o Espiritismo.

O egoísmo e o orgulho matam as sociedades particulares, como matam os povos e a sociedade em geral. Lede a história, e vereis que os povos sucumbem sob o amplexo desses dois mortais inimigos da felicidade dos homens. Quando se apoiarem sobre as bases da caridade, serão indissolúveis, porque estarão em paz entre eles e com eles próprios, cada um respeitando os direitos e os bens de seu vizinho. É a era nova predita, da qual o Espiritismo é o precursor, e pela qual todo Espírita deve trabalhar, cada um em sua esfera de atividade. É uma tarefa que lhes incumbe, e da qual serão recompensados segundo a maneira que a terão cumprido, porque Deus saberá distinguir aqueles que não terão procurado no Espiritismo senão a sua satisfação pessoal, daqueles que terão, ao mesmo tempo, trabalhado pela felicidade de seus irmãos.

Devo ainda vos assinalar uma outra tática de nossos adversários, que é a de procurar comprometer os Espíritas, impelindo-os a se afastarem do verdadeiro objetivo da Doutrina, que é o da moral, para abordarem questões que não são de sua alçada, e que poderiam, a justo título, despertar suscetibilidades sombrias. Não vos deixeis, não mais, vos prender nesta armadilha; afastai com cuidado, em vossas reuniões, tudo o que tem relação com a política e com questões irritantes; as discussões, sob esse assunto, não levariam a nada senão a vos suscitar embaraços, ao passo que ninguém pode achar de censurar a moral quando ela é boa. Procurai, no Espiritismo, o que pode vos melhorar, está aí o essencial; quando os homens forem melhores, as reformas sociais, verdadeiramente úteis, lhe serão a consequência muito natural; trabalhando para o progresso moral, possuireis os verdadeiros e os mais sólidos fundamentos de todos os melhoramentos, e deixais a Deus o cuidado de fazer as coisas chegarem a seu tempo. Oponde, pois, no próprio interesse do Espiritismo que é ainda jovem, mas que amadurece depressa, uma inabalável firmeza àqueles que procurarem vos arrastar num caminho perigoso.

Tendo em vista o descrédito do Espiritismo, alguns pretendem que ele vai destruir a religião. Sabeis, muito ao contrário, uma vez que a maioria entre vós que acreditáveis com dificuldade em Deus, e em sua alma, nisso crêem agora; que não sabiam o que era orar, e que oram com fervor; que não punham mais os pés nas igrejas, e que ali vão com recolhimento. Aliás, se a religião devesse ser destruída pelo Espiritismo, seria destrutível e o Espiritismo seria mais poderoso; dize-lo seria uma imperícia, porque isso seria confessar a fraqueza de uma e a força do outro.

O Espiritismo é uma doutrina moral que fortalece os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões; ele é de todas, e não é de nenhuma em particular; é por isso que não diz a ninguém para mudá-la; deixa cada um livre para adorar a Deus à sua maneira, e observar as práticas que a sua consciência lhe dita, tendo Deus mais em conta a intenção do que o fato. Ide, pois, cada um nos templos de vosso culto, e provai com isso que o taxam de impiedade ou de calúnia.

Na impossibilidade material em que estou de manter relações com todos os grupos, peço a um de vossos confrades consentir em me representar, mais especialmente em Lyon, como o fiz alhures; foi o Sr. Villon, cujo zelo e devotamento vos são conhecidos, tão bem quanto a pureza de seus sentimentos. Sua posição independente lhe dá, além disso, mais lazer para a tarefa que consentiu de se encarregar; tarefa pesada, mas diante da qual não recuará. O grupo que formou em sua casa o foi sob meus auspícios e segundo minhas instruções, quando de minha última viagem; nele encontrareis excelentes conselhos e salutarexemplos. Verei, pois, com uma viva satisfação, todos aqueles que me honrarem com a sua confiança e nela se unirem como a um centro comum. Se alguns querem se apartar, guardai-vos de vê-los com mau olho; se vos atiram a pedra, não a recolhais, nem a devolvais: entre eles e vós Deus será o juiz dos sentimentos de cada um. Que aqueles

que crerem estar na verdade com a exclusão dos outros, provem-no por uma maior caridade, e uma maior abnegação do amor-próprio, porque a verdade não poderia estar do lado daquele que falta ao primeiro preceito da Doutrina. Se estais na dúvida, fazei sempre o bem: os erros do Espírito pesam menos, na balança de Deus, do que os erros do coração.

Repetirei aqui o que disse em outras ocasiões: em caso de divergência de opinião, há um meio fácil para sair da incerteza, é o de ver a que mais liga os partidários, porque há nas massas um bom senso inato que não poderia se enganar. O erro não pode seduzir senão alguns Espíritos cegos pelo amor-próprio e um falso julgamento, mas a verdade acaba sempre por se impor; tende, pois, por certo que ela abandona as classes que se esclarecem, e que há uma obstinação irracional em crer que um só tem razão contra todos. Se os princípios que eu professo não encontrassem senão alguns ecos isolados, e se fossem repelidos pela opinião geral, eu seria o primeiro a reconhecer que pude me enganar; mas vendo crescer, sem cessar, o número dos adeptos, em todas as classes da sociedade, e em todos os países do mundo, devo crer na solidez da base em que repousam; é por isso que vos digo, com toda a segurança, para marchardes com passo firme no caminho que vos está traçado; dissei aos vossos antagonistas que, se querem que os sigais, vos ofereçam uma doutrina mais consoladora, mais clara, mais inteligível, que melhor satisfaça à razão, e que seja, ao mesmo tempo, uma melhor garantia para a ordem social; frustraí, pela vossa união, os cálculos daqueles que queriam vos dividir; provai, enfim, pelo vosso exemplo, que a Doutrina nos torna mais moderados, mais brandos, mais pacientes, mais indulgentes, e isso será a melhor resposta a dar aos seus detratores, ao mesmo tempo que a visão de seus resultados benfazejos é o mais poderoso meio de propaganda.

Eis, meus amigos, os conselhos que vos dou e aos quais junto meus votos para o ano que começa. Não sei quais provas Deus nos destina para este ano, mas sei que, quaisquer que sejam, vós a suportareis com firmeza e resignação, porque sabeis que, para vós como para o soldado, a recompensa é proporcional à coragem.

Quanto ao Espiritismo, pelo qual vos interessais mais do que por vós mesmos, e do qual, pela minha posição, posso julgar, melhor do que ninguém, os progressos, estou feliz em vos dizer que o ano se abre sob os auspícios mais favoráveis, e que verá, sem nenhuma dúvida, o número dos adeptos crescer numa proporção impossível de se prever; ainda alguns anos como os que vêm de se escoar, e o Espiritismo terá por ele os três quartos da população. Deixai-me vos citar um fato entre mil.

Num departamento vizinho de Paris, há uma pequena cidade onde o Espiritismo penetrou há seis meses apenas. Em algumas semanas, tomou um desenvolvimento considerável; uma oposição formidável foi logo organizada contra os seus partidários, ameaçando mesmo seus interesses privados; tudo enfrentaram com uma coragem, um desinteresse dignos dos maiores elogios; entregaram-nos à Providência, e a Providência não lhes faltou. Essa cidade conta com uma população operária numerosa, entre a qual as idéias espíritas, graças à oposição que se lhe fez, fazem luz rapidamente; ora, um fato digno de nota, é que as mulheres, as jovens esperaram seus presentes para se proporcionarem as obras necessárias à sua instrução, e foi por centenas que uma livraria foi encarregada de expedilas só nessa cidade. Não é prodigioso ver simples operários reservarem suas economias para comprar livros de moral e de filosofia, antes que romances e bagatelas? Homens preferirem essa leitura às alegrias barulhentas e embrutecidas do cabaré? Ah! é que esses homens e essas mulheres, que sofrem como vós, compreendem agora que não é neste mundo que a sua sorte se cumpre; a cortina se levanta e eles entrevêm os esplêndidos horizontes do futuro. Essa pequena cidade é Chauny, no departamento do Aisne. Novas crianças na grande família, vos saúdam, irmãos de Lyon, como mais velhos, e formam doravante um dos anéis da corrente espiritual que já une Paris, Lyon, Metz, Sens, Bordeaux

e outras, e que logo ligará todas as cidades do mundo num sentimento de mútua confraternização; porque por toda a parte o Espiritismo lançou sementes fecundas, e seus filhos já se estendem as mãos acima das barreiras dos preconceitos de seitas, de castas e de nacionalidades.

Vosso muito devotado irmão e amigo,

ALLAN KARDEC.

O Espiritismo é provado por milagres ?

Revista Espírita, fevereiro de 1862

Dissertações de vários Espíritos sobre esta pergunta

Um eclesiástico nos dirigiu a pergunta seguinte:

"Todos aqueles que tiveram missão de Deus de ensinar a verdade aos homens, provaram sua missão por milagres. Por quais milagres provais a verdade de vosso ensinamento?"

Não é a primeira vez que esta pergunta é dirigida, seja a nós, seja a outros Espíritos; parece que se lhe dá uma grande importância, e que de sua solução depende a sentença que deve condenar ou absolver o Espiritismo. É preciso convir que, neste caso, a nossa posição é crítica, porque estamos como pobre diabo que não tinha uma moeda em seu bolso e a quem se pediu a bolsa ou a vida. Nós confessamos pois, humildemente, que não temos o menor milagre a oferecer; dizemos mais, é que o Espiritismo não se apoia sobre nenhum fato miraculoso; seus adeptos nunca fizeram e não têm a pretensão de fazer nenhum milagre; não se crêem bastante dignos para que, à sua voz, Deus mude a ordem eterna das coisas. O Espiritismo constata um fato material, o da manifestação das almas ou Espíritos. Esse fato é real, sim ou não? Aí está toda a questão; ora, nesse fato, admitindo como verdadeiro, nada há de miraculoso. Como as manifestações desse gênero, tais como as visões, aparições e outras, ocorreram em todos os tempos, assim como atestam as histórias, sagradas e profanas, e os livros de todas as religiões, outrora puderam passar por sobrenaturais; mas hoje que se lhes conhece a causa, que se sabe que se produzem em virtude de certas leis, sabe-se também que lhes falta o caráter essencial dos fatos miraculosos, o de fazer exceção à lei comum.

Essas manifestações, observadas em nossos dias com mais cuidado do que na antigüidade, observadas sobretudo sem prevenção, e com a ajuda de investigações tão minuciosas quanto as que aplica no estudo das ciências, têm por consequência provar, de maneira irrecusável, a existência de um princípio inteligente fora da matéria, sua sobrevivência aos corpos, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade, seu futuro feliz ou infeliz, por conseguinte, a base de todas as religiões.

Se a verdade não fosse provada senão por milagres, poder-se-ia perguntar por que os sacerdotes do Egito, que estavam no erro, reproduziram diante do Faraó aquilo que Moisés fez? Por que Apolônio de Tiana, que era pagão, curava pelo toque, devolvia a visão aos cegos, a palavra aos mudos, predizia as coisas futuras e via o que se passava à distância? O próprio Cristo não disse: "Haverá falsos profetas que farão prodígios"? Um de nossos amigos, depois de uma fervorosa prece ao seu Espírito protetor, foi curado quase instantaneamente de uma enfermidade, muito grave e muito antiga, que resistia a todos os remédios; para ele o fato era verdadeiramente miraculoso; mas, como ele acreditava nos Espíritos, um cura, a quem contou a coisa, disse-lhe que o diabo também pode fazer

milagres. "Nesse caso, disse esse amigo, se foi o diabo que me curou, é ao diabo que devo agradecer."

Os prodígios e os milagres não são, pois, o privilégio exclusivo da verdade, uma vez que o próprio diabo pode fazê-los. Como, então, distinguir os bons dos maus? Todas as religiões idolatras, sem delas excetuar a de Maomé, se apoiam sobre fatos sobrenaturais. Isso prova uma coisa, é que os fundadores dessas religiões conheciam os segredos naturais desconhecidos do vulgo. Cristóvão Colombo não passou por um ser sobre-humano, aos olhos dos selvagens da América, por haver predito um eclipse? Ele não teve senão que, a eles, se fazer passar por um enviado de Deus. Para provar seu poder, Deus tem, pois, necessidade de fazer o que ele fez? De fazer girar à direita o que deve girar à esquerda? Provando o movimento da Terra pelas leis da Natureza, Galileu não estava mais com a verdade do que aqueles que pretendiam que, por uma derrogação dessas mesmas leis, seria necessário parar o Sol? Também, sabe-se o que isso lhe custou, a ele e a tantos outros, por terem demonstrado um erro. Dizemos que Deus é maior pela imutabilidade de suas leis do que em derogando-as, e se lhe aprouve fazê-lo em algumas circunstâncias, esse não pode ser o único sinal que dá da verdade. Pedimos consentir em se reportar ao que dissemos, a esse respeito, no nosso artigo do mês de janeiro, a propósito do *sobrenatural*. Retornemos às provas da verdade do Espiritismo.

Há no Espiritismo duas coisas: o fato da existência dos Espíritos e de suas manifestações, e a doutrina que disso decorre. O primeiro ponto não pode ser posto em dúvida senão por aqueles que não viram ou que não quiseram ver; quanto ao segundo, a questão é saber se essa doutrina é justa ou falsa: é um resultado de apreciação.

Se os Espíritos não manifestam sua presença senão por ruídos, movimentos, efeitos físicos, em uma palavra, isso não provaria grande coisa, porque não se saberia se são bons ou maus. O que é sobretudo característico nesse fenômeno, o que é de natureza a convencer os incrédulos, é poder reconhecer, entre os Espíritos, seus parentes e seus amigos. Mas como os Espíritos podem atestar a sua presença, a sua individualidade, e fazer julgar suas qualidades, se isso não for falando? Sabe-se que a escrita por médiuns é um dos meios que eles empregam. Desde que têm um meio de exprimirem suas idéias, podem dizer tudo o que querem; segundo o grau de seu adiantamento, dirão coisas mais ou menos boas, justas ou profundas; deixando a Terra, não abdicam de seu livre arbítrio; como todos os seres pensantes, têm sua opinião; como entre os homens, os mais avançados dão os ensinamentos de uma alta moralidade, conselhos cheios da mais profunda sabedoria. São esses ensinamentos e esses conselhos que, coletados e postos em ordem, constituem a Doutrina Espírita ou dos Espíritos. Considerai esta doutrina, se o quiserdes, não como uma revelação divina, mas como a expressão de uma opinião pessoal, a tal ou tal Espírito, a questão é saber se ela é boa ou má, justa ou falsa, racional ou ilógica. A que se reportar para isso? É ao julgamento de um indivíduo? De alguns indivíduos mesmo? Não; porque, dominados pelos preconceitos, as idéias preconcebidas, ou os interesses pessoais, podem se enganar. O único, o verdadeiro juiz, é o público, porque ali não há o interesse de associação, e que nas massas há um bom senso inato que não se engana. A lógica sã diz que a adoção de uma idéia, ou de um princípio, pela opinião geral, é uma prova de que ela repousa sobre um fundo de verdade.

Os Espíritos não dizem, pois: "Eis uma doutrina saída da boca do próprio Deus, revelada a um único homem por meios prodigiosos, e que é preciso impor ao gênero humano." Eles dizem, ao contrário:

"Eis uma doutrina que não é nossa, e da qual não reivindicamos o mérito; nós a adotamos

porque a achamos racional. Atribuí-lhe a origem que quiserdes: de Deus, dos Espíritos ou dos homens; examinai-a; se ela vos convém, adotai-a; caso contrário, ponde-a de lado." Não se pode ser menos absoluto. O Espiritismo não vem, pois, intrometer-se na religião; ele não se impõe; não vem forçar a consciência, não mais dos católicos do que dos protestantes, dos judeus; ele se apresenta e diz: "Adotai-me, se me achais bom." É culpa dos Espíritos se o acham bom? Se nele se encontra a solução do que se procurava em vão alhures? Se nele se haurem consolações que tornam felizes, que dissipam os terrores do futuro, acalmam as angústias da dúvida e dão coragem para o presente? Não se dirige àqueles a quem as crenças católicas ou outras bastam, mas àqueles que elas não satisfazem completamente, ou que desertaram; em lugar de não mais crer em nada, os conduz a crerem em alguma coisa, e a crer com fervor. O Espiritismo não veio, pois, dividir; conduz, pelos meios que lhe são próprios, aqueles que se afastam; se os recusais, estarão forçados a ficar de fora. Em vossa alma e consciência, dizei se, para eles, seria preferível serem ateus.

Pergunta-se sobre que milagre nós nos apoiamos para crer a Doutrina Espírita boa. Nós a cremos boa, não só porque é nossa opinião, mas porque milhões de outros pensam como nos; porque ela conduz a crer aqueles que não crêem; dá coragem nas misérias da vida. O milagre! é a rapidez de sua propagação, estranha nos fastos das doutrinas filosóficas; foi por ter, em alguns anos, feito a volta ao mundo, e estar implantada em todos os países e em todas as classes da sociedade; foi por ter progredido, apesar de tudo o que se fez para detê-la, de transtornar as barreiras que se lhe opôs; de encontrar um acréscimo de forças nas próprias barreiras. Está aí o caráter de uma utopia? Uma idéia falsa pode encontrar alguns partidários, mas nunca tem senão uma existência efêmera e circunscrita; perde terreno em lugar de ganhá-lo, ao passo que o Espiritismo ganha-o em lugar de perdê-lo. Quando é visto germinar por todas as partes, acolhido por toda a parte como um benefício da Providência, é que ali está o dedo da Providência; eis o verdadeiro milagre, e nós o cremos suficiente para assegurar o seu futuro. Direis que, aos vossos olhos, não há um caráter providencial, mas um caráter diabólico; é-lhes permitido ter essa opinião: contanto que ele caminhe, é o essencial. Diremos somente que, se uma coisa se estabelecesse universalmente pelo poder do demônio, e apesar dos esforços daqueles que dizem agir em nome de Deus, isso poderia fazer crer, a certas pessoas, que o demônio é mais poderoso do que a Providência. Pedis milagres! eis um deles que nos dirige um dos nossos correspondentes da Argélia:

"O Sr. P..., antigo oficial era bem o mais endurecido dos incrédulos; tinha o fanatismo da irreligião; dissera: Deus, é o mal, antes de Proudhon; ou, melhor dizendo, não admitia nenhum Deus e não reconhecia senão o nada. Quando o vi procurar o vosso *O Livro dos Espíritos*, acreditei que iria coroar essa leitura com alguma elucubração satírica, como tinha o hábito de fazê-lo contra os sacerdotes, e mesmo contra o Cristo; não me parecia possível que um ateísmo tão inveterado jamais pudesse ser curado. Pois bem! *O Livro do Espíritos*, no entanto, fez esse milagre. Se conhecêsseis o homem como o conheci, estarieis confiante em vossa obra, e olharíeis a coisa como o vosso maior sucesso. Aqui, isso espanta todo o mundo; entretanto, quando se iniciou na palavra da verdade, não há mais ali do que se surpreender, certamente, depois de refletir." Acrescentemos, o que não pode prejudicar, que nosso correspondente é um jornalista que, ele também, professava opiniões muito pouco espiritualistas, e ainda menos espíritas. Onde tomou esse senhor força para se impor a crença em Deus em sua alma? Não, e não é provável que fosse sacerdote. Foi fascinado pela visão de alguns fenômenos prodigiosos? Não mais, porque nada viu no fato das manifestações; somente leu, compreendeu, achou os raciocínios lógicos, e acreditou. Direis que essa conversão, e tantas outras, são a obra do diabo? Se assim fora, o diabo tem uma singular política de dar armas contra si mesmo, e é muito desajeitado deixando escapar aqueles que tinha em suas garras. Esse milagre, porque não o fizestes? Seríeis, pois, menos

fortes que o diabo para fazer crer em Deus? Uma outra questão, eu vos peço. Esse senhor, então quando era ateu e blasfemador, estava condenado pela eternidade? - Sem nenhuma dúvida. - Agora que, segundo vós, está convertido a Deus, pelo diabo, está ainda condenado? Suponhamos que, crendo muito em Deus, em sua alma, na vida futura feliz ou infeliz, e que em virtude dessa crença seja melhor do que era, não adote mais completamente ao pé da letra a interpretação de todos os dogmas, que repele mesmo algum deles, está ainda condenado? Se disserdes: *sim*, a crença em Deus não lhe serve para nada; se disserdes: *não*, em que se torna a máxima: *Fora da Igreja não há salvação?* O Espiritismo diz: *Fora da caridade não há salvação.* Credes que, entre os dois, esse senhor balance? Até mesmo queimado segundo um, salvo segundo o outro; a escolha não parece duvidosa.

Essas idéias, como todas as idéias novas, contrariam certas pessoas, certos hábitos, certos interesses mesmo, como as estradas de ferro contrariaram os senhores das postas, e aqueles que tinham medo; como uma revolução contraria certas opiniões; como a imprensa contrariou os escreventes; como o Cristianismo contrariou os sacerdotes pagãos; mas que fazer disso, quando uma coisa se instala, bom ou malgrado, por sua própria força, e que ela é aceita pela generalidade? É bem preciso tomar o seu partido e dizer, como Maomé, que é o que deve ser. Que fareis se o Espiritismo tornar-se uma crença universal? Repelireis todos aqueles que o admitirem? - Isso não o será; isso não pode ser, direis. - Mas se isso for, ainda uma vez, que fareis?

Pode-se deter esse vôo? Seria preciso, para isso, deter não um homem, mas os Espíritos, e impedi-los de falar; queimar não um livro, mas as idéias; impedir os médiuns de escreverem e de se multiplicarem. Um de nossos correspondentes nos escreveu de uma cidade do departamento de Tarn:

"Nosso cura fez propaganda para nós; ele esbraveja do púlpito contra o Espiritismo, que não é outra coisa senão a obra do demônio, disse ele. Quase que me designou como o grande-sacerdote da Doutrina em nossa cidade; agradeço-lhe do fundo do coração; forneceu-me, assim, as ocasiões para conversar com aqueles que não tinham ouvido dele falar, e que me abordam para saberem o que é. Hoje, temos muitos médiuns entre nós." O resultado é o mesmo por toda a parte onde se quis gritar contra. Hoje, a idéia espírita está lançada; é acolhida porque agrada; vai do palácio à choupana, e se pode julgar, dos efeitos das tentativas futuras, por aquelas que fizeram para abafá-lo.

Em resumo, o Espiritismo, para se estabelecer, não reivindica a ação de nenhum milagre; não quer, em nada, mudar a ordem das coisas; procurou e encontrou a causa de certos fenômenos, erradamente reputados como sobrenaturais; em lugar de se apoiar no sobrenatural, repudia-o por sua própria conta; dirige-se ao coração e à razão; a lógica lhe abre o caminho, a lógica o fará acabar.

Isso é um adiantamento sobre a resposta que devemos à brochura do Sr. cura Marouzeau.

Deixemos agora os Espíritos falarem. Tendo lhes sido colocada a pergunta acima, eis algumas das respostas obtidas por intermédio de diferentes médiuns:

'Venho vos falar da realidade da Doutrina Espírita, e opô-la aos milagres, cuja ausência parece dever servir de arma aos seus detratores. Os milagres necessários às primeiras idades da Humanidade, para impressionar os Espíritos que importava submeter; os milagres, quase todos explicados hoje pelas descobertas das ciências físicas ou outras, tornaram-se agora inúteis, direi mesmo perigosos, uma vez que suas manifestações não

despertariam senão a incredulidade ou a zombaria. O reino da inteligência, enfim, está chegado, não ainda em sua triunfante expressão, mas em suas tendências. Que pedis? Quereis ver de novo as varinhas transformadas em serpentes, os enfermos se levantarem e os pães se multiplicarem? Não, não vereis mais isso; mas vereis os incrédulos se abrandarem e dobrar, diante do altar, seus joelhos enrijecidos. Esse milagre vale tanto quanto o da água jorrando da rocha. Vereis o homem desolado, curvado sob o fardo da infelicidade, vê-lo-eis desviar da pistola armada e gritar: "Meu Deus, sede bendito, uma vez que a vossa vontade levantou minhas provas ao nível do amor que vos devo". Por toda a parte, enfim, vós que atacais os fatos com os textos, o espírito com a letra, vereis a luminosa verdade se estabelecer sobre as ruínas de vossos mistérios carcomidos."

LÁZARO (Médium, Sra. Costel).

"Demonstrei, em uma de minhas últimas meditações, que se leu, creio, aqui, que a Humanidade, atualmente, está em progressão. Até o Cristo, a Humanidade bem que tinha um corpo; era certamente esplêndida; fizera mesmo heróicos esforços e sublimes virtudes; mas onde estava sua ternura, onde estava sua mansuetude? Haveria, na antigüidade, muitos exemplos a esse respeito. Abri um poema antigo: onde está a mansuetude; onde está a ternura? Já encontrareis a expansão no poema quase todo cristão da Dido de Virgílio, espécie de heroína melancólica que o Tasso ou Ariosto teria tornado interessante em seus cantos cheios de alegria cristã.

"O Cristo, pois, veio falar ao coração da Humanidade; mas sabeis, o próprio Cristo disse, ele veio encarnado no meio do paganismo, e prometeu vir no meio do Cristianismo. Há no indivíduo a educação do coração, como há a da inteligência; do mesmo modo para a Humanidade. O Cristo, pois, é o grande educador. Sua ressurreição é o símbolo de sua fusão espiritual em todos, e essa fusão, essa expansão dele mesmo, começais apenas a senti-la. O Cristo não veio mais fazer milagres; veio falar diretamente ao coração, em lugar de falar aos sentidos. Com aqueles que lhe pediam um milagre no céu, ia além, e alguns mais longe, improvisou seu magnífico sermão da montanha. Ora, portanto, àqueles que pedem ainda milagres, o Cristo responde por todos os Espíritos sábios e esclarecidos: Credes, pois, mais em vossos olhos, em vossos ouvidos, em vossas mãos do que no vosso coração? Minhas feridas estão fechadas atualmente; o Cordeiro foi sacrificado; a carne foi arruinada; o materialismo a viu; agora é a vez do Espírito. Deixo os falsos profetas; não me apresento diante dos poderosos da Terra como Simão, o mago, mas vou àqueles que realmente têm sede, que realmente têm fome, àqueles que sofrem em seu coração, e não àqueles que não são espiritualistas senão como verdadeiros e puros materialistas."

LAMENNAIS (Méd. Sr. A. Didier)

"Pergunta-se quais são os milagres que fazemos; mas me parece que, há alguns anos, suas provas estão bastante evidentes. Os progressos do espírito humano mudaram a face do mundo civilizado; tudo progrediu, e aqueles que quiseram ficar atrás desse movimento são como os párias das sociedades novas.

"À sociedade tal qual está hoje preparada para os acontecimentos, que é preciso, senão tudo o que impressiona a razão e a esclarece? Pode ser que, em certas épocas, Deus quis se comunicar por inteligências superiores, tais como Moisés e outros; desses grandes homens datam as grandes épocas, mas o espírito dos povos progrediu depois. As grandes imagens dos predestinados enviados por Deus, lembram uma lenda miraculosa; e depois um fato, freqüentemente simples em si mesmo, se torna maravilhoso diante da multidão impressionável e preparada para emoções que só a Natureza sabe dar aos seus filhos

ignorantes.

"Mas, hoje, tendes necessidade de milagres? - Tudo está transformado ao vosso derredor; a ciência, a filosofia, a indústria, desenvolveram tudo o que vos cerca, e pensais que nós, os Espíritos, não participamos em nada nessas modificações profundas? - Estudando, comentando, aprendeis e meditais melhor; os milagres não são mais de vossa época e deveis vos elevar acima desses preconceitos que ficaram na memória, como tradições. Vos daremos a verdade, e sempre nosso concurso. Nós vos esclarecemos, a fim de vos tornar melhores e fortes; crede e amai; e o milagre procurado se produzirá em vós. Conhecendo e compreendendo melhor o objetivo desta vida, sereis transformados sem fatos físicos.

"Procurais apalpar, tocar a verdade, e ela vos cerca e vos penetra. Sede, pois, confiantes em vossas próprias forças, e o Deus de bondade que vos deu o espírito tornará a vossa força temível. Por ele expulsareis as nuvens que obscurecem a vossa inteligência, e compreenderéis que o Espírito é todo imortalidade, todo poder. Postos em relação com essa lei de Deus, chamada progresso, não procurareis mais no prestígio dos grandes nomes, que são como mitos da antigüidade, uma resposta e um escolho contra o Espiritismo, que é a verdadeira revelação, a fé, a ciência nova que consola e torna forte."

BALUZE (Méd. P.-G. Leymarie).

"Para provar a verdade da Doutrina Espírita, pedem-se milagres; e quem pede essa prova da verdade? Aquele que deveria ser o primeiro a crer e a ensinar..."

"O maior dos milagres vai se operar logo; padres do catolicismo, escutai; quereis milagres, ei-los que se operam... A cruz do Cristo se desmoronava sob os golpes do materialismo, da indiferença e do egoísmo, ei-la que se reergue bela e resplandecente, sustentada pelo Espiritismo? Dizei-mo, isso não é o maior milagre: uma cruz que se endireita, tendo em cada um de seus lados a Esperança e a Caridade? - Em verdade, padres da Igreja, crede e vede: os milagres vos cercam!... Como chamareis esse retorno comum à crença casta e pura do Evangelho, por que todas as filosofias se unirão no Espiritismo? O Espiritismo será a glória e o facho que iluminará todo o Universo. Oh! Então o milagre será manifesto e brilhante, porque não haverá mais, neste mundo, senão uma única e mesma família. Quereis milagres! Vede essa pobre mulher sofredora e sem pão; como treme em sua mansarda; o sopro com o qual ela quer aquecer dois pequenos seres que morrem de fome, é mais frio e mais glacial que o vento que se engolfa em sua miserável morada; por que, pois, tanta calma e serenidade sobre seu rosto no meio de tanta miséria? Ah! é que ela viu brilhar uma estrela ardente acima de sua cabeça; a luz celeste se espalhou em seu reduto; ela não chora mais, ela espera! Ela não maldiz mais, não pede somente a Deus que lhe dê a coragem de suportar a prova!... E eis que as portas da mansarda se abrem e que a Caridade vem ali depositar o que a sua benfazeja mão pode distribuir!..."

"Que doutrina dará mais sentimento e impulsos ao coração? O Cristianismo plantou o estandarte da igualdade sobre a Terra, o Espiritismo arvora o da fraternidade!... Eis o milagre, o mais celeste e o mais divino que se possa produzir!... Padres, cujas mãos, algumas vezes, estão enlameadas pelo sacrilégio, não peçais milagres físicos, por que então vossas fronteiras poderiam se quebrar sobre a pedra que pisais para subir ao altar!..."

"Não, o Espiritismo não se prende aos fenômenos físicos, não se apoia sobre os milagres que falam aos olhos, mas dá a fé ao coração, e, dizei-mo, não está ainda aí o maior milagre?..."

Nota. - Isto não pode, evidentemente, se aplicar senão aos padres que mancharam o santuário, como Verger e outros.

O Vento

Revista Espírita, fevereiro de 1862

FÁBULA ESPÍRITA.

Quanto mais a crítica tem ressonância,
mais pode fazer de bem, chamando
a atenção dos indiferentes.

(ALLAN KARDEC.)

O vento forte queria reinar senhor na planície.
Em seu vô impetuoso,
Atormentava com seu ardente hálito
Um olmo secular, de pé largo e nodoso.

De seus ramos fecundos, dizia-se, a semente
Poderia juncar a terra, ali germinar e surgir;
Prevemos uma luta, e vigiamos o futuro
De tanto obstáculos feitos para dificultar meu poder.

E os pequenos penachos verdes,
Se desfolhando aos golpes que os atinge,
Em turbilhões leves se perdem nos ares,
Os grãos, entretanto, escapam

ao sopro que se esforça por varrer seu vôo,
E, apesar dele, tomam raiz no solo.
Contra as leis de amor e de austera sabedoria
Que difunde o Espiritismo, árvore de verdade,

O vento da incredulidade
Sopra, resmunga, fere sem cessar.
Faz nascer e crescer o que acreditava comprimir:
Quer expulsar o germe... ajuda-o a semear.

C. DOMBRE (de Marmande).

A Reencarnação na América

Revista Espírita, fevereiro de 1862

Admira-se, freqüentemente, que a doutrina da reencarnação não haja sido ensinada na América, e os incrédulos não deixaram de nisso se apoiar para acusar os Espíritos de contradição. Não repetiremos aqui as explicações que demos, e que publicamos, sobre esse assunto, nos limitaremos a lembrar que nisso os Espíritos mostraram a sua prudência habitual; quiseram que o Espiritismo nascesse num país de liberdade absoluta quanto à emissão das opiniões; o ponto essencial era a adoção do princípio, e para isso não quiseram estar embaraçados em nada; não ocorria o mesmo em todas as suas conseqüências, e sobretudo da reencarnação, que se chocaria contra os preconceitos da escravidão e da cor. A idéia de que o negro poderia tornar-se um branco; que um branco poderia ter sido negro; que um senhor pudera ser escravo; pareceu de tal modo monstruosa que bastou para fazer rejeitar o todo; os Espíritos, pois, preferiram sacrificar, momentaneamente, o acessório ao principal, e sempre dissemos que, mais tarde, a unidade se faria sobre este ponto como sobre todos os outros. Foi, com efeito, o que começou a ocorrer: várias pessoas do país nos disseram que essa doutrina encontra ali, agora, numerosos partidários; que certos Espíritos, depois de tê-la feito pressentir, vêm confirmá-la. Eis o que nos escreveu, a este respeito, de Montreal (Canadá), o Sr. Henry Lacroix, natural dos Estados Unidos:

"... A questão da reencarnação, da qual fostes o primeiro promotor *visível*, nos pegou de surpresa aqui; mas hoje estamos reconciliados com ela, com essa filha de vosso pensamento. Tudo se tornou compreensível por essa nova claridade, e vemos agora, diante de nós, bem longe no caminho eterno. Isso nos parecia, todavia, bem absurdo, como dizíamos no começo; mas hoje negamos, amanhã cremos, eis a Humanidade. Felizes são aqueles que querem saber, por que a luz se faz para eles; infelizes são os outros; porque permanecem nas trevas".

Assim foi a lógica, a força do raciocínio, que os conduziu a essa doutrina, e porque nela encontraram a única chave que podia resolver os problemas até então insolúveis. No entanto, nosso honroso correspondente se engana sobre um fato importante, nos atribuindo a iniciativa desta doutrina, que chama a filha de nosso pensamento. É uma honra que não nos ocorre: a reencarnação foi ensinada pelos Espíritos a outros senão a nós, antes da publicação de *O Livro dos Espíritos*; além disso, o princípio foi claramente colocado em várias obras anteriores, não somente as nossas, mas ao aparecimento das mesas girantes, entre outras, em *Céu e Terra*, de Jean Raynaud, e num encantador livrinho de Louis Jourdan, intitulado *Preces de Ludowic*, publicado em 1849, sem contar que esse dogma era professado pelos Druidas, aos quais, certamente, não ensinamos (1-(1) Ver a *Revista Espírita*, abril de 1858, página 95: *O Espiritismo entre os Druidas*. artigo contendo as *Tríades*.). Quando nos foi revelado, ficamos surpresos, e o acolhemos com hesitação, com desconfiança: nós o combatemos durante algum tempo, até que a evidência nos foi demonstrada. Assim, esse dogma, nós o ACEITAMOS e não INVENTAMOS, o que é muito diferente.

Isto responde à objeção de um de nossos assinantes, Sr. Salgues (de Angers), que é um dos antagonistas confessos da reencarnação, e que pretende que os Espíritos, e os médiuns que o ensinam, sofrem a nossa influência, tendo em vista que, aqueles que se comunicam com ele, dizem o contrário. De resto, o Sr. Salgues alega contra a reencarnação objeções especiais, das quais faremos, num destes dias, o objeto de um exame particular. À espera

disso, constatamos um fato, é que o número de seus partidários cresce sem cessar, e que o de seus adversários diminui; se esse resultado for devido à nossa influência, é nos atribuir uma muito grande, uma vez que se estende da Europa à América, da Ásia à África e até à Oceania. Se a opinião contrária é a verdade, como ocorre que não haja preponderado? O erro seria, pois, mais poderoso do que a verdade?

Novos médiuns americanos em Paris

Revista Espírita, fevereiro de 1862

Os médiuns americanos passam, com razão, por levar a melhor, pelo número e pela força, sobre os do antigo continente, no fato das manifestações físicas. Sua reputação, sob esse aspecto, está tão bem estabelecida, sobretudo depois do Sr. Home, que só esse título parece prometer prodígios: o Sr. Squire, para muitas pessoas, não era designado senão sob o nome de médium americano. Um charlatão que corria as cidades e as feiras, há alguns anos, para dar representações, chamava a atenção como médium americano, embora fosse perfeitamente Francês. Eis que vindo dois novos que não têm de médium senão o nome, e dos quais não teríamos falado, porque sua *arte é estranha* ao nosso assunto, se sua chegada, anunciada com estrondo, não tivesse causado uma certa sensação pela natureza de suas pretensões. Para a edificação de nossos leitores e não ser taxado de parcialidade, transcreveremos textualmente seus prospectos, dos quais Paris vem de ser inundada.

"Divertimento dos salões parisienses. - Da novidade, nada senão da novidade!!! - Serão para as famílias e reuniões privadas dadas pelos MÉDIUNS AMERICANOS, Sr. C. Eddwards Girroodd, de Kingstown (lago Ontário), alto Canadá, e Sra. Júlia Girroodd, cognominada pela imprensa inglesa e americana a *Graciosa Sensitiva*.

"Um álbum de mais de 200 páginas, do qual cada folha é uma carta de felicitação, assinada pelos maiores nomes de França, seja na nobreza, no exército, na literatura, assim como por 16 arcebispos e bispos de França, e de um grande número de eclesiásticos de alta distinção, está à disposição das pessoas que, querendo dar um serão, desejarem antes se assegurar do bom gosto, da riqueza e da novidade de suas experiências.

"Sr. e Sra. Girroodd, os únicos na França dando suas experiências, ainda não passaram senão três meses em Paris, e quarenta e duas sessões nos primeiros Salões da Capital e nas Tuileries, 12 de maio de 1861, assim como entre vários membros da Família Imperial.

"Imediatamente colocaram suas EXPERIÊNCIAS muito acima de tudo o que se viu, até este dia, como Recreação dos Serões.

"Sua prestidigitação, contrariamente ao uso dos Srs. físicos, não exige os menores preparativos e arranjos particulares, e os artistas operam facilmente no meio de um círculo de espectadores atentos, sem medo, um só minuto, de ver destruir a ilusão.

"OS SORTILÉGIOS não são senão uma fraquíssima parte de seus talentos variados. O Mundo dos Espíritos obedece às suas vozes- VISÃO - ÊXTASE - FASCINAÇÃO - MAGNETISMO - ELETRO-BIOLOGIA- ESPÍRITOS BATEDORES - ESPIRITUALISMO, etc., tudo o que a ciência e o charlatanismo inventaram, que pasma, em nossos dias, os incrédulos, até lhes dar uma fé robusta em tudo o que não é senão hábil malabarismo, onde se é cúmplice com seu desconhecimento. Em uma palavra, o Sr. e a Sra. GIRROODD, depois de se terem mostrado como feiticeiros - mas feiticeiros de boa companhia - sábios como MERLIN o Encantador, demonstrarão, se for preciso, os segredos de sua ciência.

"A fé cristã não pode senão ganhar em ver claramente que tudo o que ela não ensinou não é senão brilhante charlatanismo.

"Para as pequenas reuniões ou serões para as crianças, o Sr. Girroodd contratou, para todo o inverno, um dos mais HÁBEIS FÍSICOS da capital, e com um VENTRÍLOQUO cognominado O HOMEM DOS BONECOS FALANTES, que darão sessões a preços reduzidos".

Esse senhor e essa senhora, como se vê, não têm nada menos do que a pretensão de matar o Espiritismo, e se colocam como defensores da *fé cristã*, muito surpresos, sem dúvida, por encontrarem a prestidigitação por auxiliar; mas isso pode aumentar uma certa clientela.

Eles se dizem *médiuns*, e não deixam de omitir o título de *americanos*, passaporte indispensável, como os nomes em / para os músicos, e isso para provar que os médiuns não existem, tendo em vista, dizem, que podem reproduzir, com a ajuda da destreza, da mecânica e dos meios que lhes são particulares, tudo o que fazem os médiuns. Isso prova uma coisa, é que tudo pode ser imitado: a ilusão não é senão uma questão de habilidade. Mas do fato de que se pode imitar uma coisa, segue-se que a coisa não exista? A prestidigitação imitou, ao ponto de enganar-se, a lucidez sonambúlica, é preciso concluir disso que não há sonâmbulos? Fez-se cópia de Rafael que se tomou pelos originais; é que Rafael não teria existido? O Sr. Robert-Houdin mudou água em vinho, fez sair de um chapéu (não preparado) milhares de objetos podendo encher uma grande caixa, isso prejudica contra os milagres das bodas de Cana e da multiplicação dos pães? Todavia, ele faz bem mais do que mudar a água em vinho, uma vez que de uma garrafa, faz sair meia dezena de licores diferentes e deliciosos.

Todas as manifestações físicas se prestam maravilhosamente à imitação, e também são aquelas que o charlatanismo explora; ele distancia mesmo de bem longe os Espíritos, sobretudo em fatos de *transportes*, uma vez que os produz à vontade e a propósito, dos quais os Espíritos e os melhores médiuns são incapazes. De resto, é preciso fazer justiça a esse senhor e à sua senhora, é que não procuram, de nenhum modo, enganar o público; não se fazem passar pelo que não são, e se colocam decididamente como imitadores ágeis, e nissô são mais estimáveis do que aqueles que se dão falsamente como médiuns; o são mesmo muito mais que os verdadeiros médiuns que, para produzirem mais efeitos e ultrapassar seus concorrentes, acrescentam o subterfúgio à realidade. É verdade que a franqueza, algumas vezes, é uma boa política; colocar-se como vulgares prestidigitadores, está muito gasto; mas querer provar que os médiuns são escamoteadores, escamoteando por si mesmos, é um atrativo de novidade que se pode fazer pagar largamente pelos curiosos.

A agilidade, como dissemos, não prejudica nada contra a realidade dos fenômenos, longe de prejudicar, terá uma grande utilidade. É, primeiro, uma trombeta a mais que chamará a atenção e fará as pessoas que nele nunca ouvirem falar, pensar no Espiritismo; como em todas as críticas, se quererá ver o pró e o contra; ora, o resultado da comparação não é duvidoso. Uma utilidade maior ainda, é a de se colocar em guarda contra a possibilidade da fraude e os subterfúgios dos falsos médiuns; provando a possibilidade da imitação, é expor aqueles a uma má direção e arruinar o seu crédito. Se sua destreza pudesse prejudicar alguma coisa, isso seria a confiança que se lhe concede, talvez um pouco levianamente, aos prodígios que obtêm tão *facilmente* certos médiuns além do Atlântico, porque não foi dito que o Sr. e a Sra. Girroodd tenham o privilégio de seus segredos. Se nos for dado um dia assistir a uma dessas sessões, será para nós um prazer dela dar conta para a instrução dos

nossos leitores.

Quando dizemos que tudo pode ser imitado, é preciso, entretanto, disso excetuar as condições verdadeiramente normais nas quais podem se produzir as manifestações espíritas; de onde se pode dizer que todo fenômeno que se afasta dessas condições, deve ser tido por suspeito; ora, para julgar sadiamente uma coisa, é preciso tê-la estudado. As próprias manifestações inteligentes não estão ao abrigo dos malabarismos; mas há as que, por sua natureza e pelas circunstâncias nas quais são obtidas, desafiam a habilidade de imitação a mais hábil, tais como, por exemplo, a evocação de pessoas mortas, revelando com verdade particularidades de sua existência, desconhecidas do médium e dos assistentes, e, melhor ainda, essas dissertações de várias páginas, escritas de um só jato, sem rasuras, com rapidez, eloquência, correção, profundidade, ciência e sublimidade de pensamentos, sobre assuntos dados, fora dos conhecimentos e da capacidade do médium, e que este mesmo não compreende. Para executar tais prodígios seria preciso ser um gênio universal; ora, os gênios universais são raros, e, aliás, não se dão em espetáculo; no entanto, é o que se faz todos os dias, não por *um indivíduo privilegiado*, mas por milhares de indivíduos de toda idade, de todo sexo, de toda classe e de todo grau de instrução, dos quais a honradez e o desinteresse absoluto são a melhor garantia de sinceridade, porque o charlatanismo não dá nada por nada. Se o Sr. e Sra. Girroodd quisessem aceitar uma luta, seria sobre esse terreno que os chamaríamos, entregando-lhes de boa vontade o das manifestações físicas.

Nota. - Uma pessoa que se diz bem informada nos assegura que *Eddwards Girroodd* deve-se traduzir por *Edouard Girod*, e *Kingstown*, lago Ontario, Alto-Canadá, por *Saint-Flour*, Cantai.

Subscrição em favor dos operários Lioneses

Revista Espírita, fevereiro de 1862

A Sociedade Espírita de Paris não podia esquecer seus irmãos de Lyon em suas aflições; desde o mês de novembro está empenhada em subscrever, por 260 francos, uma loteria beneficente organizada por vários grupos dessa cidade. Mas o Espiritismo não é exclusivista; para ele todos os homens são irmãos e se devem um mútuo apoio, sem exceção de crença. Querendo, pois, dar seu óbolo à obra comum, abriu, na sede da Sociedade, 59, rua e passagem Sainte-Anne, uma subscrição cujo produto será entregue à caixa da subscrição geral do jornal *lê Siècle*.

Uma carta de Lyon, dirigida ao Sr. Allan Kardec, informou-lhe que um Espírita anônimo vem de enviar diretamente, para esse efeito, uma soma de 500 francos. Que esse generoso benfeitor, do qual respeitamos o anonimato, receba aqui os agradecimentos de todos os membros da Sociedade.

Um Espírito que se fez conhecer sob o nome característico e gracioso de *Carita*, e cuja missão parece ser a de chamar a beneficência em socorro do infeliz, consentiu ditar, a esse respeito, a epístola seguinte, que nos foi enviada de Lyon, e que nossos leitores colocarão, sem dúvida, como nós, entre as mais encantadoras produções de além-túmulo. Possa ela despertar a simpatia de todos os Espíritas para seus irmãos sofredores! Todas as comunicações de *Carita* estão cheias da mesma marca de bondade e de simplicidade. Evocada na Sociedade de Paris, diz ter sido Santa Irene, imperatriz.

AOS ESPÍRITAS PARISIENSES QUE ENVIARAM 500 FRANCOS

PARA OS POBRES DE LYON, OBRIGADA!

"Obrigada! A vós cujo coração generoso soube compreender nosso apelo, e que veio em ajuda de vossos irmãos infelizes. Obrigada! Porque a vossa oferenda vai cicatrizar muitas feridas, entorpecer muitas dores. Obrigada! Uma vez que soubestes adivinhar que, com esse fruto de ouro que enviastes, se vai poder abrandar momentaneamente a fome, e aquecer muitas lareiras extintas há muito tempo.

"Obrigada! Sobretudo pela delicada atenção que tivestes em disfarçar a vossa boa ação sob o manto do anonimato; mas se escondestes esse generoso pensamento de ser úteis aos vossos semelhantes, como a violeta se esconde sob a folha, há um juiz, um senhor para o qual o vosso coração não tem segredo, e que sabe de onde partiu essa benfazeja roseira que veio refrescar mais de uma frente ardente, e expulsar a miséria tão temida das pobres mães de família. Deus, que tudo vê, conhece o segredo do anonimato, e se encarregará de compensar aqueles que tiveram a inspiração de socorrer as pobres vítimas de circunstâncias independentes de sua vontade. Deus, meus amigos, ama esses incensos de vossos corações que, sabendo compartilhar as dores alheias, sabe também como se pratica a caridade; aprecia, sobretudo, esse devotamento, essa abnegação que recua diante de um agradecimento pomposo e prefere proteger sua modéstia sob simples iniciais; mas deu, a

todas as bênçãos que o vosso socorro vai fazer nascer, o nome de benfeitor, porque, todos o sabeis, esses transportes de alegria, sentidos pelos corações socorridos, sobem até Deus, e como vê que esses eflúvios, partidos do reconhecimento, são o resultado de vossos benefícios, leva para o grande livro do Espírito generoso que as fez nascer, a recompensa que disso lhe aparece.

"Se vos fosse dado ouvir essas doces emoções, essas tímidas marcas de simpatia que deixam escapar esses infelizes à vista de mínima peça de dinheiro, maná celeste caído do céu sobre seu pobre reduto; se vos fosse dado assistir a esses gritos infantis do pobre e pequenino ser que compreende que o pão está assegurado por alguns dias, serieis bem felizes e vos diríeis: A caridade é doce e vale muito que se a pratique. É que, vede, é preciso pouca coisa para mudar as lágrimas em alegria, sobretudo entre o trabalhador que não tem o hábito de ver a felicidade visitá-lo com freqüência; se essa pobre formiga que recolhe, migalha a migalha, o pão do dia, acha em seu caminho um pão inteiro no momento em que desesperava de poder dar à sua família a nutrição cotidiana, então, essa fortuna inesperada lhe parece tão incompreensível que, não encontrando expressão para dizer de sua felicidade, deixa escapar algumas palavras sem seqüência, as quais sucedem as lágrimas de emoção. Socorrei, pois, os pobres, meus amigos, esses operários que não têm por última esperança senão a morte no hospital ou a mendicidade no canto de uma rua. Socorrei-os tantos quanto puderdes, a fim de que, quando Deus vos reunir, e que seguindo a longa avenida que conduz à imensa porta sobre o frontispício da qual estão gravadas estas palavras: *Amor e Caridade*, Deus, reunindo os benfeitores e os agradecidos, dirá a todos: Soubestes dar, fostes felizes em receber; ide, está bem, entrai; que a caridade que vos guiou vos introduza neste mundo radioso que reservo àqueles que tiveram por divisa: "Amemo-nos uns aos outros."

"CARITA."

Nota. - A quem se fará crer que foi o demônio que ditou tais palavras? Em todo o caso, se é o demônio que impele à caridade, não se arrisca sempre nada em fazê-la.

Ensinamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, fevereiro de 1862

(Bordeaux, Médiun, senhora Cazemajoux.)

A fé.

Eu sou a irmã mais velha da Esperança e da Caridade, chamo-me a Fé.

Sou grande e forte; aquele que me possui não teme nem o ferro e nem o fogo: é a prova de todos os sofrimentos físicos e morais. Irradio sobre vós com um faixo cujos jatos faiscantes se refletem no fundo dos vossos corações, e vos comunica a força e a vida. Diz-se entre vós que ergo as montanhas, e eu vos digo: venho erguer o mundo, porque o Espiritismo é a alavanca que deve me ajudar. Uni-vos, pois, a mim, eu sou a Fé.

Eu sou a Fé! Habito, com a Esperança, a Caridade e o Amor, o mundo dos puros Espíritos; freqüentemente, deixei as regiões etéreas, e vim sobre a Terra para vos regenerar, dando-vos a vida do Espírito; mas, à parte os mártires dos primeiros tempos do Cristianismo, e alguns fervorosos sacrifícios, de longe em longe, ao progresso da ciência, das letras, da indústria e da liberdade, não encontrei, entre os homens, senão indiferença e frieza, e retomei tristemente meu vôo para os céus; vós me criéis em vosso meio, mas vos enganastes, porque a Fé sem as obras é uma aparência de Fé; a verdadeira Fé é a vida e a ação.

Antes da revelação do Espiritismo, a vida era estéril, era uma árvore seca pelos estrondos do raio que não produzia nenhum fruto. Não se me reconhecia pelos meus atos: eu ilumino as inteligências, aqueço e fortaleço os corações; expulso para longe de vós as influências enganadoras e vos conduzo a Deus pela perfeição do espírito e do coração. Vinde vos alinhar sob minha bandeira, sou poderosa e forte: eu sou a Fé.

Eu sou a Fé, e o meu reino começa entre os homens; reino pacífico que vai torná-los felizes para o tempo presente e para a eternidade. A aurora de meu advento entre vós é pura e serena; seu sol será resplandescente, e seu deitar virá docemente embalar a Humanidade nos braços das felicidades eternas. Espiritismo! Derrama sobre os homens o teu batismo regenerador; faço-lhes um apelo supremo: eu sou a Fé.

GEORGES, Bispo de Périgueux.

A Esperança.

Eu me chamo a Esperança; sorrio à vossa entrada na vida; eu vos sigo passo a passo, e não vos deixo senão nos mundos onde se realizam, para vós, as promessas de felicidade

que ouvis, sem cessar, murmurar aos vossos ouvidos. Eu sou vossa fiel amiga; não repilais minhas inspirações: eu sou a Esperança.

Sou eu que canto pela voz do rouxinol e que lança aos ecos das florestas essa notas lamentosas e cadenciadas que vos fazem sonhar com os céus: sou eu quem inspira à andorinha o desejo de aquecer seus amores ao abrigo de vossas moradas; eu brinco na brisa leve que acaricia os vossos cabelos; eu derramo aos vossos pés os perfumes suaves das flores de vossos canteiros, e é com dificuldade que dais um pensamento a esta amiga que vos é tão devotada! Não a repilais: é a Esperança.

Eu tomo todas as formas para me aproximar de vós: eu sou a estrela que brilha no azul, o quente raio de sol que vos vivifica; embalo vossas noites de sonhos ridentes; expulso para longe de vós a negra inquietação e os pensamentos sombrios; guio vossos passos para o caminho da virtude; acompanho-vos em vossas visitas aos pobres, aos aflitos, aos moribundos e vos inspiro as palavras afetuosas que consolam; não me repilais: eu sou a Esperança.

Eu sou a Esperança! sou eu que, no inverno, faço crescer sobre a crosta dos carvalhos os musgos espessos dos quais os pequenos pássaros constróem seu ninho; sou eu que, na primavera, corôo a macieira e a amendoeira de suas flores brancas e rosas, e as derramo sobre a terra como uma juncada celeste que faz aspirar aos mundos felizes; estou sobretudo convosco quando sois pobres e sofredores; minha voz ressoa, sem cessar, em vossos ouvidos; não me repilais: eu sou a Esperança.

Não me repilais, porque o anjo do desespero me faz uma guerra obstinada e se esgota em vão esforços para me substituir junto de vós; não sou sempre a mais forte e, quando ele chega a me afastar, vos envolve com suas asas fúnebres, desvia os vossos pensamentos de Deus e vos conduz ao suicídio; uni-vos a mim para afastar sua funesta influência e deixai-vos embalar docemente em meus braços, porque eu sou a Esperança.

FELICIA. Filha do médium.

A Caridade

Eu sou a Caridade; sim, a verdadeira Caridade; não me pareço em nada com a caridade da qual seguis as práticas. Aquela que usurpou meu nome, entre vós, é fantasiosa, caprichosa, exclusiva, orgulhosa, e venho vos premunir contra os defeitos que deluam, aos olhos de Deus, o mérito e o brilho de suas boas ações. Sede dóceis às lições que o Espírito de Verdade vos faz dar por minha voz; segui-me, meus fiéis: eu sou a Caridade.

Segui-me; conheço todos os infortúnios, todas as dores, todos os sofrimentos, todas as aflições que assediam a Humanidade. Eu sou a mãe dos órfãos, a filha dos velhos, a protetora e o sustento das viúvas; eu trato das feridas infectas; eu cuido de todas as enfermidades; eu dou as vestes, o pão e um abrigo àqueles que não os têm. Eu subo aos mais miseráveis sótãos, na humilde choupana; bato à porta dos ricos e dos poderosos, porque, por toda a parte onde vive uma criatura humana, há sob a máscara da felicidade amargas e cruciantes dores. Oh! Quanto minha tarefa é grande! Não posso bastar para cumpri-la se não vierdes em minha ajuda; vinde a mim: eu sou a Caridade.

Eu não tenho preferência por ninguém; não digo jamais àqueles que têm necessidade de

mim: 'Tenho meus pobres, dirigi-vos para outra parte". Oh! Falsa caridade, quanto mal fazes! Amigos, nos devemos a todos; crede-me! não recuseis vossa assistência a ninguém; socorrei-vos uns aos outros com bastante desinteresse para não exigir nenhum reconhecimento da parte daqueles que tiverdes socorrido. A paz do coração e da consciência é a doce recompensa de minhas obras: eu sou a verdadeira Caridade.

Ninguém conhece, sobre a Terra, o número e a natureza de meus benefícios; só a falsa caridade fere e humilha aquele que ela alivia. Guardai-vos desse funesto desvio; as ações desse gênero não têm nenhum mérito junto a Deus, e atraem sobre vós sua cólera. Só ele deve saber e conhecer os impulsos generosos de vossos corações, quando vos fazeis os dispensadores de seus benefícios. Guardai-vos, pois, amigos, de dar publicidade à prática da assistência mútua. Não mais lhe deis o nome de esmola; crede em mim: Eu sou a Caridade.

Tenho tantos infortúnios a aliviar que, freqüentemente, tenho os seios e as mãos vazias; venho vos dizer que espero em vós. O Espiritismo tem por divisa: Amor e Caridade, e todos os verdadeiros espíritas virão, no futuro, se ajustar a este sublime preceito pregado pelo Cristo, há dezoito séculos. Segui-me, pois, irmãos, e vos conduzirei no reino de Deus, nosso Pai. Eu sou a Caridade.

ADOLPHE, Bispo de Argélia.

Instruções dadas pelos nossos guias a respeito das três comunicações acima.

Meus caros amigos, devestes crer que era um de nós que vos havia dado esses ensinamentos sobre a fé, a esperança e a caridade, e teríeis razão. Felizes de ver Espíritos superiores vos dar, tão amiúde, conselhos que devem vos guiar em vossos trabalhos espirituais, nós com isso não sentimos menos uma alegria doce e pura quando vimos ajudá-los na tarefa de vosso apostolado espírita.

Podeis, pois, atribuir ao Espírito do Sr. *Georges*, a comunicação da Fé; a da Esperança à *Félicia*: nela encontrareis o estilo poético que tinha durante a sua vida; a da Caridade ao Sr. *Dupuch*, bispo da Argélia, que foi, sobre a Terra, um de seus fervorosos apóstolos.

Temos ainda que vos fazer tratar a caridade de um outro ponto de vista; nós o faremos em alguns dias.

VOSSOS GUIAS.

Esquecimento das injúrias

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, senhora Costel.)

Minha filha, o esquecimento das injúrias é a perfeição da alma, como perdão das ofensas feitos à vaidade é a perfeição do Espírito. Foi mais fácil a Jesus perdoar os ultrajes de sua Paixão quanto não é fácil, ao último dentre vós, perdoar uma leve zombaria. A grande alma do Salvador, habituada à doçura, não concebia nem a amargura nem a vingança; os

nossos, obtendo o que é pequeno, esquecem o que é grande. Cada dia os homens imploram o perdão de Deus que desce sobre eles como benfazejo orvalho; mas seus corações esquecem essa palavra, sem cessar repetida na prece. Eu vos digo, em verdade, o fel interior corrompe a alma; é a pedra pesada que a fixa ao solo e retém a sua elevação. Quando sois censurados, reentrai em vós mesmos; examinai vosso pecado interior: aquele que o mundo ignora; medi a sua profundidade, e curai vossa vaidade pelo conhecimento de vossa miséria. Se, mais grave, a ofensa alcança o coração, lamentai o infeliz que a comete, como lamentais o ferido cuja ferida aberta deixa correr o sangue: a piedade é devida àquele que aniquila seu ser futuro. Jesus, no jardim das Oliveiras, conheceu a dor humana, mas ignorou sempre as asperezas do orgulho e as mesquinhas da vaidade; encarnou-se para mostrar aos homens o tipo da beleza moral que deveria lhe servir de modelo: dela não vos afasteis nunca. Modelai vossas almas como a cera mole, e fazei com que vossa argila transformada torne-se um mármore imperecível que Deus, o grande escultor, possa assinar.

LÁZARO.

Sobre os instintos

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, senhora Costel).

Eu te ensinarei o verdadeiro conhecimento do bem e do mal que o Espírito confunde tão freqüentemente. O mal é a revolta dos instintos contra a consciência, esse tato interior e delicado que é o toque moral. Quais são os limites que os separam do bem que costeia por toda a parte? O mal não é complexo: ele é um, e emana do ser primitivo que quer a satisfação do instinto às expensas do dever. O instinto, primitivamente destinado a desenvolver no *homem animal* o cuidado de sua conservação e de seu bem-estar, é a única origem do mal; porque, persistindo mais violento e mais áspero em certas naturezas, impele-os a se apoderar do que desejam ou a concentrar o que possuem. O instinto, que os animais seguem cegamente, e que lhes é a própria virtude, deve ser, sem cessar, combatido pelo homem que quer se elevar e substituir o grosseiro instrumento da necessidade pelas armas finamente cinzeladas da inteligência. Mas, pense, o instinto não é sempre mal, e, freqüentemente, a Humanidade lhe deve sublimes inspirações, por exemplo, na maternidade e em certos atos de devotamento, onde substitui, segura e prontamente, a reflexão.

Minha filha, tua objeção é precisamente a causa do erro, na qual caem os homens prontos a menosprezarem a verdade sempre absoluta em suas conseqüências. Quaisquer que possam ser os bons resultados de uma causa má, os exemplos não devem nunca fazer concluir contra as premissas estabelecidas pela razão. O instinto é mau, porque é puramente humano e a Humanidade não deve pensar que se deve despojar, ela mesma, deixar a carne para se elevar ao Espírito; e se o mal costeia o bem, é porque seu princípio, freqüentemente, tem resultados opostos a si mesmo que o fazem menosprezar pelo homem leviano e levado pela sensação. Nada de verdadeiramente bem pode emanar do instinto: um sublime impulso não é mais o devotamento do que uma inspiração isolada não é o gênio. O verdadeiro progresso da Humanidade é a sua luta e seu triunfo contra a própria essência de seu ser. Jesus foi enviado sobre a Terra para prová-la humanamente. Pôs a descoberto, bela fonte enterrada na areia da ignorância. Não perturbeis a limpidez da divina bebida com os compostos do erro. E, crede-o, os homens que não são bons e devotados senão instintivamente, o são mal; porque sofrem uma cega dominação que pode, de repente, precipitá-los no abismo.

Nota. Apesar de todo o nosso respeito pelo Espírito de Lázaro, que nos tem dado, tão freqüentemente, belas e boas coisas, nos permitimos não ser de sua opinião sobre estas últimas proposições. Pode-se dizer que há duas espécies de instintos: o instinto animal e o instinto moral. O primeiro, como o diz muito bem Lázaro, é orgânico; é dado aos seres vivos para a sua conservação e a de sua prole; é cego, e quase inconsciente, porque a Providência quis dar um contrapeso à sua indiferença e à sua negligência. Não ocorre o mesmo com o instinto moral que é o privilégio do homem; pode-se defini-lo assim: *Propensão inata para fazer o bem ou o mal*; ora, essa propensão prende-se ao estado de adiantamento, maior ou menor, do Espírito. O homem cujo Espírito já está depurado, faz o bem sem premeditação e como uma coisa muito natural, e é por isso que se admira sendo louvado. Não é, pois, justo dizer que "os homens que não são bons e devotados senão instintivamente, o são mal, e sofrem uma cega dominação que pode, de repente, precipitá-los no abismo". Aqueles que são bons e devotados instintivamente denotam um progresso realizado; aqueles que o são com intenção, o progresso está em vias de se cumprir, é porque há trabalho, luta, entre dois sentimentos; no primeiro a dificuldade está vencida; no segundo, é preciso vencê-la; o primeiro é como o homem que sabe ler e lê sem dificuldade, e quase sem disso desconfiar; o segundo é como aquele que soletra. Um, por ter chegado mais cedo, tem, pois, menos mérito do que o outro?

Meditações filosóficas e religiosas, pelo Espírito de Lamennais

Revista Espírita, fevereiro de 1862

(Sociedade Espírita de Paris, méd. Sr. A. Didier.)

A Cruz.

No meio das revoluções humanas, no meio de todas as perturbações, de todos os desencadeamentos do pensamento, se eleva uma cruz, alta e simples, e essa cruz está fixada sobre um altar de pedra. Um jovem, esculpido na pedra, tendo em suas duas pequenas mãos uma bandeirola sobre a qual se lê esta palavra: *Simplicitas*. Filantropos, filósofos, deístas, poetas, vinde ler e contemplar essa palavra: é todo o Evangelho, toda a explicação do Cristianismo. Filantropos, não inventeis a filantropia: não há senão a caridade; filósofos, não inventeis uma sabedoria, delas não há senão uma; deístas, não inventeis um Deus, dele não há senão um; poetas, não perturbeis o coração do homem. Filantropos, quereis quebrar as cadeias materiais que retêm a Humanidade cativa; filósofos, levantais panteons; poetas, idealizais o fanatismo: para trás! Sois deste mundo, e o Cristo disse: "Meu reino não é deste mundo". Oh! Sois muito deste mundo de lama para compreender estas sublimes palavras; e se algum juiz bastante poderoso pudesse vos dizer: "Sois os filhos de Deus?" Vossa vontade morreria no fundo de vossa garganta, e não poderíeis responder como o Cristo em face da Humanidade: "Vós o dissestes." - Sois todos deuses, disse o Cristo, quando a língua de fogo desce sobre as vossas cabeças e penetra o vosso coração; sois todos deuses quando percorreis a Terra em nome da caridade; mas sois os filhos do mundo quando contemplais as penas presentes da Humanidade, e não pensais em seu futuro divino. Homem! Que seja teu coração que leia esse nome e não os teus olhos de carne; Cristo não erigiu panteon; ele elevou uma cruz.

Bem-aventurados os pobres de espírito.

As diferentes ações meritórias do Espírito depois da morte são, sobretudo, as do coração, mais do que as da inteligência. Bem-aventurados os pobres de espírito não quer dizer unicamente bem-aventurados os imbecis, mas bem-aventurados aqueles que, cheios dos dons da inteligência, deles não fazem uso para o mal, porque é uma arma muito poderosa para arrebatá-las as massas. Entretanto, como dizia Gérard de Nerval, recentemente (1-(1) Alusão a uma comunicação de Gérard de Nerval.), a inteligência desconhecida sobre a Terra será um grande mérito diante de Deus. Com efeito, o homem poderoso em inteligência, e lutando contra todas as circunstâncias infelizes que vêm assaltá-lo, deve se regozijar destas palavras: "Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros"; o que não deve se entender na ordem unicamente material, mas também para as manifestações do Espírito e das obras da inteligência humana. As qualidades do coração são meritórias, porque as circunstâncias que podem impedi-las são bem pequenas, bem raras, bem fúteis. A caridade

deve brilhar por toda a parte, apesar de tudo, para todos, como o Sol está para todo o mundo. O homem pode impedir a inteligência de seu próximo de se manifestar, mas nada pode sobre o coração. As lutas contra a adversidade, as angústias da dor, podem paralisar os impulsos do gênio, mas não podem parar os da caridade.

A Escravidão.

A escravidão! Quando se pronuncia este nome, o coração tem frio, porque vê, diante de si, o egoísmo e o orgulho. Um padre, quando vos fala de escravidão entende essa escravidão da alma que rebaixa o Espírito do homem e o faz esquecer a sua consciência, quer dizer, a sua liberdade. Oh! Sim, essa escravidão da alma é horrível e excita cada dia a eloqüência de mais de um pregador; mas a escravidão do ilota, a escravidão do negro, que se torna aos seus olhos? Diante desta pergunta o padre mostra a cruz e diz: "Esperai." Com efeito, para os infelizes é a consolação a lhe oferecer e ela lhes diz: "Quando vosso corpo for despedaçado sob o chicote, e que morrerdes labutando, não sonheis mais com a Terra; sonhai com o céu."

Aqui tocamos em uma dessas questões sérias e terríveis que transtornam a alma humana e a lançam na incerteza. O negro está à altura dos povos da Europa, e a prudência humana, ou antes, a justiça humana deve lhe mostrara antecipação como o meio mais seguro de alcançar o progresso da civilização? Os filantropos, nessa questão, mostram o Evangelho e dizem: Jesus falou de escravos? Não; mas Jesus falou da resignação e disse esta palavra sublime: "Meu reino não é deste mundo." John Brown, quando contemplo vosso cadáver no patíbulo, sinto-me tomado de uma piedade profunda e de uma admiração entusiasta; mas a razão, esta brutal razão que nos reconduz, sem cessar, ao por quê, nos faz dizer em nós mesmo: "Que teríeis feito depois da vitória?".

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Março

- [Aos nossos Correspondentes](#)
- [Os Espíritos e o brasão](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Sr. Jobard](#)
- [Carrère: constatação de um fato de identidade](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [A Reencarnação \(La Haye\)](#)
 - [O Realismo e o Idealismo em pintura](#)
 - [Os obreiros do Senhor](#)
 - [Instrução moral. – Lacordaire](#)
 - [A Vinha do Senhor](#)
 - [A Caridade para com os criminosos](#)

Aos nossos Correspondentes

Revista Espírita, março de 1862

Paris, 1º de março de 1862.

Senhores,

Conheceis o provérbio: Ao impossível ninguém está obrigado; é o benefício deste princípio que venho reclamar junto a vós. Há seis meses, com a melhor vontade do mundo, me foi materialmente impossível pôr em dia a minha correspondência, que se acumulou além de todas as previsões. Estou, pois, na posição de um devedor que pede conciliação com seus credores, sob pena de se declarar falido. À medida que algumas dívidas são pagas, novas obrigações chegam mais numerosas, se bem que o atraso cresça sem cessar em lugar de decrescer, e me encontro, neste momento, em presença de um passivo de mais de duzentas cartas; ora, a média sendo em torno de dez por dia, não verei nenhum meio de me liberar se não obtiver, de vossa parte, um adiamento ilimitado.

Longe de mim lamentar-me do número de cartas que recebo, porque é uma prova irrecusável da extensão da Doutrina, e a maioria exprime sentimentos dos quais não posso senão estar profundamente tocado, e que constituem, para mim, arquivos de um preço inestimável. Muitas, aliás, encerram úteis informações que não estão jamais perdidas, e que, cedo ou tarde, serão utilizadas, segundo as circunstâncias, porque são imediatamente classificadas segundo a sua especialidade.

Só a correspondência bastaria, pois, além disso, para absorver todos os meus instantes, e, no entanto, constitui apenas a quarta parte das ocupações necessitadas pela tarefa que empreendi, tarefa da qual estava longe de prever o desenvolvimento no início de minha carreira espírita. Também várias publicações muito importantes se encontram paradas por falta do tempo necessário para nelas trabalhar, e venho de receber, de meus guias espirituais, o convite *premente* para deles me ocupar sem demora, *imediatamente* para as causas urgentes. Forçoso me é, pois, a menos de falir no cumprimento da obra tão felizmente começada, operar uma espécie de liquidação epistolar para o passado, e de me limitar, para o futuro, às respostas estritamente necessárias, pedindo coletivamente, aos meus honrados correspondentes, aceitem a expressão de minha viva e sincera gratidão pelos testemunhos de simpatia que consentiram em me dar.

Entre as cartas que me são endereçadas, muitas contêm pedidos de evocações, ou controles de evocações feitas em outro lugar; freqüentemente, pede-se, também, informações sobre a aptidão à mediunidade, ou sobre coisas de interesses materiais. Lembrarei aqui o que disse, em outra parte, sobre a dificuldade, e mesmo os inconvenientes dessas espécies de evocação feitas na ausência das pessoas interessadas, ao que é preciso acrescentar que os Espíritos se comunicam mais facilmente, e com mais bom grado, àqueles que se afeiçoam do que aos estranhos que lhes são indiferentes. É porque, à parte toda consideração relativa às minhas ocupações, não posso aceder aos pedidos dessa natureza senão em circunstâncias muito excepcionais, e, em todos os casos, jamais para aquilo que concerne aos interesses materiais. Freqüentemente, poupar-se-ia o trabalho de uma multidão de pedidos se se tivesse lido, atentamente, as instruções contidas em *O Livro dos Médiuns*, cap. 26.

Por outro lado, as evocações pessoais não podem ser feitas nas sessões da Sociedade senão quando oferecem um objeto de estudo instrutivo, e de um interesse geral; fora disso, para satisfazer a todos os pedidos, uma sessão de duas horas por dia não bastaria. Além disso, é preciso considerar que todos os médiuns, sem exceção, que nos dão o seu concurso, o fazem por *pura cortesia*, não as admitindo em outras condições, e, como têm os seus próprios assuntos, não estão sempre disponíveis, qualquer que seja sua boa vontade. Concebo todo o interesse que cada um liga às questões que lhe concernem, e estaria feliz em poder respondê-las; mas, se se considera que minha posição me coloca em relação com milhares de pessoas, compreender-se-á a impossibilidade, que estou, de fazê-lo. E preciso imaginar que certas evocações não exigem menos de cinco a seis horas de trabalho, tanto para fazê-las quanto para transcrevê-las e passá-las a limpo, e que todas as que me foram pedidas encheriam dois volumes como o dos *Espíritos*. De resto, os médiuns se multiplicam cada dia e é muito raro não encontrá-los em sua família ou entre seus conhecidos, se não se é em si mesmo, o que é sempre preferível para as coisas íntimas; não se trata senão de tentar, em boas condições, das quais a primeira é de se bem compenetrar, antes de qualquer tentativa, das instruções sobre a prática do Espiritismo, querendo-se poupar as decepções.

À medida que a Doutrina cresce, as minhas relações se multiplicam, e os deveres de minha posição aumentam, o que me obriga a negligenciar um pouco os detalhes para os interesses gerais, porque o tempo e as forças do homem têm limites, e confesso que os meus, há algum tempo, me fazem, amiúde, falta, não podendo tomar um repouso que me seria, algumas vezes, tanto mais necessário porque sou só para ocupar-me de tudo.

Aceitai, eu vos peço, Senhores, a nova certeza de meu afetuoso devotamento.

ALLAN KARDEC.

Os Espíritos e o brasão

Revista Espírita, março de 1862

Entre os argumentos que certas pessoas opõem à doutrina da reencarnação, há uma que devemos examinar, porque ao primeiro aspecto, parece bastante especioso. Diz que ela tenderia a romper os laços de família, multiplicando-os; tal que concentrasse suas afeições sobre seu pai deveria partilhá-las entre tantos outros pais que tivera nas encarnações; como então, uma vez no mundo dos Espíritos, se reconheceria no meio dessa progenitura? Por outro lado, em que se tornaria a filiação dos ancestrais, se aquele que crê descender em linha direta de Hugues Capet ou de Godefroy de Bouillon viveu várias vezes? Se, depois de ter sido grande senhor, pode tornar-se plebeu? Eis, pois, toda um linhagem transtornada!

A isso responderemos primeiro que, de duas coisas uma, ou isto é ou isto não é; se isto é, todas as recriminações pessoais não impedirão que isto seja, porque Deus, para regular a ordem das coisas, não pede conselhos para tal ou tal, de outro modo cada um gostaria que o mundo fosse governado à sua maneira. Quanto à multiplicidade dos laços de família, diremos que certos pais não têm senão um filho, ao passo que outros têm doze ou mais deles; Pensou-se em acusar Deus por obrigá-los a dividir a sua afeição em várias partes? E esses filhos que, a seu turno, têm filhos, tudo isso não forma uma família numerosa, cujo avô ou bisavô se glorifica em lugar de lamentá-los? Vós, que fazeis remontar a vossa genealogia a cinco ou seis séculos, não deveríeis, uma vez no mundo dos Espíritos, partilhar vossa afeição entre todos os vossos ascendentes? Se vos atribuíis uma dezena de avós, pois bem!, vós os teríeis o dobro ou o triplo, eis tudo. Tendes, pois, de vossos sentimentos afetuosos uma pobre idéia, uma vez que temeis que não possam bastar para amar várias pessoas! Mas, tranquilizai-vos; vou provar-vos que, com a reencarnação, a vossa afeição será menos dividida do que se ela não existisse. Com efeito, suponhamos que em vossa genealogia contaís com cinqüenta avós, tanto ascendentes diretos quanto colaterais, o que é pouco se a fizerdes remontar às cruzadas; pela reencarnação, pode ser que alguns, dentre eles, tenham vindo várias vezes, e que, assim, em lugar de cinqüenta Espíritos que contaís sobre a Terra, deles não encontraríeis senão a metade no outro mundo.

Passemos à questão de filiação. Com o vosso sistema chegais a um resultado contrário àquele que esperais. Se não há preexistência, anterioridade da alma, a alma não viveu ainda; portanto, a vossa foi CRIADA ao mesmo tempo que o vosso corpo; nesse estado de coisa, ela não tem *nenhuma* relação com *nenhum* de vossos ancestrais. Suponhamos que descendeis em linha direta de Charlemagne, que há de comum entre vós e ele? Que vos transmitiu intelectual e moralmente? Nada, absolutamente nada. Pelo que vos ligais a ele? Por uma série de corpos que estão todos apodrecidos, destruídos e dispersos; certamente, eis que nisso não tendes do que estar muito orgulhosos. Com a preexistência da alma, ao contrário, podeis ter tido, com vossos ancestrais, relações reais e sérias, e mais lisonjeadoras para o amor-próprio. Portanto, sem a reencarnação, não há senão uma parentela corpórea pela transmissão de moléculas orgânicas, da mesma natureza da dos cavalos puro sangue. Com a reencarnação, há uma parentela espiritual; qual das duas é a que vale mais?

Objetareis, sem dúvida, que com a reencarnação um Espírito estranho pode se introduzir em vossa linhagem, e que, em lugar de contar com gentis homens nela, pode encontrar um sapateiro remendão. E perfeitamente verdadeiro; mas nisso nada posso. São Pedro não era senão um pobre pescador; não seria bastante boa casa para que se tivesse que corar de tê-

lo em sua família?

E depois, entre esses ancestrais de nomes retumbantes, todos tiveram uma conduta bem edificante, única coisa, na nossa opinião, da qual se poderia, até um certo ponto, estar honrado, embora seu mérito não fosse nada do nosso? Que se sonde a vida particular desses paladinos, esses altos barões que roubavam os transeuntes sem escrúpulo e que, em nossos dias, seriam citados em tribunais criminais pelos seus altos feitos; de certos senhores para quem a vida de um vilão não valia a de uma peça de caça, uma vez que faziam tomar um homem por um coelho. Tudo isso era pecadilho, e não deslustrava um brasão; mas casar com pessoa de sangue inferior, introduzir um sangue plebeu na família, era um crime imperdoável! Pois bem! por mais que se faça, quando soa a hora da partida, ela soa para o grande como para o pequeno, com isso não é preciso menos deixar sobre a Terra suas roupas bordadas e os pergaminhos não servem para nada diante do juiz supremo que pronuncia esta sentença terrível: *Quem se eleva será rebaixado!* Se bastasse descender de algum grande nome para ter seu lugar marcado antes no céu, seria o comprado com pouca coisa, uma vez que isso seria com o mérito de outrém. A reencarnação dá uma nobreza mais meritória, a única que seja aceita por Deus, é a de ter animado *por si mesmo* uma série de homens de bem. Feliz aquele que puder depositar, aos pés do Eterno, o tributo dos serviços que tiver prestado à Humanidade em cada uma de suas existências; porque a soma desses méritos será proporcional ao número de suas existências; mas àquele que não poderá senão se prevalecer da ilustração de seus avós, Deus dirá: Por que não vos ilustrastes por vós mesmos?

Um outro sistema poderia, em aparência, conciliar as exigências do amor-próprio com o princípio da não-reencarnação: é aquele pelo qual o pai não transmite ao filho só o corpo, mas também uma porção de sua alma; de tal sorte que, se descendeis de Charlemagne, vossa alma poderia ter sua estirpe na sua. Muito bem; mas, vejamos a que conseqüências chegaremos. A alma de Charlemagne, em virtude desse sistema, teria sua estirpe na de seu pai, e assim de pai em pai, até Adão. Se a alma de Adão é o tronco de todas as do gênero humano, cada uma transmite, ao seu sucessor, uma porção de si mesma, as almas atuais seriam o produto de um fracionamento que ultrapassaria todas as subdivisões homeopáticas. Disso resultaria que a alma do pai comum deveria ser mais completa, mais inteira do que a de seus descendentes; disso resultaria ainda que Deus não teria criado senão uma única alma, subdividindo-se ao infinito, e que assim cada um de nós não seria uma criatura direta de Deus. Esse sistema deixaria, aliás, um imenso problema a resolver: o das aptidões especiais. Se o pai transmitisse ao seu filho os princípios de sua alma, transmitir-lhe-ia, necessariamente, suas virtudes e seus vícios, seus talentos e suas inépcias, como lhe transmitiria certas enfermidades congênitas. Como, então, explicar por que homens virtuosos, ou de gênio, têm filhos maus indivíduos ou cretinos, e *vice-versa*? Por que uma linhagem estaria misturada de bons e de maus? Dizei, ao contrário, que cada alma é individual, e tem sua existência própria e independente, que progride, em virtude de seu livre arbítrio, por uma série de existências corpóreas em cada uma das quais adquire alguma coisa de bom e deixa alguma coisa de mal, até que tenha atingido a perfeição, e tudo se explica, tudo concorda com a razão, com a justiça de Deus, mesmo em proveito do amor-próprio.

O Sr. Salgues (de Angers), de quem falamos em nosso último número, não é partidário da reencarnação. Desde o aparecimento de *O Livro dos Espíritos*, nos escreveu uma longa carta na qual combatia essa doutrina com argumentos baseados sobre a sua incompatibilidade com os laços de família. Nessa carta, datada de 18 de setembro de 1857, dá-nos sua genealogia remontando, sem interrupção, aos Carlovingiens, e nos pergunta o que se torna essa gloriosa filiação com a mistura dos Espíritos pela reencarnação. Dela extraímos a passagem seguinte:

"Mas de que serviriam, pois, os quadros genealógicos? Tenho o meu, *completo, regular*, de uma parte, desde os ancestrais de Charlemagne, e, de outra, desde a filha do emir Muza, um dos descendentes abassidas de Maomé, décima geração, pelo seu casamento com Garcia, príncipe de Navarra, pai, com ela, de Garcia Ximenes, rei de Navarra, e enfim essa genealogia continuou, por meio de alianças, por soberanos de quase todas as cortes da Europa, até a época de Alfonso VI, rei de Castela, depois nas casas de Comminges, de Lascaris Vintimille, de Montmorency, de Turenne e, enfim, dos condes e senhores Falhasse de Salgues, em Languedoc; o que pode ser verificado em *A arte de verificar as datas*, os Beneditinos de Saint-Maur, no *Dicionário da nobreza de França*, em o *Armorial*, no padre Anselme, Noreri, etc. Mas, se não temos de nossos pais de outro modo senão pela matéria carnal que recebeu nosso Espírito, não há, por toda parte, lacunas, notáveis soluções de continuidade? É um caminho traçado sobre a areia que se perde em cem lugares. Que nos seja, pois, permitido crer que, se o Espírito não se transmite, a alma está para o homem o que o aroma está para a flor. Ora, Swedenborg não disse, nos Arcanos, que não há nada perdido na Natureza? E que o aroma das flores reproduz novas flores em outras regiões que não a de onde saiu? É, pois, pela alma, que não é o Espírito, que existiria uma cadeia talvez semi-espiritual de gerações. Se meu Espírito pudesse saltar oito ou dez gerações, de vez em quando, onde reconheceria meus antepassados?"

O Sr. Salgues, como se vê, prende-se a não proceder senão do corpo; mas como conciliar as relações de Espírito a Espírito com a não preexistência da alma? Se houvesse entre eles, na filiação, relações necessárias, como o descendente de tantos soberanos seria hoje um simples proprietário anjuvino? Não é, aos olhos do mundo, uma retrogradação? Não colocamos em dúvida a autenticidade da sua genealogia, e o felicitamos por isso, uma vez que isso lhe dá prazer, mas não lhe diremos menos que o estimamos mais por suas virtudes pessoais do que por aquelas de seus antepassados.

A autoridade de Swedenborg é aqui muito contestável quando atribui, ao aroma das flores, sua reprodução; esse azeite essencial, volátil que dá o aroma, jamais teve a faculdade reprodutora, que reside só no pólen. Falta exatidão, pois, à comparação; porque se a alma não faz senão influenciar, pelo seu perfume, sobre a alma que lhe sucede, não a criou; no entanto, deveria transmitir-lhe suas próprias qualidades, e, nessa hipótese, não veríamos porque o descendente de Charlemagne não teria enchido o mundo do brilho de suas ações, ao passo que Napoléon não se apoiaria senão sobre uma alma vulgar. Que se diga que Napoléon descende de Charlemagne, ou melhor ainda, foi Charlemagne, que veio no século XIX continuar a obra começada no século XVIII, será o compreendido; mas, com o princípio de unicidade de existência, nada liga Charlemagne aos seus descendentes, se isso não é o aroma transmitido de pais em pais sobre as almas *não criadas*; e, então, como explicar porque, entre seus descendentes houve tantos homens sem valor e indignos, e por que Napoléon é um gênio maior que seus antepassados obscuros? O que quer que se faça, sem a reencarnação, choca-se a cada passo contra dificuldades insolúveis que só a preexistência da alma resolve de maneira ao mesmo tempo simples, lógica e completa, uma vez que dá razão a tudo.

Uma outra questão. É um fato conhecido, que as famílias se abastardam e degeneram quando as alianças não saem da linha direta; ocorre o mesmo com as raças humanas, tanto quanto com as raças animais. Por que, pois, a necessidade dos cruzamentos? Em que se torna então a unidade de estirpe? Não tem aí mistura de Espíritos, intrusão de Espíritos estranhos à família? Um dia trataremos dessa grave questão com todos os desenvolvimentos que ela comporta.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, março de 1862

Sr. Jobard.

Depois de sua morte, o Sr. Jobard se comunicou várias vezes na Sociedade, nas sessões às quais ele diz assistir quase sempre; antes de publicar-lhe a relação, preferimos esperar ter uma série de manifestações, formando um conjunto, que permita julgá-las melhor. Não tínhamos a intenção de evocá-lo na sessão de 8 de novembro, quando previu, nosso desejo comunicando-se espontaneamente. (Ver a notícia necrológica publicada na *Revista Espírita* do mês de dezembro de 1861.)

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de novembro de 1861. - Médiun, Senhora Costel.)

Ditado espontâneo.

Eis-me, eu que iríeis evocar e que quero me manifestar primeiro por este médium que verdadeiramente solicitei até aqui.

Quero de início vos contar minhas impressões no momento da separação de minha alma: senti um abalo inaudito, lembrei-me, de repente, de meu nascimento, de minha juventude, de minha idade madura; toda a minha vida se retratou nitidamente na minha lembrança. Não sentia senão um impiedoso desejo de me encontrar nas regiões reveladas pela nossa querida crença; depois, todo esse tumulto se abrandou. Estava livre e meu corpo jazia inerte. Ah! meus caros amigos, que embriaguez despojar-me do peso do corpo! Que embriaguez abraçar o espaço! Não creiais, todavia, que me tornei de repente um eleito do Senhor; não; estou entre os Espíritos que, estando um pouco retido, devem ainda muito aprender. Não tardei a me lembrar de vós, meus *irmãos em exílio*, asseguro-vos, toda a minha simpatia, todos os meus votos vos têm envolvido. Tive logo o poder de me comunicar, e o teria feito com este médium, que tem medo de ser enganado; mas que ele se tranqüillize, nós o amamos.

Quereis saber quais foram os Espíritos que me receberam? Quais foram as minhas impressões? Meus amigos foram todos aqueles que evocamos, todos os irmãos que partilharam nossos trabalhos. Vi o esplendor, mas não posso descrevê-lo. Apliquei-me em discernir o que era verdadeiro nas comunicações, pronto para retificar todas as afirmativas erradas; pronto, enfim, para ser o cavaleiro da verdade no outro mundo, como o fui no vosso. Conversaremos, pois, muito, e isto não é senão um preâmbulo para mostrar ao caro médium meu desejo de ser evocado por ele, e a vós minha boa vontade para responder às perguntas que ireis me dirigir.

JOBARD.

Entrevista.

1. Quando vivo, nos recomendastes para vos chamar quando tivésseis deixado a Terra; fazemo-lo, não só por nos conformar com o vosso desejo, mas sobretudo para vos renovar o testemunho de nossa bem viva e sincera simpatia, e também no interesse de nossa instrução, porque vós, melhor que ninguém, estais em condições de nos dar informações precisas sobre o mundo em que vos encontrais. Estaremos, pois, felizes se consentirdes em responder às nossas perguntas. - *Resp.* A esta hora, o que mais importa, é a vossa instrução. Quanto à vossa simpatia, eu a vejo, e não ouço mais somente a expressão pelos ouvidos, o que constitui um grande progresso.

2. Para fixar nossas idéias, e para não falar no vago, tanto quanto para a instrução das pessoas estranhas à Sociedade, e que estão presentes à sessão, vos perguntaremos primeiro em que lugar vos encontrais aqui, e como vos veríamos se pudséssemos vos ver? - *R.* Estou perto do médium; me veríeis sob a aparência de Jobard, que se sentava à vossa mesa, porque vossos olhos mortais não abertos não podem ver os Espíritos senão sob a aparência mortal.

3. Teríeis a possibilidade de vos tornar visível para nós, e se não o podeis, o que a isso se opõe? - *R.* A disposição que vos é toda pessoal. Um médium vidente me veria: os outros não me vêem.

4. Este lugar é aquele que ocupáveis quando vivo, quando assistíeis às nossas sessões, e que vos reservamos. Aqueles, pois, que nele vos viram, devem se figurar a vós ali tal como estáveis então. Se não estais com o vosso corpo material, ali estais com o vosso corpo fluídico, que tem a mesma forma; se não vos vemos com os olhos do corpo, vemo-vos com os do pensamento; se não podeis vos comunicar com a palavra, podeis fazê-lo pela escrita, com a ajuda de um intérprete; nossas relações convosco não estão, pois, de nenhum modo interrompidas pela vossa morte, e podemos nos entreter convosco tão facilmente e tão completamente quanto outrora. É bem assim que são as coisas? - *R.* Sim, e o sabeis há muito tempo. Este lugar, eu o ocuparei freqüentemente, e mesmo com o vosso desconhecimento, porque o meu Espírito habitará entre vós.

5. Não faz muito tempo que estáveis sentado neste mesmo lugar; as condições nas quais estais ali agora vos parecem estranhas: Que efeito essa mudança produziu em vós? - *R.* Essas condições não me parecem estranhas, porque não sofri perturbação, e meu Espírito desencarnado goza de uma clareza que não deixa na sombra nenhuma das questões que encara.

6. Lembrai-vos de ter estado nesse mesmo estado antes de vossa última existência e encontrais algo mudado? - *R.* Lembro-me de minhas existências anteriores, e acho que melhorei. Vejo, e assimilo o que vejo. Quando de minhas precedentes encarnações, Espírito perturbado, não me apercebia senão das lacunas terrenas.

7. Lembrai-vos de vossa penúltima existência, daquela que precedeu o Sr. Jobard? - *R.* Na minha penúltima existência, eu era um trabalhador mecânico, roído pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar o meu trabalho. Realizei, sendo Jobard, o sonho do pobre operário, e louvo a Deus, cuja bondade infinita fez germinar a planta da qual havia depositado o grão em meu cérebro.

(11 de novembro. Sessão particular. - Médium, senhora Costel.)

8. *Evocação.* Estou aqui, encantado por encontrar a oportunidade desejada de te falar (ao médium) e a vós também.

9. Parece-nos que tendes um fraco por este médium? - R. Não me censureis, porque foi preciso que eu me tornasse Espírito para o testemunhar.

10. Já vos comunicastes em outra parte? - R. Não tenho ainda senão pouco comunicado; em todos os lugares um Espírito tomou o meu nome; algumas vezes estava perto dele, sem poder fazê-lo diretamente; minha morte é tão recente que pertenço ainda a certas influências terrestres. É preciso uma perfeita simpatia para que eu possa exprimir meu pensamento. Em pouco, agiria indistintamente; eu não o posso ainda, repito-o. Quando um homem um pouco conhecido morre, ele é chamado de todos os lados; mil Espíritos se apressam em revestir a sua individualidade; foi o que ocorreu comigo em várias circunstâncias. Eu vos asseguro que logo depois da libertação, poucos Espíritos podem se comunicar, mesmo por um médium preferido.

11. Depois de sexta-feira vossas idéias estão um pouco modificadas? - R. Estou absolutamente nas mesmas de sexta-feira. Estou ainda pouco ocupado com questões puramente intelectuais, no sentido em que a tomais; como o poderia, deslumbrado, arrastado como o sou pelo maravilhoso espetáculo que me cerca? Este laço do Espiritismo, mais poderoso que vós outros, homens, podeis conceber, só pode atrair o meu ser, para essa Terra que abandono, não mais com alegria, isso seria uma impiedade, mas com o profundo reconhecimento da libertação.

12. Vedes os Espíritos que estão aqui convosco? - R. Eu vejo sobretudo *Lázaro e Erasto*, depois, mais distante, *o Espírito de Verdade*, planando no espaço; depois, uma multidão de Espíritos amigos que vos cercam, apressados e benevolentes. Sede felizes, amigos, porque boas influências vos disputam às calamidades do erro.

13. Ainda uma pergunta, eu vos peço. Conheceis a causa da vossa morte? - R. Não me faleis ainda disso.

Nota. A senhora Gostei diz ter recebido uma comunicação em sua casa, pela qual se lhe anunciava que o Sr. Jobard tinha morrido porque queria ultrapassar o objetivo atualmente marcado pelo Espiritismo. Sua partida teria, assim, sido precipitada por esse motivo. O Sr. Jobard pessoalmente, não se explicara a esse respeito. Várias outras comunicações pareciam corroborar a opinião acima; mas o que ressalta de certos fatos é uma espécie de mistério sobre as verdadeiras causas de sua morte precipitada, que, diz-se, será explicada mais tarde.

(Sociedade, 22 de novembro de 1861.)

14. Quando vivo, partilháveis a opinião que foi emitida sobre a formação da Terra pela incrustação de quatro planetas que teriam sido soldados juntos. Estais sempre nessa mesma crença? - R. É um erro. As novas descobertas geológicas provam as convulsões da Terra e sua formação sucessiva. A Terra, como os outros planetas, teve a sua vida própria, e Deus não teve necessidade dessa grande desordem, ou dessa agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

15. Pensáveis, também, que os homens poderiam entrar em catalepsia durante um tempo ilimitado, e que o gênero humano foi trazido desse modo para a Terra? - R. Ilusão de minha

imaginação, que ultrapassava sempre o objetivo. A catalepsia pode ser longa, mas não indeterminada. Tradições, lendas exageradas pela imaginação oriental. Meus amigos, já sofri muito repassando as ilusões com as quais nutri o meu Espírito: nisso não vos enganeis. Muito aprendi, e, posso dizer, minha inteligência, pronta para se apropriar de seus vastos e diversos estudos, guardara, de minha última encarnação, o amor ao maravilhoso e ao composto haurido nas imaginações populares.

(Bordeaux, 24 de novembro de 1861. - Médiun, senhora Cazamajoux.)

16. *Evocação.* - R. Está, pois, sempre a recomeçar? Pois bem! Que quereis! Eis-me.

17. Viemos estudar a vossa morte; gostaríeis, vós, um dos defensores da nossa Doutrina, de responder a algumas de nossas perguntas? - R. Seja, não sei muito com quem estou, mas os Espíritos me dizem que esse médiun obteve algumas dissertações, inseridas na *Revista* e que me deram prazer; é preciso que eu o faça por minha vez. - Não estou por muito tempo ausente da Terra; em alguns anos aí reviverei para retomar o curso da missão que tinha a cumprir, porque ela foi detida pelo anjo da libertação.

18. Falais de uma missão que tínheis a cumprir sobre a Terra; quereis no-la dar a conhecer? - R. Missão de progresso intelectual e moral em estado de germe. A Doutrina, ou ciência espírita, contém os elementos fecundos que devem desenvolver, fazer crescer e amadurecer as idéias modernas de liberdade, de unidade e fraternidade; é por isso que não é preciso temer em lhe dar o impulso vigoroso que a fará transpor os obstáculos com uma força que nada poderá dominar.

19. Caminhando mais depressa que o tempo, não temos a temer em prejudicar a Doutrina? - R. Transtornaríeis seus adversários; vossa lentidão lhes deixa ganhar terreno. Eu não gosto do passo pesado e lento da tartaruga; eu lhe prefiro o vôo audacioso do rei dos ares.

Nota. - Isto é um erro; os partidários do Espiritismo ganham terreno cada dia, ao passo que seus adversários o perdem. O Sr. Jobard é sempre entusiasta; não compreende que com a prudência chega-se mais seguramente ao objetivo, ao passo que, lançando-se de cabeça abaixada contra o obstáculo, arrisca-se a comprometer a sua causa. A.K.

20. Como explicar, então, os desígnios de Deus em vos separando da Terra de maneira tão súbita, se havia em vós a instrução necessária para a marcha rápida da Humanidade para o progresso moral e intelectual? - R. Oh! uma parte dos Espíritas com minhas idéias, que alavanca! Mas não; o medo os paralisa!

21. Podeis nos informar dos desígnios de Deus vos chamando a ele antes do término de vossa missão? - R. Eu não estou descontente; vejo e aprendo para ser mais forte quando a hora do combate tiver soado. Redobrai de fervor e de zelo para a nobre e santa causa da Humanidade; uma única existência não pode bastar para ver se cumprir a crise que deve transformar a sociedade, e muitos dentre vós que preparais os caminhos, reviverão algum tempo depois para ajudar de novo à obra santa e bendita. Disso já vos disse bastante para esta noite, não é? Mas estou à vossa disposição; retornarei porque sois um bom e fervoroso adepto. Adeus, quero assistir esta noite à sessão de nosso caro mestre Allan Kardec.

22. Não respondestes à minha pergunta sobre os desígnios de Deus chamando-vos antes do término de vossa missão. - R. Somos os instrumentos próprios para ajudar seus desígnios; Ele nos suprime à sua vontade, e nos manda para a cena quando crê útil. Submetamo-nos,

pois, aos seus decretos sem procurar aprofundá-los, porque ninguém tem o direito de rasgar o véu que esconde, aos Espíritos, seus decretos imutáveis. Até breve!

JOBARD.

(Passy, 20 de dezembro de 1861. - Médiun, senhora Dozon.)

23. *Evocação.* - R. Não sei porque me evocais; não vos sou nada, e, desde então, não vos devo nada; também, não vos responderei, sem o Espírito de *Verdade* que me disse que foi Kardec que vos pediu para me fazer vir até vós. Pois bem! Eis-me; que devo vos dizer?

24. O Sr. Allan Kardec, com efeito, nos pediu para vos evocar com o objetivo de ter um controle das diversas comunicações de vós obtidas, comparando-as entre si; é um estudo, e esperamos que consentireis a ele se prestar, no interesse da ciência espírita, nos descrevendo a vossa situação e as vossas impressões desde que deixastes a Terra. - R. Eu não estava inteiramente na verdade durante minha vida terrestre; começo a sabê-lo; minhas idéias, se depurando da perturbação, chegam a um novo conhecimento, e, desde então, revejo os *erros* de minhas crenças. Isto é uma graça da bondade de Deus, mas é um pouco tardia. O Sr. Allan Kardec não tinha, por meu Espírito, uma total simpatia, e isso deveria ser: ele é positivo em sua fé; eu sonhava e procurava algo, freqüentemente, ao lado da realidade. Eu não sabia ao certo o que queria, senão uma vida melhor do que aquela que tinha; o Espiritismo ma mostrou, e o mais esclarecido dos Espíritos me levantou o véu da vida dos Espíritos. Isto foi A VERDADE que inspirou; *O Livro dos Espíritos* me fez uma verdadeira revolução na alma e um bem impossível de dizer; mas houve em meu espírito dúvidas sobre várias coisas que, hoje, mostram-se para mim sob uma outra luz. Eu vos disse no início desta comunicação: o Espírito, libertando-se da perturbação, mostrou-me o que eu não via. O Espírito se afasta; seu desligamento ainda não é total; entretanto, já se comunicou várias vezes; mas, coisa bizarra para vós talvez, é a mudança que se faz, aos olhos dos evocadores, nas comunicações do Espírito Jobard.

Este mesmo médiun obteve, em seguida, a comunicação espontânea seguinte:

Jobard era um espírito pesquisador, querendo subir, sempre subir. As idéias espíritas lhe pareciam um quadro muito estreito. Jobard representava o Espírito de *curiosidade*; queria saber, sempre saber. Essa necessidade, essa sede, impeliu-o às pesquisas que ultrapassavam os limites daquilo que Deus quer que saibais; mas que não se tente arrancar o véu que cobre os mistérios de seu poder! Jobard pôs as mãos sobre a arca, e foi fulminado. Isto é um ensinamento: procurai o Sol, mas não tendes a audácia de fixá-lo, ou vos tomareis cegos. Deus não vos dá bastante enviando-vos os Espíritos? Deixai, pois, à morte o poder que Deus lhe outorgou: o de levantar o véu a quem é digno disso; então podereis olhar Deus, Sol dos céus, sem estar nem cegos nem fulminados pelo poder que vos diz: "Não vades mais longe." Eis o que devo vos dizer.

A VERDADE.

(Sociedade, 3 de janeiro de 1862. - Médiun, senhora Costel.)

Nota. - O Sr. Jobard manifestou-se várias vezes na casa do Sr. e Sra. P..., membros da Sociedade. Uma vez, entre outras, mostrou-se espontaneamente, e sem que se pensasse nele, a uma sonâmbula que o descreveu de maneira muito exata e disse seu nome, embora nunca o tivesse conhecido. Tendo uma conversação se estabelecido entre ele e o Sr. P...,

por intermédio da sonâmbula, lembrou diversas particularidades que não puderam deixar nenhuma dúvida sobre sua identidade. Uma coisa, sobretudo, os tocara, é que, a única vez que tiveram ocasião de vê-lo na Sociedade, tivera, durante quase toda a sessão, os olhos fixados sobre eles, como se procurasse neles pessoas de seu conhecimento; circunstância que havia esquecido, e que o Espírito do Sr. Jobard lembrou-lhe por intermédio da sonâmbula. O Sr. e a Sra. P...; que jamais tiveram relações com ele quando vivo, desejaram conhecer o motivo da simpatia que parecia haver entre eles. Foi a esse respeito que ditou a comunicação seguinte:

Incrédulo! tinhas necessidade dessa confirmação da sonâmbula para crer em minha identidade! Ingrato! tu me esqueceste por muito tempo sob o pretexto de que outros se esquecem soberanamente mais. Mas deixemos as censuras e conversemos: abordemos o assunto pelo qual me evocaste. Posso facilmente explicar porque minha atenção foi excitada pela visão desse casal que me era estranho, mas que uma espécie de instinto, de segunda vista, de presciência me fazia reconhecer. Depois de minha libertação, vi que nos conhecêramos precedentemente, e *retornei* até eles: é a palavra.

Comecei a viver espiritualmente, mais pacífico e menos perturbado pelas evocações através de assuntos que choviam sobre mim. A moda reina mesmo sobre os Espíritos; quando a moda Jobard der lugar a uma outra, e que entrarei no nada do esquecimento humano, pedirei, então, meus amigos sérios e entendo por isso aqueles cuja inteligência não esquece, e pedir-lhes-ei para me evocarem; então conversaremos de questões tratadas muito superficialmente e vosso Jobard, completamente transfigurado, poderá vos ser útil, o que ele deseja de todo o seu coração.

JOBARD.

(Ao médium, senhora Costel.) - Eu retorno; desejais saber porque manifestei uma preferência por ti. Quando eu era mecânico, tu eras poeta, e te conheci no hospital onde morreste, senhora!

JOBARD.

(Montreal (Canadá), 19 de dezembro de 1861.)

O Sr. Henri Lacroix nos escreveu de Montreal que dirigira três cartas ao Sr. Jobard, mas este não recebeu senão duas, a terceira tendo chegado muito tarde; não respondeu senão à primeira. O Sr. Lacroix, tendo sabido de sua morte pelos jornais, teve comunicações de vários Espíritos assinadas Voltaire, Volney, Franklin, e atestando que a notícia era falsa, e que o Sr. Jobard se achava muito bem. A *Revista Espírita* veio levantar suas dúvidas confirmando o acontecimento. Foi então que o Espírito do Sr. Jobard, tendo sido evocado, deu-lhe a comunicação adiante, da qual o Sr. Lacroix nos pede consentir em controlar a exatidão.

Meu caro mestre, estou morto, dizeis; eu não estou morto, uma vez que vos falo. Aqueles que tomaram a si vos dizer que eu não tinha morrido talvez quiseram vos pregar uma peça. Eu não os conheço ainda, mas os conhecerei e saberei o motivo que os fez assim agir. Escrevei ao Sr. Kardec e vos responderei. Não poderia, penso, vos responder pela mesa, mas em todos os casos, farei o melhor. As duas cartas que recebi de vós *contribuíram fortemente para causar a minha morte*; mais tarde sabereis como.

O Sr. Jobard, evocado a esse respeito, a 10 de janeiro, na Sociedade de Paris, respondeu que se reconhecia o autor dessa comunicação; mas que o pretendido retrato traçado em continuação não era nem *ele* nem *dele*, o que acreditamos sem dificuldades, porque não lhe parece de nenhum modo.

Perg. Como as duas cartas que recebestes puderam contribuir para a vossa morte? - R. Eu não posso e não quero dizer aqui senão uma coisa, é que a leitura dessas duas cartas, depois de minha refeição, determinou a congestão que me levou, ou libertou, se preferis.

Nota. - Enquanto o médium escrevia essa resposta, e antes que ela fosse lida, um outro médium recebeu a resposta seguinte de seu guia particular:

"Explicação difícil, que não vos dará em detalhe; é uma dessas coisas que Jobard não pode dizer aqui."

Perg. - O Sr. Lacroix deseja saber por qual razão diversos Espíritos vieram espontaneamente desmentir a notícia de sua morte? - R. Se tivesse prestado mais atenção, teria facilmente reconhecido a fraude. Quantas vezes será preciso repetir que é necessário, quase absolutamente, desconfiar das comunicações espontâneas dadas a propósito de um fato, afirmando de propósito deliberado! Os Espíritos não enganam senão aqueles que se deixam enganar.

Nota. - Durante esta resposta, um outro médium escreveu o que segue:

"Espíritos que gostam de tagarelar sem se importar com a verdade. Ocorre com certos Espíritos como com homens: contam novidades, as afirmam-nas ou as desmentem com a mesma facilidade."

É evidente que os nomes que assinaram o desmentido dado à morte do Sr. Jobard são apócrifos. Bastaria, para reconhecê-lo, considerar que Espíritos como Franklin, Volney e Voltaire têm coisas mais sérias para se ocuparem, e que semelhantes detalhes são incompatíveis com o seu caráter; só isso deveria inspirar dúvidas sobre sua identidade, e, por conseguinte, sobre a verdade das comunicações. Não saberíamos mais repeti-lo: só um estudo prévio, completo e atento da ciência espírita pode dar os meios de frustrar as mistificações dos Espíritos enganadores dos quais são alvo todos os novatos faltando a experiência necessária.

Perg. Não respondestes senão à primeira carta do Sr. Lacroix; ele deseja uma resposta às duas últimas, e sobretudo a terceira que tinha, dizia, uma marca particular que não poderia ser compreendida senão por vós. - R. Ter-la-á mais tarde; para o momento não o posso. Seria inútil provocá-la, de outro modo poderia estar certo de que não seria eu que responderia.

(Sociedade Espírita de Paris, 21 de fevereiro de 1862. - Médium, senhorita Stéphanie.)

Quando da subscrição aberta pela Sociedade em proveito dos operários de Lyon, um membro deu 50 fr., dos quais 25 por sua própria conta, e 25 em nome do Sr. Jobard. Este último deu, a esse respeito, a comunicação seguinte:

'Vou responder, ainda uma vez, meu caro Kardec; estou lisonjeado e reconhecido por não ter sido esquecido pelos meus irmãos espíritas. Obrigado ao coração generoso que vos levou a oferenda que vos teria dado se ainda habitasse o vosso mundo. Naquele que habito agora, não se tem necessidade de dinheiro; não me teria sido preciso, pois, buscar na bolsa da amizade para dar provas materiais de que estava tocado pelo infortúnio de meus irmãos de Lyon. Corajosos trabalhadores que ardentemente cultivais a vinha do Senhor, quanto deveis crer que a caridade não é uma palavra vã, uma vez que pequenos e grandes vos mostraram simpatia e fraternidade. Estais no grande caminho humanitário do progresso; possa Deus aí vos manter, e possais ser mais felizes; os Espíritos amigos vos sustentarão e triunfareis!

JOBARD.

SUBSCRIÇÃO PARA O FIM DE LEVANTAR UM MONUMENTO À MEMÓRIA DO SR. JOBARD.

Tendo os jornais anunciado uma subscrição para levantar um monumento ao Sr. Jobard, o Sr. Allan Kardec disse deu parte à Sociedade, na sessão de 31 de janeiro último, acrescentando que se propunha a falar disso na *Revista*, mas que acreditou dever adiar o anúncio dessa subscrição, tendo em vista que teria poucas chances favoráveis sendo posta à consideração dos operários e que não deixaria de fazer a reflexão de que vale mais dar pão aos vivos do que pedras aos mortos.

O Sr. Jobard, interrogado sobre o que pensava disso, respondeu: "Certamente; mas refleti: quereis saber se amo as estátuas; dai, primeiro, o vosso dinheiro aos infelizes, e se, por acaso, nas costuras de vosso bolso ficaram algumas peças de 5 f r., fazei erigir uma estátua, isso fará um artista sempre vivo."

Em consequência, a Sociedade receberá os donativos que lhe forem feitos com essa intenção, e fará a entrega ao escritório do jornal *a Propriedade Industrial*, rua Bergére, 21, onde a subscrição está aberta.

Carrère: constatação de um fato de identidade

Revista Espírita, março de 1862

A identidade dos Espíritos que se manifestam, como se sabe, é uma das dificuldades do Espiritismo, e os meios que se empregam para verificá-la conduzem, freqüentemente, a resultados negativos; as melhores provas, a esse respeito, são as que nascem da espontaneidade das comunicações. Embora essas provas não sejam raras, quando estão bem caracterizadas, é bom constatá-las, primeiro para sua própria satisfação e como objeto de estudo, e, além disso, para responder àqueles que lhe negam a possibilidade, possivelmente porque, tomando-as, não tiveram sucesso, ou bem porque há neles um sistema preconcebido. Repetiremos o que dissemos em outra parte, que a identidade dos Espíritos que viveram numa época recuada e que vêm dar ensinamentos, é quase impossível de se estabelecer, e que não é preciso ligar, aos nomes, senão uma importância relativa; o que eles dizem é bom ou mau, racional ou ilógico, digno ou indigno do nome assinado? Aí está toda a questão. Não ocorre o mesmo com os Espíritos contemporâneos, cujo caráter e cujos hábitos nos são conhecidos, e que podem provar sua identidade pelas particularidades do detalhe, particularidades que se obtêm raramente quando são pedidas, e que é preciso saber esperar. Tal é o fato relatado na carta seguinte:

Bordeaux, 25 de janeiro de 1862.

Meu caro senhor Kardec,

"Sabeis que temos o hábito de vos submeter todos os nossos trabalhos, nos reportando inteiramente às vossas luzes e à vossa experiência para apreciá-los; também quando, para nós os fatos são marcantes de identidade, nós nos limitamos a vos fazer conhecê-los em todos os seus detalhes.

"O Sr. Guipon, controlador da contabilidade na Companhia das estradas de ferro do Sul, membro do grupo diretor da Sociedade Espírita de Bordeaux, me escreveu, em data de 14 deste mês, a carta seguinte:

"Meu caro senhor Sabô, permiti-me dirigir-vos o pedido de fazer, em sessão, a evocação do Espírito de Carrère, subchefe da equipe da estação de Bordeaux, morto comandando uma manobra em 18 de dezembro último. Junto a este, em envelope, o detalhe dos fatos que desejo fazer constatar e que seriam, para nós, um assunto sério de estudo e de instrução. Me fareis o obséquio igualmente de não abrir esse envelope senão depois da evocação.

L. GUIPON.

No dia 18 do mesmo mês, numa reunião de uma dezena de pessoas honradas de nossa cidade, fizemos a evocação pedida:

1. Evocação do Espírito de Carrère. - R. Eis-me.

2. Qual é a vossa posição no mundo dos Espíritos? - R. Não sou nem feliz nem infeliz. Aliás, estou freqüentemente sobre a Terra; mostro-me a qualquer um que não está muito contente por me ver.

3. Com que objetivo vos manifestais a essa pessoa? - R. Ah! vede, é que ia morrer; tinha medo e não se tinha medo por mim. Procurar-se-ia por toda a parte um *Cristo* para me ajudar a transpor a difícil passagem da vida para a morte, e a pessoa a quem me mostrei tinha um que ela recusou de me emprestar para aplicá-la sobre meus lábios agonizantes, e depor entre minhas mãos como uma prova de paz e de amor. Pois bem! Ela disse falou por longo tempo ao me ver *ao lado do Cristo*; ali me verá sempre. Agora, eu me vou, estou mal acomodado aqui; deixai-me partir. Adeus.

Imediatamente depois desta evocação, abri o envelope fechado que continha os detalhes seguintes:

"Quando da morte de Carrère, subchefe da equipe de Bordeaux, morto em 18 de dezembro último, o Sr. Beautey, chefe de estação PV, fez transportar o corpo à estação dos viajantes e ordenou, a um homem da equipe ir ao seu domicílio pedir à senhora Beautey um Cristo para colocá-lo sobre o cadáver. Essa senhora respondeu pretendendo que o Cristo estava quebrado, e que, conseqüentemente, não o podia emprestar.

"Pelo dia 10 de janeiro corrente, a senhora Beautey confessou a seu marido que o Cristo que ela tinha recusado não estava quebrado, mas que ela não queria prestá-lo, disse ela, para não mais ter que sentir as emoções ocasionadas em seguida a um acidente semelhante, sobrevindo precedentemente, e quase nas mesmas condições. Ela acrescentou em seguida que nunca mais recusaria nada a um morto, e explicou essas palavras assim: - Durante toda a noite da morte desse homem, ele ficou visível para mim; por muito tempo eu o vi colocado *perto do Cristo*, depois ao seu lado.

"A senhora Beautey, que jamais vira nem ouvira falar desse homem, designou com tanta precisão ao seu marido, que este o reconheceu como se estivesse presente. A senhora Beautey, de resto, estava desperta, e não estava vendo os Espíritos pela primeira vez; entretanto, um fato há a se notar, é que o Espírito de Carrère impressionou-a fortemente, e que ele não tinha chegado quando ela viu outros Espíritos. - Assinado *Guipon*."

Mais abaixo se encontra a menção seguinte:

"Esta narração está perfeitamente exata.

"Assinado: *Beautey*, chefe de estação."

Acreditei de meu dever vos relatar o fato de identidade que acabo de vos assinalar, fato, é preciso nisto convir, muito raro e que não chegou, seguramente, senão com a permissão de Deus, e que serve de todos os meios para ferir a incredulidade e a indiferença.

Se julgardes útil reproduzir este interessante episódio, mais abaixo encontrareis as assinaturas das pessoas que assistiram a essa sessão. Elas me encarregaram de vos dizer que seus nomes podem ser postos a descoberto, e, conservar o incógnito nesta circunstância, acrescentam elas, seria uma falta. Os nomes próprios que figuram nos detalhes circunstanciados da evocação de Carrère podem igualmente ser publicados.

Vosso muito devotado servidor,

A. SABÔ.

Atestamos que os detalhes relatados na presente carta são verídicos em todos os pontos, e não hesitamos em confirmá-los com a nossa assinatura. A. Sabô, contador principal da Companhia das Estradas de Ferro do Sul, 13, rua Barennes. - CH. COLLIGNON, capitalista, rua Sauce, 12. - EMILIE COLLIGNON, capitalista. - UANGLE, empregado das contribuições indiretas, rua Pélegrin, 28. - VIÚVA CAZEMAJOUX. - GUIPON, controlador de contabilidade e das receitas das estradas de ferro do Sul, 119, caminho dos Bègles. - ULRICHS, negociante, rua dos Chartrons, 17. - CHAIN, negociante. - JOUANNI, empregado na casa do Sr. Arman, construtor de navios, rua Capenteyre, 26. -GOURGUES, negociante, caminho de Saint-Genès, 64. - BELLY primogênito, mecânico, rua Lafurterie, 39. - HUJBERT, capitão na 88^ª de comunicação. - PUGINER, tenente-coronel no mesmo regimento.

Como de hábito, não faltam os incrédulos para colocar este fato à conta da imaginação. Dirão, por exemplo, que a Senhora Beutey tinha o espírito ferido pela sua recusa, e que um remorso de consciência lhe fizera crer que via Carrère. Isso é possível, nisso convimos, mas os negadores, que não se consideram capaz de aprofundarem antes de julgar, não procuram se alguma circunstância escapa à sua teoria. Como explicarão o retrato, que ela fez, de um homem que jamais viu? "E um acaso", dirão. - Quanto à evocação, direis também que o médium não faz senão traduzir seu pensamento ou o dos assistentes, uma vez que essas circunstâncias foram ignoradas? É ainda o acaso? - Não; mas entre os assistentes havia o Sr. Guipon, autor da carta oculta e conhecedor do fato; ora, seu pensamento pôde se transmitir ao médium, pela corrente dos fluidos, tendo em vista que os médiuns estão *sempre* num estado de superexcitação febril, mantido e provocado pela concentração dos assistentes, e sua própria vontade; ora, nesse estado anormal, que não é outra coisa senão um estado biológico, segundo o sábio Sr. Figuier, há emanações que escapam do cérebro e dão percepções excepcionais provenientes da expansão dos fluidos que estabelecem relações entre as pessoas presentes e mesmo ausentes. Vede bem, pois, por esta explicação tão clara quanto lógica que não há necessidade de ter recursos com a intervenção de vossos pretensos Espíritos que não existem senão na vossa imaginação. - Esse raciocínio, confessamos com toda a humildade, supera a nossa inteligência, e vos perguntaremos se vos compreendeis vós mesmos?

Ensinaamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, março de 1862

A Reencarnação

(Enviado de La Haye. - Médiun, Sr. barão de Kock.)

A doutrina da reencarnação é uma verdade que não pode ser contestada; desde que o homem quer pensar somente no amor, na sabedoria e na justiça de Deus, não pode admitir nenhuma outra doutrina.

É verdade que não se encontra, nos livros sacros, senão estas palavras: "o homem, depois da morte, será recompensado segundo as suas obras;" mas não se dá bastante atenção a uma infinidade de citações, que todas vos dizem que é completamente inadmissível que o homem atual seja punido pelas faltas, pelos crimes daqueles que viveram antes do Cristo. Não posso retornar a tantos exemplos e demonstrações dadas por aqueles que têm fé na reencarnação, vós mesmo podeis isso suprir, os bons Espíritos vos ajudarão, e isso vos será um trabalho agradável. Podereis acrescentar isso aos ditados que vos dei e aos que vos darei ainda, se Deus o permitir. Estais convencidos do amor de Deus pelos homens; ele não deseja senão a felicidade de seus filhos; ora, o único meio para atingirem, um dia, essa felicidade suprema, está inteiramente nas reencarnações sucessivas.

Já vos disse que, o que Kardec escreveu sobre os anjos decaídos é a maior verdade. Os Espíritos que povoam o vosso globo, em sua maioria, sempre o habitaram. Se são os mesmos que para ele retornam desde tantos séculos, é que bem poucos mereceram a recompensa prometida por Deus.

O Cristo disse: "Esta raça será destruída, e logo esta promessa se cumprirá." Crendo-se em um Deus de amor e de justiça, como se pode admitir que os homens que vivem atualmente, e mesmo os que viveram há dezoito séculos, possam ser culpados da morte do Cristo sem admitir a reencarnação? Sim, o sentimento de amor por Deus, o das penas e das recompensas da vida futura, a idéia da reencarnação, são inatas no homem, há séculos; vede todas as histórias, vede os escritos dos sábios da antigüidade, e ficareis convencidos de que esta doutrina, em todos os tempos, foi admitida por todos os homens que compreenderam a justiça de Deus. Agora compreendeis o que é a nossa Terra, e como está chegado o momento em que as profecias do Cristo serão cumpridas.

Lamento-vos por encontrardes tão poucas pessoas que pensam como vós. Vossos compatriotas não sonham senão com grandezas e dinheiro, em se fazer um nome; rejeitam tudo o que pode entrar suas infelizes paixões; mas que isso não vos desencoraje; trabalhai por vossa felicidade, pelo bem daqueles que talvez retornarão aos seus erros; perseverai em vossa obra; pensai sempre em Deus, no Cristo, e a beatitude celeste será a vossa recompensa.

Querendo-se examinar a questão dos preconceitos, refletir sobre a existência do homem nas diferentes condições da sociedade, e coordenar essa existência com o amor, a sabedoria e a justiça de Deus, toda a dúvida, concernente ao dogma da reencarnação, logo deve desaparecer. Com efeito, como conciliar essa justiça, e esse amor, com uma única existência onde todos nascem em posições tão diferentes; onde um é rico e grande, ao passo que o outro está afligido pelos males de todas as espécies? Aqui se encontram o prazer e a alegria; mais longe a tristeza e a dor; em uns a inteligência está muito desenvolvida; em outros, ela se eleva apenas acima do animal. Pode-se crer que um Deus que é todo amor haja feito nascer criaturas condenadas, por toda sua vida, ao idiotismo e à demência, que haja permitido que crianças, na primavera da vida, fossem arrebatadas à ternura de seus pais? Ouso mesmo perguntar se poder-se-ia atribuir a Deus o amor, a sabedoria e a justiça, diante da visão desses povos mergulhados na ignorância e na barbárie, comparados às outras nações civilizadas, onde reinam as leis, a ordem, onde se cultivam as artes e as ciências? Não basta dizer: "Deus, em sua sabedoria, assim regulou todas as coisas"; não, a sabedoria de Deus que, antes de tudo, é amor, deve tornar-se clara para o entendimento humano: o dogma da reencarnação esclarece tudo; este dogma, dado pelo próprio Deus, não pode ser oposto aos princípios das santas Escrituras; longe disso, ele explica os princípios de onde emanam, para o homem, o adiantamento moral e a perfeição. Esse futuro, revelado pelo Cristo, está de acordo com os atributos infinitos que Deus deve possuir. O Cristo disse: "Todos os homens não são somente os filhos de Deus, são também irmãos e irmãs da mesma família"; ora, é preciso bem compreender estas expressões.

Um bom pai terrestre dará a alguns de seus filhos o que recusa a outros? Lançará um no abismo da miséria, ao passo que encherá o outro de riquezas, de honra e de dignidades? Acrescentai ainda que o amor de Deus, sendo infinito, não poderia ser comparado ao do homem por seus filhos. As diferentes posições do homem, tendo uma causa, e essa causa tendo por princípio o amor, a sabedoria, a bondade e a justiça de Deus, não pode encontrar sua razão de ser senão na doutrina da reencarnação.

Deus criou todos os Espíritos iguais, simples, inocentes, sem vícios, e sem virtudes, mas com o livre arbítrio de regular suas ações segundo um instinto que se chama consciência, e que lhes dá o poder de distinguir o bem e o mal. Cada Espírito está destinado à mais alta perfeição junto a Deus e do Cristo; para ali chegar, deve adquirir todos os conhecimentos pelo estudo de todas as ciências, se iniciar em todas as verdades, se depurar pela prática de todas as virtudes; ora, como essas qualidades superiores não podem ser obtidas em uma única vida, todos devem percorrer várias existências para adquirir os diferentes graus de saber.

A vida humana é a escola da perfeição espiritual, e uma seqüência de provas; é por isso que o Espírito deve conhecer todas as condições da sociedade, e, em cada uma dessas condições, deve se aplicar em cumprir a vontade divina. O poder e a riqueza, assim como a pobreza e a humildade, são provas; dores, idiotismo, demência, etc., são punições pelo mal cometido numa vida anterior.

Pelo livre arbítrio, do mesmo modo que cada indivíduo está em estado de cumprir as provas às quais é submetido, do mesmo modo pode nelas falir; no primeiro caso, a recompensa não se faz esperar, e essa recompensa consiste em um progresso na perfeição espiritual; no segundo, recebe sua punição, quer dizer, que deve reparar, por uma vida nova, o tempo perdido durante sua vida precedente, da qual não soube tirar vantagem para si mesmo.

Antes de sua reencarnação, os Espíritos planam nas esferas celestes, os bons gozando-lhes

a felicidade, os maus entregando-se ao arrependimento, atormentados pela dor de estarem desamparados por Deus; mas o Espírito, conservando a lembrança do passado, lembra-se de suas infrações aos mandamentos de Deus, e Deus lhe permite escolher, numa nova existência, suas provas e sua condição, o que explica por que se encontra, freqüentemente, nas classes inferiores da sociedade, sentimentos elevados e um entendimento desenvolvido, ao passo que nas classes superiores encontram-se, freqüentemente, tendências ignóbeis e Espíritos muito embrutecidos. Pode-se falar de injustiça quando o homem empregou mal sua vida, pode reparar suas faltas numa outra existência, e chegar ao seu objetivo? A injustiça não estaria numa condenação imediata e sem retorno possível? A Bíblia fala de punições eternas; mas isso não poderia realmente se entender para uma só vida, tão triste, tão curta; por esse instante, esse piscar de olho relativamente à eternidade. Deus quer dar a felicidade eterna em recompensa do bem, mas é preciso merecê-la, e uma única vida, de curta duração, não basta para alcançá-la.

Muitos perguntam porque Deus teria escondido, por tão longo tempo, aos homens um dogma cujo conhecimento é útil à sua felicidade? Teria, pois, amado menos os homens do que não o faz agora?

O amor de Deus é de toda eternidade; ele enviou aos homens, para esclarecê-los, sábios, profetas, o salvador Jesus Cristo; isso não é uma prova de seu amor infinito? Mas como os homens receberam esse amor? Tornaram-se melhores?

O Cristo disse: "Eu poderia vos dizer ainda muitas coisas, mas não poderíeis compreendê-las em vosso, estado de imperfeição", e tomando-se as santas Escrituras, no verdadeiro sentido intelectual, nelas se encontram citações que parecem indicar que o Espírito deve percorrer várias vidas antes de chegar ao seu objetivo? Não se encontram, igualmente, nas obras dos filósofos antigos, as mesmas idéias sobre a reencarnação dos Espíritos?

O mundo avançou muito, sob o aspecto material, nas ciências, nas instituições sociais; mas, sob o aspecto moral, está ainda muito atrasado; os homens desconhecem as leis de Deus, e não escutam mais a voz do Cristo; é porque Deus, em sua bondade, lhes dá como último recurso, para chegar a conhecer os princípios da felicidade eterna, a comunicação direta com os Espíritos e o ensinamento do dogma da reencarnação, palavras cheias de consolações e que brilham no meio das trevas dos dogmas de tantas religiões diferentes.

À obra! E que a procura se cumpra com amor e confiança; lede sem preconceitos; refleti sobre tudo o que Deus, desde a criação do mundo, se dignou fazer para o gênero humano, e sereis confirmados na fé que a reencarnação é uma verdade santa e divina.

Nota. - Não temos a honra de conhecer o Sr. barão de Kock; esta comunicação, que concorda com todos os princípios do Espiritismo, não é, pois, o fato de nenhuma influência pessoal.

O Realismo e o Idealismo em pintura

(Sociedade Espírita de Paris - Médiun, Sr. A. Didier.)



A pintura é uma arte que tem por objetivo retratar as cenas terrestres mais belas e mais elevadas, e imitar, algumas vezes, muito simplesmente a Natureza pela magia da verdade. É uma arte que, por assim dizer, não tem limites, sobretudo em vossa época. A arte, de vossos dias, não deve ser somente a personalidade; deve ser, se posso assim me exprimir, a compreensão de tudo o que esteve na história, e as exigências da cor local, longe de entravar a personalidade e a originalidade do artista, estendem suas vistas, formam e depuram seu gosto, e lhes fazem criar obras interessantes para a arte e para aqueles que nela querem ver uma civilização tombada, idéias esquecidas. A pintura, dita histórica, de vossas escolas não está, em relação com as exigências do século; e ousar dizê-lo, há mais de futuro para um artista, em suas pesquisas individuais sobre a arte e sobre a história, do que nesse caminho onde comecei, diz-se, a colocar o pé. Não há senão uma coisa que não possa salvar a arte em vossa época, é um novo impulso e uma nova escola que, aliando os dois princípios que se diz tão contrários: o *realismo* e o *idealismo*, compelem as pessoas jovens a compreender que se os mestres são assim chamados, é que viviam com a Natureza, e que sua poderosa imaginação inventava ali onde era preciso inventar, mas obedecia ali onde era preciso obedecer.

Para muitas pessoas ignorantes da ciência e da arte, as disposições, freqüentemente, trocam o saber e a observação; também se vêem, de todas as partes, em vossa época, homens de uma imaginação muito interessante, é verdade, de artistas mesmo, mas pintores, de nenhum modo; aqueles não serão contados na história senão como muito engenhosos desenhistas. A rapidez no trabalho, a pronta entrega do pensamento, adquirem-se pouco a pouco pelo estudo e pela prática, e embora possua essa imensa faculdade de tornar rápido, é preciso ainda lutar, e sempre lutar. No vosso século materialista, a arte, não digo em todos os pontos, muito alegremente, se materializa ao lado dos esforços, verdadeiramente surpreendentes, de homens célebres da pintura moderna. Por que essa tendência? É o que indicarei numa próxima comunicação.



Para bem compreender a pintura, como disse em minha última comunicação, seria preciso ir da prática à idéia, da idéia à prática. Passei a minha vida, quase inteira, em Roma; quando contemplava as obras dos mestres, esforçava-me por compreender, em meu Espírito, a ligação íntima, as relações e a harmonia do idealismo mais elevado e do realismo mais real. Raramente vi uma obra-prima que não reunisse esses dois grandes princípios; nela havia o ideal e o sentimento da expressão ao lado de uma verdade tão brutal que dizia em mim mesmo: está bem aí a obra do espírito humano; está bem aí a obra objetivada e pensada primeiro; estão bem aí a alma e o corpo: é a vida inteiramente. Via que os mestres, brandos em suas idéias, em sua compreensão, o estavam em suas formas, em suas cores, em seus efeitos; a expressão de suas cabeças era incerta e a de seus movimentos banal e sem grandeza. É preciso uma longa iniciação na Natureza para bem compreender seus segredos, seus caprichos e suas sublimidades. Não é pintor quem quer; além do trabalho da observação, que é imenso, é preciso lutar em seu cérebro e na prática contínua da arte; é preciso, num momento dado, trazer, à obra que se quer produzir, os instintos e o sentimento das coisas adquiridas e das coisas pensadas, em uma palavra, sempre esses dois grandes princípios: alma e corpo.

NICOLAS POUSSIN.

Os obreiros do Senhor

(Cherbourg, fevereiro de 1861. - Médiun, Sr. Robin.)

Atingis o tempo do cumprimento das coisas anunciadas para a transformação da Humanidade; felizes serão aqueles que tiverem trabalhado no campo do Senhor com desinteresse e sem outro móvel que a caridade! Suas jornadas de trabalhos serão pagas ao cêntuplo do que tiverem esperado.' Felizes serão aqueles que tiverem dito aos seus irmãos: "Irmãos, trabalhemos juntos, e unamos nossos esforços a fim de que o mestre encontre a obra pronta em sua chegada, porque o mestre lhes dirá: 'Vinde a mim, vós que fostes bons servidores, vós que fizestes calar vossos ciúmes e vossas discórdias para não deixar a obra parada!" Mas infelizes daqueles que, pelas suas dissensões, tiverem retardado a hora da colheita, porque a tempestade virá e serão levados pelo turbilhão! Eles gritarão: "Graça! graça!" Mas o Senhor lhes dirá: "Porque pedis graça, vós que não tivestes piedade de vossos irmãos, e que recusastes estender-lhes a mão, vós que esmagastes o fraco em lugar de sustentá-lo? Por que pedis graça, vós que procurastes vossa recompensa nas alegrias da Terra e na satisfação de vosso orgulho? Vós já recebestes, vossa recompensa tal como a quisestes; não a peçais mais: as recompensas celestes são para aqueles que não terão pedido as recompensas da Terra."

Deus faz neste momento o recenseamento de seus servidores fiéis, e marcou com o seu dedo aqueles que não têm senão a aparência do devotamento, a fim de que não usurpem o salário dos servidores corajosos, porque será a estes, que não recuarão diante de sua tarefa, que vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo, e esta palavra se cumprirá: "Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros no reino dos céus!"

O ESPÍRITO DE VERDADE

Instrução moral

(Paris, grupo Faucherand. - Médiun, Sr. Planche.)

Venho a vós, pobres transviados sobre uma terra escorregadia, cuja inclinação rápida não espera mais que alguns passos ainda para vos precipitar nos abismos. Como bom pai de família, venho vos estender mão caridosa para vos salvar do perigo. Meu maior desejo é vos conduzir sob o teto paterno e divino, a fim de vos fazer gozar, pelo amor de Deus e do trabalho, pela fé e caridade cristã, a paz, os prazeres e as doçuras do lar doméstico. Como vós, meus caros filhos, conheci as alegrias e os sofrimentos, sei tudo o que há de dúvidas em vossos espíritos, e de combate em vossos corações. É para vos premunir contra vossos defeitos, e vos mostrar os escolhos contra os quais poderíeis vos chocar, que serei justo, mas severo.

Do alto das esferas celestes que eu percorro, meu olhar mergulha com felicidade nas vossas reuniões, e é com um vivo interesse que sigo as vossas santas instruções. Mas, ao mesmo tempo em que a minha alma se alegra de um lado, de outro sente uma pena muito amarga, quando penetra os vossos corações e ali vê ainda tanto apego às coisas terrestres. Para a maioria, o santuário de nossas lições vos tem lugar de sala de espetáculo, e esperais sempre ver ali surgir, de nossa parte, alguns fatos maravilhosos. Não estamos encarregados de vos fazer milagres, mas temos a missão de lavrar os vossos corações, de abrir-lhes largos sulcos para neles lançar, a mãos cheias, a semente divina. Nós nos devotamos sem cessar a torná-la fecunda; porque sabemos que essas raízes devem atravessar a terra, de um pólo ao outro, e cobrir-lhe toda a superfície. Os frutos que delas

sairão serão tão belos, tão suaves e tão grandes que subirão até os céus.

Felizes aqueles que souberem colhê-los para com eles se saciarem; porque os Espíritos bem-aventurados virão ao seu encontro, cingirão sua cabeça com a auréola dos eleitos, Ihe farão escalar os degraus do trono majestoso do Eterno, e Ihe dirão para tomarem parte na felicidade incomparável, nos gozos e nas delícias sem fim das falanges celestes.

Infeliz aquele a quem houver sido dado ver a luz e ouvir a palavra de Deus, que tiver fechado os olhos e tapado os ouvidos; porque o Espírito das trevas o envolverá em suas asas lúgubres e o transportará em seu negro império para Ihe fazer expiar, durante séculos, pelos tormentos sem número, sua desobediência ao Senhor. É o momento de aplicara sentença de morte do profeta Oséias: *Coedan eos secundum auditionem coetus eorum* (eu os farei morrer segundo tiverem ouvido). Que estas poucas palavras não sejam fumaça desaparecendo nos ares; mas que elas cativem a vossa atenção para que as mediteis e as reflitais seriamente. Apressai-vos em aproveitar alguns instantes que vos restam para consagrá-los a Deus; um dia viremos vos pedir que conta fizestes de nossos ensinamentos, e como tereis posto em prática a doutrina sagrada do Espiritismo.

A vós, pois, Espíritas de Paris, que podeis muito pela vossa posição pessoal e pela vossa influência moral, a vós, digo, a glória e a honra de dar o exemplo sublime das virtudes cristãs. Não espereis que a infelicidade venha bater em vossa porta. Ide diante de vossos irmãos sofredores, dai ao pobre o óbolo da jornada, secai as lágrimas da viúva e do órfão, com doces e consoladoras palavras. Levantai a coragem abatida desse velho curvado sob o peso dos anos e sob o jugo dessas iniquidades, fazendo luzir em sua alma as asas douradas da esperança numa vida futura e melhor. Prodigalizai, por toda a parte, sobre a vossa passagem, o amor e a consolação; elevando assim as vossas boas obras à altura de vossos pensamentos, merecereis dignamente o título glorioso e brilhante que vos concedem mentalmente os espíritas da província e do estrangeiro, cujos olhos estão fixados sobre vós, e que, tocados de admiração diante das ondas de luz que escapam de vossas assembléias, vos chamarão o Sol da França.

LACORDAIRE.

A Vinha do Senhor

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, Sr. E.Vézy.)

Enfim, todos virão trabalhar na vinha: já os vejo; chegam em quantidade; ei-los que acorrem. Vamos! à obra, filhos; eis que Deus quer que todos nela trabalheis.

Semeai, semeai, e um dia colhereis com abundância. Vede no oriente esse belo Sol; como ele se eleva radioso e brilhante! vem para nos aquecer e aumentar os cachos da vinha. Vamos, filhos! as vindimas estarão esplêndidas, e cada um de vós virá beber na taça o vinho sagrado da regeneração. É o vinho do Senhor, que será vertido no banquete da fraternidade universal! Lá, todas as nações estarão reunidas em uma só e mesma família e cantarão os louvores de um mesmo Deus. Armai-vos, pois, de relhas e facões, vós que quereis viver eternamente; amarraí os cepos, a fim de que não tombem e fiquem direitos, e suas copas subirão ao céu. Haverá os que terão cem côvados, e os Espíritos dos mundos etéreos, virão espremer-Ihe os grãos e refrescá-los; o suco será de tal modo poderoso que dará a força e a coragem aos fracos; será o leite nutritivo do pequeno.

Eis a vindima que vai se fazer; ela já se fez; preparam-se os vasos que devem conter o licor sagrado. Aproximai vossos lábios, vós que quereis provar, porque esse licor vos embriagará de uma celeste embriaguez, e vereis Deus em vossos sonhos, esperando que a realidade suceda ao sonho.

Filhos! esta vinha esplêndida que deve vos elevar para Deus, é o Espiritismo. Adeptos fervorosos, é preciso erguê-la possante e forte, e vós, pequenos, é preciso que ajudeis os fortes a sustentá-la e a propagá-la! Cortai-lhe os brotos e plantai-os em um outro campo; eles produzirão novas vinhas e outros brotos em todos os países do mundo.

Sim, eu vo-lo digo: enfim todo o mundo beberá do suco da vinha, e vós o bebereis no reino do Cristo com o Pai celeste! Sede, pois, saudáveis e dispostos, e não vivais uma vida austera. Deus não vos pede viver de austeridade e de privações; não pede que cubrais o vosso corpo com um cilício: quer que vivais somente segundo a caridade e segundo o coração. Não quer modificações que destruam o corpo; quer que cada um se aqueça ao seu sol, e se fez raios mais frios, uns do que os outros, é para fazer todos compreenderem quanto é forte e poderoso. Não, não vos cubrais de cilício; não estragueis vossas carnes sob os golpes da disciplina; para trabalhar na vinha, é preciso ser robusto e poderoso; é preciso ao homem o vigor que Deus lhe deu. Ele não criou a Humanidade para fazer dela uma raça bastarda e enfraquecida; a fez como manifestação de sua glória e de seu poder.

Vós que quereis viver a verdadeira vida, estareis nos caminhos do Senhor quando houverdes dado o pão ao infeliz, o óbolo aos sofredores e a vossa prece a Deus. Então, quando a morte fechar as vossas pálpebras, o anjo do Senhor dirá com clareza os vossos benefícios, e vossa alma, levada sobre as asas brancas da caridade, subirá a Deus tão bela e tão pura quanto um belo lírio que desabrocha de manhã sob um sol primaveril.

Orai, amai e fazei a caridade, meus irmãos; a vinha é grande, o campo do Senhor é grande; vinde, vinde, Deus e o Cristo vos chamam, e eu vos abençôo.

SANTO AGOSTINHO.

A Caridade para com os criminosos

Problema moral.

"Um homem está em perigo de morte; para salvá-lo é preciso expor a sua própria vida; mas sabe-se que esse homem é um malfeitor, e que, se dele escapar, poderá cometer novos crimes. Apesar disso, deve-se expor para salvá-lo?"

A resposta seguinte foi obtida na Sociedade Espírita de Paris, a 7 de fevereiro de 1862, médium Sr. A. Didier:

Esta é uma questão muito grave e que pode se apresentar naturalmente ao espírito. Responderei segundo meu adiantamento moral, uma vez que a isso estamos sujeitos, que se deve expor a sua própria vida por um malfeitor. O devotamento é cego: socorre-se um inimigo, deve-se, pois, socorrer mesmo o inimigo da sociedade, um malfeitor, em uma palavra. Credes, pois, que é somente à morte que se deve arrancar esse infeliz? Talvez, é à sua vida passada inteira. Porque, pensai nisso, nesses rápidos instantes que lhe arrebatam

os últimos minutos da vida, o homem perdido retorna sobre sua vida passada, ou antes, ele se levanta diante dela. A morte, talvez, chegue muito cedo para ele; a reencarnação será, talvez, terrível; atirai-vos, pois, homens! vós que a ciência espírita esclareceu, atirai-vos, arrancai-o de sua condenação, e então, talvez, esse homem que estaria morto vos blasfemando, se lançará em vossos braços. No entanto, não é preciso vos perguntar se o fará ou se não o fará, mas vos atirar, porque, salvando-o, obedeceis a esta voz do coração que vos diz: 'Tu podes salvá-lo, salva-o!'

LAMENNAIS.

Nota. - Por uma singular coincidência, recebemos, há alguns dias, a comunicação seguinte, obtida no grupo espírita do Hayre, e tratando quase do mesmo assunto.

Em continuação, escrevem-nos, de uma conversa a respeito do assassino Dumollard, o Espírito da Sra. Elisabeth de France, que já dera diversas comunicações, se apresentou espontaneamente e ditou o que se segue:

A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Deve existir entre os verdadeiros discípulos de sua doutrina uma fraternidade completa. Deveis amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos se se arrependem, como a vós mesmos, pelas faltas que cometerdes contra a sua lei. Pensai que sois mais repreensíveis, mais culpáveis do que aqueles aos quais recusais o perdão e a comiseração, porque, freqüentemente, eles não conhecem Deus como vós o conheceis, e lhes será menos pedido do que avós. Não julgueis nunca; oh! não julgueis nunca, meus caros amigos, porque o julgamento que fizerdes vos será aplicado mais severamente ainda, e tendes necessidade de indulgência para com os pecados que cometeis sem cessar. Não sabeis que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza, e que o mundo não considera mesmo como faltas leves? A verdadeira caridade não consiste somente na esmola que dais, nem mesmo nas palavras de consolação com as quais podeis acompanhá-la; não, não é isso somente o que Deus exige de vós. A caridade sublime, ensinada por Jesus, consiste também na benevolência concedida sempre, e em todas as coisas, ao vosso próximo. Podeis ainda exercer esta sublime virtude sobre muitos seres que não têm que se fazer senão esmolas, e que palavras de amor, de consolação, de encorajamento conduzirão ao Senhor. Os tempos estão próximos, eu vos digo ainda, em que a grande fraternidade reinará sobre o globo; a lei do Cristo é a que regerá os homens: só aquela será o freio e a esperança, e conduzirá as almas às moradas bem-aventuradas. Amai-vos, pois, como os filhos de um mesmo pai; não façais diferença entre os outros infelizes, porque é Deus que quer que todos sejam iguais; não desprezeis, pois, a ninguém; Deus permite que os grandes criminosos estejam entre vós, a fim de que vos sirvam de ensinamento. Logo, quando os homens forem conduzidos às verdadeiras leis de Deus, não haverá mais necessidade desses ensinamentos, e todos os Espíritos impuros e revoltados serão dispersados nos mundos inferiores, em harmonia com as suas tendências.

Deveis àqueles dos quais vos falo o socorro de vossas preces: é a verdadeira caridade. Não é preciso dizer de um criminoso: "É um miserável, é preciso purgá-lo da Terra; a morte que se lhe inflige é muito branda para um ser de sua espécie." Não, não é assim que deveis falar. Olhai o vosso modelo, Jesus; que diria se visse esse infeliz junto dele? Lamentá-lo-ia; considerá-lo-ia como um enfermo muito miserável; estender-lhe-ia a mão. Vós não podeis fazê-lo em realidade, mas ao menos podeis orar por esse infeliz, assistir o seu Espírito durante os poucos instantes que deve ainda passar sobre a vossa Terra. O arrependimento pode tocar seu coração se orardes com fé. É vosso próximo como o melhor dentre os homens; sua alma transviada e revoltada é criada, como a vossa, à imagem do Deus

perfeito. Orai, pois, por ele; não o julgueis nunca, não o deveis nunca. Só Deus o julgará.

ELISABETH DE FRANÇA.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Abril

- [Frenologia espiritualista e espírita - Perfectibilidade da raça negra](#)
- [Conseqüências da doutrina da reencarnação sobre a propagação do Espiritismo](#)
- [Epidemia demoníaca em Savoie](#)
- [Respostas à questão dos anjos decaídos](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Girard de Codemberg](#)
 - [De La Bruyère](#)
- Poesias Espíritas.
 - [Credes nos Espíritos do Senhor](#)
 - [As Vozes do Céu](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Os Mártires do Espiritismo](#)
 - [Os Ataques contra a idéia nova](#)
 - [Perseguição](#)
- [Bibliografia](#)

Frenologia espiritualista e espírita - Perfectibilidade da raça negra

Revista Espírita, abril de 1862

(1) Ver a *Revista Espírita*, julho 1860: *A Frenologia e a Fisiognomonía*.

A raça negra é perfectível? Segundo algumas pessoas, essa questão está julgada e resolvida negativamente. Se assim é, e se essa raça está votada por Deus a uma eterna inferioridade, a consequência é que é inútil se preocupar com ela, e que é preciso se limitar a fazer do negro uma espécie de animal doméstico adestrado para a cultura do açúcar e do algodão. No entanto, a Humanidade, tanto quanto o interesse social, requer um exame mais atento: é o que iremos tentar fazer; mas como uma conclusão dessa gravidade, num ou noutro sentido, não pode ser tomada levemente e deve se apoiar sobre um raciocínio sério, pedimos a permissão para desenvolver algumas considerações preliminares, que nos servirão para mostrar, uma vez mais, que o Espiritismo é a única chave possível de uma multidão de problemas insolúveis com a ajuda dos dados atuais da ciência. A frenologia nos servirá de ponto de partida; exporemos, sumariamente, as suas bases fundamentais para a compreensão do assunto.

A frenologia, como se sabe, repousa sobre esse princípio de que o cérebro é o órgão do pensamento, como o coração é o da circulação, o estômago o da digestão, o fígado o da secreção da bilis. Esse ponto é admitido por todo o mundo, porque não há ninguém que possa atribuir o pensamento a uma outra parte do corpo; cada um sente que pensa pela cabeça e não pelo braço e não pela perna. Há mais: sente-se instintivamente que a sede do pensamento está na frente; está ali, e não no occiput, que se leva a mão para indicar que um pensamento acaba de surgir. Para todo o mundo, o desenvolvimento da parte frontal faz presumir mais inteligência do que quando é baixa e deprimida. Por outro lado, as experiências anatômicas e fisiológicas demonstraram claramente o papel especial de certas partes do cérebro nas funções vitais, e a diferença de fenômenos produzidos pela lesão de tal ou tal parte. As pesquisas da ciência não podem deixar dúvidas a esse respeito; as do Sr. Flourens, sobretudo, provaram até à evidência, a especialidade das funções do cerebelo.

Portanto, é admitido em princípio que todas as partes do cérebro não têm a mesma função. Além disso, é reconhecido que os cordões nervosos que, do cérebro como fonte, se ramificam em todas as partes do corpo, como os filamentos de uma raiz, são afetados de maneira diferente segundo a sua destinação; é assim que o nervo ótico, que chega ao olho e desabrocha na retina, é afetado pela luz e pelas cores, e transmite sua sensação ao cérebro numa porção especial; que o nervo auditivo é afetado pelos sons, e os nervos olfativos pelos odores. Que um desses nervos perca sua sensibilidade por uma causa qualquer, e a sensação não mais ocorre; fica-se cego, surdo ou privado do olfato. Esses nervos têm, pois, funções distintas e não podem, de nenhum modo, se substituir, e, no entanto, o exame mais atento não mostra a mais leve diferença em sua textura.

A frenologia, partindo desses princípios, vai mais longe: localiza todas as faculdades morais

e intelectuais, a cada uma das quais assinala um lugar especial no cérebro; assim é que ela afeta um órgão com o instinto de destruição que, levado ao excesso, se torna crueldade e ferocidade; um outro com a firmeza, cujo excesso, sem o contrapeso do julgamento, produz a obstinação; um outro ao amor à prole; outros à memória dos lugares, à dos nomes, à das formas, ao sentimento poético, à harmonia dos sons, das cores, etc., etc. Não é aqui o lugar de fazer a descrição anatômica do cérebro; diremos somente que, fazendo-se uma seção longitudinal na massa, reconhecer-se-á que da base partem feixes fibrosos indo desabrochar na superfície, e quase apresentando o aspecto de um cogumelo cortado em sua altura. Cada feixe corresponde a uma das circunvoluções da superfície externa, de onde se segue que o desenvolvimento corresponde ao desenvolvimento do feixe fibroso. Sendo cada feixe, segundo a frenologia, a sede de uma sensação ou de uma faculdade, ela disso conclui que a energia da sensação, ou da faculdade, está em razão do desenvolvimento do órgão.

Nos fetos, a caixa óssea do crânio não está ainda formada; no início, ela não é senão uma película, uma membrana muito flexível, que se modela, conseqüentemente, sobre as partes salientes do cérebro, e lhes conserva a impressão, à medida que se endurece pelo depósito do fosfato de cálcio, que é a base dos ossos. Da saliência do crânio a frenologia conclui o volume do órgão, e do volume do órgão conclui o desenvolvimento da faculdade.

Tal é, em poucas palavras, o princípio da ciência frenológica. Embora o nosso objetivo não seja desenvolvê-la aqui, uma palavra ainda é necessária sobre o modo de apreciação. Enganar-se-ia estranhamente crendo-se poder deduzir o caráter absoluto de uma pessoa só pela inspeção das saliências do crânio. As faculdades se fazem, reciprocamente, contrapeso, se equilibram, se corroboram ou se atenuam umas pelas outras, de tal sorte que, para julgar um indivíduo, é preciso ter em conta o grau de influência de cada um, em razão de seu desenvolvimento, depois fazer entrar na balança o temperamento, o meio, os hábitos e a educação. Suponhamos um homem tendo o órgão da destruição muito pronunciado, com atrofia dos órgãos das faculdades morais e afetivas, será vilmente feroz; mas se, à destruição, junta a benevolência, a afeição, as faculdades intelectuais, a destruição será neutralizada, terá por efeito dar-lhe mais energia, poderá ser um homem muito honesto, ao passo que o observador superficial, que o julgaria sobre a inspeção do primeiro único órgão, o tomaria por um assassino. Concebe-se, segundo isso, todas as modificações do caráter que poderão resultar do concurso das outras faculdades, como a astúcia, a circunspeção, a estima de si, a coragem, etc. O sentimento da cor, só, fará o colorista, mas não fará o pintor; só o da forma não fará senão um desenhista; os dois reunidos não farão senão um pintor copista, se não houver, ao mesmo tempo, as faculdades reflexivas e comparativas. Isso basta para mostrar que as observações frenológicas práticas apresentam uma dificuldade muito grande, e repousam sobre considerações filosóficas, que não estão ao alcance de todo o mundo. Colocadas estas preliminares, encaremos a coisa de um outro ponto de vista.

Dois sistemas radicalmente opostos têm, desde o princípio, dividido os frenologistas em materialistas e em espiritualistas.

Os primeiros, nada admitindo fora da matéria, dizem que o pensamento é um produto da substância cerebral; que o cérebro segrega o pensamento, como as glândulas a saliva, como o fígado a bÍlis; ora, como a quantidade de secreção é geralmente proporcional ao volume e à qualidade do órgão secretor, dizem que a quantidade do pensamento é proporcional ao volume e à qualidade do cérebro, que cada parte do cérebro, segregando uma ordem particular de pensamentos, os diversos sentimentos e as diversas aptidões estão na razão do órgão que os produz. Não refutaremos esta monstruosa doutrina que faz do homem uma máquina, sem responsabilidade de seus atos maus, sem mérito de suas

boas qualidades, e que não deve seu gênio e suas virtudes senão ao acaso de seu organismo (1-(1) Vede a *Revista Espírita* de março de 1851: *A cabeça de Garibaldi*, página 76.).

Com semelhante sistema, toda punição é injusta e todos os crimes são justificados.

Os espiritualistas dizem, ao contrário, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas os instrumentos da manifestação das faculdades; que o pensamento é um atributo da alma e não do cérebro; que a alma, possuindo por si mesma aptidões diversas, a predominância de tal ou tal faculdade leva ao desenvolvimento do órgão correspondente, como o exercício de um braço leva ao desenvolvimento dos músculos desse braço; de onde se segue que o desenvolvimento do órgão é um efeito e não uma causa. Assim, um homem não é poeta porque tem o órgão da poesia; tem o órgão da poesia porque é poeta, o que é muito diferente. Mas aqui se apresenta uma outra dificuldade diante da qual a frenologia forçosamente se detém: se é espiritualista, nos dirá bem que o poeta tem o órgão da poesia, mas não nos diz porque ele é poeta; porque o é antes que seu irmão, embora educado nas mesmas condições; e assim com todas as outras aptidões. Só o Espiritismo pode dar-lhes a explicação.

Com efeito, se a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo, a do sábio do Instituto é tão nova quanto a do selvagem; desde então, por que, pois, há sobre a Terra selvagens e membros do Instituto? O meio no qual eles vivem, direis. Seja; dizei, então, por que homens nascidos no meio mais ingrato, e mais refratário, se tornam gênios, ao passo que crianças que bebem a ciência com o leite materno são imbecis. Os fatos não provam, até à evidência, que há homens instintivamente bons ou maus, inteligentes ou estúpidos? É preciso, pois, que haja na alma um germe; de onde vem? Pode-se racionalmente dizer que Deus os fez de todas as espécies, uns que chegam sem dificuldade, e outros que não chegam mesmo com um trabalho perseverante? Estaria aí sua justiça e sua bondade? Evidentemente não. Uma única solução é possível: a preexistência da alma, sua anterioridade ao nascimento do corpo, o desenvolvimento adquirido segundo o tempo que ela viveu e as diferentes migrações que percorreu. A alma traz, pois, unindo-se ao corpo, o que adquiriu, suas qualidades boas ou más; daí as predisposições instintivas; de onde se pode dizer, com certeza, que aquele que nasceu poeta já cultivou a poesia; que aquele que nasceu músico cultivou a música; que aquele que nasceu celerado foi mais celerado ainda. Tal é a fonte das faculdades inatas que produzem, nos órgãos destinados à sua manifestação, um trabalho interior, molecular, que os leva ao desenvolvimento.

Isto nos conduz ao exame da importante questão da anterioridade de certas raças e de sua perfectibilidade.

Colocamos, de início, em princípio, que todas as faculdades, todas as paixões, todos os sentimentos, todas as aptidões estão na Natureza; que elas são necessárias à harmonia geral, porque Deus nada faz de inútil; que o mal resulta do abuso, assim como da falta de contrapeso e de equilíbrio entre as diversas faculdades. As faculdades não se desenvolvendo todas simultaneamente, disso resulta que o equilíbrio não pode se estabelecer senão com o tempo; que essa falta de equilíbrio produz homens imperfeitos, nos quais o mal domina momentaneamente. Tomemos por exemplo o instinto da destruição; este instinto é necessário, porque, na Natureza, é preciso que tudo se destrua para se renovar; é por isso que todas as espécies vivas são, ao mesmo tempo, agentes destruidores e reprodutores. Mas o instinto de destruição isolado é um instinto cego e brutal; ele domina entre os povos primitivos, entre os selvagens, cuja alma não adquiriu ainda as qualidades reflexivas próprias para regularem a destruição numa justa medida. O

selvagem feroz pode, numa só existência, adquirir as qualidades que lhe faltam? Que educação dar-lhe-íeis, desde o berço, para fazerdes deles um São Vicente de Paulo, um sábio, um orador, um artista? Não; é materialmente impossível. E, no entanto, esse selvagem tem uma alma; qual é a sorte dessa alma depois da morte? É punida por seus atos bárbaros que nada reprimiu? Está colocada em posição igual à do homem de bem? Um não é mais racional que o outro? Está, então, condenada a permanecer eternamente num estado misto, que não é nem a felicidade e nem a infelicidade? Isso não seria justo; porque, se não é mais perfeita, isso não dependeu dela. Não podeis sair desse dilema senão admitindo a possibilidade de um progresso; ora, como pode progredir, se não for tomando novas existências? Poderá, direis, progredir como Espírito, sem retornar sobre a Terra. Mas, então, por que nós, civilizados, esclarecidos, nascemos na Europa antes que na Oceania? em corpos brancos antes que em corpos negros? Por que um ponto de partida tão diferente, se não se progride senão como Espírito? Por que Deus nos isentou do longo caminho que o selvagem deve percorrer? Nossas almas seriam de uma outra natureza que a sua? Por que, então, procurar fazê-lo cristão? Se o fazeis cristão, é que o olhais como vosso igual diante de Deus; se é vosso igual diante de Deus, porque Deus vos concede privilégios? Agiríeis inutilmente, não chegaríeis a nenhuma solução senão admitindo, para nós um progresso anterior, para o selvagem um progresso ulterior; se a alma do selvagem deve progredir ulteriormente, é que ela nos alcançará; se progredimos anteriormente, é que fomos selvagens, porque, se o ponto de partida for diferente, não há mais justiça, e se Deus não é justo, não é Deus. Eis, pois, forçosamente, duas existências extremas: a do selvagem e a do homem mais civilizado; mas, entre esses dois extremos, não encontrais nenhum intermediário? Segui a escala dos povos, e vereis que é uma cadeia não interrompida, sem solução de continuidade. Ainda uma vez, todos esses problemas são insolúveis sem a pluralidade das existências. Dizei que os Zelandeses renascerão entre um povo um pouco menos bárbaro, e assim por diante até à civilização, e tudo se explica; que se, em lugar de seguir os degraus da escala, vencer todos de repente e sem transição entre nós, e nos dará o odioso espetáculo de um Dumollard, que é um monstro para nós, e que nada apresentou de anormal entre as populações da África central, de onde talvez saiu. Assim é que, fechando-se numa só existência, tudo é obscuridade, tudo é problema sem resultado; ao passo que, com a reencarnação, tudo é claro, tudo é solução.

Voltemos à frenologia. Ela admite órgãos especiais para cada faculdade, e não cremos que esteja com a verdade; mas iremos mais longe. Vimos que cada órgão cerebral é formado de um feixe de fibras; pensamos que cada fibra corresponde a uma nuance da faculdade. Isto não é senão uma hipótese, é verdade, mas que poderá abrir caminho para novas observações. O nervo auditivo recebe os sons e transmite-os ao cérebro; mas se o nervo é homogêneo, como percebe sons tão variados? É, pois, permitido admitir que cada fibra nervosa seja destinada a um som diferente com o qual ela vibra, de alguma sorte, em unísono, como as cordas de uma harpa. Todos os tons estão na Natureza; suponhamo-los cem, desde o mais agudo até o mais grave: o homem que possuísse as cem fibras correspondentes, percebê-los-ia a todos; aquele que não os possuísse senão pela metade, não perceberia senão a metade dos sons, os outros lhe escapariam, e deles não teria nenhuma consciência. Ocorreria o mesmo com as cordas vocais para exprimir os sons; com as fibras óticas para perceber as diferentes cores; com as fibras olfativas para perceber todos os odores. O mesmo raciocínio pode se aplicar aos órgãos de todos os gêneros de percepções e de manifestações.

Todos os corpos animados encerram, incontestavelmente, o princípio de todos os órgãos, mas há os que, em certos indivíduos, são de tal modo rudimentares, que não são suscetíveis de desenvolvimento, e que é absolutamente como se não existissem; portanto, em certas pessoas, não pode nelas haver nem as percepções, nem as manifestações correspondentes a esses órgãos; em uma palavra, elas estão, para essas faculdades, como

os cegos para a luz, os surdos para a música.

O exame frenológico dos povos pouco inteligentes constata a predominância das faculdades instintivas, e a atrofia dos órgãos da inteligência. O que é excepcional nos povos avançados, é a regra em certas raças. Por que isto? É uma injusta preferência? Não, é a sabedoria. A Natureza é sempre providente; nada faz de inútil; ora, seria uma coisa inútil dar um instrumento completo a quem não tem meios de se servir dele. Os Espíritos selvagens são Espíritos ainda crianças, podendo-se assim se exprimir; entre eles, muitas faculdades ainda estão latentes. Que faria, pois, o Espírito de um Hotentote no corpo de um Arago? Seria como aquele que não sabe a música diante de um excelente piano. Por uma razão inversa, que faria o Espírito de Arago no corpo de um Hotentote? Seria como Liszt diante de um piano que não teria senão algumas más cordas falsas, às quais seu talento jamais chegaria a dar sons harmoniosos. Arago entre os selvagens, com todo o seu gênio, seria tão inteligente, talvez, quanto pode sê-lo um selvagem, mas nada de mais; jamais seria, sob uma pele negra, membro do Instituto. Seu Espírito levá-lo-ia ao desenvolvimento dos órgãos? De órgãos fracos, sim; de órgãos rudimentares, não(1(1)Vede a *Revista Espírita* de outubro de 1861: Os Cretinos.)

A Natureza, portanto, apropriou os corpos ao grau de adiantamento dos Espíritos que devem neles se encarnar; eis porque os corpos das raças primitivas possuem menos cordas vibrantes que os das raças avançadas. Há, pois, no homem, dois seres bem distintos: o Espírito, ser pensante; o corpo, instrumento das manifestações do pensamento, mais ou menos completo, mais ou menos rico em cordas, segundo as necessidades.

Chegamos agora à perfectibilidade das raças; esta questão, por assim dizer, está resolvida pelo que precede: não temos senão que deduzir-lhe algumas conseqüências. Elas são perfectíveis pelo Espírito que se desenvolve através de suas diferentes migrações, em cada uma das quais adquire, pouco a pouco, as qualidades que lhes faltam; mas, à medida que as suas faculdades se estendem, falta-lhe um instrumento apropriado, como a uma criança que cresce são necessárias roupas maiores; ora, sendo insuficientes os corpos constituídos para seu estado primitivo, lhes é necessário encarnar em melhores condições, e assim por diante, à medida que progride.

As raças são também perfectíveis pelo corpo, mas isso não é senão pelo cruzamento com as raças mais aperfeiçoadas, que lhes trazem novos elementos que as *enxertam*, por assim dizer, os germes de novos órgãos. Esse cruzamento se faz pelas emigrações, pelas guerras, e pelas conquistas. Sob esse aspecto, há raças, como famílias, que se abastardam se não se misturam com sangues diversos. Então, não se pode dizer que isso seja a raça primitiva pura, porque sem cruzamento essa raça será sempre a mesma, seu estado de inferioridade relacionado à sua natureza; ela degenerará em lugar de progredir, e é o que a conduz ao desaparecimento num tempo dado.

A respeito dos negros escravos, diz-se: "São seres tão brutos, tão pouco inteligentes, que seria trabalho perdido procurar instruí-los; é uma raça inferior, incorrigível e profundamente incapaz". A teoria que acabamos de dar permite encará-los sob uma outra luz; na questão do aperfeiçoamento das raças, é preciso ter em conta dois elementos constitutivos do homem: o elemento espiritual e o elemento corpóreo. É preciso conhecê-los, um e o outro, e só o Espiritismo pode nos esclarecer sobre a natureza do elemento espiritual, o mais importante, uma vez que é este que pensa e que sobrevive, ao passo que o elemento corpóreo se destrói.

Os negros, pois, como organização física, serão sempre os mesmos; como Espíritos, sem

dúvida, são uma raça inferior, quer dizer, primitiva; são verdadeiras crianças às quais pode-se ensinar muito coisa; mas, por cuidados inteligentes, pode-se sempre modificar certos hábitos, certas tendências, e já é um progresso que levarão numa outra existência, e que lhes permitirá, mais tarde, tomar um envoltório em melhores condições. Trabalhando para o seu adiantamento, trabalha-se menos para o presente do que para o futuro, e, por pouco que se ganhe, é sempre para eles um tanto de aquisições; cada progresso é um passo adiante, que facilita novos progressos.

Sob o mesmo envoltório, quer dizer, com os mesmos instrumentos de manifestação do pensamento, as raças não são perfectíveis senão em limites estreitos, pelas razões que desenvolvemos. Eis por que a raça negra, enquanto raça negra, corporeamente falando, jamais alcançará o nível das raças caucásicas; mas, enquanto Espíritos, é outra coisa; ela pode se tornar, e se tornará, o que somos; somente ser-lhe-á preciso tempo e melhores instrumentos. Eis porque as raças selvagens, mesmo em contato com a civilização, permanecem sempre selvagens; mas, à medida que as raças civilizadas se ampliam, as raças selvagens diminuem, até que desapareçam completamente, como desapareceram as raças dos Caraíbas, dos Guanches, e outras. Os corpos desapareceram, mas em que se tornaram os Espíritos? Mais de um, talvez, esteja entre nós.

Dissemos, e repetimos, o Espiritismo abre horizontes novos a todas as ciências; quando os sábios consentirem em levar em conta o elemento espiritual nos fenômenos da Natureza, ficarão muito surpresos em ver as dificuldades, contra as quais se chocavam a cada passo, se aplainarem como por encanto; mas é provável que, para muitos, será preciso renovar o hábito. Quando retornarem, terão tido o tempo de refletir, e trarão novas idéias. Encontrarão as coisas muito mudadas neste mundo; as idéias espíritas, que repelem hoje, terão germinado por toda parte e serão a base de todas as instituições sociais; eles mesmos serão educados e nutridos nessa crença que abrirá, ao seu gênio, um novo campo para o progresso da ciência. À espera disso, e enquanto estão aqui, que procurem a solução deste problema: Por que a autoridade de seu saber, e suas negações, não detêm, por um único instante, a marcha, dia a dia mais rápida, das idéias novas?

Conseqüências da doutrina da reencarnação sobre a propagação do Espiritismo

Revista Espírita, abril de 1862

O Espiritismo caminha com rapidez, aí está um fato que ninguém poderia negar; ora, quando uma coisa se propaga, é que ela convém, portanto, o Espiritismo se propaga porque ele convém. Para isso há muitas causas; a primeira, sem contradita, como explicamos em diversas circunstâncias, é a satisfação moral que ele proporciona àqueles que o compreendem e o praticam; mas esta mesma causa recebe, em parte, sua força do princípio da reencarnação; é o que vamos tentar demonstrar.

Todo homem que reflete, não pode se impedir de preocupar-se com o seu futuro depois da morte, e isso lhe vale bem a pena. Qual é aquele que não liga, à sua situação sobre a Terra, durante alguns anos, mais importância que à de alguns dias? Faz-se mais: durante a primeira parte da vida, trabalha-se, extenua-se de fadiga, se impõem todas espécies de privações para assegurar, na outra metade, um pouco de repouso e de bem-estar. Se se toma tanto cuidado para alguns anos eventuais, não é racional tomá-lo ainda mais para a vida de além-túmulo, cuja duração é ilimitada? Por que a maioria trabalha mais para o presente fugidio do que para o futuro sem fim? É que se crê na realidade do presente, e que se duvida do futuro; ora, *não se duvida senão do que não se compreende*. Que o futuro seja compreendido, e a dúvida cessará. Aos próprios olhos daquele que, no estado das crenças vulgares, está melhor convencido da vida futura, ela se apresenta de maneira tão vaga, que a fé não basta sempre para fixar as idéias, e que tem mais caracteres da hipótese do que dos da realidade. O Espiritismo vem levantar essa incerteza pelo testemunho daqueles que viveram, e por provas por assim dizer materiais.

Toda religião repousa, necessariamente, sobre a vida futura, e todos os dogmas convergem, forçosamente, para esse objetivo único; é tendo em vista alcançar esse objetivo que são praticados, e a fé nesses dogmas está em razão da eficácia que se lhes supõe para ali chegar. A teoria da vida futura é, pois, a pedra angular de toda doutrina religiosa; se essa teoria peca pela base, se abre o campo para objeções sérias, se ela mesma se contradiz, se se pode demonstrar a impossibilidade de certas partes, tudo desmorona: a dúvida vem primeiro, à dúvida sucede a negação absoluta, e os dogmas são arrastados no naufrágio da fé. Acreditou-se escapar ao perigo

proscurendo o exame e fazendo uma virtude da fé cega; mas pretender impor a fé cega neste século, é desconhecer os tempos em que vivemos; reflita-se apesar de si; examine-se pela força das coisas, se quer saber o por quê e o como; o desenvolvimento da indústria e das ciências exatas ensina a olhar o terreno onde se põe o pé, é porque se pesquisa aquele sobre o qual se diz que se caminhará depois da morte; se não for encontrado sólido, quer dizer, lógico, racional, com ele não se preocupa. Agir-se-á inutilmente, não se chegará a neutralizar essa tendência, porque ela é inerente ao desenvolvimento intelectual e moral da Humanidade. Segundo uns, é um bem, segundo outros, é um mal; qualquer que seja a maneira pela qual seja encarado, é preciso, bom grado ou malgrado, a isso se acomodar, porque não há meio de fazê-lo de outro modo.

A necessidade de se dar conta e de compreender refere-se às coisas materiais sobre as coisas morais. A vida futura, sem dúvida, não é uma coisa palpável como uma estrada de ferro e uma máquina a vapor, mas pode ser compreendida pelo raciocínio; se o raciocínio, em virtude do qual procura-se demonstrá-lo, não satisfaz à razão, rejeitam-se premissas e conclusões. Interrogai aqueles que negam a vida futura, e todos vos dirão que foram conduzidos à incredulidade pelo próprio quadro que delas se lhes fez com seu cortejo de diabos, de chamas e de penas sem fim.

Todas as questões morais, psicológicas e metafísicas se ligam de maneira mais ou menos direta à questão do futuro; disso resulta que desta última questão depende, de alguma forma, a racionalidade de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. O Espiritismo vem, a seu turno, não como uma religião, mas como uma doutrina filosófica, trazer a sua teoria, apoiada sobre o fato das manifestações; não se impõe; não reclama confiança cega; candidata-se e diz: Examinai, comparai e julgai; se encontrardes alguma coisa melhor do que a que vos dou, tomai-a. Ele não diz: Venho saber os fundamentos da religião e substituí-la por um culto novo; ele diz: Eu não me dirijo àqueles que crêem e que estão satisfeitos com a sua crença, mas àqueles que desertam de vossas fileiras pela incredulidade e que não soubestes ou não pudestes reter; venho lhes dar, sobre as verdades que repelem, uma interpretação de natureza a satisfazer sua razão e que lhes faz aceitá-la; e a prova de que tenho sucesso é o número daqueles que tiro da lamaçal da incredulidade. Escutai-os, todos vos dirão: Se não se tivesse me ensinado essas coisas dessa maneira, desde minha infância, jamais teria duvidado; agora creio, porque compreendo. Deveis repeli-los porque aceitam o espírito e não a letra, o princípio em lugar da forma? Sois livre; se vossa consciência disso vos fizer um dever, ninguém pensa em violentá-la, mas disso não direi menos que é uma falta; digo mais, uma imprudência.

A vida futura, como vos dissemos, é o objetivo essencial de toda doutrina moral; sem a vida futura, a moral não tem mais base. O triunfo do Espiritismo está precisamente na maneira pela qual apresenta o futuro; além das provas que dele dá, o quadro que dele faz é tão claro, tão simples, tão lógico, tão conforme à justiça e à bondade de Deus, que, involuntariamente, se diz: Sim, é bem assim que isso deve ser, foi assim que eu sonhei, e se nele não acreditei, foi porque me afirmaram que era de outro modo. Mas o que dá à teoria do futuro uma tal força? O que é que lhe granjeia tão numerosas simpatias? É, dizemos, sua inflexível lógica, é porque ela resolve as dificuldades até então insolúveis e isso deve ao princípio da pluralidade das existências; com efeito, tirai esse princípio e mil problemas, todos mais insolúveis uns que os outros, se apresentam imediatamente; choca-se, a cada passo, contra objeções sem número. Essas objeções não eram feitas outrora, quer dizer, não se pensava nelas; mas, hoje que a criança se tornou homem, quer ir ao fundo das coisas; quer ver claro no caminho em que o conduzem; sonda e pesa o valor dos argumentos que lhe dão, e se não se satisfazem pela sua razão, a deixam no vago e na incerteza, rejeita-os esperando-os melhores. A pluralidade das existências é uma chave que abre horizontes novos, que dá uma razão de ser a uma multidão de coisas incompreendidas, que explica o que era inexplicável; ela concilia todos os acontecimentos da vida com a justiça e a bondade de Deus; eis porque aqueles que chegando a duvidar dessa justiça e dessa bondade, reconhecem agora o dedo da Providência, ali onde o tinham desconhecido. Sem a reencarnação, com efeito, que causa atribuir às idéias inatas; como justificar o idiota, o cretinismo, a selvajaria ao lado do gênio e da civilização; a profunda miséria de uns ao lado da felicidade dos outros, as mortes prematuras e tantas outras coisas? Do ponto de vista religioso, certos dogmas, tais como o pecado original, a queda dos anjos, a eternidade das penas, a ressurreição da carne, etc., encontram nesse princípio uma interpretação racional, que faz aceitar-lhe o espírito mesmo por aqueles que lhe repelem a letra.

Em resumo, o homem atual quer compreender; o princípio da reencarnação lança a luz sobre o que era obscuro; eis porque dizemos que esse princípio é uma das causas que fazem acolher o Espiritismo com favor.

A reencarnação, dir-se-á, não é necessária para se crer nos Espíritos e suas manifestações, e a prova disso é que há crentes que não o admitem. Isso é verdade; também não dizemos que não se possa ser muito bom Espírita sem isso; não somos daqueles que atiram a pedra em quem não pensa como nós. Dizemos somente que não abordaram todos os problemas que o sistema unitário levanta, sem isso teriam reconhecido a impossibilidade de dar-lhe uma solução satisfatória. A idéia da pluralidade das existências, no início, foi acolhida com espanto, com desconfiança; depois, pouco a pouco, familiarizou-se com essa idéia, à medida que se reconheceu a impossibilidade de sair, sem ela, das inumeráveis dificuldades que levantam a psicologia e a vida futura. Há um fato certo, é que esse sistema ganha terreno todos os dias, e que o outro o perde todos os dias; na França, hoje, os adversários da reencarnação, - falamos daqueles que estudaram a ciência espírita - são em número imperceptível comparativamente aos seus partidários; na própria América, onde são mais numerosos, pelas causas que explicamos em nosso número precedente, esse princípio começa a se popularizar, de onde se pode concluir que não está longe o tempo em que não haverá nenhuma dissidência sob esse aspecto.

Epidemia demoníaca em Savoie

Revista Espírita, abril de 1862

Os jornais falaram, há algum tempo, de uma monomania epidêmica que se declarou numa parte da Haute-Savoie, e contra a qual fracassaram todos os recursos da medicina e da religião. O único meio que produziu resultados um pouco satisfatórios foi a dispersão dos indivíduos em diferentes cidades. Recebemos, a esse respeito, a carta seguinte do capitão B..., membro da Sociedade Espírita de Paris, neste momento em Annecy.

Annecy, 7 de março de 1862.

"Senhor presidente,

"Pensando me tornar útil à Sociedade, tenho a honra de vos enviar uma brochura, que um amigo me remeteu, Sr. Dr. Caille, encarregado pelo ministro para seguir a sindicância feita pelo Sr. Constant, inspetor das casas de alienados, sobre os casos *muito numerosos* de demoniomania, observados na comuna de Morzine, distrito de Thonon (Haute-Savoie). Essa infeliz população está ainda hoje sob a influência da obsessão, apesar dos exorcismos, dos tratamentos médicos, das medidas tomadas pela autoridade, internação nos hospitais do departamento; os casos diminuíram um pouco, mas não cessaram, e o mal existe, por assim dizer, no estado latente. O cura, querendo exorcizar esses infelizes, na maioria crianças, os fizera levar à igreja, conduzidos por homens vigorosos. Apenas pronunciara as primeiras palavras latinas, e uma cena assustadora se produziu: gritos, pulos furiosos, convulsões, etc., a tal ponto que mandaram buscar a polícia e uma companhia de infantaria, para colocar a boa ordem.

"Não pude conseguir todas as informações que gostaria de poder vos dar desde hoje, mas esses fatos me parecem bastante graves para merecer vosso exame. O Sr. Dr. Arthaud, alienista, de Lyon, leu um relatório à Sociedade médica dessa cidade, relatório que foi impresso na *Gazette médicale de Lyon*, e que poderíeis vos proporcionar pelo vosso correspondente. Temos, no hospital dessa cidade, duas mulheres de Morzine, que estão em tratamento. O Sr. Dr. Caille concluiu por uma afecção nervosa epidêmica, que escapa a toda espécie de tratamento e de exorcismo; só o isolamento produziu bons resultados. Todos esses infelizes obsidiados pronunciam, em suas crises, palavras obscenas; dão pulos prodigiosos acima das mesas, sobem nas árvores, nos tetos, e profetizam, às vezes.

"Se esses fatos se apresentaram nos séculos dezesseis e dezessete, nos conventos e nas regiões de lavoura, não é menos verdadeiro que, no nosso século dezenove, nos ofereçam, a nós Espíritas, um objeto de estudo do ponto de vista da obsessão epidêmica se generalizando e persistindo durante anos, uma vez que há quase cinco anos o primeiro caso foi observado.

'Terei a honra de vos enviar todos os documentos e informações que puder me proporcionar.

Aceitai, etc.,

"B."

As duas comunicações seguintes nos foram dadas a esse respeito, na Sociedade de Paris, pelos nossos Espíritos habituais.

"Não são os médicos, mas magnetizadores, espiritualistas ou espíritas que seria preciso enviar para dissipar a legião dos maus Espíritos, perdidos em vosso planeta. Digo perdidos, porque não farão senão passar. Mas por muito tempo a infeliz população enlameada pelo contato impuro, sofrerá em seu moral e em seu corpo. Onde está o remédio? Perguntai-vos. Ele surgirá do mal, porque os homens, assustados por essas manifestações, acolherão com entusiasmo o contato benfazejo de bons Espíritos que lhes sucederão, como a alvorada sucede à noite. Essa pobre população, ignorante de todo o trabalho intelectual, teria desconhecido as comunicações inteligentes dos Espíritos, ou antes, não as teria mesmo percebido. A iniciação e os males que essa turba impura arrasta, abrem os olhos fechados, e as desordens, os atos de demência, não são senão o prelúdio da iniciação, porque todos devem participar da grande luz espírita. Não reclameis sobre o cruel modo de proceder: tudo tem uma finalidade, e os sofrimentos devem fecundar como fazem as tempestades que destroem a colheita de uma região, ao passo que fertilizam outras regiões.

GEORGES (*Médium, senhora Costel*).

"Os casos de demoniomania, que se produzem hoje em Savoie, se produzem igualmente em outros países, notadamente na Alemanha, mas muito principalmente no Oriente. Esse fato anormal é mais característico do que o pensais. Com efeito, ele revela, para o observador atento, uma atenção análoga àquela que se manifestou nos últimos anos do paganismo. Ninguém ignora que quando o Cristo, nosso mestre bem-amado, se encarnou na Judéia, sob os traços do carpinteiro Jesus, esse país havia sido invadido por legiões de maus Espíritos que se apoderaram, pela possessão, como hoje, das classes sociais mais ignorantes, de Espíritos encarnados mais fracos e menos avançados, em uma palavra, de indivíduos que guardam os rebanhos ou que vagam nas ocupações da vida dos campos. Não vos apercebeis de uma analogia muito grande entre a reprodução desses fenômenos idênticos de possessão? Ah! há ali um ensinamento muito profundo! e deveis disso concluir que os tempos preditos se aproximam mais e mais, e que o Filho do homem virá logo expulsar, de novo, essa turba de Espíritos impuros que se abateram sobre a Terra, e reviver a fé cristã, dando a sua alta e divina sanção às revelações consoladoras e aos ensinamentos regeneradores do Espiritismo. Para retornarmos aos casos atuais de demoniomania, é preciso se lembrar que os sábios, que os médicos do século de Augusto, trataram segundo os procedimentos hipocráticos, os infelizes possessos da Palestina, e que toda a sua ciência se quebrou diante desse poder desconhecido. Pois bem! Hoje ainda, todos os vossos inspetores de epidemias, todos os vossos alienistas mais distintos, sábios doutores em materialismo puro, fracassarão do mesmo modo diante dessa enfermidade toda moral, diante dessa epidemia toda espiritual. Mas que importa! meus amigos, vós que fostes tocados pela graça nova, sabeis o quanto esses males são passageiros, são curáveis por aqueles que têm fé. Esperai, pois, esperai com confiança a vinda d'Aquele que já resgatou a Humanidade; a hora está próxima; o Espírito precursor já está encarnado; logo, pois, o desenvolvimento completo desta Doutrina que tomou por divisa: "Fora da caridade, não há salvação!"

ERASTO. (*Médium, Sr. d'Ambel*).

Do que precede, seria preciso concluir que não se trata aqui de uma afecção orgânica, mas antes de uma influência oculta. Temos tanto menos dificuldades em nisto crer quanto tivemos numerosos em casos idênticos isolados devidos à mesma causa; e o que o prova, é

que os meios ensinados pelo Espiritismo bastaram para fazer cessar a obsessão. Está provado pela experiência que os Espíritos malévolos agem não só sobre o pensamento, mas também sobre o corpo, com o qual se identificam, e do qual se servem como se fosse o seu; que provocam atos ridículos, gritos, movimentos desordenados, tendo todas as aparências da loucura ou da monomania. Encontrar-se-á a explicação no nosso *O Livro dos Médiuns*, no capítulo da Obsessão, e num próximo artigo citaremos vários fatos que o demonstram de maneira incontestável. É bem, com efeito, uma espécie de loucura, uma vez que pode se dar esse nome a todo estado anormal em quem o espírito não age livremente; neste ponto de vista, a embriaguez é uma verdadeira loucura accidental.

É preciso, pois, distinguir a *loucura patológica* da *loucura obsessional*. A primeira é produzida por uma desordem nos órgãos da manifestação do pensamento. Notemos que, nesse estado de coisas, não é o Espírito que está louco; ele conserva a plenitude das suas faculdades, assim como a observação o demonstra; somente, o instrumento de que se serve para se manifestar, estando desorganizado, o pensamento, ou antes, a expressão do pensamento é incoerente.

Na loucura obsessional, não há lesão orgânica; é o próprio Espírito que está afetado pela subjugação de um Espírito estranho, que o domina e o dirige. No primeiro caso, é preciso tentar curar o órgão enfermo; no segundo, basta livrar o Espírito enfermo de um hóspede importuno, a fim de lhe devolver a liberdade. Os casos semelhantes são muito freqüentes, e, amiúde, se toma pela loucura o que não era em realidade senão uma obsessão, para a qual seria preciso empregar meios morais e não duchar. Para os tratamentos físicos, e sobretudo para o contato dos verdadeiros alienados, freqüentemente, tem sido determinada uma verdadeira loucura ali onde ela não existia.

O Espiritismo, que abre horizontes novos a todas as ciências, vem, pois, também clarear a questão tão obscura das enfermidades mentais, assinalando-lhe uma causa a qual, até este dia, não se teve em conta; causa real, evidente, provada pela experiência, e da qual se reconhecerá mais tarde a verdade. Mas como fazer admitir essa causa por aqueles que são muito prontos a enviarem aos Hospícios quem tenha a fraqueza de crer que temos uma alma, que essa alma desempenha um papel nas funções vitais, que ela sobrevive ao corpo e pode agir sobre os vivos? Graças a Deus! e, para o bem da Humanidade, as idéias espíritas fazem mais progressos entre os médicos do que se poderia esperar, e tudo faz prever que, em futuro pouco distante, a medicina sairá, enfim, da rotina materialista.

Os casos isolados de obsessão física ou de subjugação, estando averiguados, compreende-se que, semelhante a uma nuvem de gafanhotos, um bando de maus Espíritos pode se abater sobre um certo número de indivíduos, apoderar-se deles e produzir uma espécie de epidemia moral. A ignorância, a fraqueza das faculdades, a falta de cultura intelectual, lhes dá naturalmente mais ação; por isso maltratam, de preferência, certas classes, embora as pessoas inteligentes e instruídas deles não estejam isentas. Provavelmente, como disse Erasto, é uma epidemia desse gênero que reinava no tempo do Cristo, e da qual freqüentemente se falou no Evangelho. Mas por que só a sua palavra bastava para expulsar o que eram chamados então de demônios? Isso prova que o mal não podia ser curado senão por uma influência moral; ora, quem pode negar a influência moral do Cristo? Entretanto, dir-se-á, empregou-se o exorcismo, que é um remédio moral, e nada produziu. Se nada produziu, é que o remédio nada vale, e que é preciso procurar um outro; isto é evidente. Estudai o Espiritismo, e compreender-lhe-eis a razão. Só o Espiritismo, assinalando a verdadeira causa do mal, pode dar os meios de combater os flagelos dessa natureza. Mas quando dissemos para estudá-lo, entendemos que é preciso fazê-lo seriamente, e não na esperança de aí encontrar uma receita banal para o uso do primeiro que chegue.

O que acontece em Savoie, chamando a atenção, apressará provavelmente o momento em que se reconhecerá a parte de ação do mundo invisível, nos fenômenos da Natureza; uma vez entrado neste caminho, a ciência possuirá a chave de muitos mistérios, e verá se abaixar a mais formidável barreira que detém o progresso: o materialismo, que restringe o círculo da observação, ao invés de alargá-lo.

Respostas à questão dos anjos decaídos

Revista Espírita, abril de 1862

Nota. - Recebemos de diversos lados respostas a todas as perguntas propostas no número de janeiro último. Sua extensão não nos permite publicá-las todas simultaneamente; limitar-nos-emos hoje à questão dos anjos rebeldes.

(Bordeaux. - Médiun, Sra. Cazemajoux.)

Meus amigos, a teoria contida no resumo que vindes de ler, é a mais lógica e a mais racional. A sã razão não permite admitir a criação de Espíritos puros e perfeitos se revoltando contra Deus e procurando igualá-lo em poder, em majestade, em grandeza.

Antes de chegar à perfeição, o Espírito ignorante e fraco, entregue ao seu livre arbítrio, se entrega, muito freqüentemente, à corrupção, e mergulha com prazer no oceano da iniquidade; mas o que causa sobretudo a sua perda, é o orgulho. Ele nega Deus, atribui ao acaso sua existência, as maravilhas da criação e a harmonia universal. Então, infeliz dele! É um anjo decaído. Em lugar de avançar para os mundos felizes, é mesmo exilado do planeta em que habita para ir expiar, em mundos inferiores, a sua rebeldia incessante contra Deus.

Guardai-vos, irmãos, de imitá-los: são os anjos perversos; fazei todos os vossos esforços para não lhes aumentar o número; que a luz da fé espírita vos esclareça sobre os vossos deveres presentes e sobre os vossos interesses futuros, a fim de que possais, um dia, evitar a sorte dos Espíritos rebeldes, e subir a escala espiritual que conduz à perfeição.

VOSSOS GUIAS ESPIRITUAIS

(Haia (Holanda). - Médiun, Sr. barão de Kock.)

Sobre este artigo não tenho senão poucas palavras a dizer, senão que é sublime de verdade; nada há a acrescentar, nada há a suprimir; bem felizes aqueles que unirem fé a essas belas palavras, aqueles que aceitarão esta Doutrina escrita por Kardec. Kardec é o homem eleito de Deus para instrução do homem desde o presente; são palavras inspiradas pelos Espíritos do bem, Espíritos muito superiores. Acrescentai-lhe fé; lede, estudai toda esta Doutrina: é um bom conselho que vos dou.

VOSSO GUIA PROTETOR.

(Sens. - Médiun, Sr. Pichon.)

Perg. Que devemos pensar da interpretação da doutrina dos anjos decaídos, que o Sr. Kardec publicou no último número da *Revista Espírita*? - *Resp.* Que ela é perfeitamente racional e que nós mesmos não teríamos explicação melhor.

(Paris. Comunicação particular. - Médium, senhorita Stéphanie.)

Está bem definido, mas é preciso ser franco, não acho senão uma coisa que me contrarie: por que falar desse dogma da Imaculada Conceição? Tivestes revelações concernentes à Mãe do Cristo? Deixai essas discussões para a Igreja católica. Lamento tanto mais essa comparação quanto os padres crerão e dirão que quereis lhes fazer a corte.

UM ESPÍRITO *amigo sincero do médium*

e do diretor da revista espírita.

(Lyon. - Médium, senhora Bouillant.)

Outrora críamos que os anjos, depois de ter habitado os mundos mais radiosos, tinham se revoltado contra Deus, e tinham merecido ser expulsos do Éden, que Deus lhes havia dado como morada. Cantamos sua queda e sua fraqueza, e, crendo nessa fábula do Paraíso perdido, bordamo-lo com todas as flores da retórica que conhecíamos. Era para nós um tema que nos oferecia um encanto particular. Esse primeiro homem e essa primeira mulher expulsos de seu oásis, condenados a viver sobre a Terra, presos de todos os males que vêm assediar a Humanidade, era para o autor um grande recurso para estender suas idéias, e o assunto, sobretudo, se prestava perfeitamente às nossas idéias melancólicas; como os outros, acreditamos no erro, e acrescentamos a nossa palavra a todas as que já tinham sido pronunciadas. Mas, agora que nossa existência no espaço nos permitiu julgar as coisas sob seu verdadeiro ponto de vista; no presente que podemos compreender o quanto é absurdo admitir que o Espírito, chegado ao seu mais alto grau de pureza, podia retrogradar de repente, se revoltar contra seu o criador e entrar em luta com ele; mas agora que podemos julgar por quantos cadinhos é preciso que o líquido se filtre para se depurar ao ponto de se tornar essência e quintessência, estamos no estado de vos dizer o que são os anjos decaídos, e o que deveis acreditar do Paraíso perdido.

Deus, em sua imutável lei do progresso, quer que os homens avancem, e avancem sem cessar, de século em século, em épocas determinadas por ele. Quando a maioria dos seres que habitam a Terra se torna muito superior para a parte terrestre que ela ocupa, Deus ordena uma emigração de Espíritos, e aqueles que cumpriram sua missão com consciência vão habitar regiões que lhes são determinadas; mas o Espírito recalcitrante ou preguiçoso que vem fazer sombra no quadro, este está obrigado a permanecer para trás, e nessa depuração do Espírito, ele é rejeitado, como os químicos fazem para o que não passou pelo filtro; então o Espírito se encontra em contato com outros Espíritos, que lhe são inferiores, e sofre realmente do constrangimento que lhe é imposto.

Lembra-se intuitivamente da felicidade que gozava, e se encontra no meio de seus iguais como uma flor exótica que fosse bruscamente transplantada num campo inculto. Esse Espírito se revolta compreendendo a sua superioridade; procura dominar aqueles que o cercam, e essa revolta, essa luta contra si mesmo, volta-se também contra o criador que lhe deu a existência, e que desconhece. Se seus pensamentos podem se desenvolver, derramará o que excede de seu coração em recriminações amargas, como o condenado na prisão, sofrerá cruelmente até que tenha expiado a preguiça e o egoísmo que o impediram de seguir seus irmãos. Eis, meus amigos, quais são os anjos decaídos e porque todos lamentam seu paraíso. Tratai, pois, a vosso turno, de vos apressar para não serdes

abandonados quando soar o sinal do retorno; lembrai-vos de tudo o que deveis a vós mesmos; dizei-vos bem que sois vós, e que tendes o vosso livre arbítrio. Essa personalidade do Espírito vos explica porque o filho do homem sábio, freqüentemente, é um idiota, e porque a inteligência não pode se transformar em morgadio. Um grande homem poderá bem dar à sua prole o garbo de sua aparência, mas jamais lhe transmitirá o seu gênio, e podeis estar certos de que todos os gênios que vieram ostentar seus talentos entre vós eram bem os filhos de suas obras, porque, assim como disse um homem muito sábio, é que: "as mães dos Patay, dos Letronne e do vasto Arago criaram esses grandes homens muito inocentemente". Não, meu amigo, a mãe que dá nascimento a um talento ilustre não está, por nada, no Espírito que anima seu filho: esse Espírito já era muito avançado quando veio se reencarnar no cadinho da depuração. Escalai, pois, esses degraus da escala; degraus luminosos e brilhantes como sóis, uma vez que Deus os ilumina com a sua esplêndida luz; e lembrai-vos de que, agora que conheceis o caminho, sereis muito culpáveis se vos tornardes anjos decaídos; de resto, não creio que ninguém ousaria vos lamentar e vos cantar ainda o *Paraíso perdido*.

MILTON.

(Francfort. - Médiun, senhora Delton).

Não direi nada diverso sobre essa interpretação dos anjos rebeldes e dos anjos decaídos, senão que ela faz parte dos ensinamentos que devem vos ser dados, a fim de dar, às coisas mal compreendidas, seu verdadeiro sentido. Não creiais que o autor desse artigo o haja escrito sem assistência, como ele mesmo pensou; acreditou emitir suas próprias idéias e foi por isso que dela se duvidou, ao passo que, em realidade, não fez senão dar uma forma às que lhe eram inspiradas.

Sim, está com a verdade quando disse que os anjos rebeldes estão ainda sobre a Terra, e que são os materialistas e os ímpios, aqueles que ousam negar o poder de Deus, não está aí o cúmulo do orgulho? Todos vós que credes em Deus e cantais seus louvores, vos indignais com tal audácia da criatura, e tendes razão; mas sondai a vossa consciência, e vede se não estais, vós mesmos, a cada instante em revolta contra ele, pelo esquecimento de suas mais santas leis. Praticai a humildade, vós que credes na superioridade de vosso mérito; que vos glorificais dos dons que recebestes; que vedes com inveja e ciúme a posição de vosso vizinho, os favores que lhe acontecem, a autoridade que lhe é concedida? Praticai a caridade, vós que denegrís vosso irmão; que derramais sobre ele a maledicência e a calúnia; que em lugar de lançar um véu sobre seus defeitos, tendes prazer em expô-los à luz, a fim de rebaixá-lo? Vós que credes em Deus, sobretudo vós, Espíritas, e que se agis assim, eu o digo em verdade, sois mais culpáveis do que o ateu e o materialista, porque tendes a luz e não vedes. Sim, sois também anjos rebeldes, porque não obedecéis à lei de Deus, e no grande dia Deus vos dirá: "Que fizestes de meus ensinamentos?"

PAUL, *Espírito protetor*.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, abril de 1862

Girard de Codemberg

(Bordeaux, novembro de 1861).

O Sr. Girard de Codemberg, antigo aluno da Escola politécnica, é autor de um livro intitulado: *O Mundo espiritual, ou Ciência cristã de comunicar intimamente com as potências celestes e as almas felizes*. Esta obra contém comunicações excêntricas que denotam uma obsessão manifesta, e da qual os Espíritas sérios não podem ver senão com pena a publicação. O autor morreu em novembro de 1858, e foi evocado na Sociedade de Paris em 14 de janeiro de 1859. Pode-se ver o resultado dessa evocação no número da *Revista Espírita* do mês de abril de 1859. A evocação seguinte foi feita em Bordeaux, em novembro de 1861; a coincidência dessas duas evocações é digna de nota.

Perg. Consentiríeis em responder a algumas perguntas que me proponho vos dirigir? - *Resp.* É um dever.

P. Qual é a vossa posição no mundo dos Espíritos? - *R.* Feliz relativamente à da Terra; porque nesse mundo eu não via o mundo espiritual senão através do nevoeiro de meus pensamentos, e agora vejo se desenrolar diante de mim a grandeza e a magnificência das obras de Deus.

P. Dizeis, em uma passagem de vossa obra, que tenho sob a mão: "Pergunta-se à mesa o nome do anjo guardião que, segundo a crença americana, não é outro senão uma alma feliz, que viveu de nossa vida terrestre, e à qual, por conseguinte, um nome deve ter tido na sociedade humana." Essa crença, dizeis, é uma heresia. Que pensais hoje dessa heresia? - *R.* Eu vos disse, eu mal vi, porque, inexperiente na prática do Espiritismo, aceitei como verdades dados que me eram ditados por Espíritos levianos e impostores; mas confesso, em presença dos verdadeiros e sinceros Espíritas que estão reunidos aqui esta noite, que o anjo guardião, ou Espírito protetor, não é outro senão o Espírito chegado ao progresso moral e intelectual pelas diversas fases que percorreu, nos diversos mundos, e que a reencarnação, que neguei, é a mais sublime e a maior prova da justiça de nosso Pai que está no céu, e que não quer a nossa perda, mas a nossa felicidade.

P. Falais igualmente, em vossa obra, do purgatório. Qual foi o significado que quisestes dar a essa palavra? - *R.* Pensava, com razão, que os homens não poderiam chegar à felicidade sem estarem purificados das manchas que a vida material deixa sempre ao Espírito; mas o purgatório, em lugar de ser um abismo de fogo, tal como eu o imaginava, ou, melhor dizendo, que o medo que eu tinha me fazia juntar-lhe uma fé cega, não era senão os mundos inferiores, dos quais a Terra é um deles, onde todas as misérias, às quais a Humanidade está sujeita, se manifestam de mil maneiras. Não é a explicação desta palavra: *purgare*?

P. Dissestes igualmente que vosso anjo guardião vos respondeu, a propósito do jejum: "O jejum é o complemento da vida cristã, e deves a ele submeter-te." Que pensais disto agora? - R. O complemento da vida cristã! e os Judeus, os Muçulmanos jejuam muito também! O jejum não é apropriado exclusivamente à vida cristã; no entanto, algumas vezes, é útil naquilo em que pode enfraquecer o corpo e acalmar as revoltas da carne; crede-me, uma vida simples e frugal vale melhor que todos os jejuns que são feitos tendo em vista se dar em espetáculo aos homens, mas não corrigem em nada os vossos pendores e as vossas tendências ao mal. Vejo o que exigis de mim; é uma retratação completa de meus escritos; eu vo-la dou, porque alguns fanáticos, que não fazem parte da época na qual escrevi, acrescentam uma fé cega àquilo que fiz imprimir, então, como a exata verdade. Disso não fui punido porque estava de boa-fé, e que escrevia sob a influência receosa das lições da primeira idade, das quais não podia subtrair minha vontade de agir e de pensar; mas crede-o: será muito restrito o número daqueles que abandonarão o caminho traçado pelo Sr. Kardec para seguir o meu; são pessoas com as quais não é preciso muito contar, e que estão marcadas pelo anjo da libertação para serem levadas no turbilhão renovador, que deve transformar a sociedade. Sim, meus amigos, sede Espíritos; é Girard de Codenberg quem vos convida a vos sentar nesse grande banquete fraterno, porque sois e nós somos todos irmãos, e a reencarnação nos torna todos solidários uns com os outros, estreitando entre nós os laços da fraternidade em Deus.

Nota. - Este pensamento que, no grande movimento que deve causar a renovação da Humanidade, os homens que poderiam fazer-lhe obstáculo não teriam aproveitado as advertências de Deus, dela serão expulsos e enviados para mundos inferiores, se encontra hoje reproduzido, de todos os lados, nas comunicações dos Espíritos. Ocorre o mesmo neste: tocamos o momento desta transformação, cujos sintomas já se fazem sentir. Quanto àquela que mostra o Espiritismo como sendo a base dessa transformação, ela é universal. Esta coincidência tem alguma coisa de característica. A. K.

P. Evocastes, dissestes, a virgem Maria, e dissestes ter dela recebido conselhos. Esta manifestação foi real? - R. Quantos, dentre vós, crêem estar inspirados por ela e estão enganados! Sede, vós mesmos, os vossos juizes e os meus.

P. Dirigindo à Virgem esta pergunta: "Há, pelo menos, na sorte das almas punidas, a esperança que vários teólogos conservaram da *gradação das penas*?" A resposta da Virgem, dissestes, foi esta: "As penas eternas não têm gradação; são todas as mesmas, e as chamas lhes são os ministros." Qual é a vossa opinião a esse respeito? - R. As penas infligidas aos maus Espíritos são reais, mas não são eternas; testemunham vossos parentes e vossos amigos que vêm todos os dias ao vosso chamado, e que vos dão, sob todas as formas, ensinamentos que não podem senão confirmar a verdade.

P. Alguém da assembléia vos pergunta se o fogo queima fisicamente ou moralmente? - R. Fogo moral.

O Espírito retoma em seguida espontaneamente: "Caros irmãos em Espiritismo, sois escolhidos por Deus para a sua santa propagação; mais feliz do que eu, um Espírito em missão sobre a vossa Terra, vos traçou o caminho no qual deveis entrar com passo firme e determinado; sede dóceis, não temais nada, é o caminho do progresso e da moralidade da raça humana. Para mim que não tinha delineado a obra que o vosso mestre, vos traçou porque me faltava coragem para me afastar do caminho batido, tinha a missão de vos guiar ao estado de Espírito, no bom e seguro caminho em que entrastes; eu poderia, pois, por aí, reparar o mal que fiz por minha ignorância e ajudar, com minhas fracas faculdades, a reforma da sociedade. Não tenhais nenhum cuidado com os irmãos que se afastam de

vossas crenças; fazei, ao contrário, de maneira que não estejam mais misturados ao grupo dos verdadeiros crentes, porque são pessoas corrompidas, e deveis vos guardar do contágio. Adeus; logo retornarei com este médium.

GIRARD DE CODEMBERG.

Nota. - Nossos guias, consultados sobre a identidade do Espírito, nos respondeu: "Sim, meus amigos, ele sofre de ver o mal que causa a doutrina errônea que publicou; mas já tinha expiado, sobre a Terra, esse erro, porque estava obsidiado, e a doença da qual morreu foi o fruto da obsessão.

De La Bruyère

(Sociedade de Bordeaux. - Médium, senhora Cazemajoux.)

1. Evocação. - *R.* Eis-me aqui!
2. Nossa evocação vos dá prazer?- *R.* Sim, porque muito poucos de vós pensam neste pobre Espírito maldizente.
3. Qual é a vossa posição no mundo espírita? - *R.* Feliz.
4. Que pensais da geração de homens que vive atualmente sobre a Terra? - *R.* Penso que pouco progrediram em moralidade, porque, se vivesse entre eles, poderia aplicar os meus *Caracteres* com a mesma verdade impressionante que os fez notar em minha vida. Reencontro meus gulosos, meus egoístas, meus orgulhosos no mesmo ponto em que os deixei quando morri.
5. Vossos *Caracteres* gozam de uma reputação merecida; qual é a vossa opinião atua I sobre as vossas obras? - *R.* Penso que não tinham o mérito que lhes atribuí, porque teriam produzido um outro resultado. Compreendo que todos aqueles que lêem não se comparam a nenhum desses retratos, embora a maioria seja evidente de verdade. Tendes, todos vós, uma pequena dose de amor-próprio suficiente para aplicar, ao vosso próximo, os vossos erros pessoais, e não vos reconheceis jamais quando vos pintam com traços verídicos.
6. Acabais de dizer que os vossos *Caracteres* poderiam ser aplicados hoje com a mesma verdade; é que não achais os homens mais avançados? - *R.* Em geral, a inteligência caminhou, mas a melhoria não deu um passo. Se Molière e eu pudéssemos ainda escrever, não faríamos outra coisa senão o que fizemos: trabalhos inúteis que vos advertiram sem vos corrigir. O Espiritismo será mais feliz; pouco a pouco, vos conformareis à sua doutrina, e reformareis os vícios que vos assinalamos quando vivos.
7. Pensais que a Humanidade será ainda rebelde às advertências que lhes são dadas pelos Espíritos encarnados em missão sobre a Terra, e pelos Espíritos que vêm ajudá-los? - *R.* Não; a época do progresso e da renovação da Terra, e de seus habitantes, é chegada; é por isso que os bons Espíritos vêm vos dar o seu concurso. Já vos disse bastante para esta noite, mas prepararei, em alguns dias, um de meus *Caracteres*.
8. Vossos *Caracteres* não podem se aplicar igualmente a alguns Espíritos errantes movidos

por sentimentos idênticos? - *R.* A todos aqueles que ainda têm, no estado de Espírito, essas mesmas paixões que os dominavam em sua vida. Perdoai-me a minha franqueza, mas vos direi, quando me chamardes, as coisas sem sutileza e sem rodeio.

JEAN DE LA BRUYÈRE.

Poesias Espíritas

Revista Espírita, abril de 1862

(Sociedade Espírita de Bordeaux. - Médiun, senhora Cazemajoux.)

Crede nos Espíritos do Senhor

Crede em nós; somos a centelha,
Raio brilhante saído do seio de Deus,
Que pendemos sobre cada alma nova,
Em seu berço, chorando seu belo céu azul.

Crede em nós; nossa chama leve,
Espírito errante, junto dos túmulos amigos,
Derrubando o obstáculo, a barreira
Que o Eterno, entre nós, tinha posto.

Crede em nós; trevas e mentiras
Estão dispersas, quando chegamos do céu!
Ridentes e doces, vos derramar, em vossos sonhos,
O doce néctar, a ambrosia e o mel.

Crede em nós; erramos no espaço
Para vos guiar ao bem. Crede em nós
Que vos amamos... Mas cada hora que passa,
Caros exilados, nos aproxima de vós.

ELISA MERCUEUR.

As Vozes do Céu

As vozes do céu suspiram na brisa,
Resmungam no ar, rugem nas ondas;
Nas florestas, sobre a montanha cinzenta,
De seus suspiros escutais os ecos.

As vozes do céu murmuram sob a folha,
Nos prados verdes, nos bosques, nos campos,
Junto da fonte onde chora e se recolhe
O humilde poeta aos tímidos acentos.

As vozes do céu cantam no bosquete,
Nos trigos maduros, nos jardins em flores,
No céu azul que ri na nuvem,
No arco-íris em esplêndidas cores.

As vozes do céu choram no silêncio;
Recolhei-vos, elas falam ao coração;
E os Espíritos, cujo reino começa,
Vos conduzirão ao vosso Criador.

ELISA MERCOEUR.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, abril de 1862

Os Mártires do Espiritismo

A propósito da questão dos milagres do Espiritismo que nos foi proposta, e que tratamos no nosso último número, igualmente se propõe esta: "Os mártires selaram com o seu sangue a verdade do Cristianismo; onde estão os mártires do Espiritismo?"

Estais, pois, muito instados a ver os Espíritas colocados sobre a fogueira e lançados às feras! O que deve fazer supor que a boa vontade não vos faltaria se isso ocorresse ainda. Quereis, pois, a toda força elevar o Espiritismo à situação de uma religião! Notai bem que jamais ele teve essa pretensão; jamais se colocou como rival do Cristianismo, do qual declara ser o filho; que ele combate os seus mais cruéis inimigos: o ateísmo e o materialismo. Ainda uma vez, é uma filosofia repousando sobre as bases fundamentais de toda religião, e sobre a moral do Cristo; se renegasse o Cristianismo, se desmentiria, se suicidaria. São esses inimigos que o mostram como uma nova seita, que lhe dá sacerdotes e grandes sacerdotes. Gritarão tanto, e tão freqüentemente, que é uma religião, que se poderia acabar por nisto crer. É necessário ser uma religião para ter seus mártires? A ciência, as artes, o gênio, o trabalho, em todos os tempos, não tiveram seus mártires, assim como todas as idéias novas?

Não ajudam a fazer mártires aqueles que mostram os Espíritas como condenados, párias de cujo contato é preciso fugir; que amotinam contra eles o populacho ignorante, e vão até *lhes tirar os recursos de seu trabalho*, esperando vencê-los pela penúria, à falta de boas razões? Bela vitória, se triunfam! Mas a semente está lançada, ela germina por toda a parte; se é cortada num canto, produz em cem outros. Tentai, pois, ceifá-las da terra inteira! Mas deixemos falarem os Espíritos que se encarregaram de responder à pergunta.



Pedistes milagres, hoje pedistes mártires! Os mártires do Espiritismo já existem: entrai no interior das casas e os vereis. Perguntais dos perseguidos: abri, pois, o coração desses fervorosos adeptos da idéia nova, que têm que lutar com os preconceitos, com o mundo, freqüentemente mesmo com a família! Como seus corações sangram e se prejudicam quando seus braços se estendem para abraçar um pai, uma mãe, um irmão ou uma esposa, e que não recebe por preço de suas carícias e de seu transporte senão sarcasmos, sorrisos de desdém ou de desprezo. Os mártires do Espiritismo são aqueles que ouvem, a cada um de seus passos, estas palavras insultantes: *louco, insensato, visionário!*.... e terão muito tempo para sofrer estas afrontas da incredulidade, e outros sofrimentos mais amargos ainda; mas a recompensa será bela para eles, porque se o Cristo fez preparar para os mártires do Cristianismo um lugar soberbo, o que prepara para os mártires do Espiritismo é mais brilhante ainda. Mártires do Cristianismo em sua infância, caminham para o suplício, fiéis e resignados, porque não contavam sofrer senão os dias, as horas ou o segundo do martírio, aspirando depois à morte como a única barreira a vencer para viver a vida celeste. Mártires do Espiritismo, não devem nem procurar, nem desejar a morte; devem sofrer tanto

tempo quanto praza a Deus deixá-los sobre a Terra, e não ousarem se crerem dignos dos puros gozos celestes logo deixando a vida. Pedem e esperam, murmuram muito baixo palavras de paz, de amor e de perdão por aqueles que os torturam, esperando novas encarnações em que possam resgatar as suas faltas passadas.

O Espiritismo se elevará, como um templo soberbo; os degraus, de início, serão rudes a subir; mas, transpostos os primeiros degraus, os bons Espíritos ajudarão a transpor os outros, até o lugar unido e direito que conduz a Deus. Ide, ide, filhos, pregar o Espiritismo! Pedem mártires: vós sois os primeiros que o Senhor marcou, porque sois mostrados a dedo, e fostes tratados de loucos e de insensatos por causa da verdade! Mas eu vo-lo digo, a hora da luz virá logo e, então, não haverá mais nem perseguidores nem perseguidos, sereis todos irmãos e o mesmo banquete reunirá o opressor e o oprimido!

SANTO AGOSTINHO. (Méd. Sr. E. Vézy.)



O progresso do tempo trocou as torturas físicas pelo martírio da concepção e do parto cerebral das idéias que, filhas do passado, serão mães do futuro. Quando o Cristo veio destruir o costume bárbaro dos sacrifícios, quando veio proclamar a igualdade e a fraternidade do saíote proletário com a toga patrícia, os altares, vermelhos ainda, fumegavam do sangue das vítimas imoladas; os escravos tremiam diante dos caprichos do senhor, e os povos, ignorando a sua grandeza, esqueciam a justiça de Deus. Neste estado de rebaixamento moral, as palavras do Cristo teriam ficado impotentes e desprezadas pela multidão, se não tivessem gritado pelas suas chagas e tornadas sensíveis pela carne palpitante dos mártires; para ser cumprida, a misteriosa lei dos semelhantes exigia que o sangue vertesse para a idéia resgatar o sangue derramado pela brutalidade.

Hoje, os homens pacíficos ignoram as torturas físicas; só seu ser intelectual sofre, porque se debate, comprimido pelas tradições do passado, ao passo que aspira aos horizontes novos. Quem poderá pintar as angústias da geração presente, suas dúvidas pungentes, suas incertezas, seus ardores impotentes e sua extrema lassidão? Inquietantes pressentimentos de mundos superiores, dores ignoradas pela materialidade antiquada, que não sofria senão quando não gozava; dores que são a tortura moderna, e que tornarão mártires aqueles que, inspirados pela revelação espírita, creram e não serão acreditados, falarão e serão zombados, caminharão e serão repelidos. Não vos desencorajeis; vossos próprios inimigos vos preparam uma recompensa, tanto mais bela quanto terão semeado mais espinhos sobre o vosso caminho.

LÁZARO (Méd. Sr. Costel.)



Em todos os tempos, como dissestes, as crenças tiveram mártires; mas também, é preciso dizê-lo, o fanatismo estava, freqüentemente, dos dois lados, e então, quase sempre, o sangue corria. Hoje, graças aos moderadores das paixões, aos filósofos, ou antes, graças a essa filosofia que começou para os escritores do século dezoito, o fanatismo extinguiu a sua chama, e colocou seu gládio na bainha. Não se imagina mais, em nossa época, a cimitarra de Maomé, o cadafalso e a roda da Idade Média, suas fogueiras e suas torturas de todas as espécies, não mais do que não se imaginam os feiticeiros e os mágicos. Outro tempo, outro

costume, diz um provérbio muito sábio. A palavra costume está aqui muito ampla, como o vedes, e significa, segundo a sua etimologia latina: hábitos, maneiras de viver. Ora, no nosso século, nossa maneira de ser não é de revestir um cilício, de ir nas catacumbas, nem de subtrair suas preces aos procônules e aos magistrados da cidade de Paris. O Espiritismo não verá, pois, o machado se levantar e a chama devorar os seus adeptos. Será batido a golpes de idéias, a golpes de livros, a golpes de comentários, a golpes de ecletismo e a golpes de teologia, mas a São Bartolomeu não se renovará. Certamente, poderá haver deles algumas vítimas nas nações grosseiras, mas nos centros civilizados só a idéia será combatida e ridicularizada. Assim, pois, nada de machados, de feixes, de azeite fervente, mas ficai em guarda com o espírito voltaireano mal entendido: eis o carrasco. E preciso preveni-lo, aquele, mas não temê-lo; ele ri em lugar de ameaçar; lança ao ridículo em lugar da blasfêmia, e seus suplícios são as torturas do Espírito sucumbindo sob os apertos do sarcasmo moderno. Mas não em ofensa aos pequenos Vol-taires de nossa época, a juventude compreenderá facilmente as três palavras mágicas: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Quanto aos sectários, estes são mais a temer, porque são sempre os mesmos, apesar de tudo; aqueles podem fazer o mal algumas vezes, mas são coxos, contrafeitos, velhos e rabugentos; ora, vós que passais na fonte de Juventude, e cuja alma reverdece e rejuvenesce, não os temais, pois, porque seu fanatismo os perderá a si mesmos.

LAMENNAIS (*Médium, Sr. A Didier*).

Os Ataques contra a idéia nova

Como vedes, começam a comentar as idéias espíritas até nos cursos de teologia, e a *Revista Católica* com a pretensão de mostrar *ex-professo*, como dizem, que o Espiritismo atual é obra do demônio, assim como isso resulta do artigo intitulado *do Satanismo no Espiritismo moderno*, que dá a dita Revista. Ora essa! Deixai dizer, deixai fazer: o Espiritismo é como o aço, e todas as serpentes possíveis usarão seus dentes para mordê-lo. Seja como for, há aí um fato digno de nota: é que outrora desdenhava-se de se ocupar daqueles que faziam girar cadeiras e mesas, ao passo que, hoje, ocupa-se muito com esses inovadores, cujas idéias e teorias se elevaram à altura de uma doutrina. Ah! É que essa doutrina, essa revelação, ataca vivamente todas as antigas doutrinas, todas as antigas filosofias, insuficientes para satisfazerem as necessidades da razão humana. Também abades, sábios, jornalistas, descem a pena à mão na arena, para repelir a idéia nova: o progresso. Ah! que importa! Não é uma prova irrecusável da propagação de nossos ensinos? Ide! Não se discute, não se combate senão as idéias realmente sérias e bastante partilhadas para que não se possa mais tratá-las de utopias, de coisas vãs, emanadas de alguns cérebros doentes. De resto, melhor do que ninguém, sois capazes de ver aqui com que rapidez o Espiritismo se recruta cada dia, e isto até nas fileiras esclarecidas do exército, entre os oficiais de todas as armas. Não vos inquieteis, pois, com todos esses infelizes que uivam sem resultado! Porque não sabem mais onde estão: estão confundidos. Suas certezas, suas probabilidades se esvanecem à luz espírita, porque, no fundo de suas consciências, sentem que só nós estamos na verdade; digo nós, porque hoje, Espíritos ou encarnados, não temos senão um objetivo: a destruição das idéias materialistas e a regeneração da fé em Deus, a quem todos devemos.

ERASTO (*Médium, Sr. d'Ambel*).

Perseguição

Vamos! bravos, filhos! estou feliz de vos ver reunidos, lutando com zelo e persistência. Coragem! trabalhai rudemente no campo do Senhor; porque, eu vo-lo digo, chegará um tempo em que não será mais à portas fechadas que será preciso pregar a doutrina santa do Espiritismo.

Flagelou-se a carne, deve-se flagelar o Espírito; ora, em verdade vos digo, quando esta coisa chegar, estareis perto de cantar, todos juntos, o cântico de ação de graças, e há de se estar perto de ouvir um único e mesmo grito de alegria sobre a Terra! Eu vo-lo digo, antes da idade de ouro e do reino do Espírito, são necessários os dilaceramentos, os ranger de dentes e as lágrimas.

As perseguições já começaram. Espíritas! sede firmes, e permanecei de pé: estais marcados pelo unguido do Senhor. Sereis tratados de insensatos, de loucos e de visionários; não se fará mais ferver o azeite, não se levantarão mais cadafalsos nem fogueiras mas o fogo de que se servirá para vos fazer renunciar às vossas crenças será mais pungente e mais vivo ainda. Espíritas! despojai-vos, pois, do homem velho, uma vez que é ao homem velho que se fará sofrer; que as vossas novas túnicas sejam brancas; cingi as vossas frentes de coroas e preparai-vos para entrar na liça. Sereis amaldiçoados: deixai vossos irmãos vos chamar *racca*, orai por eles, ao contrário, e afastai de suas cabeças o castigo que o Cristo disse reservar àqueles que dissessem *racca* aos seus irmãos!

Preparai-vos para as perseguições pelo estudo, pela prece e pela caridade; os servidores serão expulsos de entre seus senhores e tratados de loucos! Mas, à porta da morada, reencontrarão a Samaritana e, embora pobres e privados de tudo, repartirão ainda com ela o último pedaço de pão e suas roupas. A esse espetáculo, os patrões dirão a si mesmos: Mas, quem são, pois, esses homens que expulsamos de nossas casas! Eles não têm senão um pedaço de pão para viver esta noite, e o dão; não têm senão um casaco para se cobrir, e o partilham em dois com um estrangeiro. Será então que suas portas serão abertas de novo, porque sois vós os servidores do senhor; mas, desta vez, eles vos acolherão, vos abraçarão; vos conjurarão a bendizê-los e lhes ensinar a amar; não vos chamarão mais servidores, nem escravos, mas vos dirão: Meu irmão, vem sentar-te à minha mesa; não há mais do que uma única e mesma família sobre a Terra, como não há senão um único e mesmo pai no céu.

Ide, ide, meus irmãos! pregai e, sobretudo, sede unidos: o céu vos está preparado.

SANTO AGOSTINHO. (*Médium, Sr. E. Vézy*).

Bibliografia

Revista Espírita, abril de 1862

O Espiritismo em sua mais simples expressão, dos quais perto de dez mil exemplares se esgotaram, se reimprime neste momento com várias correções importantes. Sabemos que já está traduzido em alemão, em russo e em polonês. Convidamos os tradutores, a se conformarem ao texto da nova edição. Recebemos de Viena (Áustria) a tradução alemã publicada nessa cidade, onde se forma uma sociedade com os auspícios da de Paris.

O segundo volume das *Revelações de além-túmulo*, pela senhora H. Dozon, está no prelo.

Chamamos, de novo, a atenção de nossos leitores sobre a interessante brochura da senhorita Clemence Guérin, intitulada: *Ensaio biográfico sobre Andrew Jackson Davis*, um dos principais escritores espiritualistas dos Estados Unidos. Casa Ledoyen. Preço, 1 fr.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Maio

- [Exéquias do Sr. Sanson](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [O capitão Nivrac](#)
- [Uma paixão de além-túmulo: Maximilien V...](#)
- [Causas de incredulidade: Carta do Sr. Gauzy, antigo oficial](#)
- [Resposta de uma senhora a um eclesiástico sobre o Espiritismo](#)
- [O padeiro desumano - Suicídio](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Aos membros da Sociedade de Paris partindo para a Rússia](#)
 - [Relações amigáveis entre os vivos e os mortos](#)
 - [As duas lágrimas](#)
 - [Os dois Voltaire](#)

Exéquias do Sr. Sanson

Revista Espírita, maio de 1862

MEMBRO DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS.

Um de nossos colegas, o Sr. Sanson, faleceu no dia 21 de abril de 1862, depois de mais de um ano de cruéis sofrimentos. Na previsão de sua morte, dirigira, no dia 27 de agosto de 1860, à Sociedade, uma carta da qual extraímos a passagem seguinte:

"Caro e honroso presidente,

"Em caso de surpresa, pela desagregação de minha alma e de meu corpo, tenho a honra de vos lembrar um pedido que já vos fiz, há mais ou menos um ano; é o de evocar meu Espírito, o mais imediatamente possível e o mais freqüentemente que o julgardes a propósito, afim de que, membro bastante inútil de nossa Sociedade, durante a minha presença sobre a Terra, possa lhe servir para alguma coisa além-túmulo, dando-lhe os meios de estudar, fase por fase, em suas evocações, as diversas circunstâncias que seguem o que o vulgo chama a morte, mas que, para nós Espíritas, não é senão uma transformação, segundo os objetivos impenetráveis de Deus, mas sempre útil ao fim que se propõe.

"Além desta autorização e pedido de me fazer a honra dessa espécie de autópsia espiritual, que meu pouquíssimo adiantamento como Espírito talvez tornará estéril, caso em que a vossa sabedoria, naturalmente, vos levará a não prolongar mais longe que um certo número de tentativas, ousou vos pedir pessoalmente, assim como todos os meus colegas, consentir suplicar ao Todo-Poderoso de permitir aos bons Espíritos para me assistirem com seus conselhos benevolentes, São Luís, nosso presidente espiritual em particular, para o efeito de me guiar na escolha e sobre a época de uma reencarnação, porque, desde o presente, isto muito me ocupa; tremo de me enganar sobre as minhas forças espirituais, e de pedir a Deus, e muito cedo, e muito presunçosamente, um estado corpóreo no qual não poderia justificar a bondade divina, o que, em lugar de servir para o meu adiantamento, prolongaria a minha estada sobre a Terra ou alhures, no caso em que eu fracassasse.

.....

"Entretanto, tendo toda confiança na mansuetude e indulgente eqüidade de nosso Criador, e de seu divino Filho, e, enfim, esperando com uma humilde resignação sofrer as expiações de minhas faltas, salvo o que se dignasse remeter-me a misericórdia do Eterno, eu o repito, minha grande preocupação é o medo pungente de me enganar na escolha de uma reencarnação, se nela não for ajudado e guiado pelos Espíritos santos e benevolentes que poderiam me achar indigno de sua intervenção, se nisso não forem solicitados senão unicamente por mim; mas cuja comiseração pode ser despertada, desde que, por caridade cristã, seriam evocados por todos vós em meu favor. Portanto, tomo a liberdade de me recomendar a vós, caro Presidente, e a todos os meus honrados colegas da Sociedade Espírita de Paris."

Para nos conformar ao desejo de nosso colega, de ser evocado o mais cedo possível depois

de seu decesso, fomos à casa mortuária com alguns membros da Sociedade, e, em presença do corpo, a conversa seguinte ocorreu uma hora antes da inumação. Tínhamos, com isso, um duplo objetivo, o de cumprir uma última vontade, e o de observar, uma vez mais, a situação da alma num momento tão próximo da morte, e isso num homem eminentemente inteligente e esclarecido, e profundamente compenetrado das verdades espíritas; tínhamos a constatar a influência de suas crenças sobre o estado do Espírito, afim de tomar as suas primeiras impressões. Nossa espera, como se verá, não estava enganada, e cada um achará, sem dúvida, como nós, um alto ensinamento na pintura que ele fez do próprio instante da transição. Acrescentamos, no entanto, que nem todos os Espíritos estariam aptos para descrever esse fenômeno com tanta lucidez quanto ele o fez; o Sr. Sanson se viu morrer e se viu renascer, circunstância pouco comum, e que devia-se à elevação de seu Espírito.

1. *Evocação.* - Venho à vossa chamada para cumprir a minha promessa.

2. Meu caro senhor Sanson, nos fazemos um dever e um prazer vos evocar o mais cedo possível depois de vossa morte, assim como desejastes. –R- É uma graça especial de Deus que permite ao meu Espírito poder se comunicar; eu vos agradeço pela vossa boa vontade; mas estou fraco e tremo.

3. Estáveis tão sofredor que podemos, penso, vos perguntar como estais agora. Sentis ainda as vossas dores? Que sensação sentis, comparando a vossa situação presente com a de há dois dias?- R Minha posição é muito feliz, porque não sinto mais nada de minhas antigas dores; estou regenerado de modo a tornar-me novo, como dizeis entre vós. A transição da vida terrestre para a vida dos Espíritos tornou, de início, tudo incompreensível, porque ficamos, às vezes, sem recobrar nossa lucidez; mas, antes de morrer, fiz uma prece a Deus para pedir-lhe poder falar àqueles a quem amo, e Deus me escutou.

4. Ao cabo de quanto tempo recobrastes a lucidez de vossas idéias? - R Ao cabo de oito horas; Deus, eu vo-lo repito, me dera uma prova de sua bondade; julgou-me bastante digno, e eu não poderia jamais agradecer-lhe o bastante.

5. Estais muito certo de não ser mais de nosso mundo, e como o constatais? - R Oh! certamente, não, não sou mais de vosso mundo; mas estarei sempre perto de vós para vos proteger e vos sustentar, a fim de pregar a caridade e a abnegação, que foram os guias de minha vida; depois, ensinarei a fé verdadeira, a fé espírita, que deve levantar a crença do justo e do bom; estou forte, e muito forte, transformado, em uma palavra; não reconheceríeis mais o velho enfermo, que devia tudo esquecer, deixando longe dele todo prazer, toda alegria. Eu sou Espírito; minha pátria é o espaço, meu futuro Deus, que irradia na imensidade. Gostaria muito de poder falar com os meus filhos, porque eu lhes ensinaria o que tiveram sempre a má vontade de não crer.

6. Que efeito vos fez sentir a visão do vosso corpo, aqui ao lado? -R Meu corpo pobre e ínfimo despojo, deves ir para o pó, e olho com boa lembrança todos aqueles que me estimularam. Olho essa pobre carne deformada, morada de meu Espírito, prova de tantos anos! Obrigado, meu pobre corpo; tu purificaste o meu Espírito, e o sofrimento, dez vezes santo, me deu um lugar bem merecido, uma vez que acho, logo em seguida, a faculdade de vos falar.

7. Conservastes vossas idéias até o último momento ?- R Sim, meu Espírito conservou suas faculdades; eu não via mais, mas pressentia; toda minha vida se desenrolou diante de minha lembrança, e meu último pensamento, minha última prece foi de poder vos falar, o

que o faço; depois pedi a Deus para vos proteger, a fim de que o sonho de minha vida se cumprisse.

8. Tivestes consciência do momento em que vosso corpo deu o último suspiro? Que se passou convosco nesse momento? Que sensação sentistes? - *R.* Ávida se rompe, e a visão, ou antes, a visão do Espírito, se estende; acha-se o vazio, o desconhecido, e, levado não sei por qual sortilégio, encontra-se num mundo onde tudo é alegria e grandeza. Eu não sentia mais, não me dava conta, e, contudo, uma felicidade infável me enchia; não sentia mais o aperto da dor.

9. Tendes conhecimento... do que me proponho a ler sobre a vossa tumba?

Nota. As primeiras palavras de minha pergunta foram apenas pronunciadas, quando o Espírito respondeu antes de deixar terminar. Respondeu, além disso, e sem questão proposta, a uma discussão que se levantou entre os assistentes, sobre a oportunidade de ler essa comunicação no cemitério, em razão das pessoas que poderiam não partilhar essas opiniões.

R. Oh! meu amigo, e o sei, porque vos vi ontem, e vos vejo hoje, e minha satisfação é muito grande. Obrigado! Obrigado! Falai, a fim de que se me compreenda e que se vos estime; nada temo, porque se respeita a morte; falai, pois, a fim de que os incrédulos tenham fé. Adeus; falai; coragem, confiança, e possam os meus filhos se converterem a uma crença reverenciada!

Adeus.

J. SANSON,

Durante a cerimônia do cemitério, ele ditou as palavras seguintes:

Que a morte não vos amedronte, meus amigos; ela é uma etapa para vós, se soubestes viver; é uma felicidade, se merecestes dignamente e bem cumpristes as vossas provas. Repito-vos: Coragem e boa-vontade! Não ligueis senão um valor medíocre aos bens da Terra, e sereis recompensados; *não se pode desfrutar muito, sem tirar o bem-estar dos outros*, e sem se fazer moralmente um mal imenso. Que a terra me seja leve!

Nota. - Depois da cerimônia, alguns membros da Sociedade, estando reunidos, tiveram espontaneamente a comunicação seguinte, e que estavam longe de esperar.

"Eu me chamo Bernard, e vivi em 96 em Passy; era então uma aldeia. Eu era um pobre diabo; ensinava e só Deus sabe os dissabores que tive que suportar. Que tédio prolongado! anos inteiros de cuidados e de sofrimentos! e amaldiçoei a Deus, ao diabo, aos homens em geral e às mulheres em particular; entre elas, nenhuma veio me dizer: Coragem, paciência! foi preciso viver só, sempre só e a maldade me tornou mau. Desde aquele tempo, erro ao redor dos lugares onde vivi, onde morri.

"Eu vos ouvi hoje; vossas preces me tocaram profundamente; acompanhastes um bom e digno Espírito, e tudo o que dissestes me emocionou. Estava em numerosa companhia e, em comum, oramos por todos vós, pelo futuro de vossas santas crenças. Oraí por nós, que temos necessidade de socorro. O Espírito de Sanson, que nos acompanhava, prometeu que

pensaríeis em nós; desejo me reencarnar, a fim de que minha prova seja útil e conveniente para o meu futuro no mundo dos Espíritos. Adeus, meus amigos; digo assim porque amais aqueles que sofrem. Para vós: bons pensamentos, feliz futuro."

Este episódio, ligando-se à evocação do Sr. Sanson, acreditamos dever mencioná-lo, porque encerra um eminente assunto de instrução. Cremos cumprir um dever recomendando esse Espírito às preces de todos os verdadeiros Espíritos; elas não poderão senão fortificá-lo em suas boas resoluções.

A conversa com o Sr. Sanson foi retomada na sessão da Sociedade, na sexta-feira seguinte, 25 de abril, e deve ser continuada. Aproveitamos sua boa vontade e suas luzes, para obter novos esclarecimentos, tão precisos quanto possível, sobre o mundo invisível, comparado ao mundo visível, e principalmente sobre a transição de um para o outro, o que interessa a todo o mundo, uma vez que é preciso que todos passem por isso, sem exceção. O Sr. Sanson a isso se prestou com sua benevolência habitual; aliás, como se viu, era seu desejo antes de morrer. Suas respostas formam um conjunto muito instrutivo e de um interesse tanto maior quanto emanam de uma testemunha ocular, que pode analisar, ela mesma, as suas próprias sensações, e que se expressa, ao mesmo tempo, com elegância, profundidade e clareza. Publicaremos essa seqüência no próximo número.

Um fato importante que devemos fazer notar, é que o médium que serviu de intermediário no dia do enterro, e nos dias seguintes, Sr. Leymarie, jamais vira o Sr. Sanson e não conhecia nem seu caráter, nem sua posição, nem seus hábitos; não sabia se tinha filhos, e ainda menos se esses filhos partilhavam ou não suas idéias sobre o Espiritismo. Foi, pois, de maneira inteiramente espontânea que dele falou, e que o caráter do Sr. Sanson se revelou sob seu lápis sem que sua imaginação haja podido influir no que quer que seja.

Um fato não menos curioso, e que prova que as comunicações não são o reflexo do pensamento, é a de Bernard, em que nenhum dos assistentes podia pensar, porque, desde que o médium tomou o lápis, pensava-se que seria provavelmente um de seus Espíritos habituais, Baluze ou Sonnet; perguntar-se-ia, nesse caso, do pensamento que essa comunicação poderia ter sido o reflexo.

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC SOBRE O TÚMULO DO SR. SANSON

Senhores e caros colegas da Sociedade Espírita de Paris. É a primeira vez que conduzimos um de nossos colegas à sua última morada. Aquele a quem viemos dizer adeus, o conheceis e soubestes apreciar as suas eminentes qualidades. Lembrando-as aqui, eu não faria senão vos dizer o que todos conheceis: coração eminentemente reto, de uma lealdade a toda prova, a sua vida foi a de um homem honesto em toda a acepção da palavra; ninguém, penso, protestará contra esta afirmação. Estas qualidades eram realçadas nele por uma grande bondade e uma extrema benevolência. Que necessidade, com isso, de ter feito ações de estrondo e de deixar um nome à posteridade? Certamente, isso não lhe teria um melhor lugar no mundo onde está agora. Se, pois, não temos para lançar sobre a sua tumba coroas de lauréis, todos aqueles que o conheceram nela depositam, na sinceridade de sua alma, as mais preciosas ainda, da estima e da afeição.

O Sr. Sanson, vós o sabeis, Senhores, era dotado de uma inteligência pouco comum e de uma grande justeza de apreciação, que uma instrução, ao mesmo tempo, variada e profunda, havia ainda desenvolvido. De uma simplicidade patriarcal em sua maneira de viver, e haurindo, nos recursos de seu próprio espírito, os elementos de uma incessante atividade intelectual, que aplicava em suas pesquisas, nas invenções, muito inteligentes,

sem dúvida, mas que, infelizmente, não lhe proporcionaram nenhum resultado. Era um desses homens que não se entediam jamais, porque pensam sempre em alguma coisa de sério. Embora privado, por sua posição, do que faz as doçuras da vida, seu bom humor jamais se alterou; não creio nada exagerar dizendo que era o tipo do verdadeiro filósofo; não do filósofo cínico, mas daquele que está sempre contente com o que tem, sem se atormentar nunca com aquilo que não tem.

Estes sentimentos, sem dúvida, estavam no fundo do seu caráter, mas foram, nestes últimos anos, fortalecidos pelas suas crenças espíritas; elas ajudaram-no a suportar longos e cruéis sofrimentos com uma paciência, uma resignação muito cristãs; não há um daqueles, dentre nós, que, tendo-o visto em seu leito de dor, não haja sido edificado com a sua calma e a sua inalterável serenidade. Há muito tempo previa seu fim, mas, longe de se amedrontar com isso, esperava-o como a hora da libertação. Ah! é que a fé espírita dá, nesses momentos supremos, uma força da qual só pode se dar conta aquele que a possui, e esta fé, o Sr. Sanson a possuía no grau supremo.

O que é a fé espírita? talvez perguntem alguns daqueles que me escutam. - A fé espírita consiste na convicção íntima de que temos uma alma, ou Espírito, o que é a mesma coisa, sobrevivente ao corpo; que ela é feliz ou infeliz, segundo o bem ou o mal que fez durante sua vida. Isto é conhecido de todo o mundo, dir-se-á. Sim, exceto aqueles que crêem que tudo está acabado, para nós, quando morremos, e há deles mais do que se pensa neste século. Assim, segundo eles, este despojo mortal que temos sob os olhos, que, em alguns dias será reduzido a pó, seria tudo o que restaria daquele a quem lamentamos; assim, viríamos render homenagem a quem? a um cadáver; porque de sua inteligência, de seu pensamento, das qualidades que o faziam amar, nada restaria, tudo estaria aniquilado, e será assim conosco quando morrermos! Esta idéia do nada, que nos esperará a todos, não tem alguma coisa de pungente, de glacial?

Quem é aquele que, em presença deste túmulo entreaberto, não sente o arrepio correr em suas veias, ao pensamento de que amanhã, talvez, ocorrerá o mesmo com ele, e que depois de algumas pazadas de terra lançadas sobre o seu corpo, estará tudo acabado para sempre, que não pensará mais, não sentirá mais, não amará mais? Mas ao lado daqueles que negam, há um número bem maior ainda daqueles que duvidam, porque não têm certeza positiva, e para quem a dúvida é uma tortura.

Vós todos que credes firmemente que o Sr. Sanson tinha uma alma, o que pensais que se tornou esta alma? Onde está ela? Que faz? Ah! direis, se pudéssemos sabê-lo! jamais a dúvida teria entrado em nosso coração; porque, sondai bem o fundo de vosso pensamento, e convinde que chegou, a mais de um dentre vós, a dizer, em seu foro íntimo, falando da vida futura: Se, no entanto, assim não fosse! E diríeis isto porque não a compreenderíeis; porque se fazíeis dela uma idéia que não podia se aliar com a vossa razão.

Pois bem! o Espiritismo vem fazê-la compreender, fazê-la, por assim dizer, tocar com o dedo e o olhar, torná-la tão palpável, tão evidente, que não é mais possível negá-la, do que negar a luz.

Que se tornou, pois, a alma de nosso amigo? Ela está aqui, ao nosso lado, que nos escuta, que penetra nosso pensamento, que julga do sentimento que cada um de nós traz a esta triste cerimônia. Esta alma não é o que se crê vulgarmente: uma fia-ma, uma centelha, alguma coisa de vago e de indefinido. Não a vereis, segundo as idéias da superstição, correr à noite sobre a Terra como um fogo-fátuo; duende; não, ela tem uma forma, um corpo, como quando viva; mas um corpo fluídico, vaporoso, invisível para os nossos sentidos

grosseiros, e que, no entanto, em certos casos, pode se tornar visível. Durante a vida, ela tinha um segundo envoltório, pesado, material, destrutível; quando este envoltório está usado, que não pode mais funcionar, ele cai como a casca de um fruto maduro, e a alma o deixa, como se deixa uma velha roupa fora de uso. É este envoltório da alma do Sr. Sanson, é este velho hábito que o fazia sofrer, que está no fundo desta cova; é tudo o que há dele; mas guardou o envoltório etéreo, indestrutível, radioso, aquele que não está sujeito nem às doenças nem às enfermidades. Assim é que está entre nós; mas não creiais que seja só assim; há milhares deles aqui, no mesmo caso, que assistem ao adeus que damos àquele que parte, que vêm felicitar o novo recém-chegado, ser livre das misérias terrestres. De sorte que se, neste momento, o véu que os esconde ao nosso olhar pudesse ser levantado, veríamos toda uma multidão circular entre nós, nos acotovelar, e no número deles ver-se-ia o Sr. Sanson, não mais impossibilitado e deitado sobre o seu leito de sofrimento, mas alerta, disposto, se transportando sem esforço de um lugar para outro, com a rapidez do pensamento, sem ser detido por nenhum obstáculo.

Estas almas, ou Espíritos, constituem o mundo invisível no meio do qual vivemos, sem disso desconfiar; de sorte que os parentes e os amigos que perdemos, estão mais perto de nós, depois de sua morte, do que se, quando vivos, estivessem em país estrangeiro.

É a existência desse mundo invisível, que o Espiritismo demonstra à evidência, pelos relacionamentos que é possível estabelecer com ele, e porque ali se reencontram aqueles que se conheceu; isso não é mais, então, uma vaga esperança: é uma prova patente; ora, a prova do mundo invisível é a prova da vida futura. Adquirida esta certeza, as idéias mudam completamente, porque a importância da vida terrestre diminui à medida que cresce a da vida futura. É a fé no mundo invisível que o Sr. Sanson possuía; via, compreendia tão bem que a morte não era, para ele, senão um limiar a transpor para passar, de uma vida de dores e de misérias, para uma vida bem-aventurada.

A serenidade de seus últimos instantes era, ao mesmo tempo, o resultado de sua confiança absoluta na vida futura, que ele já entrevia, e de uma consciência irrepreensível que lhe dizia que nada tinha a temer. Esta fé ele a hauriu no Espiritismo; porque, é preciso bem dizer-lo, antes da época em que conheceu esta ciência consoladora, sem ser materialista, ele fora cético; mas suas dúvidas cederam diante da evidência dos fatos dos quais era testemunha, e, desde então, tudo estava mudado para ele. Colocando-se, pelo pensamento, fora da vida material, não havia mais do que um dia infeliz entre um número infinito de dias felizes; e, longe de se lamentar da amargura da vida, bendizia seus sofrimentos como provas que deveriam apressar seu adiantamento.

Caro senhor Sanson, sois testemunha da sinceridade dos pesares de todos aqueles que vos conheceram, e cuja afeição vos sobrevive. Em nome de todos os meus colegas, presentes e ausentes, em nome de todos vossos parentes e amigos, eu vos digo adeus, mas não um eterno adeus, o que seria uma blasfêmia contra a Providência e uma negação da vida futura. Nós, Espíritos, menos do que outros, devemos pronunciar esta palavra.

Até breve, pois, caro senhor Sanson; que possais gozar, no mundo onde estais agora, da felicidade que mereceis, e vir nos estender a mão quando vier a nossa vez de aí entrar.

Permiti-me, Senhores, pronunciar uma curta prece sobre esta tumba antes que ela seja fechada.

"Deus todo-poderoso, que vossa misericórdia se estenda sobre a alma do Sr. Sanson, que vindes de chamar a vós. Possam as provas, que sofreu sobre a Terra, lhes serem contadas,

e nossas preces abrandar e abreviar as penas que ele possa ainda suportar como Espírito!

"Bons Espíritos que viestes recebê-la, e sobretudo vós, seu anjo guardião, assisti-a para ajudá-la a se despojar da matéria; dai-lhe a luz e a consciência de si mesma, a fim de tirá-la da perturbação que acompanha a passagem da vida corpórea para a vida espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento das faltas que cometeu, e o desejo de que lhe seja permitido repará-las para apressar o seu adiantamento para a vida eterna bem-aventurada.

"Alma do Sr. Sanson, que vindes de reentrar no mundo dos Espíritos, estais aqui presente entre nós; nos vedes e nos ouvis, porque não há de menos, entre vós e nós, senão o corpo perecível, que vindes de deixar e que logo será reduzido a pó.

"Este corpo, instrumento de tantas dores, está ainda ali, ao vosso lado; vós o vedes como o prisioneiro vê as cadeias das quais vem de ser libertado. Deixastes o envoltório grosseiro, sujeito às vicissitudes e à morte, e não conservastes senão o envoltório etéreo, imperecível e inacessível aos sofrimentos. Se não viveis mais pelo corpo, viveis da vida dos Espíritos, e esta vida está isenta das misérias, que afligem a Humanidade.

"Não tendes mais o véu que oculta, aos nossos olhos, os esplendores da vida futura; doravante, podereis contemplar novas maravilhas, ao passo que nós ainda estamos mergulhados nas trevas.

"Ireis percorrer o espaço e visitar os mundos com toda liberdade, ao passo que nós rastejamos penosamente sobre a Terra, onde nos retém nosso corpo material, semelhante para nós a um pesado fardo.

"O horizonte do infinito vai se desenrolar diante de vós, e em presença de tanta grandeza compreendeis a vaidade de nossos desejos terrestres, de nossas ambições mundanas e das alegrias fúteis das quais os homens fazem suas delícias.

"A morte não é, entre os homens, senão uma separação material de alguns instantes. Do lugar de exílio, onde nos retém ainda a vontade de Deus, assim como os deveres que temos a cumprir neste mundo, nós vos seguiremos, pelo pensamento, até o momento em que nos será permitido reunir-nos a vós, como vos reunistes com aqueles que vos precederam.

"Se nós não podemos ir junto a vós, podeis vir perto de nós. Vinde, pois, entre aqueles que vos amam e que amastes; sustentai-os nas provas da vida; velai sobre aqueles que vos são queridos; protegei-os segundo o vosso poder, e abrandai seus lamentos pelo pensamento de que sois mais feliz agora, e a consoladora certeza de estar um dia reunidos a vós num mundo melhor.

"Que possais, para a vossa felicidade futura, doravante, ser inacessível aos ressentimentos terrestres! Perdoai, pois, aqueles que puderam ter faltas para convosco, como vos perdoam aquelas que pudestes ter para com eles." Amém.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, maio de 1862

O capitão Nivrac

(Morto em 11 de fevereiro de 1862; evocado a pedido de seu amigo, o capitão Blou, membro da Sociedade. - Médiun, Sr. Leymarie.)

O Sr. Nivrac era um homem rico de muitos estudos e de uma inteligência notável. O Sr. Blou falara-lhe inutilmente do Espiritismo, e ofereceu todas as obras que tratam da matéria; ele olhava todas essas coisas como utopias, e aqueles que lhe adicionavam fé como sonhadores. Em 1º de fevereiro passeava com um de seus camaradas, gracejando sobre esse assunto, como de hábito, quando, passando diante da loja de uma livraria, viram exposta a brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão*. Uma boa inspiração, disse o Sr. Blou, fê-lo comprar, o que provavelmente não teria feito se eu não me encontrasse ali. Depois desse dia, o Sr. capitão Nivrac leu *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, e alguns números da *Revista*; seu Espírito e seu coração estavam tocados; longe de zombar, vinha me questionar, e se fez, junto dos oficiais, um zeloso propagador do Espiritismo, a tal ponto que, durante oito dias, a nova doutrina era o assunto de todas as conversas. Desejava muito assistir a uma sessão, quando a morte veio surpreendê-lo sem nenhuma causa aparente de doença. Na terça-feira, 11 de fevereiro, estando no banho, expirou em 4 horas nos braços do médico. Não está aí, acrescentou o Sr. Blou, o dedo de Deus, que permitiu que meu amigo abrisse os olhos à luz antes de sua morte?

1. *Evocação*. R. Compreendo porque desejais me falar, estou feliz com esta evocação, e venho a vós com alegria, porque é um amigo que me pede, e nada me poderia ser mais agradável.

Nota. O Espírito antecipa a pergunta que lhe iria ser proposta e que era esta: Embora não tenhamos a vantagem de vos conhecer, vos pedimos para vir da parte de vosso amigo, o Sr. capitão Blou, nosso colega, e estaremos encantados em conversar convosco se o quiserdes.

2. Sois feliz... (o Espírito não deixa terminar a pergunta que termina assim: por ter conhecido o Espiritismo antes de morrer?) - R. Sou feliz, porque acreditei antes de morrer. Lembro-me das discussões que tive contigo, meu amigo, porque eu repelia todas as doutrinas novas. Dizendo em verdade, eu estava abalado: dizia à minha mulher, à minha família, que era loucura escutar semelhantes futilidades, e te acreditava amalucado, eu o pensava; mas felizmente pude crer e esperar, e minha posição é mais feliz, porque Deus me promete um adiantamento muito desejado.

3. Como uma pequena brochura, de algumas páginas, teve mais poder sobre vós do que as palavras de vosso amigo, em que devíeis ter confiança? - R. Eu estava abalado, porque a idéia de uma vida melhor está no fundo de todas as encarnações. Acreditava

instintivamente, mas as idéias do soldado tinham modificado meus pensamentos; eis tudo. Quando li a brochura, me senti emocionado; encontrei esse enunciado de uma doutrina tão clara, tão precisa, que Deus me apareceu em sua bondade; o futuro me pareceu menos sombrio. Acreditei, porque devia crer, e a brochura estava segundo meu coração.

4. De que morrestes? - R. Morri de uma comoção cerebral. Deu-se várias razões; era um derrame no cérebro. O tempo estava marcado e me era preciso partir.

5. Poderíeis nos descrever vossas sensações no momento de vossa morte e depois de vosso despertar? - R. A passagem da vida para a morte é uma sensação dolorosa, mas rápida; pressente-se tudo o que pode chegar; toda a vida se apresenta espontaneamente, como uma miragem, e se gostaria de recobrar todo o seu passado para purificar os maus dias, e este pensamento vos segue na transição espontânea da vida à morte, que não é senão outra vida. Fica-se como aturdido pela luz nova, e fiquei numa confusão de idéias bastante singular. Não era um Espírito perfeito; contudo, pude me dar conta, e agradeço a Deus de me ter esclarecido antes de morrer.

Nota. Esse quadro da passagem da vida à morte tem uma analogia marcante com a que dele deu o Sr. Sanson. Fazemos observar que não foi o mesmo médium.

6. Vossa situação atual seria diferente se tivésseis conhecido e aceitado as idéias espíritas? - R. Sem dúvida; mas era um homem de natureza franca, e, embora não seja extremamente avançado, não é menos verdadeiro que Deus recompensa toda boa decisão, quando mesmo seja a última.

7. É inútil vos perguntar se... (o Espírito não deixou terminar a pergunta, assim concebida: ides ver vossa mulher e vossa filha, mas não podeis fazê-las ouvirem; quereis que lhes transmitamos alguma coisa de vossa parte? - R. Sem dúvida, estou sempre perto dela; eu a encorajo à paciência e lhe digo: Coragem, amiga, secai vossas lágrimas e sorri a Deus, que vos fortificará. Pensai que minha existência é um adiantamento, uma purificação, e que tenho necessidade de vossas preces para me ajudar. Desejo, com todas as minhas forças, uma nova encarnação, e, embora a separação terrestre seja cruel, lembrai-vos, vós que amo, que estais só e tendes necessidade de toda vossa saúde, de toda vossa resignação para vos sustentar; mas eu estarei perto de vós para vos encorajar, vos bendizer e vos amar.

8. Estamos certos de que os vossos camaradas do regimento estariam muito felizes de ter algumas palavras vossas. A esta questão acrescento uma outra que, talvez, achará lugar em vossa alocação. Até aqui o Espiritismo quase não se propagou no exército, senão entre os oficiais. Pensais que seria útil que assim fosse entre os soldados, e qual seria o resultado disso? - R. É preciso muito que a cabeça se torne séria para que o corpo a siga, e compreendo que os oficiais hajam aceitado primeiro essas soluções filosóficas e sensatas que *O Livro dos Espíritos* dá. Por essas leituras, o oficial compreende melhor o seu dever; torna-se mais sério, menos sujeito a zombar da tranqüilidade das famílias; ele se habitua à ordem em seu interior, e a bebida e a comida não são mais os primeiros móveis da vida. Por eles, os sub-oficiais aprenderão e propagarão; saberão poder se o querem. Eu lhes digo: adiante! E um novo campo de batalha da Humanidade; somente as feridas, nada de metralha, mas por toda a parte há harmonia, o amor e o dever. E o soldado será um homem tornado liberal segundo a boa expressão; terá a coragem e a boa vontade que fazem de um operário um bom cidadão, um homem conforme Deus.

Segui, pois, a nova direção; sede apóstolos segundo Deus, e dirigi-vos ao infatigável

propagador da Doutrina, o autor do pequeno livro que me esclareceu.

Nota. A respeito da influência do Espiritismo sobre o soldado, a comunicação seguinte foi ditada numa outra ocasião:

O soldado tornado Espírita será mais fácil para governar, mais submisso, mais disciplinado, porque a submissão será para ele um dever sancionado pela razão, ao passo que ela não é, o mais freqüentemente, senão o resultado do constrangimento; não se embrutecerá mais nos excessos que, muito freqüentemente, engendram as sedições e levam a desconhecer a autoridade. Ocorre o mesmo com todos os subordinados, a qualquer classe que pertençam: operários, empregados e outros; se eles quitarão mais conscienciosamente com sua tarefa quando se darão conta da causa que os colocou nessa posição sobre a Terra, e da recompensa que espera os humildes na outra vida. Infelizmente, bem poucos crêem na outra vida, e é o que faz que dêem tudo à vida presente. Se a incredulidade é uma praga social, é sobretudo nas classes inferiores da sociedade, onde não há o contrapeso da educação e o temor da opinião. Quando aqueles que são chamados a exercer uma autoridade, a qualquer título que isso seja, compreenderem o que ganhariam em ver subordinados imbuídos das idéias espíritas, farão todos os seus esforços para compeli-los nesse caminho. Mas paciência! Isso virá.

LESPINASSE.

Uma paixão de além-túmulo

Revista Espírita, maio de 1862

Maximilien V...., menino de doze anos se suicidou por amor.

Lê-se no *Siècle* de 13 de janeiro de 1862:

"Maximilien V....jovem de doze anos, morava em casa de seus pais, rua dos Cordiers, e era empregado como aprendiz numa tapeçaria. Esse menino tinha o hábito de ler romance-folhetins. Todos os momentos que podia furtar ao trabalho, dava-os a essa leitura, que lhes super excitava a imaginação e lhe inspirava idéias acima de sua idade. Foi assim que veio a pensar que sentia uma paixão por uma pessoa que tivera algumas vezes ocasião de ver, e que estava longe de desconfiar que ela faria nascer um semelhante sentimento. Desesperado de ver se realizar os sonhos que o levavam a fazer essas leituras, resolveu matar-se. Ontem, o porteiro da casa onde ele estava ocupado, encontrou-o sem vida num escritório do terceiro andar, onde trabalhava sozinho. Estava dependurado a uma corda que havia amarrado, por meio de um grande prego, a uma viga."

A circunstância desta morte, numa idade tão pouco avançada, fez pensar que a evocação desse menino poderia fornecer um útil assunto de instrução. Ela foi feita na sessão da Sociedade do dia 24 de janeiro último (médium Sr. E. Vézy.)

Há neste fato um problema moral difícil, senão impossível, de resolver pelos argumentos da filosofia ordinária, e ainda menos da filosofia materialista. Creu-se tudo haver explicado dizendo que era uma criança precoce. Mas isto não explica nada; é absolutamente como se dissesse que se fez dia porque o sol está levantado. De onde vem a precocidade? Por que certas crianças antecedem a idade normal para o desenvolvimento das paixões e da inteligência? Está aí uma dessas dificuldades contra as quais todas as filosofias vêm se chocar, porque as suas soluções deixam sempre uma questão não resolvida e que se pode sempre perguntar o por quê do porque. Admita-se a preexistência da alma e o desenvolvimento anterior, e tudo se explica da maneira mais natural. Com esse princípio remontais à causa e à fonte de tudo.

1. (Ao guia espiritual do médium.) Quereríeis nos dizer se podemos evocar o Espírito do menino do qual vem de se tratar? - R. Sim; eu o conduzirei, porque ele é sofredor. Que a sua aparição entre vós vos sirva de exemplo e seja uma lição.
2. (A Maximilien.) Dai-vos bem conta de vossa situação? - R. Eu não sei ainda definir bem onde estou; tenho como um véu sombrio diante de mim; falo e não sei como se me ouve e como falo. Todavia, o que era obscuro ainda há pouco, eu o vejo; sofria, e depois de um segundo me senti aliviado.
3. Lembrai-vos bem das circunstâncias da vossa morte? - R. Elas me parecem bem vagas; sei que me suicidei sem causa. No entanto, poeta numa outra encarnação, tinha como uma intuição de minha vida passada; eu me criava sonhos, quimeras, enfim, eu amava.
4. Como pudestes ser conduzido a esse extremo? - R. Acabo de responder.

5. É singular que um menino de doze anos seja conduzido ao suicídio, sobretudo por um motivo como aquele que a isso vos impeliu? - R. Sois estrangeiros! Não vos disse que, poeta numa outra encarnação, minhas faculdades permaneceram mais amplas e mais desenvolvidas do que num outro? Oh! ainda na noite onde estava naquela hora, vi passar essa sílfide de meus sonhos sobre a Terra, e aí está a pena que Deus me inflige, de vê-la bela e leve sempre, passar diante de mim, e eu, ébrio de loucura e de amor, quero me lançar..., mas, ai de mim! Sou como preso a um anel de ferro... Oh! então quanto sofro!

6. Podeis vos dar conta da sensação que "experimentastes quando vos reconhecestes no mundo dos Espíritos? - R. Oh! Sim, agora que estou em relação convosco. Meu corpo ficou lá, inerte e frio, e eu planava ao redor; chorava lágrimas quentes. Estais espantados, vós, das aflições de uma alma. Ah! Como são quentes e ardentes! Sim, eu chorava, porque vinha de reconhecer a enormidade de minha falta e a grandeza de Deus!... E, todavia, estava incerto de minha morte; acreditava que meus olhos iriam se abrir... Elvire! Perguntava eu!... Eu acreditava revê-la... Ah! é que a amo há muito tempo; amá-la-ei sempre... Que me importa se devo sofrer pela eternidade, se posso possuí-la um dia numa outra encarnação!

7. Que efeito isso vos dá por vos encontrardes aqui? - R. Isso me faz bem e mal ao mesmo tempo. Bem, porque sei que todos vós compartilhai o meu sofrimento; mal, porque, apesar de toda a vontade que tenho de vos dar prazer aceitando vossos pedidos, não o posso, porque me seria preciso, então, caminhar num outro caminho que o dos meus sonhos.

8. Que podemos fazer que vos seja útil? - R. Orar; porque a prece é o orvalho divino que nos refresca o coração, as nossas outras pobres almas em pena e sofrimentos. Orar; e, no entanto, me parece que se me arrancardes do coração meu amor para substituí-lo pelo amor divino, pois bem!... eu não sei... eu creio!... Examinai, neste momento eu choro...pois bem! pois bem!... orai por mim!

9. (Ao guia do médium.) Qual é o grau de punição deste Espírito por se ter suicidado? Sua ação, em razão de sua idade, é tão culpável quanto a dos outros suicidas? - R. A punição será terrível, porque foi mais culpável que um outro; já possuía grandes faculdades: o poder de amar a Deus de maneira poderosa e de fazer o bem. Se os suicidas sofrem longos castigos, Deus pune ainda mais aqueles que se matam com amplos pensamentos na cabeça e no coração.

10. Dissestes que a punição de Maximilien V... será terrível; poderíeis nos dizer em que consistirá? Parece que ela já começa. É que lhe está reservado mais do que sente? - R. Sem dúvida, uma vez que sofre de um fogo que o consome e o devora, o qual não deve cessar senão sob os esforços da prece e do arrependimento.

Nota. Ele sofre de um fogo que o consome e o devora; não está aí a figura do fogo do inferno que se nos apresenta como um fogo material?

11. Há, para ele, a possibilidade de atenuar a sua punição? - R. Sim, orando por ele, e sobretudo Maximilien se unindo às vossas preces.

12. O objeto de sua paixão partilha seus sentimentos? Esses dois seres estão destinados a se reunirem um dia? Quais são as condições de sua reunião e quais obstáculos se lhes

opõem agora? - R. É que os poetas amam as mulheres da Terra? Crêem-no um dia, uma hora; o que amam, é o ideal, uma quimera criada pela sua imaginação ardente; amor que não pode ser preenchido senão por Deus. Todos os poetas têm uma ficção no coração, beleza, ideal que crêem ver passar sobre a Terra; quando encontram uma bela criança que não devem jamais possuir, então dizem que a realidade deu lugar ao sonho; mas que toquem à realidade, caem das regiões etéreas na matéria e não reconhecem mais o ser que sonhara, criam-se outras quimeras.

13. (A Maximilien.) Desejamos vos dirigir ainda algumas perguntas, que talvez ajudarão no vosso alívio. Em que época vivíeis como poeta? Tínheis um nome conhecido? - R. Sob o reinado de Louis XV. Era pobre e desconhecido; amava uma mulher, um anjo que vi passar num parque, num dia de primavera, depois, não a revi senão em meus sonhos, e meus sonhos me prometiam de me fazer possuí-la um dia.

14. O nome de Elvire nos parece bem romântico, o que nos poderia vos fazer pensar que não se trata de um ser imaginário? - R. Mas, sim, era uma mulher; eu sei seu nome porque um cavalheiro que passava junto dela a chamou Elvire! Ah! era bem a mulher que minha imaginação sonhara! eu a revejo ainda, sempre bela e sedutora; é capaz de me fazer esquecer Deus para vê-la e segui-la ainda.

15. Sofreis e podereis sofrer ainda por muito tempo; depende de vós abreviar os vossos tormentos. - R. Que me faz, a mim, sofrer! Não sabeis, pois, que é senão um desejo insaciado! é que meus desejos são carnis, a mim? E, no entanto, me queimam e as batidas de meu coração, pensando nela, são mais fortes do que as que seriam pensando em Deus.

16. Nós vos lamentamos sinceramente. Para trabalhar pelo vosso adiantamento, é preciso vos tornar útil e pensar em Deus mais do que não o fizestes; é preciso pedir uma reencarnação tendo em vista só reparar os erros e a inutilidade de vossas últimas existências. Não se vos disse para esquecer Elvire, mas para pensar um pouco menos exclusivamente nela e um pouco mais em Deus, que pode abreviar os vossos tormentos, se fizerdes o que é preciso. Nós sustentaremos os vossos esforços com as nossas preces. - R. Obrigado! orai e tratai de me arrancar Elvire do coração; talvez disso vos agradecerei um dia!

Causas de incredulidade

Revista Espírita, maio de 1862

Senhor Allan Kardec,

Li com muita desconfiança, direi mesmo com o sentimento de incredulidade, as vossas primeiras publicações tratando do Espiritismo; mais tarde, eu as reli com infinita atenção, assim como as vossas outras publicações, à medida que elas apareceram. Pertenco, devo dizer-lo sem preâmbulo, à escola materialista; a razão, ei-la: é que, de todas as seitas filosóficas ou religiosas, era a mais tolerante, a única que não se entregou a um levante geral para a defesa de um Deus que disse, pela boca do Mestre: "Os homens provarão que são meus discípulos se amando uns aos outros". Em seguida, é que a maioria dos guias que a sociedade se dá para inculcar nos espíritos jovens as idéias de moral e de religião, parecem antes destinadas a lançar o pavor nas almas, do que lhes ensinar a bem se conduzir, a esperar uma recompensa pelas suas penas, uma compensação para sua aflição. Também os materialistas de todas as épocas, e principalmente os filósofos do último século, cuja maioria ilustrou as artes e as ciências, aumentaram o número de seus prosélitos, à medida que a instrução emancipou os indivíduos: preferiu-se o nada aos tormentos eternos.

Está na ordem que o infeliz compare; a comparação lhe sendo desvantajosa, duvida de tudo. E, com efeito, quando se vê o vício na opulência e a virtude na miséria, se não houver uma doutrina racional e provada pelos fatos, o desespero se apodera da alma, pergunta-se o que se ganha em ser virtuoso, e atribuem-se os escrúpulos da consciência aos preconceitos e aos erros de uma primeira educação.

Ignorando o uso que fareis de minha carta, e vos deixando, sobre este ponto, uma inteira liberdade, creio que não será inútil fazer conhecer aqui as causas que operaram minha conversão. Eu tinha vagamente ouvido falar do magnetismo; uns o consideravam como uma coisa séria e real, os outros o tratavam de bagatela: nisso, pois, não me deterei. Mais tarde, ouvi falar de todos os lados de mesas girantes, de mesas falantes, etc.; mas cada um tinha, sobre esse assunto, a mesma linguagem que sobre o magnetismo, o que fez que não me interessasse mais com isso. Entretanto, por uma circunstância inteiramente imprevista, tive à minha disposição o *Tratado de magnetismo e de sonambulismo* do Sr. Aubin Gauthier. Li esta obra com uma disposição de espírito constantemente em rebelião contra seu conteúdo, de tal modo que, o que ali está explicado, me parecia extraordinário, impossível; mas chegado a esta página onde esse homem honesto disse: "Não queremos que nos creia sobre palavra; que se tente segundo os princípios que indicamos, e se se reconhece que, o que adiantamos, é verdadeiro, tudo o que pedimos, é que se esteja de boa fé, e que nisso se convenha." Esta linguagem de uma certeza racional, que só o homem prático pode ter, detém toda minha efervescência, submete meu espírito à reflexão e lhe determina a tentar. Operei primeiro sobre uma criança de meus parentes, com idade em torno de dezesseis anos, e triunfei além de todas as minhas esperanças; dizer-vos da perturbação que se fez em mim, seria difícil; eu desconfiava de mim mesmo e me perguntava se não era pateta dessa criança que, tendo adivinhado as minhas intenções, se entregava às macaquices de uma simulação para, em seguida, me ridicularizar. Para disso me assegurar, tomei certas precauções indicadas e fiz vir, imediatamente, um magnetizador; então, adquiri a certeza de que a criança estava realmente sob a influência magnética. Essa primeira tentativa me animou tão bem que me entreguei a esta ciência, da qual tive ocasião de observar todos os fenômenos, ao mesmo tempo que pude constatar a

existência do agente invisível que os produzia.

Qual é, pois, este agente? quem o dirige? qual é sua essência? por que não é visível? São perguntas às quais me é impossível responder, mas que me conduziram a ler o que foi escrito pró e contra as mesas falantes, porque me disse que se um agente invisível podia produzir os efeitos dos quais era testemunha, um outro agente, ou talvez o mesmo, podia bem produzir outros; de onde concluí que a coisa era possível, e hoje nela creio, embora não haja ainda nada visto.

Todas estas coisa são, por seus efeitos, tão surpreendentes quanto o Espiritismo, que os críticos, de resto, não combateram senão fracamente, e de maneira a não deslocar nenhuma convicção. Mas o que o caracteriza bem de outro modo que os efeitos materiais, são os efeitos morais. Fica evidente para mim que todo homem que disso se ocupar seriamente, se for bom, se tornará melhor; se for mau, modificará forçosamente seu caráter. Outrora a esperança não era senão uma corda na qual se dependuravam os infelizes; com o Espiritismo, a esperança é uma consolação, os sofrimentos uma expiação, e o Espírito, em lugar de se colocar em rebeldia contra os decretos da Providência, suporta pacientemente as suas misérias, não maldiz nem a Deus nem aos homens, e caminha sempre para a sua perfeição. Se eu tivesse sido nutrido nessas idéias, não teria certamente passado pela escola do materialismo, da qual estou muito feliz por ter saído agora.

Vedes, senhor, que por rudes que tenham sido os combates aos quais me entreguei, minha conversão está operada, e sois um daqueles que para ela mais contribuiu. Registrarei-o em vossas anotações porque essa não será uma das menores, e querei doravante me contar no número de vossos adeptos.

GAUZY

Antigo oficial, 23, rua Saint-Louis, em Batignolles (Paris).

Nota. - Esta conversão é um exemplo a mais da causa mais comum da incredulidade. Enquanto se der como verdades absolutas coisas que a razão repele, far-se-ão incrédulos e materialistas. Para fazer crer, é preciso fazer compreender; assim o quer nosso século, e é preciso caminhar com o século se não se quiser sucumbir; mas para fazer compreender, é preciso que tudo seja lógico: princípios e conseqüências. O Sr. Gauzy emite uma grande verdade dizendo que o homem prefere a idéia do nada, que põe fim às suas penas, à perspectiva de torturas sem fim, às quais é tão difícil escapar; também procura gozar, o mais possível, enquanto está sobre a Terra. Perguntai a um homem que sofre muito o que ele prefere: morrer em seguida ou viver cinqüenta anos na dor; sua escolha não será duvidosa. Quem quer muito provar, nada prova; à força de exagerar as penas, acabou-se por não mais fazer crer nelas; e estamos certos de haver muita gente de nossa opinião dizendo que a doutrina do diabo e das penas eternas fez o maior número dos materialistas; que a de um Deus que criou seres para entregar sua imensa maioria às torturas sem esperança, por faltas temporárias, fez o maior número dos ateus.

Resposta de uma senhora a um eclesiástico sobre o Espiritismo

Revista Espírita, maio de 1862

Informam-nos de Bordeaux que um eclesiástico daquela cidade, a oito de janeiro último, escreveu a carta seguinte a uma senhora de bastante idade e muito doente. Estamos formalmente autorizados a publicar esta carta, assim como a resposta que a ela foi dada:

"Senhora,

"Lamento não ter podido ontem conversar convosco, *em particular*, de certas práticas religiosas contrárias aos ensinamentos da santa Igreja. Falou-se muito, a esse respeito, de vossa família, mesmo a um círculo. Estaria feliz, senhora, em vos ensinar que não tendes senão que ter desprezo por essas superstições diabólicas, e que estejais sempre sinceramente ligada aos dogmas invariáveis da religião católica.

'Tenho a honra, etc. "X..."

Resposta.

"Meu caro senhor abade,

"Estando minha mãe muito doente para responder, ela mesma, à vossa benevolente carta de 8 do corrente, apresso-me em fazê-lo por ela, e de sua parte, a fim de tranquilizar a vossa solicitude sobre os perigos que ela e sua família podem correr.

"Não se passa, em minha casa, caro senhor, nenhuma prática religiosa que possa inquietar os católicos mais fervorosos, a menos que o respeito e a prece pelos mortos, a fé na imortalidade da alma, uma confiança ilimitada no amor e na bondade de Deus, uma observância tão rígida quanto o permite a natureza humana, das santas doutrinas do Cristo, sejam *práticas* condenadas pela santa Igreja católica.

"Quanto àquilo que se possa dizer de minha família, *mesmo em um círculo*, estou tranquila: não se dirá, nem ali nem alhures, que nenhum de nós haja feito do que se envergonhar ou a esconder, e não me envergonho, nem me oculto, em admitir os desenvolvimentos e a clareza que as *manifestações espíritas* derramam para mim e para muitos outros sobre o que havia de obscuro, do ponto de vista de minha inteligência, em tudo o que parecia sair das leis da Natureza. Devo a estas *superstições diabólicas* o crer com sinceridade, com reconhecimento, em todos os milagres que a Igreja nos dá como artigos de fé, e que, até o presente, eu olhava como símbolos, ou antes, os reconhecia como fantasias. Eu lhes devo uma quietude de alma que, até então, não pudera obter, quaisquer que tivessem sido meus esforços; eu lhes devo a fé, a fé sem limites, sem reflexões, sem comentários, a fé, enfim, tal quanto a santa Igreja a recomenda a seus filhos, tal quanto o Senhor deve exigí-la de suas criaturas, tal quanto o nosso divino Salvador a pregou com a sua palavra e o seu exemplo.

Tranqüilizai-vos, pois, caríssimo senhor, o bom Pastor reuniu ao seu redor as ovelhas indiferentes que o seguiam maquinalmente por hábito e que, agora, o seguem, e o seguirão sempre, com amor e reconhecimento. O divino Mestre perdoou a São Tome por não ter acreditado senão depois que o viu; pois bem! ainda hoje faz os incrédulos tocarem seu lado e suas mãos, e é com um amor sem nome que aqueles que duvidavam se aproximam para abraçar seus pés sangrentos e agradecer a esse pai bom e misericordioso de permitir, a essas verdades imutáveis, se tornarem *palpáveis* para fortalecer os fracos e esclarecer os cegos, que se recusavam, quando mesmo, a ver a luz que brilha há tantos séculos.

"Permiti-me, agora, reabilitar uma mãe aos olhos da santa Igreja. De toda a minha família, meu marido e eu somos os únicos que temos a felicidade de seguir este caminho, onde cada um é livre para julgar do seu ponto de vista. Apresso-me, pois, em vos tranqüilizar a este respeito. Quanto a mim, pessoalmente, encontro muita força e consolação na *certeza palpável* de que aqueles que havíamos amado e que choramos, estão sempre perto de nós, nos pregando o amor a Deus acima de tudo, o amor ao próximo, a caridade sob todas as suas faces, a abnegação, o esquecimento das injúrias, o bem para o mal (o que, creio, não se afasta dos dogmas da Igreja), que, o que possa acontecer neste mundo, a isso me apego pelo que *sei*, e pelo que *vi*, pedindo a Deus querer enviar as suas consolações àqueles que, como eu, não ousavam refletir nos mistérios da religião, temerosos de que essa pobre razão humana, que não quer admitir o que ela compreende, destruísse as crenças que o hábito me davam o arde ter.

"Agradeço, pois, ao Senhor, cuja bondade e poder incontestáveis permitem aos anjos e aos santos se fazerem *visivelmente*, para salvar os homens da dúvida e da negação, o que havia permitido ao demônio fazer desde a criação do mundo. Tudo é possível a Deus, mesmo os milagres; hoje eu o reconheço com alegria e confiança.

"Aceitai, caro senhor abade, receber os meus sinceros agradecimentos pelo interesse que consentistes em nos testemunhar, e crede que faço votos ardentes para ver entrar, em todos os corações, a fé e o amor que hoje tenho a felicidade de possuir.

"Aceitai, etc.

"EMILIE COLLIGNON."

Nota. - Não dispensamos nenhum comentário a esta carta que deixamos a cada um o cuidado de apreciar. Diremos somente que conhecemos um grande número de escritos no mesmo sentido. A passagem seguinte, de um deles, pode resumi-los, senão pelos termos, ao menos pelo sentido:

"Embora nascido e batizado na religião católica, apostólica e romana, há trinta anos, quer dizer, desde a minha primeira comunhão, tinha esquecido minhas preces e o caminho da igreja; em uma palavra, nunca acreditava mais em nada senão na realidade da vida presente. O Espiritismo, por uma graça do céu, veio enfim me abrir os olhos; hoje os fatos falaram por mim; creio não só em Deus e na alma, mas na vida futura feliz ou infeliz; creio em um Deus justo e bom, que pune os atos maus e não as crenças errôneas. Como um mudo que recobre a palavra, lembrei-me de minhas preces, e oro, não mais com os lábios e sem compreender, mas com o coração, com inteligência, fé e amor. Há pouco tempo ainda acreditava ato de fraqueza me aproximando dos sacramentos da Igreja; hoje creio fazer um ato de humildade agradável a Deus recebendo-os. Vós me repelis mesmo do tribunal da

penitência; me impondes, antes de todas as coisas, uma retratação formal de minhas crenças espíritas; quereis que renuncie a conversar com o filho querido que perdi, e que veio dizer-me palavras tão doces e consoladoras; quereis que eu declare que esse filho que reconheci como se estivesse ali, vivo, diante de mim, seja o demônio! Não, uma mãe não se engana tão grosseiramente. Mas, senhor abade, são as próprias palavras desse filho que, tendo-me convencido da vida futura, me reconduzem à Igreja! Como quereis, pois, que eu creia que é o demônio? Se devesse estar aí a última palavra da Igreja, perguntar-se-ia o que advirá quando todo o mundo for espírita?

"Me haveis designado do alto do púlpito; me mostrastes com o dedo; amotinastes contra mim um populacho fanático; fizestes retirar, a uma pobre mulher, que partilha de minhas crenças, o trabalho que a faz viver, dizendo que ela teria recursos se deixasse de me ver, esperando prendê-la pela fome; francamente, senhor abade, Jesus Cristo teria feito isto?"

"Dizeis que agis segundo a vossa consciência; não temais que com isso eu faça violência, mas achais bom que eu aja segundo a minha. Não me repilais da Igreja: não tentarei nela entrar à força, porque, por toda parte, a prece é agradável a Deus. Deixai-me somente fazer a história das causas que, há muito tempo, dela me afastaram; que fizeram nascer em mim primeiro a dúvida, e da dúvida me conduziram a negar tudo. Se sou maldita a esta hora, como o pretendeis, vereis quem deve disso levar a responsabilidade.

Nota. - As reflexões que semelhantes coisas fazem nascer, se resumem em duas palavras: Fatal imprudência! fatal cegueira! Tivemos sob os olhos um manuscrito intitulado: *Memórias de um incrédulo*; é um curioso relato das causas que conduzem o homem às idéias materialistas, e dos meios pelos quais podem ser reconduzidos à fé. Não sabemos ainda se o autor se decidirá a publicá-lo.

O padeiro desumano - Suicídio

Revista Espírita, maio de 1862

Uma correspondência de Crefled (Prússia Rhenana), de 25 de janeiro de 1862, e inserto no *Constitutionnel* de 4 de fevereiro, contém o fato seguinte:

"Uma pobre viúva, mãe de três filhos, entra na padaria e pede, insistentemente, dar-lhe crédito de um pão. O padeiro recusa. A viúva reduziu seu pedido a meio pão, e por fim, a um pedaço de pão, somente para seus filhos famintos. O padeiro ainda recusa, deixa o lugar e entra atrás da padaria; a mulher, crendo não ser vista, se apodera de um pão e se vai dali. Mas o furto, imediatamente descoberto, é denunciado à polícia.

" Um agente vai à casa da viúva e a surpreende quando cortava pedaços de pão para seus filhos. Ela não nega o furto, mas se escusa sobre a necessidade. O agente da polícia, censurando a dureza do padeiro, insiste para que ela o siga ao escritório do comissário.

"A viúva pede somente alguns instantes para mudar de roupa. Ela entra no quarto de dormir, mas ali permanece por tanto tempo para que o agente, perdendo a paciência, se decida a abrir a porta: a infeliz estava por terra inundada de sangue. Com a mesma faca que acabara de cortar o pão para seus filhos ela havia posto fim aos seus dias."

Esta notícia, tendo sido lida na sessão da Sociedade, de 14 de fevereiro de 1862, foi proposta fazer a evocação dessa infeliz mulher, quando ela mesma veio se manifestar, espontaneamente, pela comunicação simples. Ocorre, freqüentemente, que Espíritos que estão em questão se revelem desta maneira; é incontestável que são atraídos pelo pensamento, que é uma espécie de evocação tácita. Sabem que se ocupa deles, e vêm; se comunicam, então, se a ocasião lhes parece oportuna, ou se encontram um médium de sua conveniência. Compreender-se-á, segundo isso, que não é necessário nem ter um médium, nem mesmo ser Espírita para atrair os Espíritos com os quais alguém se preocupa.

"Deus foi bom para a pobre desviada, e vem vos agradecer pela simpatia que consentistes me testemunhar. Pois bem! diante da miséria de meus pobres e pequenos filhos, me esqueci e falhei. Então me disse: Uma vez que és impotente para alimentar teus filhos e que o padeiro recusa o pão àqueles que não podem pagá-lo; uma vez que não tem nem dinheiro, nem trabalho, morra! Porque quando não estiverdes mais ali virão em sua ajuda. Com efeito, hoje a caridade pública adotou esses pobres órfãos. Deus nos perdoou, porque viu minha razão vacilar e meu desespero horrível. Fui a vítima inocente de uma sociedade mal, muito mal regulada. Ah! agradecei a Deus por vos ter feito nascer neste belo país da França, onde a caridade vai procurar e aliviar todas as misérias.

"Orai por mim, a fim de que possa logo reparar a falta que cometi, não por covardia, mas por amor maternal. Quanto vossos Espíritos protetores são bons! Eles me consolam, me fortalecem, me encorajam, dizendo que o meu sacrifício não foi desagradável ao grande Espírito, e que, sob o olhar e a mão de Deus, preside aos destinos humanos."

A POBRE MARY (Méd. Sr d'Ambel).

Em seguida a esta comunicação, o Espírito de Lamennais dá a apreciação seguinte sobre o fato em questão:

"Esta infeliz mulher é uma das vítimas de vosso mundo, de vossas leis e de vossa sociedade. Deus julga as almas, mas também julga os tempos e as circunstâncias: julga as coisas forçadas e o desespero; julga o fundo e não a forma; e ousou afirmá-lo, esta infeliz morreu não por crime mas por pudor, por medo da vergonha; é que ali onde a justiça humana é inexorável, julga e condena os fatos materiais, a justiça divina constata o fundo do coração e o estado da consciência. Seria a desejar que se desenvolvesse, entre certas naturezas privilegiadas, um dom que seria muito útil, não para os tribunais, mas para o adiantamento de algumas pessoas: esse dom é uma espécie de sonambulismo do pensamento que descobre, muito freqüentemente, coisas ocultas, mas que o homem, habituado à corrente da vida, negligencia e atenua por sua falta de fé. É certo que um médium desse gênero, examinando esta pobre mulher, teria dito: Esta mulher é bendita de Deus por que ela é infeliz, e esse homem é maldito por que ele recusou o pão. O Deus! quando, pois, todos os dons serão reconhecidos e colocados em prática? Aos olhos da justiça aquele que recusou o pão será punido, porque o Cristo disse: Aquele que dá o pão ao seu próximo, a mim mesmo o dá."

LAMENNAIS. (Méd. Sr. A. Didier).

Dissertações espíritas

Revista Espírita, maio de 1862

Aos membros da Sociedade de Paris partindo para a Rússia

(Sociedade Espírita de Paris, abril de 1862. - Médiun, Sr. E. Vézy.)

Nota. - Vários personagens de distinção russos, tendo vindo passar o inverno em Paris, principalmente em vista de completar sua instrução espírita, nesse objetivo, fez receber membros da Sociedade, para assistir regularmente às sessões. Alguns já partiram, entre outros o príncipe Dimetry G..., outros estavam às vésperas de sua partida. Foi esta circunstância que deu lugar à comunicação espontânea seguinte:

"Ide e ensinai, disse o Senhor. É a vós, filhos, da grande família que se forma, que me dirijo esta noite. Retornais à vossa pátria e às vossas famílias; não esqueçais do lar esse que um outro pai, o Pai celeste, consentiu em vos comunicar e vos dar a conhecer. Ide, e, sobretudo, que a semente esteja sempre pronta para ser lançada nos sulcos que ides cavar nessa terra que não tem bastante rochas em suas entranhas para não se abrir sob o arado. Vossa pátria está chamada a se tornar grande e forte, não só pela literatura, pela ciência, pelo gênio e pelo número, mas ainda pelo seu amor e seu devotamento para com o Criador de todas as coisas. Que a vossa caridade se torne, pois, ampla e poderosa; não temais de distribuir a duas mãos ao vosso redor; aprendei que a caridade não se faz somente com a esmola, mas também com o coração!... O coração, eis a grande fonte do bem, a fonte dos eflúvios que devem se derramar e aquecer a vida daqueles que sofrem ao vosso redor!... Ide e pregai o Evangelho, novos apóstolos do Cristo; Deus vos colocou alto no mundo, a fim de que todos possam vos ver e que vossas palavras sejam bem ouvidas. Mas é sempre olhando o céu e a Terra, quer dizer, Deus e a Humanidade, que chegareis ao grande objetivo que vos propusestes alcançar e para o qual nós ajudamos. O campo é vasto; ide, pois, e semeai, a fim que logo possamos ir fazer as colheitas.

"Podeis anunciar, por toda parte, que o grande reino logo vai chegar, reino de felicidade e de alegria para todos aqueles que quiseram crer e amar, porque dele participarão.

"Recebei, pois, antes da partida, o último conselho que vos damos sob o belo céu que todo mundo ama, sob o céu da França! Recebei o último adeus destes amigos que vos ajudarão ainda na rude senda que ides percorrer neste mundo; todavia nossas mãos invisíveis vo-la tornarão mais fácil, e se souberdes nela colocar perseverança, vontade e coragem, vereis os obstáculos tombarem sob vossos passos.

"Quando se ouvir saírem de vossas bocas estas palavras: 'Todos os homens são irmãos e devem se apoiar, uns aos outros, para caminharem', quanta admiração e quantas exclamações! Sorrir-se-á vendo-vos professar uma tal doutrina; repe-tir-se-á baixinho: Dizem belas coisas, os grandes, mas não são senão mourões que indicam os caminhos sem percorrê-los?"

"Mostrai, mostrai-lhes, então, que o Espírito, este novo apóstolo do Cristo, não está no meio do caminho para indicar a senda, mas se arma de seu machado e seu facão e se lança no meio dos bosques mais sombrios, e mais escuros para abrir o caminho e arrancar as sarsas de sob os passos daqueles que seguem. Sim, os novos discípulo do Cristo devem ser vigorosos, devem caminhar sempre com o jarrete firme e a mão pesada. Nada de barreiras diante deles; todas devem cair sob seus esforços e seus golpes; as altas árvores, os cipós e as sarsas se romperão para deixarem ver, enfim, um pouco do céu!

"Será, então que lá estará a consolação e a felicidade. Que recompensa para vós! Os Espíritos felizes vos excluirão: "Bravo! bravo!" Filhos, logo sereis dos nossos, e logo nos chamaremos nossos irmãos, porque a tarefa que vos impusestes voluntariamente, tendes sabido cumpri-la! Deus tem grandes recompensas para aquele que vem trabalhar em seu campo; dá a colheita a todos aqueles que contribuem para o grande trabalho!

"Ide, pois, em paz, ide, nós vos bendizemos. Que esta bênção vos dê felicidade e vos encha de coragem; não esqueçais nenhum de vossos irmãos da grande sociedade da França; todos fazem votos por vós e por vossa pátria, que o Espiritismo tornará poderosa e forte; ide! os bons Espíritos vos assistem!"

SANTO AGOSTINHO.

Relações amigáveis entre os vivos e os mortos

(Sociedade Espírita da Argélia. - Médiun, Sr. B....)

Por que, nas conversações com os Espíritos, pessoas que temos como as mais queridas, sentimos um embaraço, uma frieza mesmo, que jamais sentimos quando de sua vida?

Resposta: -Porque sois materiais e nós não o somos mais. Vou te fazer uma comparação que, como todas as comparações, não será absolutamente exata; se-lo-á, no entanto, bastante para o que quero dizer.

Suponho que tu sentes, por uma mulher, uma dessas paixões que só os romancistas imaginam entre vós, e que tratais de exagerada, ao passo que a nós ela nos parece diferir em menos daquelas que conhecemos por toda a extensão do infinito.

Continuo a supor. Depois de ter tido, durante algum tempo, a felicidade inefável de falar, cada dia, com essa mulher e de a contemplar gostosamente, uma circunstância qualquer faz com que não possas mais vê-la e deves te contentar em ouvi-la somente; crês que teu amor resistiria, sem nenhuma brecha, a uma situação desse gênero indefinidamente prolongada? Confessa que sofreria bem alguma modificação, ou o que nós o chamaríamos *uma diminuição*.

Vamos mais longe. Não só não podes mais vê-la, essa bela amiga, mas tu não podes mesmo mais ouvi-la; ela está inteiramente seqüestrada; não se te deixa mais aproximar dela; prolongue este estado durante alguns anos e veja o que acontecerá.

Agora, um passo a mais. Ela está morta, a mulher que tu amavas; está, há muito tempo,

enterrada nas trevas da tumba. Nova mudança em ti. Não quero dizer que a paixão esteja morta com seu objeto, mas sustento que pelo menos ela está transformada. Está de tal modo que se, por um favor celeste, a mulher que tu lamentas tanto e que choras sempre, viesse a se apresentar diante de ti, não na odiosa realidade do esqueleto imóvel no cemitério, mas com a forma que amavas e adoravas até o êxtase, estais bem seguro de que o primeiro efeito dessa aparição imprevista não seria o sentimento de um profundo terror?

É que, veja, meu amigo, as paixões, os afetos vivos não são possíveis, em toda sua extensão, senão entre pessoas da mesma natureza, entre mundanos e mundanos, entre Espíritos e Espíritos. Não pretendo dizer por aí que toda afeição deva se apagar com a morte; quero dizer que muda de natureza e toma um outro caráter. Em uma palavra, quero dizer que, sobre a vossa Terra, conservais uma boa lembrança daqueles que amastes, mas que a matéria, no meio da qual viveis, não permitindo compreender, nem praticar, outra coisa senão amores materiais, e que esse gênero de amores, sendo necessariamente impossível entre vós e nós, daí vem que sois tão desajeitados e tão frios em vossas relações conosco. Se queres disso te convencer, releia algumas conversações espíritas entre parentes, amigos ou conhecidos; tu as encontrarás de um glacial para dar frio aos habitantes dos pólos.

Com isso não queremos, não nos entristecermos mesmo, quando, no entanto, somos suficientemente elevados na hierarquia dos Espíritos para disso nos dar conta e compreender; mas, naturalmente, isso não é sem ter também alguma influência sobre nossa maneira de ser convosco.

Lembras-te da história de *Hanifa* que, podendo se pôr em comunicação com sua filha querida, que tanto chorava, colocou-lhe esta primeira pergunta: *Há um tesouro escondido nesta casa?* Também que boa mistificação ela fez! Não o havia roubado.

Penso, meu amigo, disso ter dito bastante para que sintas bem a causa do constrangimento que existe necessariamente entre vós e nós. Teria podido disso dizer mais; por exemplo, que vemos todas as imperfeições e impurezas do corpo e da alma, e que, de vosso lado, tendes a consciência de que não as vemos. Reconheço que é embaraçoso para as duas partes. Coloca os dois amantes mais apaixonados nessa casa de vidro onde tudo aparece, o moral como o físico, e pergunta-te o que disso advirá.

Quanto a nós, animados de um sentimento de caridade que não podeis compreender, estamos, com relação a nós, como a boa mãe quanto às enfermidades e as manchas de seu filho ralhador, que lhe tira o sono não podem fazer esquecer, um só instante, os instintos sublimes da maternidade. Nós vos vemos fracos, feios e maus, e, no entanto, vos amamos, porque tratamos de vos melhorar; mas, vós outros, não vos fazeis justiça nos temendo mais do que não nos amais.

DESIRÉ LÉGLISE, Poeta argelino, morto em 1851.

As duas lágrimas

(Sociedade Espírita de Lyon; grupo Vilon. - Médiun, senhora Bouilland.)

Um Espírito iria deixar forçosamente a Terra, que não teria podido visitar, porque vinha de

uma região bem inferior; mas tinha pedido para sofrer uma prova, e Deus não lha havia recusado. Pois bem! a esperança que havia concebido à sua entrada no mundo terrestre não se realizara, e sua natureza abrupta tendo retomado o superior, cada um de seus dias foi marcado pelo mais negro crime. Durante muito tempo, todos os Espíritos guardiães dos homens haviam tentado afastá-lo da senda que seguia, mas, cedendo de cansaço, tinham abandonado esse infeliz a si mesmo, quase temendo seu contato. Todavia, cada coisa tem um fim; cedo ou tarde o crime se descobre, e a justiça repressiva dos homens impõe ao culpado a pena de talião. Esta vez não foi cabeça por cabeça: foi cabeça por cento; e ontem esse Espírito, depois de permanecer meio século sobre a Terra, ia retornar ao espaço, para ser julgado pelo Juiz supremo, que pesa as faltas muito mais inexoravelmente que vós mesmos não poderíeis fazê-lo.

Em vão os Espíritos guardiães se ocuparam com a condenação e tinham tentado introduzir o arrependimento nessa alma rebelde; em vão levaram junto dele os Espíritos de toda a sua família: cada um quisera poder arrancar-lhe um suspiro de remorso, ou somente um sinal; o momento fatal se aproximava, e nada enfraquecia essa natureza bronzada e, por assim dizer, bestial; no entanto, um único arrependimento, antes de deixar a vida, teria podido abrandar os sofrimentos desse infeliz, condenado pelos homens a perder a vida, e por Deus aos remorsos incessantes, torturas terríveis, semelhantes ao abutre roendo o coração que renasce sem cessar.

Enquanto os Espíritos trabalhavam sem descanso para fazer nascer nele pelo menos um pensamento de arrependimento, um outro Espírito, Espírito encantador, dotado de uma sensibilidade e de uma ternura sublimes, voava ao redor de uma cabeça muito cara, cabeça vivente ainda, e lhe dizia: "Pensa nesse infeliz que vai morrer; fala-me dele." Quando a caridade é simpática, quando dois Espíritos se entendem e não fazem dela senão um, o pensamento é como elétrico. Logo o Espírito encarnado diz ao mensageiro do amor: "Meu filho, trata de inspirar um pouco de remorsos a este miserável que vai morrer; vai, consolá-lo!" E nele pensando compreende-se tudo que o infortunado criminoso iria ter de sofrimentos a suportar para a sua expiação, uma lágrima furtiva escapou daquele que, só, nessa hora matinal, despertara pensando nesse ser impuro que, num instante, deveria prestar suas contas. O doce mensageiro recolheu essa lágrima benfazeja na concha de sua pequena mão; e, num vôo rápido, levou-a para o tabernáculo que encerra semelhantes relíquias, e fez assim a sua prece: "Senhor, um ímpio vai morrer; vós o condenastes, mas dissestes: "Perdão ao remorso, concedo indulgência ao arrependimento". Eis uma lágrima de verdadeira caridade, que traspassou do coração aos olhos do ser que eu mais amo no mundo. Eu vos trago esta lágrima: é o resgate do sofrimento; dai-me o poder de abrandar o coração de rocha do Espírito que vai expiar seus crimes. - Vai, responde-lhe o Mestre; vai, meu filho; essa lágrima bendita pode pagar muitos resgates."

A doce filha tornou a partir: chega junto ao criminoso no momento do suplício; o que ela lhe diz só Deus o sabe; o que se passou neste ser desviado, ninguém não o compreendeu, mas, abrindo os seus olhos à luz, viu se desenrolar diante dele todo um passado terrível. Ele, que o instrumento fatal não havia abalado; ele, que a condenação à morte fê-lo sorrir, levantou os olhos e uma grossa lágrima, ardente como chumbo fundido, tombou de seus olhos. A essa prova muda, que lhe testemunhava que sua prece havia sido atendida, o anjo da caridade estendeu sobre o infeliz as suas brancas asas, recolheu essa lágrima e parecia dizer: "Infortunado! sofrerás menos: levo a tua redenção."

Que contraste pode inspirar a caridade do Criador! O ser mais impuro sobre os últimos degraus da escala, e o anjo mais casto que, prestes a entrar no mundo dos eleitos, vem, a um sinal, estender a sua proteção visível sobre esse pária da sociedade! Deus bendiz, do alto de seu poderoso tribunal, esta cena tocante, e nós todos, dizemos cercado essa

criança: "Vai receber a tua recompensa." A doce mensageira remontou aos céus, sua lágrima de lava na mão, e pôde dizer: "Mestre, ele chorou, eis a prova! - Está bem, responde o Senhor; conservai essa primeira gota de orvalho do coração endurecido; que essa lágrima fecunda vá regar esse Espírito ressecado pelo mal; mas guardai, sobretudo, a primeira lágrima que esta criança me trouxe; que essa gota d'água se torne diamante puro, porque é bem a pérola sem mácula da verdadeira caridade. Relatai este exemplo aos povos e dizei-lhes: "Solidários uns com os outros, vede, eis "uma lágrima de amor e de humanidade, e uma lágrima de remorsos obtida pela prece, e essas duas lágrimas serão as pedras mais preciosas do vasto escrínio da caridade."

CARITA.

Os dois Voltaire

(Sociedade Espírita de Paris; grupo Fauchorand. - Médiun, Sr. E. Vézy.)

Sou bem eu, mas não mais aquele Espírito zombador e cáustico de outrora; o pequeno reizinho do século dezoito, que comandava, pelo pensamento e o gênio, a tantos grandes soberanos, hoje não tem mais sobre os lábios aquele sorriso mordaz que fazia tremer inimigos, e mesmo amigos! Meu cinismo desapareceu diante da revelação das grandes coisas que eu queria tocar e que não as soube senão no além-túmulo!

Pobres cérebros tão estreitos para conterem tanta maravilha! Humanos, calai-vos, humilhai-vos, diante do poder supremo; admirai e contemplai, eis o que podeis fazer. Como quereis aprofundar Deus e seu grande trabalho? Apesar de todos esses recursos, vossa razão não se choca diante do átomo e o grão de areia que ela não pode definir?

Usei minha vida, eu, a procurar e a conhecer Deus e seu princípio, minha razão nisso se enfraqueceu, e cheguei, não a negar Deus, mas sua glória, seu poder e sua grandeza. Eu me explicava esse desenvolvimento no tempo. Uma intuição celeste me dizia para rejeitar esse erro, mas não a escutava, e me fiz apóstolo de uma doutrina mentirosa... Sabeis por quê? Porque no tumulto e no fracasso de meus pensamentos, que se entrechocavam sem cessar, não via senão uma coisa: meu nome gravado no frontão do templo de memória das nações! Não via senão a glória que me prometia essa juventude universal que me cercava e parecia provar com suavidade e delícias o suco da doutrina que eu lhe ensinava. No entanto, impellido por não sabia quais remorsos de minha consciência, quis parar, mas era muito tarde; como uma utopia, todo o sistema que abraça vos arrasta; a torrente segue primeiro, depois vos leva e vos quebra, tanto sua queda é, às vezes, violenta e rápida.

Crede-me, vós que estais aqui à procura da verdade, encontrá-la-eis quando tiverdes destacado de vosso coração o amor às lantejoulas, que fazem brilhar, aos vossos olhos, um tolo amor-próprio e um tolo orgulho. Não temais, no novo caminho que caminhais, combater o erro e abatê-lo quando se levantar diante de vós. Não é uma monstruosidade enaltecer uma mentira

contra a qual não se ousa se defender, porque se fez discípulos que vos precederam em vossas crenças?

Vós o vedes, meus amigos, o Voltaire de hoje não é mais aquele do século dezoito; sou mais cristão, porque venho aqui para vos fazer esquecer minha glória e vos lembrar o que

eu era durante minha juventude, e o que eu amava durante minha infância. Oh! quanto gostava de me perder no mundo do pensamento! Minha imaginação, ardente e viva, corria os vales da Ásia em conseqüência daquele a quem chamais Redentor... Gostava de correr nos caminhos que ele percorrera; e como me parecia grande e sublime esse Cristo no meio da multidão! Acreditava ouvir sua voz poderosa, instruindo os povos da Galiléia, nas margens do lago de Tiberíades e da Judéia. Mais tarde, nas minhas noites de insônia, quantas vezes me levantei para abrir uma velha Bíblia e dela retirar as santas páginas! Então, minha cabeça se inclinava diante da cruz, esse sinal eterno da redenção que une a Terra ao céu, a criatura ao Criador!... Quantas vezes admirei esse poder de Deus, se subdividindo, por assim dizer, e do qual uma centelha se encarna para se fazer pequeno, vindo dar sua alma no Calvário para a expiação!... Vítima augusta, da qual neguei a divindade, e que me fiz dizer dela, no entanto:

Teu Deus que traíste, teu Deus que blasfemas,

Por ti, pelo universo, está morto nesses próprios lugares!

Sofro, mas expio a resistência que opus a Deus. Tinha por missão instruir e esclarecer; primeiro o fiz, mas a minha luz se extinguiu em minhas mãos na hora marcada para a luz!...

Felizes filhos dos séculos dezoito e dezenove, é a vós que está dado ver luzir a luz da verdade; fazei que vossos olhos vejam bem sua luz, porque para vós ela terá raios celestes e sua claridade será divina! VOLTAIRE.

Filhos, deixei falar em meu lugar um dos vossos grandes filósofos, principal chefe do erro; quis que viesse vos dizer onde está a luz; que vos pareceu ele? Todos virão repetir-vos: Não há sabedoria sem amor nem caridade; e disse-me, que doutrina mais suave para ensiná-lo que o Espiritismo? Não saberia muito vo-lo repetir: o amor e a caridade são as duas virtudes supremas que unem, como o disse Voltaire, a criatura ao Criador. Oh! que mistério e que lugar sublime! minhoquinha, verme da terra que pode se tornar de tal modo poderoso, que sua glória tocará o trono do Eterno!...

SANTO AGOSTINHO.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Junho

- [Sociedade Parisiense de Estudos espíritas - Discurso do Sr. Allan Kardec pelo quinto aniversário](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Sr. Sanson \(continuação\)](#)
- [O Menino Jesus no meio dos doutores. Último quadro do Sr. Ingres](#)
- [Eis como se escreve a história! Os milhões do Sr. Allan Kardec](#)
- [Sociedade Espírita de Viena, na Áustria](#)
- [Princípio vital das Sociedades Espíritas](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [O espiritismo filosófico](#)
- [Um espírita na Rússia](#)

Discurso do Sr. Allan Kardec pelo quinto aniversário

Sociedade Parisiense de Estudos espíritas

Revista Espírita, junho de 1862

Na renovação do ano social, a 1^ª de abril de 1862.

Senhores e caros colegas,

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas começou seu quinto ano a 1^ª de abril de 1862, e jamais, nisto é preciso convir, o fez sob melhores auspícios. Este fato não é somente importante do nosso ponto de vista pessoal, mas é sobretudo característico do ponto de vista da Doutrina em geral, porque prova, de maneira evidente, a intervenção de nossos guias espirituais. Seria supérfluo vos relatar a modesta origem da Sociedade, assim como as circunstâncias, de alguma forma providencial, de sua constituição; circunstâncias às quais um Espírito eminente, então no poder, e depois regressando ao no mundo dos Espíritos, nos disse, ele próprio, ter poderosamente contribuído.

A Sociedade, vós vos lembrais, senhores, teve suas vicissitudes; tinha em seu seio elementos de dissolução, provenientes da época em que recrutava muito facilmente, e sua existência foi mesmo um instante comprometida. Naquele momento, coloquei em dúvida sua utilidade real, não como simples reunião, mas como sociedade constituída. Fatigado com esses desacordos, estava resolvido a me retirar; esperava que, uma vez livre dos entraves semeados sobre o meu caminho, nela trabalharia tanto melhor na grande obra empreendida. Disso fui dissuadido por numerosas comunicações espontâneas, que me foram dadas de diferentes lados; de uma delas, entre outras, creio útil hoje vos dar a substância, porque os acontecimentos justificaram as previsões. Ela estava assim concebida:

"A Sociedade formada por nós com o teu concurso é necessária; queremos que ela subsista e subsistirá, apesar da má vontade de alguns, como o reconhecerás mais tarde. Quando um mal existe, não se cura sem crise; ocorre assim com o pequeno e o grande: no indivíduo como nas sociedades; nas sociedades como entre os povos; entre os povos como o será na Humanidade. Nossa Sociedade, dizemos, é necessária; quando cessar de o ser sob sua forma atual, se transformará como todas as coisas. Quanto a ti, não podes, não deves te retirar; nós não pretendemos, não obstante, acorrentar teu livre arbítrio; dizemos somente que tua retirada seria uma falta que lamentarias um dia, porque ela entravaria nossos desígnios..."

Desde então, dois anos se escoaram, e, como o vedes, a Sociedade felizmente saiu dessa crise passageira, das quais todas as peripécias me foram assinaladas, e das quais um dos resultados foi nos dar uma lição de experiência, que aproveitamos, e que provocou as medidas das quais não temos senão que nos aplaudir. A Sociedade, desembaraçada dos cuidados inerentes ao seu estado anterior, pôde prosseguir seus estudos sem entraves; seus progressos também foram rápidos, e cresceu a olhos vistos, não diria numericamente,

embora seja mais numerosa do que jamais o foi, mas em importância. Oitenta e sete membros, participando das cotizações anuais, figuraram na lista do ano que acaba de se escoar, sem contar os membros honorários e os correspondentes. Ter-lhe-ia sido fácil dobrar, e mesmo triplicar esse número, se visasse às receitas; ora, longe de diminuir suas dificuldades, elas as aumentou, porque sendo uma Sociedade de estudos, não quis se afastar dos princípios de sua instituição, e que disso jamais faz uma questão de interesse material; não procurando entesourar, lhe era indiferente ser pouco mais ou pouco menos numerosa. Sua preponderância não se prende, pois, de nenhum modo, ao número de seus membros; está nas idéias que estuda, que elabora e que divulga; não faz propaganda ativa; não tem agentes nem emissários; não solicita a ninguém para vir a ela, e, isso que pode parecer extraordinário, é a essa reserva mesma que deve sua influência. Eis, a esse respeito, qual é o seu raciocínio. Se as idéias espíritas fossem falsas, nada lhes poderia fazer tomar raiz, porque toda idéia falsa não tem senão uma existência passageira; se elas são verdadeiras, estabelecer-se-ão, quando mesmo pela convicção, e o pior meio de propagá-las seria impô-las, porque toda idéia imposta é suspeita e trai sua fraqueza. As idéias verdadeiras devem ser aceitas pela razão e o bom senso; ali onde elas não germinam é porque sua estação não chegou; é preciso esperar e se limitar a lançar a semente ao vento, porque, cedo ou tarde, encontrar-se-ão algumas sementes que caíam sobre uma terra menos árida.

O número dos membros da Sociedade é, pois, uma questão muito secundária; porque hoje, menos que nunca, não poderia ter a pretensão de absorver todos os adeptos; seu objetivo é, pelos seus estudos conscienciosos, feito sem preconceitos e sem partidarismo, de elucidar as diversas partes da ciência espírita, de procurar as causas dos fenômenos, e de recolher todas as observações de natureza a esclarecer a questão tão importante, e tão palpitante, do estado do mundo invisível, de sua ação sobre o mundo visível e das inumeráveis conseqüências que disso decorre para a Humanidade. Por essa posição, e pela multiplicidade de suas relações, ela se encontra nas condições mais favoráveis para observar bem e sempre. Seu objetivo é, pois, essencialmente moral e filosófico; mas o que sobretudo deu crédito ao seus trabalhos, foi a calma, a seriedade que ela lhes coloca; é que tudo ali é discutido friamente, sem paixão, como devem fazê-lo as pessoas que procuram, de boa fé, se esclarecer; é porque se sabe que ela não se ocupa senão de coisas sérias; é, enfim, a impressão que os numerosos estrangeiros, freqüentemente, vindos de países longínquos para assistir a ela levaram da ordem e da dignidade de suas sessões.

Também a linha que ela segue traz seus frutos; os princípios que professa, baseados sobre observações conscienciosas, servem hoje de regra à imensa maioria dos Espíritas. Vistes sucessivamente cair, diante da experiência, a maioria dos sistemas desabrochados no início, e é com dificuldade se alguns conservam ainda raros partidários; isto é incontestável. Quais são, pois, as idéias que crescem, e quais são as que declinam? É uma questão de fato. A doutrina da reencarnação é o princípio que foi mais controvertido, e seus adversários nada pouparam para atacá-la vivamente, nem mesmo as injúrias e as grosserias, este argumento supremo daqueles esgotados de boas razões; por isso não caminhou menos porque se apoia por uma lógica inflexível; que sem essa alavanca choca-se contra dificuldades intransponíveis, e porque, enfim, nada se encontrou de mais racional para colocar no lugar.

No entanto, há um sistema, do qual se faz mais do que nunca, a exibição hoje, é o sistema diabólico. Na impossibilidade de negar os fatos de manifestações, um partido pretende provar que são a obra exclusiva do diabo. A obstinação que a isso se leva prova que não está bem seguro de ter razão, ao passo que os Espíritas não se comovem, absolutamente, com esse desdobraimento de forças que deixam perder-se. Neste momento, se faz fogo sobre toda a linha: discursos, pequenas brochuras, grossos volumes, artigos de jornais, é um ataque geral, para demonstrar o quê? Que os fatos que, na nossa opinião,

testemunham do poder e da bondade de Deus, testemunham, ao contrário, do poder do diabo; de onde resulta que só o diabo podendo se manifestar, é mais poderoso do que Deus. Atribuindo ao diabo tudo o que é bom nas comunicações, é retirar o bem a Deus para com ele homenagear o diabo. Cremos ser mais respeitosos do que isso para com a Divindade. De resto, como disse, os Espíritos em nada se inquietam com esse levante geral que terá por efeito destruir, um pouco mais cedo, o crédito de Satã.

A Sociedade de Paris, sem o emprego de meios materiais, e embora restrita numericamente por sua vontade, nem por isso deixou de fazer uma propaganda considerável pela força do exemplo, e a prova disso é o número incalculável de grupos espíritas que se formam sob os mesmos trâmites, quer dizer, segundo os princípios que ela professa; é o número das sociedades regulares que se organizam e pedem para se colocarem sob seu patrocínio; delas há em várias cidades da França e do exterior, na Argélia, na Itália, na Áustria, no México, etc.; e o que fizemos para isto? Fomos procurá-las, solicitá-las? Enviamos emissários, agentes? Absolutamente; nossos agentes são as obras. As idéias espíritas se difundem numa localidade; ali não encontram de início senão alguns ecos, depois, passo a passo, ganham terreno; os adeptos sentem a necessidade de se reunir, menos para fazerem experiências do que para conversar sobre um assunto que lhes interessa; daí os milhares de grupos particulares, que se podem chamar de grupos de família; entre eles alguns adquirem uma importância numérica maior; pede-nos conselhos, e eis como se forma, insensivelmente essa rede que tem já balizas sobre todos os pontos do globo.

Aqui, senhores, coloca-se naturalmente uma observação importante sobre a natureza das relações que existem entre a Sociedade de Paris e as reuniões, ou sociedades, que se fundam sob os seus auspícios, e que erradamente se consideraria como sucursais. A Sociedade de Paris não tem sobre elas outra autoridade senão a da experiência; mas, como disse em outra ocasião, ela não se imiscui em nada nos seus negócios; seu papel se limita a conselhos officiosos, quando lhe são solicitados. O laço que as une é, pois, um laço puramente moral, fundado sobre a simpatia e a semelhança das idéias; não há, entre elas, *nenhuma filiação, nenhuma solidariedade material*; uma só palavra de ordem é a que deve unir todos os homens: *caridade e amor ao próximo*, palavra de ordem pacífica e que não poderia levar desconfiância.

A maior parte dos membros da Sociedade reside em Paris; entretanto, conta entre eles vários que habitam na província ou no estrangeiro, embora não assistindo a ela senão excepcionalmente, e há mesmo os que jamais vieram a Paris desde sua fundação, e tiveram a honra de dela fazer parte. Além dos membros, propriamente ditos, ela tem correspondentes, mas cujas relações, puramente científicas, não têm por objeto senão mantê-la ao corrente do movimento espírita nas diferentes localidades, e me fornecerem documentos para a história do estabelecimento do Espiritismo, do qual reúnem os materiais. Entre os adeptos, há os que se distinguem pelo seu zelo, sua abnegação, seu devotamento à causa do Espiritismo; que paguem por si mesmos, não em palavras, mas em ações; a Sociedade está feliz em lhes dar um testemunho particular de simpatia, conferindo-lhes o título de membro honorário.

Depois de dois anos, a Sociedade cresceu, pois, em crédito e em importância; mas seus progressos, além disso, são marcados pela natureza das comunicações que recebe dos Espíritos. Há algum tempo, com efeito, essas comunicações adquiriram proporções e desenvolvimentos que ultrapassaram em muito nossa expectativa; não são mais, como outrora, curtos fragmentos de moral banal, mas dissertações onde as mais altas questões de filosofia são tratadas com uma amplitude e uma profundidade de pensamentos, que delas fazem verdadeiros discursos. É o que notou a maioria dos leitores da *Revista*.

Estou feliz em assinalar um outro progresso no que concerne aos médiuns; jamais, em nenhuma outra época, não foram vistos tantos tomar parte em nossos trabalhos, uma vez que nos chegou ter até quatorze comunicações numa mesma sessão. Mas o que é mais precioso do que a quantidade, é a qualidade, da qual se pode julgar pela importância das instruções que nos são dadas. Todo o mundo não aprecia a qualidade mediúnica do mesmo ponto de vista; há os que a medem pelo efeito; para eles, os médiuns velozes são os mais notáveis e os melhores; para nós, que procuramos, antes de tudo, a instrução, damos mais importância ao que satisfaz ao pensamento do que ao que não satisfaz senão aos olhos; preferimos, pois, um médium útil com o qual aprendemos alguma coisa, a um médium admirável com o qual não aprendemos nada. Sob esse aspecto, nada temos a lamentar, e devemos agradecer aos Espíritos por terem cumprido a promessa, que nos fizeram, de não nos deixarem de surpresa. Querendo alargar o círculo de seus ensinamentos, devem também multiplicar os instrumentos.

Mas há um ponto mais importante ainda, sem o qual este ensinamento não teria produzido senão pouco ou nenhum fruto. Sabemos que todos os Espíritos estão longe de ter a soberana ciência e que podem se enganar; que, freqüentemente, emitem suas próprias idéias, que podem ser justas ou falsas; que os Espíritos superiores querem que nosso julgamento se exerça em discernir o verdadeiro do falso, o que é racional do que é ilógico; é por isso que não aceitamos, jamais, nada de olhos fechados. Não se saberia, pois, nela ter ensinamento proveitoso sem discussão; mas como discutir comunicações com médiuns que não suportam a menor controvérsia, que se ferem com uma nota crítica, com uma simples observação, e que acham mal que não sejam aplaudidos em tudo o que obtêm, fosse mesmo maculado com as mais grosseiras heresias científicas? Essa pretensão estaria deslocada se o que escrevem fosse o produto de sua inteligência; é ridícula desde que não são senão instrumentos passivos, porque se assemelham a um ator que se melindraria se fossem achados maus os versos que está encarregado de recitar. Se o próprio Espírito não podendo se melindrar com uma crítica que não o atinge, é, pois, o Espírito que se comunica que se fere, e que transmite sua impressão ao médium; por isso mesmo esse Espírito trai sua influência, uma vez que quer impor suas idéias pela fé cega e não pelo raciocínio, ou, o que vem a ser o mesmo, uma vez que quer raciocinar tudo sozinho. Disso resulta que o médium, que está nessa disposição, está sob império de um Espírito que merece pouca confiança, desde que mostre mais orgulho do que saber; também sabemos que os Espíritos dessa categoria afastam, geralmente, seus médiuns dos centros onde não são aceitos sem reserva.

Essa má direção, nos médiuns que por ela são atingidos, é um obstáculo para o estudo. Se não procurarmos senão os efeitos, isso seria sem importância para nós; mas como procuramos a instrução, não podemos nos dispensar de discutir, com risco de desagradar aos médiuns; também alguns se retiraram outrora, como o sabeis, por esse motivo, embora não confessado, e porque não puderam se colocar diante da Sociedade como médiuns exclusivos, e como intérpretes infalíveis dos poderes celestes; aos seus olhos, são aqueles que não se inclinam diante de suas comunicações que estão obsidiados; alguns há mesmo que estendem a suscetibilidade ao ponto de se melindrar com a prioridade dada à leitura das comunicações obtidas por outros médiuns; o que é, pois, quando uma outra comunicação é preferida à sua? Compreende-se o constrangimento que semelhante situação impõe. Felizmente, para o interesse da ciência espírita, nem todos são a mesma coisa, e tomo com zelo esta ocasião de me dirigir, em nome da Sociedade, os agradecimentos àqueles que nos prestam hoje seu concurso com tanto zelo quanto devotamento, sem calcular seu trabalho nem seu tempo, e que, não tomando, de nenhum modo, fato e causa por suas comunicações, são os primeiros a ir diante da controvérsia da qual podem ser o objeto.

Em resumo, senhores, não podemos senão nos felicitar pelo estado da Sociedade no ponto de vista moral; e não há pessoa que não haja notado do espírito dominante uma diferença notável, comparativamente ao que era no princípio, do qual cada um sente instintivamente a impressão, e que se traduziu, em muitas circunstâncias, por fatos positivos. É incontestável que ali reina menos embaraço e menos constrangimento, ao passo que se faz sentir um sentimento de mútua benevolência. Parece que Espíritos trapalhões, vendo sua impossibilidade em semear a desconfiança, tomaram a sábia resolução de se retirar. Não podemos também senão aplaudir ao feliz pensamento, de vários membros, de organizar, entre eles, reuniões particulares; elas têm a vantagem de estabelecer relações mais íntimas; além disso, são centros para uma multidão de pessoas que não podem ir à Sociedade; onde se pode haurir uma primeira iniciação; onde se pode fazer uma multidão de observações que vêm, em seguida, convergir ao centro comum; são, enfim, estufas para a formação dos médiuns. Agradeço muito sinceramente as pessoas que me deram a honra de me oferecer para tomar sua direção, mas isso me é materialmente impossível; lamento mesmo muito não poder ali ir tão freqüentemente quanto o desejava. Conheceis minha opinião com respeito aos grupos particulares; faço, pois, votos pela sua multiplicação, na Sociedade ou fora da Sociedade, em Paris ou em outro lugar, porque são os agentes mais ativos de propaganda.

Sob o aspecto material, nosso tesoureiro nos prestou conta da situação da Sociedade. Nosso orçamento, como o sabeis, senhores, é muito simples, e contanto que haja equilíbrio entre o ativo e o passivo, é o essencial, uma vez que não procuramos capitalizar.

Pecamos, pois, aos bons Espíritos que nos assistem, e em particular ao nosso presidente espiritual São Luís, consentir em continuar com a benfazeja proteção que, tão visivelmente, nos concederam até hoje, e da qual nos esforçamos, cada vez mais, de nos tornar dignos.

Resta-me a vos entreter, senhores, com uma coisa importante, quero falar do emprego dos dez mil francos que me foram enviados, há mais ou menos dois anos, por uma pessoa assinante da *Revista Espírita*, que quis permanecer desconhecida, para serem empregados no interesse do Espiritismo. Esse donativo, como vos lembrais sem dúvida, me foi feito pessoalmente, sem destinação especial, sem recibo, e sem que devesse dele dar conta a quem quer que seja.

Dando parte dessa feliz circunstância à Sociedade, declarei, em sessão de 17 de fevereiro de 1860, que não pensava, de nenhum modo, em me prevalecer dessa marca de confiança, e que eu não desejava menos, para minha própria satisfação, que o emprego dos fundos fosse submetido a um controle; e acrescentei: "Esta soma formará o primeiro fundo de uma *caixa especial*, sob o nome de *Caixa do Espiritismo*, e que nada terá em comum com os meus negócios pessoais. Esta caixa será ulteriormente aumentada com as somas que poderão lhe chegar de outras fontes, e exclusivamente destinadas às necessidades da Doutrina e ao desenvolvimento das idéias espíritas. Um de meus primeiros cuidados será o de prover ao que falta materialmente à Sociedade para a regularidade de seus trabalhos, e a criação de uma *biblioteca especial*. Pedi a vários de nossos colegas consentir em aceitar o controle dessa caixa, e constatar, em épocas que serão ulteriormente determinadas, o útil emprego dos fundos."

Essa comissão, hoje dispersada em parte pelas circunstâncias, será completada quando houver necessidade, e, então, todos os documentos lhe serão fornecidos. À espera disso, e como, em virtude da liberdade absoluta que me foi dada, julguei a propósito aplicar essa soma no desenvolvimento da Sociedade, é a vós, senhores, que creio dever prestar conta de sua situação, tanto para minha quitação pessoal quanto para a vossa edificação. Desejo

sobretudo que se compreenda bem a impossibilidade material de tirar, desses fundos, para as despesas cuja urgência, no entanto, se faz dia a dia mais sentir, em razão da extensão dos trabalhos que o Espiritismo reclama.

A Sociedade, vós o sabeis, senhores, sentia vivamente os inconvenientes de não ter um local especial para as suas sessões, e onde pudesse ter seus arquivos sob a mão. Para trabalhos como os nossos, é preciso, de alguma sorte, um lugar consagrado onde nada possa perturbar o recolhimento; todos deploravam a necessidade em que estávamos de nos reunir num estabelecimento público, pouco em harmonia com a gravidade de nossos estudos. Acreditei, pois, fazer uma coisa útil dando-lhe os meios de ter um local mais conveniente, com a ajuda dos fundos que recebera.

De um outro lado, os progressos do Espiritismo levando para minha casa um número, sem cessar crescente, de visitantes nacionais e estrangeiros, número que pode se avaliar mil e duzentos a mil e quinhentos por ano, era preferível recebê-los na própria sede da Sociedade, e, para esse efeito, nela concentrar todos os negócios e todos os documentos concernentes ao Espiritismo. No que me concerne, acrescentarei que, dando-me inteiramente à Doutrina, tornou-se, de alguma sorte, necessário, para evitar as perdas de tempo, que ali tivesse meu domicílio, ou pelo menos pequena casa de passagem. Para mim pessoalmente, de nenhum modo, disso teria necessidade, uma vez que tenho em minha casa um apartamento que não me custa nada, mais agradável em todos os sentidos, e onde habito tão freqüentemente quanto minhas ocupações mo permitem. Um segundo apartamento teria sido uma carga inútil e onerosa. Portanto, sem o Espiritismo, eu estaria tranqüilamente em minha casa, na avenida Ségur, e não aqui, obrigado a trabalhar de manhã até a noite e, freqüentemente, da noite até a manhã, sem mesmo poder ter um repouso que, algumas vezes, me seria muito necessário; porque sabeis que sou único para bastar a uma necessidade da qual dificilmente se imagina a extensão, e que aumenta necessariamente com a extensão da Doutrina.

Este apartamento reúne as vantagens desejáveis por suas disposições interiores e por sua situação central; sem ter nada de suntuoso, é muito conveniente; mas sendo os recursos da Sociedade insuficientes para pagar a integralidade do aluguel, devi perfazer a diferença com os fundos da doação; sem isso a Sociedade ficaria na necessidade de permanecer na situação precária, mesquinha e incômoda em que estava antes. Graças a esse suplemento, pôde dar, aos seus trabalhos, os desenvolvimentos que prontamente a colocaram, na opinião, de uma maneira vantajosa e proveitosa para a Doutrina. Portanto, o emprego passado e a destinação futura dos fundos da doação é o que creio dever vos comunicar. O aluguel do apartamento é de 2500 fr. por ano, e com os acessórios de 2530 fr. As contribuições são de 198 fr.; total, 2728 fr. A Sociedade disso paga, por sua parte, 1200 fr.; o resto, pois, a perfazer é de 1528 fr.

O contrato de aluguel foi feito por três, seis ou nove anos, que começou em 1º de abril de 1860. Calculando por seis anos somente, a 1528 fr., isso dá 9168 fr.; ao qual é preciso acrescentar, para pagar o mobiliário e despesas de instalação, 900 fr.; por dons e socorros a diversos, 800 fr.; total das despesas 10.148 fr. sem contar o imprevisto, para pagar com o capital de 10.000 fr.

Haverá, pois, no fim do contrato de aluguel, quer dizer, em quatro anos, um excedente de despesa. Vede, senhores, que não é preciso pensar em desviar a menor soma, se queremos chegar ao objetivo. Que se fará então? O que praze à Deus e aos bons Espíritos, que me disseram para não me inquietar com nada.

Farei notar que se a soma destinada à compra do material e às despesas de instalação não é senão de 900 fr., é porque nisso não compreendo senão o que foi rigorosamente gasto sobre o capital. Se fora preciso se proporcionar todo o mobiliário que está aqui, não falo senão das peças da recepção, teria sido preciso três ou quatro vezes mais, e então a Sociedade, em lugar dos seis anos de contrato de aluguel, dele não teria senão três. É, pois, meu mobiliário pessoal que serve na maior parte, e que, considerando o uso, recebeu um rude revés.

Em resumo, esta soma de 10.000 fr., que alguns crêem inesgotável, se acha quase inteiramente absorvida pelo aluguel, que, antes de tudo, importa assegurar por um certo tempo, sem que seja possível dela desviar uma parte para outros usos, notadamente para a compra de obras antigas e modernas, francesas e estrangeiras, necessárias à formação de uma grande biblioteca espírita, assim como tinha projetado; só esse objetivo não teria custado menos que 3.000 a 4.000 fr.

Disso resulta que todas as despesas fora do aluguel, tais como as viagens e uma multidão de despesas necessitadas pelo Espiritismo, e que não se elevam a menos de 2.000 fr., por ano, estão em meu encargo pessoal, e esta soma não é sem importância sobre um orçamento restrito que não se salda senão à força de ordem, de economia e mesmo de privações.

Não creiais, senhores, que quero com isto me fazer um mérito; agindo assim, sei que sirvo a uma causa perto da qual a vida material não é nada, e à qual estou todo pronto para sacrificar a minha; talvez um dia eu tenha imitadores; de resto, estou bem recompensado pela visão dos resultados que obtive. Se lamento uma coisa, é que a exigüidade de meus recursos não me permitem fazer mais; porque com os meios de execução suficientes, empregados a propósito, com ordem e para coisas verdadeiramente úteis, avançar-se-ia de meio século o estabelecimento definitivo da Doutrina.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, junho de 1862

Sr. Sanson.

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862. - Médium, Sr. Leymarie. Segunda entrevista. Vide a *Revista* de maio de 1862).

1. Evocação. - R. Meus amigos, estou junto a vós.
2. Estamos bem felizes com a conversa que tivemos convosco no dia de vosso sepultamento, e uma vez que o permitis, estamos encantados em completá-la para nossa instrução. - R. Estou todo preparado, feliz por que pensais em mim.
3. Tudo o que pode nos esclarecer sobre o estado do mundo invisível, e nos fazer compreendê-lo, é de um alto ensinamento, porque é a idéia falsa que dele se faz que, o mais freqüentemente, leva à incredulidade. Não vos surpreendais com as perguntas que poderemos vos dirigir. - R. Com elas não ficarei admirado, e espero as vossas perguntas.
4. Descrevestes com uma luminosa claridade a passagem da vida à morte; dissestes que no momento em que o corpo dá seu último suspiro, a vida se rompe, e que a visão do Espírito se extingue. Esse momento é acompanhado de uma sensação penosa, dolorosa? - R. Sem dúvida, porque a vida é uma seqüência contínua de dores, e a morte é o complemento de todas as dores; daí um dilaceramento violento, como se o Espírito tivesse que fazer um esforço sobre-humano para escapar de seu envoltório, e é esse esforço que absorve todo o nosso ser e lhe faz perder o conhecimento do que se torna.

Nota. - Este caso não é geral. A separação pode se fazer com um certo esforço, mas a experiência prova que nem todos os Espíritos dela têm consciência, porque muitos perdem todo conhecimento antes de expirar; as convulsões da agonia são, o mais freqüentemente, puramente físicas. O Sr. Sanson apresentou um fenômeno bastante raro, o de ser, por assim dizer, testemunha de seu último suspiro.

5. Sabeis se há Espíritos para os quais esse momento é mais doloroso? É mais penoso, por exemplo, para o materialista, para aquele que crê que tudo acaba nesse momento para ele? - R. Isto é certo, porque o Espírito preparado já esqueceu o sofrimento, ou antes, dele tem o hábito, e a quietude com a qual vê a morte, impede-o de sofrer duplamente, uma vez que sabe o que o espera. A pena moral é a mais forte, e sua ausência no instante da morte é uma alívio bem grande. Aquele que não crê assemelha-se a esse condenado à pena capital, e cujo pensamento vê a faca e o *desconhecido*. Há semelhança entre essa morte e a do ateu.

6. Há materialistas bastante endurecidos para crerem seriamente que, nesse momento supremo, vão ser mergulhados no nada? - R. Sem dúvida, até a última hora há os que

crêem no nada; mas no momento da separação, o Espírito tem um retorno profundo; a dúvida se apodera dele e o tortura, porque a si mesmo pergunta o que vai acontecer; quer agarrar qualquer coisa e não o pode. A separação não pode se fazer sem essa impressão.

Nota. -Um Espírito nos deu, numa outra circunstância, o quadro seguinte do fim do incrédulo. "O incrédulo endurecido experimenta, nos últimos momentos, as angústias desses pesadelos terríveis onde se vê à beira de um precipício, quase a cair no abismo; fazem-se inúteis esforços para fugir, e não se pode caminhar; se quer pendurar em alguma coisa, agarrar um ponto de apoio, e sente-se escorregar; se quer chamar e não se pode articular nenhum som; é então que se vê o moribundo se torcer, se crispar as mãos e soltar gritos abafados, sinais certos do pesadelo de que é vítima. No pesadelo comum, o despertar nos tira da inquietação, e vos sentis felizes em reconhecer que não experimentastes senão um sonho; mas o pesadelo da morte se prolonga, freqüentemente, por muito tempo, anos mesmo, além do decesso, e o que torna a sensação mais penosa ainda para o Espírito, são as trevas em que, algumas vezes, está mergulhado.

Fomos capazes de observar vários casos semelhantes e que provam que esta pintura nada tem de exagerada.

7. Dissestes que, no momento de morrer, não víeis mais, mas que pressentíeis. Não víeis mais corporalmente, isto se compreende; mas antes que a vida estivesse extinta, já entrevíeis a claridade do mundo dos Espíritos? - R. Foi o que eu disse precedentemente: o instante da morte dá a clarividência ao Espírito; os olhos não vêem mais, mas o Espírito, que possui uma visão muito mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, e a verdade lhe aparecendo, subitamente, lhe dá, momentaneamente, é verdade, ou uma alegria profunda, ou um pesar inexprimível, segundo o estado de sua consciência e a lembrança de sua vida passada.

Nota. - É questão do instante que precede aquele em que o Espírito perde conhecimento, o que explica o emprego da palavra *momentaneamente*, porque as mesmas impressões, agradáveis ou penosas, prosseguem no despertar.

8. Quereis nos dizer o que vistes, no instante em que vossos olhos se reabriram à luz. Quereis nos pintar, se for possível, o aspecto das coisas que se vos ofereceram. - R. Quando pude rever-me, e ver o que tinha diante dos olhos, estava como deslumbrado, e não dava muita conta de mim, porque a lucidez não retorna instantaneamente. Mas Deus, que me deu uma prova profunda de sua bondade, permitiu que recobrasse minhas faculdades. Vi-me cercado de numerosos e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que vêm vos assistir me cercavam e me sorriam; uma alegria sem igual os animava, e eu mesmo, forte e saudável, podia, sem esforços, me transportar através do espaço. O que vi não tem nome nas línguas humanas.

Virei, de resto, vos falar mais amplamente de todas as minhas alegrias, sem ultrapassar, no entanto, o limite que Deus exige. Sabei que a felicidade, tal como a entendeis entre vós, é uma ficção. Vivei sabiamente, santamente, no espírito de caridade e de amor, e vos tereis preparado impressões que os vossos maiores poetas não saberiam descrever.

Nota. - Os contos de fadas, sem dúvida, estão cheios de coisas absurdas; mas não seriam, em alguns pontos, a pintura do que se passa no mundo dos Espíritos? A narração do Sr. Sanson não parece a de um homem que, adormecido numa pobre e escura cabana, despertasse num palácio esplêndido, no meio de uma cor brilhante?

(Terceira entrevista; 2 de maio de 1862.)

9. Sob qual aspecto os Espíritos se vos apresentaram? Foi sob o de uma forma humana? - R. Sim, meu caro amigo, os Espíritos nos ensinaram sobre a Terra que conservavam, no outro mundo, a forma transitória que tinham no vosso mundo; e é a verdade. Mas que diferença entre a máquina informe, que se arrasta penosamente, com seu cortejo de provas, e a fluidez maravilhosa do corpo dos Espíritos! A fealdade não existe mais, porque os traços perderam a dureza de expressão que forma o caráter distintivo da raça humana. Deus beatificou todos esses corpos graciosos, que se movem com todas as elegâncias da forma; a linguagem tem entonações intraduzíveis para vós, e o olhar a profundidade de uma estrela. Tratai, pelo pensamento de ver o que Deus pode fazer em sua onipotência, ele, o arquiteto dos arquitetos, e tereis feito uma fraca idéia da forma dos Espíritos.

10. Por vós, como vedes? Reconheceis uma forma limitada, circunscrita, embora fluídica? Sentis uma cabeça, um tronco, braços, pernas? - R. O Espírito, tendo conservado sua forma humana, mas divinizada, idealizada, sem contradita, tem todos os membros de que falais. Sinto perfeitamente as pernas e os dedos, porque podemos, por nossa vontade, vos aparecer ou vos apertar as mãos. Estou perto de vós, e apertei a mão de todos meus amigos, sem que disso tivessem a consciência; porque nossa fluidez pode estar por toda parte sem dificultar o espaço, sem dar nenhuma sensação, se isso for o nosso desejo. Neste momento, tendes as mãos cruzadas e tenho as minhas nas vossas. Eu vos digo: eu vos amo, mas meu corpo não toma lugar, a luz o atravessa, e o que chamaríeis um milagre, se fosse visível, é para os Espíritos a ação continuada de todos os instantes.

A visão dos Espíritos não tem relação, do mesmo modo que seu corpo não tem semelhança real, porque tudo está mudado no conjunto e no fundo. O Espírito, eu vo-lo repito, tem uma perspicácia divina que se estende a tudo, uma vez que pode mesmo adivinhar vosso pensamento; também pode a propósito tomar a forma que melhor o pode recordar às vossas lembranças. Mas no fato de o Espírito superior que terminou suas provas, gosta ele da forma que pôde conduzi-lo junto a Deus.

11. Os Espíritos não têm sexo; entretanto, como há poucos dias ainda éreis homem, tendes em vosso novo estado antes a natureza masculina do que a natureza feminina? Ocorre o mesmo com um Espírito que tivesse deixado seu corpo há muito tempo? - R. Não temos que ser de natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os cria à sua vontade, e se, por seus objetivos maravilhosos, quis que os Espíritos se reencarnem sobre a Terra, deveu acrescentar a reprodução das espécies para macho e a fêmea. Mas o sentis, sem que seja necessária nenhuma explicação, os Espíritos não podem ter sexo.

Nota. Sempre foi dito que os Espíritos não têm sexo; os sexos não são necessários senão para a reprodução dos corpos; porque os Espíritos não se reproduzem, os sexos seriam inúteis para eles. Nossa pergunta não tinha por objetivo constatar o fato, mas em razão da morte muito recente do Sr. Sanson, queríamos saber se lhe restava uma impressão de seu estado terrestre. Os Espíritos depurados se dão perfeitamente conta de sua natureza, mas, entre os Espíritos inferiores, não desmaterializados, há muitos deles que se crêem ainda que estão sobre a Terra, e conservam as mesmas paixões e os mesmos desejos; aqueles se crêem ainda homens ou mulheres, e eis porque há os que disseram que os Espíritos têm sexos. É assim que certas contradições provêm do estado mais ou menos avançado dos Espíritos que se comunicam; o erro não é dos Espíritos, mas daqueles que os interrogam e não se dão ao trabalho de aprofundarem as perguntas.

12. Entre os Espíritos que estão aqui, vedes nosso presidente espiritual São Luís? - R. Está

sempre junto a vós, e quando está ausente, sabe sempre aí deixar um Espírito superior, que o substitui.

13. Não vedes outros Espíritos? - R. Perdão; o Espírito de Verdade, Santo Agostinho, Lamennais, Sonnet, São Paulo, Luís e outros amigos que evocais, estão sempre em vossas sessões.

14. Que aspecto a sessão vos apresenta? É para a vossa nova visão o que vos parecia quando vivo? As pessoas têm para vós a mesma aparência? Tudo é tão claro, tão limpo? - R. Bem mais claro, porque posso ler no pensamento de todos, e estou muito feliz, ora! da boa impressão que me deixa a boa vontade de todos os Espíritos reunidos. Desejo que o mesmo entendimento possa se fazer não só em Paris, pela reunião de todos os grupos, mas também em toda a França, onde grupos se separam e se invejam, impelidos pelos Espíritos trapalhões, que se comprazem com a desordem, ao passo que o Espiritismo deve ser o esquecimento completo, absoluto do *eu*.

15. Dissestes que ledes em nosso pensamento; poderíeis nos fazer compreender como se opera essa transmissão de pensamento? - R. Isto não é fácil; para vos dizer, vos explicar esse prodígio singular da visão dos Espíritos, seria preciso vos abrir todo um arsenal de agentes novos, e serieis tão sábios quanto nós, o que não se pode, uma vez que as vossas faculdades estão limitadas pela matéria. Paciência! tornai-vos bons, e a isto chegareis; não tendes atualmente senão o que Deus vos concede, mas com a esperança de progredir continuamente; mais tarde sereis como nós. Tratai, pois, de bem morrer para saber muito. A curiosidade, que é o estimulante do homem pensante, vos conduz tranqüilamente até a morte, vos reservando a satisfação de todas vossas curiosidades passadas, presentes e futuras. À espera disso, eu vos direi, para responder tanto bem quanto mal à vossa pergunta: O ar que vos cerca, impalpável como nós, transporta o caráter de vosso pensamento; o sopro que exalais é, por assim dizer, a página escrita de vossos pensamentos; eles são lidos, comentados pelos Espíritos que vos tropeçam sem cessar; são os mensageiros de uma telegrafia divina, à qual nada escapa.

16. Vedes, meu caro Sr. Sanson, que nós usamos largamente da permissão, que nos destes, de fazer a vossa autópsia espiritual. Disso não abusaremos; uma outra vez, se o quiserdes, faremos perguntas de uma outra ordem. - R. Ficarei sempre muito feliz em me tornar útil aos meus antigos colegas e ao seu digno presidente.

O Menino Jesus no meio dos doutores

Revista Espírita, junho de 1862

Ultimo quadro do Sr. Ingres.

A senhora Dozon, nossa colega da Sociedade, recebeu em sua casa, em 9 de abril de 1862, a comunicação espontânea seguinte:

"O Menino Jesus encontrado por seus pais pregando no Templo, no meio dos doutores. (São Lucas, Natividade.)

Tal é o assunto de um quadro inspirado a um dos nossos maiores artistas. Nesta obra do homem se mostra mais do que o gênio; ali se vê brilhar essa luz que Deus dá às almas para esclarecê-las e conduzi-las às regiões celestes. Sim, a religião iluminou o artista. Essa claridade é visível? O trabalhador viu o raio partindo do céu e descendo nele? Viu se divinizar, sob seus pincéis, a cabeça do Menino-Deus? Ajoelhou-se diante dessa criação de inspiração divina, e exclamou, como o santo velho Simeão: Senhor, vós deixareis morrer em paz o vosso servidor, segundo a vossa palavra, uma vez que meus olhos viram o Salvador, que nos dais agora, e que destinastes para ser exposto à visão de todos os povos."

"Sim, o artista pode se dizer servidor do Mestre, porque vem executar uma ordem de sua suprema vontade. Deus quis que, no tempo em que reina o ceticismo, a multidão se detenha diante dessa figura do Salvador! e mais de um coração se afastará levando uma lembrança que o conduzirá ao pé da cruz, onde esse divino Menino deu sua vida para a Humanidade, para vós, multidão negligente.

"Contemplando o quadro de Ingres, a visão se afasta, com pesar, para retornar a essa figura de Jesus, onde há uma mistura de divindade, de infância e também alguma coisa da flor; essas roupagens, essa veste de cores frescas, jovens, delicadas, lembram esses suaves coloridos sobre os caules perfumados. Tudo merece ser admirado na obra-prima de Ingres. Mas a alma ama, sobretudo, nela contemplar os dois tipos adoráveis de Jesus e de sua divina Mãe. Ainda uma vez, sente-se a necessidade de saudá-la pelas angélicas palavras: "Eu vos saúdo, Maria, cheia de graças." Mal se ousa levar o olhar artístico sobre essa nobre e divinizada figura, tabernáculo de um Deus, esposa de um homem, virgem pela pureza, mulher predestinada às alegrias do paraíso e às agonias da Terra. Ingres compreendeu tudo isto e não se passará diante da Mãe de Jesus sem dizer-lhe: "Maria, muito doce virgem, em nome de vosso filho, orai por nós!" Vós a estudareis um dia; mas eu vi as primeiras pinceladas dadas sobre essa tela bendita. Vi nascer uma a uma as figuras, as poses dos doutores; vi o anjo protetor de Ingres lhe inspirando para fazer cair os pergaminhos das mãos de um desses doutores; porque ali, meu Deus, está toda uma revelação! essa voz de criança destruirá também, uma a uma, as leis que não são suas.

"Não quero fazer aqui da arte como ex-artista; eu sou Espírito, e, para mim, só a arte religiosa me toca. Também vi nesses ornamentos graciosos das cepas de vinha a alegoria

da vinha de Deus, onde todos os humanos devem chegar a se consolar, e disse a mim com uma alegria profunda que Ingres vinha de fazer amadurecer um de seus belos cachos. Sim, mestre! teu Jesus vai falar também diante dos doutores que negam sua lei, diante daqueles que a combatem. Mas quando se encontrarem sós com a lembrança do Menino divino, ah! mais de um rasgará seus rolos de pergaminho sobre os quais a mão de Jesus terá escrito:
Erro.

"Vede, pois, como todos os trabalhadores se reencontram! uns vindo voluntariamente e por caminhos já conhecidos; outros conduzidos pela mão de Deus, que vai procurá-los sobre os lugares e lhes mostra onde devem ir. Outros ainda chegam, sem saber onde estão, atraídos por um encanto que lhes faz semear também as flores de vida para levantar o altar sobre o qual o menino Jesus vem, ainda hoje, para alguns, sob a roupagem de cor de safira ou sob a túnica do crucificado é sempre um mesmo, o único Deus.

"DAVID, pintor."

A senhora Dozon nem seu marido haviam ouvido falar desse quadro; tendo nós mesmos dele nos informado junto a vários artistas, nenhum tinha conhecimento, e começamos a crer numa mistificação. O melhor meio de esclarecer essa dúvida era dirigir-se diretamente ao artista, para se informar se tratara esse assunto; foi o que a senhora Dozon fez. Entrando no atelier, viu o quadro, terminado há somente alguns dias e, conseqüentemente, desconhecido do público. Esta revelação espontânea é tanto mais notável quanto a descrição que dela dá o Espírito é de uma exatidão perfeita. Tudo está ali: cepo de vinha, pergaminhos caídos no chão, etc. Este quadro está ainda exposto na sala do bulevar dos Italianos, onde fomos vê-lo, e ficamos, como todo mundo, admirados diante dessa página sublime, uma das mais belas, sem contradita, da pintura moderna. Do ponto de vista da execução, é digna do grande artista que, o cremos, nada fez de superior, apesar de seus oitenta e três anos; mas o que dela faz uma obra-prima, fora de linha, é o sentimento que a domina, a expressão, o pensamento que faz jorrar, de todas esses rostos sobre os quais lê-se a surpresa, a estupefação, a emoção, a dúvida, a necessidade de negar, a irritação de se ver abater por um menino; tudo isto é tão verdadeiro, tão natural, que se põe a colocar as palavras em cada boca. Quanto ao menino, é de um ideal que deixa longe, atrás dele, tudo o que foi feito sobre o mesmo assunto; não é um orador que fala aos seus ouvintes: não os olha mesmo; adivinha-se nele o órgão de uma voz celeste.

Em toda esta concepção, sem dúvida, há do gênio, mas há, incontestavelmente, da inspiração. O Sr. Ingres, ele mesmo, disse que não havia composto esse quadro nas condições comuns; começou, disse ele, pela arquitetura, o que não é de seus hábitos; em seguida vieram os personagens, por assim dizer, colocarem-se eles mesmos sob seu pincel, sem premeditação de sua parte. Temos motivos para pensar que esse trabalho se prende a coisas das quais ter-se-á a chave mais tarde, mas sobre as quais devemos ainda guardar o silêncio, como sobre muitas outras.

Tendo o fato acima sido narrado na Sociedade, o Espírito de Lamennais, ditou espontaneamente, nessa ocasião, a comunicação seguinte.

Sobre o quadro do Sr, Ingres.

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de maio de 1862. - Médiun, Sr. A. Didier.)

Falei-vos, recentemente, de Jesus menino no meio dos doutores, e fazia ressaltar sua

iluminação divina no meio das sábias trevas dos sacerdotes judeus. Temos um exemplo a mais de que a espiritualidade e os movimentos da alma constituem a fase mais brilhante na arte. Sem conhecer a Sociedade Espírita, pode-se ser um grande artista espiritualista, e Ingres nos mostra, em sua nova obra, o estudo do artista, mas também sua inspiração mais pura e a mais ideal; não esse falso ideal, que engana tanta gente e que é uma hipocrisia da arte sem originalidade, mas o ideal haurido na natureza simples, verdadeira e, conseqüentemente, bela em toda a acepção da palavra. Nós outros, Espíritos, aplaudimos as obras espiritualistas tanto quanto censuramos a glorificação dos sentimentos materiais e do mau gosto. É uma virtude sentir a beleza moral e a beleza física nesse ponto; é a marca certa de sentimentos harmoniosos no coração e na alma, e quando o sentimento do belo está desenvolvido nesse ponto, é raro que o sentimento moral não o esteja também. É um grande exemplo o desse velho de oitenta anos, que representa, no meio da sociedade corrompida, o triunfo do Espiritualismo, com o gênio sempre jovem e sempre puro da fé.

LAMENNAIS.

Eis como se escreve a história!

Revista Espírita, junho de 1862

Os milhões do Sr. Allan Kardec.

Estamos informados que, numa grande cidade de comércio, onde o Espiritismo conta numerosos adeptos, e onde faz o maior bem entre a classe trabalhadora, um eclesiástico se fez propagador de certos ruídos que almas caridosas se apressaram em vender pela rua e, sem dúvida, amplificar. Segundo esses ditos, somos ricos por milhões; em nossa casa tudo brilha, e não caminhamos senão sobre os mais belos tapetes de Aubusson. Conheceram-nos pobre em Lyon; hoje temos carro de luxo a quatro cavalos, e vamos a Paris num trem principesco. Toda essa fortuna nos vem da Inglaterra, depois que nos ocupamos do Espiritismo, e remuneramos largamente nossos agentes da província. Vendemos muito caro os manuscritos de nossas obras, sobre os quais temos ainda uma reposição, o que não nos impede de vendê-los a preços loucos, etc.

Eis a resposta que demos à pessoa que nos transmitiu estes detalhes:

"Meu caro senhor, ri muito dos milhões com os quais me gratifica, tão generosamente, o Sr. abade V..., tanto mais que estava longe de desconfiar dessa boa fortuna. O relatório feito à Sociedade de Paris, antes do recebimento de vossa carta, e que está publicado acima, vem infelizmente reduzir essa ilusão a uma realidade muito menos dourada. De resto, não é a única inexatidão de vossa narração fantástica; primeiro, jamais morei em Lyon, não vejo, pois, como se me conheceu ali pobre; quanto ao meu carro de luxo a quatro cavalos, lamento dizer que se reduz aos rocins de um carro de aluguel que tomo apenas cinco ou seis vezes por ano, por economia. E verdade que antes das estradas de ferro, fiz várias viagens em diligência; sem dúvida, confundiu-se. Mas esqueço que nessa época o Espiritismo não estava em questão, e que é ao Espiritismo que devo, segundo ele, minha imensa fortuna; onde, pois, pescou tudo isso senão no arsenal da calúnia? Isto parece tanto mais verossímil, se se pensa na natureza da população no meio da qual se vendem esses ruídos. Convir-se-á que é preciso ter bem poucas boas razões para ser reduzido a tão ridículos expedientes para desacreditar o Espiritismo. O Sr. abade não vê que vai direto contra seu objetivo, porque dizer que o Espiritismo me enriqueceu a esse ponto, é confessar que ele está imensamente difundido; portanto, se está tão difundido, é que ele agrada. Assim, o que gostaria de fazer voltar contra o homem, tornar-se-ia em proveito do crédito da Doutrina. Fazei, pois, crer, segundo isso, que uma doutrina capaz de proporcionar, em alguns anos, milhões ao seu propagador, seja uma utopia, uma idéia vazia! Tal resultado seria um verdadeiro milagre, porque não tem exemplo de que uma teoria filosófica jamais haja sido uma fonte de fortuna. Geralmente, como para as invenções, nela se consome o pouco que se tem, e ver-se-ia que é um pouco o caso em que me encontro, sabendo-se tudo o que me custa a obra à qual me devotei e à qual sacrifiquei, além disso, o meu tempo, minhas vigílias, meu repouso e minha saúde; mas tenho por princípio guardar para mim o que faço e de não gritá-lo sobre os telhados. Para ser imparcial, o Sr. abade deveria colocar em paralelo as quantias que as comunidades e os conventos subtraem dos fiéis; quanto ao Espiritismo, mede sua influência sobre o bem que faz, o número de aflitos que consola, e não sobre o dinheiro que produz.

Com um trem principesco, deve-se dizer que é preciso uma mesa em proporção; que diria, pois, o Sr. abade se visse o meu repasto mais suntuoso, aquele em que recebo meus amigos? Encontrá-los-ia bem magros perto do magro de certos dignatários da Igreja, que os desdenharia, provavelmente, pela sua quaresma mais austera. Eu lhe informarei, pois, - uma vez que o ignora, e a fim de lhe poupar a pena de me conduzir sobre o terreno da comparação, que o Espiritismo não é, e não pode ser, um meio de enriquecer; que repudia toda especulação de que poderia ser objeto; que ensina a fazer pouco caso do temporal, a se contentar com o necessário e não procurar as alegrias do supérfluo que não são o caminho do céu; se todos os homens entre si fossem Espíritas, não se invejariam, não se teriam ciúmes e não se esfolariam uns aos outros; não diriam mal de seu próximo, e não o caluniarão, porque ele ensina esta máxima do Cristo: *Não façais aos outros o que não gostaríeis que vos façam*. É para pô-la em prática que não nomeio, com todas as letras, o Sr. abade V...

O Espiritismo ensina ainda que a fortuna é um depósito do qual será preciso dar conta, e que o rico será julgado segundo o emprego que tiver feito dela. Se tivesse a que me é atribuída, e se, sobretudo, eu a devesse ao Espiritismo, seria perjuro aos meus princípios, empregando-o para a satisfação do orgulho, e para a posse dos gozos mundanos, em lugar de fazê-la servir à causa da qual abracei a defesa.

Mas, diz-se, e vossas obras? Não vendestes caro os manuscritos? Um instante; é entrar aqui no domínio privado, onde não reconheço a ninguém o direito de se imiscuir; tenho sempre honrado os meus negócios, não importa ao preço de quais sacrifícios e de quais privações; não devo nada a ninguém, ao passo que muito me devem, sem isto, teria mais do dobro do que me resta, o que faz que, em lugar de subir a escala da fortuna, eu a desço. Não devo, pois, conta dos meus negócios a quem quer que seja, o que é bom constatar; todavia, para contentar um pouco os curiosos, que não têm nada de melhor a fazer do que se misturar com aquilo que não lhes diz respeito, direi que, se tivesse vendido meus manuscritos, não teria feito senão usar do direito que todo trabalhador tem de vender o produto de seu trabalho; mas não vendi nenhum deles; ocorre que dei, pura e simplesmente, no interesse da coisa, e que se vende como se quer sem que disso me retorne uma moeda. Os manuscritos se vendem caros quando são obras conhecidas, cujo sucesso é assegurado de antemão, mas em nenhuma parte encontra-se editores bastante complacentes para pagar, a preço de ouro, obras cujo produto é hipotético, então quando não querem mesmo correr a chance dos fracassos de impressão; ora, sob este aspecto, uma obra filosófica tem cem vezes menos valor do que certos romances unidos a certos nomes. Para dar uma idéia dos meus enormes benefícios, direi que a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, que empreendi por minha conta e por meus riscos e perigos, não tendo encontrado editor que haja querido dela se encarregar, me trouxe líquido, todas as despesas feitas, todos os exemplares esgotados, tanto vendidos quanto dados, em torno de quinhentos francos, assim como posso isso justificar por peças autênticas não sei mais qual gênero de carro de luxo poder-se-ia conseguir com isto. Na impossibilidade em que me encontrei, não tendo ainda os milhões em questão, de fazer por mim mesmo as despesas de todas as minhas publicações, e sobretudo de me ocupar das relações necessárias para a venda, cedi, por um tempo, o direito de publicar, mediante um direito de autor calculado a tanto de *centavos* por exemplar vendido; de tal sorte que sou totalmente estranho ao detalhe da venda, e aos negócios que os intermediários possam fazer, sobre as remessas feitas pelos editores aos seus correspondentes, comercializações das quais declino a responsabilidade, estando obrigado, ao que me concerne, de ter conta aos editores, a um preço de....., de todos os exemplares que recebo deles, que os venda, que os dê ou que sejam sem valores.

Quanto ao produto que possa me reverter sobre a venda de minhas obras, não tenho a me

explicar nem sobre a quantia, nem sobre o emprego; tenho certamente bem o direito de dele dispor como melhor me pareça; no entanto, não se sabe se esse produto não tem uma destinação determinada, da qual não pode ser desviada; mas é o que se saberá mais tarde; porque, se fantasiasse, um dia, a alguém escrever minha história sobre dados semelhantes àqueles que são relatados acima, importaria que os fatos fossem restabelecidos em sua integridade. É por isso que deixarei memórias circunstanciadas sobre todas minhas relações e todos meus negócios, sobretudo no que concerne ao Espiritismo, a fim de poupar, aos cronistas futuros os erros nos quais podem cair sobre a fé do ouvir-dizer dos estouvados, das más línguas, e das pessoas interessadas em alterar a verdade, às quais deixo o prazer de deblaterar à sua vontade, a fim de que, mais tarde, sua má fé seja mais evidente.

Com isso me importaria muito pouco, por mim pessoalmente, se meu nome não se achasse doravante intimamente ligado à história do Espiritismo. Por minhas relações, naturalmente, possuo sobre esse assunto os documentos mais numerosos e mais autênticos que existem; pude seguir a Doutrina em todos os seus desenvolvimentos, em observar todas as peripécias como disso previ as conseqüências. Para todo homem que estuda esse movimento, é da última evidência que o Espiritismo marcará uma das fases da Humanidade; é, pois, necessário que se saiba, mais tarde, que vicissitudes teve que atravessar, que obstáculos encontrou, que inimigos procuraram entravá-lo, de que armas se serviram para combatê-lo; não é menos que se saiba por quais meios pôde triunfar, e quais são as pessoas que, pelo seu zelo, seu devotamento, sua abnegação, terão concorrido eficazmente para a sua propagação; aqueles cujos nomes e os atos merecerão ser apontados para o reconhecimento da posteridade, e que me faço um dever de inscrever em meus livros de lembrança. Esta história, compreende-se, não pode ainda aparecer, tão cedo; o Espiritismo acaba apenas de nascer, e as fases mais interessantes de seu estabelecimento não estão ainda cumpridas. Poder-se-ia, aliás, que, entre os Saul do Espiritismo de hoje, terá mais tarde os São Paulo; esperemos que não teremos que registrar os Judas.

Tais são, meu caro senhor, as reflexões que me sugeriram os ruídos estranhos que me retornaram; se os relevei, não foi pelos Espíritos de vossa cidade, que sabem o que podem tomar sobre minha conta e que puderam julgar, quando fui vê-los, se houvesse em mim os gostos e as maneiras de um grande senhor. Eu o faço, pois, por aqueles que não me conhecem e que poderiam ser induzidos em erro por essa maneira mais que leviana de fazer a história. Se o Sr. abade V... prende-se a não dizer senão a verdade, estou pronto para lhe fornecer verbalmente todas as explicações necessárias para esclarecê-lo.

Inteiramente vosso.

A. K.

Sociedade Espírita de Viena, na Áustria

Revista Espírita, junho de 1862

Anunciando que uma edição alemã de nossa brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, foi publicada em Viena, falamos da Sociedade espírita dessa cidade. Recebemos, do presidente dessa Sociedade, a carta seguinte:

"Senhor Allan Kardec,

"A Sociedade Espírita de Viena me encarrega de vos anunciar que a acaba de vos nomear seu presidente de honra, e vos pede consentir em aceitar este título como um sinal da alta e respeitosa estima que vos dedica. Não tenho necessidade de acrescentar, senhor, e lhe servindo aqui de órgão, não faço senão obedecer ao impulso de meu coração, que vos é todo devotado.

"Permiti-me, senhor, acrescentar, sem abusar de vossos preciosos momentos, algumas palavras relativas à nossa Sociedade. Ela acaba de entrar em seu terceiro ano, e se bem que o número de seus membros seja ainda restrito, posso dizer com satisfação que, no círculo privado em que se move ainda, faz proporcionalmente muito bem, e tenho esperança de que, quando chegar o momento de ampliar seu campo de atividade, produzirá frutos mais abundantes: é o meu mais vivo desejo. No último ano, por ocasião do primeiro aniversário, nosso Espírito protetor me dizia em seu profundo e majestoso laconismo: *Tendes semeado o bom grão, eu vos abençoo*. Este ano ele me disse:

Eis, para o ano que vai começar, vossa máxima: COM DEUS E PARA DEUS. No último ano, foi uma recompensa pelo passado; este ano, é um encorajamento para o futuro; também me preparo este ano para empregar meios mais diretos para agir sobre a opinião pública. Primeiro a tradução de vossa excelente brochura não terá faltado de preparar, aqui e ali, o terreno; em seguida pensei na publicação de um jornal em língua alemã, como o meio mais seguro de apressar o resultado. Os materiais não me faltarão, se, sobretudo, quiserdes nos permitir de haurir, algumas vezes, os tesouros encerrados em vossa *Revista*, onde sempre, bem entendido, me farei um dever sagrado o de indicar a fonte das passagens e dos trechos dos quais terei feito a tradução. Enfim, para coroar a obra, desejaria colocar ao alcance dos alemães vosso precioso e indispensável *O Livro dos Espíritos*. Venho, pois, senhor, sem medo de vos importunar, porque estou persuadido de que todo o pensamento do bem responde ao vosso próprio pensamento, vos pedir, se ninguém ainda obteve esse favor, permitir-me traduzi-lo em língua alemã.

"Venho, senhor, de vos expor os projetos que medito para dar, entre nós, um impulso maior à propagação do Espiritismo. Ousaria dirigir-me à vossa benevolente experiência para dela receber alguns conselhos salutares que, estejais disso persuadido, senhor, serão de um grande peso na decisão que eu tomar.

"Recebei, etc.

Esta carta está acompanhada do seguinte diploma:

Sociedade Espírita, dita da caridade, de Viena (Áustria).

Sessão de aniversário de 18 de maio de 1862.

"Em nome de Deus todo-poderoso e sob a proteção do Espírito divino,

"A Sociedade Espírita de Viena, querendo, por ocasião de seu segundo aniversário, testemunhar à sua primogênita de Paris, na pessoa de seu digno e corajoso presidente, a deferência e o reconhecimento que lhe" inspiram seus constantes esforços e seus preciosos trabalhos para a santa causa do Espiritismo e o triunfo da fraternidade universal, tem, sobre a proposta de seu presidente, e com a aprovação de seus conselheiros espirituais, nomeado por aclamação o Sr. *Allan Kardec*, presidente da Sociedade dos Estudos Espíritas de Paris, com o título de PRESIDENTE DE HONRA da Sociedade Espírita, dita de Caridade, de Viena, na Áustria.

"Viena, 19 de maio de 1862.

"O Presidente,

"C. DELHEZ.

A pedido insistente que nos foi feito, acreditamos dever publicar textualmente as duas peças acima, como um testemunho de nosso profundo reconhecimento pela honra que, nossos irmãos de Viena, querem nos dar, honra à qual estávamos longe de esperar, e porque nela vimos uma homenagem prestada, não à nossa pessoa, mas aos princípios regeneradores do Espiritismo. É uma nova prova do crédito que adquire no estrangeiro tanto quanto na França. Pondo de lado o que essas cartas têm de lisonjeiras para nós, o que nos causa sobretudo uma viva satisfação, é de ver o objetivo eminentemente sério, religioso e humanitário que se propôs a Sociedade Espírita de Viena, à qual nosso concurso e nosso devotamento não faltarão. Podemos isso dizer igualmente de todas as sociedades que se formam sobre os diversos pontos, e que aceitam sem restrição os princípios de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*.

Entre aquelas que se organizaram em último lugar, devemos citar a *Sociedade Africana de Estudos Espíritas*, de Constantina, que consentiu se colocar sob nosso patrocínio e o da Sociedade de Paris, e que já conta com uns quarenta membros. Teremos ocasião de tornar a falar dela com mais detalhes.

Em presença desse movimento geral e sem cessar crescente da opinião, os adversários do Espiritismo compreenderão, enfim, que toda tentativa para detê-lo seria inútil, e que o que têm de melhor a fazer é aceitar o que se pode, doravante, considerar como um fato consumado? A arma do ridículo foi consumida em vãos esforços, pois, ela é impotente; a doutrina do diabo, que se procura reviver neste momento, com uma espécie de obstinação, será mais feliz? A resposta está inteiramente no efeito que ela produz: faz rir. Seria preciso, para isso, que aqueles que a propagam estivessem, eles mesmos, bastante convencidos; ora, podemos convenientemente afirmar que, entre eles, não crêem nisso mais do que nós.

É um último esforço, que terá por resultado apressar a propagação das idéias novas, primeiro porque ajuda fazer conhecê-las despertando a curiosidade, em seguida porque prova a penúria de argumentos verdadeiramente sérios.

Princípio vital das Sociedades Espíritas

Revista Espírita, junho de 1862

Senhor,

Vejo, na *Revista Espírita* do mês de abril de 1862, uma comunicação assinada por Gérard de Codemberg, onde noto a seguinte passagem: "Não tende nenhum cuidado com irmãos que se afastam de vossas crenças; fazei, ao contrário, de maneira que não sejam mais misturados no grupo de vossos crentes, porque são ovelhas corrompidas, e deveis vos guardar do contágio."

Achei que essa maneira de ver a respeito das ovelhas corrompidas, era pouco cristã, ainda menos espírita, e inteiramente fora dessa caridade para com todos que os Espíritos pregam. Não ter nenhum cuidado com irmãos que se afastam, e guardar-se de seu contágio, não é o meio de traze-los de novo. Parece-me que, até o presente, nossos bons guias espirituais mostraram mais mansuetude. Esse Gérard de Codemberg é um bom Espírito? Se ele é, disso duvido. Quereis me perdoar esta espécie de controle que acabo de fazer, mas tenho um objetivo sério. Uma senhora, dentre minhas amigas, espírita novata, vem de percorrer esta citação e se deteve nessas poucas linhas, não encontrando ali a caridade que notou, até o presente, nas comunicações. Consultei meu guia a esse respeito, e eis o que me respondeu: "Não minha filha, um Espírito elevado não se serve de expressões semelhantes; deixai aos Espíritos encarnados a aspereza da linguagem, e reconhecei sempre o valor das comunicações pelo valor das palavras e, sobretudo, pelo valor dos pensamentos."

(Segue uma comunicação de um Espírito que é considerado ter tomado o lugar de Gérard de Codemberg.)

Onde está a verdade? Só vós poderíeis sabê-lo.

Recebei, etc.

E. COLLIGNON.

Resposta. - Nada, em Gérard de Codemberg prova que seja um Espírito muito avançado; a obra que publicou, sob o império de uma obsessão evidente e com o qual ele mesmo concorda, o demonstra suficientemente; um Espírito, por pouco superior que seja não poderia menosprezar a esse ponto as revelações que obteve quando vivo, como médium, nem aceitar como sublimes coisas evidentemente absurdas. Segue-se que seja um mau Espírito? Seguramente não; sua conduta durante sua vida, e sua linguagem depois de sua morte, disso são a prova; está na categoria numerosa dos Espíritos inteligentes, bons, mas não bastante superiores para dominar os Espíritos obsessores que dele abusaram, uma vez que não soube reconhecê-los.

Eis para o que concerne ao Espírito. A questão não é saber se é mais ou menos avançado,

mas se o conselho que dá é bom ou mau; ora, mantenho que não há reunião espírita séria possível sem homogeneidade. Por toda parte onde há divergência de opinião, há tendência a fazer prevalecer a sua, desejo de impor suas idéias ou sua vontade; daí discussões, dissensões, depois dissolução: isto é inevitável, e é o que ocorre em todas as sociedades, qualquer que seja seu objeto, onde cada um quer caminhar em caminhos diferentes. O que é necessário nas outras reuniões é mais necessário ainda nas reuniões espíritas sérias, onde a primeira condição é a calma e o recolhimento, que são impossíveis com discussões que fazem perder o tempo em coisas inúteis; é então que os bons Espíritos dela se vão e deixam o campo livre aos Espíritos trapalhões. Eis porque as pequenas assembléias são preferíveis; a homogeneidade de princípios, de gostos, de caracteres e de hábitos, condição essencial da boa harmonia, nelas é mais fácil obter do que nas grandes assembléias.

O que Gérard de Codemberg chama ovelhas corrompidas, não são as pessoas que procuram de boa fé se esclarecer sobre as dificuldades da ciência, ou sobre o que elas não compreendem, por uma discussão pacífica, moderada e conveniente, mas aquelas que vêm com uma posição tomada de oposição sistemática, que levantam, a torto e a direito, discussões inoportunas de natureza a perturbar os trabalhos. Quando um Espírito diz que é preciso afastá-las, tem razão, porque a existência da reunião a isso está ligada; tem ainda razão em dizer que disso não é preciso tomar *nenhum cuidado*, porque sua opinião pessoal, se é falsa, não impedirá a verdade de prevalecer; o sentido dessa palavra é que não é preciso se inquietar com sua oposição. Em segundo lugar, se aquele que tem uma maneira de ver diferente acha-a melhor do que a dos outros, se ela o satisfaz, se nela se obstina, por que contrariá-lo? O Espiritismo não deve se impor; deve ser aceito livremente e de boa vontade; não quer nenhuma conversão pelo constrangimento. A experiência, aliás, aí está para provar que não é insistindo que se lhe fará mudar de opinião. Com aquele que procura a luz de boa fé, é preciso ser todo devotamento, nada é preciso poupar: é do zelo bem empregado e frutífero; com aquele que não quer ou que crê tê-lo, é perder seu tempo e semear sobre pedras. A expressão *nenhum cuidado* pode, pois, ainda se entender nesse sentido de que não é preciso nem atormentar e nem violentar as suas convicções; agir assim, não é faltar com caridade. Espera-se reconduzi-lo a idéias mais santas? Que o façam em particular, pela persuasão, seja; mas se deve ser uma causa de perturbação para a reunião, conservá-la não seria dar prova de caridade para com ele, uma vez que isso de nada lhe serviria, ao passo que seria fazer mal a todos os outros.

O Espírito de Gérard de Codemberg diz sem cerimônia, e talvez um pouco duramente sua opinião, sem precauções oratórias, sem dúvida, contando com o bom senso daqueles a quem se dirige para mitigá-la na aplicação, observando que prescrevem, ao mesmo tempo, a urbanidade e as conveniências; mas, salvo a forma da linguagem o fundo do pensamento é idêntico com o que se encontra na comunicação relatada adiante, sob o título de: *o Espiritismo filosófico*, obtida pela própria pessoa que levantou a questão; ali se lê o que se segue: "Examinai bem, ao vosso redor, se não há falsos irmãos, curiosos, incrédulos. Se assim se encontra, pedi-lhes, com doçura, com caridade, para se retirem. Se resistem, contentai-vos em pedir com fervor, ao Senhor, para esclarecê-los, e numa outra vez *não os admitais em vossos trabalhos*. Não recebais, entre vós, senão os homens simples que querem procurar a verdade e o progresso." Quer dizer, em outras palavras, desembaraçai-vos polidamente daqueles que vos entravam.

Nas reuniões livres, onde se é senhor para receber quem se quer, isso é mais fácil do que nas sociedades constituídas, onde os membros são ligados e têm voz no capítulo. Não se saberia, pois, tomar muitas precauções se não se quer ser contrariado. O sistema das *associações livres*, adotado pela Sociedade de Paris, é o mais próprio para prevenires inconvenientes, naquilo que não admite os candidatos senão a título provisório, e sem voz deliberativa nos negócios da Sociedade, durante um tempo que lhes permite apreciar seu

zelo, seu devotamento e seu espírito conciliador. O essencial é formar um núcleo de fundadores titulares, unidos por uma *perfeita comunhão* de objetivos, de opiniões e de sentimentos, e de estabelecer regras precisas às quais deverão se submeter, forçosamente, aqueles que virão, mais tarde, a ela se reunir. Remetemos, a esse respeito, ao regulamento da Sociedade de Paris e às instruções que demos sobre esse assunto. Nosso mais caro desejo é o de ver a união e a harmonia reinarem entre os grupos e sociedades que se formam por todas as partes; é por isso que consideramos sempre um dever ajudar com os conselhos de nossa experiência àqueles que crerem dever dela se aproveitar. Limitar-nos-emos, no momento, a dizer-lhes: Sem homogeneidade não há união simpática entre os membros, não há relações afetuosas; sem união não há estabilidade; sem estabilidade não há calma; sem calma não há trabalho sério; de onde concluimos que a homogeneidade é o princípio vital de toda sociedade ou reunião espírita. É o que nos diz com razão Gérard de Codemberg e Bernardin; quanto ao Espírito que se dá pelo substituto do primeiro, sua comunicação tem todos os caracteres de uma comunicação apócrifa.

Ensinaamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, junho de 1862

O Espiritismo filosófico.

(Bordeaux, 4 de abril de 1862.- Médiun, senhora Collignon.)

Falamos, meus amigos, do Espiritismo sob o ponto de vista religioso; agora que está bem estabelecido que *não é uma religião nova*, mas a consagração dessa religião *universal* da qual o Cristo colocou as bases, e que hoje vem levar ao coroamento, iremos encarar o Espiritismo sob o ponto de vista moral e filosófico.

De início, expliquemos sobre o sentido exato da palavra filosofia. A filosofia não é uma negação das leis estabelecidas pela Divindade, da religião. Longe disto; a filosofia é a procura do que é sábio, do que é o mais exatamente razoável; e o que é que pode ser mais sábio, mais razoável do que o amor e o reconhecimento que se deve ao seu Criador, e, conseqüentemente, o culto, qualquer que seja, que pode servir para provar-lhe este reconhecimento e este amor? A religião, e tudo o que pode a ela levar, é, pois, uma filosofia, porque é uma sabedoria do homem que a ela se submete com alegria e docilidade. Isto posto, vejamos o que podeis tirar do Espiritismo colocado seriamente em prática.

Qual é o objetivo para que tendem todos os homens, em qualquer posição que se encontrem? A melhoria de sua posição presente; ora, para alcançar esse objetivo, correm de todos os lados, na maioria se extraviam, porque, cegos pelo seu orgulho, arrastados pela sua ambição, não vêem o único caminho que pode conduzir a essa melhoria; procuram-na na satisfação de seu orgulho, de seus instintos brutais, de sua ambição, ao passo que não podem encontrá-la senão no amor e na submissão devidos ao Criador.

O Espiritismo vem, pois, dizer aos homens: Deixai suas sendas tenebrosas, cheias de precipícios, cercadas de espinhos e sarças, e entrai no caminho que conduz à felicidade com que sonhais. Sede sábios para serdes felizes; compreendei, meus amigos, que os bens da Terra não são, para os homens, senão armadilhas das quais deve se garantir; são esses os escolhos que deve evitar; foi por isso que o Senhor permitiu que se vos deixasse, enfim, ver a luz desse farol que deve vos conduzir ao porto. As dores e os males que suportais com impaciência e revolta são o ferro vermelho que o cirurgião aplica sobre a ferida escancarada, a fim de impedir a gangrena e perder todo o corpo. Vosso corpo, meus amigos, que é isso para um Espírita? Quanto deve salvá-lo? Quanto deve preservá-lo do contágio? Quanto deve cicatrizar, por todos os meios possíveis, se não é a praga que rói seu Espírito, a enfermidade que o entrava e o impede de se lançar radioso para seu Criador?

Levai sempre vossos olhos sobre este pensamento filosófico, quer dizer, cheio de sabedoria: Somos uma essência criada pura, mas decaída; pertencemos a uma pátria onde tudo é pureza; culpados, fomos exilados por um tempo, mas só por um tempo; empreguemos, pois, todas nossas forças, toda nossa energia para diminuir o tempo de exílio; esforcemo-

nos, por todos os meios que o Senhor coloca em nosso poder, para reconquistar essa pátria perdida e abreviar o tempo da ausência. (Ver nº. de janeiro de 1862: *Doutrina dos anjos decaídos.*)

Compreendi bem que vossa sorte futura está entre vossas mãos; que a duração de vossas provas depende inteiramente de vós; que o mártir tem sempre direito a uma palma, e que não se trata, para ser mártir, de ir, como os primeiros cristãos, servir de alimento aos animais ferozes. Sede mártires vós mesmos; quebrai, esmagai em vós todos os instintos carnis que se revoltam contra o Espírito; estudai com cuidado vossos pendores, vossos gostos, vossas idéias; desconfiai de todos aqueles que vossa consciência reprova. Tão baixo que ela vos fale, porque pôde ser repelida freqüentemente, tão baixo que vos fale, essa voz de vosso protetor vos dirá para evitarde o que pode vos prejudicar. De todos os tempos, a voz de vosso anjo guardião vos tem falado, mas quanto foram surdos! Hoje, meus amigos, o Espiritismo vem vos explicar a causa dessa voz íntima; vem vos dizer positivamente, vos mostrar, vos fazer tocar com o dedo o que podeis esperar se o escutardes documente; o que deveis temer se a rejeitardes.

Eis, meus amigos, para o homem em geral, o lado filosófico: é o de vos ensinar a vos salvar a vós mesmos. Não procureis aí, meus filhos, como o fazem os ignorantes, distrações materiais, satisfações de curiosidade. Não vades, sob o menor pretexto, chamar para vós os Espíritos dos quais não tendes nenhuma necessidade; contentai-vos- em vos remeter sempre aos cuidados e ao amor de vossos guias espirituais; eles jamais vos faltarão. Quando, reunidos com um objetivo comum: a melhoria de vossa Humanidade, elevais vosso coração para o Senhor, que isso seja para lhe pedir suas bênçãos e a assistência dos bons Espíritos, aos quais vos confiou. Examinai bem, ao redor de vós, se não há falsos irmãos, curiosos, incrédulos. Se resistem, contentai-vos em pedir com fervor para que o Senhor os esclareça, e, numa outra vez, não os admitais em vossos trabalhos. Não recebais, entre vós, senão os homens simples que querem procurar a verdade e o progresso. Quando estiverdes seguros dos irmãos que se acham reunidos em presença do Senhor, chamai a vós os vossos guias espirituais e pedi as suas instruções; eles vo-la darão sempre em proporção às vossas necessidades, à vossa inteligência; mas não procureis satisfazer a curiosidade da maioria daqueles que pedem as evocações. Quase sempre, dela vão menos convencidos e mais prontos a zombarem.

Que aqueles que querem evocar seus parentes, seus amigos, não o façam jamais senão com um objetivo de utilidade e de caridade; é uma ação séria, muito séria, a de chamar a si os Espíritos que erram em redor de vós. Se nisso não puserdes a fé e o recolhimento necessários, os Espíritos maus se apresentarão em lugar daqueles que esperais, vos enganarão, vos farão cair em erros profundos e vos arrastarão, algumas vezes, para quedas terríveis!

Não esqueçais, pois, meus amigos, que o Espiritismo, sob o ponto de vista religiosos, não é senão a confirmação do cristianismo, porque o cristianismo entra inteiramente nestas palavras: Amar o Senhor acima de todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.

Sob o ponto de vista filosófico, é a linha de conduta reta e sábia que deve levar à felicidade que todos vós ambicionais: a imortalidade da alma, para chegar a um outro ponto que ninguém pode negar: Deus!

Eis, meus amigos, o que tenho a vos dizer por hoje. Em breve a continuação de nossas conversas íntimas.

Nota. Esta comunicação faz parte de uma série de ditados, sob o título: *O Espiritismo para todos*, todos marcados com a mesma marca de profundidade e de simplicidade paternal. Não podendo todas serem publicadas na Revista, farão parte de coletâneas especiais que preparamos. Ocorre o mesmo com aquelas que nos foram dirigidas pelos outros médiuns de Bordeaux, e de outras cidades. Mas tanto essas publicações serão úteis, se forem feitas com ordem e método, tanto poderão produzir um efeito contrário, se o forem sem discernimento e sem escolha. Tal comunicação excelente para a intimidade, mas estaria deslocada se fosse tornada pública. Há a que, para ser compreendida e não dar lugar a falsas interpretações, tem necessidade de comentários e de desenvolvimento. Nas comunicações, freqüentemente, é preciso deixar à parte a opinião pessoal do Espírito que fala, e que, se não for muito avançado, pode se formar sobre os homens e as coisas idéias, sistemas que nem sempre são justos. Essas idéias falsas, publicadas sem correções, não podem senão lançar o descrédito sobre o Espiritismo, fornecer armas aos seus inimigos, e semear a dúvida e a incerteza entre os novatos. Com os comentários e as explicações dadas a propósito, algumas vezes, o próprio mal pode tornar-se instrutivo; sem isso, poder-se-ia tornar a Doutrina responsável por todas as utopias debitadas por certos Espíritos mais orgulhosos do que lógicos. Se o Espiritismo pudesse ser retardado em sua marcha, isto não seria pelos ataques abertos de seus inimigos declarados, mas pelo zelo irrefletido de amigos imprudentes. Não se trata, pois, de fazer coletâneas indigestas onde tudo se encontre amontoado em desordem, e do qual o menor inconveniente seria o de entediar o leitor; é preciso evitar com cuidado tudo o que poderia falsear a opinião sobre o Espiritismo; ora, tudo isto exige um trabalho que justifique a atraso dado a essas publicações.

Um espírita na Rússia

Revista Espírita, junho de 1862

O príncipe D... K... nos envia da Rússia um prospecto em língua russa, começando por esta frase: "Obouan Bruné, célebre mágico, magnetizador, *membro da Sociedade Espírita de Paris*, terá a honra de dar, como já anunciou, uma noite fantástica no teatro desta cidade, a 17 de abril de 1862." Segue uma longa lista de formas de escamoteações que o dito Bruné se propõe a fazer. Pensamos que o bom senso dos numerosos adeptos que o Espiritismo conta na Rússia fará justiça a essa grosseira impostura. A Sociedade Espírita de Paris não conhece esse indivíduo que, na França, seria perseguido diante dos tribunais por se ter dado uma falsa qualidade.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Julho

- [O ponto de vista](#)
- [Estatística dos suicídios](#)
- [Hereditariedade moral](#)
- Poesia espírita.
 - [A criança e a visão](#)
- [Duplo suicídio por amor e por dever](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [União simpática das almas](#)
 - [Uma Telha](#)
 - [César, Clóvis e Charlemagne](#)
- [Aviso](#)

O ponto de vista

Revista Espírita, julho de 1862

Não há ninguém que não tenha notado o quanto as coisas mudam de aspecto, segundo o ponto de vista sob o qual são consideradas; não é somente o aspecto que se modifica, mas ainda a própria importância da coisa. Que se coloque no centro de um meio qualquer, fosse ele pequeno, parece imenso; que se coloque fora, parecerá todo outro. Tal que vê uma coisa do alto de uma montanha a acha insignificante, enquanto que, na base da montanha, lhe parece gigantesca.

Isto é um efeito de ótica, mas que se aplica igualmente às coisas morais. Ficai um dia inteiro no sofrimento, ele vos parecerá eterno; à medida que esse dia se afasta de vós, vos admirais de ter podido vos desesperar por tão pouco. Os pesares da infância têm também sua importância relativa, e, para a criança, são todos tão amargos quanto os da idade madura. Por que, pois, nos parecem tão fúteis? Porque não o somos mais, ao passo que a criança o é inteiramente, e não vê além de seu pequeno círculo de atividade; ela os vê do interior, nós os vemos do exterior. Suponhamos um ser colocado, em relação a nós, na posição em que estamos em relação à criança, ele julgará nossos cuidados do mesmo ponto de vista, e os achará pueris.

Um carreteiro é insultado por um carreteiro; eles discutem e se batem; que um grande senhor seja injuriado por um carreteiro, com isso não se crera ofendido, e não se baterá com ele. Por que isto? Porque se coloca fora de sua esfera: Crê-se de tal modo superior que a ofensa não pode atingi-lo; mas que ele desça ao nível de seu adversário, que se coloque, pelo pensamento, no mesmo meio, e se baterá.

O Espiritismo nos mostra uma aplicação desse princípio, se bem que de outro modo importante em suas consequências. Faz-nos ver a vida terrestre por aquilo que ela é, nos colocando no ponto de vista da vida futura; pelas provas materiais que dela nos fornece, pela intuição límpida, precisa, lógica que dela nos dá, pelos exemplos que coloca sob nossos olhos, e a ela nos transporta pelo pensamento: é vista, é compreendida; não é mais essa noção vaga, incerta, problemática, que se nos ensina do futuro, e que, involuntariamente, deixa dúvidas; para o Espírita, é uma certeza adquirida, é uma realidade.

Faz mais ainda: mostra-nos a vida da alma, o ser essencial, uma vez que é o ser pensante, remontando no passado a uma época desconhecida, e se estendendo indefinidamente no futuro, de tal sorte que a vida terrestre, fosse ela de um século, não é mais do que um ponto nesse longo percurso. Se a vida inteira é tão pouca coisa, comparada à vida da alma, que serão, pois, os incidentes da vida? E, no entanto, o homem, colocado no centro desta vida, com ela se preocupa como se devesse durar sempre; tudo toma para ele proporções colossais: a menor pedra que o choque lhe parece um rochedo; uma decepção o desespera; um fracasso o abate; uma palavra coloca-o furioso. Sua visão, limitada ao presente, ao que o toca imediatamente, lhe exagera a importância dos menores incidentes; um negócio não realizado lhe tira o apetite; uma questão de precedência é um negócio de Estado; uma injustiça coloca-o fora de si. Conseguir é o objetivo de todos os seus esforços, objeto de todas as suas combinações; mas, para a maioria, o que é conseguir? É, se não se tem do que viver, se criar, por meios honestos, uma existência tranqüila? E a nobre emulação de adquirir talento e desenvolver sua inteligência? É o desejo de deixar, depois de si, um nome

justamente honrado, e realizar trabalhos úteis para a Humanidade? Não; conseguir, é superar seu vizinho, eclipsá-lo, é afastá-lo, transtorná-lo mesmo, para se colocar em seu lugar; e, por esse belo triunfo, do qual a morte não deixará talvez gozar vinte e quatro horas, que de cuidados, que de tributações! Quanto de gênio mesmo dispensa, algumas vezes, que teria podido ser mais utilmente empregado! Depois, quanto de raiva, quanto de insônias se não se triunfa! Que febre de ciúme causa o sucesso de um rival! Então, prende-se à sua má estrela, à sua sorte, à sua chance fatal, ao passo que a má estrela, o mais freqüentemente, é a imperícia e a incapacidade. Dir-se-á, verdadeiramente, que o homem toma a tarefa de tornar tão penosos quanto possível os poucos instantes que deve passar sobre a Terra, e dos quais não é senhor, uma vez que o dia de amanhã jamais está assegurado.

Quanto todas essas coisas mudam de face, quando, pelo pensamento, o homem sai do estreito vale da vida terrestre, e se eleva na radiosa, esplêndida e incomensurável vida de além-túmulo! Quanto então, toma em piedade os tormentos que se criou à toa! Quanto, então, lhe parecem mesquinhas e pueris as ambições, os ciúmes, as suscetibilidades, as vãs satisfações do orgulho! Parece-lhe da idade madura considerar as brincadeiras da infância; do alto de uma montanha, considerar os homens no vale. Partindo deste ponto de vista, torna-se, voluntariamente, o brinquete de uma ilusão? Não; ao contrário, está na realidade, na verdade, e a ilusão, para ele, é quando vê as coisas do ponto de vista terrestre. Com efeito, não há ninguém sobre a Terra que não ligue mais importância ao que, para ele, deve durar muito tempo, do que ao que não deve durar senão um dia; que não prefere uma felicidade durável a uma alegria efêmera. Inquieta-se pouco com um desagrado passageiro; o que interessa acima de tudo é a situação normal. Se pois, eleva-se seu pensamento de modo a abarcar a vida da alma, forçosamente, chega-se a esta conseqüência, de que assim se percebe a vida terrestre como uma estação momentânea; que a vida espiritual é a vida real, porque ela é indefinida; que a ilusão é a de tomar a parte pelo todo, quer dizer, a vida do corpo, que não é senão transitória, pela vida definitiva. O homem que não considera as coisas senão do ponto de vista terrestre é como aquele que, estando no interior de uma casa, não pode julgar nem da forma, nem da importância do edifício; julga sobre as falsas aparências, porque não pode ver tudo; ao passo que aquele que vê de fora, só ele podendo julgar o conjunto, julga mais sadiamente.

Para ver as coisas desta maneira, dir-se-á, é preciso uma inteligência pouco comum, um espírito filosófico que não se saberia encontrar nas massas; de onde seria preciso concluir que, com poucas exceções, a Humanidade se arrastará sempre no terra-a-terra. É um erro; para se identificar com a vida futura não é preciso uma inteligência excepcional, nem grandes esforços de imaginação, porque cada um dela leva consigo a intuição e o desejo; mas a maneira pela qual se a apresenta, geralmente, é muito pouco sedutora, uma vez que oferece por alternativa as chamas eternas ou uma contemplação perpétua, o que faz com que muitos achem o nada preferível; de onde a incredulidade absoluta em alguns, e a dúvida na maioria. O que faltou até o presente foi a prova irrecusável da vida futura, e esta prova o Espiritismo vem dá-la, não mais por uma teoria vaga, mas por fatos patentes. Bem mais, mostra tal como a razão, a mais severa, pode aceitá-la, porque explica tudo, justifica tudo, e resolve todas as dificuldades. Por isso mesmo é que ela é clara e lógica, e está ao alcance de todo o mundo; eis porque o Espiritismo conduz à crença tantas pessoas que dela tinham se afastado. A experiência demonstra, cada dia, que o simples artesão, que os camponeses sem instrução, compreendem esse raciocínio sem esforços; colocam-se nesse novo ponto de vista tanto mais de boa vontade quanto nele encontram, como todas as pessoas infelizes, uma imensa consolação, e a única compensação possível em sua penosa e laboriosa existência.

Se esta maneira de encarar as coisas terrestres se generalizasse, não teria por

conseqüência destruir a ambição, estimulando grandes empreendimentos, trabalhos mais úteis, mesmo obras de gênio? Se a Humanidade inteira não pensasse mais senão na vida futura tudo não periclitaria neste mundo? Que fazem os monges nos conventos, se não é se ocupar exclusivamente do céu? Ora, em que se tornaria a Terra se todo mundo se fizesse monge?

Um tal estado de coisas seria desastroso, e os inconvenientes maiores do que se pensa, porque os homens a perderiam sobre a Terra e não ganhariam nada dela no céu; mas o resultado do princípio que expomos é inteiramente outro para quem não a compreenda pela metade, assim como a explicamos.

A vida corpórea é necessária ao Espírito, ou à alma, o que é a mesma coisa, para que possa cumprir no mundo material as funções que lhe são destinadas pela Providência: é um dos órgãos da harmonia universal. A atividade que está forçada a desdobrar nas funções que exerce com o seu desconhecimento, crendo não agir senão por si mesma, que ajuda o desenvolvimento de sua inteligência e facilita seu adiantamento. A felicidade do Espírito na vida espiritual, sendo proporcional ao seu adiantamento e ao bem que pôde fazer como homem, disso resulta que quanto mais a vida espiritual adquire importância aos olhos do homem, mais ele sente a necessidade de fazer o que for possível para nela assegurar o melhor lugar possível. A experiência daqueles que viveram vem provar que uma vida terrestre inútil ou mal empregada é sem proveito para o futuro, e que aqueles que não procuram neste mundo senão as satisfações materiais as pagam bem caro, seja pelos seus sofrimentos no mundo dos Espíritos, seja pela obrigação, em que estão, de recomeçar sua tarefa em condições mais penosas do que no passado, e tal é o caso de muitos daqueles que sofrem sobre a Terra. Portanto, considerando as coisas deste mundo do ponto de vista extra-corpóreo, o homem, longe de ser excitado pela negligência e pela ociosidade, compreende melhor a necessidade do trabalho. Falando do ponto de vista terrestre, esta necessidade é uma injustiça, aos seus olhos, quando se compara com aqueles que podem viver sem fazer nada: tem-lhes ciúme, os inveja. Falando do ponto de vista espiritual, esta necessidade tem sua razão de ser, sua utilidade, e a aceita sem murmurar, porque compreende que, sem trabalho, ficaria indefinidamente na inferioridade e privado da felicidade suprema a que aspira, e que não saberia esperar se não se desenvolve intelectualmente e moralmente. Sob este aspecto, muitos monges nos parecem mal compreenderem o objetivo da vida terrestre, e ainda menos as condições da vida futura. Pela seqüestração, se privam dos meios de se tornarem úteis aos seus semelhantes, e muitos daqueles que estão hoje no mundo dos Espíritos, nos confessaram estar estranhamente enganados, e sofrer as conseqüências de seus erros.

Este ponto de vista tem para o homem uma outra conseqüência imensa e imediata: é a de lhe tornar mais suportáveis as tribulações da vida. Que ele procure se proporcionar o bem-estar, a passar o mais agradavelmente possível o tempo de sua existência sobre a Terra, é muito natural e nada o proíbe. Mas, sabendo que não está neste mundo senão momentaneamente, que um futuro melhor o espera, atormenta-se pouco com as decepções que experimenta, e, vendo as coisas do alto, toma seus fracassos com menos amargura; permanece indiferente aos tormentos dos quais é alvo da parte dos invejosos e dos ciumentos; reduz ao seu justo valor os objetos de sua ambição, e se coloca acima das pequenas suscetibilidades do amor-próprio. Livre dos cuidados que se crê o homem que não sai de sua estreita esfera, pela perspectiva grandiosa que se abre diante dele, não é senão mais livre para se entregar a um trabalho proveitoso para si mesmo e para os outros. As afrontas, as diatribes, as maldades de seus inimigos não são para ele senão imperceptíveis nuvens num imenso horizonte; não se inquieta mais do que as moscas que zumbem aos seus ouvidos, porque sabe que delas logo estará livre; também todas as pequenas misérias que se lhe suscita, escorregam sobre ele como a água sobre o mármore. Colocando-se do

ponto de vista terrestre, com isso se irritaria, disse se vingaria talvez; do ponto de vista extra-terrestre, os despreza como salpicos de um mal-estar passageiro. Esses são espinhos lançados sobre sua senda, e sobre os quais passa, sem mesmo se dar ao trabalho de afastá-los, para não demorar sua caminhada para o objetivo mais sério que se propôs alcançar. Longe de querer o mesmo aos seus inimigos, ele lhes sabe agradecer por fornecer-lhe a ocasião de exercer a sua paciência e sua moderação, em proveito de seu adiantamento futuro, ao passo que disse perderia o fruto se se rebaixasse em represálias. Lamenta-os por se darem a tantas penas inúteis, e se diz que são eles mesmos que caminham sobre os espinhos pelos cuidados que tomam para fazer o mal. Tal é o resultado da diferença do ponto de vista sob o qual se considera a vida: um vos dá confusões e ansiedade; o outro a calma e a serenidade. Espíritas que sentis decepções, deixai um instante a Terra, pelo pensamento; subi às regiões do infinito e olhai do alto: vereis o que elas serão.

Diz-se algumas vezes. Vós que sois infelizes, olhai abaixo de vós e não acima, e com isso vereis mais infelizes ainda. Isto é muito verdadeiro, mas muitas pessoas se dizem que o mal dos outros não cura o seu. O remédio não está sempre senão na comparação, e ocorre para os quais é difícil não olhar para o alto e dizer-se: "Por que este tem o que não tenho?" Ao passo que se colocando no ponto de vista do qual falamos, aquele em que, forçosamente, estaremos um pouco à frente, se está, muito naturalmente, acima daqueles que poderíamos invejar, porque, daí, os maiores parecem bem pequenos.

Lembramo-nos de ter visto representar no Odéon, há uns quarenta anos, uma peça em um ato, intitulada *lês Ephémères*, não sabemos mais de que autor; mas, embora jovem então, ela nos causou uma viva impressão. A cena se passava no país dos Ephémères, cujos habitantes não vivem senão vinte e quatro horas. No espaço de um ato, se os vê passar do berço à adolescência, à juventude, à idade madura, à velhice, à decrepitude e à morte. Nesse intervalo, cumprem todos os atos da vida: batismo, casamento, negócios civis e governamentais, etc.; mas como o tempo é curto e as horas contadas, é preciso se apressar; também tudo se faz com uma rapidez prodigiosa, o que não lhes impede de se ocupar de intrigas, e de se darem muito trabalho para satisfazer sua ambição, e se superarem uns aos outros. Esta peça, como se vê, encerrava um pensamento profundamente filosófico, e involuntariamente o espectador, que via num instante se desenrolar todas as fases de uma existência bem cheia, se punha a dizer: Quanto essas pessoas são tolas em se darem tanto mal por tão pouco tempo que têm para viver! Que lhes resta das confusões de uma ambição de algumas horas? Não fariam melhor viverem em paz?

Está bem aí o quadro da vida humana vista do alto. A peça, no entanto, não viveu pouco mais que seus heróis: não foi compreendida. Se o autor vivesse ainda, o que ignoramos, provavelmente hoje seria espírita.

A.K.

Estatística dos suicídios

Revista Espírita, julho de 1862

Lê-se no *Siècle* de... maio de 1862:

"Em a *Comédie sociale au dix-neuvième siècle*, o novo livro que o Sr. B. Gasteineau acaba de publicar pela casa Dentu, encontramos esta curiosa estatística dos suicídios:

"Calculou-se que, desde o começo do século, o número dos suicídios na França não se eleva a menos de 300.000; e esta avaliação talvez deste lado da verdade, porque a estatística não fornece resultados completos senão a partir do ano de 1836. De 1836 a 1852, quer dizer, num período de dezessete anos, houve 52.126 suicídios, seja em média 3.066 por ano. Em 1858, contaram-se 3.903 suicídios, dos quais 853 mulheres e 3.050 homens; enfim, segundo a última estatística que vimos no curso do ano de 1859, 3.899 pessoas se mataram, a saber, 3.057 homens e 842 mulheres."

"Constatando que o número de suicídios aumenta a cada ano, o Sr. Gasteineau deplora, em termos eloqüentes, a triste monomania que parece ter se apoderado da espécie humana." Eis uma oração fúnebre bem rápida expedida sobre os infelizes suicidas; a questão, no entanto, nos parece bastante grave para merecer um exame sério. Do ponto de vista em que estão as coisas, o suicídio não é mais um fato isolado e acidental; ele pode, a justo título, ser olhado como um mal social, uma verdadeira calamidade; ora, um mal que leva regularmente 3.000 a 4.000 pessoas por ano num só país, e que segue uma progressão crescente, não é devido a uma causa fortuita; ocorreu necessariamente uma radical, absolutamente como quando se vê um grande número de pessoas morrer da mesma doença, e que deve chamar a atenção da ciência e a solicitude da autoridade. Em semelhante caso limita-se geralmente a constatar o gênero de morte e o modo empregado para que ela se dê, ao passo que se negligencia o elemento mais essencial, o único que pode colocar sobre o caminho do remédio: o motivo determinante de cada suicídio; chegar-se-ia assim a constatar a causa predominante; mas, a menos de circunstâncias bem caracterizadas acha-se mas simples e mais expedito disso sobrecarregar a classe dos monomaníacos e dos maníacos.

Incontestavelmente, há suicídios por monomania, realizados fora do império da razão, como aqueles, por exemplo, que ocorreram na loucura, na febre alta, na embriaguez; aqui a causa é puramente fisiológica; mas ao lado se encontra a categoria, muito mais numerosa, dos suicídios voluntários, realizados com premeditação e com pleno conhecimento de causa. Certas pessoas pensam que o suicida jamais está completamente em seu bom senso; é um erro que partilhamos outrora, mas que caiu diante de uma observação mais atenta. É bastante racional, com efeito, pensar que, estando o instinto de conservação na natureza, a destruição voluntária deve ser contra a natureza, e que tal é a razão pela qual, freqüentemente, vê-se este instinto se impor, no último momento, sobre a vontade de morrer; de onde se conclui que, para realizar esse ato, é preciso não ter mais a cabeça em si. Sem dúvida, há muitos suicidas que são tomados nesse instante de uma espécie de vertigem e sucumbem num primeiro momento de exaltação; se o instinto de conservação o toma em último lugar, são como desembriagados e se prendem à vida; mas é bem evidente também que muitos se matam a sangue frio e com reflexão, e a prova disso está nas precauções calculadas que tomam, na ordem razoável que colocam seus negócios, o que

não é o caráter da loucura.

Faremos notar, de passagem, um traço característico do suicídio, é que os atos dessa natureza, realizado em lugares completamente isolados e desabitados, são excessivamente raros; o homem perdido no deserto ou sobre o Oceano, morrerá de privações, mas não se suicidará, então mesmo que não espere nenhum socorro. Aquele que quer deixar voluntariamente a vida aproveita bem o momento em que está só para não ser detido em seu desígnio, mas o faz de preferência nos centros de população, onde seu corpo tem pelo menos alguma chance de ser encontrado. Tal se lançará do alto de um monumento no centro de uma cidade, que não o fará do alto de um rochedo à beira-mar, onde todo traço seu estará perdido; tal outro se dependurará nas árvores de Boulogne, e não irá fazê-lo numa floresta onde ninguém passe. O suicida quer muito não ser impedido, mas deseja que se saiba, cedo ou tarde, que se suicidou; parece-lhe que essa lembrança dos homens o liga ao mundo que quis deixar, tanto é verdade que a idéia do nada absoluto tem alguma coisa mais terrível do que a própria morte. Eis um curioso exemplo em apoio desta teoria.

Por volta de 1815, um rico Inglês, tendo ido visitar a famosa queda do Rhin, com ela ficou de tal modo entusiasmado, que voltou para a Inglaterra a fim de pôr em ordem seus negócios, depois retornou, alguns meses depois, para se precipitar no abismo. Incontestavelmente, é um ato de originalidade, mas duvidamos muito que tivesse feito o mesmo lançando-se no Niagara se ninguém devesse sabê-lo; uma singularidade de caráter causou o ato; mas o pensamento de que se iria falar dele determinou a escolha do lugar e do momento; se seu corpo não devesse ser encontrado, sua memória pelo menos não pereceria.

Na falta de uma estatística oficial que daria a exata proporção dos diferentes motivos de suicídios, não seria de duvidar que os casos mais numerosos são determinados pelos reveses da fortuna, as decepções, os desgostos de toda natureza. O suicídio, neste caso, não é um ato de loucura, mas de desespero. Ao lado destes motivos, que se poderiam chamar sérios, os há evidentemente fúteis, sem falar do indefinível desgosto da vida, no meio dos prazeres, como o que acabamos de citar. O que é certo é que todos aqueles que se suicidam não recorrem a esse extremo senão porque, errados ou com razão, não estão contentes. Sem dúvida, não é dado a ninguém remediar esta causa primeira, mas o que é preciso deplorar é a facilidade com a qual os homens cedem, há algum tempo, a esse fatal arrastamento; aí está, sobretudo, o que deve chamar a atenção, e que, na nossa opinião, é perfeitamente remediável.

Não se lembra, freqüentemente de perguntar se há frouxidão ou coragem no suicídio; incontestavelmente, há frouxidão em falhar diante das provas da vida, mas há coragem em desafiar as dores e as angústias da morte; estes dois pontos nos parecem encerrar todo o problema do suicídio.

Por pungente que sejam os apertos da morte, o homem os afronta e os suporta se para isso estiver excitado pelo exemplo; é a história do conscrito que, só recuaria diante do fogo, ao passo que fica eletrizado ao ver os outros caminharem para ele sem medo. Ocorre o mesmo para o suicídio; a visão daqueles que se libertam por esse meio do tédio e dos desgostos da vida faz dizer que esse momento passa logo; aqueles que o temor do sofrimento teria retido, se dizem que uma vez que tanta gente faz assim, pode-se bem fazer como eles; que vale mais ainda sofrer alguns minutos do que sofrer durante anos. É nesse sentido somente que o suicídio é contagioso; o contágio não está nem nos fluidos nem nas atrações; ele está no exemplo que familiariza com a idéia da morte e com o emprego dos meios para que ela se dê; isto é tão verdadeiro que quando um suicídio ocorre de uma certa maneira, não é

raro ver vários deles do mesmo gênero se sucederem. A história da famosa guarita, na qual catorze militares se dependuraram, sucessivamente, em pouco tempo, não teve outra causa. O meio estava ali sob os olhos; parecia cômodo, e por pouco que esses homens tivessem alguma leviandade de assim acabar com a vida, dele aproveitaram; a tua própria visão podia fazer nascer a idéia; o fato tendo sido contado a Napoleón, ordenou a queima da fatal guarita; o meio não estava mais sob os olhos e o mal se deteve.

A publicidade dada aos suicídios produz sobre as massas o efeito da guarita; ela excita, encoraja, familiariza com a idéia, provoca-a mesmo. Sob este aspecto, consideramos os relatos desse gênero, dos quais os jornais são pródigos, como uma das causas excitantes do suicídio: eles dão *a coragem da morte*. Ocorre o mesmo com aqueles dos crimes com ajuda dos quais se atíça a curiosidade pública; produzem, pelo exemplo, um verdadeiro contágio moral; jamais detiveram um criminoso, ao passo que para isso desenvolveram mais de um.

Examinemos agora o suicídio de um outro ponto de vista. Dizemos que, quaisquer que sejam os motivos particulares, tem sempre por causa um descontentamento; ora, aquele que está certo de não ser infeliz senão um dia e ser melhor os dias seguintes, facilmente tem paciência; não se desespera senão se não vê o fim de seus sofrimentos. O que é, pois, a vida humana com relação à eternidade, senão menos que um dia? Mas para aquele que não crê na eternidade, que crê que tudo acaba nele com a vida, e se é acabrunhado pelo desgosto e pelo infortúnio, não lhe vê o fim senão na morte; nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar seus sofrimentos pelo suicídio.

A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as idéias materialistas, em uma palavra, são os maiores excitantes ao suicídio: elas dão *a covardia moral*. E quando se vêem homens de ciência se apoiarem sobre a autoridade de seu saber para se esforçarem em provar, aos seus ouvintes ou aos seus leitores, que não têm nada a esperar depois da morte, não é conduzi-los a esta consequência de que são infelizes, não têm nada de melhor a fazer do que se matarem? Que poderíamos lhes dizer para disso afastá-los? Que compensação poderiam lhes oferecer? Que esperanças podem lhes dar? Nenhuma outra coisa senão o nada; de onde é "preciso concluir que se o nada é o remédio heróico, a única perspectiva, vale mais nele cair logo em seguida do que mais tarde, e assim sofrer por menos tempo. A propagação das idéias materialistas é, pois, o veneno que inocula, num grande número o pensamento do suicídio, e aqueles que se fazem disso os apóstolos, seguramente, têm sobre si uma terrível responsabilidade.

A isso objetar-se-á, sem dúvida, que todos os suicidas não são materialistas, uma vez que há pessoas que se matam para irem mais depressa para o céu, e outras para se juntar mais cedo àqueles que amaram. Isto é verdade, mas incontestavelmente é o menor número, e do qual não se convenceria se se tivesse uma estatística conscienciosamente feita das causas íntimas de todos os suicídios. Seja como for, se as pessoas que cedem a este pensamento crêem na vida futura, é evidente que fazem dela uma idéia inteiramente falsa, e a maneira com a qual ela é apresentada, em geral, não é quase nada própria para dar-lhe uma idéia mais justa. O Espiritismo vem não somente confirmar a teoria da vida futura, mas a prova pelos fatos mais patentes que são possíveis ter: o testemunho daqueles mesmos que ali estão; faz mais, no-la mostra sob cores tão racionais, tão lógicas, que o raciocínio vem em apoio da fé. Não sendo mais permitida a dúvida, o aspecto da vida muda; sua importância diminui em razão da certeza, que se adquire, de um futuro mais próspero; para o crente, a vida se prolonga indefinidamente além do túmulo; daí a paciência e a resignação que afastam muito naturalmente do pensamento do suicídio; daí, em uma palavra, *a coragem moral*.

O Espiritismo tem ainda, sob esse aspecto, um outro resultado igualmente positivo, e talvez mais determinante. A religião diz bem que se suicidar é um pecado mortal do qual se é punido; mas como? pelas chamas eternas nas quais não se crê mais. O Espiritismo nos mostra os próprios suicidas vindo dar conta de sua posição infeliz, mas com esta diferença de que as penas variam segundo as circunstâncias agravantes ou atenuantes, o que é mais conforme a justiça de Deus; que, em lugar de serem uniformes, elas são a consequência tão natural da causa que provocou a falta, que não se pode impedir de nelas ver uma soberana justiça eqüitativamente distribuída. Entre os suicidas, há os que cujo sofrimento, por não ser senão temporário em lugar de eterno, não é menos terrível e de natureza a dar a refletir a quem estivesse tentado a partir daqui antes da ordem de Deus. O Espírita tem, pois, por contrapeso ao pensamento do suicídio, vários motivos: a *certeza* de uma vida futura, na qual sabe que será tanto mais feliz quanto houver sido mais infeliz e mais resignado sobre a Terra; a *certeza* de que, abreviando a vida, chega justamente a um resultado diferente daquele que espera alcançar; que se livra de um mal para tê-lo um pior, mais longo e mais terrível, que não reverá, no outro mundo, os objetos de sua afeição, que queria ir reencontrar; de onde a consequência de que o suicídio está contra os seus próprios interesses. Também o número de suicídios impedidos pelo Espiritismo é considerável, e se pode disso concluir que quando todo o mundo for Espírita, não haverá mais suicídios voluntários, e isso chegará mais cedo do que se crê. Comparando, pois, os resultados das doutrinas materialista e espírita, sob o único ponto de vista do suicídio, acha-se que a lógica de uma a ele conduz, ao passo que a lógica da outra dele desvia, o que está confirmado pela experiência.

Por esse meio, dir-se-á, destruireis a hipocondria, essa causa de tantos suicídios sem motivos, desse insuperável desgosto da vida, que nada parece justificar? Essa causa é eminentemente fisiológica, ao passo que as outras são morais. Ora, o Espiritismo não curasse senão estas, isto já seria muito; propriamente falando, a primeira ressalta da ciência, à qual poderíamos abandoná-la, dizendo-lhe: Nós curamos o que nos compete, por que não curais o que é de vossa competência? Entretanto, não hesitamos em responder afirmativamente à pergunta.

Certas afecções orgânicas, evidentemente, são mantidas e mesmo provocadas pelas disposições morais. O desgosto da vida, o mais freqüentemente, é o fruto da saciedade. O homem que usou de tudo, não vendo nada além, está na posição do bêbado que, tendo a garrafa vazia, e nela não encontrando mais nada, a quebra. Os abusos e os excessos de toda a sorte, forçosamente, conduzem a um enfraquecimento e a uma perturbação nas funções vitais; daí uma multidão de enfermidades cuja fonte é desconhecida, que são julgadas causadoras, ao passo que não são senão consecutivas; daí também um sentimento de apatia e de desencorajamento. Que falta ao hipocondríaco para combater suas idéias melancólicas? Um objetivo para a vida, um motivo para sua atividade. Que objetivo pode ter se não crê em nada? Ó Espírita faz mais do que crer no futuro: ele sabe, não pelos olhos da fé, mas pelos exemplos que tem diante de si, que pela vida futura, à qual não pode escapar, é feliz ou infeliz, segundo o emprego que faz da vida corpórea; que a felicidade é proporcional ao bem que se fez. Ora, certo de viver depois da morte, e de viver bem mais tempo sobre a Terra, é muito natural que pense nela ser o mais feliz possível; certo, além disso, de lá ser infeliz se não faz nada de bem, ou mesmo se, não fazendo nada de mal, não faz nada de tudo, compreende a necessidade da ocupação, o melhor preservativo dá hipocondria. Com a certeza do futuro ele tem um objetivo; com a dúvida, ele não tem nada. O tédio ganha-o, e ele acaba com a vida porque não espera mais nada. Que se nos permita uma comparação um pouco trivial, mas que não deixa de ter analogia. Um homem passou uma hora no espetáculo; acreditou que tudo tinha acabado, se levantou e se foi; mas, se ele sabe que se deve representar ainda alguma coisa melhor, e mais longa daquela que viu, ele ficará, ainda que fosse no pior lugar: a espera do melhor triunfará nele da fadiga.

As mesmas causas que conduzem ao suicídio também produzem a loucura. O remédio de um é também o remédio da outra, assim como o demonstramos em outro lugar. Infelizmente, enquanto a medicina não de der conta senão do elemento material, privar-se-á de todas as luzes que lhe traria o elemento espiritual, que desempenha um papel tão ativo num grande número de afecções.

O Espiritismo nos revela, além disso, a causa primeira do suicídio, e só ele poderia fazê-lo. As tributações da vida são, ao mesmo tempo, expiações pelas faltas de existências passadas, e provas para o futuro. O próprio Espírito as escolhe tendo em vista o seu adiantamento; mas pode ocorrer que uma vez na obra, ache a carga muito pesada e recue diante de seu cumprimento; é então que tem o recurso do suicídio, o que o retarda em lugar de avançá-lo. Ocorre ainda que um Espírito suicidou-se numa precedente encarnação, e que, como expiação, lhe é imposto dever em sua nova existência, de lutar contra a tendência ao suicídio; se sai vencedor, avança; se sucumbe, ser-lhe-á preciso recomeçar uma vida talvez mais penosa ainda do que a precedente, e deverá lutar assim até que haja triunfado, porque toda recompensa na outra vida é o fruto de uma vitória, e quem diz vitória, diz luta. O Espírita haure, na certeza que tem desse estado de coisas, uma força de perseverança que nenhuma outra filosofia poderia dar-lhe.

A. K.

Hereditariedade moral

Revista Espírita, julho de 1862

Um de nossos assinantes nos escreve de Wiesbaden:

"Senhor, estudo com cuidado o Espiritismo em todos os vossos livros, e apesar da clareza que deles decorre, dois pontos importantes não parecem bem explicados aos olhos de certas pessoas, eles são: 1º as faculdades hereditárias; 2º os sonhos.

"Como conciliar, com efeito, o sistema da anterioridade da alma com a existência das faculdades hereditárias? Elas existem, no entanto, embora de maneira não absoluta; cada dia somos disso tocados na vida privada, e vemos também, numa ordem mais elevada, os talentos sucederem aos talentos, a inteligência à inteligência. O filho de Racine foi poeta; Alexandre Dumas tem por filho um autor distinguido; na arte dramática, vemos a tradição dos talentos numa mesma família, e na arte da guerra uma raça, tal qual a dos duques de Brunswick, por exemplo, fornece uma série de heróis. Mesmo a inépcia, o vício, o crime conservam sua tradição. Eugène Sue cita famílias onde várias gerações, sucessivamente, passaram pela morte na guilhotina. A criação da alma por indivíduo explicaria ainda menos essas dificuldades, eu o compreendo, mas é preciso confessar que uma e outra doutrina dão margem aos golpes dos materialistas, que não vêem em toda faculdade senão uma concentração de forças nervosas.

"Quanto aos sonhos, a Doutrina Espírita não concilia bastante o sistema das peregrinações da alma durante o sono com a opinião vulgar, que dele faz simplesmente o reflexo das impressões percebidas durante a vigília. Esta última opinião poderia parecer a verdadeira explicação dos sonhos, ao passo que a peregrinação não seria senão um caso excepcional. (Seguem vários exemplos em apoio).

"Está bem entendido, senhor presidente, que não pretendo fazer aqui nenhuma objeção em meu nome pessoal, mas me parece útil que a *Revista Espírita* se ocupasse destas questões, não fora senão para dar os meios de responder aos incrédulos; quanto a mim, sou crente e não procuro senão a minha instrução."

A questão dos sonhos será examinada ulteriormente num artigo especial; não nos ocuparemos hoje senão da *hereditariedade moral*, que deixaremos ser tratada pelos Espíritos, limitando-nos a algumas observações preliminares.

O que se possa dizer a esse respeito, os materialistas dele não estarão mais convencidos por isso, porque, não admitindo o princípio, não podem admitir-lhe as conseqüências; seria preciso, antes de tudo, torná-los espiritualistas; ora, não é por esta questão que seria preciso começar; não podemos, pois, nos ocupar com as suas objeções.

Tomando por ponto de partida a existência de um princípio inteligente fora da matéria, de outro modo dito, a existência da alma, a questão é saber se as almas procedem das almas, ou se elas são independentes. Cremos já ter demonstrado, em outro artigo sobre os *Espíritos e o brasão*, publicado no número do mês de março último, as impossibilidades que existem para a criação da alma pela alma; com efeito, se a alma da criança fosse uma parte

da do pai, ela deveria sempre dele ter as qualidades e as imperfeições, em virtude do axioma de que a parte é da mesma natureza do todo; ora, e experiência prova ao contrário cada dia. Citam-se, é verdade, exemplos de semelhanças morais e intelectuais que parecem devidas à hereditariedade, de onde seria preciso concluir que houve transmissão; mas então, por que essa transmissão não ocorre sempre? Por que se vêem, diariamente, pais essencialmente bons, terem filhos instintivamente viciosos, e *vice-versa*. Uma vez que é impossível fazer, da hereditariedade moral, uma regra geral, trata-se de explicar, com o sistema da independência recíproca das almas, a causa das semelhanças. Isto poderia ser quando muito uma dificuldade, mas que não pre-julgaria nada contra a doutrina da anterioridade da alma e da pluralidade das existências, tendo em vista que esta doutrina está provada por cem outros fatos concludentes, e contra os quais é impossível levantar alguma objeção séria. Deixemos falar os Espíritos que consentiram tratar a questão. Eis as duas comunicações que obtivemos a este respeito:

(Sociedade Espírita de Paris, 23 de maio de 1862. - Médium, Sr. d'Ambel.)

Já foi dito, com freqüência, que não seria preciso amontoar sistemas sobre simples aparências, e foi um sistema dessa natureza o que deduziu das semelhanças familiares uma teoria contrária à que demos da existência das almas anteriormente à sua encarnação terrestre. É positivo que, muito freqüentemente, estes jamais tiveram relações diretas com os meios, com as famílias nas quais se encarnam neste mundo. Já repetimos, a miúdo, que as semelhanças corpóreas prendem-se a uma questão material e fisiológica, inteiramente fora da ação espiritual, e que, pelas aptidões e pelos gostos semelhantes, resultam não na procriação da alma por uma alma já nascida, mas do que os Espíritos similares se atraem; daí as famílias de heróis ou de raças de bandidos. Admiti, pois, em princípio, que os bons Espíritos escolhem, de preferência, para sua nova etapa terrestre, o meio em que o terreno já está preparado, a família de Espíritos avançados onde estão seguros de encontrar os materiais necessários ao seu adiantamento futuro; admiti, igualmente, que os Espíritos atrasados, ainda inclinados aos vícios e aos apetites animais, fogem dos grupos elevados, das famílias morais, e se encarnam, ao contrário, lá onde esperam reencontrar os meios de satisfazer as paixões que ainda os dominam. Assim, pois, em tese geral, as semelhanças espirituais vêm de que os semelhantes atraem seus semelhantes, ao passo que as semelhanças corpóreas ligam-se à procriação. Agora, é preciso acrescentar isto: é que, muito freqüentemente, nascem nas famílias, dignas sob todos os aspectos do respeito de seus concidadãos, indivíduos viciosos e maus que ali são enviados para serem a pedra de toque destes; como algumas vezes ainda aqui vêm de sua plena vontade, na esperança de sair da rotina onde são arrastados até então, e se aperfeiçoarem sob a influência desses meios virtuosos e morais. Ocorre o mesmo com Espíritos já avançados moralmente que, a exemplo daquela jovem mulher de Saint-Étienne, de que se falou no último ano, se encarnam em famílias obscuras, entre Espíritos atrasados, afim de lhes mostrar o caminho que conduz ao progresso. Não esqueceste, estou certo disto, aquele anjo de asas brancas em que ela apareceu transfigurada aos olhos daqueles que a amaram sobre a Terra, quando estes reentraram, por sua vez, no mundo dos Espíritos. (*Revista Espírita*, de junho de 1861, página 179: Senhora Gourdon).

ERASTO.

(Outra; mesma sessão. - Médium, senhora Costel.)

Venho vos explicar a importante questão da hereditariedade das virtudes e dos vícios na raça humana. Esta transmissão faz hesitar aqueles que não compreendem a imensidade do princípio revelado pelo Espiritismo. Os mundos intermediários são povoados de Espíritos

esperando a prova da encarnação, ou aí se preparando de novo, segundo seu grau de adiantamento. Os Espíritos, nesses viveiros da vida eterna, estão agrupados e divididos em grandes tribos, uns adiante, outros em atraso no progresso, e cada um escolhe, entre os grupos humanos, aqueles que correspondem simpaticamente às suas faculdades adquiridas, os quais progridem e não podem retrogradar.

O Espírito que se encarna escolhe o pai cujo exemplo o fará avançar no caminho preferido, e repercute, elevando-lhes ou enfraquecendo-lhes, os talentos daquele que lhe deu a vida corpórea; nos dois casos, a conjunção simpática existe anteriormente ao nascimento, e é desenvolvida em seguida nas relações da família, pela imitação e pelo hábito.

Depois da hereditariedade familiar, quero, meus amigos, vos revelar a origem da discordância que separa os indivíduos de uma mesma raça, de repente notável ou desonrado por um de seus membros que ficou estranho entre ela. O grosseiro viciado que está encarnado num centro elevado, e o Espírito luminoso que se encarna entre os seres grosseiros, ambos obedecem à misteriosa harmonia que aproxima as partes divididas de um todo, e faz concordar o infinitamente pequeno com a suprema grandeza. O Espírito culpado, apoiado sobre as virtudes adquiridas de seu procurador terrestre, espera se fortalecer por elas, e se sucumbe ainda nas provas, adquire pelo exemplo o conhecimento do bem, e retorna à erraticidade menos carregado de ignorância e melhor preparado para sustentar uma nova luta.

Os Espíritos avançados entrevêem a glória de Jesus e queimam consumindo depois o cálice da ardente caridade; depois dele também querem guiar a Humanidade para o objetivo sagrado do progresso, e eles nascem no baixo mundo social onde se debatem, acorrentados um ao outro, a ignorância e o vício dos quais são alternativamente os vencedores e os mártires.

Se esta resposta não satisfaz todas as vossas dúvidas, interrogai-me, meus amigos.

SÃO LUÍS.

Poesia espírita

Revista Espírita, julho de 1862

(Sociedade Espírita de Bordeaux. - Médiun, Sr. Ricard.)

A criança e a visão

Mãezinha, é noite fechada,
E sinto o sono vir;
Depressa, coloca-me em meu leito rosa,
Ou em teus braços vou dormir.

Criança, a Deus faze tua prece.
Vamos, minha filha, as duas ajoelhadas
Pedir juntas por teu pai
Que está no céu!... bem longe de nós.

Ele está lá no Alto, não é mãe?
Muito perto dele Deus o quis;
Só os maus têm sua cólera,
Mas paizinho é seu eleito!.

Que Deus te ouça!... ó filha querida!
Que teu desejo seja escutado!
Peçamos-lhe por teu bom pai
Repouso!... alegria!... felicidade!...

Peço também por ti, minha mãe;
Digo a Deus: "Vós, todo-poderoso,
Já me tomastes meu pai,
Deixai a mãe à sua filha."

Obrigada!... obrigada!... minha Gabrielle.
Tão jovem ainda teu coração é bom!
Sobre ti, do Alto, teu pai vela:
Vejo sua alma sobre tua fronte.

Queria muito, mãe querida,
Uma vez que meu pai nos ouve,
Que viesse aqui da outra vida
Para abraçar sua querida criança.

Pede a Deus que um tal prodígio
Tenha lugar para nós que sofremos tanto!..
A alma de um morto às vezes volteia
Ao redor do leito de sua filha.

Mãezinha, é noite fechada,
E sinto o sono vir...
Depressa, coloca-me em meu leito rosa!...
Boa-noite, mamãe!... eu vou dormir.

Mas não!... eu vejo!... É bem meu pai!
Ele está aqui... perto de meu leito!
Aproxima-te, pois, mãezinha!
Ele nos olha e nos sorri...

Oh! sobre minha frente sinto a sua boca;
Sua mão acaricia meus cabelos!...
Como tu mesma ele fecha minha boca,
E eu o vejo subir aos céus!

Mãezinha, é noite fechada,
E tua criança não pode dormir...
É que meu pai, a este leito rosa,
Muito prometeu retornar!

TEU ANJO GUARDIÃO.

Duplo suicídio por amor e por dever

Revista Espírita, julho de 1862

Estudo moral

Lê-se em *l'Opinion nationale* de 13 de junho:

"Terça-feira última, dois caixões entraram juntos na igreja Bonne-Nouvelle. Estavam acompanhados por um homem parecendo presa de uma profunda dor e de uma multidão considerável, na qual se notavam o recolhimento e a tristeza. Eis um curto relato dos acontecimentos em consequência dos quais ocorreu a dupla cerimônia fúnebre.

"A senhorita Palmyre, modista, morando com seus pais, era dotada de um exterior encantador ao qual se juntava o mais amável caráter. Também era ela muito procurada para casamento. Entre os aspirantes à sua mão, distinguira o senhor B..., que sentia por ela uma viva paixão. Embora ela própria o amando muito, entretanto, acreditou dever, por respeito filial, se entregar aos votos de seus pais, esposando o senhor D..., cuja posição social lhe parecia mais vantajosa que a de seu rival. O casamento foi celebrado há quatro anos.

"Os senhores B... e D... eram amigos íntimos. Embora não tendo juntos nenhuma relação de interesse, não cessavam de se ver. O amor mútuo de B... e de Palmyre, agora a senhora D..., não tinha em nada enfraquecido, e, como se esforçavam em comprimi-lo, ele aumentava em razão da própria violência que se lhe fazia. Para tentar apagá-lo, B... tomou a decisão de se casar. Esposou uma jovem possuidora de eminentes qualidades, e fez todo o possível para amá-la; mas não tardou a perceber que esse meio heróico era impotente para curá-lo. Contudo, durante quatro anos, nem B... nem a senhora D... não faltaram aos seus deveres. O que tinham a sofrer não saberia exprimir, porque D..., que gostava verdadeiramente de seu amigo, o atraía sempre para a sua casa e, quando queria fugir, o constrangia a permanecer.

"Enfim, há alguns dias, aproximados por uma circunstância fortuita, os dois amantes não puderam resistir à paixão que os arrastava um para o outro. Apenas cometida a falta, dela experimentaram os mais cruciantes remorsos. A jovem mulher se lançou aos pés de seu marido, quando retornou, e lhe disse soluçante:

'- Expulsai-me! Matai-me! Sou agora indigna de vós!

"E, como ele permanecia mudo de espanto e de dor, contou-lhe suas lutas, seus sofrimentos, tudo o que lhe fora preciso de coragem para não falir mais cedo; fê-lo compreender que, dominada por um amor ilegítimo, nunca deixara de ter por ele o respeito, a estima, a afeição da qual era digno.

"Em lugar de maldizer, o marido chorava. B... chegou no meio desta cena e fez uma

confissão semelhante. D... levantou os dois e disse-lhes:

"- Sois corações leais e bons; só a fatalidade vos tornou culpados, li no fundo do vosso pensamento e nele li a sinceridade. Por que vos puniria por um arrastamento ao qual todas as vossas forças morais não puderam resistir? A punição está no remorso que sentis. Prometei-me deixar de se verem, e nada tereis perdido de minha estima nem de minha afeição.

"Esses dois infortunados amantes se apressaram em fazer o juramento que se lhes pedia. A maneira pela qual suas confissões eram recebidas pelo Sr. D... aumentou sua dor e seus remorsos. Tendo o acaso lhes preparado um encontro que não tinham procurado, se comunicaram seu estado de alma e concordaram de que a morte era o único remédio aos males que experimentavam. Resolveram se matar juntos e por esse projeto em execução no dia seguinte, devendo o Sr. D... estar ausente de seu domicílio uma grande parte da jornada.

"Depois de terem feito seus últimos preparativos, escreveram uma longa carta na qual diziam em substância:

"Nosso amor é mais forte do que todas as nossas promessas. Poderíamos ainda, apesar de nós, falir, sucumbir; não conservaremos uma existência culpável. Para nossa expiação faremos ver que a falta que cometemos não deve ser atribuída à nossa vontade, mas ao desvio de uma paixão cuja violência está acima de nossas forças."

"Esta carta tocante terminava por um pedido de perdão, e os dois amantes imploravam, como uma graça, estarem reunidos no mesmo túmulo.

"Quando o senhor D... entrou, um estranho e doloroso espetáculo se lhe ofereceu. No meio de espesso vapor saindo de um forno portátil cheio de carvão, os dois amantes, deitados vestidos sobre o leito, estavam estreitamente enlaçados. Tinham deixado de viver.

"O senhor D... respeitou a última vontade dos dois amantes; quis que partissem juntos para as preces da Igreja e que, no cemitério, não fossem separados."

O Sr. cura de Bonne-Nouvelle acreditou dever desmentir, por um artigo inserido em vários jornais a admissão dos dois corpos em sua igreja, as regras canônicas a isso se opondo.

Essa narração tendo sido lida, como objeto de estudo moral, na Sociedade Espírita de Paris, dois Espíritos deram-lhe a apreciação seguinte:

"Eis, portanto, a obra de vossa sociedade e de vossos costumes! mas o progresso se cumprirá; ainda algum tempo e semelhantes acontecimentos não se renovarão mais. Há certos indivíduos, como certas plantas que se colocam numa estufa; falta-lhes o ar, se abafam e não podem esparramar seu perfume. Vossas leis e vossos costumes marcaram limites à expansão de certos sentimentos, o que faz, freqüentemente, que duas almas dotadas das mesmas faculdades, dos mesmos instintos simpáticos, se reencontrem em duas ordens diferentes, e, não podendo se unir, se cansam em sua tenacidade de querer se encontrar. Do amor, que fizestes dele? Vós o reduzistes ao peso de um pacote de metal; lançaste-o numa balança; em lugar de ser rei, é escravo; de um laço sagrado vossos costumes fizeram uma corrente de ferro, cujas malhas esmagam e matam aqueles que não nasceram para prendê-los.

"Ah! se vossas sociedades caminhassem na senda de Deus, vossos corações não se consumiriam em chamas passageiras, e os vossos legisladores não seriam forçados a manter as vossas paixões pelas leis; mas o tempo caminha, e a grande hora soará em que todos podereis viver da vida verdadeira, da vida do coração. Quando os batimentos do coração não serão mais comprimidos pelos cálculos frios dos interesses materiais, não vereis mais esses terríveis suicídios que, de um tempo a outro, vêm lançar um desmentido aos vossos preconceitos sociais."

SANTO AGOSTINHO (méd., Sr. Vézy).

"Os dois amantes que se suicidaram não podem ainda vos responder; eu os vejo; estão mergulhados na perturbação e amedrontados pelo sopro da eternidade. As conseqüências morais de sua falta castigá-los-ão durante migrações sucessivas, nas quais suas almas desemparelhadas se buscarão sem cessar, e sofrerão o duplo suplício do pressentimento e do desejo. Cumprida a expiação, estarão reunidos para sempre no seio do eterno amor."

GEORGES (méd., Sr. Costel).

Oito dias depois, tendo consultado o guia espiritual do médium sobre a possibilidade da evocação desses dois Espíritos, foi-lhe respondido: "Eu vos disse na última vez que, em vossa próxima sessão, poderíeis evocá-los; eles virão ao chamado de meu médium, mas não se verão: Uma noite profunda os esconde um ao outro por muito tempo."

SANTO AGOSTINHO (Médium, Sr. Vézy.)

1. *Evocação da mulher* - R. Sim, eu me comunicarei, mas com ajuda do Espírito que está lá, que me ajuda e me impõe.
2. Vedes vosso amante, com o qual vos suicidastes? - R. Eu não vejo nada; não vejo mesmo os Espíritos que erram comigo neste lugar onde estou. Que noite! Que noite! e que véu espesso sobre os meus olhos!
3. Que sensação experimentastes quando despertastes depois da morte? - R. Estranha; tinha frio e queimava; o gelo corria em minhas veias, e o fogo estava em minha frente! Coisa estranha, mistura inaudita! o gelo e o fogo pareciam abraçar-me! Pensava que ia sucumbir uma segunda vez.
4. Sentis uma dor física? - R. Todo meu sofrimento está *lá, e lá*.
5. Que quereis dizer por *lá e lá*? - R. *Lá*, em meu cérebro; *lá*, em meu coração.
6. Credes que estareis sempre nesta situação? - R. Oh! sempre, sempre! Ouço, às vezes, risos infernais, vozes apavorantes que me gritam estas palavras: Sempre assim!
7. Pois bem! Podemos vos dizer, com toda a segurança, que isso não será sempre assim; em vos arrependendo, obtereis o vosso perdão. - R. Que dissestes? Não ouço.
8. Repito-vos que vossos sofrimentos terão um fim, que podeis apressar pelo arrependimento, e nisso vos ajudaremos pela prece. -R. Não ouvi senão uma palavra e

vagos sons; esta palavra é *graça!* Foi de *graça* que quisestes falar? Oh! o adultério e o suicídio são dois crimes muito odiosos! Falaste de *graça*; sem dúvida, é a alma que passa ao meu lado, pobre criança que chora e que espera.

Nota. Uma senhora da Sociedade disse que vem de dirigira Deus, uma prece para essa infortunada, e que foi, sem dúvida, o que a tocou; que, com efeito, implorara mentalmente, para ela, a *graça* de Deus.

9. Dissestes que estais em trevas; é que não nos vedes? - *R.* É-me permitido ouvir algumas das palavras que pronunciais, mas não vejo nada, senão um crepe negro sobre o qual se desenha, a certas horas, uma cabeça que chora.

10. Se não vedes vosso amante, não sentis sua presença junto a vós, porque ele está aqui? - *R.* Ah! não me faleis dele, devo esquecê-lo no instante, se quero que do crepe se apague a imagem que dele vejo traçada.

11. Qual é essa imagem? - *R.* A de um homem que sofre, e do qual matei a existência moral sobre a Terra por muito tempo.

Nota. A obscuridade, assim como o demonstra a observação dos fatos, acompanha, muito freqüentemente, o castigo dos Espíritos criminosos; ela sucede imediatamente à morte, e sua duração, muito variável segundo as circunstâncias, pode ser de alguns meses a alguns séculos. Concebe-se facilmente o horror de semelhante situação, na qual o culpado não entrevê senão o que pode lembrar-lhe a falta e aumentar, pelo silêncio, a solidão e a incerteza em que está mergulhado, as ansiedades do remorso.

Lendo este relato, de início, estamos dispostos a encontrar, neste suicídio, circunstâncias atenuantes, olhando-o como um ato heróico, uma vez que foi provocado pelo sentimento do dever. Vê-se que foi julgado de outro modo, e que a pena dos culpados será longa e terrível por terem se refugiado voluntariamente na morte, a fim de fugir à luta; a intenção de não faltar ao seu dever era honrosa, sem dúvida, e isso lhe será tido em conta mais tarde, mas o verdadeiro mérito consistiria em vencer o arrastamento, ao passo que fizeram como o desertor que se esquiva no momento de perigo.

A pena dos dois culpados considera, como se vê, a se procurarem por muito tempo sem se encontrarem, seja no mundo dos Espíritos, seja nas outras encarnações terrestres; ela é momentaneamente agravada pela idéia de que seu estado presente deve durar sempre; este pensamento faz parte do castigo, e não lhes foi permitido ouvir as palavras de esperança que lhes dirigimos. Aqueles que achariam essa pena muito terrível e muito longa, sobretudo se ela não deve cessar senão depois de várias encarnações, diremos que sua duração não é absoluta, e que dependerá da maneira pela qual suportarão suas provas futuras, e que se pode ajudá-los pela prece; eles serão, como todos os Espíritos culpados, os árbitros de seu próprio destino. Isso não vale mais ainda do que a condenação eterna, sem esperança, à qual estão irrevogavelmente condenados segundo a doutrina da Igreja, que os olha tal como para sempre votados ao inferno, que lhes recusou as últimas preces, sem dúvida como inúteis?

Certos católicos censuram o Espiritismo por não admitir o inferno; certamente não, ele não admite a existência de um inferno localizado, com suas chamas, suas forcas e suas torturas corpóreas renovadas do Tártaro dos pagãos; mas a posição em que nos mostra os Espíritos infelizes não vale mais do que ele, com esta diferença radical, no entanto, de que a

natureza das penas nada tem de irracional, e que sua duração, em lugar de ser irremissível, está subordinada ao arrependimento, à expiação e à reparação, o que é, ao mesmo tempo, mais lógica e mais conforme com a doutrina da justiça e da bondade de Deus.

O Espiritismo teria sido um remédio bastante eficaz, no caso em que se trata, para prevenir esse suicídio? Isso não é duvidoso. Teria dado a esses dois seres uma confiança no futuro, que teria mudado totalmente sua maneira de encarar a vida terrestre e, em consequência, lhes teria dado a força moral que lhes faltou. Supondo que tivessem fé no futuro, o que ignoramos, e que seu objetivo, matando-se, fosse estar mais depressa reunidos, teriam sabido, por todos os exemplos análogos, que chegariam a um resultado diametralmente oposto e se achariam separados por tempo mais longo que não teriam tido neste mundo, não permitindo Deus que se seja recompensado por ter desafiado as suas leis; portanto, certos de não ver realizar seus desejos e de se encontrar ao contrário numa posição cem vezes pior, seu próprio interesse convidá-los-ia à paciência.

Recomendamo-los às preces de todos os Espíritos, afim de lhes dar a força e a resignação que poderão sustentá-los em suas novas provas, e apressar assim o fim de seu castigo.

Ensinaamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, julho de 1862

União simpática das almas

(Bordeaux, 15 de fevereiro de 1862. - Médiun, senhora H...)

P. - Já me dissestes várias vezes que nos reuniríamos para não mais nos separar. Como isto poderia se dar? É que as reencarnações, mesmo as que sucedem às da Terra, não separam sempre por um tempo mais ou menos longo?

R. - Digo-te: Deus permite àqueles que se amam sinceramente, e souberam sofrer com resignação para expiarem suas faltas, se reunirem primeiro no mundo dos Espíritos, onde progridem juntos, para obter estarem encarnados nos mundos superiores. Podem, pois, se o pedem com fervor, deixar os mundos espíritas na mesma época, se reencarnar nos mesmos lugares, e, por um encadeamento de circunstâncias previstas anteriormente, se reunir pelos laços que melhor convierem ao seu coração.

Uns pedirão para ser pai ou mãe de um Espírito que lhes era simpático, e que ficarão felizes em dirigir no bom caminho, cercado-o de ternos cuidados da família e da amizade. Os outros pedirão a graça de estarem unidos pelo matrimônio e de ver transcorrerem numerosos anos de felicidade e de amor. Falo do casamento entendido no sentido da reunião íntima de dois seres que não querem mais se separar; mas o casamento, tal como é compreendido sobre vossa Terra, não é conhecido nos mundos superiores. Nestes lugares de felicidade, de liberdade e de alegria, os laços são de flores e de amor; e não vás crer que sejam menos duráveis por isso. Só os corações falam e guiam nessas uniões tão doces. Uniões livres e felizes, casamentos de alma à alma diante de Deus, eis a lei de amor dos mundos superiores! e os seres privilegiados dessas regiões benditas, crendo-se mais fortemente ligados por semelhantes sentimentos do que não o são os homens da Terra, que pisam tão freqüentemente sob os pés os mais sagrados compromissos, não oferecem o doloroso espetáculo de uniões perturbadas, sem cessar, pela influência dos vícios, das más paixões, da inconstância, do ciúme, da injustiça, da aversão, de todos esses horríveis pendoros que conduzem ao mal, ao perjúrio e à violação dos juramentos mais solenes. Pois bem! esses casamentos benditos por Deus, essas uniões tão doces, são a recompensa daqueles que, tendo se amado profundamente no sofrimento, pedem ao Senhor justo e bom continuar nos mundos superiores a se amarem ainda, mas sem temerem uma próxima e terrível separação.

E o que há aí que não seja fácil de compreender e de admitir? Deus, que ama todos os seus filhos, não teve que criar, para os que disso se fizeram dignos, uma felicidade tão perfeita quanto as provas haviam sido cruéis? Que poderia conceder que fosse mais conforme ao desejo sincero de todo coração amante? De todas as recompensas prometidas aos homens, há alguma coisa de semelhante a este pensamento, a esta esperança, eu poderia dizer a esta certeza: estar reunido pela eternidade aos seres adorados?

Crê-me, filha querida, nossas secretas aspirações, essa necessidade misteriosa mas irresistível de amar, amar por muito tempo, amar sempre, não foram colocadas por Deus em nossos corações senão porque a promessa do futuro nos permitia essas doces esperanças. Deus não nos fará experimentar as dorés da decepção. Nossos corações querem a felicidade, não batem senão para as afeições puras; a recompensa não poderia ser senão o cumprimento perfeito de nossos sonhos de amor. Do mesmo modo que, pobres Espíritos sofredores destinados à prova, nos foi necessário pedir e escolher mesmo, algumas vezes, a expiação mais cruel, do mesmo modo Espíritos felizes, regenerados, escolhemos ainda, com a nova vida destinada a nos depurar mais, a soma destinada ao Espírito avançado. Eis, filha bem amada, um resumo bem sucinto das felicidades futuras. Freqüentemente, teremos ocasião de retornar a este agradável assunto. Deves compreender quanto a perspectiva desse futuro me torna feliz, e quanto me é doce te confiar minhas esperanças!

P. - Reconhecemo-nos nessas novas e felizes existências?

R. - Se não nos reconhecêssemos, a felicidade seria bem completa? Isso poderia ser a felicidade, sem dúvida, porque nesses mundos privilegiados todos os seres estão destinados a ser felizes; mas seria bem a perfeição da felicidade para aqueles que, separados bruscamente na mais bela época da vida, pedem a Deus para estarem reunidos em seu seio? Seria a realização de nossos sonhos e de nossas esperanças? Não, pensas como eu. Se um véu fosse lançado sobre o passado, não estaria aí a suprema felicidade, a inefável alegria de se rever depois das tristezas da ausência e da separação; não estaria aí, ou pelo menos se ignoraria, essa antiga afeição que aperta mais os laços. Do mesmo modo que sobre a vossa Terra dois amigos de infância gostam de se reencontrar no mundo, na sociedade, e se procuram muito mais do que se suas relações não datassem senão de alguns dias, assim também os Espíritos que mereceram o favor inapreciável de se juntarem nos mundos superiores são duplamente felizes, e reconhecem a Deus este novo reencontro, que responde aos seus desejos mais caros.

Os mundos colocados acima da Terra, nos graus da perfeição, são cumulados de todos os favores que podem contribuir para a felicidade perfeita dos seres que os habitam; o passado não lhes é oculto, porque a lembrança de seus antigos sofrimentos, de seus erros resgatados ao preço de muitos males, e aquele mais vivo ainda de suas sinceras afeições, lhe fazem encontrar mil vezes mais doçura nessa nova vida, e os garante das faltas que poderiam, talvez, por um resto de fraqueza, se deixarem ir algumas vezes. Esses mundos são para o homem o paraíso terrestre destinado a conduzi-lo ao paraíso divino.

Nota. - Equivocar-se-á estranhamente sobre, o sentido desta comunicação vendo-se nela a crítica às leis que regem o casamento e a sanção das uniões efêmeras extra-oficiais. Ante as leis, as únicas que são imutáveis são as leis divinas; mas as leis humanas, devendo ser apropriadas aos costumes, aos usos, aos climas, ao grau de civilização, são essencialmente móveis, e seria muito triste que fosse de outro modo, e que os povos do século dezenove fossem acorrentados à mesma regra que regia nossos pais; portanto, se as leis mudaram de nossos pais a nós, como não chegamos à perfeição, elas deverão mudar de nós aos nossos descendentes. Toda lei, no momento em que é feita, tem sua razão de ser e sua utilidade, mas pode que, boa hoje, não o seja mais amanhã. No estado de nossos costumes, de nossas exigências sociais, o casamento tem necessidade de ser regulado pela lei, e a prova de que essa lei não é absoluta, é que ela não é a mesma em todos os países civilizados. É, pois, permitido pensar que, nos mundos superiores, onde não há mais os mesmos interesses materiais a salvaguardar, onde o mal não existe, quer dizer, de onde os maus Espíritos encarnados estão excluídos, onde, conseqüentemente, as uniões são o

resultado da simpatia e não de um cálculo, as condições devem ser diferentes; mas o que é bom neles poderia ser mau em nós.

De outro lado, é preciso considerar que os Espíritos se desmaterializam à medida que se elevam e se depuram; que não é senão nas classes inferiores que a encarnação é material; para os Espíritos superiores, não há mais encarnação material, e, conseqüentemente, mais procriação, porque a procriação é para o corpo e não para o Espírito. Portanto, uma afeição pura é o único objetivo de sua união e, para isto, não mais que pela amizade sobre a Terra, não tem necessidade da sanção dos ofícios ministeriais.

Uma Telha

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, senhora C.)

Um homem passa na rua, uma telha cai aos seus pés, e ele diz: "Que chance! um passo a mais e estaria morto." É geralmente o único agradecimento que dirige a Deus. Todavia, esse mesmo homem, pouco tempo depois, cai doente e morre em seu leito. Por que, pois, foi preservado da telha para morrer alguns dias depois como todo mundo? É o acaso, dirá o incrédulo, como ele mesmo disse: Que chance! Do que, pois, lhe serviu escapar ao primeiro acidente uma vez que sucumbiu no segundo? Em todo caso, se a chance lhe favoreceu, seu favor não foi de longa duração.

A esta questão o Espírita responde: A cada instante escapais a acidentes que vos colocam, como se diz, a dois dedos da morte; não vedes nisso, pois, uma advertência do céu para vos provar que a vossa vida prende-se a um fio, que não estais seguros jamais hoje de viver amanhã, e que assim deveis sempre estar prontos para partir. Mas, que fazeis quando deveis empreender uma longa viagem? Fazeis vossas disposições, arrançais vossos negócios, vos munis de provisões e das coisas necessárias para o caminho; desembaraçai-vos de tudo o que poderia vos dificultar e retardar vossa marcha; se conheceis o país onde ides, e se ali tendes amigos e conhecidos, partis sem medo, certo de ali ser bem recebido; em caso contrário, estudais o mapa da região e vos proporcionais cartas de recomendação. Suponde que sereis obrigados a empreender essa viagem no dia de amanhã não tereis o tempo de fazer vossos preparativos, ao passo que, se estais prevenidos muito tempo antes, tereis tudo disposto para vossa utilidade e para vosso agrado.

Pois bem! Todos os dias estais expostos a empreender a maior, a mais importante das viagens, a que deveis fazer inevitavelmente, e, no entanto, nela não pensais mais como se devêsseis ficar perpetuamente sobre a Terra. Deus, em sua bondade, tem, no entanto, cuidado em vos advertir, pelos numerosos acidentes aos quais escapais, e não tendes para ele senão esta palavra: Que chance!

Espíritas! sabeis quais são os preparativos que deveis fazer para essa grande viagem que tem para vós conseqüências muito mais importantes que todas aquelas que empreendeis neste mundo, porque, da maneira pela qual se cumprirá, depende vossa felicidade futura. O mapa que deve vos fazer conhecer o país onde ides entrar, é a iniciação aos mistérios da vida futura; por aí, esse país não será mais novo para vós; vossas provisões são as boas ações que tiverdes realizado e que vos servirão de passaporte e de cartas de recomendação.

Quanto aos amigos que ali encontrareis, vós os conheceis. Do que deveis vos desembaraçar são os maus sentimentos, porque infeliz é aquele a quem a morte surpreende com ódio no coração: seria como uma pessoa que caísse n'água com uma pedra no pescoço, que o

arrastaria para o abismo; os negócios que deveis colocarem ordem é o perdão a conceder àqueles que vos ofenderam; são os erros que pudestes cometer contra o vosso próximo e que é preciso vos apressar em reparar, a fim de obter deles, vós mesmos, o perdão, porque os erros são as dívidas das quais o perdão é a quitação. Apressai-vos, pois, porque a hora da partida pode soar de um momento para outro e não vos deixar o tempo da reflexão.

Eu vos digo em verdade, a telha que cai aos vossos pés é o sinal que vos adverte para estar sempre pronto a partir ao primeiro chamado, a fim de que não sejais tomados de surpresa.

O ESPÍRITO DE VERDADE.

César, Clóvis e Charlemagne

(Sociedade Espírita de Paris. 24 de janeiro de 1862: assunto proposto. - Médiun. Sr. A. Didier.)

Esta questão não é somente uma questão material, mas também muito espiritualista. Antes de abordar o ponto principal, há um do qual falaremos em primeiro lugar. O que é a guerra? A guerra, respondemos de início, é permitida por Deus, uma vez que ela existe, que sempre existiu e existirá sempre. Tem-se errado, na educação da inteligência, de não ver em César senão um conquistador, em Clóvis senão o homem bárbaro, em Charlemagne senão um déspota, cujo sonho insensato queria fundar um império imenso. Ah! meu Deus! como se diz geralmente, os conquistadores são, eles mesmos, os joguetes de Deus. Como sua audácia, seu gênio os faz chegar à primeira posição, viram ao seu redor não só homens armados, mas das idéias, do progresso, da civilização que era preciso levar às outras nações; partiram, como César, para levar Roma a Lutécia; como Clóvis, para levar os germes de uma solidariedade monárquica; como Charlemagne, para fazer raiar o facho do Cristianismo entre os povos cegos, entre as nações já corrompidas pelas heresias das primeiras idades da Igreja. Ora, eis o que ocorreu: César, o mais egoísta destes três grandes gênios, fez servir a tática militar, a disciplina, a lei, em uma palavra, para serem úteis nas Gaules, em seguida de suas armas, a idéia imortal seguia, e os povos vencidos e indomáveis sofriam o jugo de Roma, é verdade, mas se tornavam províncias romanas. A orgulhosa Marselha teria existido sem Roma? Lugdunum e tantas outras cidades célebres nos anais tornaram-se centros imensos, focos de luz para as ciências, as letras e as artes. César foi, pois, um grande propagador, um desses homens universais que se servem do homem para civilizar o homem, um desses homens que sacrificam os homens em proveito da idéia.

O sonho de Clóvis foi o de estabelecer uma monarquia, bases, regra para seu povo; mas como a graça do Cristianismo não o esclarecera ainda, foi propagador bárbaro. Devemos considerá-lo em sua conversão: Imaginação ativa, fervorosa, belicosa, viu em sua vitória sobre os Visigodos uma prova da proteção de Deus; e, doravante seguro de estar sempre com ele, se fez batizar. Eis, pois, o batismo que se propaga nas Gaules, e o Cristianismo que se difunde mais e mais. É o momento de dizer com Cornélio, Roma não era mais Roma. Os bárbaros invadiram o mundo romano.

Depois do saque de todas as civilizações esboçadas pelos Romanos, eis que um homem sonha em derramar sobre o mundo, não mais os mistérios e o prestígio do Capitólio, mas as formidáveis crenças de Aix-la-Chapelle; eis um homem que está ou se crê com Deus. Um culto odioso, rival do Cristianismo, ocupa ainda os bárbaros; Charlemagne cai sobre esses povos, e Witikind, depois de lutas e de vitórias balanceadas, se submete, enfim,

humildemente e recebe o batismo.

Certamente, eis um imenso quadro que é aquele onde se desenrolam tantos fatos, tantos golpes da Providência, tantas quedas e tantas vitórias; mas qual é disso a conclusão? A idéia, se universalizando, se propagando cada vez mais, não se detendo nem nos desmembramentos das famílias, nem nos desencorajamentos dos povos, e tendo por objetivo, por toda parte, a implantação da cruz do Cristo sobre todos os pontos da Terra, não está aí um fato espiritualista imenso? É preciso, pois, olhar esses três homens como grandes propagadores que, por ambição ou por crença, avançaram a luz no Ocidente, quando o Oriente sucumbia em sua sedutora preguiça e em sua inatividade. Ora, a Terra não é um mundo onde o progresso se faz depressa, e pelos caminhos da persuasão e da mansuetude; não vos espanteis, pois, que seja preciso, freqüentemente, tomar a espada em lugar da cruz.

LAMENNAIS.

Pergunta. - Dissestes que a guerra existirá sempre; entretanto, parece que o progresso moral, destruindo-lhe as causas, as fará cessar.

Resposta. - Ela existirá sempre, no sentido de que haverá sempre lutas; mas as lutas mudarão de forma. O Espiritismo, é verdade, deve derramar sobre o mundo a paz e a fraternidade; mas o sabeis, se o bem triunfa, haverá contudo sempre luta. O Espiritismo fará, evidentemente, e o melhor possível, compreender a necessidade da paz; mas o mal vela sempre; será preciso muito tempo ainda, sobre a Terra, combater para o bem; somente essas lutas se tornarão cada vez mais raras.

(Mesmo assunto. - Médium, Sr. Leymar.)

A influência dos homens de gênio sobre o futuro dos povos é incontestável; são nas mãos da Providência instrumentos para apressar as grandes reformas que, sem eles, não chegariam senão com o tempo; são eles que semeiam os germes das idéias novas; e, o mais freqüentemente, retornam alguns séculos mais tarde, sob outros nomes, para continuar ou completar a obra começada por eles.

César, esta grande figura da antigüidade, nos representa o gênio da guerra, a lei organizada. As paixões impelidas por ele ao extremo, a sociedade romana nisso é profundamente abalada; ela muda de face e em sua evolução tudo se transforma ao seu redor. Os povos sempre mudam sua antiga constituição; uma lei implacável, a da força, unia o que devia não se separar segundo a época em que César vivia. Sob sua mão triunfante os Gaules se transformam, e, depois de dez anos de combate, constituem uma poderosa unidade. Mas dessa época data a decadência romana. Levado ao excesso, esse poder que fazia o mundo tremer, cometia as faltas do poder extremo. Tudo o que cresce fora das proporções assinaladas por Deus, deve tombar do mesmo modo. Esse grande império foi invadido por uma nuvem de povos saídos de países então desconhecidos; a fama tinha levado, com as armas de César, as idéias novas nos países do Norte, que caíram sobre ele como sobre uma torrente. Vede, essas tribos bárbaras, se lançam com avides sobre suas províncias onde o solo era melhor, o vinho tão doce, as mulheres tão belas; elas atravessaram as Gaules, os Alpes, os Pirineus, para ir, por toda parte, fundar poderosas colônias, e desagregar esse grande corpo chamado império romano. Só o gênio de César bastara para levar sua nação ao auge do poder; dele data a época de renovação em que todos os povos se confundem, lançando-se uns sobre os outros para procurar outras coesões, outros elementos; e, durante vários séculos, que ódio entre essas populações!

Quantos combates! Quantos crimes! Quanto sangue!

BARBARET.

Clóvis deveria, sob sua mão bárbara, ser o ponto de partida de uma era nova para os povos. Obedecia ao costume, e, para formar uma nação, não recuava diante de nenhum meio. Ele a formou com o punhal e a astúcia; criou um novo elemento adotando o batismo, iniciando seus rudes soldados nas crenças novas; e, todavia, depois dele, tudo iria à deriva, apesar da idéia, apesar do cristianismo. Seria preciso Charles Martel, Pepin, depois Charlemagne.

Saudemos nessa figura poderosa, essa enérgica natureza que sabe, novo César, reunir em um feixe todos esses povos dispersos, mudar as idéias e dar uma forma a esse caos. Charlemagne, é a grandeza na guerra, na lei, na política, na moralidade nascente que deveria fundir os povos e lhes dar a intuição da conservação, da unidade, da solidariedade. Dele datam os grandes princípios que formaram a França; dele datam nossas leis e nossas ciências aplicadas. Transformador, era marcado pela Providência para ser um traço de união entre César e o futuro. Também é chamado o Grande, porque, se empregava meios executivos terríveis, era para dar uma forma, um pensamento único a essa reunião de povos bárbaros que não podiam obedecer senão ao que era poderoso e forte.

BARBARET.

Nota. - Este nome sendo desconhecido, pediu-se ao Espírito consentir em dar algumas informações sobre a sua pessoa.

Eu vivia sob Henri IV; era um humilde entre todos. Perdido nessa Paris onde se esquece tão bem aquele que se esconde e não procura senão o estudo, me agradava estar só, a ler, a comentar à minha maneira. Pobre, trabalhava, e o labor de cada dia me dava essa alegria inefável que se chama liberdade. Copiava livros, e fazia essas maravilhosas vinhetas, prodígios de paciência e de saber, que não davam senão o pão e a água a toda a minha paciência. Mas eu estudava, amava meu país e procurava a verdade nas ciências; ocupava-me da história, e para a minha França bem-amada teria querido a liberdade; teria querido todas as aspirações que sonhava na minha humildade. Depois, estou num mundo melhor, e Deus me recompensou de minha abnegação, dando-me essa tranqüilidade de espírito onde todas as obsessões do corpo estão ausentes, e sonho para meu país, para o mundo inteiro, nosso país para nós, o amor e a liberdade.

Freqüentemente, venho vos ver e vos ouvir; gosto de vossos trabalhos, deles participo com todo o meu ser; e vos desejo perfeitos e satisfeitos no futuro. Possais ser felizes, como o desejo; mas não vos tomareis completamente senão em vos despojando da velha roupa que há muito tempo reveste o mundo inteiro: falo do egoísmo. Estudai o passado, a história de vosso país, e aprendereis mais com o sofrimento de vossos irmãos do que com qualquer outra ciência.

Viver, é saber, é amar, é se entre ajudar. Ide, pois, e fazei segundo o vosso Espírito; Deus está lá que vos vê e vos julga.

BARBARET.

Aviso

Revista Espírita, julho de 1862

Foi-nos dirigido um manuscrito bastante volumoso, chamado: *O Amor, revelações do Espírito da 3ª ordem da série Angélica do irmão P. Montani*. Não estando esse envio acompanhado de nenhuma carta, ignoramos quem foi a pessoa a quem dele somos devedor. Se esse número lhe caia sob os olhos, pedimos consentir nos fazer conhecer, afim de que possamos agradecer-lhe. Diremos, à espera disso, que esse trabalho encerra excelentes coisas, e que está baseado sobre a mais santa moral e sobre os princípios fundamentais do Espiritismo; mas ao lado disso há teorias arriscadas sobre diversos pontos e que poderiam dar lugar a uma crítica fundada; não saberíamos, de nossa parte, aceitar tudo o que ele contém, e veríamos inconveniente em publicá-lo sem modificações.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Agosto

- [Conferências do Sr. Trousseau - Professor da Faculdade de Medicina](#)
- **Necrologia.**
 - [A morte do bispo de Barcelona](#)
 - [Morte da senhora Home](#)
- [Sociedade Espírita de Constantina](#)
- [Carta do Sr. Jean Reynaud ao *Journal des Débats*](#)
- [Os Pandus e os Kurus - Reencarnação na antigüidade](#)
- [O planeta Vênus](#)
- [Carta ao *Jornal de Saint-Jean d'Angély*](#)
- [Castigo de um avaro](#)
- [Valor da prece](#)
- **Ensinamentos e Dissertações espíritas.**
 - [A conquista do futuro](#)
 - [O Pentecoste](#)
 - [O Perdão](#)
 - [A Vingança](#)
- [Bibliografia - O Espiritismo em Lyon](#)

Conferências do Sr. Trousseau - Professor da Faculdade de Medicina

Revista Espírita, agosto de 1862

Feitas na associação politécnica para o ensino dos operários, a 18 e 25 de maio de 1862 (broch. in-8°).

Se se usaram inutilmente os chifres do diabo para transtornar o Espiritismo, eis o reforço que chega aos adversários: é o Sr. doutor Trousseau que vem dar o golpe de misericórdia aos Espíritos. Infelizmente, se o Sr. Trousseau não crê nos Espíritos, ele não crê quase nada mais no diabo; pouco importa o auxiliar, contanto que bata o inimigo. Esse novo campeão, sem dúvida, vai dizer a esse respeito a última palavra da ciência; é o menos que se pode esperar de um homem colocado tão alto pelo seu saber. Atacando as idéias novas, não quererá deixar um argumento sem réplica; não quererá que se o possa acusar de falar de uma coisa que não conhece; sem dúvida, vai tomar um a um todos os fenômenos, escrutá-los, analisá-los, comentá-los, explicá-los, demoli-los, demonstrando por *a* mais *b* que são ilusões. Ah! Espíritas, tenhamos firmeza! Se o Sr. Trousseau não fosse um sábio, ou não fosse senão um meio-sábio, poderia bem esquecer de alguma coisa; mas um sábio inteiro não quererá deixar a tarefa pela metade; um general hábil quererá a vitória completa. Escutemos e tremamos!

Depois de uma tirada sobre as pessoas que se deixam prender pela isca dos anúncios, assim se exprime:

"É que, verdadeiramente, as pessoas capazes de julgar, no que quer que seja, não são as mais numerosas. O Sr. de Sartines queria enviar ao Fort-l'Évêque um charlatão que vendia drogas na Pont-Neuf e fazia belos negócios. Fê-lo vir e lhe disse: "Maraud, como fazes para atrair tantas pessoas e ganhar tanto dinheiro?" O homem respondeu: "Monsenhor, quantas pessoas credes que passam sobre a Pont-Neuf cada dia? - Não sei. - Vou dizer-vos: em torno de dez mil. Quanto pensais que haja pessoas de espírito neste número? - Oh! oh! cem talvez, disse o Sr. de Sartines. - É muito, mas eu vo-las deixo, e tomo as nove mil e novecentos outras para mim."

"O charlatão era muito modesto, e o Sr. de Sartines muito severo para a população parisiense. Infalivelmente, mais de cem pessoas inteligentes atravessam a Pont-Neuf, e os mais inteligentes talvez se detivessem diante dos cavaletes dos vendedores de drogas com tanta confiança quanto a multidão; porque, senhores, direi que as classes elevadas sofrem a influência do charlatanismo.

"Entre as nossas sociedades sábias, citarei o Instituto; citarei a sessão da Academia das ciências que encerra, seguramente, a elite dos sábios de nosso país; destes sábios, se encontram bem vinte deles que se dirigem aos charlatães."

Prova evidente da grande confiança que eles têm no saber de seus confrades, uma vez que

Ihes preferem os charlatães.

"São pessoas de grande mérito, é verdade; somente, de que são matemáticos, químicos ou naturalistas eminentes, disso concluem que são muito grandes médicos, e então se crêem perfeitamente capazes de julgar as coisas que ignoram completamente."

Se isso prova em favor de sua ciência, isso não prova quase nada em favor de sua modéstia e de seu julgamento. Lançaram-se muitas tiradas satíricas contra os sábios do Instituto; delas não conhecemos outra mais cáustica. É, pois, provável que o professor, juntando o exemplo ao preceito, não falará senão do que sabe.

"Entre nós, algumas vezes temos esta modéstia que, quando não somos senão médicos, se nos propõem grandes teoremas de matemática ou de mecânica, confessamos que não sabemos nada, declinamos da nossa competência; mas os verdadeiros sábios jamais declinam de sua competência em nada, sobretudo no que respeita à medicina."

Uma vez que os médicos declinam de sua competência sobre o que não sabem, isto nos é uma garantia de que o Sr. Trousseau não tratará, sobretudo numa lição pública, as questões que se ligam à psicologia, sem ser profundamente versado sobre essas matérias. Esses conhecimentos lhe fornecerão, sem dúvida, argumentos irresistíveis para apoiar seu julgamento.

"Os empíricos, coisa triste a dizer, têm sempre muito acesso junto a pessoas de espírito. Tive a extrema honra de ser amigo íntimo do ilustre Béranger.

"Em 1848, tinha ele uma pequena oftalmia para a qual o Sr. Bretonneau lhe aconselhou um colírio. Essa oftalmia sarou; mas, como Béranger lia e trabalhava muito, como era um pouco herpético, a oftalmia retornou; então dirigiu-se a um padre polonês que curava as enfermidades dos olhos com um remédio secreto. Nessa época, eu era presidente, na Faculdade, do júri encarregado dos exames dos oficiais de saúde. Como o padre polonês tinha contas a ajustar com a polícia, porque tinha estourado alguns olhos, quis se pôr em ordem. Com esse objetivo, foi procurar Béranger e lhe pediu se, com sua influência, poderia se fazer receber como oficial de saúde, a fim de estar em condições de tratar os olhos e tirar os olhos das pessoas à sua vontade."

Uma vez que Béranger havia sido curado pelo Sr. Bretonneau, por que se dirigia a outro? É muito natural ter mais confiança naquele que nos curou, que tem a experiência do nosso temperamento, do que num estranho.

O diploma, com efeito, é um salvo-conduto que não permite somente aos oficiais de saúde vazarem os olhos das pessoas, mas aos doutores de matá-las sem remorso e sem responsabilidade. Sem dúvida, é porque seus sábios confrades, assim como o confessou o Sr. Trousseau, são tão levados a se dirigirem aos empíricos e aos charlatães.

"Béranger veio me encontrar e me disse: "Meu amigo, prestai-me um grande serviço; tratai de fazer receber esse pobre diabo; ele não se ocupa senão dos doentes dos olhos, e embora os exames dos oficiais de saúde compreendam todos os ramos da arte de curar, tende indulgência, mansuetude; é um refugiado, e depois ele me curou: é a melhor das razões." Eu lhe respondi: "Enviai-me vosso homem." O padre polonês veio a mim. "Foste-me recomendado, disse-lhe, por um homem a quem sou singularmente obrigado; é o mais querido de meus amigos; além disso, é Béranger, o que vale ainda mais. Dois dos meus

colegas, de quem falei, e eu, somos três determinados a fazer o que for possível; somente os exames são públicos, talvez seja bom esconder um pouco as orelhas, é o menos." Eu acrescentei: "Vejam, serei conciliador; tomarei o exame de anatomia, e não vos será difícil saber a anatomia tão bem quanto eu: eu vos interrogarei sobre o olho."

Nosso homem pareceu desconcertado. Eu continuei: "Sabeis o que é olho? - Muito bem. - Sabeis que tem uma pálpebra? - Sim. - Tendes a idéia do que é uma córnea?... " Ele hesitou. A pupila ocular? - Ah! senhor, a pupila ocular, conheço bem isto. - Sabeis o que é o cristalino, o humor vítreo, a retina? - Não, senhor; de que isso me serviria? Não me ocupo senão dos doentes dos olhos?" Eu lhe disse: "Isto serve para alguma coisa, eu vos asseguro que será quase necessário vos convencer de que há um cristalino, sobretudo se quereis, como o fazeis algumas vezes, ao que parece, operar cataratas. - Não as opero mais. - Mas se a fantasia vos levar a extrair uma..." Não pude sair disso. Esse infeliz queria exercer a arte de oculista, sem ter a menor noção da anatomia do olho."

Com efeito, é difícil se mostrar menos exigente para dar a esse infeliz o direito de vazar os olhos das pessoas igualmente. Entretanto, parece que ele não fazia operação - é verdade que a fantasia teria podido nisso tomá-lo - e que era, muito simplesmente possuidor de um remédio para curar as oftalmias e cuja aplicação, muito empírica, não requeria conhecimentos especiais, porque não está aí o que se chama praticar a arte do oculista. Na nossa opinião, era mais importante assegurar-se se o remédio não tinha nada de ofensivo; ele havia curado Béranger, era uma presunção favorável, e no interesse da Humanidade poderia ser útil permitir-lhe o uso. Esse homem teria podido ter os conhecimentos anatômicos exigidos e obter seu diploma, o que não teria tornado o remédio bom se fora mau; e, no entanto, graças a esse diploma esse homem teria podido vendê-lo com toda segurança, por perigoso que fosse. Jesus Cristo curava os cegos, os surdos, os mudos e os paralíticos, provavelmente, não sabia mais do que ele de fato de anatomia; se o Sr. Trousseau, incontestavelmente, lhe teria recusado o direito de fazer milagres, quantas multas pagaria em nossos dias se não pudesse curar sem diploma!

Tudo isto não tem quase nada de relação com os Espíritos, mas são as premissas do argumento sob o qual vai esmagar seus partidários.

"Irei procurar Béranger e lhe contar a coisa. Béranger exclamará: "Mas este pobre homem!..."

É provável que dissesse a si mesmo: *E todavia me curou!* - Longe de nós fazer a apologia dos charlatães e dos vendedores de drogas; queremos somente dizer que pode haver remédios eficazes fora das fórmulas do Codex; que os selvagens, que têm seus segredos infalíveis contra a mordida das serpentes, não conhecem a teoria da circulação do sangue nem a diferença do sangue venoso nem do sangue arterial. Gostaríamos de saber se o Sr. Trousseau, mordido por uma cascavel ou um trigonocéfalo, recusaria seus recursos porque não têm diploma.

Num próximo artigo falaremos especialmente das diferentes categorias de médiuns curadores, que parecem se multiplicar há algum tempo.

"Eu lhe disse: "Meu caro Béranger, sou vosso médico há oito anos; vou pedir-vos honorários hoje. - E que honorários? - Ireis me fazer uma canção que me dedicareis, mas sou eu que dou o refrão. - Sim!... e esse refrão? - *Ah! como as pessoas de espírito são estúpidas!*" - Foi um negócio combinado doravante entre nós. Ele não me falará de seu padre polonês. Não é triste ver um homem como Béranger, a quem conto tais coisas, não

compreender que seu protegido poderia fazer muito mal, e era absolutamente incapaz de fazer o que fosse útil para as doenças mais simples dos olhos."

Parece que Béranger não estava convencido da infalibilidade dos doutores diplomados, e podia tomar a sua parte do refrão:

Ah! como as pessoas de espírito são estúpidas!

"Vede-o, Senhores, que as pessoas inteligentes são os primeiros a se deixar prender. Lembrai-vos do que se passou no fim do último século. - Um empírico alemão emprega a eletricidade, mal conhecida ainda nessa época. Submete à ação do fluido algumas mulheres vaporosas; produziram-se pequenos acidentes nervosos, que ele atribui a um fluido emanado dele; estabelece uma teoria esquisita que se chamou nessa época de *mesmerismo*. Veio a Paris; estabeleceu-se na praça Vendôme, no centro de Paris, e ali as pessoas mais ricas, as pessoas da mais alta aristocracia da capital vêm se alinhar em torno tina de *Mesmer*. Não saberia vos dizer quantas curas foram atribuídas a Mesmer, que foi, aliás, o inventor ou o importador, entre nós, dessa maravilha que se chama sonambulismo, quer dizer, de uma das *mais vergonhosas chagas do empirismo*.

"Que vos direi, com efeito, do sonambulismo? Das moças histéricas, o mais freqüentemente perdidas, apoiada em algum charlatão famélico, e ei-los simulando o êxtase, a catalepsia, ou o sono, e vendendo, com a segurança mais cômica, mais inepta que disso se poderia imaginar, inépcias bem pagas, inépcias bem aceitas, acreditadas com uma fé mais robusta do que os conselhos do nobre mais esclarecido."

De que serve ser inteligente, uma vez que aqueles que o são se deixam prender primeiro? O que é preciso para não se deixar prender? Ser sábio?- Não. - Ser membro do Instituto? - Não, uma vez que bom número deles têm a fraqueza de preferir os charlatões aos seus confrades; é o Sr. Trousseau que nos ensina. - Ser médico? - Não mais, porque bom número também dão no absurdo do magnetismo. - Que é preciso, pois, para ter o senso comum? - Ser o Sr. Trousseau.

O Sr. Trousseau, sem dúvida, é livre para dizer a sua opinião, de crer ou de não crer no sonambulismo; mas não é para ultrapassar os limites das conveniências ao tratar todos os sonâmbulos de *moças perdidas, apoiadas em charlatões*? Que há abuso, nisso como em todas as coisas, é inevitável, e a própria medicina oficial dele não está isenta; sem dúvida, há simulacro de sonambulismo, mas porque há falsos devotos, é para se dizer que não haja verdadeira devoção? O Sr. Trousseau ignora que, entre os sonâmbulos de profissão, ha mulheres casadas muito respeitáveis; que o número daqueles que não se põem em evidência é muito maior; que há famílias as mais honradas e as mais alto colocadas; que numerosos médicos, bem e devidamente diplomados, de um saber incontestável, se fazem hoje os combatentes confessos do magnetismo, que empregam com sucesso numa multidão de casos rebeldes à medicina comum. Não procuraremos fazer o Sr. Trousseau reverterem sua opinião provando-lhe a existência do magnetismo e do sonambulismo, porque é provável que seria trabalho perdido; isto sairia, aliás, de nosso quadro; mas diremos que se a zombaria e o sarcasmo são armas pouco dignas da ciência, e mais indigna ainda de arrastar na lama uma ciência hoje espalhada no mundo inteiro, reconhecida e praticada pelos homens mais honrados, e de lançar, àqueles que a professam, o insulto mais grosseiro que se possa encontrar no vocabulário da injúria. Não se pode senão lamentar de ouvir expressões de uma trivialidade e feitas para inspirar a mágoa, descer da cadeira docente.

Vós vos admirais de que inépcias, como vos agrada chamá-las, sejam cridas com uma fé muito mais robusta do que os conselhos do nobre mais esclarecido; a razão disso está na inumerável quantidade de erros cometidos pelos nobres mais esclarecidos, e dos quais não citaremos senão dois exemplos.

Uma senhora de nosso conhecimento tinha um filho de quatro a cinco anos, com um tumor no joelho, em consequência de uma queda. O mal tornou-se de tal modo grave que ela acreditou dever consultar uma celebridade médica, que declarou a amputação indispensável para a vida do filho. A mãe era sonâmbula; não podendo se decidir por essa operação, cujo sucesso era duvidoso, ela empreendeu dele cuidar ela mesma. Ao cabo de um mês a cura era completa. Um ano depois ela foi, com seu filho gordo e bem posto, ver o médico e lhe disse: "Eis a criança que, segundo vós, deveria morrer se não se lhe cortasse a perna. -Que quereis, disse ele, a Natureza tem recursos imprevistos!"

Um outro fato nos é pessoal. Há uma dezena de anos, tornei-me quase cego, ao ponto de não poder nem ler nem escrever, e de não reconhecer uma pessoa a quem dava a mão. Consultei as notabilidades da ciência, entre outros o doutor L..., professor de clínica para as doenças dos olhos; depois de um exame muito atento e muito consciencioso, declarou que eu estava afetado de amantose e que não havia senão que resignar-me. Fui ver uma sonâmbula que me disse que aquilo não era uma amantose, mas uma apoplexia sobre os olhos, que poderia degenerar em amantose se não se cuidasse dela convenientemente; ela declarou assegurar a cura. Em quinze dias, disse ela, sentireis uma ligeira melhora; em um mês começareis a ver, e em dois ou três meses não se manifestará mais. Tudo se passou como ela previra, e hoje minha visão está completamente restabelecida.

O Sr. Trousseau prossegue:

"Em nossos dias ainda, vistes um Americano que evoca os Espíritos, fez Sócrates falar, Voltaire, Rousseau, Jesus Cristo, quem se queira! Fê-los falar, em que lugares? Nas pocilgas de alguns bêbados?"

A escolha das expressões do professor é verdadeiramente notável.

"Não, fá-los falar nos palácios, no senado, nos salões mais aristocráticos de Paris. E há pessoas honestas que dizem: "Mas eu vi; recebi uma bofetada de uma mão invisível; a mesa subiu ao teto!" Vo-lo dizem e o repetem. E os Espíritos batedores ficaram durante sete ou oito meses em possessão de admirar os homens, de espantar as mulheres, de lhes dar ataques de nervos. Essa estupidez, que não tem nome, essa estupidez que o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar, foi aceita por pessoas esclarecidas, mas, mais ainda talvez pelas classes elevadas da sociedade de Paris."

O Sr. Trousseau teria podido acrescentar: e do mundo inteiro. Parece ignorar que essa estupidez sem nome que não durou sete ou oito meses, mas dura sempre e se propaga por toda a parte cada vez mais; que a evocação dos Espíritos não é o privilégio de um Americano, mas de milhares de pessoas de todos os sexos, de toda idade e de todos os países. Até o presente, em boa lógica, se havia considerado a adesão das massas e das pessoas esclarecidas sobretudo, como tendo um certo valor; parece que isso não é nada, e que a única opinião sensata é a do Sr. Trousseau e daqueles que pensam como ele. Quanto aos outros, qualquer que seja a sua classe, sua posição social, sua instrução, que morem num palácio ou exerçam funções nos primeiros corpos do Estado, estão abaixo do homem mais grosseiro, uma vez que *o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar suas idéias*. Quando uma opinião é tão difundida quanto a do Espiritismo, quando em lugar de decrescer

progredir com uma rapidez que chega ao prodígio, quando ela é aceita pela elite da sociedade, se ela é falsa e perigosa, é preciso lhe opor um dique, é preciso combatê-la com provas contrárias; ora, parece que o Sr. Trousseau não tem outras a lhe opor do que este argumento:

Ah! como as pessoas de espírito são estúpidas!

Necrologia

Revista Espírita, agosto de 1862

A morte do bispo de Barcelona

Escreveram-nos da Espanha que o bispo de Barcelona, aquele que fez queimar trezentos volumes espíritas, pelas mãos do carrasco, a 9 de outubro de 1861 (1-(1) Ver, para os detalhes, a *Revista Espírita* dos meses de novembro e dezembro de 1861), morreu no dia 9 deste mês, e foi enterrado com a pompa habitual para os chefes da Igreja. Nove meses somente se escoaram desde então, e já aquele auto-de-fé produziu os resultados pressentidos por todo o mundo, quer dizer, apressou a propagação do Espiritismo naquele país. Com efeito, a repercussão que esse ato inqualificável teve neste século, chamou sobre a Doutrina a atenção de uma multidão de pessoas que jamais dela ouviram falar, e a imprensa, não importa qual opinião, não pôde ficar muda. A disposição deplorável, nessa circunstância, era sobretudo de atizar a curiosidade pelo atrativo do fruto proibido, e sobretudo pela própria importância que isso dava à coisa, cada um dizendo-se que não se procede desse modo por uma bagatela ou um sonho vazio; muito naturalmente o pensamento se transportou a alguns séculos atrás, dizendo-se que recentemente, nesse mesmo país, não se queimou somente os livros, mas as pessoas. Que poderiam, pois, conter os livros dignos das solenidades da fogueira? Foi o que se quis saber, e o resultado foi na Espanha o que é por toda a parte onde o Espiritismo foi atacado; sem os ataques zombeteiros ou sérios dos quais foi objeto, contaria dez vezes menos partidários do que os tem; quanto mais a crítica foi violenta e repetida, mais foi posto em relevo e fez crescer; os ataques calmos podem passar despercebidos, ao passo que os relâmpagos de raio despertam os mais entorpecidos; se quer ver o que se passa, e é tudo o que nós pedimos, seguros antecipadamente do resultado do exame. Este é um fato positivo, porque cada vez que, numa localidade, o anátema desceu sobre ele do alto da cátedra, estamos certos de ver o número de nossos assinantes crescer, de vê-los chegar, se não os havia antes. A Espanha não podia escapar a esta consequência, também não há um Espírita que não se rejubilou tomando o auto-de-fé de Barcelona, pouco depois seguindo o de Alicante, e mesmo mais de um adversário deplorou um ato em que a religião nada tinha a ganhar. Cada dia temos a prova irrecusável da marcha progressiva do Espiritismo nas classes mais esclarecidas daquele país, onde conta zelosos e fervorosos adeptos.

Um de nossos correspondentes da Espanha, nos anunciando a morte do bispo de Barcelona, convidou-nos a evocá-lo. Dispusemo-nos a fazê-lo, e havíamos, em consequência, preparado algumas perguntas, quando ele se manifestou espontaneamente por um de nossos médiuns, respondendo antecipadamente a todas as perguntas que queríamos dirigir-lhe, e antes que elas tivessem sido pronunciadas. Sua comunicação, de um caráter inteiramente inesperado, contém entre outras a passagem seguinte:

"..... Ajudado por vosso chefe espiritual, pude vir vos ensinar pelo meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas idéias anunciadas gritarão como a voz do anjo: Caim, que fizeste de teu irmão? Que fizeste de nosso poder, que devia consolar e elevar a Humanidade? O homem que, voluntariamente, vive cego e surdo de espírito, como outros o são de corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o trabalho intelectual que sua preguiça e seu orgulho

Ihe fizeram evitar; e essa terrível voz me disse: Queimas-te as idéias, e as idéias te queimaram.....

"Orai por mim; orai, porque ela é agradável a Deus, a prece que Ihe dirige o perseguido pelo perseguidor.

"Aquele que foi bispo e que não é mais que um penitente."

O contraste entre as palavras do Espírito e as do homem nada tem que deva surpreender; todos os dias se vê quem pensa de outro modo depois da morte que durante a vida, uma vez que a venda das ilusões caiu, e é uma incontestável prova de superioridade; os Espíritos inferiores e vulgares persistem nos erros e preconceitos da vida terrestre. Quando vivo, o bispo de Barcelona via o Espiritismo através de um prisma particular que Ihe desnaturava as cores, ou, dizendo melhor, não o conhecia. Agora ele o vê sob sua verdadeira luz, e sonda-Ihe as profundezas; tendo caído o véu, isso não é para ele uma simples opinião, uma teoria efêmera que se pode abafar sob a cinza: é um fato; é a revelação de uma lei da Natureza, lei irresistível como a força da gravidade, lei que deve, pela força das coisas, ser aceita por todos, como tudo o que é natural. Eis o que ele compreende agora, e o que Ihe fez dizer que: "as idéias que quis queimar o queimaram," dito de outro modo, carregaram os preconceitos que Ihe havia feito condenar.

Não podemos, pois, isso admitir, pelo tríplice motivo de que o verdadeiro Espírita não quer isso para ninguém, não conserva rancor, esquece as ofensas e, a exemplo do Cristo, perdoa aos seus inimigos; em segundo lugar porque, longe de nos prejudicar, nos serviu; enfim, que reclama de nós a prece *do perseguido pelo perseguidor*, como a mais agradável a Deus, pensamento todo de caridade, digno da humildade cristã que revelam estas últimas palavras: "Aquele que foi bispo e que não é mais que um penitente." Bela imagem das dignidades terrestres deixadas à beira do túmulo, para se apresentar a Deus tal qual é, sem a aceitação que dela impunha aos homens.

Espíritas, perdoai-Ihe o mal que quis nos fazer, como gostaríamos que nossas ofensas nos fossem perdoadas, e oremos por ele no aniversário do auto-de-fé a 9 de outubro de 1861.

Morte da senhora Home

Lê-se no *Nord*, de 15 de julho de 1862.

"O famoso Sr. Dunglas Home atravessou Paris estes dias. Bem poucas pessoas o entreviram. Vem de perder sua mulher, irmã da condessa Kouchelew-Bezborodko. Por mais cruel que ela seja, essa perda Ihe é menos sensível, disse ele, do que para qualquer outro, não que amasse menos, mas porque a morte não o separa daquela que levava seu nome neste mundo. Eles se vêem, conversam tão facilmente quanto quando moravam juntos no mesmo planeta.

"O Sr. Home é católico romano, e sua mulher, antes de dar o último suspiro, querendo se unir ao seu marido numa última comunhão espiritual, abjurou a religião grega nas mãos do bispo de Périgueux. Isso se passou no castelo de Laroche, na casa do conde Kouchelew."

O folhetim - porque é num folhetim, ao lado do Pré-Catelan, que se encontra esta nota- é assinado *Nemo*, um dos críticos que não pouparam a zombaria aos Espíritas e às suas

pretensões de conversar com os mortos. Não é, senhor, agradável crer que aqueles que amamos não estão perdidos para sempre, que os reveremos? Não é bem ridículo, bem tolo, bem supersticioso crer que estão ao nosso lado, que nos vêem e nos ouvem quando não os vemos, e que podem se comunicar conosco? O Sr. Home e sua mulher se *viam*, *conversavam* tão facilmente quanto se estivessem juntos, que absurdo! e dizer que em pleno século dezenove, num século de luzes, há pessoas bastante crédulas para dar fé a semelhantes bagatelas, dignas dos contos de Perrault! Pedi a razão ao Sr. Trousseau. O nada, falai-me disto! eis que é lógico! se é muito mais livre para se fazer o que se quer durante a vida; ao menos não temer o futuro. Sim; mas o infeliz, onde está a sua compensação? – *Nemo!* singular pseudônimo de circunstância!

Sociedade Espírita de Constantina

Revista Espírita, agosto de 1862

Nota. Falamos da sociedade que se formou em Constantina sob o título de *Sociedade Africana de Estudos Espíritos*, e sob os auspícios da Sociedade de Paris. Transcrevemos adiante a comunicação que ela obteve pela sua instalação:

"Embora os trabalhos que vossa Sociedade fez até este dia não estejam inteiramente sem censuras, não queremos, entretanto, deter-nos nessas considerações, por causa da boa vontade que vos anima; temos antes conta da intenção do que dos fatos.

"Compenetrai-vos, antes de tudo, com a grandeza da tarefa que empreendestes, e fazei o quanto possível para levá-la a bom fim; não é senão com esta condição que podereis esperar ser assistidos pelos Espíritos superiores.

"Entremos agora na matéria, e vejamos se não cometestes algumas faltas. Primeiro, cometestes um grande erro em vos servir de todos os vossos médiuns para as comunicações particulares. O que é a evocação geral, se não é um apelo aos bons Espíritos de se comunicarem convosco. Pois bem! que fazeis? em lugar de esperar, depois da evocação geral, e de deixar aos bons Espíritos o tempo de se comunicar portal ou tal médium, segundo as simpatias que possam existir, passais imediatamente a evocações particulares. Sabei, pois, que não está aí o bom meio de ter comunicações espontâneas como as recebidas em outras sociedades. Assim, esperai um momento e receberéis as comunicações gerais, que sempre vos ensinarão algumas boas verdades. Podereis em seguida passar às evocações particulares; mas então, para cada uma, não vos servis senão de um único médium; não sabeis, pois, que não há senão os Espíritos realmente superiores que estão no caso de se comunicarem por vários médiuns ao mesmo tempo? Não façais, pois, servir senão um único médium para cada evocação particular, e se tendes dúvidas sobre a verdade das respostas obtidas, fazei então num outro dia uma evocação nova, empregando um outro médium.

"Não estais ainda senão no início da ciência espírita e não podeis dela tirar todos os frutos que ela concede aos seus adeptos experimentados; mas não percais a coragem, porque vos serão levados em conta os vossos esforços para vos melhorardes e propagar a vontade imutável de Deus. Avante, pois, e que o ridículo que encontrareis mais de uma vez sobre vosso caminho não vos faça desviar de uma linha de vossas crenças espíritas.

"JACQUES."

Os Espíritos de Constantina, tendo-nos rogado pedir a Santo Agostinho se consentia aceitar o patrocínio espiritual de sua Sociedade, este deu, a esse respeito, a comunicação seguinte.

(Sociedade de Paris; 27 de junho de 1862. - Médium, Sr. E.Vézy.)

Dirigindo-se primeiro aos membros da Sociedade de Paris, ele disse:

"Fizeram bem, nossos filhos da nova França, de se unirem a vós; fizeram bem em não destacar o talo do tronco. Permanecei sempre unidos, e os bons Espíritos estarão convosco." E continuou se dirigindo aos de Constantina;

Amigos, estou muito feliz de ser escolhido para ser vosso guia espiritual. Ligai-vos à Terra para a grande missão para regenerá-la, estou alegre de poder encorajar mais especialmente um grupo de pensadores ocupando-se da grande idéia, e de presidir aos seus trabalhos. Colocai, pois, meu nome na cabeça de vossos nomes, e os Espíritos de minha ordem virão expulsar os maus Espíritos que rondam sempre as portas das assembléias onde se discutem as leis da moral e do progresso. Que a fraternidade e a concórdia residam sempre entre vós. Lembrai-vos de que todos os homens são irmãos, e que o grande objetivo do Espiritismo é o de reuni-los um dia, numa mesma família, e fazê-los sentar todos ao redor da mesa do Pai comum: Deus.

Quanto esta missão é bela! Também com que alegria viemos a vós para vos fazer entender os decretos divinos; para vos revelar as maravilhas de além-túmulo! mas vós que já iniciastes nessas sublimes verdades, espalhai ao vosso redor a semente, a vossa recompensa será bela; dela experimentareis as primícias sobre a Terra. Que alegria! caminhai sempre no caminho do ensinamento, do amor e da caridade!

Pronunciai o meu nome com confiança em vossas horas de temor e de dúvida; logo vossos corações serão aliviados da amargura e do fel que possam levar neles.

Não esqueçais que estou sobre todos os pontos da Terra onde ouvis falar do apostolado evangélico; eu guardarei todos em minha alma para vos depositar um dia numa alma maior e mais forte. Estarei sempre convosco como estou aqui; minha voz terá para vós a doçura que lhe conheceis, porque não gosto nem dos acentos gritados, nem dos sons agudos. Ouvir-me-eis repetindo sem cessar: Amai-vos, amai-vos! Poupai-me de me armar com a vara com a qual é preciso atingir o mau; todavia, às vezes, é preciso, mas não sejais jamais desse número! Virá um tempo em que a Humanidade caminhará dócil sob a voz do bom pastor; sois vós, filhos, que deveis nos ajudar nessa regeneração, que deveis ouvir soar a sua primeira hora; porque eis o rebanho que se reúne e o pastor que chega.

Nota. O Espírito faz alusão a uma revelação de muito altíssima importância feita, pela primeira vez, num grupo espírita de uma pequena cidade da África, sobre os confins do deserto, por um médium completamente iletrado. Essa revelação, que nos foi imediatamente transmitida, nos chegou quase simultaneamente de diversos pontos da França, e do estrangeiro. Desde então numerosos documentos muito característicos e mais circunstanciados, vieram a dar-lhe uma espécie de consagração. Dele daremos conta quando chegar o momento de fazê-lo.

Trabalhai, pois, e tende coragem. Em vossas assembléias, discuti sempre friamente, sem arrebatamento; solicitai nossa opinião, nossos conselhos, a fim de não cairdes no erro, na heresia. Sobretudo não formuleis nem artigos de fé, nem dogmas; lembrai-vos que a religião de Deus é a religião do coração; que ela não tem por base senão um princípio: a caridade; por desenvolvimento: o amor da Humanidade.

Não abatais jamais o ramo do tronco; a árvore tem bem mais verdura com todos os seus ramos, e o ramo morre quando é separado do caule que o fez nascer. Lembrai-vos que

Cristo compreendeu que seria preciso que sua Igreja fosse assentada sobre a mesma pedra para estar sólida, como ordenou ao Espiritismo de não ter senão uma única raiz, para que tenha mais força para penetrar sob todas as superfícies do solo, por áridas e ressecadas que seja.

Um Espírito encarnado foi escolhido para vos dirigir e vos conduzir; submetei-vos com respeito, não às suas leis, porque ele não ordena, mas aos seus desejos. Provareis aos vossos inimigos, por essa submissão, que tendes convosco o espírito de disciplina necessário para dar partida à nova cruzada contra o erro e a superstição, o espírito de amor e de obediência necessário para caminhar contra a barbárie. Envolvei-vos, pois, nesta bandeira da civilização moderna: o Espiritismo sob um único chefe, e derrubareis essas idéias formidáveis das cabeças extravagantes e suas grandes conseqüências, que é preciso aniquilar.

Esse chefe, não digo seu nome; vós o conheceis. Vede-o na frente; caminha sem temer as mordidas venenosas das serpentes e dos répteis da inveja e do ciúme que o cercam; ele permanecerá de pé, porque nós unguimos seu corpo para que seja sempre sólido e robusto. Segui-o, segui-o, pois; mas, em vossa caminhada, tempestades estourarão sobre as vossas cabeças, e alguns dentre vós não encontrarão ponto de refúgio para se colocar ao abrigo da tempestade! Que estes se resignem com coragem, como os mártires cristãos, e que pensem que a grande obra pela qual terão sofrido, é a vida, é o despertar das nações adormecidas, e que disso serão recompensados largamente, um dia, no reino do Pai.

SANTO AGOSTINHO.

Extraímos a passagem seguinte de uma carta que nos escreveu recentemente o presidente da Sociedade de Constantina:

"Preocupam-nos todos os habitantes europeus e mesmo indígenas; vários grupos se formaram fora de nós, e ocupa-se por toda parte do Espiritismo. A criação de nossa Sociedade terá tido, pelo menos por resultado, chamar a atenção sobre a ciência nova. Não deixamos, entretanto, de sentir alguns embaraços, mas estamos sustentados pelos Espíritos que nos exortam à paciência e nos dizem que essas são provas das quais a Sociedade sairá vitoriosa e mais forte, de alguma sorte. Tivemos também as oposições do exterior; o clero de uma parte, e as pessoas das mesquitas por outra, afirmam claramente que estamos colocados sob as inspirações de Satã, e que nossas comunicações vêm do inferno. Temos também contra nós os boêmios, aqueles que vivem de sensualismo, sem se ocuparem de sua alma; materialistas ou céticos que repelem tudo o que se relaciona a essa outra vida da qual não querem admitir a existência; fecham os olhos e os ouvidos, chamam-nos de charlatães e procuram nos asfixiar pela zombaria e pelo ridículo. Mas caminhamos sempre através de todos os espinhos; os médiuns não nos faltam, e todos os dias surgem novos e bem interessantes. Temos comunicações de diversas naturezas e de incidentes imprevistos, feitos para convencer as pessoas mais rebeldes, por exemplo, uma resposta em italiano por uma pessoa que não conhece essa língua; respostas às perguntas sobre a formação do globo por uma senhora médium que jamais estudou a geologia; um outro grupo recebeu comunicações poéticas cheias de encanto, etc."

Nota. - O diabo, como se vê, é também posto em causa pelos sacerdotes muçulmanos. É notável que os padres de todos os cultos lhe dêem tanto poder que não se sabe, verdadeiramente, a parte que deixam a Deus, nem como é preciso entender a sua onipotência; se ele é absoluto, o diabo não pode agir sem a sua vontade; se ele não é senão parcial, Deus não é Deus. Felizmente se tem mais fé em sua bondade 'infinita do que

em sua vingança infinita, e o diabo é bem discreto desde que o fazem representar a comédia em todos os teatros, desde a farsa até a ópera; também seu nome, hoje, não tem mais efeito sobre as populações do que as imagens horrendas que os Chineses colocam sob suas muralhas para servirem de espantalho aos bárbaros europeus. Os progressos incessantes do Espiritismo provam que esse meio é ineficaz; far-se-á bem em procurar um outro.

Carta do Sr. Jean Reynaud ao *Journal dês Débats*

Revista Espírita, agosto de 1862

A carta seguinte foi publicada no *Débats* de 6 de julho de 1862.

"Ao Sr. Diretor-geral.

"Neuilly, 2 de julho de 1862.

"Senhor,

"Permiti-me responder a duas acusações consideráveis feitas contra mim em vosso jornal de hoje, pelo Sr. Franck, que me considerou como fomentador do panteísmo e da metempsicose. Não somente repilo esses erros do fundo de minha alma, mas as pessoas que consentiram ler meu livro *Terre et Ciel* puderam ver que elas são abertamente contrárias a todos os sentimentos que ali são expressados.

Quanto ao panteísmo, limito-me a dizer que o princípio da personalidade de Deus é o ponto de partida de todas as minhas idéias e que, sem me inquietar do que pensam os Judeus, penso com os Cristãos que o dogma da trindade resume toda a teologia a esse respeito. Assim, à página 226 do livro em questão, anuncio que a criação procede inteiramente da trindade; melhor ainda, cito textualmente, sobre essa tese, Santo Agostinho, sob cuja autoridade declaro me alinhar, e acrescento: "Se, afastando-me da idade média no que respeita à antigüidade do mundo, corri o menor risco de escorregar no abismo daqueles que confundem Deus e o Universo num caráter comum de eternidade, me deteria; mas posso ter a menor inquietude a esse respeito?"

"Quanto à segunda acusação, sem me inquietar mais em saber se penso ou não penso como o Sr. Salvador, direi simplesmente que se se entende por metempsicose, segundo o sentido vulgar, a doutrina que quer que o homem esteja exposto a passar, depois de sua morte, no corpo dos animais, repilo essa doutrina, filha do panteísmo, do mesmo modo que o próprio panteísmo. Creio o nosso destino futuro essencialmente fundado sobre a permanência de nossa personalidade. O sentimento dessa permanência pode se eclipsar momentaneamente, mas jamais se perde, e a sua posse plena é o primeiro caráter da vida feliz à qual todos os homens, no curso mais ou menos prolongado de suas provas, são continuamente chamados. Da personalidade de Deus, com efeito, segue-se muito naturalmente a do homem. "Como Deus, está dito à página 258, do livro posto em causa, não teria criado à sua imagem o que lhe fora dado criar na plenitude de seu amor?" E, sobre este ponto, ainda me refiro a Santo Agostinho, de quem cito textualmente as belas palavras: "Portanto, desde que fomos criados à imagem de nosso criador, contemplemos em nós essa imagem, e, como o filho desviado do Evangelho, retornemos a ele depois de estarmos dele afastados pelos nossos pecados."

"Se o livro *Terre et Ciel* se afasta das opiniões reconhecidas pela Igreja, não é, pois, sobre essas teses substanciais, como tenderia a fazê-lo crer o Sr. Franck, mas somente, se assim

posso falar, sobre uma questão de tempo. Ele ensinou que a duração da criação é igual à sua extensão, de sorte que a imensidade reina igualmente nos dois sentidos; e ensinou também que a nossa vida atual, em lugar de representar a totalidade das provas pelas quais nos tornamos capazes de participar da plenitude da vida feliz, não é senão um dos fins de uma série, mais ou menos longa, de existências análogas. Eis, senhor, o que pôde dar a mudança ao Sr. Franck, cuja crítica me pareceu tanto mais terrível quanto a perfeita lealdade de seu caráter é conhecida por todo mundo.

"Queirais aceitar, etc.

"Jean Reynaud"

Vê-se que não fomos o único nem o primeiro a proclamar a doutrina da pluralidade das existências, dita de outro modo, da reencarnação. A obra *Terre et Ciel*, do Sr. Jean Reynaud, apareceu antes de *O Livro dos Espíritos*. Pode-se ver o mesmo princípio exposto em termos explícitos num encantador livrinho do Sr. Louis Jourdan, intitulado: *Lês Prières de Ludovic*, e cuja primeira edição foi publicada em 1849, pela Librairie-Nouvelle, bulevar dos Italianos. É que a idéia da reencarnação não é nova; ela é tão velha quanto o mundo, e é encontrada em muitos autores antigos e modernos. Àqueles que objetam que essa doutrina é contrária aos dogmas da Igreja, respondemos que: de duas coisas uma, ou a reencarnação existe, ou ela não existe; não há alternativa; se ela existe, é que é uma lei da Natureza; ora, se um dogma é contrário a uma lei da Natureza, trata-se de saber quem tem razão, o dogma ou a lei. Quando a Igreja anatematizou, excomungou como culpados de heresia aqueles que acreditavam no movimento da Terra, isso não impediu a Terra de girar, e todo o mundo de nisso crer hoje. Ocorrerá o mesmo com a encarnação. Isso não é uma questão de opinião, mas uma questão de fato; se o fato existe, tudo o que se poderá dizer ou fazer não impedirá de existir, e, cedo ou tarde, os mais recalcitrantes deverão aceitá-lo; Deus não consulta suas conveniências para regular a ordem das coisas, e o futuro não tardará a provar quem tem erro ou razão.

Os Pandus e os Kurus - Reencarnação na antigüidade

Revista Espírita, agosto de 1862

Um dos nossos assinantes nos escreveu de Nantes:

"Lendo um livro que trata de algumas obras sânscritas, encontrei, numa passagem de um poema chamado *Mahabárata*, uma exposição da crença desses tempos recuados, e grande foi meu espanto de ali encontrar a reencarnação, doutrina que, para os tempos, parecia ter sido bastante compreendida. Eis o fato que deu lugar ao deus *Krischna* de explicar ao chefe dos Pandus a teoria dos brâmanes.

"Tendo estourado a guerra civil entre os descendentes de Pandu, legítimos herdeiros do trono, e os descendentes de Kuru, que o usurparam, os Pandus vêm, à frente de um exército que o herói Arjuna comanda, atacar os usurpadores. A batalha durou muito tempo, e a vitória é ainda bastante incerta; um armistício dá aos dois exércitos presentes o tempo para retemperar suas forças; de repente as trombetas tocam e os dois exércitos se movimentam inteiramente e avançam para o combate; cavalos brancos levam o carro de Arjuna, junto do qual fica o deus *Krischna*. De repente o herói se detém no meio do espaço que separa os dois exércitos; percorre-os com o olhar: "Irmãos contra irmãos, diz para si; parentes contra parentes, prestes a se degolarem mutuamente sobre os cadáveres de seus irmãos!" Uma melancolia profunda, uma súbita dor o tomou.

"*Krischna!* exclamou, eis nossos parentes armados, de pé, prestes a se degolarem; vede, meus membros tremem, meu rosto empalidece, meu sangue gela; um frio de morte circula em minhas veias e os meus cabelos se eriçam de horror. Meu arco fiel cai em minha mão, incapaz de sustentá-lo; eu vacilo; não posso nem avançar nem recuar, e minha alma embriagada de dor parece querer abandonar-me. Deus de cabelos loiros, ah! disse-me, quando tiver assassinado todos os meus, será isso a felicidade? A vitória, o império, a vida, de que me servirão então quando aqueles por quem desejo obtê-los e conservá-los terão perecido no combate? Ó conquistador celeste, quando o triplo mundo seria o preço de sua morte, eu não gostaria de degolá-los por esse miserável globo; não, eu não o quero, embora se preparem para me matar sem piedade."

"-Aqueles dos quais choras a morte, responde-lhe o deus, não merecem que tu os chores; que se viva ou que se morra, o sábio não tem lágrimas para a vida e para a morte. O tempo em que eu não existia, em que tu não existias, em que esses guerreiros não existiam, jamais foi, e jamais se verá chegar a hora que soará nossa morte. A alma colocada num corpo atravessa a juventude, a idade madura, a decrepitude, e passando num novo corpo, nele recomeça seu curso. Indestrutível e eterno, um deus desenrola de suas mãos o universo em que estamos; e quem aniquilará a alma que ele criou? Quem, pois, destruirá a obra do Indestrutível? O corpo, envoltório frágil, se altera, se corrompe e perece; mas a alma, a alma eterna que não se pode conceber, aquela não perecerá. Ao combate, Arjuna! Impele os teus corcéis ao combate; a alma não mata; a alma não é morta; jamais desabrocha; jamais morre; ela não conhece o presente, o passado, o futuro; é antiga, eterna, sempre virgem, sempre jovem, imutável, inalterável. Tombar no combate, degolar seus inimigos, o que é senão depor uma veste ou tirar àquele que a levava? Vai,

pois! e não temas nada; lança sem escrúpulo uma roupagem usada; veja sem terror teus inimigos e teus irmãos deixarem seus corpos perecíveis, e sua alma revestir uma forma nova. A alma, é a coisa que o gládio não penetra, que o fogo não pode consumir, que as águas não deterioram, que o vento do sul não seca. Cesse, pois, de gemer."

Nota. - A idéia da reencarnação, com efeito, está bem definida nesta passagem, como, de resto, todas as crenças espíritas o estavam na antigüidade; não lhe faltava senão um princípio: o da caridade. Estava reservado ao Cristo proclamar esta lei suprema, fonte de todas as felicidades terrestres e celestes.

O planeta Vênus

Revista Espírita, agosto de 1862

(Ditado espontâneo. - Médiun, Sr. Costel.)

O planeta Vênus é o ponto intermediário entre Mercúrio e Júpiter; seus habitantes têm a mesma conformação física que a vossa; o mais ou menos de beleza e de idealidade nas formas é a única diferença delineada entre os seres criados. A sutileza do ar, em Vênus, comparável à das altas montanhas, torna-o impróprio aos vossos pulmões; as doenças ali são ignoradas. Seus habitantes não se nutrem senão de frutas e de laticínios; ignoram o bárbaro costume de se nutrirem de cadáveres de animais, ferocidade que não existe senão nos planetas inferiores; em consequência, as grosseiras necessidades do corpo são destruídas, e o amor se enfeita de todas as paixões e de todas as perfeições apenas sonhadas sobre a Terra.

Como na madrugada onde as formas se revestem indecisas e alagadas nos vapores da manhã, a perfeição da alma, perto de ser completa, tem as ignorâncias e os desejos da infância feliz. A própria natureza reveste a graça da felicidade velada; suas formas flácidas e arredondadas não têm as violências e as asperezas dos panoramas terrestres; o mar, profundo e calmo, ignora a tempestade; as árvores não se curvam jamais sob o esforço da tempestade e o inverno não as despoja de sua verdura; nada é estridente; tudo ri, tudo é doce. Os costumes, cheios de quietude e de ternura, não têm necessidade de nenhuma repressão para ficarem puros e fortes.

A forma política reveste a expressão da família; cada tribo, ou aglomeração de indivíduos, tem seu chefe pela classe de idade. Ali a velhice é o apogeu da dignidade humana, porque ela aproxima do objetivo desejado; isenta de enfermidades e de fealdade, ela é calma e irradiante como uma bela tarde de outono.

A indústria terrestre, aplicada à pesquisa inquieta do bem-estar material, é simplificada e quase desaparece nas regiões superiores, onde não tem nenhuma razão de ser; as artes sublimes a substituem e adquirem um desenvolvimento e uma perfeição que os vossos sentidos espessos não podem imaginar.

As vestes são uniformes; grandes túnicas brancas envolvem com suas pregas harmoniosas o corpo, que não desnaturam. Tudo é fácil para esses seres que não desejam senão Deus e que, despojados dos interesses grosseiros, vivem simples e quase luminosos.

GEORGES.

(Perguntas sobre o ditado precedente; Sociedade de Paris; 27 de junho de 1862. Médiun, Sr. Costel.)

1. Destes ao vosso médiun predileto uma descrição do planeta Vênus, e estamos encantados de vê-la concordar com o que já nos foi dito, todavia, com menos de precisão. Pedimos consentir em completá-la, respondendo a algumas perguntas.

Quereis nos dizer, primeiro, como tendes conhecimento desse mundo? - R. Eu sou errante, mas inspirado por Espíritos superiores. Fui enviado em missão a Vênus.

2. Os habitantes da Terra podem ali estar encarnados diretamente saindo daqui? - R. Deixando a Terra, os seres mais avançados sofrem a erraticidade durante um tempo mais ou menos prolongado, que despoja inteiramente dos laços carnis, rompidos imperfeitamente pela morte.

Nota. - A questão não era saber se os habitantes da Terra podem ali estar encarnados *imediatamente* depois da morte, mais diretamente, quer dizer, sem passar por mundos intermediários. Ele respondeu que isso é possível para os mais avançados.

3. O estado de adiantamento dos habitantes de Vênus lhes permite lembrarem de sua estada nos mundos inferiores, e de estabelecerem uma comparação entre as duas situações? - R. Os homens olham para trás pelos olhos do pensamento, que reconstrói num único impulso ao passado desvanecido. Assim o Espírito avançado vê com a mesma rapidez que se move, rapidez mais fulminante que a da eletricidade, bela descoberta que se liga estreitamente à revelação do Espiritismo; ambos levam neles o progresso material e intelectual.

Nota. - Para estabelecer uma comparação, não é necessário saber que posição se ocupou pessoalmente; basta conhecer o estado material e moral dos mundos inferiores, pelos quais se teve que passar para apreciar-lhes a diferença. Segundo o que nos foi dito do planeta Marte, devemos nos felicitar por ali não estar mais; e, sem sair da Terra, basta considerar os povos bárbaros e ferozes e sabermos que tivemos que passar por esse estado, para nos sentir mais felizes. Não temos sobre os outros mundos senão notícias hipotéticas; mas pode que, naqueles que estão mais avançados do que nós, esse Conhecimento tenha um grau de certeza que não nos é dado.

4. A duração da vida ali é proporcionalmente mais longa ou mais curta do que sobre a Terra? - R. A encarnação, em Vênus, é infinitamente mais longa do que não o é a prova terrestre; despojada das violências humanas, detida e impregnada pela vivificante influência que a penetra, ensaia as asas que a levarão nos planetas gloriosos de Júpiter, ou outros semelhantes.

Nota. - Assim como já fizemos observar, a duração da vida corpórea parece ser proporcional ao adiantamento dos mundos. Deus, em sua bondade, quis abreviar a prova nos mundos inferiores. Por essa razão se junta uma causa física, é que, quanto mais os mundos são avançados, menos os corpos são usados para a devastação das paixões e das doenças que lhes são as conseqüências.

O caráter sob o qual pintais os habitantes de Vênus deve nos fazer supor que não há entre eles nem guerras, nem querelas, nem ódios, nem ciúmes? - R. Os homens não se tornam senão o que as palavras podem exprimir, e seu pensamento limitado está privado do infinito; assim atribuis sempre, mesmo aos planetas superiores, as vossas paixões e os vossos motivos inferiores, vírus depositado em vossos seres pela grosseria do ponto de partida, e do qual não vos curais senão lentamente. As divisões, as querelas, as guerras, são desconhecidas em Vênus, tão desconhecidas quanto é entre vós a antropofagia.

Nota. - A Terra, com efeito, nos apresenta, pela inumerável variedade dos graus sociais, uma infinidade de tipos que pode nos dar uma idéia dos mundos onde cada um desses tipos

é o estado normal.

6. Qual é o estado da religião nesse planeta? - R. A religião é a adoração constante e ativa do Ser supremo; adoração despojada de todo erro, quer dizer, de todo culto idolatra.

7. Todos os habitantes estão no mesmo grau, ou bem os há, como sobre a Terra, os mais ou menos avançados? Neste caso, a que habitantes da Terra correspondem os menos avançados? - R. A mesma desigualdade proporcional existe entre os habitantes de Vênus quanto entre os seres terrestres. Os menos avançados são as estrelas do mundo terrestre, quer dizer, os gênios e os homens virtuosos.

8. Há senhores e servidores? - R. A servidão é o primeiro grau da iniciação. Os escravos da antigüidade, como os da América moderna, são seres destinados a progredir num meio superior àquele que habitaram em sua última encarnação. Por toda a parte os seres inferiores estão subordinados aos seres superiores; mas em Vênus essa subordinação moral não pode ser comparada à subordinação corpórea, tal qual existe sobre a Terra. Os superiores não são os senhores, mas os pais dos inferiores; em lugar de explorá-los, ajudam o seu adiantamento.

9. Vênus chegou gradualmente ao estado em que está? Passou anteriormente pelo estado em que está a Terra e mesmo Marte? - R. Reina uma admirável unidade no conjunto da obra divina. Os planetas, como os indivíduos, como tudo o que é criado, animais e plantas, progredem inevitavelmente. A vida, em suas expressões variadas, é uma ascensão perpétua para o Criador; ela desenrola, numa imensa espiral, os graus de sua eternidade.

10. Tivemos comunicações concordantes sobre Júpiter, Marte e Vênus; porque não tivemos sobre a lua senão coisas contraditórias e que não puderam fixar a opinião? - R. Essa lacuna será preenchida, e logo tereis sobre a lua revelações tão nítidas, tão precisas quanto às que obtivestes sobre outros planetas. Se elas não vos foram ainda dadas, disso compreendereis mais tarde a razão.

Nota. Essa descrição de Vênus, sem dúvida, não tem nenhum dos caracteres de uma autenticidade absoluta, e também não a damos senão a título condicional. No entanto, o que já foi dito desse mundo, lhe dá, pelo menos, um grau de probabilidade, e, seja como for, o que não é menos o quadro de um mundo que deve, necessariamente, existir para todo homem que não tenha a orgulhosa pretensão de crer que a Terra é o apogeu da perfeição humana; é um anel na escala dos mundos, é um grau necessário àqueles que não sentem a força de ir sem dificuldade a Júpiter.

Carta ao *Jornal de Saint-Jean d'Angély*

Revista Espírita, agosto de 1862

Encontramos a carta seguinte no *Journal de Saint-Jean-d'Angely*, de 15 de junho de 1862:

"Ao Sr. Pierre de L..., redator acidental do jornal LÊMELLOIS.

"Numa carta endereçada ao *Mellois*, a 8 de junho último, fazeis um desafio ao que chamais a pequena Igreja de *Saint-Jean-d'Angely*. Ofendido por ser repellido pelo Sr. Borreau, com o fim de não receber, vós vos voltastes para seu colega em Espiritismo para interrogá-lo. Sem ser o médium notável que designais sob uma transparente inicial, permitir-me-ia submeter-vos algumas observações.

"Qual pôde ser vosso objetivo pondo, primeiro ao Sr. Borreau, em seguida aos Espíritas de *Saint-Jean-d'Angely*, o desafio de evocar a alma de Jacques Bujault? Era um gracejo para pôr fim à guerra civil e intestina que parecia dever ensangüentar os férteis campos do Poitou? Se assim for, compreendeis, penso, que a dignidade das pessoas sérias e conscienciosas, que crêem firmemente nas teorias estabelecidas sobre os fenômenos dos quais reconhecem a certeza, lhes impõe não se associar às brincadeiras. Certamente lhes é permitido, e aos céticos também, rirem dessas teorias; ri-se de tudo na França, vós o sabeis, senhor. No entanto, por bom que fosse o vosso gracejo, ele não é novo, e, entre outros, certo cronista do jornal ao qual dirijo a presente, não deixou de servir-se deles em seu início.

"Se colocastes esta questão seriamente, não me permitistes vos dizer, para tomar um meio bom, a fim de chegar ao vosso objetivo. Não seriam as zombarias contidas em vosso primeiro artigo que poderiam persuadir o Sr. Borreau de vossa sinceridade. Era-lhe perfeitamente permitido duvidar e não vos dar a oportunidade de uma pendência ao esboço espiritual da evocação do prior que sabeis. Igualmente não são as vossas notas satíricas sobre a completa inutilidade do Espiritismo, e sobre as dissidências que dividem os seus adeptos, que podem convencer o Sr. C...da completa boa fé com a qual reclamais suas luzes. Se, pois, é verdadeiramente vossa intenção resolver esse problema, eis o meio mais curto e, ao mesmo tempo, penso, o mais conveniente. Vinde ao cenáculo, e ali, despojando-se de toda idéia preconcebida, fazendo tabula rasa da prevenção anterior, examinai friamente os fenômenos que se operarão diante de vós, e submetei-o ao critério da certeza. Que, se uma vez, duas vezes, temais ser alvo das alucinações, reiterai vossa experiências. O Espiritismo vos dirá, como o Cristo a Tomé:

Vide pedes, vide manus,

Noli esse incrédulas.

"Se essas experiências levam sempre ao mesmo resultado, segundo todas as regras da lógica, deveis ter confiança no testemunho de vossos sentidos, a menos que, o que estou longe de supor, com isso estejais reduzido ao pirronismo.

"Se, ao contrário, como o supus mais acima, vossos artigos não são senão um jogo para alegrar o combate pointevino suscitado pelo voto desastroso da Societé d'Agriculture de Niort, continuai vossas agradáveis zombarias, brilhantes assaltos que admiramos, nós, espectadores desinteressados. Somente permitais aos Espíritas de guardarem sua fé. A zombaria, com efeito, não tem sempre razão; o aforismo: *o ridículo mata* não é de uma justeza chocante, e poder-se-ia dizer a essa arma tão cruel, entre nós sobretudo, o que se disse a um personagem da comédia:

"Todos aqueles que matais passam bem."

"Riu-se de todas as grandes coisas, foram tratadas de loucura, o que não impediu que se realizassem. Riu-se da existência de um outro mundo, e a América foi descoberta; riu-se do vapor, e estamos no século das estradas de ferro; riu-se dos piróscafos de Fulton, seu inventor, e agora eles cobrem nossos mares e nossos rios; riu-se, inclinai-vos, senhor, riu-se do Cristo, e sua sublime loucura, a loucura da cruz conquistou e subjogou o universo. Portanto, se neste momento o Espiritismo se expõe aos epigramas dos filhos de Voltaire, ele toma seu partido e continua sua rota; o futuro o julgará. Se este sistema está baseado sobre a verdade, nem zombarias, nem paixões prevalecerão contra ele; se não for senão um erro, erro bem generoso, confessai-o, em nosso século de materialismo, irá juntar-se ao nada de mil e uma aberrações do espírito que, sob nomes diversos e esquisitos, desencaminharam a Humanidade.

"Recebei, senhor, a expressão de meus cumprimentos atenciosos.

"UM ADEPTO"

Nota, - Não é a primeira vez que adeptos levantam a luva lançada ao Espiritismo pelos zombadores, e mais de um, entre estes últimos, puderam se convencer de que tinham pela frente adversários mais fortes e mais numerosos do que acreditavam, também muitos compreendem agora que é mais prudente, a eles, se calarem. E depois, é preciso dizê-lo, as idéias espíritas penetraram até no próprio campo do adversário, onde se começa a sentir transbordar, e então espera-me. Hoje não se professa mais o Espiritismo em segredo; diz-se abertamente Espírita, como se diria Francês ou Inglês, católico, judeu ou protestante, partidário de tal ou tal filosofia; todo medo pueril foi banido. Que todos os Espíritas, pois, tenham a coragem de sua opinião, é o meio de fechar a boca aos detratores, e de lhes dar a refletir.

O Espiritismo cresce incessantemente como a onda que sobe e que circunscreve a ilha, muito extensa primeiro, e alguns dias mais tarde reduzida a um ponto. Que farão os negadores que se virem sobre essa ilha que encerra, cada dia mais e mais, o oceano das idéias novas? Vemos subir a onda que nos leva; eis porque não nos inquietamos; mas um dia, aqueles que estarão sobre a onda, temerosos de seu isolamento, nos estenderão os braços, e nos chamarão em seu socorro.

Castigo de um avaro

Revista Espírita, agosto de 1862

François Riquier, homem muito vulgar, era um velho avaro e velho solteirão, morto em C..., há quatro ou cinco anos, deixando uma fortuna bastante considerável aos seus colaterais. Fora o senhorio de uma de nossas amigas, senhora F... Esta senhora o havia esquecido totalmente, quando recentemente sua filha, que é sujeita a crises de catalepsia seguidas de um sono magnético espontâneo, viu, nesse sonho, o senhor Riquier que, disse ela, queria se dirigir à sua mãe. Depois de alguns dias, a filha da senhora F..., que além disso é boa médium escrevente, tendo tomado o lápis, obteve a comunicação seguinte, após a qual Riquier colocou seu nome e seu endereço com o número. A senhora F..., que não conhecia esse número, apressou-se em ir verificá-lo e ficou muito surpresa ao ver que a indicação era perfeitamente exata. Eis esta comunicação, que é um novo exemplo das penas reservadas aos Espíritos culpados. Como tinha se manifestado espontaneamente e testemunhado o desejo de falar à senhora F..., dirigiu-lhe esta pergunta: "Que quereis de nós? - R. Meu dinheiro que mo tomaram, os miseráveis, para partilhá-lo. Venderam minhas fazendas, minhas casas, tudo, para o partilharem. Dilapidaram meu bem, como se não fosse meu. Fazer-me fazer justiça, porque, eu, não me escutam, e não quero ver tais infâmias. Dizem que eu era usurário, e guardam meu dinheiro! Por que não mo querem devolver, uma vez que acham que é mal adquirido?"

"P. Mas estais morto, meu bom homem; não tendes mais necessidade de dinheiro. Pedi a Deus ter uma nova existência pobre para expiar a avareza desta. - R. Não, eu não poderia viver pobre. É preciso meu dinheiro para me fazer viver. Aliás, não tenho necessidade de uma outra vida, uma vez que vivo a presente.

"P. (A pergunta seguinte foi feita com o objetivo de levá-lo à sua realidade.) - Sofreis? - R. Oh! sim, sofro torturas piores do que a doença mais cruel, porque é minha alma que suporta essas torturas. Tenho sempre presente em meu pensamento a iniquidade de minha vida, que foi um motivo de escândalo para muitos. Sei bem que sou um miserável indigno de piedade; mas sofro tanto que é preciso me ajudar a sair deste miserável estado.

"P. Oraremos por vós. - R. Obrigado! Orai para que eu esqueça minhas riquezas terrestres, sem isso não poderia jamais me arrepender. Adeus e obrigado.

"FRANÇOIS RIQUIER,

"Rua da Caridade, nº44."

Nota. Este exemplo e muitos outros análogos provam que o Espírito pode conservar, durante vários anos, a idéia de que pertence ainda ao mundo corpóreo. Essa ilusão não é, pois, exclusivamente a própria dos casos de morte violenta; parece ser a consequência da materialidade da vida terrestre, e a persistência do sentimento dessa materialidade, que não pode ser satisfeita, é um suplício para o Espírito. Além disso, aí encontramos a prova de que o Espírito é um ser semelhante ao ser corpóreo, embora fluídico, porque, para crer que ainda está neste mundo, que continua ou crê continuar, poder-se-ia dizer, a ocupar-se de seus negócios, é preciso que ele se veja uma forma, um corpo, em uma palavra, como de sua vida. Se não restasse dele senão um sopro, um vapor, uma centelha, não poderia se

equivocar sobre a sua situação. É assim que o estudo dos Espíritos, mesmo vulgares, vem nos esclarecer sobre o estado real do mundo invisível, e confirmar as mais importantes verdades.

Valor da prece

Revista Espírita, agosto de 1862

A mesma pessoa da qual o fato precedente foi questão, teve, um dia, a comunicação espontânea seguinte, da qual não compreendeu imediatamente a origem:

'Vós não me esquecestes, e jamais vosso Espírito teve um sentimento de perdão para mim. E verdade que vos fiz muito mal; mas disso sou punida há muito tempo. Não parei de sofrer. Vejo-vos seguir os deveres que cumpris com tanta coragem, para prover às necessidades de vossa família, a inveja não parou de me devorar o coração. Vossa... (Aqui, paramos para perguntar o que isso poderia ser. O Espírito acrescenta: "Não me interrompas; me nomearei quando tiver acabado.")... resignação, que segui, foi um dos meus maiores males. Tende um pouco de piedade de mim, se sois realmente discípulo do Cristo. Eu estava muito sozinha sobre a Terra, embora no meio dos meus, e a inveja foi meu maior vício. Foi pela inveja que dominei vosso marido. Parecíeis retomar o império sobre ele quando vos conheci, e me coloquei entre vós. Perdoai-me e tende coragem: Deus terá piedade de vós a seu turno. Minha irmã, que oprimi durante minha vida, é a única que tem orado por mim; mas são as vossas preces que me faltam. As outras não têm para mim o selo do perdão. Adeus, perdoai-me.

ANGÈLE ROUGET."

Aquela senhora acrescenta: "Lembrei-me então perfeitamente da pessoa morta, há vinte e cinco anos, e na qual não havia pensado desde muitos anos. Pergunto-me como ocorre que as preces de sua irmã, virtuosa e doce criatura, devotada, piedosa e resignada, não sejam mais frutíferas do que as minhas. Entretanto, pensai que, depois disto, orei e perdoei."

Resposta. - O Espírito deu-lhe a explicação quando disse: "As preces dos outros não têm para mim o selo do perdão." Com efeito, sendo essa senhora a principal ofendida, e sendo a que mais sofreu com a conduta daquela mulher, em sua prece havia perdão, o que deveria mais tocar o Espírito culpado. Sua irmã, orando, não fazia, por assim dizer, senão cumprir um dever; do outro lado, havia ato de caridade. A ofendida tinha mais direito e mérito para pedir graça; seu perdão deveria, pois, tranquilizar muito mais o Espírito. Ora, sabe-se que o principal efeito da prece é agir sobre o moral do Espírito, seja para acalmá-lo, seja para conduzi-lo ao bem; conduzindo-o ao bem apressa a clemência do Juiz supremo, que sempre perdoa ao pecador arrependido.

A justiça humana, toda imperfeita que ela é em comparação com a justiça divina, nos oferece freqüentes exemplos semelhantes. Que um homem seja levado ante os tribunais por uma ofensa contra alguém, ninguém não agradecerá mais em seu favor, e não obterá mais facilmente a sua graça do que o próprio ofendido vindo generosamente retirar a sua queixa.

Esta comunicação, tendo sido lida na Sociedade de Paris, deu lugar à seguinte pergunta, proposta por um de seus membros:

"Os Espíritos reclamam sem cessar as preces dos mortais; é que os bons Espíritos não oram

também pelos Espíritos sofredores, e nesse caso porque as dos homens são mais eficazes?"

A resposta seguinte foi dada na mesma sessão, por Santo Agostinho; médium, Sr. E. Vézy:

Orai sempre, filhos; já vos disse: a prece é um orvalho benfazejo que deve tornar menos árida a terra seca. Venho vo-lo repetir ainda, e acrescento-lhe algumas palavras em resposta à pergunta que dirigis. Por que, pois, dizeis, os Espíritos sofredores vos pedem preces de preferência a nós? As preces dos mortais são mais eficazes do que as dos bons Espíritos? - Quem vos disse que nossas preces não tinham a virtude de espalhar a consolação e dar força aos Espíritos fracos que não podem ir a Deus senão com dificuldade e, freqüentemente, com desencorajamento? Se imploram vossas preces, é que têm o mérito das emanações terrestres subindo voluntariamente a Deus, e que, aqueles, gostam sempre delas, vindo de vossa caridade e de vosso amor.

Para vós, orar, é abnegação; para nós, é dever. O encarnado que ora por seu próximo cumpre a nobre tarefa dos puros Espíritos; sem ter sua coragem e força, realiza suas maravilhas. É o próprio de nossa vida, cabe a nós, consolar o Espírito em dificuldade e sofrimento; mas uma de vossas preces, de vós, é o colar que tirais de vosso pescoço para dar ao indigente; é o pão que retirais de vossa mesa para dá-lo a quem tem fome, e eis porque vossas preces são agradáveis àqueles que as ouvem. Um pai não aquiesce sempre à prece do filho pródigo? Não chama todos os seus servidores para matar o vitelo gordo ao redor do filho culpado? Quanto não faria mais ainda por aquele mesmo que viesse aos seus joelhos dizer-lhe: "Ó meu pai, sou muito culpado; não vos peço graça, mas perdoai ao meu irmão arrependido, mais fraco e menos culpado do que eu!" Oh! é então que o pai se enternece; é então que ele arranca de seu peito tudo o que pode conter de dons e de amor. Ele diz: "Tu eras cheio de iniquidades, te disseste criminoso; mas, compreendendo a enormidade de tuas faltas, não me pediste graça para ti; aceitas o sofrimento de meu castigo, e malgrado tuas torturas, tua voz tem bastante força para pedir por teu irmão!" Pois bem! o pai não quer menos caridade do que o filho: ele perdoa a ambos; a um e ao outro estenderá as mãos para que possam caminhar direito no caminho que conduz à sua glória.

Eis, meus filhos, porque os Espíritos sofredores que vagam ao vosso redor imploram as vossas preces; nós *devemos* orar, nós; vós *podeis* orar. Prece do coração, tu és a alma das almas, se posso me exprimir assim; quintessência sublime que sobe sempre casta, bela e radiosa na alma mais vasta de Deus!

SANTO AGOSTINHO.

Ensinamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, agosto de 1862

A conquista do futuro

(Grupo de Sainte-Gemme (Tarn). - Médiun, Sr. C...)

A idéia espírita vai crescendo; logo ela cobrirá o solo francês de norte a sul, do levante ao poente. Balisas estão plantadas de distância em distância; sois vós essas balisas; é a vós que virá a honra de ter, pelos nossos conselhos, traçado aos vossos irmãos o caminho a seguir. Reuni-vos, pois, não só num pensamento comum, mas também numa ação comum. O tempo de observação e de experiências passou: está-se na aplicação. Atuai e atuai sem medo; jamais olhai para trás de vós; tende sempre, ao contrário, os olhos fixados para a frente; contemplai os objetivos e os obstáculos que dele vos separa; se vos distrairdes a contar os passos, em lugar de avançar rapidamente, faltareis com a missão que vos foi dada. Tomai, pois, o vosso bastão de viagem; cingi vossos rins, e caminhaí! Mas não partais sozinhos; que todo o exército espírita, essa vanguarda da doutrina evangélica, se ponha em marcha ao mesmo tempo. Uni-vos, consultai-vos, e voai para a conquista do futuro.

HIPPOLYTE FORTOUL

O Pentecoste

(Grupo de Sainte-Gemme (Tarn). - Méd., Sr. C...)

O espírito de Deus sopra sobre o mundo para nele regenerar seus filhos; se, como no tempo dos apóstolos, não se mostra sob a forma de línguas de fogo, ele não está menos realmente presente entre vós. Orai, pois, com fervor ao Todo-Poderoso, a fim de que se digne vos fazer aproveitar de todas as vantagens morais, de todos os dons imperecíveis que quis, então, muito derramar sobre a cabeça dos apóstolos e do Cristo. Pedi e recebereis, e nada daquilo que pedirdes de bom e de útil para o vosso adiantamento espiritual vos será recusado. Pedi, pois, ainda uma vez, com fervor; mas que seja o vosso coração e não os vossos lábios que falem; ou se vossos lábios se agitam, que não digam nada que vosso coração não tenha pensado antes. A felicidade que sentireis, quando estiverdes animados do Espírito de Deus é tão grande, que não saberíeis dela fazer uma idéia. Depende de vós obtê-la, e, a partir deste momento, considerai os dias que vos restam para viver como um trecho do caminho que vos faltaria a percorrer para chegar ao vosso destino, e onde deveréis encontrar, no fim do dia, a vossa ceia e uma pousada para a noite.

Mas que a pouca importância que deveis relativamente ligar às coisas terrestres não vos impeça de considerar vossos deveres materiais como muito sérios; cometeríeis uma falta muito grave aos olhos de Deus, se não vos entregásseis conscienciosamente aos vossos trabalhos cotidianos. Não se deve desprezar nada daquilo que saiu da mão do Criador;

deveis gozar, numa certa medida, dos bens materiais dos quais vos deu o dom; vosso dever é de não guardá-los exclusivamente para vós, mas deles dar uma parte àqueles de vossos irmãos a quem esses dons foram recusados. Uma consciência pura, uma caridade e uma humildade sem limites, eis a melhor das preces para chamar a si o Espírito Santo. É o verdadeiro *Veni Creator*, não que aquilo que se canta nas igrejas não seja uma prece que será atendida todas as vezes que for feita de bom coração, mas, como isto vos foi dito várias vezes, o fundo é que é tudo, a forma é pouca coisa.

Pedi, pois, por vossos atos, que o Espírito Santo vem vos visitar e derramar sobre a vossa alma essa força que dá a fé para superar as misérias da existência terrestre, e para estender a mão àqueles de vossos irmãos que a fraqueza de Espírito impede de ver a luz, sem a qual não podeis senão caminhar às cegas, com risco de vos contundirdes contra todos os obstáculos semeados sobre o vosso caminho. A felicidade verdadeira, aquela atrás da qual cada um de vós suspira, se encontra ali; cada um de vós atem sob a mão; não há senão que querer para agarrá-la. Tomai hoje boas e firmes resoluções e o Espírito de Deus, disto estejais seguros, não vos faltará. Amaí vosso próximo como a vós mesmos pelo amor de Deus, e tereis dignamente solenizado o dia em que o Espírito-Santo vem visitar os apóstolos do Cristianismo.

HIPPOLYTE FORTOUL

O Perdão

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, Sr. A. Didier.)

Como se pode, pois, encontrar em si a força de perdoar? A sublimidade do perdão é a morte do Cristo sobre o Gólgota! Ora, eu já vos disse que o Cristo havia resumido em sua vida todas as angústias e todas as lutas humanas. Todos aqueles que mereceram o nome de cristãos antes de Jesus Cristo morreram com o perdão sobre os lábios: os defensores das liberdades oprimidas, os mártires das verdades e das grandes causas compreenderam de tal modo a importância e a sublimidade de sua vida, que não faliram no último momento, e perdoaram. Se o perdão de Augusto não é completamente e historicamente sublime, o Augusto de Corneille, o grande trágico, é senhor de si como do universo, porque perdoa. Ah! quanto são mesquinhos e miseráveis aqueles que possuem o mundo e não perdoavam! Quanto é grande, aquele que tem no futuro dos séculos todas as humanidades espirituais, e que perdoa! O perdão é uma inspiração, freqüentemente um conselho dos Espíritos. Infelizes aqueles que fecham seus corações a essa voz: serão punidos, como dizem as Escrituras, porque tinham ouvidos e não escutaram. Pois bem! se quereis perdoar, se vos sentis fracos diante de vós mesmos, contemplai a morte do Cristo. Quem conhece a si mesmo triunfa facilmente de si mesmo. Eis porque o grande princípio da sabedoria antiga era, antes de tudo, conhecer-se a si mesmo. Antes de se lançar na luta, ensinavam-se aos atletas, para os jogos, para as lutas grandiosas, os meios seguros de vencer. Ao lado, nos liceus, Sócrates ensinava que havia um Ser supremo, e, algum tempo depois, séculos antes de Cristo, ensinava a toda a nação grega a morrer e a perdoar. O homem vicioso, baixo e fraco, não perdoa; o homem habituado às lutas pessoais, às reflexões justas e sadias, perdoa facilmente.

LAMENNAIS.

A Vingança

(Sociedade Espírita de Paris. - Méd., Sr. de B... M...)

A vingança é doce ao coração, disse o poeta. Oh! pobres cegos que dão um livre curso à mais odiosa das paixões, credes fazer mal ao vosso próximo quando lhes dais vossos golpes, e não sentis que eles se voltam contra vós mesmos. Ela não é somente um crime, mas uma absurda imperícia; ela é, com seus irmãos, o rancor, o ódio, o ciúme, filhos do orgulho, o meio do qual se servem os Espíritos das trevas para atraírem a si aqueles que temem ver lhes escapar; é o mais infalível instrumento de perdição que possa ser colocado nas mãos dos homens pelos inimigos que se obstinam em sua queda moral. Resisti, filhos da Terra, a esse culpável arrastamento, e estejais seguros de que, se alguém mereceu vossa cólera, não será na explosão de vosso rancor que encontrareis a calma de vossa consciência. Colocai entre as mãos do Todo-Poderoso o cuidado de se pronunciar sobre os vossos direitos e sobre a justiça de vossa causa. Há na vingança alguma coisa de ímpia e de degradante para o Espírito.

Não, a vingança não é compatível com a perfeição; enquanto uma alma dela conserva o sentimento, ela fica no baixio do mundo dos Espíritos. Mas a vossa não será mais do que os outros o eterno joguete dessa infeliz paixão; posso assegurá-lo, a abolição da falsa noção do inferno eterno, ou antes, da condenação eterna, que foi como o pretexto ou pelo menos como uma desculpa íntima dos atos vingativos, será a aurora de uma era nova de tolerância e de mansuetude que não tardará a se estender até às regiões privadas da vida moral. O homem podia condenar a vingança, então que se apresentava Deus como um Deus ciumento, ele mesmo se vingando por torturas sem fim? Cessai, pois, ó homens! de insultar a Divindade atribuindo-lhe as vossas mais ignóbeis paixões. Então sereis, habitantes da Terra, um povo bendito de Deus. Fazei de maneira, vós que me escutais, que tendo libertado vossa alma desse culpado e odioso móvel dos atos mais contrários à caridade, mereçais ser admitidos no recinto sagrado do qual só a caridade pode abrir as portas.

PIERRE ANGE, *Espírito protetor.*

Bibliografia - O Espiritismo em Lyon

Revista Espírita, agosto de 1862

Comunicações de além-túmulo; seleção de manifestações da Sociedade Espírita de Brotteaux, com esta epígrafe: *O Espiritismo não deve se impor; vem-se a ele, porque dele se tem necessidade.* (Allan Kardec. *Revista*, 1861, página 371.) - Broch. in-8º de 32 páginas, acompanhada de quatro desenhos gravados, obtidos mediunicamente. Preço: 75cents. Nas principais livrarias de Lyon, e em Paris, casa do Sr. Ledoyen.

Esta brochura é a primeira de uma série que será publicada em épocas indeterminadas. Ela contém uma seleção das comunicações obtidas no grupo de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Déjoud, chefe da fábrica. Todas essas comunicações, em tudo conformes com a doutrina de *O Livro dos Espíritos*, respiram a mais sadia moral e levam a marca incontestável de Espíritos bons e benevolentes. Seu estilo é simples, familiar e perfeitamente adaptado ao meio no qual foram dadas, e onde as idéias abstratas não estariam em seu lugar. Os bons Espíritos querem antes de tudo instruir; por isso se colocam à altura de seus ouvintes, e pouco se preocupam em satisfazer àqueles que não apreciam, em suas comunicações, senão a pompa do estilo, sem aproveitar as lições. Que a instrução seja boa, que ela penetre o coração, é para eles o essencial. Pensamos que, sob esse aspecto, esta coletânea alcança perfeitamente o objetivo. Estamos felizes em aproveitar esta ocasião de felicitar o Sr. Déjoud, chefe do grupo, um dos mais numerosos de Lyon, por seu zelo e sua perseverança para a propagação do Espiritismo entre seus irmãos trabalhadores.

O terceiro volume das *Revelações de além-túmulo*, da senhora Dozon, vai aparecer brevemente.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Setembro

- [Inauguração de um grupo espírita de Bordeaux - Discurso de abertura](#)
- [Carta a um pregador, pelo Sr. Dombre](#)
- [O Espiritismo numa distribuição de prêmio](#)
- [Perseguições](#)
- [Uma Reconciliação pelo Espiritismo](#)
- [Respostas ao convite dos Espíritas de Lyon e de Bordeaux](#)
- Poesias espíritas.
 - [Peregrinações da alma](#)
 - [O Anjo guardião](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [Estudos uranográficos](#)
- [Férias da Sociedade Espírita de Paris](#)
- [Aos centros espíritas que devemos visitar](#)

Inauguração de um grupo espírita de Bordeaux - Discurso de abertura

Revista Espírita, setembro de 1862

Apesar de certas más vontades, os grupos espíritas se multiplicam a cada dia; temos o prazer, e um dever, de colocar sob os olhos de nossos numerosos leitores o discurso pronunciado em Bordeaux, na abertura de um deles, pelo seu fundador, Sr. Condat, a 20 de março de 1862. A maneira pela qual a grave questão do Espiritismo nele está encarada prova o quanto, agora, se lhe compreende o objetivo essencial e a verdadeira importância. Estamos felizes em dizer que, hoje, esse sentimento é geral, porque por toda a parte o sentimento da curiosidade dá lugar ao desejo sério de se instruir e de se melhorar; foi isso o que estivemos no estado de constatar nas visitas que fizemos em diferentes cidades da província; vimos se ligar às comunicações instrutivas, e avaliar, pelo seu valor, os médiuns que as obtêm. Este é um fato característico na história do estabelecimento do Espiritismo. Não conhecemos, de nenhum modo, o grupo do qual falamos, mas julgamos suas tendências pelo discurso de abertura; o orador não teve essa linguagem em presença de um auditório leviano e superficial, e reunido tendo em vista distrair-se. São as reuniões sérias que dão uma idéia séria do Espiritismo. Eis por que não saberíamos mais encorajar-lhes a multiplicação.

Senhoras e senhores,

Rogando aceitar os agradecimentos que tenho a honra de vos apresentar pela benevolente acolhida que destes ao meu convite, permiti-me vos dirigir algumas palavras sobre o assunto de nossa reunião. Na falta de talento, nelas vereis, pelo menos o espero, a convicção de um homem profundamente devotado ao progresso da Humanidade.

Muito freqüentemente, o viajor intrépido, aspirando atingir o cume de uma montanha, encontra o caminho estreito obstruído por uma rocha; muito freqüentemente também, na marcha das idades, a Humanidade que tende a se aproximar de Deus, encontra seu obstáculo: seu rochedo é o materialismo. Ela estaciona algum tempo, alguns séculos talvez; mas a força invencível, à qual ela obedece, agindo em razão da resistência, triunfa do obstáculo, e a Humanidade, sempre solicitada para caminhar adiante, torna a partir com um impulso mais vivo.

Não nos admiramos, pois, senhores, quando se manifesta uma dessas grandes idéias que mostram melhor a origem celeste do homem, quando se produz um desses fatos prodigiosos que vêm alterar os cálculos restritos e as observações limitadas de uma ciência materialista; não nos admiramos, e sobretudo não deixamos nos desencorajar, pelas resistências que sobrevêm ao encontro de tudo o que pode demonstrar que o homem não é só um pouco de barro, cujos elementos serão restituídos à terra, depois da morte.

Constatamos logo, e constatamo-lo com alegria, nós, os adeptos do Espiritismo, nós os filhos do século dezenove, filho ele mesmo de um século que foi a manifestação mais

completa, a encarnação, por assim dizer, do ceticismo e de suas desencorajadoras conseqüências; constatamo-lo: a Humanidade caminha nesta hora!

Vede o progresso que aqui fez o Espiritismo, nesta bela cidade, grande e inteligente cidade; vede como a dúvida se desfaz por toda parte às claridades da ciência nova.

Contemos, senhores, e confessemos com sinceridade, quantos dentre nós que, ainda na véspera, tinham sobre os lábios o sorriso da incredulidade têm hoje o pé no caminho, e no coração a resolução de não mais voltar atrás. Isto se concebe, se está colocado na corrente, ela nos arrasta. Qual é, pois, esta doutrina, senhores, para onde ela conduz?

Levantar a coragem do homem, sustentá-lo em seus desfalecimentos, torná-lo forte contra as vicissitudes da vida, reavivar sua fé, provar-lhe a imortalidade de sua alma, não somente por demonstrações, mas por fatos: ei-la, esta doutrina, eis aonde ela conduz!

Que outra doutrina produzirá sobre o moral e sobre o intelecto melhores resultados? Será a negação de uma vida futura que se poderá lhe opor como preferível, no interesse da Humanidade inteira e para a perfeição moral e intelectual de cada homem isoladamente?

Tomando por princípio estas palavras que resumem o materialismo inteiramente: "Tudo acaba quando se abre o túmulo," com esta máxima desoladora o que se chega a se produzir senão o nada? Sinto uma espécie de sentimento penoso, uma espécie de pudor por ter feito um paralelo entre esses dois extremos: a esperança de encontrar, num mundo melhor, seres queridos cuja alma abriu suas asas, o horror invencível que sentimos, que o próprio ateu sente ao pensamento de que tudo se aniquilaria com o último suspiro da parte mortal de nosso ser, bastaria para repelir toda idéia de comparação. Entretanto, senhores, se todas as consolações que o Espiritismo encerra não estivessem senão no estado de crenças, se esse não fosse senão um sistema de pura especulação, uma engenhosa ficção, como se lhe objetam os apóstolos do materialismo, para submeter as inteligências fracas a certas regras chamadas arbitrariamente virtudes, e retê-las assim fora dos apetites sedutores da matéria, compensação que, num dia de piedade, o autor dessa ordem fatal que dá tudo a uns e reserva o sofrimento à maioria, teria concedido a estes para se atordoarem. Não é, senhores, senão para as inteligências fortes, para o homem que sabe fazer uso legítimo de sua razão, essas engenhosas combinações, estabelecidas como conseqüências de um princípio sem base e fruto somente da imaginação, seriam um tormento a mais acrescentado aos tormentos de uma fatalidade à qual não poderia subtrair-se?

A demonstração é uma coisa admirável, sem dúvida, ela prova antes de tudo a razão humana, a alma, esta abstração da matéria. Mas até hoje o seu ponto de partida único foi esta palavra de Descartes: "Penso, logo existo." Hoje, o Espiritismo veio dar uma força imensa ao princípio da imortalidade da alma, apoiando-o em fatos tangíveis, irrefutáveis.

O que precede explica como e por quê nos encontramos reunidos aqui. Mas deixai-me, ainda, senhores, vos dar parte de uma impressão que sempre senti, de um desejo que foi constantemente renovado cada vez que me encontrei em presença de uma sociedade procurando como objetivo um aperfeiçoamento do homem moral. Teria querido ser da primeira reunião, participar das primeiras comunicações, de alma a alma, dos fundadores, teria querido presidir ao desenvolvimento do germe da idéia, germe que, como o grão tornado gigante, deu mais tarde abundantes frutos.

Pois bem! Senhores, hoje que tenho a felicidade de vos reunir para vos propor a formação

de um novo grupo espírita, minha idéia recebe inteira satisfação, e vos peço conservar como eu em vosso coração, em vossa lembrança, a data de 20 de março.

Agora, senhores, é tempo de passar na prática: talvez tenha muito retardado. Sem transição, para reparar a perda de tempo tão largamente concedido às aproximações, abordarei, pois, o objeto de nossa reunião, rogando-vos para vos premunir contra uma objeção que se apresentará naturalmente ao vosso Espírito, como se apresentou ao meu, sobre a necessidade indispensável de *médiuns* quando se quer formar um grupo espírita. Aí está, senhores, a aparência de uma dificuldade, e não uma dificuldade. No início, na ausência de médiuns, nossas noites não se passarão esterilmente, crede-o. Eis uma idéia que vos submeto pedindo vossos conselhos; nós procederemos assim:

A primeira parte de cada sessão será dada às leituras em *O Livro dos Espíritos* e no dos *médiuns*. A segunda parte será consagrada à formação de médiuns entre nós, e crede-o bem, senhores, se seguirmos os conselhos e os ensinamentos que nos são dados nas obras de nosso venerado chefe, Sr. Allan Kardec, a faculdade medianímica não tardará a se desenvolver na maioria de nós, e será então que nossos trabalhos receberão sua mais doce, a mais larga recompensa; porque Deus, o grande Criador de todas as coisas, o juiz infalível, não pode se enganar sobre o bom uso que queremos fazer da preciosa faculdade medianímica. Não faltará, pois, para nos dar a mais bela recompensa que possamos ambicionar, de permitir que um de nós, ao menos, obtenha essa faculdade no mesmo grau de vários médiuns sérios, que temos a felicidade de possuir esta noite.

Nossos bem-amados irmãos Gourgues e Sabô, que tenho a honra de vos apresentar, consentiram também, assistindo à nossa sessão de instalação, em lhe dar um maior grau de solenidade, que nos dão a esperança, e disso lhes dirigimos o pedido, que muito freqüentemente, tão freqüentemente quanto lhes seja possível, virão nos visitar; sua presença fortalecerá a nossa fé, reanimará o ardor daqueles que, entre nós, em consequência do insucesso em suas primeiras tentativas mediúnicas, poderiam cair no desencorajamento.

Sobretudo, senhores, não nos enganemos; tenhamos muita conta de nosso empreendimento, de seu objetivo; enganar-se-ia seriamente aquele que não seria tentado em fazer parte do novo grupo que vamos formar, senão na esperança de nele encontrar distrações fúteis e fora da verdadeira moral pregada pelos bons Espíritos.

"O objetivo essencial do Espiritismo, disse nosso venerado chefe, é a melhoria dos homens. Não é preciso procurar senão o que pode ajudar o progresso moral e intelectual. Não é preciso perder de vista, enfim, que a crença no Espiritismo não é proveitosa senão àquele de quem se pode dizer: Ele vale mais hoje do que ontem."

Não esqueçamos, pois, que o nosso pobre planeta é um lugar de purgatório onde expiamos, pela nossa existência atual, as faltas que cometemos nas precedentes. Isso prova uma coisa, senhores, é que nenhum de nós pode se dizer perfeito, porque, enquanto tivermos faltas para expiar, estaremos reencarnados. Nossa presença sobre a Terra atesta, pois, a nossa imperfeição.

O Espiritismo plantou as balizas do caminho que conduz aos pés de Deus; caminhemos sem jamais perdê-las de vista. A linha traçada pelos bons Espíritos, geômetras da Divindade, é cercada de precipícios; as sarças e os espinhos lhe são a margem, não temamos suas picadas. Que são semelhantes feridas comparadas à felicidade eterna que acolherá o viajor chegado ao fim de seu curso?

Esse termo, esse objetivo, senhores, há muito tempo é objeto de minhas meditações. Abarcando com um olhar o passado, nele retornando para reconhecer ainda a sarça que me havia rasgado, o obstáculo que me fizera tropeçar no caminho, não pude me impedir de fazer o que todo homem faz, pelo menos uma vez em sua vida, a contagem, por assim dizer, de suas alegrias e de suas dores, de seus bons momentos de coragem, de suas horas de desfalecimento. E de cabeça repousada, a alma livre, quer dizer, voltada sobre si mesma, liberta da matéria, disse a mim mesmo: A existência humana não é senão um sonho, mas um sonho horrível, começando quando a alma ou Espírito encarnado da criança se esclarece aos primeiros clarões da inteligência, para cessar no desmaio da morte. A morte! essa palavra de temor para tanta gente, não é, pois, em realidade, senão o despertar desse sono horrível, a benfeitora segura que nos livra do pesadelo insuportável que nos acompanhou passo a passo, desde o nosso nascimento.

Falo em geral, mas não de maneira absoluta; a vida do homem de bem não tem esses mesmos caracteres; o que fez de bom, de grande, de útil, ilumina com puras claridades o sonho de sua existência. Para ele, a passagem da vida à morte se faz sem dolorosa transição; não deixa nada atrás de si que possa comprometer o futuro de sua nova existência espiritual, recompensa de seus benefícios.

Mas para aqueles, ao contrário, voluntários cegos que terão constantemente fechado os olhos para melhor negarem a existência de Deus, que se recusaram à contemplação do sublime espetáculo de suas obras divinas, provas e manifestações de sua bondade, de sua justiça, de seu poder; aqueles, digo eu, terão horrível despertar, cheio de remorsos amargos, remorsos sobretudo por ter desconhecido os benfazejos conselhos de seus irmãos espíritas, e o sofrimento moral que sofrerão durará até o dia em que o arrependimento sincero lhes fará serem tomados em piedade por Deus, que lhes concederá o favor de uma nova encarnação.

Muitas pessoas vêem, ainda, nas comunicações espíritas, a obra do demônio; no entanto, o número delas diminui cada dia. Essa feliz diminuição prende-se evidentemente a que a curiosidade levando, seja a visitar os grupos espíritas, seja a ler *O Livro dos Espíritos*, se acha sempre entre os curiosos algumas pessoas que se convencem, sobretudo entre as que lêem *O Livro dos Espíritos*; porque não creiais, senhores, levar sempre adeptos à nossa sublime doutrina fazendo pela primeira vez assistir às nossas sessões; não, disto tenho íntima convicção, uma pessoa completamente estranha à doutrina não estará convencida por aquilo que verá em nossas sessões; ela estará antes disposta a rir dos fenômenos que ali se obtêm, do que a tomá-los a sério.

Quanto a mim, senhores, creio ter feito muito mais pela nova doutrina quando, em lugar de fazer uma pessoa assistir a uma de nossas sessões, pude decidi-la a ler *O Livro dos Espíritos*. Quando tenho a certeza de que essa leitura foi feita e que produziu os frutos que ela não pode deixar de produzir, oh! então que conduzo com alegria a pessoa para um grupo espírita; porque não tenho a certeza, nesse momento, que ela se dará conta de tudo o que verá e ouvirá, e o que, provavelmente, teria feito rir diante da leitura desse livro, produzirá, nessa hora, efeitos diametralmente opostos? Não ousou dizer que ela chorará.

Como melhor finalizar, senhores, senão por uma citação tirada de *O Livro dos Espíritos*; ela convencerá, muito mais do que meus fracos meios não mo permitem, aqueles que duvidam ainda do fundo de verdade sobre o qual repousam as crenças espíritas:

"Aqueles que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo, proclamam por

isso mesmo a sua força; porque uma idéia sem fundamento e destituída de lógica não poderia se tornar universal. Se, pois, o Espiritismo se implanta por toda a parte, se se recruta sobretudo nas classes esclarecidas, assim como todos reconhecem, é que tem um fundo de verdade. Contra essa tendência, todos os esforços de seus detratores serão vãos, e o que o prova, é que o próprio ridículo com o qual procuram cobri-lo, longe de deter-lhe o vôo, parece lhe dar uma nova vida. Este resultado justifica plenamente o que nos disseram muitas vezes os Espíritos: "Não vos inquieteis com a oposição; tudo o que se fizer contra vós voltará para vós, e vossos maiores adversários servirão vossa causa sem o querer. Contra a vontade de Deus, a má vontade dos homens não poderá prevalecer.

CONDAT.

Carta a um pregador, pelo Sr. Dombre

Revista Espírita, setembro de 1862

O P. F..., dominicano, tendo pregado em Marmande, durante o mês de maio último, acreditou dever, num de seus últimos sermões, lançar algumas pedras contra o Espiritismo. O Sr. Dombre teria desejado uma discussão mais aprofundada sobre esse assunto, e que o Sr. abade F..., em lugar de se encerrar nos ataques banais, abordasse resolutamente certas questões de detalhe; mas, temendo que seu nome não tivesse bastante peso para decidir-lhe o assunto, escreveu-lhe a carta seguinte, sob o pseudônimo de *Um católico*:

"Senhor pregador,

"Sigo com assiduidade as vossas instruções dogmáticas de cada noite. Por uma fatalidade que deploro, cheguei um pouco mais tarde, que de costume, sexta-feira, e soube, na saída da igreja, que havíeis começado, em forma de escaramuça, um ataque contra o Espiritismo; disso me regozijo em nome dos católicos fervorosos. Se estou bem informado, eis as questões que teríeis abordado: 1º-O Espiritismo é uma religião nova do século dezenove. 2ºHá, incontestavelmente, comunicação com os Espíritos. 3º As comunicações com os Espíritos, se bem constatadas, se bem reconhecidas, vós vos encarregastes de provar, depois de longos e sérios estudos que fizestes sobre o Espiritismo, que os Espíritos que se comunicam não são outros senão o demônio. 4º Enfim, seria perigoso, do ponto de vista da salvação da alma, ocupar-se do Espiritismo antes que a Igreja não tenha se pronunciado a esse respeito. Gosto muito deste quarto artigo, mas se se reconhece de antemão que é o demônio, a Igreja nada mais tem a fazer (1).

(1) Se a igreja não se pronunciou ainda, a questão do demônio não é, pois, senão uma opinião individual que não tem sanção legal; e isso é tão verdadeiro que nem todos os eclesiásticos a partilham, e conhecemos muitos deles nesse caso. Até mais amplas informações, a dúvida é permitida, e pode-se ver, desde o presente, que essa doutrina do demônio tem pouco império sobre as massas. Se jamais a Igreja a proclamasse oficialmente, seria de temer que não adviesse desse julgamento o que adveio da declaração de heresia e da condenação pronunciada outrora contra o movimento da Terra; o que adveio, em nossos dias dos anátemas lançados contra a ciência a propósito dos seis períodos da criação. Cremos que o clero faria sabiamente e prudentemente em não se apressar muito em resolver um dilema, afirmando uma coisa que até o presente provoca mais incredulidade e mais risos do que medo, e a qual podemos certificar que muitos dos padres não crêem mais que nós, porque ela é ilógica. Expor-se a receber um desmentido do futuro e a se ver forçado a reconhecer que se está errado, é prejudicar a autoridade moral da Igreja, que proclama a infalibilidade de seus julgamentos. Melhor seria, pois, abster-se.

De resto, o que quer se possa dizer ou fazer contra o Espiritismo, a experiência aí está para provar que a sua marcha é irresistível; é uma idéia que se implanta por toda parte com uma rapidez prodigiosa, porque ela satisfaz, ao mesmo tempo, à razão e ao coração. Para detê-lo, seria preciso opor-lhe uma doutrina que satisfizesse mais, e isso não seria certamente pela do demônio e das penas eternas.

"Eis quatro questões importantes que desejo ver resolvidas para confundir num mesmo golpe os *Espíritas* e os *católicos de nome*, que não crêem nem no demônio nem nas penas eternas, todos eles admitindo um Deus e a imortalidade da alma, e os *materialistas* que não crêem em nada.

A essa primeira questão: *O Espiritismo é uma religião*, os Espíritas dizem: Não, o Espiritismo não é uma religião, não pretende ser uma religião. O Espiritismo está fundado sobre a existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outros globos. Esses seres, que nos rodeiam sem cessar, exercem sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; desempenham um papel muito ativo no mundo moral e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo está na Natureza, e pode-se se dizer que, numa certa ordem de coisas, é uma força como a eletricidade o é em um outro ponto de vista, como a gravidade o é num outro. O Espiritismo nos descortina o mundo invisível; não é novo; a história de todos os povos dele fazem menção. O Espiritismo repousa sobre princípios gerais independentes de toda questão dogmática. Ele tem conseqüências morais, é verdade, no sentido do cristianismo, mas não tem nem culto, nem templos, nem ministros; cada um pode se fazer uma religião de suas opiniões, mas daí à constituição de uma nova Igreja, há distância; portanto, o Espiritismo não é uma nova religião. Eis, senhor pregador, o que dizem os Espíritas dessa primeira questão.

"A esta mesma questão os *falsos católicos* e os *materialistas* riem. Os primeiros, se estão entre os felizes deste mundo, riem com desprezo; essa doutrina, que comporta a pluralidade das existências, ou reencarnação, choca-os em suas alegrias e seu orgulho. Retornar talvez numa condição inferior, é horrível pensar! Os Espíritas lhes dizem: "Eis a justiça, a verdadeira igualdade." Mas essa igualdade não lhes vai. Os *materialistas*, espíritos fortes e compostos de pretensos sábios, riem de coração, porque não crêem no futuro: a sorte do pequeno cão que os segue e a sua são absolutamente a mesma coisa, e acham isso preferível.

"À segunda questão: *Há comunicações com os Espíritos*, os Espíritas e nós, fervorosos católicos, estamos de acordo; os falsos católicos e os materialistas fazem o riso da incredulidade.

"À terceira questão: *É só o demônio que se comunica*, os Espíritas riem a seu turno; os materialistas riem também, zombando daqueles que crêem nas comunicações e dos que, nelas crendo, as atribuem aos demônios; os falsos católicos guardam o silêncio e parecem dizer: *Arranjem-se entre vós*.

"À quarta questão: *É preciso esperar que a Igreja se pronuncie*, os Espíritas dizem: "Certamente, virá um dia em que a crença no Espiritismo será tão vulgar, estará tão difundida, que a Igreja, a menos de querer ficar só, será forçada a seguir a corrente. O Espiritismo se fundirá então no catolicismo, e o catolicismo no Espiritismo." A esta questão o materialista ri ainda e diz: "Que me importa!" o falso católico entra numa espécie de despeito; ele não pode, mesmo que se o diga bem alto, se acomodar com essa doutrina: seu egoísmo e seu orgulho nele estão machucados; repele esta eventualidade de uma fusão. "É impossível, diz ele, o Espiritismo não é senão uma utopia que não dará quatro passos no mundo(1)."

"Aceitai, etc.

"Um fervoroso católico."

(1) Falsos católicos, verdadeiros católicos, ou materialistas, são os que têm essa linguagem. Que a tenham dito há alguns anos, isso podia se conceber; mas depois de quatro ou cinco anos já caminharam tanto, tanto fizeram todos os dias, que dentro em pouco chegariam ao objetivo. Procurai na história uma doutrina que haja caminhado tanto em tão pouco tempo. Em presença desse resultado inaudito de uma propagação contra a qual vêm se quebrar todos os raios e todas as zombarias; que cresce em razão da violência dos ataques, é verdadeiramente muito ingênuo dizer que o Espiritismo não é senão fogo de palha. Se assim fora, por que tanta cólera? Deixai-o, pois, se extinguir sozinho. Nós, que estamos nos primeiros camarotes para vê-lo caminhar, que os seguimos em todas as peripécias, nisso vemos a conclusão, e rimos a nosso turno.

A. K.

Em uma carta dirigida a Bordeaux, a esse respeito, o Sr. Dombre disse:

"O Sr. abade F... procurou saber quem era o Espírita e não o fervoroso católico que lhe escrevera essa carta. Seus enviados vieram até mim e me disseram: "Sr. F... teria necessidade de sete a oito sermões para responder, e o tempo lhe falta; depois gostaria de saber o nome daquele com quem tem assunto. - Eu garanto, respondi, que o autor da carta se fará conhecer, se ele quiser respondê-la do púlpito." Parece que se sabe aqui, por experiência, que quanto mais se fale contra o Espiritismo, mas se fazem prosélitos, e que se julgou a propósito guardar silêncio, porque o Sr. abade F... partiu sem tornar a falar.

"Ireis me dizer que talvez haja um pouco de temeridade em querer entrar assim na liça; conheço a necessidade de nossa localidade; é preciso ruído. Os inimigos sistemáticos ou interessados do Espiritismo não pediriam senão o mutismo, e eu quero ensurdecê-los de discussões. Há sempre, em torno dos incrédulos que discutem, os indiferentes ou os dispostos a crer que retiram um proveito da luta, relativamente à instrução espírita. - Mas pensai, dir-me-eis talvez, sair honrosamente dessas polêmicas? - Pois bem! meu Deus! quando se é assinante da *Revista Espírita*, que se leu todos os livros da doutrina, que se está inteiramente mergulhado nos argumentos sobre os quais ela se apóia, e sobre os dos Espíritos que se comunicam, sai-se de lá como Minerva, armado dos pés à cabeça, e não se teme nada."

Nota. — Diz-se: Credes na reencarnação, e a pluralidade das existências é contrária aos dogmas que não admite senão uma delas; portanto, por isso mesmo, estais fora da Igreja.

A isso, repetiremos o que dissemos cem vezes: Colocastes, outrora, fora da Igreja, anatematizados, excomungados, condenados como heréticos, aqueles que acreditavam no movimento da Terra. - Foi, dizeis, num tempo de ignorância. - Seja; mas se a Igreja é infalível, ela deveria sê-lo então como hoje, e sua infalibilidade não pode estar submetida às flutuações da ciência mundana. Mas muito recentemente, há apenas um quarto de século, neste século de luz, não foram igualmente condenadas as descobertas da ciência no que toca à formação do globo? O que disso adveio hoje? E o que teria advindo se ela tivesse persistido em repelir de seu seio todos os aqueles que crêem naquelas coisas? Não haveria mais católicos, nem mesmo o papa. Por que, pois, a Igreja deve ceder? É porque o movimento dos astros e sua formação repousam sobre as leis da Natureza, e que, contra

essas leis, não há opinião que possa ter.

Quanto à reencarnação, de duas coisas uma: ou ela existe, ou ela não existe: não há meio termo. Se ela existe, é que está nas leis da Natureza. Se um dogma diz outra coisa, trata-se de saber quem tem a razão, o dogma ou a Natureza, que é obra de Deus. A reencarnação não é, pois, uma opinião, um sistema, como uma opinião política ou social, que se pode adotar ou recusar; é um fato ou não o é; se é um fato, é inútil não ser do gosto de todo o mundo, tudo o que se disser não o impedirá de ser um fato.

Creemos firmemente, por nossa conta, que a reencarnação, longe de ser contrária aos dogmas, dá de vários uma explicação lógica que os faz aceitar pela maioria daqueles que os repeliam, porque não os compreendiam; a prova disso está no grande número de pessoas reconduzidas à crença religiosa pelo Espiritismo. Mas admitamos essa incompatibilidade, se o quiserdes; nos colocamos decididamente esta questão: "Quando a pluralidade das existências for reconhecida, o que não tardará, como uma lei natural; quando todo o mundo reconhecer esta lei como a *única* compatível com a justiça de Deus, e como podendo explicar *sozinha* o que, sem isso, é inexplicável, que fareis?" - Fareis o que fizestes para com o movimento da Terra e os seis dias da criação, e não será difícil conciliar o dogma com esta lei.

A. K.

O Espiritismo numa distribuição de prêmio

Revista Espírita, setembro de 1862

Um dos nossos colegas da Sociedade Espírita de Paris nos comunica a carta seguinte, que dirigiu às diretoras do pensionato onde está uma de suas filhas, em Paris:

"Senhoras,

"Peco-vos permitir-me algumas reflexões sobre um discurso pronunciado na distribuição de prêmio de vosso pensionato; minha qualidade de pai de família, e sobretudo a de pai de uma de vossas alunas, me dá alguns direitos à esta apreciação.

"O autor desse discurso, estranho ao vosso estabelecimento, e professor, me foi dito, do colégio C..., consagrou-se a uma longa ironia, não sei verdadeiramente a propósito de que, sobre a ciência espírita e os médiuns. Que ele emitisse sua opinião, sobre esse assunto, em outra circunstância, eu o compreenderia; mas diante de um auditório como aquele ao qual falava, diante de pessoas jovens confiadas aos vossos cuidados, permiti-me dizer que esta questão estava deslocada, e que foi mal escolhido seu tema para procurar produzir o efeito.

"Esse senhor disse, entre outras coisas, que "todas as pessoas que se ocupam de experiências de mesas e outros fenômenos ditos espíritas, ou da ordem psicológica são malabaristas, ingênuas ou estúpidas."

"Sou, senhoras, do número daqueles que se ocupam disso, e não o escondem, e tenho a certeza de não ter sido o único em vossa reunião. Não tenho a pretensão de ser sábio, como vosso orador, e a esse título posso ser talvez estúpido no seu ponto de vista; todavia, a expressão é bastante inconveniente quando dirigida a pessoas que não se conhece, e que se generaliza o pensamento; mas, certamente, minha posição e meu caráter me colocam ao abrigo do epíteto de malabarista. Esse senhor parece ignorar que essa estupidez conta hoje seus adeptos por milhões no mundo inteiro, e que esses pretensos malabaristas se encontram até nas classes mais elevadas da sociedade, sem que tivesse refletido que suas palavras podiam ir ao encontro de mais de um de seus ouvintes. Se provou, por essa saída intempestiva, uma falta de tato e da arte de bem viver, provou igualmente que falava de uma coisa que jamais estudou.

"Quanto a mim, senhoras, há quatro anos, estudo, observo, e o resultado de minhas observações me convenceu, como tantos outros, que nosso mundo material pode, em certas circunstâncias, pôr-se em relação com o mundo espiritual. As provas desse fato, tive-as aos milhares, por toda parte, em todos os países que visitei, e sabeí que vi muitas delas, em minha família, com minha mulher que é médium sem ser uma malabarista, com parentes, com amigos que, como eu, procuram a verdade.

"Não penseis, senhoras, que acreditei no primeiro golpe, sem exame; como disse, estudei e observei conscienciosamente, friamente, com calma e sem tomar partido, e não foi senão depois de maduras reflexões que tive a felicidade de me convencer da realidade dessas

coisas. Digo a felicidade, porque, eu o confessarei, o ensinamento religioso que tinha recebido, não sendo suficiente para esclarecer minha razão, tornara-me cético. Agora, graças ao Espiritismo, às provas patentes que ele fornece, não o sou mais, porque pude me assegurar da imortalidade da alma e de suas conseqüências. Se está aí o que esse senhor chama uma estupidez, ao menos deveria se abster de dizer-lo diante de vossos alunos, que poderão bem, e muito mais cedo do que não o pensais talvez, se darem conta dos fenômenos dos quais se lhes levantou o véu. Bastar-lhes-á para isso entrar no mundo; a nova ciência nele faz grandes e rápidos progressos, eu vos asseguro. Então, não há a temer que elas façam esta reflexão: Se se nos induziu em erro sobre essas matérias; se se quis nos esconder a verdade, não pode ocorrer que se nos hajam enganado sobre outros pontos? Na dúvida, a mais vulgar prudência manda abster-se; em todos os casos, não era nem o lugar, nem o momento de tratar de semelhante assunto.

"Acreditei dever, senhoras, vos comunicar as minhas impressões; buscai, eu vos peço, acolhê-las com a vossa bondade habitual.

"Aceitai, etc.

"A.GASSIER.

"3 8, rua da Chaussée-cTAntin."

Nota. - Difundindo-se o Espiritismo por toda a parte, é muito raro que uma assembléia qualquer não tenha mais ou menos adeptos. Entregar-se a saídas virulentas contra uma opinião que cresce sem cessar; servir-se, para esse propósito, de expressões ferinas diante de um auditório que não se conhece, é expor-se a molestar as pessoas mais respeitáveis, e, algumas vezes, ver-se chamado à ordem; fazê-lo numa reunião que, por sua natureza, manda mais do que toda outra a estrita observação das conveniências, onde toda palavra deve ter um ensinamento, é uma falta. Que uma dessas pessoas jovens, cujos pais se ocupam do Espiritismo, venha lhes dizer: "Sois malabaristas, ingênuos ou estúpidos," não poderiam se desculpar dizendo: "É o que se ensina na distribuição de prêmios?" Esse senhor teria tomado uma saída semelhante contra os protestantes, ou os judeus, dizendo que são todos heréticos e condenados às penas eternas; contra tal ou tal opinião política? Não, porque há poucos pensionatos onde não haja alunos cujos pais professam diferentes opiniões políticas ou religiosas, e temer-se-ia ferir estes últimos. Pois bem! que ele saiba que há hoje, só na França, tantos Espíritas quantos há de judeus e protestantes, e que, antes que seja muito tempo, haverá tantos quantos há de católicos.

De resto, ali, como por toda a parte, o efeito irá direto contra a intenção. Eis uma multidão de moças curiosas, das quais muitas jamais ouviram falar dessas coisas, e que quererão saber o que são na primeira ocasião; tentarão a mediunidade, e, infalivelmente, mais de uma triunfará; elas disso falarão às suas companheiras, e assim por diante. Vós as proibis disso se ocuparem; amedrontá-las-eis com a idéia do diabo; mas isso será uma razão a mais para que façam às escondidas, porque quererão saber o que o diabo lhes dirá. Não ouvem elas todos os dias falar de bons diabos, de diabos cor de rosa? Ora, ali está o verdadeiro perigo, porque, com falta de experiência e sem guia prudente e esclarecido, poderão achar-se sob uma influência perniciosa, da qual não saberão se desembaraçar, e de onde podem resultar inconvenientes tanto mais graves que, em conseqüência da proibição que lhes terá sido feita, e por medo de uma punição, elas não ousarão nada dizer. Vós as proibis de escrever? Isto nem sempre é fácil: os donos da pensão disso sabem alguma coisa; mas que fareis com aquelas que se tornarão médiuns videntes e audientes? Tapar-lhe-eis os olhos e os ouvidos? Eis, senhor orador, o que pode produzir o vosso

imprudente discurso, com o qual, provavelmente, ficastes muito satisfeito.

O resultado é todo outro entre as crianças levadas por seus pais àquelas idéias; primeiro, nada têm a esconder, e estão, assim, preservadas do perigo da inexperiência; depois, isso lhes dá, em boa hora, uma piedade razoável que a idade fortalece e não pode enfraquecer; tornam-se mais dóceis, mais submissas, mais respeitosas; a certeza que têm da presença de seus pais mortos que as vêem sem cessar, com os quais podem conversar, e dos quais recebem sábios conselhos, é para elas um freio poderoso pelo temor salutar que lhes inspira. Quando a geração for ensinada nas crenças espíritas, ver-se-á a juventude diferente, mais estudiosa e menos turbulenta. Pode-se isso já julgar pelos efeitos que essas idéias produzem sobre os jovens que delas estão compenetrados.

Perseguições

Revista Espírita, setembro de 1862

Tendo a zombaria se enfraquecido contra a couraça do Espiritismo, e servindo mais para propagá-lo do que para desacreditá-lo, seus inimigos tentam um outro meio que, nós o dizemos antecipadamente, não triunfará melhor e, provavelmente, fará ainda mais prosélitos; esse meio é a perseguição. Dizemos que Ihe fará mais, por uma razão muito simples, é que tomando o Espiritismo a sério, com isto ele cresce enormemente de importância; e depois, liga-se tanto mais a uma causa quanto ela mais fez sofrer. Sem dúvida, lembra-se das belas comunicações que foram dadas sobre os mártires do Espiritismo, e que publicamos na *Revista Espírita* do mês de abril último. Esta fase estava anunciada há muito tempo pelos Espíritos:

"Quando ver-se-á, disseram, a arma do ridículo impotente, tentar-se-á a da perseguição; não haverá mais mártires sangrentos, mas muitos terão de sofrer em seus interesses e em suas aflições; procurar-se-á desunir as famílias, reduzir os adeptos pela fome, aborrecê-los a golpes de alfinetes, às vezes, mais pungentes do que a morte; mas ali ainda encontrarão almas sólidas e fervorosas que saberão desafiar as misérias deste mundo, em vista do futuro melhor que as espera. Lembrai-vos das palavras do divino Salvador: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados." Tranqüilizai-vos, no entanto; a era da perseguição, na qual logo entrareis, será de curta duração, e vossos inimigos dela não retirarão senão a vergonha, porque as armas que apontarão para vós se voltarão contra eles."

A era predita começou; assinalam-nos de diferentes lados atos que se lamenta serem feitos pelos ministros de um Deus de paz e de caridade. Não falaremos das violências feitas à consciência expulsando da Igreja aqueles que ali conduzem o Espiritismo; tendo esse meio tido resultados quase negativos, procuraram outros mais eficazes; poderíamos citar localidades onde as pessoas que vivem de seu trabalho foram ameaçadas de se ver arrebatados seus recursos; outras onde os adeptos foram assinalados à animosidade pública fazendo correr contra eles os moleques da rua; outras em que despedem da escola as crianças cujos pais se ocupam do Espiritismo; uma outra em que um pobre professor, primário foi destituído e reduzido à miséria, porque tinha em sua casa *O Livro dos Espíritos*. Temos deste último uma tocante prece em versos, onde respiram os mais nobres sentimentos, a piedade mais sincera; acrescentamos que um Espírita benfazejo estendeu-lhe mão segura; acrescentamos ainda que foi nessa circunstância vítima de uma infame traição por parte de um homem em quem tinha confiado, e que pareceu entusiasmado com esse livro.

Em pequena cidade onde o Espiritismo conta com um número bastante grande de partidários, um missionário disse do púlpito, nesta última quaresma: "Espero muito que no auditório não haja senão fiéis, e que não haja nem judeus, nem protestantes, nem Espíritos." Parece que ele contava muito pouco com sua palavra para converter aqueles que tivessem vindo ouvi-lo com o objetivo de se esclarecer. Em um município, perto de Bordeaux, quiseram impedir os Espíritos de se reunirem em mais de cinco, sob o pretexto de que a lei a isso se opunha; mas uma autoridade superior levou a autoridade local à legalidade. Resultou desse pequeno vexame que hoje os três quartos deste município são Espíritos. No departamento de Tarn-et-Garonne, os Espíritos de várias localidades querendo se reunir, foram assinalados como conspirando contra o governo. Esta acusação ridícula caiu bem depressa, como deveria ser, e dela se riu.

Como contra, nos foi citado um magistrado que disse: "Praza a Deus que todo o mundo fosse Espírita! nossos tribunais teriam menos, e a ordem pública não teria nada a temer." Ele disse uma grande e profunda verdade; porque se começa a perceber a influência moralizadora que o Espiritismo exerce sobre as massas. Não é um resultado maravilhoso ver homens, sob o império desta crença, renunciarem à embriaguez, aos seus hábitos de deboche, aos excessos degradantes e ao suicídio; homens violentos se tornarem organizados, dóceis, pacíficos e bons pais de família; homens que blasfemavam o nome de Deus, orar com fervor, e se aproximar piedosamente dos altares? E são esses homens que expulsais da Igreja! Ah! pedi a Deus que, se reserva ainda à Humanidade dias de prova, haja muitos Espíritas; porque estes aprenderam a perdoar a seus inimigos, considerando como primeiro dever do cristão lhes estender a mão no momento do perigo, em lugar de lhes meter o pé sobre a garganta.

Um livreiro de Charente nos escreveu o que se segue:

"Não tenho medo de ostentar abertamente minhas opiniões espíritas; deixei de lado mesquinhas mundanas, sem me preocupar se, o que faço, não prejudicaria o meu comércio. Estava, entretanto, longe de esperar o que me ocorreu. Se o mal tivesse se detido em pequenos tormentos, ele não foi grande; mas, ah! graças àqueles que compreendem pouco a religião, tornei-me a ovelha negra da tropa, a peste do lugar; fui mostrado como precursor do Anticristo. Empregaram-se todas as influências, a calúnia mesmo, para me fazer cair, para afastar meus clientes, para me arruinar em uma palavra. Ah! os Espíritos nos falam de perseguições, de mártires do Espiritismo; disso me orgulho, mas, certamente, sou do número das vítimas; minha família disso sofre, é verdade; mas tenho para minha consolação de ter uma mulher que partilha minhas idéias espíritas. Tarda-me para que meus filhos estejam na idade de compreender essa bela doutrina; prendo-me em esclarecê-los em nossas queridas crenças. Que Deus me conserve a possibilidade - o que quer que se faça para me tirá-la - de instruí-los e de prepará-los para lutarem a seu turno, se for preciso. Os fatos que narraís, em vossa Revista no mês de maio, têm uma analogia chocante com o que me aconteceu. Como o autor da carta, fui expulso impiedosamente do tribunal da penitência; meu cura queria, antes de tudo, fazer com que eu renunciasse às minhas idéias espíritas; resulta de sua imprudência que não me verá mais em seus ofícios; se fiz mal, deixo disso a responsabilidade ao seu autor."

Extraímos as passagens seguintes de uma carta que nos foi dirigida de uma aldeia do Vosges. Embora estejamos autorizados a não calar nem o nome do autor, nem o da localidade, nós não o fazemos por motivos de conveniência, que se apreciará; mas temos a carta nas mãos para dela fazer uso que creiamos útil. Ocorre o mesmo para todos os fatos que adiantamos, e que, segundo a sua maior ou menor importância, figurarão, mais tarde, na história do estabelecimento do Espiritismo.

"Não sou bastante versado na literatura para tratar dignamente o assunto que empreendo; todavia, tentarei me fazer compreender, na condição de que suprireis a falta de meu estilo e de minha redação, porque há vários meses queimo pelo desejo de me unir a vós por correspondência, a estando-o já pelos sentimentos desde que meu filho me enviou os preciosos livros contendo a instrução da Doutrina Espírita e a dos médiuns. Eu chegava do campo ao cair da noite; notei esses livros que o correio me trouxera; apressava-me em jantar e me deitar, tendo a vela acesa junto de meu leito, pensando ler até o momento em que o sono viesse me fechar os olhos, mas li toda a noite com uma tal avidez que não senti o menor desejo de dormir."

Segue a enumeração das causas que tinham levado nele a incredulidade religiosa absoluta, e que passamos por respeito humano.

"Todas essas considerações me passam diariamente no espírito; o desgosto se apoderou de mim; tinha caído num estado de ceticismo o mais endurecido; depois em minha triste solidão de tédio e de desespero, cria-me inútil à sociedade, tinha decidido pôr fim em meus dias tão infelizes pelo suicídio.

"Ah! senhor, não sei se alguém poderá jamais se fazer uma idéia do efeito que produziu sobre mim a leitura de *O Livro dos Espíritos*; a confiança renasceu, o amor de Deus se apoderou de meu coração e eu sentia como um bálsamo divino se derramando sobre todo o meu ser. Ah! dizia-me, toda a minha vida procurei a verdade e a justiça de Deus e não encontrei senão o abuso e a mentira; e agora, sobre os meus velhos dias, tenho, pois, a felicidade de encontrar essa verdade tão desejada. Que mudança em minha situação que, de tão triste, tornou-se tão doce! Agora me encontro continuamente em presença de Deus e de seus Espíritos bem-aventurados, meu criador, protetores amigos fiéis; creio que as mais belas expressões dos poetas seriam insuficientes para pintar uma situação tão agradável; quando meu fraco peito pode permiti-lo, encontro minha distração no canto dos hinos e dos cânticos que creio ser-lhe o mais agradável; enfim, sou feliz graças ao Espiritismo. Recentemente escrevi ao meu filho que me enviando esses livros, me havia tornado mais feliz do que se me tivesse posto na cabeça a fortuna mais brilhante."

Segue o relato detalhado de tentativas de mediunidade feitas na aldeia entre vários adeptos e os resultados obtidos; entre eles se encontravam vários médiuns, dos quais um parecia bastante notável. Chamaram parentes e amigos, que vieram lhes dar provas incontestáveis de identidade, e Espíritos superiores que lhes deram excelentes conselhos.

"Todas essas evocações foram narradas aos ouvidos do Sr. cura, por compadres e comadres, que as desnaturaram em grande parte. A dezoito de maio último, o Sr. cura, dando o catecismo aos seus alunos da primeira comunhão, vomitou mil injúrias contra a casa C... (um dos principais adeptos) e contra mim; depois ele dizia ao filho C...: "Tu, eu não te quero mais, mas em dois anos serás bastante forte para ganhar tua vida; aconselho-te a deixar teus pais, eles não são capazes de te dar bons conselhos." Eis um bom catecismo! Na véspera, ele subiu propositadamente ao púlpito para recomençar o discurso que tivera com seus alunos um instante antes, dizendo com uma grande volubilidade que nada conhecemos do inferno, que não arriscamos nada para nos entregar ao roubo e à rapina para nos enriquecer às custas de outrem; que era nos dar aos sortilégios e às superstições da Idade Média, e mil outras invectivas.

"A esse propósito, escrevi uma carta ao Sr. procurador imperial de M...; mas antes de enviá-la quis consultar o Espírito de São Vicente de Paulo na nossa próxima reunião. Esse bom Espírito fez o médium escrever o que se segue: "Lembrai-vos destas palavras do Cristo: "Perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem." Depois do que, queimei minha carta.

A fama dessa doutrina se difunde em todas as aldeias vizinhas; várias me pediram e fazem pedir meus livros, mas não me restam mais; todos aqueles que compreendem um pouco a leitura querem lê-los e os passam de mão em mão."

"Depois de ter lido *O Livro dos Espíritos* e o dos *Médiuns*, meu primeiro cuidado foi tentar se podia ser médium. Durante oito dias nada tendo obtido, escrevi ao meu filho minha falta de sucesso. Como morava em sua casa um magnetizador, este lhe propôs me escrever uma carta que ele magnetizaria, e que com isso eu podia fazer infalivelmente a evocação de

minha defunta. O pobre magnetizador não pensava que me proporcionava as varas para fazer chicotear. Com isso tornei-me médium auditivo; coloquei-me de novo em posição de escrever e logo me foi dito ao ouvido: "Procuram enganar teu filho." Durante três dias consecutivos, com uma força progressiva, essa advertência vinha-me ao ouvido e tirava-me a atenção que devia pôr naquilo que fazia. Disso escrevi a meu filho para adverti-lo de desconfiar desse homem. Pelo retorno do correio, respondeu-me para me censurar as dúvidas que tinha contra esse homem, a quem dava toda a sua confiança. Poucos dias depois recebi dele uma nova carta, que mudava de linguagem, dizendo que tinha colocado à porta esse infeliz tratante que, vestindo-se por fora de um homem honesto, servia-se dessa pretensa qualidade para melhor prender suas vítimas. Colocando-o à porta, mostrou-lhe minha carta, que, a cem léguas de distância, o tinha pintado tão bem."

Esta carta não tem necessidade de comentários; vê-se que o discurso do Sr. cura produziu seu efeito no meio desses camponeses, como alhures. Se foi o diabo que tomou, nessa circunstância, o nome de São Vicente de Paulo, o Sr. cura deve com isso estar satisfeito! Temos razão em dizer que os próprios adversários fazem a propaganda e servem à nossa causa sem o querer? Dizemos, no entanto, que fato semelhante são antes exceções do que a regra; pelo menos gostamos de assim pensar; conhecemos muitos honrados eclesiásticos que deploram essas coisas como impolíticas e imprudentes. Se nos assinalam alguns atos lamentáveis, nos assinalam também um bom número deles de um caráter verdadeiramente evangélico. Um sacerdote dizia a uma de suas penitentes que o consultava sobre o Espiritismo: "Nada chega sem a permissão de Deus; portanto, uma vez que essas coisas ocorrem, é que não podem ser senão por sua vontade." - Um moribundo fez chamar um sacerdote e lhe disse: "Meu pai, há cinqüenta anos que não freqüentava mais as igrejas e que já havia esquecido Deus; foi o Espiritismo que me conduziu de novo a ele e que é a causa que me fez vos chamar antes de morrer; dar-me-eis a absolvição? -- Meu filho, responde o sacerdote, os objetivos de Deus são impenetráveis; rendei-lhe graça por vos ter enviado essa tábua de salvação: morrei em paz." - Poderíamos citar cem exemplos semelhantes.

Uma Reconciliação pelo Espiritismo

Revista Espírita, setembro de 1862

O Espiritismo muitas vezes provou a sua benfazeja influência restabelecendo a boa harmonia nas famílias e entre os indivíduos. Disso temos numerosos exemplos, mas a maioria são de fatos íntimos que nos são confiados, poder-se-ia dizer sob o segredo da confissão, e que não nos pertence revelar. Não temos o mesmo escrúpulo para o fato seguinte, que oferece um interesse tocante.

Um capitão de navio negociante do Havre, que conhecemos pessoalmente, é ao mesmo tempo excelente Espírita e bom médium. Vários homens de sua tripulação foram iniciados por ele na Doutrina, ele não tivera senão que disso se louvar pela ordem, a disciplina e a boa conduta. Havia a bordo seu jovem irmão de dezoito anos, e um prático de piloto de dezenove anos, ambos bons médiuns, animados de uma fé viva e recebendo com fervor e reconhecimento os sábios conselhos de seus Espíritos protetores. Uma noite, todavia, se tomam de querela; das palavras vão às vias de fato; tão bem que marcam um encontro para a manhã do dia seguinte, a fim de se baterem em algum canto do navio. Tomada essa resolução, eles se separam. Na noite, foram os dois tomados da necessidade de escrever e receberam, cada um de seu lado, de seus guias invisíveis, uma enérgica admoestação sobre a futilidade de sua disputa, e conselhos sobre a alegria da amizade, com um convite de se reconciliarem, sem pensamento dissimulado. Os dois jovens, movidos pelo mesmo sentimento, deixaram simultaneamente seu lugar e vieram, chorando, se lançar um nos braços do outro, e depois nenhuma nuvem perturbou entre eles o entendimento.

Foi do próprio capitão que tivemos esse relato; tivemos sob os olhos o caderno de suas comunicações espíritas, assim como o dos dois jovens, onde vimos aquela da qual acabamos de falar.

O fato seguinte ocorreu ao mesmo capitão em uma de suas travessias. Ser-nos-á grato transcrever, embora seja estranho ao nosso assunto. - Estava em pleno mar, pelo melhor tempo do mundo, quando recebi a comunicação seguinte: 'Toma todas as precauções; amanhã às duas horas estourará uma borrasca, e teu navio corre o maior perigo.' Como nada podia fazer prever o mau tempo, o capitão acreditou primeiro numa mistificação; entretanto, para não ter nada a se censurar, o que quer que aconteça, preparou-se. Isso foi bom para ele; porque à hora dita, uma violenta tempestade se desencadeou, e durante três dias seu navio correu um dos maiores perigos que ele jamais correu; mas, graças às precauções tomadas, dela se saiu sem acidente.

O fato da reconciliação nos sugeriu as reflexões seguintes.

Um dos resultados do Espiritismo *bem compreendido*, - apoiamo-nos sobre estas palavras: *bem compreendido*, - é de desenvolver o sentimento da caridade; mas a própria caridade, como se sabe, tem uma aceção muito extensa, desde a simples esmola até o amor aos seus inimigos, que é o sublime da caridade; pode-se dizer que ela resume todos os nobres impulsos da alma para com o próximo. O verdadeiro Espírita, como verdadeiro cristão, pode

ter inimigos; - o Cristo não os teve? -Mas não é o inimigo de ninguém, porque está sempre pronto a perdoar e a restituir o bem pelo mal. Que dois verdadeiros Espíritos hajam tido outrora motivos de animosidade recíproca, sua reconciliação será fácil, porque o ofendido esquece a ofensa e o ofensor reconhece seus erros; desde então entre eles não há mais querelas, porque serão indulgentes um com outro e se farão concessões mútuas; nenhum dos dois procurará impor ao outro um humilhante perdão que irrite e fira mais do que não acalme.

Se em tais condições dois indivíduos podem viver em boa harmonia, pode sê-lo assim com um maior número, e desde então serão tão felizes quanto se pode sê-lo sobre a Terra, porque a maioria de nossas tribulações nasce do contato dos maus. Suponde, pois, uma nação inteira imbuída desses princípios, não seria a mais feliz do mundo? O que é apenas possível para os indivíduos, dir-se-á, é uma utopia para as massas, a menos que se dê um milagre. Pois bem! esse milagre, o Espiritismo já fez muitas vezes em pequeno para famílias desunidas, onde reconduziu a paz e a concórdia; e o futuro provará que pode fazê-lo sobre uma grande escala.

Respostas ao convite dos Espíritas de Lyon e de Bordeaux

Revista Espírita, setembro de 1862

Meus caros irmão e amigos espíritas de Lyon,

Apresso-me em vos dizer o quanto sou sensível ao novo testemunho de simpatia que vindes de me dar, pelo vosso amável e gracioso convite de ir vos visitar ainda este ano. Aceito-o com prazer, porque é sempre uma alegria para mim encontrar-me em vosso meio.

Minha alegria é grande, meus amigos, em ver a família crescer a vista d'olhos; é a mais eloqüente resposta a dar aos tolos e ignóbeis ataques contra o Espiritismo. Parece que esse crescimento aumenta seu furor, porque recebo hoje mesmo uma carta de Lyon, que me anuncia o envio de um jornal desta cidade, *la France littéraire*, onde a doutrina em geral, e minhas obras em particular, são achincalhadas de maneira tão repugnante que me pergunto se é preciso responder-lhe pela imprensa ou pelos tribunais. Digo que é preciso responder-lhe pelo desprezo. Se a doutrina não fizesse nenhum progresso, se minhas obras fossem natimortas, com elas não se inquietariam e nem diriam nada. São os nossos sucessos que exasperam os nossos inimigos. Deixemo-los, pois, exalar sua raiva impotente, porque essa raiva mostra que sentem que sua derrota está próxima; não são bastante tolos para se lançarem sobre um monstro. Quanto mais seus ataques são ignóbeis, menos eles são a temer, porque são desprezados por todas as pessoas honestas, e provam que não têm nenhuma boa razão para o povo, uma vez que não sabem dizer senão injúrias.

Continuai, pois, meus amigos, a grande obra de regeneração começada sob tão felizes auspícios, e logo recolhereis os frutos de vossa perseverança. Provai sobretudo por vossa união, e pela prática do bem, que o Espiritismo é a garantia da paz e da concórdia entre os homens, e fazei que, em vos vendo, possa se dizer que seria a desejar que todo o mundo fosse espírita.

Estou feliz, meus amigos, em ver tantos grupos unidos num mesmo sentimento, e caminhar em comum acordo para esse nobre objetivo que nos propusemos. Sendo esse objetivo exatamente o mesmo para todos, não poderia nele haver divisão; uma mesma bandeira deve vos guiar, e sobre esta bandeira está escrito: *Fora da caridade não há salvação*. Ficai certos de que será ao redor dela que a Humanidade inteira sentirá necessidade de se unir, quando estiver cansada das lutas engendradas pelo orgulho, pelo ciúme e pela cupidez. Esta máxima, verdadeira âncora de salvação, porque ela será o repouso depois da fadiga, o Espiritismo terá a glória de tê-la proclamado primeiro; inscrevei-a em todos os lugares de reunião e em vossas casas particulares; que ela seja doravante a palavra de união entre todos os homens que querem sinceramente o bem, sem pensamento dissimulado pessoal; mas fazei melhor ainda, gravai-a em vossos corações, e gozareis desde o presente da calma e da serenidade que nela haurirão as gerações futuras, quando ela for a base das relações sociais. Sois os vanguardeiros; deveis dar o exemplo para encorajar os outros a vos seguir.

Não olvideis que a tática de vossos inimigos *encarnados* ou *desencarnados* é de vos dividir;

provai-lhes que perdem seu tempo se tentam suscitar entre os grupos sentimentos de ciúme e de rivalidade, que seria uma apostasia da verdadeira Doutrina Espírita Cristã.

As *quinhentas* assinaturas que acompanham o convite que consentistes me endereçar são um protesto contra essa tentativa, e a vários que estou feliz em vê-los. Aos meus olhos, é mais do que uma simples forma; é um convite para marchar no caminho que os bons Espíritos nos traçam. Eu os conservarei preciosamente, porque serão um dia os gloriosos arquivos do Espiritismo.

Uma palavra ainda, meus amigos. Indo vos ver, desejo uma coisa, é que não haja banquete, e isso por vários motivos. Não quero que a minha visita seja uma ocasião de despesa, que poderia impedir a alguns de ali se encontrarem, e me privar do prazer de vos ver todos reunidos. Os tempos são duros; não é preciso, pois, fazer despesa inútil. O dinheiro que custaria será melhor empregado vindo em ajuda daqueles que dele terão necessidade mais tarde. E vo-lo digo com toda a sinceridade, o pensamento de que o que faríeis por mim, nessa circunstância, poderia ser uma causa de privação para muitos, me tiraria todo o prazer da reunião. Não vou a Lyon nem para exhibir nem para receber homenagens, mas para conversar convosco, consolar os aflitos, dar coragem aos fracos, vos ajudar com meus conselhos tanto quanto estiver em meu poder fazê-lo; e o que podeis me oferecer de mais agradável é o espetáculo de uma boa, franca e sólida união. Crede bem que os termos tão afetuosos de vosso convite, valem mais para mim do que todos os banquetes do mundo, me fossem ofertados num palácio. Que me restaria de um banquete? Nada; ao passo que o vosso convite me fica como uma preciosa lembrança e uma garantia de vossa afeição.

Logo, meus amigos, se Deus quiser, terei o prazer de vos apertar cordialmente a mão.

A.K.

Ao Senhor Sabô, de Bordeaux.

Estou muito sensibilizado com o desejo que me testemunhou um grande número de espíritas de Bordeaux de me ver, ainda este ano, entre eles. Se nenhum obstáculo imprevisto a isso se opor, estou sempre na intenção de ir lhes fazer uma pequena visita, não fosse senão para agradecer-lhes pela boa acolhida do último ano; mas vos seria muito reconhecido em lhes fazer saber que desejo que não haja banquete. Não vou entre eles para receber ovações, mas para dar instruções àqueles que crerem delas ter necessidade e com os quais estarei feliz em conversar. Alguns consentiram em dar à minha visita o nome de visita pastoral; eu não desejo que ela tenha um outro caráter. Crede bem que me terei por mais honrado com uma franca e cordial acolhida na forma mais simples, do que de uma recepção cerimoniosa que não convém nem ao meu caráter, nem aos meus hábitos, nem aos meus princípios. Se a união não reinar entre eles, não será um banquete que a fará nascer, ao contrário; se ela existe, pode-se manifestar de outro modo do que por uma festa onde o amor-próprio pode encontrar sua conta, mas que não poderia tocar um verdadeiro Espírita, e por uma despesa inútil que seria melhor empregada para aliviar o infortúnio. Cotizai-vos, pois, em minha intenção, se o quiserdes, e permiti-me juntar-lhe meu óbolo; mas, em lugar de comer o dinheiro, que sirva para dar de comer àqueles a quem falte o necessário. Então isso será a festa do coração, e não a do estômago. Mais vale ser bendito pelos infelizes do que pelos cozinheiros.

A sinceridade da união se traduz pelos atos, e mais ainda pelos atos íntimos do que pelas

demonstrações aparatosas. Que eu veja por toda a parte a paz e a concórdia reinar na grande família; que cada um coloque de lado as vãs suscetibilidade, as rivalidades pueris, filhas do orgulho; que todos não tenham senão um objetivo: o triunfo e a propagação da doutrina, e que todos a isso concorram com zelo, perseverança e abnegação de todo interesse e de toda a vaidade pessoal; eis o que será para mim uma verdadeira festa, o que me encherá de alegria e me fará trazer, de minha segunda estada em Bordeaux, a mais doce e a mais agradável lembrança.

Buscai, eu vos peço, dar parte de minhas intenções aos nossos irmãos espíritas e me crer, etc.

A.K.

Acreditamos dever publicar estas duas respostas, a fim de que não se equivoque sobre os sentimentos que nos guiam nas visitas que fazemos aos centros espíritas. Aproveitamos esta ocasião para agradecer aquelas outras cidades que nos fizeram semelhantes convites; lamentamos que o tempo não nos permita ir por toda a parte; nós o faremos sucessivamente.

No momento de publicar um convite, dos mais graciosos e dos mais prementes, nos foi igualmente feito em nome dos membros da Sociedade Espírita de Viena, na Áustria, ao qual, com nosso lamento, nos é de toda impossibilidade atender neste ano.

Poesias espíritas

Revista Espírita, setembro de 1862

Peregrinações da alma.

Do mesmo modo que do sangue a menor partícula,
Jorrando do coração, em nossas veias circula,
Nossa vida, emanando da Divindade,
Gravita o infinito durante a eternidade.

Nosso globo é um lugar de prova, de sofrimento;
É aí que estão os choros, os ranger de dentes;
Sim, é aí que está o inferno do qual nossa libertação
Prende-se ao grau do mal de nossos antecedentes.

É assim que cada um, deixando este baixo mundo,
Se eleva mais ou menos para um mundo etéreo.
Segundo seja mais puro ou mais ou menos imundo,
Seu ser se liberta ou se acha atraído.

Ninguém pode dos eleitos alcançar a carreira
Sem ter por inteiro expiado as suas faltas,
Se o cruciante remorso, o lamento, a prece,
Não lançaram sobre seus erros um véu de benefícios.

Assim o Espírito errante, ou antes a alma em pena,
Vem tomar um novo corpo neste mundo para sofrer,
Renascer para a virtude na família humana,
Depurar-se pelo bem, e de novo morrer.

Sua santa missão uma vez terminada,
Súbito Deus os retira para a celeste morada,
E progressivamente sua alma é elevada
Ao foco infinito do oceano de amor,

Ao nosso turno, também, nossa prova termina,
Pelo amor elevado às santas regiões,
Triunfantes iremos, no seio da harmonia,
Desses felizes eleitos aumentar as legiões.

Lá, para maior felicidade e por cúmulo de embriaguez,
Àqueles que nos são caros Deus nos reunirá;
Confundidos no impulso de uma santa carícia,
Sob um céu sempre puro sua mão nos abençoará.

No bem, no belo, mudando de modo de ser,

Elevar-nos-emos na santa cidade,
Onde veremos sem fim aumentar o nosso bem-estar
Pelo infinito tesouro da felicidade.

Dos mundos graduados subindo a escala imensa,
Sempre mais depurados mudando de confins,
Iremos, radiosos, acabar onde tudo começa,
Renascer cheios de amor, e brilhantes serafins.

Seremos os primogênitos de uma raça nova,
Os anjos guardiães de homens a chegar;
Celestes mensageiros do bem que Deus revela,
Dos mundos nós iremos enriquecer o futuro.

De Deus tal é, creio, a vontade verdadeira,
No imenso percurso de nossa humanidade,
Humanos, inclinemo-nos, sua ordem é imutável;
Cantemos todos: "Glória a ele, durante a eternidade!"

B. JOLLY, *herborista de Lyon,*

Nota. - Os críticos meticulosos poderão talvez, procurando muito, encontrar algumas falhas nestes versos; nós lhes deixamos esse cuidado e não consideramos senão o pensamento, do qual não se pode desconhecer a justeza do ponto de vista espírita; é bem a alma e suas peregrinações para alcançar, pelo trabalho de depuração, a felicidade infinita. Há um entretanto que parece dominar todos os trechos, muito ortodoxos de resto, e que não poderíamos admitir; é aquele que está expresso por este verso de epígrafe: "*Gravita o infinito durante a eternidade.*" Se o autor entende por isso que a alma sobe sem cessar, disso resultaria que ela não atingiria jamais a felicidade perfeita. A razão disso que a alma, sendo um ser finito, sua ascensão para o bem absoluto deve ter um fim; que chegada a um certo ponto, ela deve, não mais permanecer numa contemplação perpétua, pouco atraente, aliás, e que seria uma inutilidade perpétua, mas ter uma atividade incessante e bem-aventurada, como auxiliar da Divindade.

O Anjo Guardião.

(Sociedade Espírita Africana. - Médiun, senhorita O...)

Pobres humanos, que sofrem nesse mundo,
Consolai-vos, secai os vossos prantos.
Em vão sobre vós o raio estoura,
Junto a vós estão os vossos defensores.
Deus tão bom, este Deus vosso pai,
A todos quis vos dar
Um pequeno anjo, um pequeno irmão,
Que sempre deve vos proteger.
Escutai nossa voz amiga.
Oh! queremos vos ver felizes;
Depois das penas da vida,
Fossais vos conduzir aos céus!
Se pudésseis nos ver sorrir

Aos primeiros passos que fazeis criança;
Se vossos olhares, mortais, em nossos olhos pudessem ler
Nossa dor, quando sois maus!
Mas escutai: queremos vos instruir,
De um doce segredo, que vos convida ao bem,
Para vós também, o dia deve luzir
Quando sereis anjo guardião.

Sim, quando depois de vossa prova última
O Senhor receberá vosso Espírito depurado,
E vos dirá para ir proteger sobre a Terra,
Uma bela criancinha, que para vós terá nascido.
Amai-a bem, e que a vossa assistência,
Pobre pequeno, lhe prove cada dia
De seu anjo guardião o maternal amor;
A vosso turno, guiai com constância
O Espírito de vosso irmão à celeste morada.

Assinado, DUCIS.

Nota. - Este trecho, e um outro de certa extensão, e não menos notável, intitulado: *A Criança e o Ateu*, que inseriremos em nosso próximo número, foram publicados no *Echo de Sétif* (Argélia), de 31 de julho de 1862, que os fez preceder da nota seguinte:

"Um dos nossos assinantes nos comunicou as duas peças de versos adiante, obtidas por um médium de Constantina, nos primeiros dias deste mês. Sem dá-los por isentos de censura, sob o aspecto das regras da versificação, reproduzimos esses versos porque explicam, em parte ao menos, a Doutrina Espírita que tende a se difundir, cada vez mais, sobre toda a superfície do globo."

Esse médium parece ter a especialidade da poesia; já obtive um grande número de trechos que escreve com uma incrível facilidade, sem nenhuma rasura, embora não tenha nenhuma noção das regras da versificação. Vimos um dos membros da Sociedade de Constantina, em presença do qual foram escritos.

Ensinaamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, setembro de 1862

Estudos Uranográficos.

(Sociedade Espírita de Paris. -Médium, Sr. Flammarion.)

As três comunicações adiante são, de alguma sorte, o início de um jovem médium; ver-se-á que elas prometem para o futuro. Elas servem de introdução a uma série de ditados que o Espírito se propôs fazer sob o título de *Estudos Uranográficos*. Deixamos aos leitores o cuidado de lhe apreciarem a forma e o fundo.



Há algum tempo vos foi anunciado, aqui e alhures, por diversos Espíritos e por diversos médiuns, que vos seriam feitas revelações sobre o sistema dos mundos. Estou chamado para concorrer, na ordem de minha destinação, para cumprir a predição.

Antes de abrir o que poderia chamar nossos estudos Uranográficos, importa bem colocar o primeiro princípio, a fim de que o edifício, assentado sobre uma base sólida, leve em si as condições de duração.

Esse primeiro princípio, essa primeira causa, é o grande e soberano poder que dá a vida aos mundos e aos seres; esse preâmbulo de toda meditação séria, é Deus! A este nome venerado tudo se inclina, e a harpa etérea dos céus faz vibrar as suas cordas de ouro. Filhos da Terra, ó vós que há muito tempo balbuciais este grande nome sem compreendê-lo, quantas teorias arriscadas foram inscritas desde o começo das idades nos anais da filosofia humana! Quantas interpretações errôneas da consciência universal se mostraram através das crenças caducas dos povos antigos! e hoje ainda, quando a era cristã, em seu esplendor, se irradiou sobre o mundo, que idéia se faz do primeiro dos seres, do ser por excelência, daquele que é? Não se viu, nos últimos tempos, o panteísmo orgulhoso se elevar soberbamente até aquele que acreditou justamente qualificar de ser absorvivo, do grande todo, do seio do qual tudo saiu e no qual tudo deve reentrar e se confundir, um dia, sem distinção de individualidades? Não se viu o ateísmo grosseiro expor vergonhosamente o ceticismo negador e corruptor de todo progresso intelectual, o que quer que hajam dito seus sofistas defensores? Seria interminável mencionar escrupulosamente todos os erros que se creditaram ao assunto do princípio primordial e eterno, e a reflexão basta para vos mostrar que o homem terrestre errará todas as vezes que pretender explicar esse problema insolúvel para muitos Espíritos desencarnados. É vos dizer implicitamente que deveis, melhor dizendo, que devemos nos inclinar humildemente diante do grande Ser; é vos dizer, filhos! que se está em nós nos elevarmos até a idéia do Ser infinito, isto deve nos bastar e interditar, a todos, a pretensão orgulhosa de ter os olhos abertos diante do Sol, sem o que estaríamos logo cegos pelo deslumbrante esplendor de Deus na sua eterna glória! Retende

bem isto, é o prelúdio de nossos estudos: Crede em Deus criador e organizador das esferas; amai a Deus criador e protetor das almas, e poderemos penetrar juntos, humilde e estudiosamente, ao mesmo tempo, no santuário onde semeou os dons de seu poder infinito.

GALILEU.



Depois de ter estabelecido o primeiro ponto de nossa tese, a segunda questão que se apresenta é o problema do poder que conserva os seres e se convencionou chamar *Natureza*. Depois da palavra que resume tudo, a palavra que representa tudo. Ora, portanto, o que é a *Natureza*? Escutai primeiro a definição do naturalismo moderno: *A Natureza, diz ele, é o trono exterior do poder divino*. A essa definição, eu acrescentaria esta, que resume todas as idéias dos observadores: *a Natureza é o poder efetivo do Criador*. Notemos esta dupla explicação da mesma palavra que, por uma maravilhosa combinação da linguagem, representa duas coisas à primeira vista tão diferentes. Com efeito, a *Natureza*, entendida no primeiro sentido, representa o efeito cuja causa está expressa sob o segundo sentido. Uma paisagem no horizonte perdido, as árvores espessas sob as quais sente-se a vida subir com a seiva; uma campina colorida pelas flores odorantes e coroadas pelo Sol: isto se chama *Natureza*. Agora, se quer designar a força que guia os astros na vastidão ou que faz germinar, sobre a Terra, o grão de trigo? É ainda a *Natureza*. Que a constatação dessas diversas qualificações seja para vós a fonte de profundas reflexões; que sirva para vos ensinar que se servindo da mesma palavra para exprimir o efeito e a causa, é que, na realidade, a causa e o efeito não fazem senão um. O astro atrai o astro no espaço segundo as leis inerentes à constituição do universo, e é atraído com a mesma força que aquela que reside nele. Eis a causa e o efeito. O raio solar coloca o perfume sobre a flor, e a abelha ali vai procurar o mel; aqui, o perfume é ainda o efeito e a causa. Em vários lugares que vossos olhares se abaixarem sobre a Terra, podereis constatar, por toda a parte, esta dupla natureza. Concluimos disto que se a *Natureza* é, como a denominei, o poder efetivo de Deus, ela é ao mesmo tempo o trono desse mesmo poder; é, ao mesmo tempo, ativa e passiva, efeito e causa, matéria e força imaterial; é a lei que cria, a lei que governa, a lei que embeleza; é o ser e a imagem; é a manifestação do poder criador, infinitamente bela, infinitamente admirável, infinitamente digna da vontade da qual ela é a mensageira.

GALILEU.



Nosso terceiro estudo terá por assunto o espaço.

Várias definições dessa palavra foram dadas; a principal é esta: a extensão que separa dois corpos. De onde certos sofistas deduziram que ali onde não houvesse corpos, não haveria espaço; foi sobre o que os doutores em teologia se basearam para estabelecer que o espaço era necessariamente finito, alegando que corpos limitados em certo número não podiam formar uma seqüência infinita; e que ali onde os corpos se detinham, o espaço se detinha também. Definiu-se ainda o espaço: o lugar onde se movem os mundos, o vazio onde age a matéria, etc... Deixamos nos tratados onde elas repousam todas essas definições que não definem nada.

O espaço é uma dessas palavras que representam uma idéia primitiva e axiomática, evidente por si mesma, e que as diversas definições que se podem dele dar não sabem senão obscurecer. Todos sabemos o que é o espaço, e não quero senão estabelecer sua infinidade, a fim de que nossos estudos ulteriores não tenham nenhuma barreira se opondo às investigações de nosso objetivo.

Ora, digo que o espaço é infinito, por esta razão de que é impossível lhe supor algum limite, e que, apesar da dificuldade que temos para conceber o infinito, nos é no entanto mais fácil ir eternamente no espaço, em pensamento, do que nos deter num lugar qualquer junto ao qual não encontraríamos mais extensão a percorrer.

Para nos figurar, tanto quanto são nossas faculdades limitadas, a infinidade do espaço, suponhamos que partindo da Terra perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do Universo, e isso com a rapidez prodigiosa da centelha elétrica que transpõe *milhares de léguas a cada segundo*, apenas tenhamos deixado este globo, não tendo percorrido milhões de léguas, nós nos encontramos num lugar onde a Terra não nos aparece mais que sob o aspecto de uma pálida estrela. Um instante depois, seguindo sempre a mesma direção, chegamos às estrelas distantes que distinguís com dificuldade de vossa estação terrestre; e dali, não somente a Terra está inteiramente perdida para os nossos olhares nas profundezas do céu, mas ainda o vosso próprio Sol, mesmo em seu esplendor, é eclipsado pela extensão que dele nos separa. Animados sempre da mesma rapidez do relâmpago, transpomos sistemas de mundos a cada passo que avançamos na extensão, ilhas de luz etérea, caminhos estelares, paragens suntuosas onde Deus semeou os mundos com a mesma profusão que semeou as plantas nas campinas terrestres.

Ora, há apenas alguns minutos que caminhamos, e já centenas de milhões e de milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos passaram sob nossos olhares, e no entanto escutai:

Não avançamos, em realidade, um só passo no Universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *incessantemente com a mesma rapidez do relâmpago*, não teremos avançado quase nada! E isto de algum lado que fôssemos e para algum ponto que nos dirigíssemos depois desse grão invisível que deixamos e que se chama a Terra.

Eis o que é o espaço!

GALILEU.

Férias da Sociedade Espírita de Paris

Revista Espírita, setembro de 1862

(Sociedade Espírita de Paris, 1º de agosto de 1862. - Médiun, Sr. E. Vézy.)

Ides vos separar por algum tempo, mas os bons Espíritos estarão sempre com aqueles que pedirem sua ajuda e seu apoio.

Se cada um de vós deixa a mesa do mestre, não é somente para tomar o exercício do repouso, mas é ainda para servir, por toda parte onde vos espalhais, a grande causa humanitária, sob a bandeira da qual viestes vos colocar ao abrigo.

Compreendei bem que para o Espírita fervoroso não há horas marcadas para o estudo; toda a sua vida não é senão uma hora, hora muito curta ainda para o grande trabalho ao qual se entrega: o desenvolvimento intelectual das raças humanas!...

Os ramos não se destacam no tronco porque deles se afastam, ao contrário, dão lugar a novos rebentos que os tornam solidários e os unem. Aproveitai dessas férias que vão vos disseminar, para tornar-vos mais fervorosos ainda, a exemplo dos apóstolos do Cristo; saí desse cenáculo fortes e corajosos; que a vossa fé e as vossas boas obras reúnam ao vosso redor mil crentes que bendirão a luz que derramais em torno de vós.

Coragem! Coragem! no dia do encontro, quando o estandarte do Espiritismo vos chamar para combater e se desdobrar sobre vossas cabeças, que cada um, ao redor de si, tenha os adeptos que terá formado sob a sua bandeira, e os bons Espíritos lhe completarão o número e o levarão a Deus!

Não durmais, pois, Espíritas, na hora da sesta; velai e orai! Já vos disse e outras vezes vos fizeram ouvir, o relógio dos séculos soa, uma vibração retine, chama aqueles que estão na noite, infeliz quem não quer prestar ouvido para escutar!

Ó Espíritas! ide, despertai os dorminhocos, e dizei-lhes que vão ser surpreendidos pelas ondas do mar que sobe com mugidos surdos e terríveis; ide dizer-lhes da escolha com relação ao solo mais esclarecido e mais sólido, porque eis os astros que declinam e a Natureza inteira que se move, treme, e se agita!.....

Mas depois das trevas eis a luz, e aqueles que não tiverem querido ver nem ouvir, imigrarão nessa hora nos mundos inferiores para expiar e ali esperar por muito tempo, bem muito tempo, novos astros que devam se elevar e esclarecê-los! e o tempo lhes parecerá a eternidade, porque não entreverão o fim de suas penas até o dia em que começarão a crer e a compreender.

Eu não vos chamaria mais filhos, Espíritas, mas homens, homens bravos e corajosos! Soldados da nova fé, combatei valentemente, armai vosso braço com a lança da caridade e

cobri vosso corpo com o escudo do amor. Entrai na liça! alerta! alerta! Esmigalhai sob os pés os erros e a mentira, estendei a mão àqueles que vos pedirem: Onde está a luz? Dizei-lhes bem que aqueles que caminham guiados pela estrela do Espiritismo não são pusilânimes, que não se amedrontam com miragens, e não aceitam como leis senão o que a fria e sã razão lhes ordena; que a caridade é a sua divisa e que não se despojam para seus irmãos senão em nome da solidariedade universal, e não para ganharem um paraíso que sabem bem não poder possuir senão quando tiverem muito expiado!... que conhecem Deus, e que sabem, antes de tudo, que é imutável em sua justiça, que não pode conseqüentemente perdoar uma vida de faltas amontoadas, por um segundo de arrependimento, como não pode punir uma hora de sacrilégio por uma eternidade de suplício!...

Sim, Espíritas, contai os anos de arrependimento em número de estrelas, mas a idade de ouro chegará para quem tiver sabido contá-los!...

Ide, pois, trabalhadores e soldados, e que cada um retorne com a pedra ou o calhau que deve ajudar na construção do novo edifício, e vo-lo digo, em verdade, esta vez não tereis mais a temer a confusão, embora querendo elevar até o céu a torre que o coroará; Deus, ao contrário, estenderá a mão sobre o vosso caminho, a fim de vos pôr ao abrigo dos furacões.

Eis a décima hora do dia, eis os servidores que vêm da parte do senhor procurar os trabalhadores; vós que não estais ocupados, vinde, e não esperai a última hora!...

SANTO AGOSTINHO.

Aos centros espíritas que devemos visitar

Revista Espírita, setembro de 1862

O número dos centros que nos propomos visitar, junto ao cumprimento do trajeto, não nos permitindo consagrar, a cada um, tanto tempo quanto o desejávamos, cremos útil aproveitar esse tempo, o melhor possível, para a instrução. Nesse objetivo, nossa intenção é de responder, tanto quanto isso esteja em nosso poder, às perguntas sobre as quais se desejar ter esclarecimentos. Temos notado que, quando fazemos essa proposição durante a sessão, não se sabe o que geralmente perguntar, e que muitas pessoas são retidas pela timidez ou pelo embaraço em formular o seu pensamento. Para evitar esse duplo inconveniente, rogamos preparar essas perguntas antecipadamente por escrito e nos remeter a lista antes da reunião. Poderemos, então, classificá-las metodicamente, podar os duplos empregos, e respondê-las de maneira mais satisfatória para todos, refutando ao mesmo tempo as objeções à doutrina.

Ao Senhor E. K.

Sou completamente estranho à inscrição da qual me falais em vossa carta de 2 de agosto, datada de Guigampe, por uma razão muito simples: é que não estive na Bretagne; e acrescento que não tinha nenhum conhecimento desse *Mane, Thècel, Pharès* de um outro gênero, como vós o chamais. Se pude produzir sobre vós uma salutar impressão, é preciso disso agradecer ao autor desconhecido. Em todos os casos, ficaria feliz de vos receber quando vierdes a Paris, onde todavia não estarei de retorno senão nos primeiros dias de outubro. Será um prazer vos dar verbalmente todas as instruções que desejardes.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Outubro

- [Apolônio de Tiana](#)
- [Resposta ao *Abeille agenaise*, pelo Sr. Dombre](#)
- [Membros honorários da Sociedade de Paris](#)
- [O que deve ser a história do Espiritismo](#)
- Provas de identificação.
 - [Arsène Gautier - Uma lembrança de Espírito](#)
- [Um Espírito pode recuar diante de uma prova?](#)
- [Resposta a uma pergunta mental](#)
- Poesias espíritas.
 - [A criança e o ateu](#)
 - [A Abóbora e a Sensitiva](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [O Espiritismo o Espírito maligno](#)
 - [O Corvo e a Raposa](#)
 - [Estilo das boas comunicações](#)
 - [A Razão e o Sobrenatural](#)

Apolônio de Tiana

Revista Espírita, outubro de 1862

A exceção dos eruditos, Apolônio de Tiana não é quase conhecido de nome, e ainda seu nome não é popular, por falta de uma história à altura de todos. Dele não existia senão algumas traduções, elas mesmas feitas sobre uma tradução latina e de um formato incômodo. Deve-se, pois, estar contente com o sábio helenista que vem de pô-lo à luz por uma tradução conscienciosa feita sobre o texto grego original, e aos editores terem, com essa publicação, preenchido uma lacuna lamentável (1-1- *Apolônio de Tiana*, sua vida, suas viagens, seus prodígios; por Rlostrato, Nova tradução feita sobre o texto grego, pelo Sr. CHAS3ANG, mestre das conferências na Escola normal. -1 vol. in-12 de 500 páginas. Preço, 3 fr 50; casa dos Srs. Didier e Cia., editores, cais do Augustin, 35, em Paris.).

Não há datas precisas sobre a vida de Apolônio. Segundo certos cálculos, teria nascido dois ou três anos antes de Jesus Cristo, e morrido aos noventa e seis anos pelo fim do primeiro século. Nasceu em Tiana, vila grega de Cappadoce, na Ásia Menor. Em boa hora fez prova de uma grande memória, de uma inteligência notável e mostrou um grande ardor pelo estudo. De todas as filosofias que estudou, adotou a de Pitágoras, da qual seguiu rigorosamente os preceitos até a sua morte. Seu pai, um dos mais ricos cidadãos de Tiana, deixou-lhe uma fortuna considerável que ele partilhou entre seus parentes, não se reservando senão uma pequena parte, porque, dizia ele, o sábio deve saber se contentar com pouco. Ele viajou muito para se instruir; percorreu a Assíria, a Cítia, a Índia, onde visitou os Bramanes, o Egito, a Grécia, a Itália e a Espanha, ensinando por toda a parte a sabedoria; por toda a parte, querido pela doçura de seu caráter, honrado por suas virtudes e recrutando numerosos discípulos que se apressavam sobre seus passos para ouvi-lo, e dos quais vários o seguiram em suas viagens. Um deles, no entanto, Eufrates, invejoso de sua superioridade e de seu crédito, tornou-se seu detrator e seu inimigo mortal, e não cessou de derramar a calúnia sobre ele para perdê-lo, mas não resultou senão em aviltar a si mesmo; Apolônio com isso jamais se perturbou, e longe de conceber contra ele algum ressentimento, lamentava-o pela sua fraqueza e procurava sempre restituir-lhe o bem para o mal. Damis, ao contrário, jovem Assírio que conheceu em Nínive, ligou-se a ele com uma fidelidade à toda prova, foi o companheiro assíduo de suas viagens, o depositário de sua filosofia, e deixou, sobre ele, a maioria dos conhecimentos que possuímos.

O nome de Apolônio de Tiana se encontra misturado ao de todos os personagens legendários que a imaginação dos homens está pronta a enfeitar com os atrativos do maravilhoso. Qualquer que seja o exagero dos fatos que se lhe atribuem, fica evidente que, ao lado das fábulas, encontra-se um fundo de verdades mais ou menos desnaturadas. Ninguém seguramente saberia pôr em dúvida a existência de Apolônio de Tiana; o que é igualmente certo é que deve ter feito coisas notáveis, sem o que não se teria dele falado. Para que a imperatriz Júlia Domna, mulher de Sétimo-Severo, haja pedido a Filostrato para escrever a sua vida, seria preciso, necessariamente, que houvesse feito falar dele, porque não é provável que ela haja encomendado um romance sobre um homem imaginário ou obscuro. Que Filostrato haja ampliado os fatos, ou que os haja encontrado ampliados, isto é provável e mesmo certo para alguns pelo menos, que estão fora de toda probabilidade; mas o que não é menos certo, é que retirou o fundo de sua relação nos relatos quase contemporâneos e que deviam ter bastante notoriedade para merecerem a atenção da imperatriz. A dificuldade, algumas vezes, é de distinguir a fábula da verdade; neste caso há pessoas que acham mais simples tudo negar.

Os personagens dessa natureza são muito diversamente apreciados; cada um os julga no ponto de vista de suas opiniões, de suas crenças e mesmo de seus interesses. Apolônio de Tiana devia, mais que qualquer outro., dar matéria à controvérsia, pela época em que vivia, e pela natureza de suas faculdades. Atribuía-lhe, entre outras coisas, o dom de curar, a presciência, a visão à distância, o poder de ler no pensamento, de expulsar demônios, de se transportar, instantaneamente de um lugar para um outro, etc. Poucos filósofos gozaram de maior popularidade quando vivos. Seu prestígio era ainda aumentado pela austeridade de seus costumes, sua doçura, sua simplicidade, seu desinteresse, seu caráter benevolente e sua reputação de sabedoria. O paganismo lançava, então, seus últimos clarões, e se batia contra a invasão do cristianismo nascente: quis dele fazer um deus. As idéias cristãs se misturando com as idéias pagas, alguns dele fizeram um santo; os menos fanáticos não viram nele senão um filósofo; é a opinião mais razoável, e é o único título que ele jamais tomou, porque se defendeu de ser filho de Júpiter, como alguns o pretendiam. Embora contemporâneo do Cristo, não parece dele ter ouvido falar, porque, em sua vida, não faz nenhuma alusão ao que se passava então na Judéia.

Entre os cristãos que o julgaram depois, uns o declararam patife e impostor; outros, não podendo negar os fatos, pretenderam que ele não operava prodígios senão pela assistência do demônio, sem pensar que era confessar esses mesmos prodígios, e fazer de Satã o rival de Deus, pela dificuldade de se distinguirem os prodígios divinos dos prodígios diabólicos. Foram as duas opiniões que prevaleceram na Igreja.

O autor dessa tradução manteve-se numa sábia neutralidade; não esposou nenhuma versão, e, para colocar cada um em condições de apreciar todas, indica com cuidado escrupuloso todas as fontes de onde pôde haurir, deixando cada um livre para tirar, da comparação dos argumentos pró ou contra, tal consequência que julgará a propósito, limitando em fazer uma tradução fiel e conscienciosa.

Os fenômenos espíritos, magnéticos e sonambúlicos vêm hoje lançar uma luz toda nova sobre os fatos atribuídos a esse personagem, demonstrando a possibilidade de certos efeitos relegados, até este dia, ao domínio fantástico do maravilhoso, e permitindo-lhes fazer a parte do possível e do impossível.

E primeiro, o que é o maravilhoso? O ceticismo responde: é tudo o que, estando fora das leis da Natureza, é impossível; depois acrescenta: Se os relatos antigos são férteis em fatos desse gênero, isso se prende ao amor do homem pelo maravilhoso. Mas de onde vem esse amor? É o que ele não diz, e é o que vamos tentar explicar; isto não será inútil ao nosso assunto.

O que o homem chama de maravilhoso, o transporta pelo pensamento além dos limites do conhecido, e é aspiração íntima para uma ordem de coisas melhores que lhe faz procurar com avidez o que pode a ela ligá-lo e dar dela uma idéia. Esta aspiração lhe vem da intuição que ele tem de que certa ordem de coisas deve existir; não a encontrando sobre a Terra, procura-a na esfera do desconhecido. Mas esta própria aspiração não é indício providencial de que há alguma coisa, além da vida corpórea? Ela não é dada senão ao homem, porque os animais, que nada esperam, não procuram o maravilhoso. O homem compreende intuitivamente que há, fora do mundo visível, um poder do qual se faz uma idéia mais ou menos justa segundo o desenvolvimento de sua inteligência, e muito naturalmente vê a ação *direta* desse poder em todos os fenômenos que ele não compreende; também uma multidão de fatos passavam outrora por maravilhosos, que, hoje perfeitamente explicados, entraram no domínio das leis naturais. Disso resulta que

todos os homens que possuem faculdades ou conhecimentos superiores ao vulgo passam por ter uma porção desse poder invisível, ou ter dele seu poder; foram chamados mágicos ou feiticeiros. A opinião da Igreja tendo feito prevalecer que esse poder não podia provir senão do Espírito do mau, quando se exercia fora de seu seio, nos tempos de barbárie e de ignorância, queimavam-se os pretensos mágicos ou feiticeiros; o progresso da ciência tomou seu lugar na Humanidade.

Onde encontrais, dizem os incrédulos, mais relatos maravilhosos? Não é na antigüidade, nos povos selvagens, nas classes menos esclarecidas? Não é uma prova de que são o produto da superstição, filha da ignorância? Da ignorância, é incontestável, e isto por uma razão muito simples. Os antigos, que sabiam menos do que nós, não eram menos tocados pelos mesmos fenômenos; conhecendo menos causas verdadeiras, procuravam as causas sobrenaturais para as coisas mais naturais, e, com a ajuda da imaginação, secundada pelo medo de um lado, do outro pelo gênio poético, aumentavam acima dos contos fantásticos amplificados pelo gosto da alegoria particular aos povos do Oriente. Prometeu arrancando o fogo do céu que o consumia, devia passar por um ser sobre-humano punido por sua temeridade, por ter impiedade sobre os direitos de Júpiter; Franklin, o Prometeu moderno, é para nós simplesmente um sábio. Montgolfier, elevando-se nos ares teria sido, nos tempos mitológicos, um ícaro; que teria sido, pois, o Sr. Poitevin se elevando sobre um cavalo?

Tendo a ciência feito reentrar uma multidão de fatos na ordem natural, reduziu muito os fatos maravilhosos. Mas explicou tudo? Conhece todas as leis que regem os mundos? Não tem nada mais a aprender? Cada dia dá um desmentido a essa orgulhosa pretensão. Não tendo, pois, pesquisado todos os segredos de Deus, disso resulta que muitos fatos antigos estão ainda inexplicados; ora, não admitindo como possível o que ela não compreende, acha mais simples chamá-los maravilhosos, fantásticos, quer dizer, inadmissíveis para a razão; aos seus olhos todos os homens que são considerados tê-los produzidos, são mitos ou impostores, e diante desse decreto, Apolônio de Tiana não podia encontrar graça. Ei-lo, pois, condenado pela Igreja, que admite fatos, como um subordinado de Satã, e pelos sábios que não os admitem, como um hábil malabarista.

A lei de gravitação universal abriu um novo caminho para a ciência, e deu conta de uma multidão de fenômenos sobre os quais se construíram teorias absurdas; a lei das afinidades moleculares veio lhe dar um novo passo; a descoberta de um mundo microscópico abriu-lhe novos horizontes; a eletricidade, a seu turno, veio revelar-lhe uma nova força que ela não supunha; a cada uma dessas descobertas, viram-se resolver muitas dificuldades, muitos problemas, muitos mistérios incompreendidos ou falsamente interpretados; mas quantas coisas restam ainda a esclarecer? Não se pode admitir a descoberta de uma nova lei, de uma nova força vindo lançar luz sobre sobre os pontos ainda obscuros? Pois bem! é uma nova força que o Espiritismo vem revelar, e essa força, é a ação do mundo invisível sobre o mundo visível. Mostrando nesta ação uma lei natural, recua ainda os limites do maravilhoso e do sobrenatural, porque explica uma multidão de coisas que pareciam inexplicáveis, como outras pareciam inexplicáveis antes da descoberta da eletricidade.

O Espiritismo limita-se a admitir o mundo invisível como hipótese e como meio de explicação? Não, porque isso seria explicar o desconhecido pelo desconhecido; ele prova a sua existência por fatos patentes, irrecusáveis, como o microscópio provou a existência do mundo dos infinitamente pequenos. Estando, pois, demonstrado que o mundo invisível nos rodeia, que esse mundo é essencialmente inteligente, uma vez que se compõe das almas dos homens que viveram, concebe-se facilmente que ele possa desempenhar um papel ativo no mundo visível, e produzir fenômenos de uma ordem particular. São esses fenômenos que a ciência, não podendo explicar pelas leis conhecidas, chama de

maravilhosos. Esses fenômenos, sendo uma lei da Natureza, deveram se produzir em todos os tempos; ora, como repousa sobre a ação de uma força fora da Humanidade, e que todas as religiões têm por princípio a homenagem prestada a essa força, eles serviram de base a todas as religiões; eis porque nos relatos antigos, do mesmo modo que todas as teogonias, formigam alusões e alegorias concernentes às relações do mundo invisível com o mundo visível, e que são ininteligíveis se não se conhecem essas relações; querer explicá-las sem isso, é querer explicar os fenômenos elétricos sem a eletricidade. Esta lei é uma chave que vai abrir a maioria dos santuários misteriosos da antigüidade; uma vez reconhecida, os historiadores, os arqueólogos, os filósofos, vão ver se desenrolar, diante deles, um horizonte inteiramente novo, e a luz se fará sobre os pontos mais obscuros.

Se esta lei ainda encontra oposição, ela tem isso de comum com tudo que é novo; isto se prende, além disso, ao Espírito materialista que domina nossa época, e em segundo lugar porque se faz, do mundo invisível, uma idéia de tal modo falsa, que a incredulidade lhe é a consequência. O Espiritismo não só lhe demonstra a existência, mas apresenta-o sob um aspecto de tal modo lógico que a dúvida não tem mais razão de ser naquele que se dá ao trabalho de estudá-lo conscienciosamente.

Não pedimos, no entanto, aos sábios crerem; mas como o Espiritismo é uma filosofia que toma um lugar amplo no mundo, a esse título, fosse ele um sonho oco, ela merece exame, não fosse senão para saber o que ela diz. Não lhes pedimos senão uma coisa, é de estudá-la, mas de estudá-la a fundo, para não lhe fazer dizer o que ela não diz; depois, então, que creiam ou que não creiam, com a ajuda dessa alavanca, tomada como simples hipótese, que tentem resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc., diante dos quais fracassaram, e disso verão o resultado. Não lhes pedir a fé, isso não é muito exigir.

Voltemos a Apolônio, Os Antigos conheciam incontestavelmente o magnetismo: disso se encontra a prova em certas pinturas egípcias; conheciam igualmente o sonambulismo e a segunda vista, uma vez que são fenômenos naturais psicológicos; conheciam as diferentes categorias de Espíritos, que chamavam deuses, e suas relações como os homens; os médiuns curadores, videntes, falantes, audientes, inspirados, etc., deveram se produzir entre eles como em nosso tempo, como se vêem numerosos exemplos entre os Árabes; com a ajuda desses dados e do conhecimento das propriedades do perispírito, envoltório corporal fluídico dos Espíritos, pode-se perfeitamente se dar conta de vários fatos atribuídos a Apolônio de Tiana, sem haver recorrido à magia, à feitiçaria nem ao malabarismo. Dizemos de vários, porque os há dos quais o próprio Espiritismo demonstra a impossibilidade; é nisso que ele serve para fazer a parte da verdade e do erro. Deixamos àqueles que terão feito um estudo sério e completo desta ciência, o cuidado de estabelecer a distinção do possível e do impossível, o que lhes será fácil.

Consideremos, agora, Apolônio sob um outro ponto de vista. Ao lado do médium que dele fazia, naquele tempo, um ser quase sobrenatural, havia nele o filósofo, o sábio. Sua filosofia exalava doçura de seus costumes e de seu caráter, de sua simplicidade em todas as coisas. Pode-se julgá-lo por algumas de suas máximas.

Tendo feito censuras aos Lacedemônios degenerados e efeminados, e tendo estes aproveitado seus conselhos, ele escreveu aos Eforos: "Apolônio aos Éforos, saúde. Os verdadeiros homens não devem cometer faltas; mas não cabe senão aos homens de coração, se cometem faltas, reconhecê-las."

Os Lacedemônios, tendo recebido uma carta de censura do imperador, estando indecisos

em saberem se deveriam conjurar sua cólera ou lhe responder com altivez, consultaram Apolônio sobre a forma de sua resposta; este veio à assembléia e não disse senão estas palavras: "Se Palamédio inventou a escrita, não foi somente para que se pudesse escrever, mas a fim de que se saiba quando não é preciso escrever."

Telesino, cônsul romano, interrogando Apolônio, lhe perguntou: "Quando vos aproximais dos altares, qual é a vossa prece? - Peço aos deuses que reine a justiça, que as leis sejam respeitadas, que os sábios sejam pobres, que os outros se enriqueçam, mas por caminhos honestos. - Quê! quando pedis tantas coisas pensais estar satisfeito? - Sem dúvida, porque peço tudo isto em uma só palavra: e, me aproximando dos altares, digo: "Ó deuses! dai-me o que me é devido." Se estou entre os justos, obterei mais do que não disse; se, ao contrário, os deuses me colocam no número dos maus, punir-me-ão, e não poderei fazer censuras aos deuses e, não sendo bom, sou punido."

Vespasiano, conversando com Apolônio sobre a maneira de governar quando fosse imperador, lhe disse: "Vendo o império aviltado pelos tiranos que acabo de vos nomear, quis tomar vosso conselho sobre a maneira de reabilitá-lo na estima dos homens. - Um dia, disse Apolônio, um tocador de flauta, dos mais hábeis, enviou um de seus alunos entre os piores tocadores de flauta para lhes ensinar como não é preciso tocar. Sabeis, agora, Vespasiano, como não é preciso reinar: vossos predecessores vo-lo ensinaram. Reflitamos agora na maneira de reinar bem."

Estando preso em Roma, sob Domiciano, fez aos prisioneiros um discurso para chamá-los à coragem e à resignação, e lhes disse: "Todos, enquanto somos, estamos na prisão durante a duração do que se chama a vida. Nossa alma, ligada a esse corpo perecível, sofre males numerosos, e é escrava de todas as necessidades de sua condição de homem."

Em sua prisão, respondendo a um emissário de Domiciano, que o convidava a acusar Nerva para obter a sua liberdade, ele disse: "Meu amigo, se fui posto a ferros por ter dito a verdade a Domiciano, o que me aconteceria por ter mentido? O imperador crê que é a franqueza que merece os ferros, e eu creio que é a mentira."

Em uma carta a Eufrates: "Perguntei aos ricos se eles não tinham inquietações. "Como não as teríamos? me disseram. - "E de onde vêm vossas inquietações?-De nossas riquezas." Eufrates, eu vos lamento, porque vindes de vos enriquecer."

Ao mesmo: "Os homens mais sábios são os mais breves em seu discurso. Se os tagarelas sofressem o que fazem os outros sofrerem, não falaria tanto."

Outra a Criton: "Pitágoras disse que a medicina é a mais divina das artes. Se a medicina é a arte mais divina, é preciso que o médico se ocupe da alma ao mesmo tempo que do corpo. Como um ser estaria sadio, quando a parte mais importante de si mesmo estiver doente?"

Outra aos platônicos: "Se oferecem dinheiro a Apolônio, que se lhe pareça estimável, não terá dificuldades em aceitá-lo, por pouco que dele tenha necessidade. Mas um salário para que ele ensine, jamais, mesmo na necessidade, ele não o aceitará."

Outra a Valério: "Ninguém morre, se isso não é em aparência, do mesmo modo que ninguém nasce, se isso não é em aparência. Com efeito, a passagem da essência à substância, eis o que se chama nascer; e o que se chama morrer é, ao contrário, a passagem da substância à essência."

Aos sacrificadores do Olimpo: "Os deuses não têm necessidade de sacrifícios. O que é preciso, pois, fazer para lhes ser agradável? É preciso, se não me engano, procurar adquirir a divina sabedoria, e prestar, tanto quando o pode, serviços àqueles que os merecem: Eis o que os deuses amam. Os ímpios, eles mesmos, podem fazer sacrifícios."

Aos Efésios do templo de Diana: "Conservastes todos os ritos dos sacrifícios, todo o fausto da realeza. Como banqueteadores e alegres convivas, sois irrepreensíveis; mas quantas censuras não se tem a vos fazer, como vizinhos da deusa noite e dia! Não é de vosso meio que saem os gatunos, os bandidos, os mercadores de escravos, todos os homens injustos e ímpios? O templo é um covil de ladrões."

Aos que se crêem sábios: "Dissestes que sois dos meus discípulos? Pois bem! Acrescentai que ficais sempre em vossa casa, que jamais ides às termas, que não matais animais, que não corneis carne de açougue, que estais livres de todas as paixões, da inveja, da malignidade, do ódio, da calúnia, do ressentimento, que, enfim, sois do número dos homens livres. Não vades fazer como aqueles que, por discursos mentirosos, fazem crer que vivem de um modo, ao passo que vivem de maneira toda oposta."

Ao seu irmão Hestieu: "Por toda a parte sou olhado como um homem divino; em alguns lugares mesmo tomam-me por um deus. Na minha pátria, ao contrário, sou até aqui desconhecido. É preciso com isso se espantar? Vós mesmos, meus irmãos, eu o vejo, não estais convencidos ainda de que sou superior a muitos homens pela palavra e pelos costumes. E como meus concidadãos e meus parentes se enganaram a meu respeito? Ai! esse erro me é muito doloroso, eu sei que é belo considerar toda a Terra como sua pátria e todos os homens como seus irmãos e seus amigos, uma vez que todos descendem de Deus e são de uma mesma natureza, uma vez que todos têm igualmente as mesmas paixões, uma vez que todos são homens igualmente, quer tenham nascido Gregos ou bárbaros."

Estamos em Catânia, na Sicília, numa instrução dada aos seus discípulos, ele disse falando do Etna: "A ouvi-los, sob essa montanha geme acorrentado algum gigante, Tifeu e Enceládio, que, em sua longa agonia, vomita todo esse fogo. Eu concordo que existiram gigantes; porque, em diversos lugares, os túmulos entre-abertos nos fizeram ver as ossadas que indicam homens de um talhe extraordinário; mas eu não podia admitir que tivessem entrado em luta com os deuses; no máximo talvez ultrajaram seus templos e suas estátuas. Mas que hajam escalado o céu e dele tenham expulsado os deuses, é insensato dizer-lo, e é insensato nisso crer. Uma outra fábula, que parece menos irreverente para com os deuses, e da qual no entanto não devemos fazer mais caso, é que Vulcano trabalha na forja nas profundezas do Etna, e que isso o faz sem cessar retinir a bigorna. Há, em diversos pontos da Terra, outros vulcões, e não se acha de dizer que haja tantos gigantes e Vulcanos."

Certos leitores teriam achado, talvez, mais interessante que citássemos os prodígios de Apolônio para comentá-los e explicá-los; mas nos mantivemos, antes de tudo, em nele mostrar o filósofo e o sábio antes que o taumaturgo. Pode-se tomar ou rejeitar tudo o que se quiser dos fatos maravilhosos que se lhe atribuem, mas cremos difícil que um homem que disse tais palavras, que professa e pratica tais princípios, seja um malabarista, um patife ou um possuído do demônio.

Quanto aos prodígios, não citaremos deles senão um único que testemunha suficientemente uma das faculdades da qual era dotado.

Depois de um relato detalhado do assassinato de Domiciano, Filostrato acrescenta:

"Enquanto esses fatos se passavam em Roma, Apolônio os via em Éfeso. Domiciano foi atacado por Clemente pelo meio-dia; no mesmo dia, no mesmo momento, Apolônio dissertava nos jardins junto aos xistos. De repente abaixou um pouco a voz, como se estivesse tomado de um pavor súbito. Continuou seu discurso, mas sua linguagem não tinha a sua força ordinária, assim como ocorre àqueles que falam pensando em outra coisa. Depois ele se calou como fazem aqueles que perderam o fio de seu discurso; lançou para a terra olhares assustadores, deu três ou quatro passos adiante, e exclamou: "Fere o tirano! fere!" Dir-se-ia que via não a imagem de um fato num espelho, mas o próprio fato em toda a sua realidade. Os Efésios (porque Éfeso inteiro assistia ao discurso de Apolônio) foram tomados de espanto. Apolônio deteve-se semelhante a um homem que procura ver o fim de um acontecimento duvidoso. Enfim exclamou: 'Tende boa coragem, Efésios. O tirano foi morto hoje. Que digo eu hoje? Por Minerva! vem de ser morto neste mesmo instante, enquanto me interrompi.' Os Efésios acreditaram que Apolônio havia perdido o espírito; desejaram vivamente que tivesse dito a verdade, mas temiam que algum perigo não resultasse para eles desse discurso." Eu não me admiro, disse Apolônio, se não crerem em mim ainda: a própria Roma não o sabe por inteira. Mas eis que ela sabe, a novidade se espalha, já milhares de cidadãos a crêem; isso faz saltar de alegria o dobro desses homens, e o quádruplo, e o povo inteiro. O boato disso virá até aqui; podeis adiar, até o momento em que fordes instruídos do fato, o sacrifício que deveis oferecer aos deuses nessa ocasião; quanto a mim, vou dar-lhes graças daquilo que vi. Os Efésios ficaram em sua incredulidade; mas logo mensageiros vieram lhes anunciar a boa nova e dar testemunho em favor da ciência de Apolônio; porque o assassinato do tirano, o dia em que foi consumado, a hora do meio-dia, o autor da morte que encorajara Apolônio, todos esses detalhes se encontravam perfeitamente conforme àqueles que os deuses lhe tinham mostrado no dia de seu discurso aos Efésios."

Disso não era preciso mais, nessa época, para se fazer passar por um homem divino. Em nossos dias os nossos sábios tê-lo-iam tratado de visionário; para nós, ele era dotado de uma segunda vista da qual o Espiritismo dá a explicação. (Ver a teoria do sonambulismo e da dupla vista em *O Livro dos Espíritos*, nº 455.)

Sua morte apresentou um outro prodígio. Tendo entrado, uma noite, no templo de Dictinia em Linde, na Creta, malgrado os cães ferozes que lhe guardavam a entrada, e que em lugar de ladrarem à sua chegada, vieram acariciá-lo, foi aprisionado pelos guardas do templo, por esse fato, como mágico e acorrentado. Durante a noite, desapareceu da visão dos guardas, sem deixar traços e sem que se haja encontrado seu corpo. Ouviram-se, então, dizem, vozes de mocinhas que cantavam: "Deixai a Terra; ide ao céu, ide!" Como para convidá-lo a se elevar da Terra para as regiões superiores.

Filostrato termina assim o relato de sua vida:

"Mesmo depois de sua desaparecimento, Apolônio sustentou a imortalidade da alma, e ensinou que o que se disse a esse respeito é verdade. Havia então em Tiana um certo número de jovens apaixonados pela filosofia; a maioria de suas discussões rolava sobre a alma. Um deles não podia admitir que ela fosse imortal. "Eis dez meses, dizia, que peço a Apolônio para me revelar a verdade sobre a imortalidade da alma; mas ele está tão bem morto que minhas preces são vãs, e que não me apareceu, mesmo para me provar que seja imortal. "Cinco dias depois ele falou do mesmo assunto com seus companheiros, depois dormiu no lugar mesmo onde ocorreu a discussão. De repente ele saltou como sendo vítima de um acesso de demência: estava meio adormecido e coberto de suor. "Eu te acredito,"

gritava. Seus companheiros lhe perguntaram o que havia com ele. "Não vedes, respondeu-lhes, o sábio Apolônio? Ele está em nosso meio, escuta a nossa discussão, e recita sobre a alma cantos melodiosos. - Onde está? disseram os outros, porque não o vemos, e é uma felicidade que preferiríamos a todos os bens da Terra. — Parece que ele veio só para mim: veio instruir-me do que recusava crer. Escutai, pois, escutai os cantos divinos que ele me faz ouvir:

"A alma é imortal; ela não é para vós, ela é para a Providência. Quando o corpo está esgotado, semelhante a um corcel veloz que vence a carreira, a alma se lança e se precipita no meio dos espaços etéreos, cheia de desprezo pela triste e rude escravidão que sofreu. Mas que vos importam essas coisas! Vós as conhecereis quando não fordes mais. Enquanto estais entre os vivos, por que procurar penetrar esses mistérios?"

Tal é o oráculo tão claro que deu Apolônio sobre os destinos da alma; ele quis que, conhecendo a nossa natureza, caminhássemos de coração contente para os objetivos que as Parcas nos fixam."

A aparição de Apolônio depois de sua morte é tratada de alucinação pela maioria de seus comentaristas, cristãos ou outros, que pretenderam que o jovem tivera a imaginação ferida pelo próprio desejo que tinha de vê-lo, o que fez com que acreditasse vê-lo. Entretanto, a Igreja de todos os tempos admitiu essa espécie de aparições; delas cita muitos exemplos que reconhece como autênticos. O Espiritismo vem explicar o fenômeno, fundado sobre as propriedades do perispírito, envoltório ou corpo fluídico do Espírito, que, por uma espécie de condensação, toma uma aparência visível, e pode, como se sabe, tomar uma aparência tangível. Sem o conhecimento da lei constitutiva dos Espíritos, esse fenômeno é maravilhoso; conhecida a lei, o maravilhoso desaparece para dar lugar a um fenômeno natural. (Ver em *O Livro dos Médiuns* a teoria das manifestações visuais, capítulo VI.) Admitindo que esse jovem foi joguete de uma ilusão, restaria aos negadores explicar as palavras que ele empresta à Apolônio, palavras sublimes e todas opostas à idéias que ele viera de sustentar um instante antes.

O que faltaria à Apolônio para ser cristão? Bem pouca coisa, como se vê. Não praza a Deus que estabeleçamos um paralelo entre ele e o Cristo! O que prova a incontestável superioridade deste, é a divindade de sua missão, é a revolução produzida no mundo inteiro pela doutrina que ele, obscuro, e seus apóstolos também obscuros quanto ele, pregaram, ao passo que a de Apolônio morreu com ele. Haveria, pois, impiedade em colocá-lo como rival do Cristo! Mas, querendo-se prestar muita atenção ao que foi dito a respeito do culto pagão, ver-se-á que ele condena as formas supersticiosas e lhes dá um golpe terrível para substituir por idéias mais sadias. Se se tivesse falado assim ao tempo de Sócrates, haveria, como este último, pagado com sua vida o que se teria chamado de sua impiedade; mas à época em que ele vivia, as crenças pagãs tinham passado seu tempo, e ele era escutado. Pela sua moral, preparou os pagãos, no meio dos quais vivia, para receberem, com menos dificuldade, as idéias cristãs, às quais serviu de transição. Cremos, pois, estar na verdade dizendo que ele serviu de traço *de* união entre o paganismo e o cristianismo. Sob esse aspecto, talvez, teve também a sua missão. Podia ser escutado pelos Pagãos, e não o teria sido pelos Judeus.

Resposta ao *Abeille agenaise*, pelo Sr. Dombre

Revista Espírita, outubro de 1862

Lê-se no *Abeille agenaise* de 25 de maio de 1862, o artigo seguinte:

"Temos sob os olhos um escrito de uma graça encantadora, intitulado: *Entrevistas espíritas*. O autor, Sr. de Cazenove de Pradines, antigo presidente da Sociedade de agricultura, ciências e artes de Agen, a tudo recentemente deixou ao Sr. Magen o prazer e o cuidado de dar-lhe leitura à nossa Academia. Inútil dizer com que interesse essa comunicação foi acolhida.

O Sr. de Cazenove resume assim as doutrinas da nova seita, tirando-as de *O Livro dos Espíritos*:

"1º Os Espíritos de uma ordem elevada não fazem geralmente sobre a Terra senão estadas de uma curta duração.

"2º Os Espíritos vulgares nelas são, de alguma forma, *sedentários* e constituem a *massa* da população ambiente do mundo invisível. Eles conservaram, mais ou menos, os mesmos gostos e os mesmos pendores que tinham sob seu envoltório corpóreo. Não podendo satisfazer suas paixões, desfrutam daqueles que a elas se abandonam e os excitam.

"3º Só os Espíritos inferiores podem lamentar as alegrias que simpatizam com a impureza de sua natureza.

"4º Os Espíritos não podem degenerar; podem ficar estacionários, mas não retrogradam.

"5º Todos os Espíritos se tornarão perfeitos.

"6º Os Espíritos imperfeitos procuram se apoderar do homem, e dominá-lo; ficam felizes por fazê-lo sucumbir.

"7º Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos inferiores ostentam, freqüentemente, nomes veneráveis para melhor induzirem ao erro.

"Segundo esses dados, o Sr. de Cazenove, com a fineza e a sagacidade do talento que o caracterizam, compôs duas entrevistas nas quais toca as duas extremidades do corpo social. Pelo órgão de um médium (suposto), evoca de um lado os Espíritos inferiores, personificados na figura de um bandido célebre, de Cartouche, por exemplo, e os admite num singular colóquio que demonstra a *perversidade* de semelhante doutrina. De um outro lado, são os Espíritos de uma ordem elevada que entram em relação com os homens da época contemporânea. O contraste é intenso, sem dúvida, e ninguém não soube dar com

mais fidelidade, de tato e de alegria, tudo o que a doutrina epicuriana, resumida em o Espírito de Horácio e de Lucrecio, encerra de resumos deploráveis e enganosos.

"Lamentamos vivamente não poder colocar por inteiro sob os olhos de nossos leitores o trabalho do Sr. de Cazenove. Teriam aplaudido, disto estamos certos, não só pela forma irrepreensível e perfeitamente acadêmica desse escrito, mas ainda pelo alto pensamento moral que o domina, uma vez que condena sem fraqueza um sistema cheio de seduções e de verdadeiros perigos.

"J. SERREI."

Resposta do Sr. Dombre.

Senhor redator,

Fui o primeiro a gostar das exposições sumárias finas e delicadas lançadas pelo Sr. de Cazenove de Pradines, no domínio da Doutrina Espírita. O escrito, tendo por título: *Entrevistas espíritas*, que tenho em minha posse, e do qual ele fez menção em vossa estimada folha de domingo, 25 de maio, é com efeito de uma graça encantadora, e não desmente o caráter de sagacidade do talento que distingue seu autor. Esse escrito é uma flor da qual admiro as cores e o brilho, e da qual me guardarei, para o momento, de alterar o aveludado pelo contato da menor palavra de crítica indiscreta; mas vosso entusiasmo por esses diálogos picantes, mais espirituosos do que ofensivos para a Doutrina, vos fez anunciar erros que é do dever de todo bom Espírita, e do meu principalmente, de vos fazer notar.

Devo dizer primeiramente que as citações escolhidas, aqui e ali, em *O Livro dos Espíritos* são agrupadas com arte para apresentar a doutrina sob uma luz desfavorável; mas todo homem prudente de boa fé quererá ler por inteiro *O Livro dos Espíritos* e meditar.

1º Falais das *doutrinas da nova seita*. O Espiritismo, permiti-me vo-lo dizer, não é nem uma religião nem uma seita. O Espiritismo é um ensinamento dado aos homens pelos Espíritos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram. Sofremos, com o nosso desconhecimento, sua influencia de todos os instantes; eles são uma potência da Natureza, como a eletricidade é uma outra delas sob outro ponto de vista; sua existência e sua presença se constata por fatos evidentes e palpáveis.

2º Dissestes: *A perversidade de semelhante doutrina*. Guardai-vos! o Espiritismo não é outro senão o cristianismo em sua pureza; não há outra divisa inscrita sobre sua bandeira do que: *Amor e caridade*. Está, pois, aí a perversidade?

3º Enfim, falais de um sistema *cheio de seduções e de verdadeiros perigos*. Sim, está cheio de seduções, cheio de atrativos,

porque é belo, grande, justo consolador e digno, em todos os pontos, da perfeição de Deus. Seus perigos, onde estão? Em vão os procuram na prática do Espiritismo; nele não se encontra senão consolação e melhoramento moral. Perguntai em Paris, em Lyon, em Bordeaux, em Metz, etc., qual é o efeito produzido sobre as massas por essa nova crença. Lyon, sobretudo vos dirá em que fonte seus operários sem trabalho haurem tanta resignação e força para suportarem privações de todas as espécies.

Ignoro se as livrarias de Agen já estão providas dos livros adiante: *O que é o Espiritismo ? - O Livro dos Espíritos - O Livro dos Médiuns*; mas desejo, de todo o meu coração, que vosso pequeno comentário desperte a atenção dos indiferentes, faça procurar essas obras e formar um núcleo espírita na sede de vosso departamento. Esta Doutrina, destinada a regenerar o mundo, caminha a passos de gigante, e Agen seria uma das últimas cidades onde o Espiritismo viria tomar direito de cidadania? Vosso pequeno artigo é, eu o considero assim, como uma pedra que levais ao edifício, e admiro uma vez mais os meios dos quais Deus se serve para chegar aos seus fins.

'Vossa imparcialidade e vosso desejo de chegar, pela discussão, à verdade, me são uma garantia de que admitireis, nas colunas de vosso jornal, uma carta em resposta ao vosso artigo de 25 de maio.

"Aceitai, etc. "DOMBRE (de Marmande.)"

A esta carta o redator se limita, em seu jornal de 1^o de junho, a dizer isto:

"O Sr. Dombre nos escreveu de Marmande a respeito de nossas reflexões sobre *O Livro dos Espíritos* e os diálogos que surgiriam ao honrado Sr. de Cazenove de Pradines. Esse *novo ensinamento*, como quer bem chamá-lo o Sr. Dombre, não poderia ter, aos nossos olhos, o mesmo valor e o mesmo prestígio que ele parece exercer com relação ao nosso espírituoso correspondente.

(O Sr. Dombre enviou várias vezes a este jornal peças de versos e outras.)

"Respeitamos as convicções de nossos contraditores, então mesmo que elas repousem sobre princípios errôneos; mas não cremos dever manter, apesar da defesa leal e sincera que o Sr. Dombre empreende dessa doutrina, a expressão de um sentimento sobre um sistema completamente fora dos caminhos da verdade.

"O *Abeille agenaise* não poderia, por consequência, se entregar à propaganda de idéias essencialmente perigosas, e o Sr. Dombre compreenderá todo o lamento que sentimos em não poder nos associar à manifestação de seus desejos.

"J. SERRET."

Nota. - Reservar-se o direito de atacar, não admitir a resposta, é um meio cômodo de ter razão; resta saber se é o de chegar à verdade. Se uma doutrina que tem por base fundamental a caridade e o amor ao próximo, que torna os homens melhores, que fá-los renunciar aos hábitos de desordem, que dá a fé àqueles que não acreditavam em nada, que faz orar aqueles que não oravam mais, que conduz à união nas famílias divididas, que impede o suicídio; se, dizemos, uma tal doutrina é perversa, que serão, pois, as que são impotentes para produzir esses resultados? O Sr. Serret teme ajudar à propagação por uma polêmica, é porque ele gosta mais de falar sozinho. Pois bem! que fale só tanto quanto queira, o resultado disso não será menos o que foi por toda a parte: chamar a atenção e recrutar partidários para a Doutrina.

A.K.

Membros honorários da Sociedade de Paris

Revista Espírita, outubro de 1862

A Sociedade Espírita de Paris, para dar um testemunho de sua simpatia e de sua gratidão para com as pessoas que prestam serviços assinalados e efetivos à causa do Espiritismo, por seu zelo, seu devotamento, seu desinteresse, e que na necessidade sabem pagar por sua pessoa, lhes confere o título de *membro honorário*. Ela tem prazer em reconhecer assim o concurso que trazem à obra comum, os chefes e fundadores das sociedades ou grupos que se colocam sob a mesma bandeira, e que são dirigidos segundo os princípios do Espiritismo sério, *tendo em vista obter resultados morais*. Os motivos que as guiam são menos as palavras do que os atos. Ela conta deles não só nas várias cidades da França e da Argélia, mas nos países estrangeiros: na Itália, na Espanha, na Áustria, na Polônia, em Constantinopla, na América, etc.

O Sr. Dombre, de Marmande, que, desde que se iniciou no Espiritismo, não cessou de se fazer dele, abertamente, o propagador e o defensor, merecia esta distinção. Em lhe anunciando a sua nomeação, lhe havíamos pedido se nos autorizava publicar sua carta ao Père F... (V. o artigo do mês precedente.) Sua resposta merece ser citada; ela mostra de que maneira certos adeptos compreendem o seu papel.

"Marmande, 10 de agosto de 1862.

"Senhor Allan Kardec,

"Aceito, com reconhecimento, o título de membro honorário da Sociedade Espírita de Paris. Para responder a uma tal distinção, que obriga, e em testemunho de simpatia da parte dos membros dessa Sociedade que consentiram em me conferir esse título, farei por a toda parte e sempre, esforços para ajudar, na medida de meus meios, à propagação de uma Doutrina que faz minha alegria neste mundo e fará também, num tempo mais ou menos afastado, a daqueles que querem guardar ainda sob seus olhos a venda da incredulidade.

"Não vejo nenhum obstáculo, nenhum inconveniente na publicação de minha resposta ao diretor do *Abeille agenaise* e de minha carta ao P. F... Minha carta a este último está assinada: *Um católico*; penso bem que nenhum dos leitores da *Revista* pensará que o autor haja querido se esconder sob o véu do anonimato: o respeito humano não tem contenda sobre mim; rio do ridentes, porque estou na verdade. Todo bom Espírita deve, pelo seu exemplo, dar energia aos adeptos tímidos, e lhes ensinar a levar alto e firme o estandarte de sua crença.

"Peco-vos, senhor, apresentar meus sinceros agradecimentos à honorável Sociedade da qual me felicito hoje de fazer parte, e aceitai, etc.

"DOMBRE, proprietário."

O medo do *que disso se dirá?* diminuiu singularmente hoje, no que concerne ao Espiritismo, e o número daqueles que escondem sua opinião é bem mínimo; não se compõe mais quase senão daqueles que temem perder uma posição que os faz viver, e nesse número há muito mais de sacerdotes do que não se crê; deles conhecemos pessoalmente mais de cem. Mas, à parte isso, notamos em todas as posições sociais, entre os funcionários públicos, os oficiais de todos os graus, os médicos, etc., uma multidão de pessoas que, há um ano somente, não se teriam confessado Espíritas, e que, hoje, disso se fazem uma honra. Essa coragem de opinião que desafia a zombaria tem por conseqüência, primeiro, de dar coragem aos tímidos; em segundo lugar, de mostrar que o número dos adeptos é maior do que não se acreditava; enfim, de impor silêncio aos zombadores, surpresos de ouvirem por toda a parte retinir aos seus ouvidos a palavra Espiritismo, por pessoas que se considera duas vezes antes de zombar. Também nota-se que os zombadores abaixaram singularmente de tom há algum tempo; ainda alguns anos como os que vêm de se escoar, e seu papel terá acabado, porque se verão por toda a parte transbordados pela opinião.

O Sr. Dombre não tem somente a coragem de sua opinião, tem a da ação; monta resolutamente sobre a brecha e faz frente a seus adversários provocando-os à discussão, e eis que um jornalista se recusa para um fim de não receber, que trai sua fraqueza, e um pregador a quem a mais bela ocasião é oferecida para fazer valer seus argumentos e dar um golpe imprevisto à Doutrina, e que disso se vá dizendo que não tem tempo de responder. Não é aí desertar do campo de batalha? Se estava seguro de si mesmo, se a religião estava em causa, o que não restava para vencer o seu antagonista? Em semelhante caso, deixar a parte, é perdê-la. Um pregador tem uma vantagem imensa sobre o advogado, é que ele fala sem contraditor; pode dizer tudo o que quer, ninguém o refuta. É, ao que parece, desse modo que os adversários do Espiritismo entendem a controvérsia.

O Sr. Dombre não é o único que, na ocasião, tenha sabido manter a cabeça na tempestade: Bordeaux, Lyon e muitas outras cidades menos importantes, simples aldeias mesmo disso nos ofereceram numerosos exemplos, que se multiplicaram cada dia; e por toda a parte onde os adeptos mostraram a firmeza e a energia, os antagonistas moderaram a sua jactância.

Até o presente essa coragem de opinião e de ação é encontrada bem mais nas classes médias e obscuras do que nas classes elevadas; mas que um homem de nome popular, justamente estimado e honrado, influente por seus talentos, sua posição ou sua classe, tome um dia nas mãos a causa do Espiritismo e dela ostente abertamente a bandeira, ousar-se-á taxar de loucura aquele do qual se terá exaltado o talento e o gênio? sua voz não imporá silêncio aos clamores da incredulidade? Pois bem! esse homem surgirá, eu vo-lo certifico; à sua voz os dissidentes se reunirão, cedendo à influência de sua autoridade moral; ele também terá sua missão, missão providencial como a de todos os homens que fazem a Humanidade avançar, missão geral como muitas outras são particulares e locais; estas últimas, embora mais modestas, não têm por isso menos utilidade relativa, porque elas preparam os caminhos; é então que o Espiritismo entrará a todo pano nos costumes e os modificará profundamente, porque as idéias serão diferentes sobre todas as coisas. Nós semeamos e ele colherá, ou melhor, eles colherão, porque muitos outros seguirão seus traços. Espíritas, semeai, semeai sempre! A fim de que a colheita seja mais abundante e mais fácil. O passado vos é garantia do futuro.

O que deve ser a história do Espiritismo

Revista Espírita, outubro de 1862

A propósito dessa história da qual vos dissemos algumas palavras, várias pessoas perguntaram o que ela compreendia, e nos dirigiram, para esse efeito, diversos relatos e manifestações. Aqueles que acreditaram por aí trazer uma pedra ao edifício, sabemos a vontade da intenção, mas lhes diremos que se trata de uma coisa mais séria do que um catálogo de fenômenos espíritas que se encontrará em muitas obras. Devendo o Espiritismo marcar nos fastos da Humanidade, será interessante, para as gerações futuras, saber por que meios ele se estabeleceu. Esta será, pois, a história das peripécias que terão assinalado os seus primeiros passos; as lutas que terá tido que sofrer; os entraves que se lhe terão suscitado; de sua marcha progressiva no mundo inteiro. O verdadeiro mérito é modesto e não procura se fazer valer; é preciso que a posteridade conheça o nome dos primeiros pioneiros da obra, daqueles cujos devotamento e abnegação merecerão estarem inscritos nos seus anais; cidades que terão caminhado na primeira linha; daqueles que terão sofrido pela causa, a fim de que bendigam, e daqueles que terão feito sofrer, a fim de que orem para que sejam perdoados; em uma palavra, de seus amigos verdadeiros e de seus inimigos confessos ou ocultos. Não é preciso que a intriga e a ambição usurpem o lugar que não lhes pertença, nem um reconhecimento e honras que não lhes serão devidas. Se são Judas, é preciso que sejam desmascarados, uma parte, que não será a menos interessante, será a das revelações que, sucessivamente, anunciaram todas as fases dessa era nova e dos acontecimentos de toda natureza que a acompanharam.

Aqueles que achassem essa tarefa presunçosa, diremos que nela não teremos nenhum outro mérito que o de possuir, pela nossa posição excepcional, documentos que não estão na posse de ninguém, e que estão ao abrigo de todas as eventualidades; que o Espiritismo sendo incontestavelmente chamado a desempenhar um grande papel na história, importa que esse papel não seja desnaturado, e de opor uma história autêntica às histórias apócrifas que o interesse pessoal poderá fazer.

Quando aparecerá ela? Isso não será de início, e talvez de nossa vida, porque ela não está destinada a satisfazer a curiosidade do momento. Se dela falamos por antecipação, é a fim de que não se menospreze sobre o objetivo, e de marcar data da nossa intenção. Aliás, o Espiritismo está em seu início, e muitas outras coisas se passarão daqui até lá; e depois, é preciso esperar que cada um nele tenha tomado o seu lugar, bom ou mau.

Provas de identificação - Arsène Gautier

Revista Espírita, outubro de 1862

Uma lembrança de Espírito.

A senhora S..., de Cherbourg, nos transmite o relato seguinte:

Um marujo da marinha do Estado, de nome Arsène Gautier, retornou a Cherbourg, há quinze ou dezesseis anos, muito doente em consequência de febres que adquiriu nas costas da África. Veio na casa de um meus genros que sabia ser amigo de seu irmão, capitão da marinha mercante, esperado proximamente nesse porto. Nós o recebemos bem, e como ele estava doente, minha filha J..., que tinha então quatorze a quinze anos, me pediu para lhe oferecer vir se aquecer no nosso fogo para ali tomar da champanhe que não se lhe fazia na sua estalagem, e até que seu irmão chegasse. Essa criança teve com ele cuidados compassivos. Ele morreu chegando em sua casa, e depois nele não pensamos mais, nem uns nem os outros; seu próprio nome, assinado na cabeça da comunicação espontânea que recebemos a 8 de março último por minha filha J..., hoje médium, não no-lo fizera lembrar. Não o reconhecemos senão nos detalhes nos quais entrou. Era um homem de uma inteligência muito limitada, e a sua vida fora muito penosa; privado da afeição dos seus, era resignado a tudo. Eis a sua comunicação:

"Arsène Gautier. Vós me esquecestes há muito tempo, minha amiga, e eu não vos perdi de vista desde que deixei a Terra, porque sois a única pessoa, o único Espírito simpático que encontrei sobre essa Terra de dor. Eu vos amei com todas as minhas forças quando não éreis ainda senão uma criança, que não tínheis senão por mim um sentimento de piedade por causa da terrível moléstia que deveria me levar. Estou feliz... Essa existência era a primeira que Deus me havia dado. Foi porque meu Espírito era ainda tão novo, não conhecendo nenhum outro Espírito, que eu me liguei mais a vós. Estou feliz e pronto para retornar sobre a Terra para avançar para o Senhor. Tenho a esperança no coração; o caminho, tão difícil para alguns, me parece largo e fácil. Um bom começo como minha existência passada é um encorajamento tão grande! Deus me ajudará; orareis também por mim, a fim de que minha prova tão próxima me seja tão aproveitável quanto a outra. Eu não sou avançado, ah! mas chegarei."

Não tínhamos nenhuma idéia de que Espírito era essa comunicação, nos perguntávamos uma a outra quem poderia ser.

O Espírito responde:

"Eu sou irmão de um ex-capitão de Nantes que era amigo de um de vossos parentes." (Isto nos colocou no caminho e o Espírito continuou:)

"Obrigado de lembrar-vos de mim. Eu não lamento senão uma coisa entrevendo a próxima prova, é a de estar separado de vós por algum tempo. Adeus, eu vos amo muito.

ARSÈNE GAUTIER."

Nota. - Esta comunicação tendo sido lida na Sociedade de Paris, perguntamos a um de nossos guias espirituais se era possível que esse Espírito estivesse, como dizia, em sua primeira encarnação. Foi respondido:

"A sua primeira encarnação sobre esta Terra, .é possível; mas como Espírito, isso não se pode dar. Em suas primeiras encarnações, os Espíritos estão num estado quase inconsciente, e este, embora pouco avançado, já está longe de sua origem; mas é um desses Espíritos bons e que tomaram o caminho do bem; seu avanço será rápido, porque não terá nada a se despojar senão de sua ignorância, e não a lutar contra os maus pendoros daqueles que tomaram o caminho do mal."

Um Espírito pode recuar diante de uma prova?

Revista Espírita, outubro de 1862

Uma senhora de nossas amigas nos escreveu o que segue: "Minha filha teve um dia a comunicação espontânea seguinte de um Espírito que começou por assinar *Euphrosine Bretel*. Esse nome não nos lembrando ninguém, perguntamos: Quem és tu? - R. Sou um pobre Espírito em sofrimento, tenho necessidade de preces. Eu me dirijo a ti porque me conheceste então quando eu não era senão uma criança.

"Nós procuramos, e acreditei lembrar-me de que esse nome de família era o de uma jovem criança de nove a dez anos que se achava na mesma pensão que minha filha e que caiu doente pouco tempo depois à chegada desta. Seu pai veio procurá-la em viatura, e as crianças conservaram lembrança dessa doente toda envolvida e gemendo; ela morreu em sua casa. A mãe, no desespero, a seguiu de perto. O pai se tornou cego à força de ter chorado e morreu no mesmo ano. Desde que acreditamos ter reconhecido o nome, o Espírito logo escreveu:

"Sou eu; minha última existência deveria ser uma terrível prova, mas eu covardemente recuei, e tenho sempre sofrido desde esse tempo. Peço-te pedir a Deus me conceder a graça de uma nova prova; por dura que ela seja, eu me submeterei a ela; sou tão infeliz! Amo meu pai e minha mãe, e eles tem horror de mim; eles fogem, de mim, e aí está o meu castigo de procurá-los, sem cessar, para me ver repelida. Vim a ti porque minha lembrança não está inteiramente apagada de tua memória, e que daqueles que podem orarem particular por mim, só tu conheces o Espiritismo. Adeus, não me esqueçais, logo nos reveremos."

"Minha filha então disse gracejando: "Devo, pois, morrer logo?" Ao que o Espírito responde: "O tempo que para vós é longo, não se mede para nós." Depois verificamos o nome e o prenome da família que são perfeitamente exatos.

"Agora me pergunto se é possível que um Espírito reencarnado possa recuar diante da prova começada."

A esta questão respondemos: Sim, os Espíritos recuam freqüentemente, diante das provas que escolheram e que não têm mais a coragem não só de suportar, mas mesmo de afrontar quando vêem o momento chegado; é a causa da maioria dos suicídios. Eles recuam ainda quando murmuram e se desesperam, então perdem o benefício da prova. Eis porque o Espiritismo, fazendo conhecer a causa, o objetivo e as conseqüências das tribulações da vida, dá à fé tanto de consolação e de coragem, e afasta do pensamento abreviar seus dias. Qual é a filosofia que produziu sobre os homens semelhante resultado?

Resposta a uma pergunta mental

Revista Espírita, outubro de 1862

Um médium muito bom de Maine-et-Loire, que conhecemos pessoalmente, nos escreveu o que segue:

"Um de nossos amigos, homem dos menos crentes, mas tendo um grande desejo de se esclarecer, nos perguntou um dia se poderia evocar um Espírito sem nomeá-lo, e esse Espírito poderia responder às perguntas que lhe dirigisse pelo pensamento, sem que o médium delas tivesse o menor conhecimento. Nós lhe respondemos que isso se pode quando o Espírito quer muito a isso se prestar, o que não acontece sempre. Sobre isto obtive a seguinte resposta:

"O que me perguntais, não posso dizer-lo, porque Deus não permite; no entanto, posso vos dizer que sofro: é uma dor geral em todos os membros, o que deve vos surpreender uma vez que, na morte, o corpo apodrece na terra; mas nós temos um outro corpo espiritual que, ele, não morre, o que faz com que soframos tanto quanto se tivéssemos nosso *corpo corporal*. Sofro, mas espero não sofrer sempre. Como é preciso satisfazer à justiça de Deus, é preciso com isso se resignar nesta vida ou na outra. Não estou muito privado sobre a Terra, o que faz com que me é preciso reparar o tempo perdido. Não me imiteis, porque vos preparareis séculos de tormentos. É coisa grave quanto a eternidade, e infelizmente nela não se pensa tanto quanto se deveria pensar. Que se tem a lamentar quando se esquece o assunto tão importante da saúde! Pensai nisso!

"Vosso antigo cura, A... T..."

"Era bem esse cura que o nosso amigo queria evocar, e eis as três perguntas que ele queria lhe propor:

"Que pensar da divindade de Jesus Cristo?

"A alma é imortal?

"Que meios empregar para expiar as faltas e evitar a punição?

"Reconhecemos perfeitamente nosso antigo cura e seu estilo, as palavras *corpo corporal*, sobretudo mostram que é o Espírito do campo cuja educação pôde deixar alguma coisa a desejar."

Nota. - As respostas às perguntas mentais são fatos muito comuns, tanto mais interessantes a observar que são para os incrédulos de boa-fé uma das provas mais concluentes da intervenção de uma inteligência oculta; mas, como a maioria dos fenômenos espíritas, raramente eles se obtêm à vontade, ao passo que se produzem espontaneamente a cada instante. No caso acima, o Espírito quis a isso se prestar, o que é muito raro, porque os Espíritos, como se sabe, não gostam de perguntas de curiosidade e de prova; com isso não condescendem senão quando vêem a coisa útil, e freqüentemente não a julgam como nós. Como eles não estão ao capricho dos homens, é preciso esperar os fenômenos de sua

boa vontade ou da possibilidade por eles de produzi-los; é preciso, por assim dizer, agarrá-los de passagem e não provocá-los; para isso é preciso paciência e perseverança, e é nisso que os Espíritos reconhecem os observadores sérios e verdadeiramente desejosos de se instruírem; eles se inquietam muito pouco com pessoas superficiais que imaginam não ter senão a pedir para serem servidas na hora.

Poesias espíritas

Revista Espírita, outubro de 1862

A criança e o ateu

(Ver no número precedente, a nota sobre o *Anjo guardião*.)

(Sociedade Espírita Africana. - Médiun, senhorita O...)

Um belo Espírito se pondo como ateu
Passeava um dia, com uma criança,
Sobre as margens de um riacho cuja borda sombria
Os defendia contra um sol ardente.
Vendo fugir essa água límpida,
Disse à criança, seu sábio companheiro.
Onde pensas que seu curso rápido
Deve conduzi-lo deixando este valezinho?
Mas, disse a criança, creio que um lago pacífico
Vai receber o tributo de suas águas,
E que no fim de seu caminho penoso,
Devem assim acabar todos os riachos.
Pobre pequena! Disse rindo o mestre,
Em que erro está o teu Espírito;
Aprende enfim, aprende, pois, a conhecer
Como neste mundo tudo acaba.
Quando se afasta de sua fonte,
Onde, suas ondas nascem cada dia,
É para ir, no fim do seu curso,
Ao seio dos mares, se perder para sempre.
De nós mesmos, é uma imagem;
Quando deixamos este mundo sedutor
Não resta mais nada de nossa curta passagem,
E reentramos no nada.
Oh! meu Deus! Disse a criança com a voz triste,
É, pois, verdade, tal seria a nossa sorte?
Quê! de minha mãe bem amada,
Eu tudo perdi, tudo, no dia de sua morte?
Eu que acreditava que sua alma querida
Podia ainda proteger seu filho,
Partilhar com ele as penas da vida,
Depois nos rever um dia, junto de Deus onipotente?
Guarda sempre esta doce crença,
Disse-lhe baixinho seu anjo protetor.
Sim, cara criança, guarde bem a esperança,
Sem ela, sobre a Terra, não há felicidade.

O tempo fugiu; há longos anos

Nosso sábio sofreu o trespasse,
E, sempre fiel aos seus loucos pensamentos,
Morreu dizendo que Deus não existia.
A criança também viu chegar a velhice,
E sem temê-la, recebeu a morte,
Porque, conservando a fé da sua juventude,
Às mãos do eterno remeteu sua sorte.
Vede, vede essa multidão solícita
Deixar o céu, vir recebê-la;
De puros Espíritos é o grupo sagrado:
É seu irmão exilado que vão enfim receber.
Mas quem ela é, pois, essa alma abandonada,
Que parece querer se esconder?
Do infeliz sábio, é a alma desolada,
Que vê toda essa felicidade e não pode a ela se misturar.
Quanto a sua pena foi amarga,
Quando esse Deus, que ele havia tanto desafiado,
Apareceu-lhe enfim, como um juiz severo,
Em sua sublime majestade.
Oh! quantas lágrimas de sofrimento
Virão ferir esse Espírito cheio de orgulho!
Ele que outrora ria da esperança
Que uma pobre criança procurava além do féretro.
Mas do Senhor a bondade paternal
Não quis para sempre puni-lo;
E logo essa alma imortal
Sobre a Terra deve retornar.
Depois, a seu turno purificada,
Tomando seu vôo para o céu,
Ela irá de alegria embriagada
Repousar ao pé do Eterno.

Assinado: DUCIS.

A abóbora e a Sensitiva.

Fábula.

Qual é, pois, teu regime, ó pobre Sensitiva?
Dizia uma abóbora a essa frágil flor,
Para ficar assim lânguida e fraca?
Eu to digo com dor,
A sensibilidade te perde; tu te estiolas;
Morrerás antes do fim da estação;
Se o Sol se esconde no horizonte,
Vê-se se pregar teus finos folíolos:
Um funesto tremor
Percorre teu caule à só roçadura da brisa;
Todo contato te dá uma crise,
Tua vida enfim não é senão um tormento.

E por que tantos males e solicitude?
Segue meu exemplo experimentando doce quietude.
O que se passa ao redor mim
Não saberia me causar a mais leve comoção;
De bem me sustentar faço meu único estudo,
Que fazem, aliás, ao meu temperamento,
Os mistérios do céu? - A luz do dia límpido,
A obscura noite, o calor, o frio, o seco, o úmido
Me convém igualmente.
E é verdade que a propósito de minha forma gordíssima,
As vezes o observador satírico e maligno
Murmura ao meu lado: "A Abóbora vegeta!
Mas o dito não alcança meu seio;
Sobre meu leito nutritivo, rindo, eu rolo,
Ciumenta de expor, sobre o solo que esmigalho,
Meu grosso ventre e minha vasta extensão.
Nossos gostos são diferentes, disse a pequena flor;
Tu não queres consagrar teus cuidados, tua vida inteira
Senão ao bem-estar da matéria;
Eu creio fazer melhor, e, vês,
Abreviando minha existência,
Devoto-me ao prazer
Do sentimento e da inteligência
Terei sempre vivido bastante.

DOMBRE (de Marmande).

Ensinaamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, outubro de 1862

O Espiritismo e o Espírito maligno.

(Grupo Sainte-Gemme. - Médiun, Sr. C...)

De todos os trabalhos aos quais a Humanidade se entrega, são preferíveis aqueles que aproximam mais a criatura de seu Criador, que a colocam a cada dia, a cada instante, no estado de admirar a obra divina que saiu e que sai incessantemente de suas mãos onipotentes. O dever do homem é de se prosternar, de adorar sem cessar. Aquele que lhe deu os meios de se melhorar como Espírito, e de chegar assim à felicidade suprema, que é o objetivo final para o qual deve tender.

Se há profissões que, quase exclusivamente intelectuais, dão ao homem os meios de elevar o nível de sua inteligência, um perigo, e um grande perigo se acha colocado ao lado do benefício. À história de todos os tempos prova o que é esse perigo e quantos males ele pode engendrar. Estais dotados de uma inteligência superior: sob este aspecto estais mais próximos, do que vossos irmãos, da Divindade, e vos conduzis a negar essa própria divindade, ou dela fazer uma outra inteiramente contrária ao que é em realidade! Não se saberia mais repeti-lo, e não é preciso jamais deixar de dizê-lo: o orgulho é o inimigo mais obstinado do gênero humano. Tivésseis mil bocas, que todas deveriam dizer sem cessar a mesma coisa.

Deus vos criou a todos simples e ignorantes (1); tratai de avançar com um passo tão seguro quanto possível; isto depende de vós: Deus não recusa jamais a graça àquele que a pede de boa-fé. Todos os estados podem igualmente vos conduzir a um objetivo desejado, se vos conduzis segundo a senda da justiça, e se não fazeis para não dobrar vossa consciência à vontade de vossos caprichos. Há, no entanto, estados onde é mais difícil avançar do que em outros; também Deus terá em certa conta aqueles que, tendo aceito, como prova, uma posição ambígua, terão percorrido sem tropeçar esse caminho difícil, ou pelo menos terão feito, para se levantar de novo, todos os esforços humanamente possíveis.

(1) Esta proposição, tocando o estado primitivo das almas, formulada pela primeira vez em *O Livro dos Espíritos*, é por toda parte hoje repetida nas comunicações; ela encontra assim a sua consagração ao mesmo tempo nessa concordância e na lógica, porque nenhum outro princípio poderia melhor responder à justiça de Deus. Dando a todos os homens um mesmo ponto de partida, deu a todos a mesma tarefa a cumprir para chegar ao objetivo; ninguém é privilegiado pela Natureza; mas como têm seu livre arbítrio, uns avançam mais depressa e outros mais lentamente. Esse princípio de justiça é inconciliável com a doutrina que admite a criação da alma ao mesmo tempo que o corpo; comporta em si mesmo a pluralidade das existências, porque se a alma é anterior ao corpo, é que ela já viveu

É aí que é preciso ter uma fé sincera, uma força pouco comum para resistir aos

arrastamentos fora do caminho de justiça; mas é aí também que se pode fazer um bem imenso aos seus irmãos infelizes. Ah! tem muito mérito aquele que toca o lamaçal sem que suas vestes nele sejam enlameadas! é preciso que uma chama bem pura brilhe nele! Mas também, que recompensa não lhe está reservada à saída dessa vida terrestre! (2)

(2) Espanta-se que os Espíritos possam escolher uma encarnação num desses meios onde estão em contato incessante com a corrupção; entre aqueles que se encontram nessas posições ínfimas da sociedade, uns as escolheram por gosto, e para achar como satisfazer seus pendores ignóbeis; outros, por missão e por dever, para tentar tirar seus irmãos da lama, e para ter mais méritos em lutar, eles mesmos, contra perniciosos arrastamentos, e sua recompensa será em razão da dificuldade vencida. Tal entre nós é o operário que é pago em proporção do perigo que ele corre no exercício de sua profissão.

Que aqueles que se encontrem em posição semelhante meditem bem estas palavras; que se compenetrem bem do Espírito que elas encerram, e se operará neles uma revolução benfazeja que fará suceder as doces efusões do coração aos apertos do egoísmo.

Que fará, como disse o Evangelho, desses homens homens novos?

E, para cumprir esse grande milagre, o que é preciso? É preciso que queiram bem reportar seu pensamento àquilo que estão destinados a se tornar depois de sua morte. Estão todos convencidos de que um amanhã pode não existir para eles; mas, amedrontados pelo sombrio e desolador quadro das penas eternas, nas quais recusam crer por intuição, se abandonam à corrente da vida atual; se deixam arrastar por essa cupidez febril que os leva a amontoar sempre, por todos os meios permitidos ou não; arruinam sem piedade um pobre pai de família, e prodigalizam ao vício somas que bastariam para fazer viver uma cidade inteira durante vários dias. Afastam os olhos do momento fatal. Ah! se pudessem olhá-lo em face e de sangue-frio como mudariam depressa de conduta! como se os veríamos solícitos a devolver ao seu legítimo proprietário esse pedaço de pão negro que tiveram a crueldade de lhe arrancar para aumentar, ao preço de uma injustiça, uma fortuna construída de injustiças acumuladas! Para isto o que é preciso? é preciso que a luz espírita brilhe; é preciso que se possa dizer, como um grande general disse de uma grande nação: *O Espiritismo é como o Sol, cego quem não o vê!* Os homens que se dizem e que se crêem cristãos e que repelem o Espiritismo são bem cegos!

Qual é a missão da Doutrina que a mão onipotente do Criador semeou no mundo no momento presente? É de conduzir os incrédulos à fé, os desesperados à esperança, os egoístas à caridade. Eles se dizem cristãos e lançam o anátema à doutrina de Jesus Cristo! É verdade que pretendem que é o Espírito maligno que, para melhor disfarçar, vem pregar essa doutrina no mundo. Infelizes cegos! pobres doentes! que Deus queira bem, em sua inesgotável bondade, fazer cessar vossa cegueira e pôr um termo aos males que vos obsidiam!

Quem vos disse que era o Espírito do mal? quem? disso não sabeis nada. Pedistes a Deus para vos esclarecer sobre esse assunto? Não, ou se o fizestes, tínheis uma idéia preconcebida. O Espírito do mal! Sabeis quem vos disse que é o Espírito do mal? foi o orgulho, o próprio Espírito do mal que vos leva a condenar, coisa revoltante! a condenar, digo, o Espírito de Deus representado pelos bons Espíritos que envia ao mundo para regenerá-lo!

Examinai pelo menos a coisa e, seguindo as regras estabelecidas, condenai ou absolvei. AN

se quisésseis somente lançar um golpe de olhar sobre os resultados inevitáveis que deve trazer o triunfo do Espiritismo; se quisésseis ver os homens se considerando enfim como irmãos, todos convencidos de que, de um momento para outro, Deus lhes pedirá conta da maneira pela qual cumpriram a missão que lhes havia dado; se quisésseis ver por toda a parte a caridade tomando o lugar do egoísmo, o trabalho tomando por toda parte o lugar da preguiça; - porque, vós o sabeis, o homem nasceu para o trabalho: Deus dele lhe fez uma obrigação à qual não pode se subtrair sem transgredir as ordens divinas; - se quisésseis ver de um lado esses infelizes que dizem: *Condenados neste mundo, condenados no outro, sejamos criminosos e gozemos*; e de outro esses homens de metal, esses açambarcadores da fortuna de todos, que dizem: *A alma é uma palavra; Deus não existe; se nada existe entre nós depois da morte, gozemos a vida; o mundo se compõe de exploradores e de explorados; gosto mais de fazer parte dos primeiros que dos segundos; depois de mim o dilúvio!* Se transportásseis vossos olhares sobre esses dois homens que, em ambos, personificam o roubo, a extorsão da boa companhia e a que conduz à prisão; se os vísseis transformados pelas crenças na imortalidade que lhes deu o Espiritismo, ousaríeis dizer que foi pelo Espírito do mal?

Vejo vossos lábios se franzirem de desdém, e vos ouço dizer: Somos nós que pregamos a imortalidade, e temos crédito para isto.

Ter-se-á sempre mais confiança em nós do que nesses sonhadores vazios que, se não são velhacos, sonharam que os mortos saíam de seus túmulos para se comunicarem com eles. A isto sempre a mesma resposta: Examinai, e se, convencidos uma boa vez, o que não pode faltar se sois sinceros, em lugar de maldizer, bendireis, o que deve estar sempre mais em vossas atribuições segundo a lei de Deus.

A lei de Deus! dela sois, segundo vós, os únicos depositários, e vos espantais que outros tomem uma iniciativa que, segundo vós, não pertence senão unicamente a vós? Pois bem! escutai o que os Espíritos enviados de Deus encarregaram de vos dizer:

'Vós que tomais a sério vosso ministério, sereis benditos, porque tereis cumprido todas as obras, não só ordenadas, mas aconselhadas pelo divino Mestre. E vós que haveis considerado o sacerdócio como um meio de chegar humanamente, vós não sereis malditos, embora tenhais amaldiçoado a outros, mas Deus vos reserva uma punição mais justa.

"Virá o dia em que sereis obrigados a vos explicar publicamente sobre os fenômenos espíritas, e esse dia não está longe. Então vos encontrareis na necessidade de julgar, uma vez que vos' erigistes em tribunal; de julgar quem? o próprio Deus, porque nada chega sem a sua permissão.

'Vede onde vos conduziu o Espírito do mal, quer dizer, o orgulho! em lugar de vos inclinar e de adorar, vos endurecestes contra a vontade Daquele único que tem o direito de dizer: *Eu quero*, e dizeis que o demônio é que quem diz: *Eu quero!*

"E, agora se persistis em não crer senão nas manifestações dos maus Espíritos, lembrai-vos das palavras do Mestre que acusavam de expulsar os demônios em nome de Belzebu: 'Todo reino dividido contra si mesmo perecerá.'"

HIPPOLYTE FORTOUL.

O Corvo e a Raposa.

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de agosto de 1862. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Desconfiai dos adulaadores: é a raça mentirosa; são as encarnações de dupla cara que riem para vos enganar; infeliz de quem nele crê, os escuta, porque as noções da verdade são logo pervertidas nele. E, no entanto, quantas pessoas se deixam prender nesse engodo mentiroso da adulação! escutam com paciência o velhaco que acaricia suas fraquezas, ao passo que repelem o amigo sincero que lhes diz a verdade e lhes dá sábios conselhos; atraem o falso amigo, ao passo que afastam o amigo verdadeiro e desinteressado; para agradar-lhes, é preciso adulá-los, tudo aprovar, tudo aplaudir, achar tudo bem, mesmo o absurdo; e, coisa estranha! repelem os conselhos sensatos, e crerão numa mentira do primeiro que chegue, se essa mentira lisonjeia suas idéias. Que quereis? Eles querem ser enganados e o são; e muito tarde, freqüentemente, disso vêem as conseqüências, mas então o mal está feito e, algumas vezes, não tem remédio.

De onde vem isso? A causa disto é quase sempre múltipla. A primeira, sem contradita, é o orgulho que os cega sobre a infalibilidade de seu próprio mérito que crêem superior a todo outro; também o tomam sem dificuldade por tipo do senso comum; a segunda prende-se a uma falta de julgamento que não lhes permite ver o forte e o fraco das coisas; mas é ainda aqui o orgulho que oblitera o julgamento; porque, sem orgulho, eles desconfiariam de si mesmos e disso se reportariam àqueles que possuem mais experiência. Crede bem também que os maus Espíritos nisso não são sempre estranhos; eles gostam de mistificar, de estender armadilhas e quem pode melhor nelas cair do que o orgulhoso que se lisonjeia? O orgulho é para ele o defeito da couraça em uns, como a cupidez é em outros, e sabem habilmente disso aproveitarem, mas evitam com cuidado dirigir-se ao mais fortes do que eles, moralmente falando. Quereis vos subtrair à influência dos maus Espíritos? Subi, subi tão alto em virtudes que não possam vos alcançar, e então sereis por eles temidos; mas se deixais arrastar uma ponta de corda a ela se agarrarão para vos forçar a descer; chamar-vos-ão com sua voz melosa, gabarão vossa plumagem, e fareis como o corvo, deixareis cair o vosso queijo.

SONNET.

Estilo das boas comunicações.

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de agosto de 1862. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Procurai, na palavra, a sobriedade e a concisão; poucas palavras, muitas coisas. A linguagem é como a harmonia: mais se quer torná-la sábia e menos ela é melodiosa. A ciência verdadeira é sempre aquela que impressiona, não alguns sibaritas insensíveis a tudo, mas a massa inteligente que o afasta há tão muito tempo do caminho do verdadeiro belo, que é o da simplicidade. A exemplo de seu Mestre, os discípulos do Cristo tinham adquirido esse profundo saber de dizer bem, sobriamente, brevemente e seus discursos, como os seus, eram cheios dessa graça delicada, dessa profundidade que, em nossos dias, em uma época onde tudo mente ao nosso redor, fazem ainda das grandes vozes do Cristo e dos apóstolos modelos inimitáveis de concisão e de precisão.

Mas a verdade desceu do alto; os Espíritos superiores vêm como os apóstolos dos primeiros dias da era cristã, ensinar e dirigir. *O Livro dos Espíritos* é todo uma revolução, porque está

escrito concisamente, sobriamente: poucas palavras, muitas coisas; nada de flores de retórica, nada de imagens, mas somente pensamentos grandes e fortes que consolam e fortalecem; é por isso que agrada, e ele agrada porque é compreendido facilmente: aí está uma marca da superioridade dos Espíritos que o ditaram.

Por que se encontram tantas comunicações vindas de Espíritos supostamente superiores, cheias de insensatez, de frases inchadas e floridas: uma página para nada dizer? Tende por certo que esses não são os Espíritos superiores, mas falsos sábios que crêem fazer do efeito substituindo por palavras o vazio das idéias, a profundidade dos pensamentos pela obscuridade. Eles não podem seduzir senão os cérebros ocos como os deles, que tomam a lantejoula por ouro fino, e julgam a beleza de uma mulher pelo brilho de seu adorno.

Desconfiai, pois, dos Espíritos verbosos, de linguagem empolada e deliberadamente ininteligível, que é preciso escavar a cabeça para compreender; e reconhecei a verdadeira superioridade no estilo conciso, claro e inteligível sem esforço da imaginação; não meçais a importância das comunicações pela sua extensão, mas pela soma das idéias que elas encerram sob o menor volume. Para ter o tipo da superioridade real, contai as palavras e contai as idéias, - entendendo as idéias justas, sadias e lógicas; - a comparação vos dará a medida exata.

BARBAREI (Espírito familiar).

A Razão e o Sobrenatural.

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, Sr. A. Didier.)

O homem é limitado em sua inteligência e em suas sensações. Ele não pode compreender além de certos limites, e pronuncia então esta palavra sacramental e que põe fim a tudo: *Sobrenatural*.

A palavra sobrenatural, na ciência nova que estudais, é uma palavra de convenção; ela existe para nada exprimir. Com efeito, que quer dizer essa palavra? Fora da Natureza; além daquilo que nos é conhecido. O que de mais insensato, de mais absurdo do que aplicar essa palavra a tudo o que está fora de nós! Para o homem que pensa, a palavra sobrenatural não é definitiva; ela é vaga, faz pressentir. Conhece-se a frase banal do incrédulo por ignorância: "É sobrenatural. Ora, a razão, etc., etc." O que é a razão? Pois bem! Quando a Natureza, se ampliando e agindo como rainha, nos mostra os tesouros desconhecidos, a razão torna-se, pois, nesse sentido insensata e absurda, uma vez que ela persiste malgrado os fatos. Ora, se é o fato, é que a Natureza o permite. A Natureza tem para nós algumas manifestações sublimes, sem dúvida, mas que são muito restritas, entrando-se no domínio do desconhecido. Ah! quereis folhear a Natureza; quereis conhecer a causa das coisas, *causa rerum*, e credes que não é preciso colocar a vossa razão banal de lado? Mas pilheriais, senhores. O que é a razão humana, senão a maneira de pensar de vosso mundo? Correi de planeta em planeta, e credes que a razão deve ali vos acompanhar? Não, senhores: a única razão que deveis crer no meio de todos esses fenômenos, é o sangue-frio e a observação nesse ponto de vista, e não no ponto de vista da incredulidade.

Ultimamente tocamos em questões bem sérias, vós vos lembrais; mas, no meio daquilo que dizíamos, não concluímos que todo mal vem dos homens; depois de muitas lutas, depois de muitas discussões, vêm também os bons pensamentos, uma fé nova e esperanças novas. O Espiritismo, como vos disse ultimamente, é a luz que deve clarear doravante toda

inteligência que tende ao progresso. A prece será o único dogma e a única prática do Espiritismo, quer dizer, a harmonia e a simplicidade; a arte será nova, porque será fecundada por idéias novas. Pensai que toda obra inspirada por uma idéia filosófica religiosa é sempre uma manifestação poderosa e sadia; o Cristo será sempre a Humanidade, mas isso não será mais a Humanidade sofredora: será a Humanidade triunfante.

LAMENNAIS.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Novembro

- [Viagem espírita em 1862](#)
- [Aos nossos Correspondentes](#)
- [Os mistérios da torre Saint-Michel de Bordeaux](#)
- [Um remédio doado pelos Espíritos](#)
- Poesias espíritas.
 - [Meu Testamento](#)
- Fábulas e poesias diversas, por um Espírito batedor.
 - [O monólogo de um asno](#)
 - [O médium e o doutor Imbroglia](#)
- Dissertações espíritas.
 - [O duelo](#)
 - [Fundamentos da ordem social](#)
 - [Aqui jazem dezoito séculos de luzes](#)
 - [Papel da Sociedade de Paris](#)
 - [Da origem da linguagem](#)
- [Respostas](#)
- [Errata](#)

Viagem espírita em 1862

Revista Espírita, novembro de 1862

Vimos de fazer uma visita a alguns dos centros espíritas da França, lamentando que o tempo não nos haja permitido ir por toda parte onde disso se nos havia exprimido o desejo, nem de prolongar a nossa permanência, em cada localidade, tanto quanto tínhamos desejado, em razão da acolhida tão simpática e tão fraternal que recebemos por toda a parte. Durante uma viagem de mais de seis semanas e dum percurso total de seiscentas e seis léguas, nos detivemos em vinte cidades e assistimos a mais de cinqüenta reuniões. O resultado foi para nós uma grande satisfação moral sob o duplo aspecto das observações que recolhemos e da constatação dos imensos progressos do Espiritismo.

O relato dessa viagem, que compreende principalmente as instruções que demos nos diferentes grupos, é muito extenso para poder ser inserido na *Revista*, da qual absorveria quase dois fascículos; dele fazemos uma publicação à parte, do mesmo formato que o jornal, a fim de nela poder ser anexado se for preciso (1-(1 Brochura grande in-8º, formato e caracteres da *Revista* - Preço: 1 fr., *franco* para toda a França. (No prelo.)).

Em nossa rota, fomos visitar os possessos de Morzine em Savoie; lá também recolhemos observações importantes e muito instrutivas sobre as causas e o modo da obsessão em todos os graus, corroboradas pelos casos idênticos e isolados, e que vimos em outras localidades, e sobre os meios de combatê-la. Isto será objeto de um artigo especial desenvolvido, que tínhamos a intenção de inserir neste número da *Revista*, mas o tempo não nos tendo permitido terminá-lo bastante cedo, fomos forçados a adiá-lo para o próximo número; não poderá, de resto, senão ganhar a ser feito com menos precipitação. Vários fatos recentes, aliás, vieram depois esclarecer essa questão, que abre um horizonte novo à patologia.

Esse artigo responderá a todas as perguntas de esclarecimentos que nos são freqüentemente dirigidas sobre os casos análogos.

Creemos dever aproveitar dessa circunstância para retificar uma opinião que nos pareceu geralmente bastante difundida.

Várias pessoas, sobretudo na província, tinham pensado que as despesas dessa viagem eram suportadas pela Sociedade de Paris; deveríamos salientar esse erro quando a ocasião a isto se apresentasse; àqueles que poderiam ainda partilhá-la, lembraremos o que dissemos em uma outra circunstância (Nº de junho de 1862, página 167), que a Sociedade se limita a prover as despesas correntes, e não tem nada de reserva; para que ela possa amontoar um capital, ser-lhe-ia preciso visar o número; é o que não faz e não quer fazer, porque a especulação não é o seu objetivo, e que o número nada acrescenta à importância de seus trabalhos; sua influência é toda moral e no caráter de suas reuniões, que dão aos estranhos a idéia de uma assembléia grave e séria; aí está seu mais poderoso meio de propaganda. Não poderia ela, pois, prover semelhante despesa. As despesas de viagem, como todas aquelas que necessitam de nossas relações para o Espiritismo, são tiradas de nossos recursos pessoais e nossas economias, acrescidos do produto de nossas obras, sem o qual nos seria impossível subvencionar a todas as cargas que são para nós a consequência da obra que empreendemos. Isto dito sem vaidade, mas unicamente para

render homenagem à verdade e para a edificação daqueles que pensam que entesouramos.

Aos nossos Correspondentes

Revista Espírita, novembro de 1862

Ao retornar, encontramos uma correspondência tal que não seria preciso menos de um grande mês para responder, não fazendo outra coisa; considerando-se que cada dia vem a ela acrescentar um novo contingente, sem prejuízo das ocupações correntes estritamente obrigatórias, compreender-se-á a impossibilidade *material* em que estamos de bastar a semelhante trabalho. Dissemo-lo e repetimos ainda, estamos longe de nos queixar do número de cartas que nos escrevem, porque elas provam a imensa extensão que a Doutrina toma, e o ponto de vista moral e filosófico sob o qual é considerada agora por toda a parte onde ela penetra; são preciosos arquivos para o Espiritismo; mas somos ainda uma vez forçados a pedir indulgência para a nossa impontualidade em responder. Só esse trabalho absorveria o tempo de duas pessoas, e estamos *sozinho*. Disso resulta que muitas coisas ficam em suspenso, e é a esta causa que se deve o atraso dado à publicação de várias obras que havíamos anunciado.

Esperamos que um tempo virá em que poderemos ter uma colaboração permanente e assídua para que tudo possa caminhar de frente; os Espíritos no-lo prometem; à espera disso, não há alternativa, nos é necessário negligenciar ou a correspondência, ou os outros trabalhos que aumentam em proporção ao crescimento da Doutrina.

Os mistérios da torre Saint-Michel de Bordeaux

Revista Espírita, novembro de 1862

História de uma múmia.

Em uma das adegas da torre Saint-Michel, em Bordeaux, vê-se um certo número de cadáveres mumificados que não parecem remontar a mais de dois ou três séculos, e que, sem dúvida, foram levados a esse estado pela natureza do solo. É uma das curiosidades da cidade, e que os estrangeiros não deixam de ir visitar. Todos esses corpos têm a pele completamente pergaminhada; a maioria está num estado de conservação que permite distinguir os traços do rosto e a expressão da fisionomia; vários têm as unhas de um frescor notável; alguns têm ainda fragmentos das vestes, e mesmo de rendas muito finas.

Entre essas múmias, há uma que fixa particularmente a atenção; é a de um homem cujas contrações do corpo, do rosto e dos braços levados à boca, não deixam nenhuma dúvida sobre o seu gênero de morte; é evidente que foi enterrado vivo, e que morreu nas convulsões de uma agonia terrível.

Um novo jornal de Bordeaux publicou um romance-folhetim sob o título de *Mistérios da torre Saint-Michel*. Não conhecemos essa obra senão de nome, e pelas grandes imagens em cartazes sobre todas as paredes da cidade e representando a adega da torre.

Conseqüentemente, não sabemos em que espírito foi concebido, nem a fonte onde o autor hauriu os fatos que conta. O que vamos contar tem pelo menos o mérito de não ser o fruto da imaginação humana, uma vez que vem diretamente de além-túmulo, o que talvez fará muito rir o autor em questão. O que quer que seja, cremos que este relato não é um dos episódios menos impressionantes dos dramas que deveram se passar nesses lugares; será lido com tanto mais interesse por todos os Espíritas, porque encerra em si um grande ensinamento; é a história do homem enterrado vivo e de duas outras pessoas que a ele se ligam, obtido numa série de evocações feitas na Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angély, no mês de agosto último, e que nos foram comunicadas quando de nossa passagem. Pelo que concerne à autenticidade dos fatos, a isso nos referiremos na nota colocada no fim deste artigo.

(Saint-Jean d'Angély, 9 de agosto de 1862. - Médiun, Sr. Del.....pela tiptologia.)

1. Pergunta ao guia protetor: Podemos evocar o Espírito que animou o corpo que se vê na adega da torre Saint-Michel de Bordeaux, e que parece ter sido enterrado vivo? - R. Sim, e que isso sirva para o vosso ensinamento.

2. Evocação. - (O Espírito manifesta a sua presença.)

3. Poderíeis nos dizer qual foi o vosso nome quando animáveis o corpo de qual falamos? - R. Guillaume Remone.

4. Vossa morte foi uma expiação ou uma prova que havíeis escolhido com o objetivo de vosso adiantamento? - R. Meu Deus, porque, em tua bondade, prossegue a tua justiça sagrada? Sabeis que a expiação é sempre obrigatória, e que aquele que comete um crime não pode evitá-la. Estava eu nesse caso, é tudo vos dizer. Depois de muitos sofrimentos, cheguei a reconhecer meus erros, e deles senti todo o arrependimento necessário para a minha reentrada em graça diante do Eterno.

5. Podeis nos dizer qual foi o vosso crime? - R. Tinha assassinado minha mulher em seu leito.

(10 de agosto. - Médiun, senhora Guérin, pela escrita.)

6. Quando, antes de vossa encarnação, escolhestes vosso gênero de provas, sabíeis que serieis enterrado vivo? - Não; sabia somente que deveria cometer um crime odioso que encheria minha vida de remorsos cruciantes, e que essa vida, eu a acabaria em dores atrozes. Vou ser logo reencarnado; Deus tomou em piedade minha dor e meu arrependimento.

Nota. Esta frase: *Sabia que deveria cometer um crime*, está explicada adiante, perguntas 30 e 31.

7. A justiça perseguiu alguém por ocasião da morte de vossa mulher? - R. Não; acreditaram numa morte súbita; eu a havia sufocado.

8. Que motivo vos levou a esse ato criminoso? - R. O ciúme.

9. Foi por descuido que vos enterraram vivo? - R. Sim.

10. Lembrai-vos dos instantes de vossa morte? - R. É alguma coisa de terrível, impossível de descrever. Figurai-vos estar numa fossa com dez pés de terra sobre vós, querer respirar e faltar ar, querer gritar: "Estou vivo!" e sentir sua voz abafada; ver-se morrer e não poder chamar por socorro; sentir-se cheio de vida e riscado da lista dos vivos; ter sede e não poder se dessedentar; sentir as dores da fome e não poder fazê-la cessar; morrer, numa palavra, numa raiva de condenado.

11. Nesse momento supremo, pensastes que era o momento de vossa punição? - R. Não pensei em nada; morri como um enraivecido, ferindo-me nas paredes de meu caixão mortuário, querendo dele sair vivo a todo preço.

Nota. Esta resposta é lógica e se acha justificada pelas contorções na quais se vê, examinando o cadáver, que o indivíduo deve ter morrido.

12. Vosso Espírito liberto reviu o corpo de Guillaume Remone? - R. Logo depois de minha morte, eu me via ainda na terra.

13. Quanto tempo ficastes nesse estado, quer dizer, tendo o vosso Espírito ligado ao corpo embora não o animasse mais? - R. Em torno de quinze a dezoito dias.

14. Quando pudestes deixar vosso corpo, onde vos encontrastes? - R. Vi-me cercado de uma multidão de Espíritos como eu cheios de dor, não ousando elevar para Deus seu

coração preso à Terra, e desesperançado de receber seu perdão.

Nota. O Espírito ligado ao seu corpo e sofrendo ainda as torturas dos últimos instantes, pois se achando no meio de Espíritos sofredores, desesperançosos de seu perdão não é o inferno com seus prantos e seu ranger de dentes? É necessário fazer dele uma fornalha com as chamas e as forcas? Essa crença na perpetuidade dos sofrimentos é, como se sabe, um dos castigos infligidos aos Espíritos culpados. Esse estado dura tanto quanto o Espírito não se arrepende, e durará sempre se não se arrepende jamais, porque Deus não perdoa senão ao pecador arrependido. Desde que o arrependimento entre em seu coração, um raio de esperança lhe faz entrever a possibilidade de um fim para os seus males; mas só o arrependimento não basta; Deus quer a expiação e a reparação, e é pelas reencarnações sucessivas que Deus dá aos Espíritos imperfeitos a possibilidade de se melhorarem. Na erraticidade eles tomam resoluções que procuram executar em sua vida corporal; é assim que, a cada existência, deixando alguma impureza, chegam gradualmente a se aperfeiçoarem, e dão um passo adiante para a felicidade eterna. A porta da felicidade, portanto, jamais lhes é fechada, mas a alcançam num tempo mais ou menos longo, segundo a sua vontade e o trabalho que fazem, sobre si mesmos, para merecê-lo.

Não se pode admitir a onipotência de Deus sem a presciência; desde então, pergunta-se por que Deus, criando uma alma, sabendo que ela deverá falir sem poder se levantar, a tirou do nada para votá-la aos tormentos eternos? Quis, pois, criar almas infelizes? Esta proposição é insustentável com a idéia da bondade infinita, que é um dos seus atributos essenciais. De duas coisas uma, ou ele sabia, ou não o sabia; se não sabia não é todo-poderoso; se o sabia, não é nem justo e nem bom; ora, tirar uma parcela do infinito dos atributos de Deus, é negar a Divindade. Tudo se concilia, ao contrário, com a possibilidade deixada ao Espírito de reparar suas faltas. Deus sabia que, em virtude de seu livre arbítrio, o Espírito faliria, mas sabia também que se reabilitaria; sabia que tomando o mau caminho retardaria sua chegada ao objetivo, mas que chegaria cedo ou tarde, e é para fazê-lo chegar mais depressa que multiplica as advertências sobre seu caminho; se não as escuta, não é senão mais culpável, e merece a prolongamento de suas provas. Dessas duas doutrinas, qual é a mais racional?

A.K.

(11 de agosto.)

15. Nossas perguntas vos seriam desagradáveis? -R. Isso me lembra pungentes recordações; mas agora que reentrei em graça por meu arrependimento, estou feliz em poder dar minha vida em exemplo, a fim de premunir meus irmãos contra as paixões que poderiam arrastá-los, como eu.

16. Vosso gênero de morte, comparado ao de vossa mulher, nos faz supor que se vos aplicou a pena de talião, e que estas palavras do Cristo se cumpriram em vossa pessoa: "Aquele que fere pela espada, perecerá pela espada." Quereis, pois, nos dizer como asfixiastes vossa vítima? - R. Em seu leito, como já disse, entre dois colchões, depois de lhe ter colocado uma mordaça para impedi-la de gritar.

17. Gozáveis de uma boa reputação em vossa vizinhança? - R. Sim; era pobre, mas honesto e estimado; minha mulher era igualmente de uma família honrada; e nessa noite, durante a qual o ciúme me manteve desperto, vi sair um homem de seu quarto; embriagado de ódio, não sabendo o que fazia, tornei-me culpado do crime que vos revelei.

18. Revistes vossa mulher no mundo espírita? - R. Foi o primeiro Espírito que se ofereceu à minha visão, como para reprovar meu crime. Vi-a por muito tempo e infeliz também; não foi senão depois que foi decidido que eu seria reencarnado, que me desembarcei de sua presença.

Nota. - A visão incessante das vítimas é um dos castigos mais comuns infligidos aos Espíritos criminosos. Aqueles que são mergulhados nas trevas, o que é muito freqüente, não podem, a miúdo, dele escapar. Não vêem nada, se isso não é o que pode lembrar-lhes seu crime.

19. Pedistes a ela para vos perdoar? - R. Não; nos fugíamos sem cessar, e nos encontrávamos sempre cara a cara, um do outro, para nos torturar reciprocamente.

20. No entanto, do momento em que vos arrependestes, foi necessário pedir-lhe perdão? - R. Do momento que me arrependi, não mais a revi.

21. Sabeis onde ela está agora? - R. Não sei o que ela se tornou, mas vos será fácil disso se informar, junto de vosso guia espiritual, São João Batista.

22. Quais foram vossos sofrimentos como Espírito? - R. Estava cercado de Espíritos desesperados; eu mesmo acreditava jamais sair desse estado infeliz; nenhum clarão de esperança brilhava em minha alma endurecida; a visão de minha vítima coroava o meu martírio.

23. Como fostes levado a um estado melhor? - R. Do meio de meus irmãos em desespero, um dia visei um objetivo que, compreendi-o logo, não podia alcançar senão pelo arrependimento.

24. Que era esse objetivo? - R. Deus, do qual todo ser tem a idéia, malgrado seu.

25. Dissestes já duas vezes que iríeis reencarnar logo; há indiscrição em vos perguntar qual gênero de provas escolhestes? - R. A morte colherá todos os seres que me serão caros, e eu mesmo passarei pelas doenças mais abjetas.

26. Estais feliz agora? - R. Relativamente, sim, uma vez que entrevejo um fim aos meus sofrimentos; efetivamente, não.

27. Do momento em que entrastes em letargia, até o momento em que fostes despertado em vosso caixão, vistes e ouvistes o que se passava ao vosso redor? - R. Sim, mas tão vagamente que eu acreditava sonhar.

28. Em que ano morrestes? - R. Em 1612.

29. (A São João Batista.) G. Remone não foi constrangido, por punição, sem dúvida, a vir à nossa evocação confessar seu crime?

Isto parece resultar da sua primeira resposta, na qual fala da justiça de Deus. — R. Sim, ele foi forçado, mas a isso se resignou de boa vontade, quando viu como um meio a mais para ser agradável a Deus, em vos servindo em vossos estudos espíritas.

30. Sem dúvida, esse Espírito se enganou quando disse (pergunta 6): "Sabia que deveria cometer um crime." Sabia, provavelmente, que estaria exposto a cometer um crime, mas, tendo seu livre arbítrio, poderia muito bem não sucumbir à tentação. - R. Explicou-se mal; deveria dizer: "Sabia que minha vida deveria ser cheia de remorsos." Estava livre para escolher um outro gênero de provas; ora, para ter remorsos, é preciso supor que cometera uma má ação.

31. Não poderia admitir-se que ele não teve seu livre arbítrio senão no estado errante, escolhendo tal ou tal prova, mas que, uma vez escolhida essa prova, não tinha mais, como encarnado, a liberdade de não cometer a ação, e que seria preciso necessariamente que o crime fosse cometido por ele? — R. Poderia evitá-lo; tinha seu livre arbítrio, como Espírito e no estado de encarnado; poderia, pois, resistir, mas suas paixões o arrastaram.

Nota. - É evidente que o Espírito não se dera bem conta de sua situação; confundiu a prova, quer dizer, a tentação de fazer, com a ação; e como sucumbiu, pôde crer numa ação fatal escolhida por ele, o que não seria racional. O livre arbítrio é o mais belo privilégio do espírito humano, e uma prova brilhante da justiça de Deus que torna o Espírito o árbitro de seu destino, uma vez que dele depende abreviar seus sofrimentos ou prolongá-los por seu endurecimento e sua má vontade. Supor que ele possa perder sua liberdade moral como encarnado, seria tirar-lhe a responsabilidade de seus atos. Pode-se ver, por aí, que não é preciso admitir senão depois de maduro exame certas respostas dos Espíritos, sobretudo quando elas não estão, em todos os pontos, conformes com a lógica.

A. K.

32. Devemos supor que um Espírito possa, como prova, escolher uma vida de crimes, uma vez que escolhesse o remorso, que não é senão a conseqüência da infração à lei divina? - R. Pode escolher a prova de a isto estar exposto mas, tendo seu livre arbítrio, pode também não sucumbir. Assim G. Remone tinha escolhido uma vida cheia de desgostos domésticos que lhe suscitariam a idéia do crime, o qual deveria inundar a sua vida de remorsos, se o cumprisse. Quis, pois, tentar essa prova para ensaiar dela sair vitorioso.

Vossa linguagem está tão pouco em harmonia com a maneira de comunicar dos Espíritos, que ocorre, muito freqüentemente, que há retificações a fazer nas frases que vos dão os médiuns, sobretudo os médiuns intuitivos; pela combinação dos fluidos, nós lhes transmitimos a idéia que eles traduzem mais ou menos bem, segundo essa combinação seja mais ou menos fácil entre o fluido do nosso perispírito e o fluido animal do médium.

Senhora Remone.

(12 de agosto.)

33. (A São João.) Poderíamos evocar o Espírito da senhora de G.Remone? - R. Não; ela está encarnada.

34. Sobre a Terra? - R. Sim.

35. Se não podemos evocá-la como Espírito errante, não poderíamos fazê-lo como encarnado, e não poderíeis nos dizer quando ela dormirá? - Podeis fazê-lo neste momento, porque as noites para esse Espírito são os dias para vós.

36. Evocação do Espírito da senhora Remone. - (O Espírito se manifesta.)
37. Lembrai-vos da existência na qual vos chamava senhora Remone? -- R. Sim; oh! por que me fazer lembrar de minha vergonha e de minha infelicidade?
38. Se estas perguntas vos causam alguma dificuldade, nós as cessaremos. - R. Peco-vos isso.
39. Nosso objetivo não é causar-vos dificuldade; não vos conhecemos, e não vos conheceremos provavelmente jamais; mas só queremos fazer estudos espíritas. - R. Meu Espírito está tranqüilo, por que querer agitá-lo com lembranças penosas? Não podeis, pois, fazer estudos sobre Espíritos errantes?
40. (A São João.) Devemos cessar nossas perguntas que parecem despertar uma lembrança penosa neste Espírito? - R. A isto vos convido; é ainda uma criança, e a fadiga de seu Espírito reagiria sobre seu corpo; de resto, há pouca coisa além da repetição do que vos disse seu marido.
41. G. Remone e sua mulher perdoaram-se por seus erros recíprocos? - R. Não; é preciso para isso que cheguem a um grau de perfeição mais elevado.
42. Se esses dois Espíritos se reencontrassem sobre a Terra, no estado de encarnados, que sentimentos experimentariam um pelo outro? - R. Não experimentariam senão a antipatia.
- 43 G. Remone revendo, como visitante, seu corpo na adega de Saint-Michel, sentiria uma sensação desconhecida aos outros curiosos? - R. Sim; mas essa sensação lhe pareceria muito natural.
44. Reviu ele seu corpo depois que foi retirado da terra?-R. Sim.
45. Quais foram suas impressões? - R. Nenhuma; sabeis bem que os Espíritos desligados de seu envoltório vêem as coisas desse mundo com um outro olhar do que vós outros encarnados.
46. Poderíamos obter algumas informações sobre a posição atual da senhora Remone? - R. Perguntai.
47. Qual é hoje seu sexo? - R. Feminino.
48. Seu país natal? - R. Ela está nas Antilhas, filha de um rico negociante.
49. As Antilhas pertencem a várias potências; qual é sua nação? - R. Ela mora em Havana.
50. Poderíamos saber seu nome? - R. Não o pergunteis.
51. Qual é sua idade? - R. Onze anos.
52. Quais serão suas provas? - R. A perda de sua fortuna; um amor ilegítimo e sem

esperança, juntos à miséria e aos trabalhos mais penosos.

53. Dissestes um amor ilegítimo; amarás ela, pois, seu pai, seu irmão, ou um dos seus? - R. Ela amarás um homem consagrado a Deus, só e sem esperança de retorno.

54. Agora que conhecemos as provas desse Espírito, se nós o evocássemos, de tempo em tempo, durante seu sono, nos dias de sua infelicidade, não poderíamos lhe dar alguns conselhos para levantar sua coragem e pôr sua esperança em Deus; isto influenciaria as resoluções que poderia tomar no estado de vigília? - R. Muito pouco; essa jovem já tem uma imaginação de fogo e uma cabeça de ferro.

55. Dissestes que, no país em que ela reside, as noites são os nossos dias; ora, entre Havana e Saint-Jean d'Angély, não há senão uma diferença de cinco horas e meia; como era aqui duas horas no momento da evocação, deveria ser em Havana oito horas e meia da manhã? - R. Enfim, ela dormitava no momento em que a evocastes, ao passo que há muito tempo estáveis despertados. Dorme-se tarde nestes países quando se é rico e não se tem nada a fazer.

Nota. Dessas duas evocações ressaltam vários ensinamentos. Se na vida exterior de relação, o Espírito encarnado não se lembra de seu passado, liberto, durante o repouso do corpo, ele se lembra. Não há, pois, solução de continuidade na vida do Espírito, que, nesses momentos de emancipação, pode lançar um olhar retrospectivo sobre suas existências anteriores, e delas trazer uma intuição que pode dirigi-lo no estado de vigília.

Em muitas ocasiões, já fizemos ressaltar os inconvenientes que se apresentariam, no estado de vigília, a lembrança precisa do passado. Essas evocações disso nos fornece um exemplo. Foi dito que se G. Remone e sua mulher se reencontrassem, sentiriam um pelo outro antipatia; que seria isso, pois, se se lembrassem de suas antigas relações! O ódio entre eles despertaria inevitavelmente; em lugar de dois seres simplesmente antipáticos um ao outro, seriam talvez inimigos mortais. Com a sua ignorância, são mais eles mesmos, e caminham livremente na nova rota que têm a percorrer; a lembrança do passado perturbá-los-ia, humilhando-os aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros. O esquecimento não lhes faz perder o benefício da experiência, porque nascem com o que adquiriram em inteligência e em moralidade; são aquilo que se fizeram; é para eles um novo ponto de partida. Se, às novas provas que G. Remone terá a suportar, se juntasse a lembrança das torturas de sua última morte, isso seria um suplício atroz que Deus quis poupar, lançando para ele um véu sobre o passado.

A. K.

JACQUES NOULIN.

(15 de agosto.)

56. (A São João.) Podemos evocar o cúmplice da senhora Remone? - R. Sim.

57. Evocação. - (O Espírito se manifesta.)

58. Jurais em nome de Deus que sois o Espírito daquele que foi o rival de Remone. - R. Eu o jurarei em nome de tudo o que quiserdes. - Jurai em nome de Deus. - Eu o juro em nome

de Deus.

59. Não pareceis ser um Espírito muito avançado? - R. Ocupai-vos de vossos assuntos e deixai-me ir daqui.

Nota. Como não há portas fechadas para os Espíritos, se este pede que se o deixe ir, é que um poder superior lhe constrange a ficar, sem dúvida para sua instrução.

60. Ocupamo-nos dos nossos assuntos, porque queremos saber como, na outra vida, a virtude é recompensada e o vício punido? - R. Sim, meu muito querido, cada um recebe recompensa, ou punição, segundo suas obras; tratai, pois, de andar direito.

61. As vossas fanfarrônicas não nos amedrontam; colocamos nossa confiança em Deus; mas pareceis ainda bem atrasado. - R. Sou sempre João-Grosso como antes.

62. Não podeis, pois, responder seriamente às perguntas sérias? - R. Por que vos dirigis a mim, pessoas sérias? Estou antes disposto a rir que a fazer filosofia; sempre gostei das mesas bem servidas, das mulheres amáveis e do bom vinho.

63. (Ao anjo guardião do médium.) Podeis nos dar algumas informações sobre este Espírito? - R. Não é bastante avançado para vos dar boas razões.

64. Haveria perigo em entrar em comunicação com ele? Poderíamos levá-lo a melhores sentimentos? - R. Isso poderá aproveitar mais a ele do que a vós. Tentai, talvez possais decidi-lo a encarar as coisas de outro ponto de vista.

65. (Ao Espírito.) Sabeis que o Espírito deve progredir; que deve, por encarnações sucessivas, chegar até Deus, do qual pareceis bem distante? - R. Jamais pensei nisso; depois, dele estou tão longe! Não quero empreender uma viagem tão longa.

Nota. Eis, pois, um Espírito que, em razão de sua leviandade e de seu pouco adiantamento, não desconfia da reencarnação. Quando chegar para ele o momento de retomar uma nova existência, que escolha poderá fazer? Evidentemente, uma escolha em relação com seu caráter e seus hábitos, em vista de gozar, e não em vista de expiar, até que seu Espírito esteja bastante desenvolvido para compreender-lhe as conseqüências. É a historiada criança inexperiente que se lança estouvadamente em todas as aventuras e que adquire a experiência às suas custas. Lembremos aqui que, para os Espíritos atrasados, incapazes de fazerem uma escolha com conhecimento de causa, há encarnações obrigatórias.

A. K.

66. Conhecestes G. Remone? - R. Sim, verdadeiramente, o pobre diabo...

67. Suspeitastes de haver ele matado sua mulher? - R. Eu era um pouco egoísta, ocupando-me mais de mim do que dos outros; quando soube de sua morte, eu a chorei sinceramente e não procurei a causa.

68. Qual era, então, a vossa posição? - R. Era um pobre clérigo-porteiro; um salta-riacho como dizeis hoje.

69. Depois da morte dessa mulher, pensastes alguma vez nela? - R. Não me lembreis, pois, tudo isso.

70. Nós queremos vo-lo recordar, porque pareceis mais que não o fizestes. - R. Pensei muito nela algumas vezes, mas como estava sem cuidado do meu natural, sua lembrança passou como um relâmpago, sem deixar marcas.

71. Qual era o vosso nome? - R. Sois muito curiosos, e, se a isso não estivesse forçado, já vos teria abandonado com vossa moral e vossos sermões.

72. Vivíeis num século religioso; jamais, pois, orastes por essa mulher que amáveis? - R. É como isso.

73. Revistes G. Remone e sua mulher no mundo dos Espíritos? - R. Encontrei bons meninos como eu, e quando esses chorões queriam se mostrar, eu lhes voltava as costas; não gosto de me dar a pena, etc...

74. Continuai. - R. Não sou tão tagarela quanto vós; ficarei aí, se quiserdes.

75. Sois felizes hoje? - R. Por que não? divirto-me em pregar peças naqueles que disso não desconfiam, e que crêem ter relações com os bons Espíritos; desde que se ocupam conosco, pregamos boas peças.

76. Não está aí a felicidade; a prova de que não sois feliz, é que dissestes que estáveis forçado a vir; ora, não é feliz quem está forçado a fazer o que o desagrada. - R. Não se tem sempre superiores? isto não impede de ser feliz. Cada um toma sua felicidade onde a encontra.

77. Poderíeis, com alguns esforços, pela prece sobretudo, alcançar a felicidade daqueles que vos comandam. - R. Não pensei nisso; ides me tornar ambicioso. Não me enganais, sempre? Não ides inquietar meu pobre Espírito por nada.

78. Não vos enganamos; trabalhai, pois, para o vosso adiantamento. - R. É preciso se dar muito mal, e sou preguiçoso.

79. Quando se é preguiçoso, pede-se a um amigo para nos ajudar; nós vos ajudaremos, por tanto; oraremos por vós. -R. Orai, pois, para que eu me decida a orar, eu mesmo.

80. Nós oraremos, mas orai de vosso lado. - R. Credes que se eu orasse isso me daria idéias no sentido das vossas?

81. Sem dúvida; mas orai de vosso lado; nos vos evocaremos quinta-feira 21, para ver o progresso que tereis feito e vos dar conselhos, se isto pode vos ser agradável. - R. Então, até breve.

82. Quereis nos dizer vosso nome agora? - R. Jacques Noulin.

No dia seguinte, o Espírito foi evocado de novo, e lhe foram feitas diferentes perguntas sobre a senhora Remone; suas respostas foram bem pouco edificantes e no gênero das

primeiras. São João, consultado, respondeu: "Errastes em perturbar esse Espírito e despertar nele a idéia de suas antigas paixões. Faríeis muito melhor esperando o dia indicado; ele está numa perturbação nova para ele; a vossa evocação o tinha lançado em idéias de uma ordem inteiramente diferente de suas idéias habituais; não pudera ainda tomar decisão muito positiva, no entanto, se dispôs a tentar a prece. Deixai até o dia que lhe indicastes; daqui até lá, se escutar os bons Espíritos que querem vos ajudar em vossa boa obra, podereis obter alguma coisa dele."

(Quinta-feira, 21.)

83. (A São João.) Desde nossa última evocação, Jacques Noulin melhorou? - R. Orou e a luz se fez em sua alma, agora ele crê que está destinado a se tornar melhor e se dispôs a trabalhar para isso.

84. Que caminho devemos seguir em seu interesse? - R. Perguntai-lhe o estado atual de sua alma, e fazei-o olhar a si mesmo, para que se dê conta de sua mudança.

85. (A Jacques Noulin.) Refletistes como nos prometestes, e podeis nos dizer qual é hoje a vossa maneira de encarar as coisas? - R. Quero, antes de tudo, vos agradecer; poupastes-me muitos anos de cegueira. Há alguns dias compreendo que Deus é o meu objetivo; que devo fazer todos os meus esforços para me tornar digno de chegar a ele. Uma era nova se abre para mim; as trevas se dissiparam, e vejo agora o caminho que devo seguir. Tenho o coração cheio de esperança, e sustentado pelos bons Espíritos que vêm em ajuda aos fracos. Vou caminhar nessa nova senda onde já encontrei a tranqüilidade e que deve me conduzir à felicidade.

86. Éreis verdadeiramente feliz, como o dissestes? - R. Era bem infeliz; vejo-o agora, mas me achava feliz como todos aqueles que não olham acima deles. Não pensava no futuro; caminhava, como sobre a Terra, em ser negligente, não me dando ao trabalho de pensar seriamente. Oh! quanto deploro a cegueira que me fez perder um tempo tão precioso! Fizestes um amigo, não o olvideis. Chamai-me quando quiserdes, e, se puder, eu virei.

87. Que pensam de vossa disposição os Espíritos com o quais tínheis o hábito de vos reunir? - R. Zombam de mim porque escutei os bons Espíritos, dos quais detestamos todos a presença e os conselhos.

88. Ser-vos-á permitido ir revê-los? - R. Não me ocupo mais senão de meu adiantamento; de resto, os bons anjos que velam sobre mim e que me cercam com seus cuidados, não me permitem mais olhar para trás, senão para me mostrar que rebaixamento era o meu.

Nota. - Não existe seguramente nenhum meio material de constatar a identidade dos Espíritos que se manifestaram nas evocações acima, também não o afirmaremos de maneira absoluta. Fazemos esta reserva para aqueles que crêem que aceitamos cegamente tudo o que vem dos Espíritos; pecamos antes por um excesso de desconfiança; é que é preciso se guardar de dar como verdade absoluta o que não pode ser controlado; ora, na ausência de provas positivas, é preciso se limitar a constatar a possibilidade e procurar as provas morais à falta de provas físicas. No fato do qual se trata, as respostas têm um caráter evidente de probabilidade e sobretudo de alta moralidade; ali não se vê nenhuma dessas contradições, nenhuma dessas faltas de lógica que chocam o bom senso e revelam a fraude; tudo se liga e se encadeia perfeitamente, tudo concorda com o que a experiência já mostrou; pode-se, pois, dizer que a história é ao menos verossímil, o que já é muito. O que

é certo, é que esse não é um romance inventado por homens, mas bem uma obra mediúnica; se fosse uma fantasia do Espírito, não poderia vir senão de um Espírito leviano, porque os Espíritos sérios não se divertem em fazer contos, e os Espíritos levianos deixam sempre descobrir seu verdadeiro caráter. Acrescentamos que a Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angelyn é um dos centros mais sérios e dos melhor dirigidos que vimos, e que ela não está composta senão de pessoas tão recomendáveis pelo seu caráter como pelo seu saber, levando mesmo, podendo-se dizer, o escrúpulo a um excesso; pode ela ser julgada pela sabedoria e pelo método com os quais as perguntas foram colocadas e formuladas; também todas as comunicações que ali são obtidas atestam a superioridade dos Espíritos que se manifestam. As evocações acima, pois, foram feitas em excelentes condições, tanto pelo meio como pela natureza dos médiuns; é pelo menos para nós uma garantia de sinceridade absoluta. Não acrescentaremos senão que a veracidade desse relato nos foi atestado da maneira mais explícita por vários dos melhores médiuns da Sociedade de Paris.

Não encarando a coisa senão do ponto de vista moral, uma séria questão se apresenta. Eis dois Espíritos, Remone e Noulin, tirados de sua situação e levados a melhores sentimentos pela evocação e pelos conselhos que lhes foram dados. Pode-se perguntar se teriam ficado infelizes no caso em que não tivessem sido evocados, e o que ocorre com todos os Espíritos sofredores que não são evocados? A resposta já foi feita em *a história de um condenado* (Espírito de Castelnaudary) publicada na Revista de 1860. Acrescentaremos que esses dois Espíritos tendo chegado no momento em que poderiam ser tocados pelo arrependimento e receber a luz, circunstâncias providenciais, embora em aparências fortuitas, provocaram sua evocação, seja para seu bem, seja para a nossa instrução; a evocação é um meio, mas na falta deste, Deus não precisa de recursos para vir em ajuda dos infelizes, e poderemos estar certos de que todo Espírito que quer avançar, sempre encontra assistência, de uma maneira ou de outra.

A. K.

Um remédio doado pelos Espíritos

Este título vai fazer os incrédulos sorrirem; que importa! ri-se de muitas outras coisas, o que não impede dessas coisas serem reconhecidas por verdades. Os bons Espíritos se interessam pelos sofrimentos da Humanidade; não é, pois, de se admirar que procurem aliviá-los, e, em muitas ocasiões, provaram que o podem, quando são bastante elevados para terem os conhecimentos necessários, porque eles vêem o que os olhos do corpo não podem ver; prevêm o que o homem não pode prever.

O remédio que está aqui em questão foi dado nas circunstâncias seguintes, à senhorita *Hernance Dufaux* (Médium que escreveu a história de Jeanne D'Arc.), que nos remeteu a fórmula com autorização de publicá-la para o bem daqueles que poderiam dela ter necessidade. Um de seus parentes, morto há bastante tempo, havia trazido da América a receita de um unguento, ou melhor, de uma pomada de uma maravilhosa eficácia para toda espécie de chaga ou ferida. Com sua morte, essa receita foi perdida; ele não a havia comunicado. A senhorita Dufaux estava afetada de um mal nas pernas, muito grave e muito antigo, e que havia resistido a todos os tratamentos; cansada de ter inutilmente empregado tantos remédios, pediu um dia ao seu Espírito protetor se não havia para ela cura possível. "Sim, respondeu ele, serve-te da pomada de teu tio. - Mas sabeis que a receita foi perdida. - Eu vou tá dar," disse o Espírito; depois lhe ditou o que segue:

Açafrão.....	20 centigramas
Cominho.....	4 gramas
Cera amarela.....	31 a 32 gramas
Óleo de amêndoas doces.....	uma colher

Fundir a cera e colocar em seguida o óleo de amêndoas doces; acrescentar o cominho e o açafrão fechados num pequeno saquinho de pano fino, ferver, num fogo brando, durante dez minutos. Para uso, estende-se essa pomada sobre um pedaço de tela e a aplica sobre a parte doente, renovando-a todos os dias, mas antes da aplicação do unguento, é preciso lavar cuidadosamente a ferida com água de altéia, ou outra loção suavizante.

A senhorita Dufaux, tendo seguido essa prescrição, sua perna foi cicatrizada em pouco tempo, a pele se reformou, e desde então está muito bem e nenhum acidente sobreveio.

Sua lavadeira foi curada felizmente de um mal análogo.

Um operário feriu-se com um fragmento de foice que entrou profundamente na ferida, e havia produzido inchaço e supuração. Falava-se de fazer a amputação. Pelo emprego dessa pomada o inchaço desapareceu, a supuração terminou e o pedaço de ferro saiu da ferida. Em oito dias esse homem estava de pé e pôde retomar o seu trabalho.

Aplicada sobre os furúnculos, os abscessos, panarícios ela faz chegar em pouco tempo e cicatriza logo. Age atraindo os princípios mórbidos para fora da ferida saneando-a, e provocando-lhe, se for o caso, a saída de corpos estranhos, tais como as lascas de osso, de

madeira, etc.

Parece que ela é igualmente muito eficaz para os dartros e, em geral, para todas as afecções da pele.

Sua composição, como se vê, é muito simples, fácil, e em todos os casos muito inofensiva; pode-se, pois, sempre tentar sem medo.

Poesias espíritas

Revista Espírita, novembro de 1862

(Bordeaux. - Médiun, E. Collignon.)

Meu testamento.

Embora rimado, creio que não é por isso menos bom,

Entendamo-nos. Nele o que gabo

Não é a rima: ela é mordaz;

É o espírito que... Diabo seja da gíria!

O Espírito não é, não mais, isso do que me preocupo;

Compreende bem se se pode: Só o Espírito vivifica,

É assim que tomo a palavra.

Eu, que dele não sou um, mas que logo irei ser,

-O espero, pelo menos, - eu gostaria de comparecer,

Não inteiramente como um tolo,

Mas como um pobre Espírito, humilde em meu arrependimento,

Colocando em meu Senhor toda a minha esperança,

E contando, para chegar à morada dos eleitos,

Muito sobre sua bondade, e muito pouco sobre minhas virtudes!

Expliquemo-nos ainda, porque sempre me equivoco;

É só a bondade de Deus que invoco;

Pois, para retomar meu assunto,

Antes de ir ouvir a sentença

Que me oprima ou me justifique,
Quero regular, do melhor que eu puder,
Toda conta atrasada em minha vida.
Há algumas delas que baixinho confessaria
Me dominam fortes no coração.
Ora, vejamos como fazer
Para arranjar o todo melhor que se puder.
Isso não ó, entre nós, um pequeno assunto!
Primeiro, quando meu Espírito de seu corpo se for,
Reclamo de vós uma boa prece
Podendo servir de passaporte
Ao pobre morto
Que restitui seu pó à terra.
Este fato, é de meu enterro
Que é preciso se ocupar,
Que, sem muito vos emocionar,
Esse será o enterro do sábio.
De início, em minha vida, fui sempre ferido
Em ver sobre os túmulos tanto luxo amontoar,
Então que nos entregamos à massa de argila
O pouco de que fomos formados.
Por que nos ocupar de uma glória fútil?
Muitos se perderam por serem muito gabados!

A prece de Deus provoca a clemência;

Nós o cremos; tal é também minha esperança.

Mas por que pedir mais por estes do que por aqueles?

De que serve o adorno ostentado para isso?

Por que o infeliz que morre na miséria

Não tem, como eu, o concurso da prece?

Por que, pois, expor esse fausto tão dispendioso,

Que faz nascer a inveja quando se nele pensa?

É para enganar o homem ou para ganhar os céus?

Se é para enganá-lo, anátema à mentira!

Se é para atrair as graças do Senhor,

Orai primeiro por aqueles que, privados da felicidade

Que nos proporcionam as riquezas,

Tendo muito sofrido, têm direito às liberalidades

Que não vos custam uma moeda!

Ora, escutai-me bem; deve-se tratar de louco

Meu pobre Espírito deixando a Terra,

Quer subir a Deus, embalado pela prece

Que sai do coração,

A única, crede-me que escuta o Senhor.

Levai-me, pois, sem despesas, sem ruído, sem alarde;

E, contrariamente ao uso,

Que vossos olhares sejam radiantes!

Que em lugar de lágrimas em vossos cantos

Retina um ar de alegria!

À dúvida deixai a tristeza.

Deus, obrigado! nós somos crentes!

Não penseis, filhos, que é a economia

Que me convida a falar assim!

Do dinheiro tive pouca inquietação

Durante a minha vida

Julgai depois de minha morte!

Quero tornar da sorte

A balança um pouco mais igual,

E desse luxo que se exhibe

Para dourar a lama do corpo,

Para com os infelizes reparar alguns erros.

Quero que desse lençol do qual a morte se recobre,

Os ornamentos sejam suprimidos.

Por uma mesma mão todos nossos dias são ceifados.

É a porta do Céu e não a do Louvre

Que a São Pedro meu arrependimento

Humildemente pede abrir.

Que de uma cruz de madeira a muda eloquência

Do Senhor ofendido afaste a vingança,

Que a minha alma se eleve em sua simplicidade,

E que esse ouro perdido cubra a nudez

Da criança, do velho, meus irmãos na vida,
Meus iguais na morte, talvez muito nos céus,
Aqueles que se ajoelharam cada um suplica,
Aqueles que chamamos bem-aventurados!
Antes de terminar, um conselho salutar
Pode bem encontrar o seu lugar aqui:
Que da caridade a tocha vos clareie;
Do julgamento dos tolos tomai pouco cuidado.
Desse luxo enganador que o orgulhoso exhibe
Desconfiai sempre. Para o coração nada iguala
A alegria do dever cumprido.
Do oprimido sustentai a fraqueza;
Que vossa alma responda a todo grito de aflição;
Que encontre um eco pronto a repeti-la.
Que vossa mão, filhos, esteja pronta para aliviar.
Com a ajuda do pouco ouro que entre vós partilham,
Amontoai tesouros para fazer essa viagem
Da qual o Espírito virtuoso, enfim, não retorna mais!
Semeai energia benfazeja, recolhei virtudes.
Pedi ao Senhor suas mais vivas luzes;
Entre os infelizes ide procurar vossos irmãos,
E que Deus vos conceda, em sua grande bondade,
De não ter outra lei senão o Amor e a Caridade!...

Fábulas e poesias diversas, por um Espírito batedor

Revista Espírita, novembro de 1862

(Um vol. in-18. - Preço: 2 fr. - A Carcassonne, casa L. Labau, em Paris, casa Ledoyen, no Palais-Royal.).

Embora a tipologia seja um meio de comunicação muito lento, pode-se, com a paciência, nela obter trabalhos de muito fôlego. O Sr. Jaubert, de Carcassonne, consentiu em nos dirigir uma coletânea de fábulas e poesias obtidas por ele com a ajuda desse procedimento. Se todas não são obras-primas, do que o Sr. Jaubert não poderia se ofender, uma vez que nela não está em nada, há as muito notáveis, à parte o interesse que oferece a fonte de onde elas provêm. Eis aqui uma delas que, embora não fazendo parte da coletânea, pode dar uma idéia do espírito desse Espírito batedor. Ela é dedicada à Sociedade Espírita de Bordeaux, por esse mesmo Espírito.

O monólogo de um asno.

Fábula.

Um Asno, - não confundais,

Eu não meço nunca pessoas de qualidade,

-Um Burro, um verdadeiro

Asno, daqueles que se pode tosquiar

Em uma palavra, um Burro arreado

Na estação, repreendia uma locomotiva.

Seu olhar era brilhante, sua palavra era viva.

"És tu, exclamava, tu que te dizes em repouso!

"Do Carneiro, meu vizinho, se dele creio os propósitos,

"Tu caminhas sem cavalo, sem asno, sem manobrador;

"Ruges arrastando tua imensa cobra,

"Tuas encomendas amontoadas, essa aldeia de madeira;

"Futilidades! no milagre se pôde crer outrora.

"Os tempos estão bem mudados! bem sovado que me zombo!

"Não tomo um trigo por um campo de luzerna;

"Deixo o cardo pelo molho de feno.

"Com os teus pés de ferro, não se vai muito longe.

"Eu me modero; ao bom senso feliz quem se confia.

"Tu! caminhar sem cavalos? sem nós? A isso te desafio.

" O Asno, vede-o, invoca a razão,

Esse facho tão freqüentemente extinto pela arrogância.

Ai! quantos sábios se assemelham ao jumento!

Negai, doutores; negai o *Espírito* e a sua força;

Negai o movimento, negligenciai o motor.

O homem faz de nada a elétrica luz?

Toda locomotiva tem necessidade de vapor;

Evocam-se os mortos... mas é preciso a prece,

A prece partindo do coração.

O Médiun e o doutor Imbróglio.

Acorrei, aproximai-vos, doutor Imbróglio;

A cura vai sozinha; é patente, é tangível.

- Eu, ver!... quero provar num infólio

Que a coisa não é possível.

Faremos uma nota sobre a qualificação dada ao Espírito que ditou as poesias das quais falamos acima. Os Espíritos sérios repudiam, com razão, a qualidade de Espíritos batedores: este título não convém senão àqueles que poderiam ser chamados batedores de profissão, aos Espíritos levianos ou malévolos, que se servem de pancadas para divertir ou atormentar; as coisas sérias não são de sua alçada; mas a tiptologia é um modo como um outro para as comunicações inteligentes, e da qual os Espíritos mais elevados podem se servir na falta de outro meio, embora prefiram a escrita, como respondendo melhor à rapidez do pensamento. É verdadeiro dizer que, neste caso, não são eles mesmos que batem; eles se limitam a transmitir a idéia, e deixam a execução material para Espíritos subalternos, como um estatuário deixa ao prático o cuidado de cortar o mármore.

A carta seguinte foi dirigida pelo Sr. Jaubert ao Sr. Sabô, de Bordeaux; estamos felizes por reproduzi-la como prova dos laços que se estabelecem entre os Espíritos de diversas localidades, e para a edificação de pessoas tímidas.

Senhor,

Sou sensível à vossa carta. Aceito com alegria o título que me defere a Sociedade Espírita de Bordeaux; aceito-o como recompensa de meus fracos trabalhos, de minhas convicções profundas, e, por que não dizer tudo? de minhas amarguras passadas. Ainda hoje a fé nova está bastante valorizada; os sábios se insurgem, os ignorantes os seguem, o clero grita ao demônio, e alguns convencidos guardam o silêncio. Neste século de materialismo, de apetites grosseiros, de guerras fratricidas, de afeições cegas, imo-deradas aos reinos deste mundo, Deus intervém; os mortos falam, nos encorajam, nos arrastam; eis por que cada um de nós deve, sem medo, inscrever seu nome sobre a bandeira da santa causa. Somos sempre os soldados do Cristo; proclamamos a grandeza, a imortalidade da alma, os laços palpáveis que ligam os vivos aos mortos; pregamos amor e caridade; que temos a temer dos homens? Ser fraco, é ser culpado. Eis porque, senhor, na medida de minhas forças, aceitei a tarefa que Deus e a minha consciência me impõem. Ainda uma vez, obrigado por me ter admitido entre vós; sede meu intérprete junto de todos os nossos irmãos de Bordeaux, e recebei para vós a segurança dos meus sentimentos mais afetuosos.

J. JAUBERT,

Vice-Presidente do Tribunal Civil.

Nota. - O Espiritismo conta hoje numerosos adeptos das classes da magistratura e dos advogados, assim como entre os funcionários públicos; mas nem todos ousam ainda desafiar o medo da opinião; este temor, de resto, se enfraquece cada dia, e, dentro em pouco, os ridentes serão surpreendidos por terem colocado, sem cerimônia, na classe dos loucos tantos homens recomendáveis por suas luzes e sua posição social.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, novembro de 1862

O duelo.

(Bordeaux, 21 de novembro de 1861. - Médiun, Sr. Guipon.)

1º Considerações gerais.

O homem, ou Espírito encarnado, pode estar sobre vossa Terra: em missão, - em progresso, - em punição.

Isto posto, é preciso que saibais, uma vez por todas, que o estado de missão, progresso ou punição deve, sob pena de recomeçar sua prova, chegar ao termo fixado pelos decretos da justiça suprema.

Avançar por si mesmo, ou por provocação, o instante fixado por Deus para a reentrada no mundo do Espíritos, é, pois, um crime enorme; o duelo é um crime maior ainda; porque não só é um suicídio, mas além disso um assassinato raciocinado.

Com efeito, credes que o provocado e o provocador não se suicidam moralmente expondo-se voluntariamente aos golpes mortais do adversário? Credes que ambos não são assassinos desde o momento em que procuram mutuamente se tirar a existência, escolhida por eles ou imposta por Deus, em expiação ou como prova?

Sim, eu to digo, meu amigo, duas vezes criminosos aos olhos de Deus são os duelistas; duas vezes terrível será a sua punição; porque nenhuma escusa será admitida já que tudo, para eles, é friamente calculado e premeditado.

Li em teu coração, meu filho, porque também fostes um pobre desviado, e eis a minha resposta.

Para não sucumbira essa terrível tentação, não vos são necessárias senão *humildade, sinceridade e caridade* para com o vosso irmão em Deus; não sucumbis, ao contrário, senão pelo *orgulho e ostentação!*

2º Conseqüências espirituais.

Aquele que, por *humildade*, tiver, como o Cristo, suportado o último ultraje e perdoado de coração, e pelo amor de Deus, terá, além das recompensas celestes da outra vida, a paz do coração nesta, e uma alegria incompreensível de ter respeitado duas vezes a obra de Deus.

Aquele que, por caridade por seu próximo, lhe tiver provado seu amor fraternal, terá na outra vida a proteção santa e o concurso todo-poderoso da gloriosa mãe do Cristo, porque

ela ama e bendiz aqueles que executam os mandamentos de Deus, aqueles que seguem e praticam os ensinamentos de seu Filho.

Aquele que, apesar de todos os ultrajes, tiver respeitado a existência de seu irmão e a sua, encontrará, na sua entrada no mundo etéreo, milhões de legiões de bons e puros Espíritos que virão, *não honrá-lo por sua ação*, mas provar-lhe, pela sua solicitude em vir lhe facilitar seus primeiros passos na nova existência, que simpatia soube atrair e os verdadeiros amigos que fez entre eles, seus irmãos. Todos juntos se elevarão para Deus sinceras ações de graças por sua misericórdia, que permitiu ao seu irmão resistir à tentação.

Aquele, diz-se, que tiver resistido a essas tristes tentações, pode, não esperar a mudança dos decretos de Deus, os quais são imutáveis, mas contar com a benevolência sincera e afetuosa do Espírito de Verdade, o Filho de Deus, o qual saberá, de maneira incomparável, inundar sua alma da felicidade de compreender *o Espírito de justiça perfeita e de bondade infinita*, e, por conseqüência, salvaguardá-lo de toda nova armadilha semelhante.

Aqueles, ao contrário que, provocados ou provocadores, terão sucumbido, podem estar certos de que sentirão as maiores torturas morais pela presença contínua do cadáver de sua vítima e de seu próprio; serão torturados durante séculos, pelo remorso de ter desobedecido tão gravemente às vontades celestes, e serão perseguidos, até o dia da expiação, pelo *espectro horrível de duas odiosas visões de seus dois cadáveres ensangüentados*.

Felizes ainda se afastam esses sofrimentos por um arrependimento sincero e profundo lhes abrindo os olhos da alma, porque então, pelo menos, entreverão um fim às suas penas, compreenderão Deus e lhe pedirão a força de não mais provocar a sua justiça terrível.

3º Conseqüências humanas.

As palavras *dever, honra, coração*, são freqüentemente postas à frente pelos homens para justificar suas ações, seus crimes.

Compreendem eles sempre estas palavras? Não são o resumo das intenções do Cristo? Por que, pois, trocar-lhes o sentido? Por que, pois, retornar à barbárie?

Infelizmente, a generalidade dos homens está ainda sob a influência do *orgulho* e da *ostentação*; para se desculpar aos seus próprios olhos, eles fazem soar bem alto estas palavras de *dever, honra e coração*, e não desconfiam que significam: *execução dos mandamentos de Deus, sabedoria, caridade e amor*. Com estas palavras, no entanto, arruinam seus irmãos; com estas palavras, se suicidam; com estas palavras, se perdem.

Cegos que são! crêem ser fortes porque terão arrastado um infeliz mais fraco do que eles. Cegos são, quando crêem que a aprovação de sua conduta, por cegos e maus como eles, lhes dará a consideração humana! a própria sociedade da qual vivem reprova-os e os amaldiçoará logo, porque o reino da fraternidade chegou. À espera disso, são afastados pelos homens sábios, como animais bravios.

Examinemos algum caso, e veremos se o raciocínio justifica sua interpretação das palavras *dever, honra e coração*.

Um homem tem o coração cheio de dor, e a alma cheia de amargura, porque surpreendeu as provas irrecusáveis da má conduta de sua mulher; provoca um dos sedutores dessa pobre e infeliz criatura. Essa provocação será o resultado de seus deveres, de sua honestidade e de seu coração? Não; porque sua honra não lhes será vingada, porque sua honra pessoal não foi e não pode ser atingida; mas isso será *da vingança*.

Melhor ainda; para provar que sua pretendida honra não está em jogo, é que muito freqüentemente sua infelicidade é mesmo ignorada e ficaria ignorada, se não fosse publicada pelas mil vozes provocadas pelo escândalo ocasionado por sua *vingança*.

Enfim, se sua infelicidade era conhecida, seria lamentada sinceramente por todos os homens sensatos, dela retiraria provas numerosas de verdadeira simpatia, e não haveria contra ele senão os ridentes de coração mau e endurecido, *mas desprezíveis*.

Em um e outro caso, sua honra não seria nem vingada nem retirada.

Só o orgulho é, portanto, o guia de quase todos os duelos, e não a honra.

Crede que o duelista, por uma palavra, pela falsa interpretação de uma frase, o contato insensível e involuntário de um braço passando, por um *sim* ou um *não*, enfim, e mesmo algumas vezes por um olhar que não lhe era dirigido, *seja levado por um sentimento de honra* a pedir uma pretensa reparação pelo assassinato e o suicídio? Oh! disso não duvideis, o orgulho e a *certeza de sua força* são seus únicos móveis, freqüentemente ajudados pela ostentação; porque quer se exhibir, dar prova de coragem, de saber e algumas vezes de generosidade: *Ostentação!!!*

Ostentação, eu o repito, porque seus conhecimentos em duelismo são os únicos verdadeiros; sua coragem e sua generosidade, *mentiras*.

Quereis colocar à prova real, esse espadachim corajoso? colocai-o à frente de um rival tendo uma reputação infernal acima de sua, e todavia talvez de um saber inferior ao seu, ele empalidecerá e fará tudo para evitar o combate; colocai-o à frente de um ser mais fraco do que ele, ignorando esta ciência duplamente mortal, e vê-lo-eis impiedoso altivo e arrogante, mesmo quando é constrangido a ter piedade. - É da coragem?

A generosidade! Oh! falemos dela. - Ele é generoso, o homem confiante em sua força, e, depois de ter provocado a fraqueza, concede-lhe a continuação de uma existência achincalhada e dada em ridículo? É generoso, aquele que, para obtenção de uma coisa desejada e cobiçada, provoca seu fraco possuidor para obtê-la em seguida como recompensa de sua *generosidade*? É generoso, aquele que, usando de seus talentos criminosos, poupa a vida de seres fracos que injuriou? É generoso ainda, quando dá uma semelhante prova de generosidade ao marido ou ao irmão que indignamente ultrajou, e que expõe então pelo desespero a um segundo suicídio?

Oh! crede-me todos, meus amigos, o duelo é uma medonha e horrível invenção dos Espíritos maus e perversos, invenção digna do estado de barbárie, e que mais aflige nosso pai, o Deus tão bom.

Cabe-vos, Espíritas, combater e destruir esse triste hábito, esse crime digno dos anjos das trevas; cabe-vos, Espíritas, dar o nobre exemplo da renúncia, quando mesmo e apesar de tudo, a esse funesto mal; cabe-vos, Espíritas sinceros, fazer compreender o sublime destas

palavras: *dever, honra e coração*, e Deus falará por vossa voz; cabe-vos, enfim, a felicidade de semear, entre vossos irmãos, os grãos tão preciosos e tão ignorados por nós, durante a nossa existência sobre a Terra, do *Espiritismo*.

Teu pai, ANTOINE.

Nota. - Os duelos se tornam mais raros, - na França pelo menos, - e se deles são vistos ainda, de tempos em tempos, dolorosos exemplos, o seu número não é comparável ao que era outrora. Outrora o homem não saía de casa sem prever um encontro, também tomava sempre suas precauções em conseqüência. Um sinal característico dos costumes do tempo e dos povos está no uso do porte habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas e defensivas; a abolição desse uso testemunha o abrandamento dos costumes, e é curioso seguir-lhe a graduação desde a época em que os cavaleiros não cavalgavam jamais senão bardados de ferro e armados da lança, até o porte da simples espada, tornada antes um adorno e um acessório do brasão, que uma arma agressiva. Um outro traço de costumes é que outrora os combates singulares ocorriam em plena rua, e ante a multidão que se afastava para deixar o campo livre, e hoje esconde-se; hoje a morte de um homem é um acontecimento, com ela se comove; outrora não se lhe dava atenção. O Espiritismo levará estes últimos vestígios da barbárie, inculcando nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

Fundamentos da ordem social.

(Lyon, 16 de setembro de 1862. - Médium, Sr. Émile V...)

Nota. - Esta comunicação foi obtida num grupo particular, presidido pelo Sr. Allan Kardec.

Eis-vos reunidos, a fim de ver o Espiritismo em sua fonte, a fim de olhar essa idéia frente a frente, e de sentir as grandes ondas de amor que ela prodigaliza àqueles que a conhecem.

O Espiritismo é o progresso moral; é a elevação do Espírito no caminho que leva a Deus. O progresso é a fraternidade em seu nascimento, porque a fraternidade completa, tal qual o Espírito pode imaginá-la, é a perfeição. A fraternidade pura é um perfume do Alto, é uma emanção do Infinito, um átomo da inteligência celeste; é a base de todas as instituições morais, e o único meio de elevar um estado social que possa subsistir e produzir efeitos dignos da grande causa pela qual combateis.

Sede, pois, irmãos se quiserdes que o germe depositado entre vós se desenvolva e se torne a árvore que procurais. A união é a força soberana que desce sobre a Terra; a fraternidade é a simpatia na união; é a poesia, o encanto, o ideal no positivo.

É preciso estardes unidos para serdes fortes, e é preciso ser forte para fundar uma instituição que não repouse senão sobre a verdade tornada tão tocante e tão admirável, tão simples e tão sublime. Forças divididas se aniquilam; reunidas elas são tantas vezes mais fortes.

E se se considera o progresso moral de cada homem, se se reflete no amor, na caridade que corre de cada coração, a diferença é muito maior. Sob a influência sublime desse sopro inefável, os laços de família são estreitados, mas os laços sociais, tão vagamente definidos, se desenham, se aproximam, e acabam por não formar senão um só feixe de todos esses

pensamentos, de todos esses desejos, de todos esses objetivos de natureza diferente.

Sem a fraternidade, que vedes? O egoísmo, a ambição. Cada um em seu objetivo; cada um persegue-o de seu lado, cada um caminha à sua maneira, e todos são fatalmente arrastados no abismo onde são tragados, depois de tantos séculos, todos os esforços humanos. Com a união, não há mais que um único alvo, porque não há mais do que um único pensamento, um único desejo, um único coração. Uni-vos, pois, meus amigos; é o que vos repete a voz incessante de nosso mundo; uni-vos, e chegareis bem mais depressa ao vosso alvo.

É sobretudo nesta reunião toda simpática que deveis tomar a resolução irrevogável de serdes unidos, por um pensamento comum, a todos os Espíritas da Terra, para oferecer a homenagem de vosso reconhecimento àquele que vos abriu o caminho do bem supremo, àquele que levou a felicidade sobre vossas cabeças, a felicidade em vossos corações e a fé em vossos Espíritos. Vosso reconhecimento é a sua recompensa presente; não lha recuseis, pois, e oferecendo-a a uma só voz, dareis o primeiro exemplo de verdadeira fraternidade.

LÉON DE-MURIANE, *Espírito protetor*.

Nota. - Este nome é completamente desconhecido, mesmo do médium. Isto prova que para ser um Espírito elevado, não há necessidade de ter seu nome inscrito no calendário ou nos fastos da história, e que entre aqueles que se comunicam, há muitos que não têm nome conhecido.

Aqui jazem dezoito séculos de luzes.

(Lyon, 16 de setembro de 1862. - Médium, Sr. Émile V...)

O Sr. Émile, que obteve a comunicação acima e muitas outras não menos notáveis, é um homem jovem. Não é somente um excelente médium escrevente, é também médium pintor, embora não haja aprendido nem o desenho nem a pintura; ele pinta a óleo paisagens e diversos assuntos para os quais ele é conduzido a escolher, a misturar e a combinar as cores que lhe são necessárias. Do ponto de vista da arte, seus quadros, certamente, não são irrepreensíveis, embora em certas exposições sejam vistos os que não valem muito mais; faltam, sobretudo, em fineza e suavidade, os tons são duros e muito acentuados; mas quando se pensa nas condições nas quais são feitos, por isso não são menos muito notáveis. Quem sabe se, como exercício, não adquirirá a habilidade que lhe falta e não se tornará um pintor verdadeiro, como esse operário bordalês que, sabendo apenas assinar seu nome, escreveu como médium, e acabou por ter uma linda escrita para seu uso pessoal, sem outro mestre senão os Espíritos?

Quando vimos o Sr. Émile V..., ele estava ocupado em acabar um quadro alegórico, onde se vê um caixão sobre o qual está escrito: *aqui jazem dezoito séculos de luzes*. Permitimo-nos criticar essa inscrição do ponto de vista gramatical, e, de início, não compreendemos todo o sentido dessa alegoria colocando dezoito séculos de luz num caixão, tendo em vista que, dizíamos, graças sobretudo ao cristianismo, a Humanidade está mais esclarecida hoje do que não o era outrora. Foi na sessão de 16, na qual ele obteve a comunicação relatada acima. O Espírito respondeu às nossas observações, acrescentando o que segue a essa comunicação.

"*Aqui jazem* está posto intencionalmente. O sujeito não está expresso pelo número *dezoito* representando os séculos; é um total de séculos, uma idéia coletiva, como se houvesse *um lapso de tempo* de dezoito séculos. Podereis dizer aos vossos gramáticos para não confundirem uma idéia coletiva com uma idéia de separação. Não dizem, eles mesmos, da multidão, que pode se compor de um número incalculável de pessoas, que ELA PODE se mover? É bastante sobre este assunto; isto deve ser assim, porque é a própria idéia.

"Agora, abordemos a alegoria. Dezoito séculos de luzes num caixão! Esta idéia representa todos os esforços que a verdade fez desde esse tempo; esforços que, sempre, foram lançados por terra pelo espírito de partido, pelo egoísmo. Dezoito séculos de luzes em plena luz, seriam dezoito séculos de felicidade para a Humanidade, dezoito séculos que não fazem ainda germinar sobre a Terra e que teriam tido seu desenvolvimento. O Cristo traz a verdade sobre a Terra e a coloca ao alcance de todo mundo; em que se torna ela? As paixões terrestres dela se apoderam; fica escondida num caixão, de onde o Espiritismo vem tirá-la. Eis a alegoria.

"LÉON DE MURIANE."

Papel da Sociedade de Paris.

(Sociedade de Paris, 24 de outubro de 1862. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Paris é a pequena casa de passagem do mundo; cada um vem nela buscar uma impressão, uma idéia.

Perguntei-me, muito freqüentemente, quando estava entre vós, por que essa grande cidade, local de encontro do mundo inteiro, não tinha uma reunião espírita numerosa, mas tão numerosa que os mais amplos anfiteatros não pudessem conter.

Por vezes, pude pensar que os Espíritas parisienses se entregavam muito aos seus prazeres; acreditei mesmo que a fé espírita era para muitos um prazer de amador, uma recreação entre todas as que se apresentam continuamente em Paris.

Mas longe de vós e, no entanto, tão perto de vós, vejo e compreendo melhor. Paris está assentada na margem do Seine, mas Paris está por toda a parte, e todos os dias essa cabeça poderosa movimentada o mundo inteiro. Como ela, a Sociedade central espírita faz jorrar seu pensamento no universo. Sua força não reside no círculo onde tem as suas sessões, mas bem em todos os países onde a seguem suas dissertações, por toda a parte onde ela faz lei com respeito a ensinamentos inteligentes; é um sol cujos raios benfazejos repercutem ao infinito.

Por isso mesmo, a Sociedade não pode ser um grupo comum; seus objetivos são predestinados e seu apostolado é maior. Não pode se encerrar num pequeno espaço; o mundo lhe é necessário, porque é invasora por sua natureza; e de fato conquista pacificamente grandes cidades, amanhã reinos, logo o mundo inteiro.

Quando um estrangeiro vem vos fazer uma visita cortês, recebei-o dignamente, largamente, para que ele leve uma grande idéia do Espiritismo, esta arma poderosa de civilização que deve aplainar todos os caminhos, vencer todas as dissidências, mesmo todas as dúvidas. Dai largamente, a fim de que cada um tome esse alimento do Espírito que

transforma tudo em sua passagem misteriosa, porque a crença nova é forte como Deus, grande como ele, caridosa como tudo o que emana do poder superior que comove para consolar dando à Humanidade em trabalho: a prece e a dor como adiantamento.

Bendita sejas, Sociedade que amo, tu que dás sempre com benevolência; tu que cumpres uma tarefa árdua sem olhar as pedras que barram a passagem. Bem mereceste de Deus; tu não serás e não podes ser um centro comum, mas bem, eu o repito, a fonte benfazeja onde o sofrimento virá sempre encontrar o bálsamo reparador.

SANSON,

Antigo membro da Sociedade de Paris.

Da origem da linguagem.

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, Sr. d'Ambel.)

Hoje me pedis, caros e bem amados ouvintes, para ditar, ao meu médium, a história da origem da linguagem; vou tratar de vos satisfazer; mas deveis compreender que me será impossível, em algumas linhas, tratar inteiramente esta séria questão, à qual se liga, forçosamente, a mais importante ainda da origem das raças humanas.

Que Deus todo-poderoso, tão benevolente para os Espíritas, conceda-me a lucidez necessária para podar, de minha dissertação, toda confusão, toda obscuridade e, sobretudo, todo erro.

Entro na matéria vos dizendo: Admitamos primeiro em princípio esta eterna verdade: é que o Criador deu a todos os seres da mesma raça um modo especial, mas seguro, para se entenderem e se compreenderem entre eles. No entanto, esse modo de comunicação, essa linguagem foi tanto mais restrita quanto as espécies eram mais inferiores. É em virtude dessa verdade, dessa lei que os selvagens e as populações pouco civilizadas têm línguas de tal modo pobres, que uma multidão de termos usados nos países favorecidos pela civilização, ali não encontram nenhuma palavra correspondente; e é para obedecer a essa mesma lei que essas nações que progridem criam novas expressões para novas descobertas, para novas necessidades.

Assim como já disse em outro lugar: a Humanidade já atravessou três grandes períodos: a fase bárbara, a fase hebraica e paga e a fase cristã. A esta última sucederá o grande período espírita, do qual lançamos no presente, entre vós, os primeiros assentamentos.

Examinemos, pois, a primeira fase e os começos da segunda, e não posso senão repetir aqui o que já disse. A primeira fase humana, que se pode chamar ante-hebraica ou bárbara, se arrasta lenta e longamente em todos os horrores e convulsões de uma horrível barbárie. O homem nela é peludo como a fera animal e se escondia nas cavernas e nos bosques. Viviam de carne crua e se repastava de seu semelhante como de um excelente animal de caça. É o reino da antropofagia mais absoluta. Nada de sociedade! nada de família! Alguns grupos dispersos aqui e ali, vivendo desordenadamente uma promiscuidade completa e sempre prontos a se entre devorarem: tal é o quadro desse cruel período. Nenhum culto, nenhuma tradição, nenhuma idéia religiosa! Nada mais que as necessidades animais a satisfazer, e depois é tudo! A alma, prisioneira numa matéria entorpecida,

permanece morna e latente em sua prisão carnal; nada pode contra as paredes grosseiras que a encerram, e sua inteligência pode se mover com dificuldade nos compartimentos de um cérebro limitado. O olhar é terno, a pálpebra pesada, o lábio é espesso o crânio achatado, e alguns sons guturais bastam à linguagem; nada faz pressagiar que desse animal bruto sairá o pai das raças hebraicas e pagas. No entanto, com o tempo, sentem a necessidade de se sustentarem contra os outros carniceiros, contra o leão e o tigre, cujos caninos temíveis e cujas garras cortantes tinham facilmente vencido os homens isolados: é assim que se cumpre o primeiro progresso social. No entanto, o reino da matéria e da força bruta se manteve durante toda essa fase cruel. Não procureis, pois, no homem dessa época nem sentimento, nem razão, nem linguagem propriamente dita; ele não obedece senão à sua grosseira sensação e não tem senão um objetivo: beber, comer e dormir; fora disso, nada! Pode-se dizer que o homem inteligente nele está em germe, mas que não existe ainda. Entretanto, é necessário constatar que já, entre essas raças brutais, aparecem alguns seres superiores, Espíritos encarnados, encarregados de conduzir a Humanidade para seu objetivo e apressar o advento da era hebraica e paga. Devo acrescentar que fora desses Espíritos encarnados, o globo terrestre era freqüentemente visitado por esses ministros de Deus, cuja tradição consagrou a memória sob o nome de anjos e arcanjos, e que estes se punham quase que diariamente em relação com os seres superiores, Espíritos encarnados dos quais acabo de falar. A missão de alguns desses anjos continuou durante uma grande parte da segunda fase humanitária. Devo acrescentar que o quadro rápido que acabo de fazer, dos primeiros tempos da Humanidade, vos ensina, mais ou menos, a que leis rigorosas estão submetidos os Espíritos que ensaiam a vida nos planetas de formação recente.

A linguagem propriamente dita, como ávida social, não começa a ter um caráter certo senão a partir da era hebraica e paga, durante a qual o Espírito encarnado, sempre escravizado à matéria, começa, no entanto, a se revoltar e quebrar alguns anéis da sua pesada corrente. A alma fermenta e se agita em sua prisão carnal; por seus esforços reiterados ela reage energicamente contra as paredes do cérebro, do qual ela sensibiliza a matéria; melhora e aperfeiçoa, por um trabalho constante, o jogo de suas faculdades das quais, conseqüentemente, os órgãos físicos se desenvolvem; enfim, o pensamento se deixa ler num olhar límpido e claro. Estamos já longe das fronteiras achatadas! É que a alma se sente, ela se reconhece, tem a consciência de si mesma, e começa a compreender que é independente do corpo. Também, desde esse momento, ela luta com ardor para se desembaraçar dos apertos de sua robusta rival. O homem se modifica cada vez mais e a inteligência se move mais livremente num cérebro mais desenvolvido. Constatamos, no entanto, que essa época vê ainda o homem encurralado e matriculado como o gado, o homem escravo do homem; a escravidão está consagrada pelo Deus dos Hebreus tanto quanto pelos deuses pagãos, e Jeová, tanto como Júpiter Olímpico, pede sangue e vítimas vivas.

Essa segunda fase oferece aspectos curiosos do ponto de vista filosófico; dela já tracei um quadro rápido que meu médium vos comunicará proximamente. O que quer que seja, e para retornar ao assunto deste estudo, tende por certo que não foi senão na época dos grandes períodos pastorais e patriarcais que a linguagem humana tomou um passo regular, e adotou formas e sons especiais. Então nessa época primitiva em que a Humanidade se desembaraça dos cueiros do berço, ao mesmo tempo que da gaguez da primeira idade, poucas palavras bastam aos homens para quem a ciência não havia nascido, cujas necessidades eram muito restritas, e cujas relações sociais se detinham às portas da tenda, no limiar da família, e mais tarde nos limites da tribo. É a época em que o pai, o pastor, o ancião, o patriarca, numa palavra, dominava como senhor absoluto com direito de vida e de morte.

A língua primitiva foi uniforme; mas à medida que o número dos pastores cresceu, estes, deixando por sua vez a tenda paterna, foram fundar, nas regiões inabitadas, novas famílias, novas tribos. Então a língua usada entre eles se afastou, degrau por degrau, segundo as gerações, da linguagem em uso sob a tenda paternal que tinham deixado outrora; e foi assim que os idiomas diversos foram criados. De resto, embora minha intenção não seja fazer um curso de lingüística, não estais sem ter notado que, nas línguas mais discordantes, encontrais palavras cujo radical pouco variou e cuja significação é quase a mesma. Por outro lado, se bem que tendes hoje a pretensão de ser um velho mundo, a mesma razão que fez corromper a língua primitiva, reina ainda soberanamente em vossa França tão orgulhosa de sua civilização, onde vedes as concordâncias, os termos e a significação variada, não diria de província em província, mas de comunidade a comunidade. Para isso chamo àqueles que viajaram para a Bretagne, como àqueles que percorreram a Provence e o Languedoc.

É uma variedade de idiomas e dialetos de assustar aquele que quisesse coligi-los num único dicionário.

Uma vez que os homens primitivos, ajudados nisso pelos missionários do Eterno, tenham afetado a certos sons especiais certas idéias especiais, a língua falada se encontrou criada, e as modificações que ela sofreu mais tarde foram em razão dos progressos humanos; por consequência, segundo a riqueza de uma língua, pode se estabelecer facilmente o grau de civilização ao qual chegou o povo que a fala. O que posso acrescentaria que a Humanidade caminha para uma língua única, consequência forçada de uma comunidade de idéias em moral, em política, e sobretudo em religião. Tal será a obra da filosofia nova, o Espiritismo, que vos ensinamos hoje.

ERASTO.

Respostas

Revista Espírita, novembro de 1862

Ao Sr. B. G. em La Calle (Argélia). - *O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns* não estão ainda traduzidos em italiano.

Ao Sr. Dumas, de Sétif (Argélia). - Recebi o *Écho de Sétif*, e li com atenção os dois notáveis e sábios artigos sobre o Espiritismo, publicados por esse jornal. Deles falarei com detalhes no próximo número. Estou feliz em ver esse estimado jornal tomar em mão a causa da Doutrina e tratá-la de maneira séria.

Errata

Revista Espírita, novembro de 1862

Nº 9, setembro de 1862, página 280, *Peregrinações da alma*, no quarto verso da segunda quadra:

Son être se dégage et se trouve *attiré*,

lede: *atterré*.

A quadra adiante foi omitida após a quarta:

Au temps voulu par Dieu, quelques ames d'élite

Viennent par dévoüment s'incarner parmi nous;

Ministres d'un Dieu bon, Esprits pleins de mérite,

Prêcher la loi d'amour pour lê bonheur de tous.

Esta omissão, feita por erro de impressão, tira o sentido da estrofe seguinte, começando por: "*Leur sainte mission*," etc., e que se torna a sexta.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Dezembro

- [Estudo sobre os Possessos de Morzine, As causas da obsessão e os meios de combatê-la](#)
- [O Espiritismo em Rochefort](#)
- [O Espiritismo é possível?](#)
- [Charles Fourier, Louis Jourdan e a Reencarnação](#)
- [A Cabana e o Salão](#)
- Dissertações espíritas.
 - [O dia de Todos os Santos](#)
- [Dispensário magnético](#)
- [Resposta a um senhor de Bordeaux](#)
- [Errata](#)

Estudo sobre os Possessos de Morzine, As causas da obsessão e os meios de combatê-la

Revista Espírita, dezembro de 1862

As observações que fizemos sobre a epidemia que maltratou e maltrata ainda a comunidade de Morzine, na Haute-Savoie, não nos deixam nenhuma dúvida sobre a sua causa; mas, para apoiar nossa opinião, nos é preciso entrar em algumas explicações preliminares, que farão melhor ressaltar a analogia desse mal com os casos análogos, cuja origem não poderia ser duvidosa, para quem está familiarizado com os fenômenos espíritas e reconhece a ação do mundo invisível sobre a Humanidade. É necessário para isto remontar à própria fonte do fenômeno, e seguir-lhe a gradação, desde os casos mais simples, e explicar, ao mesmo tempo, o modo pelo qual ele se opera; dela deduziremos muito melhor os meios de combater o mal. Embora tenhamos já tratado desse assunto em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo da obsessão, e em vários artigos desta *Revista*, a isso acrescentaremos algumas considerações novas que tornarão a coisa mais fácil de ser concebida.

O primeiro ponto no qual importa penetrar é a natureza dos Espíritos do ponto de vista moral. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, e não sendo os homens todos bons, não é racional admitir que o Espírito de um homem perverso se transforme subitamente, de outro modo não haveria necessidade de castigo na vida futura. A experiência vem confirmar esta teoria ou, melhor dizendo, esta teoria é o fruto da experiência. As relações com o mundo invisível nos mostram, com efeito, ao lado de Espíritos sublimes de sabedoria e de saber, outros Espíritos ignóbeis, tendo ainda todos os vícios e todas as paixões da Humanidade. A alma de um homem de bem será, depois de sua morte, um bom Espírito; do mesmo modo um bom Espírito, se encarnando, fará um homem de bem; pela mesma razão, um homem perverso, morrendo, dá ao mundo invisível um Espírito perverso, e um mau Espírito, se encarnando, não pode fazer um homem virtuoso, e isto enquanto o Espírito não estiver depurado ou não tiver sentido o desejo de se melhorar; porque, uma vez entrado no caminho do progresso, despoja-se pouco a pouco de seus maus instintos; ele se eleva gradualmente na hierarquia dos Espíritos, até que haja alcançado a perfeição acessível a todos, não podendo Deus ter criado seres votados ao mal ou infelizes para a eternidade. Assim, o mundo visível e o mundo invisível se derramam, incessante e alternativamente, um no outro, podendo-se assim se exprimir, e se alimentam mutuamente, ou, melhor dizendo, esses dois mundos não fazem em realidade senão um, em dois estados diferentes. Esta consideração é muito importante para compreender a solidariedade que existe entre eles.

Sendo a Terra um mundo inferior, quer dizer, pouco avançado, disso resulta que a imensa maioria dos Espíritos que o povoam, seja no estado errante, seja como encarnado, deve se compor de Espíritos imperfeitos que produzem mais mal do que bem; daí a predominância do mal sobre a Terra; ora, sendo a Terra, ao mesmo tempo, um mundo de expiação, é o contato do mal que torna os homens infelizes; porque se todos os homens fossem bons, todos seriam felizes. E um estado onde ainda não chegou o nosso globo, e é a esse estado que Deus quer conduzi-lo. Todas as tribulações que o homem de bem experimenta neste mundo, seja da parte dos homens, seja da dos Espíritos, são a consequência desse estado

de inferioridade. Poder-se-ia dizer que a Terra é a Botany-Bay dos mundos: nela se encontra a selvageria primitiva e a civilização, a criminalidade e a expiação.

É preciso, pois, imaginar o mundo invisível como formando uma população inumerável, compacta, por assim dizer, que envolve a Terra e se agita no espaço. É uma espécie da atmosfera moral da qual os Espíritos encarnados ocupam os baixios, e se agitam como no lodo. Ora, do mesmo modo que o ar dos lugares baixos é pesado e malsão, esse ar moral é também malsão, porque é corrompido pelos miasmas dos Espíritos impuros; para isso resistir, é preciso temperamentos morais de um grande vigor.

Dizemos, como parêntese, que esse estado de coisas é inerente aos mundos inferiores; mas esses mundos seguem a lei do progresso, e quando tiver alcançado a época própria, Deus os saneia, expulsando deles os Espíritos imperfeitos, que ali não se reencarnarão mais e serão substituídos por Espíritos mais avançados, que fazem reinar entre eles a felicidade, a justiça e a paz. E uma revolução desse gênero que se prepara neste momento.

Examinemos agora o modo recíproco de ação dos Espíritos encarnados e desencarnados.

Sabemos que os Espíritos estão revestidos de um envoltório vaporoso, formando neles um verdadeiro corpo fluídico, ao qual damos o nome de *perispírito*, cujos elementos são hauridos no fluido universal ou cósmico, princípio de todas as coisas. Quando o Espírito se une ao corpo, nele existe com seu perispírito, que serve de laço entre o Espírito propriamente dito e a matéria corpórea; é o intermediário das sensações percebidas pelo Espírito. Mas esse perispírito não está confinado no corpo como dentro de uma caixa; pela sua natureza fluídica, irradia ao redor e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera, como o vapor que dele se libera. Mas o vapor que se libera de um corpo malsão é igualmente malsão, acre e nauseabundo, o que infecta o ar dos lugares onde se reúnem muitas pessoas malsãs. Do mesmo modo que esse vapor está impregnado das qualidades do corpo, o perispírito está impregnado das qualidades, quer dizer, do pensamento do Espírito, e faz irradiar essas qualidades em torno do corpo.

Aqui um outro parêntese para responder imediatamente a uma objeção que alguns opõem à teoria que o Espiritismo dá do estado da alma; acusam-no de materializar a alma, ao passo que, segundo a religião, a alma é puramente imaterial. Esta objeção, como a maioria daquelas que são feitas, provém de um estudo incompleto e superficial. O Espiritismo jamais definiu a natureza da alma, que escapa às nossas investigações; nunca disse que o perispírito constitui a alma: a palavra *perispírito* diz positivamente o contrário, uma vez que especifica um envoltório ao redor do Espírito. Que diz *O Livro dos Espíritos* a esse respeito? "Há no homem três coisas: a *alma*, ou Espírito, princípio inteligente; o *corpo*, envoltório material; o *perispírito*, envoltório fluídico semi-material, servindo de laço entre o Espírito e o corpo. "De que na morte do corpo a alma conserva o envoltório fluídico, não quer dizer que esse envoltório e a alma sejam uma só e mesma coisa, não mais que o corpo não faça senão um com a roupa, não mais que a alma não faça senão um com o corpo. A Doutrina Espírita não tira nada à imaterialidade da alma, só lhe dá dois envoltórios em lugar de um durante a vida corpórea, e um depois da morte do corpo, o que é, não uma hipótese, mas um resultado da observação, e com a ajuda desse envoltório ela faz conceber melhor a individualidade e explicar melhor a sua ação sobre a matéria.

Voltemos ao nosso assunto.

O perispírito, pela sua natureza fluídica, é essencialmente móvel, elástico, podendo-se assim se exprimir; como agente direto do Espírito, põe em ação e projeta raios pela

vontade do Espírito; por esses raios serve à transmissão do pensamento, porque é de alguma sorte animado pelo pensamento do Espírito.

Sendo o perispírito o laço que une o Espírito ao corpo, é por esse intermediário que o Espírito transmite aos órgãos, não a vida *vegetativa*, mas os movimentos que são a expressão de sua vontade; é também por esse intermediário que as sensações do corpo são transmitidas ao Espírito. O corpo sólido destruído pela morte, o Espírito não age mais e não percebe mais senão pelo seu corpo fluídico, ou perispírito, é porque age mais facilmente e percebe melhor, sendo-lhe o corpo um entrave. Tudo isto é ainda um resultado da observação.

Suponhamos agora duas pessoas perto uma da outra, envolvida cada uma de sua atmosfera *perispiritual*, - que se nos permita ainda esse neologismo.- Esses dois fluidos vão se pôr em contato, penetrar um no outro; se são de natureza antipática, se repelirão, e os dois indivíduos sentirão uma espécie de mal-estar com a aproximação um do outro, sem disso se darem conta; sendo ao contrário movidos por um sentimento bom e benevolente, levarão consigo um pensamento benevolente que atrai. Tal é a causa pela qual duas pessoas se compreendem e se adivinham sem se falarem. Um certo não sei o quê diz freqüentemente que a pessoa que se tem diante de si deve estar animada de tal ou tal sentimento; ora, esse não sei quê é a expansão do fluido perispiritual da pessoa em contato com o nosso, espécie de fio elétrico condutor do pensamento. Compreende-se, desde então, que os Espíritos, cujo envoltório fluídico é bem mais livre do que no estado de encarnação, não têm mais necessidade de sons articulados para se entenderem.

O fluido perispiritual do encarnado, portanto, é posto em ação pelo Espírito; se, pela sua vontade, o Espírito irradia, por assim dizer, seus raios sobre um outro indivíduo, esses raios o penetram; daí a ação magnética mais ou menos possante segundo a vontade, mais ou menos benfazeja segundo esses raios sejam de uma natureza mais ou menos boa, mais ou menos vivificante; porque, pela sua ação, podem penetrar os órgãos, e, em certos casos, restabelecer o estado normal. Sabe-se qual é a influência das qualidades morais no magnetizador.

O que pode fazer o Espírito encarnado irradiando seu próprio fluido sobre um indivíduo, um Espírito desencarnado pode fazê-lo igualmente, uma vez que tem o mesmo fluido, quer dizer, que pode magnetizar, e, segundo seja bom ou mau, sua ação será benfazeja ou malfazeja.

Dá-se conta facilmente assim da natureza das impressões que se recebe segundo os meios onde se encontra. Se uma assembléia é composta de pessoa animadas de maus sentimentos, elas encherão o ar ambiente do fluido impregnado de seus pensamentos; daí, para as almas boas, um mal-estar moral análogo ao mal-estar físico causado pelas exalações mefíticas: *a alma é asfixiada*. As pessoas, ao contrário, se têm intenções puras, acham-se em sua atmosfera como num ar vivificante e salutar. O efeito será naturalmente o mesmo num meio cheio de Espíritos segundo sejam bons ou maus.

Estando isto bem compreendido, chegamos sem dificuldade à ação material dos Espíritos errantes sobre os Espíritos encarnados, e daí à explicação da mediunidade.

Um Espírito quer agir sobre um indivíduo, aproxima-se dele e o envolve, por assim dizer, de seu perispírito, como de um casaco; os fluidos se penetrando, os dois pensamentos e as duas vontades se confundem, e o Espírito pode, então, se servir desse corpo como do seu próprio, fazê-lo agir segundo a sua vontade, falar, escrever, desenhar, etc.; tais são os

médiuns. Se o Espírito é bom, sua ação é branda, benfazeja, não leva a fazer senão boas coisas; se ele é mau, leva a fazer coisas más; se é perverso e mau, o aperta como numa rede, paralisa até sua vontade, mesmo seu julgamento, que ele abafa sob seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada de ar; fá-lo pensar, falar, agir por si, leva-o, apesar dele, a atos extravagantes ou ridículos, em uma palavra, magnetiza-o, cataleptiza-o moralmente, e o indivíduo se torna um instrumento cego de suas vontades. Tal é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se mostram em graus de diversas intensidades. É o paradoxismo da subjugação, que se chama vulgarmente *possessão*. Há a se anotar que, nesse estado, o indivíduo, freqüentemente, tem a consciência de que o que faz é ridículo, mas é constringido a fazê-lo, como se um homem, mais vigoroso do que ele, lhe fizesse mover, contra a sua vontade, seus braços, suas pernas e sua língua. Eis um exemplo curioso.

Em uma pequena reunião de Bordeaux, no meio de uma evocação, o médium, jovem de um caráter brando e de uma perfeita urbanidade, se põe de repente a golpear sobre a mesa, se levanta, os olhos ameaçadores, mostrando os punhos aos assistentes, dizendo-lhes as mais grosseiras injúrias, e querendo lançar-lhes o tinteiro na cabeça. Esta cena, tanto mais assustadora quanto se estava longe de esperá-la, durou em torno de dez minutos, depois dos quais o jovem retomou sua calma habitual, desculpando-se pelo que acabara de se passar, e dizendo que sabia muito bem ter feito e dito coisas inconvenientes, mas que ele não pudera impedir isso. Tendo-nos sido contado o fato, dele pedimos a explicação numa sessão da Sociedade de Paris, e nos foi respondido que o Espírito que o havia provocado era antes farsante do que mau, e que quisera simplesmente se divertir com o medo dos assistentes. O que prova a verdade dessa explicação é que o fato não se renovou, e que o médium não continua a receber menos excelentes comunicações como no passado. É bom dizer o que havia provavelmente excitado a verve desse Espírito farsante. Um antigo chefe de orquestra do teatro de Bordeaux, Sr. Beck, havia experimentado, durante vários anos, antes de sua morte, um singular fenômeno. Cada noite, saindo do teatro, parecia-lhe que um homem lhe saltava sobre as costas, punha-se a desconjuntar-se sobre suas espáduas, e se agarrava a ele, até que chegasse à porta de sua casa; ali, o pretense indivíduo saltava para a terra, e o Sr. Beck se achava desembaraçado. Nessa reunião, se quis evocar o Sr. Beck para lhe pedir uma explicação; foi então que o Espírito farsante encontrou prazer em se substituir a ele e fazer o médium desempenhar uma cena diabólica, em que encontrou, sem dúvida, as disposições fluídicas necessárias para secundá-lo.

O que não era senão accidental, nesta circunstância, toma algumas vezes um caráter de permanência quando o Espírito é mau, porque o indivíduo se torna para ele uma verdadeira vítima, à qual pode dar a aparência de uma verdadeira loucura. Dizemos aparência, porque a loucura propriamente dita resulta sempre de uma alteração dos órgãos cerebrais, ao passo que, nesse caso, os órgãos estão tão intactos quanto os do jovem do qual acabamos de falar; não há, pois, loucura real, mas loucura aparente contra a qual os remédios da terapêutica são impotentes, assim como o prova a experiência; bem mais, podem produzir o que não existe. As casas de alienados contêm muitos doentes desse gênero, aos quais o contato dos outros alienados não pode ser senão prejudicial, porque esse estado denota sempre uma certa fraqueza moral. Ao lado de todas as variedades de loucuras patológicas, convém, pois, acrescentar a *loucura obsessional*, que requer meios especiais; mas como um médico materialista jamais poderia fazer essa diferença, ou mesmo admiti-la?

Bravo! vão gritar nossos adversários; não se pode demonstrar melhor os perigos do Espiritismo., e tínhamos muita razão em proibi-lo.

Um instante; o que dissemos prova precisamente a sua utilidade.

Credeis que os maus Espíritos, que pululam no meio da Humanidade esperaram que fossem chamados para exercer sua influência perniciosa? Uma vez que os Espíritos existiram de todos os tempos, de todos os tempos também desempenharam o mesmo papel, porque esse papel está na Natureza, e a prova disto está no grande número de pessoas obsidiadas, ou possuídas, se o quereis, antes que os Espíritos fossem questão, ou quem, em nossos dias, jamais ouviu falar de Espiritismo nem de médiuns. A ação dos Espíritos, bons ou maus, é, pois, espontânea; a dos maus produz uma multidão de perturbações na economia moral e mesmo física que, por ignorância da causa verdadeira, se atribuíam a causas errôneas. O maus Espíritos são os inimigos invisíveis, tanto mais perigosos quanto não se suponha a sua ação. O Espiritismo, pondo-os a descoberto, vem revelar uma nova causa a certos males da Humanidade; conhecida a causa, não se procurará mais combater o mal por meios que, doravante, se sabe inúteis, procurar-se-ão os mais eficazes. Ora, o que foi que fez descobrir essa causa? A mediunidade; foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos traíram sua presença; ela fez para eles o que o microscópio fez para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O Espiritismo não atraiu os maus Espíritos; ele os revelou, e deu os meios de paralisar a sua ação, e, por conseqüência, de afastá-los. Portanto, ele não trouxe o mal, porque o mal existia há muito tempo; ao contrário, ele trouxe o remédio ao mal, mostrando-lhe a causa. Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, ter-se-á a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos, e a ciência, enriquecida dessa nova lei, verá se abrir diante dela novos horizontes. Quando a isso chegará? Quando não professar mais o materialismo, porque o materialismo detém seu vôo e lhe põe uma barreira intransponível.

Antes de falar do remédio, expliquemos um fato que embaraça muitos Espíritas, sobretudo no caso de obsessão simples, quer dizer, naqueles, muito freqüentes, em que o médium não pode se desembaraçar de um mau Espírito que se comunica, obstinadamente, a ele pela escrita ou pela audição; aquele, não menos freqüente, onde, no meio de uma boa comunicação, um Espírito vem se imiscuir para dizer coisas más. Pergunta-se, então, se os maus Espíritos são mais poderosos do que os bons.

Reportemo-nos ao que dissemos, em começando, da maneira pela qual o Espírito age, e imaginemos um médium envolvido, penetrado pelo fluido perispiritual de um mau Espírito; para que o de um bom possa agir sobre o médium é preciso que penetre esse envoltório, e sabe-se que a luz penetra dificilmente um espesso nevoeiro. Segundo o grau de obsessão, esse nevoeiro será permanente, tenaz ou intermitente e, conseqüentemente, mais ou menos fácil de dissipar.

Nosso correspondente de Parme, Sr. Superchi, nos enviou dois desenhos feitos por um médium vidente, que representam perfeitamente essa situação. Num vê-se a mão do médium escrevente cercada de uma nuvem escura, imagem do fluido perispiritual dos maus Espíritos, atravessada por um raio luminoso indo clarear a mão; é o bom fluido que a dirige e se opõe à ação do mau. No outro, a mão está na sombra; a luz está em torno do nevoeiro, que ela não pode penetrar. O que esse desenho limita à mão deve-se entender de toda a pessoa.

Resta sempre a questão de saber se o bom Espírito é menos poderoso do que o mau. Não é o bom Espírito que é mais fraco, é o médium que não é bastante forte para sacudir o casaco que lhe lançaram, para se libertar do aperto dos braços que o enlaçam e no qual, é preciso bem dizer-lo, algumas vezes se compraz. Neste caso, compreende-se que o bom Espírito não possa ter vantagem, uma vez que se prefere um outro a ele. Admitamos agora o desejo de se desembaraçar desse envoltório fluídico, do qual o seu está penetrado, como uma veste que está penetrada pela umidade, o desejo não bastará, a própria vontade nem

sempre bastará.

Trata-se de lutar contra um adversário; ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, é o que tem músculos mais fortes que derruba o outro. Com um Espírito é preciso lutar, não corpo a corpo, mas Espírito a Espírito, e é ainda o mais forte que o domina; aqui, a força está na *autoridade* que se pode tomar sobre o Espírito, e esta autoridade está subordinada à superioridade moral. A superioridade moral é como o Sol, que dissipa o nevoeiro pelo poder de seus raios. Esforçar-se por ser bom, tornar-se melhor se já se é bom, purificar-se de suas imperfeições, em uma palavra, se elevar moralmente o mais possível, tal é o meio de adquirir o poder de dominar os Espíritos inferiores para afastá-los, de outro modo eles zombam de vossas injunções. (O *Livro dos Médiuns*, nº 252 e 279.)

No entanto, dir-se-á, por que os Espíritos protetores não lhes ordenam para se retirarem? Sem dúvida, o podem e o fazem algumas vezes; mas, permitindo a luta, deixam também o mérito da vitória; se deixam se debater pessoas merecedoras sob certos aspectos, é para experimentar sua perseverança e fazê-las adquirir *mais força* no bem; é para elas uma espécie de *ginástica moral*.

Eis a resposta que demos a um coronel do estado-maior austríaco, em Hongrie, Sr. P..., que nos consultou sobre uma afecção que atribuía aos maus Espíritos, desculpando-se por nos dar o título de amigo, embora não nos conhecesse senão de nome:

"O Espiritismo é o laço fraternal por excelência, e tendes razão em pensar que aqueles que partilham essa crença podem, sem se conhecerem, se tratarem de amigos; eu vos agradeço por ter tido de mim tão boa opinião para me dar esse título.

"Estou feliz por encontrar em vós um adepto sincero e devotado desta consoladora Doutrina; mas por isso mesmo que é consoladora, deve dar a força moral e a resignação para suportar as provas da vida, que, freqüentemente, são expiações; a *Revista Espírita* disse vos fornece numerosos exemplos.

"No que concerne à doença da qual estais atacado, não vejo nela prova evidente da influência de maus Espíritos que vos obsidiariam. Admitamo-la, no entanto, por hipótese; não haveria aí senão uma força moral a se opor a uma força moral, e ela não pode vir senão de vós. Contra um Espírito é preciso lutar Espírito a Espírito, e é o Espírito' mais forte que o

domina. Em semelhante caso, é preciso, pois, adquirir a maior soma possível de superioridade pela vontade, a energia e as qualidades morais para ter o direito de dizer-lhe: *Vade retro*. Se, pois, tendes assunto com um deles, não é com vosso sabre de coronel que o vencereis, mas com a espada do anjo, quer dizer, a virtude e a prece. A espécie de temor e de angústia que sentis nesses momentos é uma espécie de fraqueza da qual o Espírito se aproveita. Superai esse medo, e com a vontade podereis ali chegar. Tomai, pois, a decisão resolutamente, como o fazeis diante do inimigo, e crede-me vosso todo devotado e afeiçoado,

"A. K".

Certas pessoas preferem, sem dúvida, uma receita mais fácil para afastar os maus Espíritos: algumas palavras a dizer ou alguns sinais afazer, por exemplo, o que seria mais cômodo do que se corrigir de seus defeitos. Com isso não estamos descontentes, mas não

conhecemos nenhum outro procedimento mais eficaz para *vencer um inimigo do que ser mais forte do que ele*. Quando se está doente, é preciso se resignar a tomar um remédio, por amargo que ele seja; mas também, quando se teve a coragem de beber, como se sente bem, e quanto se é forte! É preciso, pois, se persuadir de que não há, para alcançar esse objetivo, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem quaisquer sinais materiais. Os maus Espíritos disso se riem e se alegram freqüentemente em indicarem que sempre têm o cuidado de se dizer infalíveis, para melhor captar a confiança daqueles que querem enganar, porque então estes confiantes na virtude do procedimento, se entregam sem medo.

Antes de esperar domar os maus Espíritos, é preciso domar a si mesmo. De todos os meios de adquirir a força para a isso chegar, o mais eficaz é a vontade secundada pela prece, a prece de coração se entende, e não de palavras às quais a boca tem mais parte que o pensamento. É preciso chamar seu anjo guardião e os bons Espíritos para nos assistirem na luta; mas não basta lhes pedir para expulsarem os maus Espíritos, é preciso se lembrar desta máxima: *Ajuda-te, o céu te ajudará*, e pedir-lhes sobretudo a força que nos falta para vencer os maus pendores que são para nós pior que os maus Espíritos, porque são esses pendores que os atraem, como a corrupção atrai as aves de rapina. Pedindo também pelo Espírito obsessivo, é retribuir-lhe o bem para o mal, e se mostrar melhor que ele, e já é uma superioridade. Com a perseverança, acaba-se, o mais freqüentemente, por levá-lo a melhores sentimentos, e de perseguidor dele fazer um devedor.

Em resumo, a prece fervorosa e os esforços sérios para se melhorar, são os únicos meios de afastar os maus Espíritos que reconhecem seus senhores naqueles que praticam o bem, ao passo que as fórmulas os fazem rir; a cólera e a impaciência os excitam. É preciso deixá-los mostrando-se mais pacientes do que eles.

Mas ocorre, algumas vezes, que a subjugação chega ao ponto de paralisar a vontade do obsidiado, e que não se pode esperar dele nenhum concurso sério. É então, sobretudo, que a intervenção de terceiros torna-se necessária, seja pela prece, seja pela ação magnética; mas o poder dessa intervenção depende também do ascendente moral que os intervenientes podem tomar sobre os Espíritos; porque, se não valem mais, sua ação é estéril. A ação magnética, nesse caso, tem por efeito penetrar o fluido do obsidiado de um fluido melhor, e de livrar o do Espírito mau; operando, o magnetizador deve ter o duplo objetivo de opor uma força moral a uma força moral, e de produzir sobre o sujeito uma espécie de reação química, para nos servir de uma comparação material, expulsando um fluido por um outro fluido. Daí, não só opera um desligamento salutar, mas dá força aos órgãos enfraquecidos por uma longa e, freqüentemente, vigorosa opressão. Compreende-se, de resto, que o poder da ação fluídica está em razão, não só da energia da vontade, mas sobretudo da qualidade do fluido introduzido e, segundo o que dissemos, essa qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador; de onde se segue que o magnetizador comum, que agisse maquinalmente para magnetizar pura e simplesmente, produziria pouco ou nenhum efeito; é de toda necessidade um magnetizador *Espírita*, agindo com conhecimento de causa, com a intenção de produzir, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, mas os efeitos que acabamos de descrever. Além disso, é evidente que uma ação magnética dirigida nesse sentido não pode ser senão muito útil no caso de obsessão comum, porque então, se o magnetizador é secundado pela vontade do obsidiado, o Espírito é combatido por dois adversários em lugar de um.

É preciso dizer também que se culpa freqüentemente os Espíritos estranhos de má ação das quais são muito inocentes; certos estados doentios e certas aberrações que se atribuem a uma causa oculta, às vezes deve-se simplesmente ao próprio indivíduo. As contrariedades, que o mais comumente concentram-se em si mesmo, os desgostos amorosos sobretudo,

fizeram cometer muitos atos excêntricos que seriam erradamente levados à conta da obsessão. Frequentemente somos nosso próprio obsessor.

Acrescentamos, enfim, que certas obsessões tenazes, sobretudo nas pessoas merecedoras, algumas vezes, fazem partes das provas às quais estão submetidas. "Ocorre mesmo algumas vezes que a obsessão, quando é "simples, é uma tarefa imposta ao obsidiado, que deve trabalhar para melhorar o obsessor, como um pai à de um filho viciado."

Enviamos, para mais detalhes, ao *O Livro dos Médiuns*.

Resta-nos falar da obsessão coletiva ou epidêmica, e, em particular, a de Morzine; mas isto exige considerações de uma certa extensão para mostrar, pelos fatos, sua semelhança com as obsessões individuais, e neles encontraremos a prova, seja nas próprias observações, seja nas que estão consignadas nos relatórios médicos. Além disso, nos restará, para examinar, o efeito dos meios empregados, desde a ação do exorcismo e as condições nas quais ele pode ser eficaz ou nulo. A extensão desta segunda parte nos obriga a fazer dela o objeto de um artigo especial, que se encontrará no próximo número.

O Espiritismo em Rochefort

Revista Espírita, dezembro de 1862

Episódio da viagem do Sr. Allan Kardec.

Rochefort não é ainda um foco de Espiritismo, embora tenham alguns adeptos fervorosos e bastante numerosas simpatias pelas novas idéias; mas lá, menos do que em outro lugar, há a coragem de opinião, e muitos crentes se mantêm à parte. No dia em que ousarem se mostrar, será muita surpresa vê-los tão numerosos. Como não tínhamos visto senão algumas pessoas isoladas, contamos não nos deter ali senão por poucas horas; mas um viajante que se encontrava na mesma viatura nossa, tendo nos reconhecido pelo nosso retrato que vira em Marennnes, preveniu seus amigos de nossa chegada; recebemos então um convite insistente e dos mais graciosos da parte de vários Espíritas que desejavam nos conhecer e receber instruções. Nossa partida foi, pois, adiada para o dia seguinte, e tivemos a alegria de passar a noite numa reunião de Espíritas sinceros e devotados.

Durante a noite recebemos um outro convite, em termos não menos obsequiosos, da parte de um alto funcionário e de altas notabilidades da cidade, que nos foram expressar o desejo de terem uma reunião no dia seguinte, à noite, o que foi causa de um novo adiamento da nossa partida. Não teríamos mencionado estes detalhes, se não fossem necessárias as explicações que cremos dever dar adiante, a propósito de um jornal da localidade. Nessa última reunião, fizemos, no início da sessão, a alocução seguinte:

"Senhores,

"Embora não tivesse a intenção de passar senão algumas horas em Rochefort, o desejo que me manifestastes dessa reunião era muito sedutor, sobretudo pela maneira pela qual o convite foi feito, para que eu não me tivesse apressado para a ele ceder. Ignoro se todas as pessoas que me dão a honra de assistir a esta reunião são iniciadas na ciência espírita; suponho que vários são ainda novatos nessa matéria; poderia mesmo encontrar aqui quem me fosse hostil; ora, em conseqüência da idéia falsa que fazem do Espiritismo aqueles que não o conhecem, ou não o conhecem senão imperfeitamente, o resultado desta sessão poderia causar algumas decepções àqueles que não encontrassem aqui o que esperavam encontrar; devo, pois, explicar claramente o seu objetivo para que não haja equívoco.

"Devo antes de tudo vos edificar sobre o fito que me proponho em minhas viagens. Vou unicamente visitar os centros espíritas, e dar-lhes as instruções das quais possam ter necessidade; mas seria errado crer que vou pregar a Doutrina aos incrédulos. O Espiritismo é todo uma ciência que requer estudos sérios, como todas as ciências, e numerosas observações; para desenvolvê-la, é preciso fazer um curso em regra, e um curso de Espiritismo não poderia mais se fazer em uma ou duas sessões, como um curso de física ou astronomia. Para aqueles que não sabem dele a primeira palavra, sou obrigado a remetê-los à fonte, quer dizer, ao estudo das obras, onde encontrarão todas as informações necessárias e a resposta à maioria das perguntas que poderiam dirigir, perguntas que, o mais freqüentemente, versam sobre os princípios mais elementares. Eis porque, em minhas visitas, não me dirijo senão àqueles que, já sabendo, não têm necessidade do A B C, mas bem de um ensinamento complementar. Não vou, pois, *jamaiz* dar o que se chama de

sessões, nem convocar o público para assistir a experiências ou a demonstrações, e ainda menos fazer exibição de Espíritos; aqueles que esperassem ver aqui semelhante coisa estariam num erro completo e devo apressar-me em desenganá-los.

"A reunião desta noite é, pois, de alguma sorte, excepcional e fora de meus hábitos. Pelos motivos que acabo de expor, não posso ter a pretensão de convencer aqueles que repelissent as próprias bases de meus princípios; não desejo senão uma coisa, é que na falta de convicção, levem a idéia de que o Espiritismo é uma coisa séria e digna de atenção, uma vez que fixa a atenção dos homens mais esclarecidos em todos os países. Que não seja aceito cegamente e sem exame, isto se concebe; mas haveria presunção em se inscrever falsamente contra uma opinião que conta seus mais numerosos partidários na elite da sociedade. As pessoas sensatas dizem: Há tantas coisas novas que vêm nos surpreender e que seriam absurdas há um século; vemos cada dia descobrir leis novas, revelar novas forças da Natureza, e seria ilógico admitir que a Natureza tenha dito sua última palavra; antes de negar é, pois, prudente estudar e observar. Para julgar uma coisa é preciso conhecê-la; a crítica não é permitida senão àquele que fala do que sabe. Que se diria de um homem que, não sabendo a música, criticasse uma ópera? daquele que não tendo as primeiras noções da literatura, criticasse uma obra literária? Pois bem! ocorre assim com a maioria dos detratores do Espiritismo: julgam sobre dados incompletos, freqüentemente mesmo sobre o ouvir-dizer; também todas as suas objeções denotam a ignorância mais absoluta da coisa. Não se pode senão lhes responder: Estudai antes de julgar.

"Assim como tive a honra de vos dizer, senhores, ser-me-ia materialmente impossível vos desenvolver todos os princípios da ciência; quanto a satisfazer a curiosidade de quem quer que seja, há entre vós os que me conhecem bastante para saber que é um papel que jamais desempenhei. Mas na falta de poder vos expor a coisa em seus detalhes, pode ser útil vos fazer conhecer-lhe o objetivo e as tendências; é o que me proponho fazer; julgarei depois se esse objetivo é sério e se é permitido dele zombar. Peco-vos, pois, a permissão para vos ler algumas passagens do discurso que pronunciei nas grandes reuniões de Lyon e de Bordeaux. Para aqueles que não têm do Espiritismo senão uma idéia incompleta, deixa sem dúvida a questão principal no estado de hipótese, já que me dirijo a adeptos já instruídos; mas, à espera de que as circunstâncias dele tenham feito para vós uma verdade, podereis ver-lhe as conseqüências, assim como a natureza das instruções que dou, e julgar por aí o caráter das reuniões a que vou assistir.

"Posso dizer, no entanto, que, no Espiritismo, nada é hipotético; de todos os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, não há um só deles que seja o produto de um sistema ou de uma opinião pessoal; todos, sem exceção, são o fruto da experiência e da observação; não saberia reivindicar nenhum deles como sendo o produto de minha iniciativa; estas obras contêm o que aprendi, e não o que criei; ora, o que aprendi, outros podem aprendê-lo como eu; mas, como eu, lhes é preciso trabalhar; somente, lhes poupei a dificuldade dos primeiros trabalhos e das primeiras pesquisas."

Em continuação a esse preâmbulo, lemos alguns fragmentos do discurso pronunciado em Lyon e em Bordeaux, depois demos algumas explicações, necessariamente muito sumárias, sobre os princípios fundamentais do Espiritismo, entre outros sobre a natureza dos Espíritos e os meios pelos quais se comunicam, nos empenhando sobretudo em fazer ressaltar a influência moral que resulta das manifestações pela certeza da vida futura, e os efeitos dessa certeza sobre a conduta durante a vida presente.

Pelo preâmbulo, era impossível estabelecer a situação de maneira mais nítida, e melhor

precisar o objetivo que nós nos propusemos, a fim de prevenir todo equívoco. Tivemos essa precaução, sabendo que a assembléia estava longe de ser homogênea e muito simpática. Isso não bastava naturalmente para aqueles que esperavam ver uma sessão no gênero das do Sr. Home. Um dos assistentes declarou mesmo polidamente que não era o que ele esperava; nós o cremos sem dificuldade, uma vez que, em lugar de exibir coisas curiosas, vínhamos falar do moral; pediu mesmo com tanta insistência que déssemos provas da existência dos Espíritos, que forçoso foi dizer-lhe que não os tínhamos em nosso bolso para lhe mostrar; um pouco mais, creio, ter-lhe-ia dito: "Procurai bem."

Um jornalista, com pseudônimo de *Tony*, que assistia à reunião, pensou disso dar conta no *Spectateur*, jornal hebdomanário de teatros, número de 12 de outubro. Começa assim:

Seduzido pelo anúncio de uma noite espírita, apressei-me em ir ouvir um dos hierofantes mais acreditados dessa *ciência*... assim os adeptos qualificam o Espiritismo. Numeroso auditório esperava, com uma certa ansiedade, o desenvolvimento das bases dessa *ciência*, uma vez que *ciência* há. O Sr. Allan Kardec, autor dos livros dos *Espíritos* e dos *Médiuns*, ia nos iniciar em temíveis segredos! Movido por um sentimento de curiosidade muito compreensível e que nada tinha de hostil, esperávamos sair dessa sessão com uma meia convicção, se o professor, homem de uma habilidade não contestada, se desse ao trabalho de expor sua doutrina. O Sr. Allan Kardec disso pensou de outro modo, e é lamentável. Não se lhe pedia para evocar Espíritos, mas pelo menos para fornecer explicações claras ou mesmo elementares para *facilitar a experimentação dos profanos*.

O início caracteriza claramente o pensamento de alguns dos ouvintes que criam ser *expectadores*; a palavra *seduzido* disso diz mais do que todo o resto. O que queriam, eram *explicações claras para facilitar a experimentação dos profanos*; dito de outro modo, uma receita que cada um, entrando em sua casa, pudesse se divertir evocando os Espíritos.

Segue uma tirada sobre a base da Doutrina: a caridade, e outras máximas que, disse ele, vêm diretamente do cristianismo e não ensinam nada de novo. Se um dia esse senhor se der ao trabalho de ler, saberá que o Espiritismo jamais teve a pretensão de trazer aos homens uma moral senão a do Cristo, e que não se dirige àqueles que a PRATIQUEM em sua pureza; mas como há muitos que não crêem nem em Deus, nem em sua alma, nem nos ensinamentos de Cristo, ou que estão mais ou menos na dúvida, e dos quais toda moral se resume nestas palavras: *Cada um por si*, vem, provando a alma e a vida futura, dar uma sanção prática, uma necessidade a essa moral. Queremos muito crer que o Sr. Tony disso não tem necessidade, que tem uma fé viva, uma religião sincera, uma vez que toma a defesa do cristianismo contra o Espiritismo, embora umas más línguas o acusem de ser um pouco materialista; queremos muito crer, dissemos, que ele pratique a caridade como verdadeiro cristão; que, a exemplo do Cristo, seja brando e humilde; que não tenha nem orgulho, nem vaidade, nem ambição; que seja bom e indulgente para todo mundo, mesmo para seus inimigos; que, em uma palavra, ele tenha todas as virtudes do divino modelo; mas pelo menos com isso não aborreça os outros. Ele prossegue:

O Espiritismo tem a pretensão de evocar os Espíritos. Os Espíritos, é verdade, não se submetem aos caprichos e às exigências. Podem, se necessário, revestir um corpo reconhecível, mesmo roupas, e não entram em relação com os médiuns senão com a condição de estarem envolvidos de uma camada fluídica da mesma natureza... porque não de natureza contrária, como em eletricidade? A *ciência* do Espiritismo não explica. •

Lede e o vereis.

Não sei se os adeptos se retiraram satisfeitos; mas, seguramente, os ignorantes sinceramente desejosos de se instruírem nada levaram dessa sessão, se isso não é que o Espiritismo não se demonstra. É a falta do professor, ou o Espiritismo não revela seus arcanos senão aos fiéis? Não vo-lo diremos... e com razão.

TONY.

CONCLUSÃO. - *O Espiritismo não se demonstra.* O Sr. Tony deveria explicar claramente, uma vez que gosta tanto de explicações claras, porque está demonstrado para milhões de homens que não são nem tolos e nem ignorantes. Que se dê ao trabalho de estudar e o saberá, se, como o disse, está tão desejoso de se instruir; mas uma vez que acreditou dever dar conta publicamente de uma reunião que não tinha nada de pública, como se fosse tratar do relatório de um espetáculo onde se vai, *seduzido*, atraído pelo cartaz, deveria, para ser imparcial, narrar as palavras que dissemos no começo.

Seja como for, não temos senão que nos louvar da urbanidade que presidiu à reunião, e aproveitamos esta circunstância para dirigir ao funcionário eminente, senhor La Maison, nossos agradecimentos pela sua acolhida cheia de benevolência e de cordialidade, e a iniciativa que tomou de pôr seu salão à nossa disposição. Pareceu-nos útil provar-lhe, assim como à sociedade de elite reunida em sua casa, as tendências morais do Espiritismo, e a natureza do ensino que damos nos centros que vamos visitar.

O Sr. Tony ignora se os adeptos ficaram satisfeitos; em seu ponto de vista, evidentemente, a sessão foi sem resultado; quanto a nós, preferimos ter deixado em alguns ouvintes a impressão de um moralista aborrecido do que a idéia de um obsequiador de representações. Um fato certo, é que nem todo o mundo partilha sua opinião sem falar dos adeptos que ali se encontravam, e dos quais recebemos calorosos testemunhos de simpatia, citaremos dois senhores que, no fim da sessão, nos perguntaram se as instruções que havíamos lido seriam publicadas, acrescentando que tinham feito do Espiritismo uma idéia inteiramente falsa, mas que ouviam agora sob uma outra luz, compreendendo-lhe o lado sério e útil, e se propunham fazer dele um estudo aprofundado. Não tivéssemos obtido senão esse resultado e estaríamos satisfeitos. É reconhecer-lhe pouco valor, dirá o Sr. Tony; seja, mas ignora que dois grãos que frutificam se multiplicam; e, aliás, temos a certeza de que todos os que semeamos nessa circunstância não estarão perdidos, e que o próprio vento levantado pelo Sr. Tony terá levado alguns deles sobre uma terra fértil.

O Sr. Florentin Blanchard, livreiro de Marenes, acreditou dever responder ao artigo do Sr. Tony por uma carta que foi inserida nos *Tablettes des deux Charentes* de 25 de outubro.

Réplica do Sr. Tony onde se encontra esta conclusão:

"O Espiritismo superexcita lastimosamente o espírito dos crédulos, agrava o estado das mulheres de uma grande irritabilidade nervosa, torna-as loucas ou as *mata*, se elas persistem em suas aberrações.

"O Espiritismo é uma doença; a esse título, deve ser combatido. Além disso, entra no quadro das coisas... malsãs que estuda a higiene pública e moral."

Aqui nós pegamos o Sr. Tony em flagrante delito de contradição. No primeiro artigo narrado acima, disse que, vindo à sessão, estava "movido por um sentimento de curiosidade muito compreensível e *que nada tinha de hostil.*" Como compreender que não

fosse hostil a uma coisa que disse ser *uma doença, uma coisa malsã*, etc.?

Mais longe ele disse que *esperava explicações claras ou mesmo elementares para facilitar a experimentação dos profanos*. Como poderia desejar ser iniciado, ele e os profanos, na experimentação de uma coisa que disse poder tornar louco e MATAR? Por que veio? Por que não desviou seus amigos de virem assistir ao ensino de uma coisa tão perigosa? Por que lamenta que esse ensino não respondeu à sua expectativa, não tendo sido tão completo como o desejava? Uma vez que, na sua opinião, essa coisa é tão perniciosa, em lugar de nos fazer uma censura por termos sido tão pouco explícitos, disso deveria nos felicitar.

Outra contradição. Uma vez que veio à reunião para saber o que é, o que quer e o que pode o Espiritismo; que nos censura de não lhe ter ensinado, é, pois, que não o sabia; ora, uma vez que não o estudou, como sabe que é tão perigoso? Portanto, julga-o sem conhecê-lo. Assim, de sua autoridade privada, ele decide que uma coisa é má, malsã e que pode MATAR, então que vem de declarar que não sabe o que é. Essa é a linguagem de um homem sério? Há críticos que se refutam de tal modo por eles mesmos, que basta assinalá-los, e que seria supérfluo ligar-lhes importância. Em outras circunstâncias, uma alegação como esta de *matar* poderia ser demandado por calúnia, porque é levar uma acusação da última gravidade contra nós e contra uma classe imensamente numerosa, hoje, de homens mais honrados.

Isto não é tudo. Esse segundo artigo foi seguido de vários outros nos quais desenvolve sua tese.

Ora, eis o que se lê no *Spectateur* de 26 de outubro, por ocasião da primeira carta do Sr. Blanchard:

A redação do *Spectateur* recebeu de Marennes, com a assinatura de Florentin Blanchard, uma carta em resposta ao nosso primeiro artigo do dia 12, quando esse artigo já estava composto. A redação lamenta que a exigüidade de seu formato não lhe permita abrir suas colunas para uma controvérsia sobre o Espiritismo. *Os Tablettes*, a pedido expresso do *Spectateur*, deram essa carta *in-extenso*.

Reservamo-nos para responder em seu tempo e trataremos de não ceder, como seu autor, às inspirações de um *Espírito inconveniente*.

TONY.

Depois, em seguida a uma segunda carta do Sr. Blanchard, inserida desta vez no *Spectateur*, lê-se:

Concedemo-vos, a hospitalidade com prazer, Sr. Florentin Blanchard, mas não será preciso disso abusar. Vossa carta deste dia me acusa de não ter estudado o Espiritismo. Como o entendeis? Sem duvida, não quereis discutir com iluminados, e a esse título não faço o vosso negócio; de acordo!...

Que me respondais, senhor, a algumas proposições que terminam minha última carta... em lugar de me acusar vagamente? Esta correspondência prolongada é sem interesse, permiti-me não mais continuá-la.

Retomarei proximamente a seqüência de meus artigos sobre o Espiritismo, mas só de tempo em tempo, porque a pouca extensão do *Spectateur* não lhe permite estudos longos sobre esse divertido assunto.

Depois, tereis muito o que fazer, senhor, não tomamos os Espíritas a sério e não saberíamos considerar o Espiritismo como uma *ciência*.

TONY.

Assim, eis que está claro: o Sr. Tony quer atacar o Espiritismo, arrastá-lo na lama, qualificá-lo de coisa malsã, dizer que ele *mata*, sem dizer no entanto quantas pessoas matou, mas não quer controvérsia; seu jornal é bastante grande para seus ataques, mas é muito pequeno para a réplica. Falar sozinho é muito cômodo. Esqueceu que, em razão da natureza e da personalidade de seus ataques, a lei poderia obrigá-lo a uma inserção de uma resposta duplamente extensa, apesar da exigüidade de seu jornal.

Completando as particularidades de nossa estada, quisemos mostrar que nem procuramos, nem solicitamos essa reunião e, por conseguinte não *seduzimos* ninguém para vir nos ouvir; também tivemos o cuidado de dizer, sem cerimônia, no início, qual era a nossa intenção; aqueles que isso desapontava estavam livres para se retirarem. No presente nos felicitamos pela circunstância fortuita, ou melhor, providencial que nos fez permanecer, uma vez que provocou uma polêmica que não pode senão servir à causa do Espiritismo, fazendo-o conhecer pelo que ele é: uma coisa moral, e não por aquilo que não quer ser: um espetáculo para a satisfação dos curiosos; e dando, uma vez mais, à crítica a oportunidade de mostrar a lógica de seus argumentos.

Agora, senhor Tony, ainda duas palavras eu vos peço. Para adiantar publicamente coisas como aquelas que escrevestes, é preciso estar bem seguro de seu fato, e deveis ter interesse em prová-los. É muito cômodo discutir sozinho, e no entanto não entendo estabelecer convosco nenhuma polêmica; não tenho tempo para isto e, aliás, vossa folha é muito pequena para admitir a crítica e a refutação; depois, seja dito sem vos ofender, sua influência não vai muito longe. Ofereço-vos melhor do que isso, que é de vir a Paris, diante da Sociedade que presido, quer dizer, diante de cento e cinqüenta pessoas, sustentar e provar o que adiantais; se estais certo de estar na verdade, nada deveis temer, e vos prometo sob palavra de honra que, por meio da *Revista Espírita*, vossos argumentos e os efeitos que tereis produzido irão da China ao México, passando por todas as capitais da Europa.

Notai, senhor, que vos faço levar a melhor, porque não é na esperança de vos converter, ao que não me prendo de todo, que vos faço essa proposta; ficareis, pois, perfeitamente livre de guardar vossas convicções; é para oferecer às vossas idéias contra o Espiritismo a ocasião de uma grande repercussão. Para que saibais a quem ireis fazê-lo, dir-vos-ei dos que se compõe a Sociedade: advogados, negociantes, artistas, homens de letras, sábios, médicos, capitalistas, bons burgueses, oficiais, artesãos, príncipes, etc.; o todo entremeado de um certo número de senhoras, o que vos garante uma correção irrepreensível sob o aspecto da urbanidade; mas muito atentos até a medula dos ossos, como cinco ou seis milhões de adeptos, dessa *coisa malsã que estuda a higiene pública e a moral*, que deveis ardentemente desejar curar.

O Espiritismo é possível?

Revista Espírita, dezembro de 1862

(Extraído do *Écho de Sétif* de 18 de setembro de 1862.)

Tal é o título de um muito sábio e muito profundo artigo, assinado por *Jalabert*, publicado com esta epígrafe: *Mens agitat molen*, pelo *Écho de Sétif*, um dos jornais mais acreditados da Argélia. Lamentamos que sua extensão não nos permita reportá-lo por inteiro, porque não pode senão perder a interrupção do encadeamento dos argumentos pelos quais o autor chega, por uma seqüência de argumentos, da criação do corpo e do Espírito por Deus, à ação do Espírito sobre a matéria, depois à possibilidade das comunicações entre o Espírito livre e o Espírito encarnado. Suas deduções são tão lógicas que, a menos de negar Deus e a alma, não se pode impedir de dizer: Isto não pode ser de outro modo. Dele não citaremos senão alguns fragmentos e sobretudo a conclusão.

Quando Fulton expôs a Napoleão I o seu sistema de aplicação do vapor à navegação, ele afirmou e se ofereceu para provar que, se seu sistema era verdadeiro em teoria, não era menos verdadeiro na prática.

Que lhe respondeu Napoleão? - Que em teoria, sua idéia não era realizável, e, com este fim de não receber *a priori*, sem ter nenhuma conta nem das experimentações já feitas pelo imortal mecânico, nem das que lhe pedia para fazer e que fez, o grande Imperador não pensou mais nem em Fulton, nem em seu sistema, até o dia em que o primeiro barco a vapor apareceu no horizonte de Sainte-Hélène.

Coisa singular sobretudo num século de observações físicas, de ciências materialistas e de *positivismo!*. Mais de uma vez, o *fato*, só por isso que é extraordinário, inaudito, novo, o *fato*, permite-se dizê-lo, é *afastado* por uma simples exceção de *direito*.

É assim que, para não falar senão dessas manifestações de Espíritos, que lembra a expressão de *Espiritismo*, ouvimos de homens, aliás, sérios e instruídos, exclamarem, zombeteiros, depois de uma narração conscienciosa de certas dessas manifestações vistas ou atestadas por homens inteligentes, convencidos e de boa fé: Deixai, pois, a vós vosso Espiritismo e vossas manifestações, e vossos *médiuns!* O que contaís não é possível!

- Não é possível! Pois bem, seja! Mas, por favor, ó gênios transcendentais! dignai-vos vos lembrar da palavra célebre de um Antigo, e, antes de nos atingir com os vossos soberbos desdêns, consenti, eu vos peço, ouvir-nos.

Quereis ler estas linhas por inteiro, - seriamente, atentamente, - e depois, a mão sobre a vossa consciência e a sinceridade sobre os vossos lábios, ousai, ousai negar a possibilidade, a *racionalidade* do Espiritismo!

Dizeis: Eu não compreendo esse mistério! - mas para nós como para vós, o movimento material produz um movimento espiritual, a matéria agitada pelo pensamento, o corpo

movido pelo Espírito, é o incompreensível! Mas o incompreensível não é o impossível. Negar essa ação, negar essa influência, negar essa comunicação! Não mais criação, não mais encarnação, não mais de Redenção, não mais de distinção entre a alma e o corpo, não mais de variedade na unidade, - não mais Deus, - não mais corpo, - não mais Espírito, - não mais razão. - O caos, o caos ainda e sempre o caos, ou, o que é pior, o panteísmo ou o nihilismo.

Resumamos. Filosoficamente, fisiologicamente, religiosamente, o Espiritismo não é nem irracional, nem absurdo.

Portanto, ele é *possível*.

O homem *age* - sobre si mesmo por seu verbo interior ou sua vontade e por seus sentidos, - sobre seus semelhantes, por seu verbo exterior ou sua palavra, e pelos seus sentidos ainda. Por que, pois, só pelo seu verbo interior, não se comunicaria com Deus, com o anjo e com os Espíritos, em uma palavra, com qualquer outro ser *incorpóreo* por natureza, ou acidentalmente *corporificado*, liberto dos sentidos?

O Espírito é uma força, uma força *agindo* sobre a matéria, quer dizer, sobre um ser nada tendo de comum com ele, inerte, não inteligente. E, no entanto, existem relações do criador à criação, do anjo ao homem, como da alma do homem ao corpo do homem e, por ele, ao mundo exterior.

Mas, de Espírito a Espírito, o que impediria uma ação, uma comunicação recíproca? Se o Espírito se comunica com os seres de uma natureza oposta à sua, não se conceberia verdadeiramente que não pudesse se comunicar com os seres de uma natureza idêntica.

De onde viria o obstáculo? - Da distância? - Mas, entre Espíritos, não há distância. "O ar está cheio deles," disse São Paulo, - para nos fazer compreender que eles gozam, de alguma sorte, da ubiqüidade divina. De uma diferença hierárquica? Mas a hierarquia aí nada faz; desde que são Espíritos, sua natureza o exige, agem e se comunicam entre si. - De sua estada momentânea nos laços corporais? - Mas, nesse caso, salvo a diferença dos meios de comunicação, ela mesma não o fará menos. Meu Espírito comunica com o vosso, e vosso Espírito, tanto quanto o meu, habita um corpo. Por mais forte razão, comunicar-se-á com um Espírito *livre*, ou *libertado* de toda matéria, - quer se trate de um Espírito de anjo ou de uma alma de homem.

Há mais! Longe de que nada impede, tudo, ao contrário, favorece semelhante comunicação. "Deus é amor" e tudo o que tenha qualquer coisa de divina, participa do amor. Mas o amor vive de comunicações, de *comunhões*; Deus ama o homem: também comunica-se com ele, - no Éden, pela palavra, - sobre o Sinai pela escrita, - no estábulo de Belém e sobre o cume do Calvário por seu Verbo encarnado, - sobre o altar, por seu Verbo *transubstanciado* no pão e no vinho eucarísticos.

Temos, pois, por certo que as comunicações de alma a alma, de Espírito a Espírito, são mais possíveis ainda do que as do Espírito à matéria.

Agora, qual será o instrumento, o meio de comunicação dos seres entre si!

Entre os seres corpóreos, essa comunicação se opera pelo movimento, como é o verbo dos corpos;

Entre seres puramente espirituais, pelo pensamento ou pela palavra interior, que é como o movimento dos Espíritos;

Entre seres ao mesmo tempo espirituais e corpóreos, por esse mesmo pensamento revestido de um sinal ao mesmo tempo corpóreo e espiritual, pela palavra exterior;

Entre um ser espiritual e corpóreo, de uma parte, e um ser simplesmente espiritual, de outra, *comumente* pela palavra interior, se manifestando fora por um *sinal* material.

E, que será esse sinal? -Todo objeto material, movendo-se, num momento dado, de um movimento com significado previamente convencionado, sob a única influência, direta ou indireta, da vontade ou da palavra interior do Espírito com o qual quiser se por em comunicação.

Recomendamos este artigo ao Sr. Tony, de Rochefort; eis um de seus confrades que diz tudo ao contrário dele; um diz branco, o outro diz negro; quem tem razão? Há entre eles esta diferença, que um sabe e que o outro não sabe. Deixamos ao leitor o cuidado de pesar as duas lógicas.

O mesmo jornal publicou vários artigos sobre o mesmo assunto, por outros escritores, e que, como este, levam a marca de uma profunda observação e de um estudo sério. Disto voltaremos a falar.

Charles Fourier, Louis Jourdan e a Reencarnação

Revista Espírita, dezembro de 1862

Extraímos a passagem seguinte de uma carta que um amigo do autor consentiu nos comunicar.

"Imagina qual foi minha surpresa quando, na Doutrina Espírita, da qual não tinha nenhuma idéia, reconheci toda a teoria de Fourier sobre a alma, a vida futura, a missão do homem na vida atual e a reencarnação das almas. Julga isso por ti mesmo; eis a teoria de Fourier resumida:

"O homem está ligado ao planeta; vive sua vida e não a deixa mesmo morrendo.

"Há duas existências: a vida atual, que Fourier compara ao sono, e a vida que ele chama *aromale*, a outra vida em uma palavra, que é o despertar. Sua alma passa alternativamente de uma vida para outra, e periodicamente volta a se reencarnar na vida atual.

Na vida atual, a alma não tem o sentimento de suas vidas anteriores mas da vida *aromale* tem a consciência e vê todas as suas existências precedentes.

As penas na vida *aromale* são os temores que sentem as almas por estarem condenadas, reencarnando-se na vida atual, de vir animar o corpo de um infeliz; porque, disse Fourier, vêem-se todos os dias pessoas virem pedir a caridade à porta dos castelos dos quais foram proprietárias em suas vidas precedentes, e acrescenta: Se os homens estivessem bem convencidos da verdade que trago ao mundo, todos se apressariam em trabalhar pela felicidade de todos."

"Veja, meu caro amigo, por este pequeno- extrato, quanto a doutrina de Fourier e a doutrina do Espiritismo são similares, e que sendo partidário da doutrina social de Fourier, não era difícil fazer de mim um adepto da Doutrina Espírita."

É impossível ser mais explícito sobre o capítulo da reencarnação; não é somente uma idéia vaga de existências sucessivas através de diferentes mundos, é neste que o homem toma de novo nascimento para se depurar e expiar. Tudo aí está: alternativas de vida espiritual, que chama *aromale*, e de vida corpórea; esquecimento momentâneo, durante esta, das existências anteriores, e lembrança do passado durante a primeira; expiação pelas vicissitudes da vida. Seu quadro dos infelizes vindo pedir a esmola à porta dos castelos dos quais foram proprietários em suas existências precedentes, parece calcado sobre as revelações dos Espíritos. Por que, pois, aqueles que se obstinam tanto depois da doutrina da reencarnação hoje, nada disseram quando Fourier veio dela fazer uma pedra angular de sua teoria? É que então lhes parecia confinada nos partidários de Fourier, ao passo que hoje ela corre o mundo; e outras razões que se compreenderá facilmente sem que tenhamos necessidade de desenvolvê-las.

De resto, ele não foi o único que teve intuição dessa lei da Natureza. Acha-se o germe dessa idéia numa multidão de escritores modernos. O Sr. Louis Jourdan, redator do *Siècle*, formulou-a de maneira inequívoca em seu encantador livrinho das *Preces de Ludovic*, publicado pela primeira vez em 1849, por consequência, antes da questão do Espiritismo, e sabe-se que esse livro não é uma obra de fantasia, mas de convicção. Nele se lê, entre outras coisas, o que se segue:

"Para mim, eu vo-lo confesso, creio, mas creio firmemente, creio com paixão, como se acreditava nas épocas primitivas, que cada um e cada um de nós prepara hoje sua transformação futura, do mesmo modo que nossa existência atual é o produto de existências anteriores." O livro é inteiramente sobre esse dado.

Agora encaremos a questão dum outro ponto de vista, para responder a uma interrogação que nos foi colocada várias vezes a esse respeito.

Algumas pessoas objetam à doutrina da reencarnação que ela é contrária aos dogmas da Igreja, e disso concluem que não deve existir; que se pode responder-lhes?

A resposta é muito simples. A reencarnação não é um sistema que dependa dos homens adotar ou rejeitar, como se faz com um sistema político, econômico ou social. Se ela existe, é que está na Natureza; é uma lei inerente à Humanidade, como beber, comer e dormir; uma alternativa da vida da alma, como a vigília e o sono são alternativas da vida do corpo. Se é uma lei da Natureza, não é uma opinião que pode fazê-la prevalecer, nem uma opinião contrária que pode impedi-la de ser. A Terra não gira ao redor do Sol porque se crê que ela gira, mas porque obedece a uma lei e os anátemas que se lançaram contra essa lei não impediram a Terra de girar. Ocorre assim com a reencarnação; não é a opinião de alguns homens que os impedirá de renascer, se devem fazê-lo. Estando, pois, admitido que a reencarnação não pode ser senão uma lei da Natureza, suponhamos que ela não possa concordar com um dogma, trata-se de saber quem tem razão, o dogma ou a Lei. Ora, quem é o autor de uma lei da Natureza, se não for Deus? Direi, neste caso, que não é a lei que é contrária ao dogma, mas o dogma que é contrário à lei, tendo em vista que uma lei da Natureza qualquer é anterior ao dogma, e que os homens renasciam antes que o dogma fosse estabelecido. Se havia incompatibilidade absoluta entre um dogma e uma lei da Natureza, isso seria a prova de que o dogma é obra dos homens que não conhecem a lei, porque Deus não pode se contradizer, desfazendo de um lado o que faz de outro; sustentar essa incompatibilidade é, pois, condenar o dogma. Segue-se que o dogma seja falso? Não, mas simplesmente que pode ser suscetível de uma interpretação, como se interpretou a Gênese quando foi reconhecido que os seis dias da criação não podiam concordar com a lei da formação do globo. A religião nisso ganhará, tendo em vista que achará menos incrédulos.

A questão é saber se a lei da reencarnação existe ou não existe. Para os Espíritas há mil provas por uma que é inútil repetir aqui; direi somente que o Espiritismo demonstra que a pluralidade das existências é não só possível, mas necessária, indispensável, e dela encontra a prova, sem falar da revelação dos Espíritos, numa multidão inumerável de fenômenos de ordem moral, psicológica e antropológica; esses fenômenos são *efeitos que têm uma causa*, procurando essa causa, não se a encontra senão na reencarnação tornada evidente pela observação desses fenômenos, como a presença do Sol, embora oculto pelas nuvens, torna-se evidente pela luz do dia. Para provar que há erro, e que essa lei não existe, seria preciso exprimir melhor do que se o faz, e por outros meios, TUDO o que ele explica, e é o que ninguém fez ainda.

Antes da descoberta das propriedades da eletricidade, aquele que tivesse anunciado que se poderia corresponder a quinhentas léguas em cinco minutos, não teriam faltado sábios que lhe teriam provado cientificamente, pelas leis da mecânica, que a coisa era *materialmente* impossível, porque nisso não conheciam outras; seria preciso para isso a revelação de uma nova potência. Assim ocorre com a reencarnação; é uma nova lei que vem lançar a luz sobre uma multidão de questões obscuras, e modificará profundamente todas as idéias quando for reconhecida.

Assim, não é a opinião de alguns homens que prova que essa lei existe, são os fatos. Se evocamos o seu testemunho, é para demonstrar que ela fora entrevista e suspeitada por outros antes do Espiritismo, que dela não é o inventor, mas que a desenvolveu e deduziu-lhe as conseqüências.

A Cabana e o Salão

Revista Espírita, dezembro de 1862

Estudo de costumes espíritas.

Reencontramos, em nossa correspondência antiga, a carta seguinte, que vem a propósito depois do artigo precedente.

Paris, 29 de julho de 1860.

Senhor,

Tomo a liberdade de vos comunicar as reflexões que me sugeriram dois fatos observados por mim mesmo, e que poderiam' corretamente, penso, ser qualificados de *estudos de costumes espíritas*. Vereis por aí que os fenômenos morais não são sem valor para mim; depois que me entreguei ao estudo do Espiritismo, parece-me que vejo cem vezes mais coisas do que antes; tal fato ao qual não teria dado nenhuma atenção, leva-me hoje a refletir; eu estou, poderia dizer, diante de um espetáculo perpétuo, onde cada indivíduo tem o seu papel, e me oferece um enigma a decifrar; é verdadeiro dizer que os há tão fáceis quando se possui a admirável chave do Espiritismo, que não se tem grande mérito; mas não oferecem senão mais interesse, porque com o Espiritismo encontra-se como num país no qual se compreende a língua. Tornei-me meditativo e observador, porque tudo para mim agora tem a sua causa; os mil e um fatos que outrora me pareciam o produto do acaso e passavam por mim despercebidos, hoje têm sua razão de ser e sua utilidade; um nada, na ordem moral, atrai minha atenção e me é uma lição. Mas esqueço que é a propósito de uma lição que quero conversar convosco.

Sou professor de piano; há algum tempo, indo à casa de uma de minhas alunas que pertence a uma família da sociedade, entrei na portaria, não me lembrando mais por qual motivo. É uma senhora de mão fechada sobre o quadril, que não foi desqualificada nem no físico e nem no moral, ocupando um quarto de porteiro. Eu a vi repreender de importância sua filha, menina de uns quinze anos, cujas maneiras fazem um contraste evidente com a mãe. "Que fez, pois, a senhorita Justine, disse-lhe, para excitar a esse ponto vossa cólera? - Não me faleis disso, senhor, essa resmungona se achou de dar-se ares de duquesa! A senhorita não gosta de lavar a louça; ela acha que isso lhe estraga as mãos, que isso cheira mal, ela que foi educada com as vacas na casa de sua avó; teme de lhe sujar as unhas; e são necessárias essências em seu lenço! Dar-te-ei essências, eu!" Ali, uma vigorosa bofetada fá-la recuar quatro passos. "Ah! é que, vede, meu pequeno senhor, é preciso corrigir as crianças quando são jovens; jamais estraguei os meus, todos os meus rapazes são bons operários, será preciso que esta mulher afetada e ridícula perca seus ares de grande dama."

Depois de ter dado alguns conselhos de doçura à mãe e de docilidade à filha, subi para minha aluna sem dar importância a essa cena de família. Lá, por uma singular coincidência, vi a contrapartida. A mãe, mulher da sociedade e de boas maneiras, ralhava também com sua filha, mas por um motivo todo oposto. "Mas, dominai-vos, pois, como é preciso, Sophie, dizia-lhe; tendes um verdadeiro jeito de cozinheira; isso não é de admirar, tendes uma

predileção toda particular pela cozinha, onde parece terdes maior prazer do que no salão. Eu vos asseguro que Justine, a filha do porteiro, vos faria vergonha; verdadeiramente, dir-se-ia que vos transformastes em ama-de-leite."

Jamais dera atenção a essas particularidades; foi preciso aproximar as duas cenas para me fazer notá-las. A senhorita Sophie, minha aluna, é uma jovem de dezoito anos, bastante bonita, mas seus traços têm alguma coisa de vulgar; todas as suas maneiras são comuns e sem distinção; seu jeito, seus movimentos têm alguma coisa de pesado e de desajeitado; ignorava seus pendores para a cozinha. Pus-me então a compará-la à pequena Justine de instinto tão aristocráticos, e me perguntava se não estava ali um exemplo surpreendente das tendências inatas, uma vez que, nessas duas jovens, a educação foi impotente para modificá-las. Por que uma, elevada ao seio da opulência e do bom tom, tem gostos e maneiras vulgares, ao passo que a outra que, desde sua infância, viveu no meio mais rústico, tem o sentimento da distinção e das coisas delicadas, apesar das correções de sua mãe para fazer-lhe perder o hábito? Ó filósofos! que quereis sondar as dobras do coração humano, explicai, pois, esses fenômenos sem as existências anteriores; para mim, é indubitável que essas duas jovens têm os instintos daquilo que foram. Que pensais disto, caro mestre?

Aceitai,

D.....

Pensamos que a senhorita Justine, a porteira, podia bem ser uma variante do que disse Charles Fourier: "Vêm-se todos os dias pessoas irem pedir a caridade à porta dos castelos dos quais foram as proprietárias em suas vidas precedentes." Quem sabe se a senhorita Justine não foi a senhora nessa mansão, e a senhorita Sophie, a grande senhora, sua porteira? Esta idéia é revoltante para certas pessoas que não podem se dar a pensar terem podido ser menos do que são hoje, ou de se tornarem criados de seus criados; por que então em que se tornam a raça de puro sangue, que se tomou tanto cuidado em não casar em desigualdade? Consolai-vos; o sangue de vossos antepassados pode correr em vossas veias, porque o corpo procede do corpo. Quanto ao Espírito, é outra coisa; mas o que fazer se é assim? Não é porque um homem esteja contrariado com a chuva que isso impedirá de chover. É humilhante, sem dúvida, pensar que o senhor possa se tornar servidor, e o rico, mendigo; mas nada é mais fácil do que impedir que isso seja assim; não há senão que não ser vão e orgulhoso, e não se será rebaixado; de ser bom e generoso, e não se será reduzido a pedir o que se recusou aos outros. Ser punido por onde se pecou, não é a mais justa das justiça? Sim, de grande se pode tornar pequeno, mas quando se foi bom não pode-se tornar mau; ora, não vale mais ser um honesto proletário do que um rico vicioso?

Dissertações espíritas

Revista Espírita, dezembro de 1862

O dia de Todos-os-Santos.

I

(Paris, 1^o de novembro de 1862. - Médiun, Sr. Perchet, sargento da 40^o linha, caserna de Prince-Eugène; membro da Sociedade de Paris.)

Meu caro irmão, neste dia de comemoração dos mortos, estou muito feliz em conversar contigo. Não poderias crer o quanto é grande o prazer que nisso sinto; chama-me, pois, mais freqüentemente, com isso todos os dois ganharemos.

Aqui, não posso sempre vir junto de ti, porque, muito freqüentemente, estou perto de minhas irmãs, particularmente perto de minha afilhada, que pouco deixo, porque pedi por missão permanecer junto dela. No entanto, posso freqüentemente responder ao teu chamado, e será sempre com alegria que te ajudarei com os meus conselhos.

Falemos da festa de hoje. Nessa solenidade de recolhimento que aproxima o mundo invisível do mundo visível, há alegria e tristeza.

Felicidade, porque une num piedoso sentimento os membros dispersos da família. Nesse dia, o filho retorna junto de sua tumba ao encontro de sua terna mãe, que irriga a terra sepulcral com seus prantos. Abençoa-a, o anjinho, e mistura seus votos aos pensamentos que caem gota a gota com as lágrimas de sua mãe querida. Quanto são doces ao Senhor essas castas preces temperadas na fé e na recordação! Também sobem elas aos pés do Eterno, como o suave perfume das flores, e do alto do céu Deus lança um olhar de misericórdia sobre esse pequeno canto da Terra, envia um de seus bons Espíritos para consolar essa alma sofredora e dizer-lhe: "Consolai-vos, boa mãe; vosso filho querido está na morada dos bem-aventurados, vos ama e vos espera."

Disse: dia de felicidade, e o repito, porque aqueles que a religião da lembrança leva nesse mundo a orar por aqueles que não mais nele estão, sabem que isso não é em vão, e que um dia irão rever os outros bem-amados dos quais estão momentaneamente separados. Dia de felicidade, porque os Espíritos vêm com alegria e ternura aqueles que lhes são caros merecer, por sua confiança em Deus, de vir logo participar da felicidade da que gozam.

Neste dia de Todos-os-Santos, os defuntos que suportaram corajosamente todas as provas impostas durante a vida, que se despojaram das coisas mundanas e elevaram seus filhos na fé e na caridade, esses Espíritos, digo eu, vêm de boa vontade se associar às preces daqueles que deixaram, e lhes inspirar a firme vontade de caminhar constantemente da senda do bem; os filhos, parentes ou amigos ajoelhados junto de suas tumbas ali sentem uma satisfação íntima, porque têm a consciência de que os restos que lá estão, sob a

pedra, não são senão uma lembrança do ser que encerravam, e que está agora livre das misérias terrestres.

Eis, meu caro irmão, os felizes. Até amanhã!



Meu caro irmão, fiel à promessa, retorno junto a ti. Como te dissera, deixando-te ontem à noite, fui fazer uma visita ao cemitério; ali examinei atentamente os diversos Espíritos em sofrimento; é de fazer piedade; esse espetáculo doloroso arrancaria lágrimas ao coração mais duro.

Um grande número dessas almas, no entanto, estão muito aliviadas pelos vivos, e pela assistência dos bons Espíritos, sobretudo quando têm o arrependimento das faltas terrestres e que fazem seus esforços para se despojarem de -suas imperfeições, única causa de seus sofrimentos. Compreendem, então, a sabedoria, a bondade, a grandeza de Deus, e pedem o favor de novas provas para satisfazerem à justiça divina, expiar e reparar suas faltas, e obter um futuro melhor.

Orai, pois, meus caros amigos, de todo o vosso coração, por esses Espíritos arrependidos que vêm de ser esclarecidos por uma centelha de fogo. Até então, não tinham acreditado nas delícias eternas, porque, em sua punição, o que era o cúmulo de seus tormentos, não lhes era permitido esperar. Julga de sua alegria, quando o véu das trevas foi rasgado, e que o anjo enviado do Senhor abriu seus olhos feridos de cegueira à luz da fé. São felizes, e no entanto não se fazem, em geral, ilusão sobre o futuro; muitos dentre eles sabem que têm mesmo provas terríveis a suportar; também reclamam com instância as preces dos vivos e a assistência dos bons Espíritos, a fim de poderem suportar com resignação a tarefa difícil que lhes será obrigação.

Digo-vos ainda, e não poderia muito freqüentemente vo-lo repetir, para bem vos convencer desta grande verdade: orai do fundo do coração por todos os Espíritos que sofrem, sem distinção de castas, nem de seitas, porque todos os homens são irmãos, e se devem apoiar mutuamente.

Espíritas fervorosos, sobretudo vós que conheceis a situação dos Espíritos sofredores e sabeis apreciar as fases da vida; vós que conheceis as dificuldades que têm a superar, vinde em sua ajuda. É uma bela caridade a de orar por esses pobres irmãos desconhecidos, freqüentemente esquecidos de todos, e dos quais não se saberia imaginar o reconhecimento quando se vêem assistidos. A prece é para eles o que é um doce orvalho sobre uma terra queimada pelo calor. Imaginai um estranho caído em qualquer encruzilhada de um obscuro caminho, por uma noite sombria; seus pés estão dilacerados por uma longa caminhada; sente o aguilhão da fome e de uma sede ardente; aos seus sofrimentos físicos vêm se juntar todas as torturas morais; o desespero está a dois passos; em vão lança ele aos quatro ventos do céu gritos dilacerantes: nenhum eco amigo responde ao chamado desesperado. Pois bem! Pensai que no instante que essa infeliz criatura chega aos últimos limites do sofrimento, mão complacente vem docemente se colocar sobre sua espádua e lhe trazer os socorros que sua posição reclama; imaginai então, se é possível, o arrebatamento desse homem, e tereis uma fraca idéia da felicidade que a prece dá aos infelizes Espíritos que suportam as angústias da punição e do isolamento. Eternamente vos serão reconhecidos, porque estejais persuadidos de que no mundo dos Espíritos não há ingratos como sobre a vossa Terra.

Disse que o dia de Todos-os-Santos é uma solenidade cheia de tristezas; uma grande tristeza, com efeito, porque ela chama tanto a atenção sobre a classe desses Espíritos que, durante sua existência terrestre, se devotaram ao materialismo, ao egoísmo; que não quiseram conhecer outros deuses que as miseráveis vaidades de seu mundo ínfimo; que não temeram de empregar todos os meios ilícitos para aumentar suas riquezas e, freqüentemente, lançar pessoas honestas sobre a palha. Entre eles se encontram também aqueles que suprimiram sua existência por morte violenta; aqueles ainda que, durante sua vida, se arrastaram na lama infecta da impureza.

Para todos aqueles, meu caro irmão, que horríveis tormentos! É bem como dizem as Escrituras: Haverá prantos e ranger de dentes. Serão mergulhados no abismo profundo das trevas. São chamados vulgarmente esses infelizes de *condenados*, e embora seja mais verdadeiro chamá-los *os punidos*, não sofrem menos por isso torturas tão horríveis quanto a que se atribuem aos condenados ao meio das chamas. Envolvidos nas mais espessas trevas de um abismo que lhes parece insondável, se bem que não seja circunscrito como se vos ensina, sentem sofrimentos morais indescritíveis, até que abram seu coração ao arrependimento.

Ocorre que, algumas vezes, ficam séculos nesse estado, sem que lhes seja possível prever o fim de seus tormentos; também dizem que estão condenados pela eternidade. Essa opinião errônea, por muito tempo, encontrou crédito entre vós; é um grave erro; porque, cedo ou tarde, os Espíritos se abrem ao arrependimento, e então Deus, tomando em piedade suas infelicidades, envia-lhes um anjo que lhes dirige palavras consoladoras, e lhes abre um caminho tanto mais largo quanto fez por eles mais preces aos pés do Eterno.

Vês, irmão, as preces são sempre úteis aos culpados, e se elas não mudam os decretos imutáveis de Deus, não dão menos alívio aos Espíritos sofredores lhes trazendo o doce pensamento de estar ainda nas lembranças de algumas almas compassivas. Assim o prisioneiro sente saltar seu coração de alegria quando, através de suas grades, percebe o rosto de algum parente ou amigo que não o esqueceu na infelicidade.

Se o Espírito sofredor é muito endurecido, muito material, para que a prece tenha acesso em sua alma, um Espírito puro a recolhe como um aroma precioso, e a deposita nas ânforas celestes, até o dia em que elas poderão servir ao culpado.

Para que a prece traga o seu fruto, não basta balbuciar as palavras como a maior parte dos homens; a prece que parte do coração é a única agradável ao Senhor, a única que será levada em conta e que traz alívio aos Espíritos que sofrem.

Tua irmã, que te ama,

MARGUERITE.

Pergunta (feita à Sociedade). - Que pensar da passagem dessa comunicação, onde está dito: "Asseguro-vos que em nosso mundo não há ingratos como sobre a vossa Terra?" As almas dos homens, sendo Espíritos encarnados, trazem consigo seus vícios e suas virtudes: as imperfeições dos homens vêm das imperfeições do Espírito, como suas qualidades vêm das qualidades adquiridas. Segundo isto, e uma vez que se encontram os vícios mais ignóbeis nos Espíritos, não se compreenderá que não se possa encontrar a ingratidão que se encontra tão freqüentemente sobre a Terra.

Pergunta (para o Sr. Perché). "Há sem dúvida ingratos no mundo dos Espíritos, e podeis colocar em primeira linha os Espíritos obsessores e os Espíritos malignos, que fazem todos os seus esforços para vos inculcar seus pensamentos perversos, a despeito do bem que lhes fazeis orando por eles. Não obstante, sua ingratidão não é senão momentânea; porque a hora do arrependimento soa para eles cedo ou tarde; então seus olhos se abrem a luz e seus corações sempre se abrem também ao reconhecimento. Sobre a Terra, não ocorre assim, e encontrais a cada passo homens que, apesar de todo o bem que lhes fazeis, não vos pagam, até o fim, senão pela mais negra ingratidão.

A passagem que necessitou esta observação não é obscura senão porque lhe falta extensão. Se não encarasse a questão senão do ponto de vista dos Espíritos abertos ao arrependimento, e aptos, por isto mesmo, a recolherem imediatamente os frutos da prece. Esses Espíritos, tendo entrado num bom caminho, e o Espírito não retrocedendo, é claro que o reconhecimento não poderia se extinguir neles.

A fim de que não haja confusão, escrevereis a frase que suscitou esta nota da maneira seguinte: "Eternamente vos serão reconhecidos, por que estejais bem persuadidos de que, entre os Espíritos, aqueles que tereis levado ao bom caminho não poderiam ser ingratos."

MARGUERITE.

Nota. - Estas duas comunicações, como muitas outras de uma moralidade não menos elevada, foram obtidas pelo Sr. Perché, em sua caserna, onde conta vários camaradas que partilham suas crenças espíritas e lhe conformam sua conduta. Perguntaremos aos detratores do Espiritismo se esses militares receberiam melhores conselhos de moral no cabaré. Se aí está a linguagem de Satã, lese fez bem eremita! É verdade que é tão velho!

Na mesma ocasião, perguntaremos ao Sr. Tony, o espirituoso e sobretudo muito lógico jornalista de Rochefort, que crê que o Espiritismo é um dos males saídos da caixa de Pandora e uma dessas coisas malsãs que estudam a *higiene pública e a moral*; perguntar-lhe-emos, dizemos, o que há de malsão e de contrário à higiene nesta comunicação, e o que esses militares teriam perdido de sua moralidade e de sua saúde, renunciando aos lugares maus pela prece.

Dispensário magnético

Revista Espírita, dezembro de 1862

Fundado pelo Sr. CANELLE, 11, rua Neuve-des-Martyres, em Paris.

O primeiro artigo deste número faz ressaltar as relações que existem entre o Magnetismo e o Espiritismo, e mostra os recursos que, em casos numerosos, o Magnetizador pode haurir nos conhecimentos espíritas, caso no qual a idéia materialista não poderia senão paralisar a influência salutar; essas relações ressaltarão ainda melhor no segundo artigo que publicaremos no próximo número. Trazendo ao conhecimento de nossos leitores a formação do estabelecimento dirigido pelo Sr. Canelle, que conhecemos pessoalmente de longa data como magnetizador experimentado, não só espiritualista, mas sinceramente espírita, estamos felizes de dar-lhe este testemunho de nossa simpatia. Os tratamentos são dirigidos por ele e por vários médicos magnetizadores. Sessões especiais são consagradas às magnetizações gratuitas. Enviamos aos prospectos para mais amplas informações.

Resposta a um senhor de Bordeaux

Revista Espírita, dezembro de 1862

Um senhor de Bordeaux nos escreveu uma carta, muito polida, de resto, mas contendo uma crítica do ponto de vista religioso ao artigo publicado no número de novembro sobre a *Origem da linguagem*, artigo que, seja dito de passagem, encontrou numerosos admiradores. Não contendo essa carta nem assinatura nem endereço, fizemos com ela o caso que se deve fazer com toda carta sem nome: lançamo-la no fogo.

Errata

No artigo publicado no último número sobre: *Um remédio dado pelos Espíritos*, foi omitido dizer que, antes da aplicação do unguento, é preciso lavar cuidadosamente a ferida com água de altéia, ou outra loção suavizante.

ALLAN KARDEC